



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Thiago André dos Santos Veríssimo

Poesia-Experiência:

História e tradução de Mário Faustino no *Jornal do Brasil*

FLORIANÓPOLIS

2019

Thiago André dos Santos Veríssimo

Poesia-Experiência:

História e tradução de Mário Faustino no *Jornal do Brasil*

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção de Doutor em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Veríssimo, Thiago André dos Santos
Poesia-Experiência : História e tradução de Mário
Faustino no Jornal do Brasil / Thiago André dos Santos
Veríssimo ; orientador, Walter Carlos Costa, 2019.
561 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. História da tradução . 3.
Tradução de poesia em jornal. 4. Mário Faustino . 5. Poesia
Experiência. I. Costa, Walter Carlos . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução. III. Título.

Thiago André dos Santos Veríssimo

Poesia-Experiência: História e tradução de Mário Faustino no *Jornal do Brasil*

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. (a) Andréia Guerini, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Rosario Lázaro Igoa, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Simone Maria Lopes de Mello, Dr.(a)
Casa de Cultura Guilherme de Almeida

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Estudos da Tradução.

Prof. (a) Dirce Waltrick do Amarante, Dr.(a).
Coordenadora do Programa

Prof. Walter Carlos Costa, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2019.

À memória de Raimunda das Graças e Joanna Nogueira, tia e avó.
Às minhas filhas, Beatriz e Isabela.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), que apoiou esta pesquisa com a bolsa de doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina e ao professor-orientador Walter Carlos Costa pela confiança, generosidade e empenho com que apoiou esta pesquisa. Às professoras Marie-Hélène Catherine Torres e Andréia Guerini, pela forma como me acolheram em Florianópolis nos anos de doutorado, sempre com tanto carinho e apoio.

Aos professores Alckmar Luiz dos Santos e Berthold Karl Zilly, que ofereceram seus comentários, críticas e sugestões. Entre outros, gostaria de destacar Simone Homem de Mello e Rosario Lázaro Igoa, leitoras atentas desta pesquisa, que aceitaram de imediato compor a banca avaliadora desta tese.

Aos professores-amigos pelo incentivo a este projeto: Lilia Silvestre Chaves, Álvaro Faleiros, Mauricio Cardozo, Sabine Gorovitz, Cristina Carneiro Rodrigues, Inês Oseki-Dépré, Izabela Leal, Artur Ataíde e Alexandre Pilati.

Ao amigo Davi Gonçalves, grande parceiro-irmão, pela atenção e acolhimento em Florianópolis.

Aos amigos de doutorado: Kall Lyws, Marcos Carneiro, Giovana Bleyer, Patrícia Rodrigues Costa, Rodrigo D'Avila e Yeo N'Gana.

À Flávia Valente, pela amizade e cuidado com as nossas filhas.

À Marina e ao seu pequeno Caetano.

À Fernanda Alencar, pela amizade e pronta atenção.

À Germana Henriques, companheira, pelo carinho, paciência e encorajamento para que terminasse esta tese, cujo incentivo foi decisivo.

À minha mãe, Erlita, e às minhas filhas, Beatriz e Isabela, que estão sempre no meu horizonte de pensamento e ação.

RESUMO

A presente tese tem como objeto de investigação as traduções de poesia de Mário Faustino, publicadas em “Poesia-Experiência”, resultado da colaboração do crítico-tradutor no jornalismo cultural do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, entre os anos de 1956 e 1958. Trata-se de um estudo de história da tradução de poesia, em que se procurou mapear, organizar e descrever a experiência tradutória presente no projeto “pedagógico” da página de poesia. Insere-se no projeto de pesquisa a criação de cinco arquivos anotados, reunindo o *corpus* de tradução das seções “É preciso conhecer”, “Clássicos vivos”, “Pedras de toque”, “Vária” e “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, com o objetivo de compreender a prática tradutória empreendida nessa experiência. Ao reunir os trabalhos de tradução de poesia, repensou-se a trajetória do jornalista enquanto intermediário em prol da cultura poética, em que o jornalismo se diluía nas funções de crítico, antologista, tradutor e editor.

Palavras-chave: Mário Faustino tradutor. História e tradução de poesia em jornal. “Poesia-Experiência”. *Jornal do Brasil*.

ABSTRACT

The present thesis aims at investigating the translations of poetry made by Mario Faustino, published in “*Poesia-Experiência*”, which resulted from the collaboration by the translator-critic to cultural journalism in the Sunday Supplement at *Jornal do Brasil*, between 1956 and 1958. This is a study about the history of poetry translation, in which we tried to map, organize and describe the translation experience present in the “pedagogical” project of this poetry section. The creation of five annotated files is inserted in this research, gathering the *corpus* of translation from the following sections: “*É preciso conhecer*”, “*Clássicos vivos*”, “*Pedras de toque*”, “*Vária*” and “*Fontes e correntes da poesia contemporânea*”, in order to understand the translation practice undertaken in this experiment. When gathering the translations of poetry by Faustino, the journalist's trajectory was rethought as an intermediary in favor of poetic culture, in which journalism was diluted in the functions of critic, anthologist, translator and publisher.

Keywords: Mário Faustino translator. History and translation of poetry in newspapers. “*Poesia-Experiência*”. *Jornal do Brasil*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO DAS TRADUÇÕES DE “POESIA-EXPERIÊNCIA”	14
2	MÁRIO FAUSTINO: TRADUTOR DE POESIA	25
2.1	O TRADUTOR E AS TRADUÇÕES EDITADAS	25
2.2	POEMAS E ENSAIOS TRADUZIDOS	40
3	POESIA-EXPERIÊNCIA: ROTEIROS DE CRÍTICA E TRADUÇÃO	44
3.1	ANTOLOGIA DA POESIA BRASILEIRA E PORTUGUESA.....	59
3.1.1	“Poesia em dia”	59
3.1.2	“O melhor em português”	60
3.1.3	“Evolução da poesia brasileira”	63
3.2	TEORIA DA POESIA	67
3.3	TRADUÇÃO DE POESIA	71
3.3.1	“É preciso conhecer”	72
3.3.2	“Clássicos vivos”	77
3.3.3	“Pedras de toque”	87
3.3.4	“O poeta novo”.....	89
3.3.5	Vária – traduções esparsas de poesia	92
3.4	CRÍTICA E TRADUÇÃO DE POESIA	97
3.4.1	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”	97
4	CRÍTICA E TRADUÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA	102
4.1	EDGAR ALLAN POE	106
4.2	STÉPHANE MALLARMÉ	112
4.3	EZRA POUND	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS	124
	ANEXO A - Arquivo 1: “É preciso conhecer”	132
	ANEXO B - Arquivo 2: “Clássicos vivos”	200
	ANEXO C - Arquivo 3: “Pedras de toque”	288
	ANEXO D - Arquivo 4: Vária – Traduções esparsas de poesia	379
	ANEXO E - Arquivo 5: “Fontes e correntes da poesia contemporânea”	446

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo foi consagrado à trajetória do escritor Mário Faustino (1930-1962), tendo como horizonte de investigação as suas traduções de poesia publicadas em jornalismo cultural, especificamente na página “Poesia-Experiência”, parte integrante do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, durante os anos de 1956 e 1958. Trata-se fundamentalmente do trabalho de “História da tradução de poesia”, no âmbito da linha de pesquisa “Teoria, Crítica e História da Tradução”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), sob orientação do professor Dr. Walter Carlos Costa.

O objetivo principal da tese é descrever e organizar as traduções da página “Poesia-Experiência”, transformando-as num arquivo tradutório anotado, no sentido de reunir seus textos de tradução e crítica da poesia ocidental. Em suma, trata-se de verificar, por um lado, quais as escolhas e as estratégias tradutórias presentes nessa experiência, de acordo com o projeto de crítica e tradução pedagógica, entendida aqui como um procedimento instrumental de divulgação da poesia brasileira e ocidental; por outro, o estudo pretende repensar a contribuição de Mário Faustino como tradutor de poesia no Brasil.

É nesse sentido que justificamos esta tese, baseado no levantamento bibliográfico das traduções, a fim de identificar uma prática da tradução de poesia em jornal, apontando as estratégias empregadas no texto traduzido. Dito de outro modo, este trabalho tem a intenção de refletir sobre o pensamento e a visada crítico-tradutória de Faustino considerando a sua atuação como editor e antologista, por meio das amostras da poesia estrangeira, em que essas traduções apreciam muitas vezes como um recorte comparativo, baseado num método de comparação e da técnica de exposição de Ezra Pound, chamada de “exame-amostragem¹”, por Faustino.

O material coligido, transformado num arquivo anotado, reúne as notas, os comentários, as críticas e traduções poéticas de “Poesia-Experiência” e do Suplemento Dominical, o que servirá como contribuição crítica para futuras pesquisas dos textos tradutórios

¹ A ideia de “exame-amostragem” está na forma como Mário Faustino aborda a análise crítica do poetas divulgados em “Poesia-Experiência”, consistindo na seleção, na crítica, e sobretudo na apresentação via tradução dos poemas de cada autor, dando um panorama da poesia de acordo com a época ou movimento literário. Por exemplo, nas seções como “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, “Evolução da poesia brasileira”, ou nos estudos específicos sobre a poesia de Jorge de Lima, Faustino emprega esse modo de crítica, evidenciado a importância e nos possíveis problemas da poético do autor analisado.

do escritor, bem como esse material poderá ser objeto para o cotejo das traduções editadas em livros.

O projeto didático de Mário Faustino se insere numa década fundamental para literatura e o jornalismo cultural brasileiro. Basta lembrarmos que, em 1956, publicava-se *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e a reunião de poemas, de João Cabral de Melo Neto, em *Duas águas*. O jornalismo cultural vivia um processo intenso de difusão cultural, com destaque para atuações de escritores, poetas e literatos em diversos periódicos dessa época². O Suplemento Dominical do *Jornal Brasil*, sob a direção do poeta Reynaldo Jardim, é tido como precursor na inovação dos cadernos culturais de jornais no Brasil, fazendo desse suporte de comunicação um ambiente moderno e criativo em prol da cultura e da literatura. É nesse ambiente que o crítico-tradutor Mário Faustino desenvolveu seu semanário poético, através do qual apresentava ao leitor e aos jovens poetas de sua geração um rol de poetas da literatura ocidental, entre poetas consagrados, modernos e contemporâneos.

Esse projeto poético ensejou ser um espaço específico dedicado à poesia, em que os jovens poetas e leitores pudessem ter contato com a poesia tradicional, a partir de suas origens ocidentais, bem como eles podiam ser ambientados a uma poesia moderna e contemporânea:

Trata-se de uma tribuna e de uma oficina, onde os poetas novos falarão ao público e, em particular, a outros poetas novos e onde, ao mesmo tempo, os jovens poetas e seus leitores procurarão reviver a boa poesia do passado, à medida que aprendem a fazer a boa poesia do presente e do futuro (FAUTINO, PE³, n. 001, 23 set. 1956).

Assim, ele criou um dos motes mais conhecidos da página: “Repetir para aprender, criar para renovar”⁴. A tradução, portanto, era a principal forma didática para levar ao público de jornal documentos literários de várias matizes e nacionalidades. Os poemas eram elencados em seções distintas, com traduções quase sempre ladeando o texto de partida, em versos ou em prosa, ou “não versificadas”, e traduções de textos críticos sobre poesia.

² Nesse período, surgem diferentes publicações de cunho cultural no Brasil, a saber: Noigandres, *Revista do Livro*, *Senhor*, *Jornal das Letras*, os Suplementos Literários d’*O Estado de S. Paulo*, do *Correio da Manhã*, do *Diário Carioca*, do *Diário de Notícias*, bem como as publicações de vários outros periódicos difundidos pelas demais regiões do Brasil.

³ Abreviação de “Poesia-Experiência” utilizada nas referências a partir daqui.

⁴ O lema “Repetir para aprender, criar para renovar” foi um mote que orientou as primas publicações de “Poesia-Experiência”, sendo abonado no segundo ano da página poética, em 1957. A ideia

Durante os quase três anos de crítica e tradução de poesia, entre 1956 e 1958⁵, Mário Faustino elaborou em cada uma das seções de poesia traduzida uma quantidade significativa de texto traduzido, entre poemas inteiros, fragmentos poéticos e textos críticos sobre o fenômeno da poesia, totalizando mais de 380 textos traduzidos, sem contar com os textos críticos e os fragmentos críticos inseridos nos seus artigos.

A configuração desse *corpus* é resultado das pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, na qual foi possível criar o arquivo das traduções de Mário Faustino. Depois da organização e da notação dos textos de tradução poética, pensou-se em critérios e delimitações, para atender aos objetivos analíticos da tese. Assim, após o trabalho descritivo, as seções foram organizadas a partir do seu tipo e da cronologia de publicação, observando a seleção dos poetas e as línguas traduzidas (francês, inglês, alemão, italiano, espanhol; e as menos usuais: latim e provençal), excetuando as traduções de outros escritores, como as do Augusto de Campos, de Haroldo de Campos, Décio Pignatari, de Ivo Barroso, de José Lino Grünewald, Carlos Alberto Nunes, dentre outros.

Após esse trabalho, criou-se dois recortes de análise: primeiro, o que engloba as traduções de poesia formal e as publicações de traduções esparsas, estampadas dentro da página poética ou em outras páginas do suplemento literário, gerando os primeiros quatro arquivos:

É preciso conhecer;
Clássicos vivos;
Pedras de toque;
Vária: traduções esparsas de poesia.

O segundo recorte (e último arquivo) envolve a seção específica de crítica de poesia – “Fontes de corrente da poesia contemporânea” –, em que Faustino dedicou 51 estudos críticos acompanhados de traduções em verso ou em prosa, servindo, geralmente, como indicações de leituras, com vistas à investigação programática sobre a poesia moderna, para compreensão da experiência poética contemporânea.

⁵ As traduções de poesia de “Poesia-Experiência” circularam nas edições entre setembro de 1956 e dezembro de 1958. Contudo, a última publicação da página saiu em 11 de janeiro de 1959, com críticas da seção “Evolução da poesia brasileira”. Ao que parece esse material já estava pronto no fim de 1958, pois somente foi publicada no terceiro número de janeiro de 1959, finalizando a colaboração de Faustino para o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, sem maiores explicações. Este Suplemento Literário circulou até dezembro de 1961, tendo nas figuras de Judith Grosmann (poesia inglesa) e José Guilherme Merquior autores que substituíram a discussão capitaneada por Faustino.

Do primeiro recorte, temos um conjunto de poemas traduzidos, especificamente em versos, de escolas e movimentos literários distintos, que vai desde trovadores provençais a poetas da Modernidade. Nesses textos poéticos, a tradução normalmente aparece ladeado com o poema no original, quase sempre acompanhado de uma nota explicativa, ora sobre o poeta e a sua poesia, ora sobre a tradução empreendida. Além disso, a seção “Pedras de toque” se diferencia das duas primeiras, pois apresenta a tradução de versos ou fragmentos poéticos curtos, considerados por Faustino os mais significativos da poesia ocidental. Sendo assim, nessa seção, a tradução aparece também em verso e em prosa, assim como o texto no original, acompanhados, geralmente, de notas explicativas sobre o poema ou sobre a tradução.

Já no segundo recorte, temos um conjunto de introduções críticas ou ensaios sobre escritores modernos, de diferentes movimentos, como surrealismo, cubismo e dadaísmos, nos quais a tradução aparece como um roteiro poético, tendendo, em grande parte, ao significado/sentido e ao comentário de poesia. Nessa seção, os textos traduzidos também vêm acompanhados dos textos de partida, com raras exceções, uma vez que o objetivo de Faustino é comparar sempre o texto original e o traduzido, fazendo parte de sua visada pedagógica.

Excluimos do campo analítico: a tradução de textos teóricos, estampados sobretudo nas seções dedicadas a esse estudo crítico de poesia: “Antologia crítica”, “Subsídios de crítica” e “Textos-pretexos para discussão”, além de algumas resenhas sobre livros traduzidos, publicadas na seção do suplemento chamada de “Bibliografia”. Contudo, os textos relacionados ao pensamento da tradução de Faustino serão levados em consideração, com objetivo de compreender também o seu horizonte tradutório.

Igualmente, percorremos os vários escritos dedicados a estudar a obra de Mário Faustino, seja como poeta, crítico ou tradutor, presente na primeira parte da tese, sobretudo no primeiro capítulo, uma espécie de construção do perfil do escritor como tradutor de poesia, seguida da recepção da sua experiência tradutória, presente nas edições publicadas postumamente, com uma breve descrição de Faustino enquanto poeta-traduzido para o espanhol, inglês e francês.

No segundo capítulo, dedica-se à descrição da trajetória de Mário Faustino nas páginas de “Poesia-Experiência”, dividindo os textos coligidos na pesquisa em “textos sobre poesia brasileira e portuguesa”, “textos de teoria da poesia”, “tradução de poesia” e os de “crítica e tradução de poesia”. Nesse capítulo, procuramos demonstrar as estratégias de crítica e tradução de cada seção.

O terceiro capítulo é uma tentativa de explicitar a experiência da tradução de poesia em jornal. Trata-se da descrição de alguns dos exemplos de tradução presente na seção “Fontes

e correntes da poesia contemporânea”, em que há tanto o exercício de traduções em prosa quanto em versos.

Em anexo, compilamos a pesquisa em cinco arquivos anotados, com as imagens fac-símiles das traduções, acompanhadas de observações feitas numa ficha de cada tradução publicada. São as seções: “É preciso conhecer”, “Clássicos vivos”, “Pedras de toque”, “Vária – traduções esparsas de poesia” e “Fontes e correntes da poesia contemporânea”.

No âmbito da tradução de poesia, temos nos objetos desta pesquisa a pretensão de contribuir com novos caminhos de estudos sobre a figura do tradutor Mário Faustino, reconhecendo nessa prática a sua principal função exercida durante os seus 32 anos de vida.

1.1 ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO DAS TRADUÇÕES DE “POESIA-EXPERIÊNCIA”

O objetivo deste capítulo é apresentar os caminhos tomados na construção do arquivo das traduções de poesia de Mário Faustino, divulgadas no *Jornal do Brasil*, a exemplo do que fizemos em *À procura do Mário Faustino tradutor* (2014)⁶, um mapeamento de catalogação das traduções poéticas anteriores ao trabalho em “Poesia-Experiência”, transformando o material coligido numa série de arquivos anotados, reunindo informações e documentos, a fim de explicitar sua experiência no campo da tradução de poesia em jornal.

Como justificativa, mais uma vez, o ato de traduzir acompanhou toda a produção intelectual de Mário Faustino. Por exemplo, é após a primeira tradução poética (1947)⁷, que começara a escrever crônicas e alguns contos, para depois escrever os primeiros poemas, em 1948. Sendo atividade tradutória um instrumento de inserção no ambiente de trabalho remunerado, tanto no campo jornalístico quanto no campo da tradução profissional, as notas bibliográficas sobre o escritor, presente em muitos dos livros publicados postumamente, nos artigos de jornais, bem como nos estudos sobre ele, a exemplo da biografia literária⁸, reforçam essa ideia, uma vez que sua estreia no jornalismo, aos 16 anos, se deu por meio da tradução de matérias e telegramas internacionais.

Igualmente, os trabalhos de tradutor e intérprete de inglês – realizado no Curso do professor Friedmann, em Belém, editado em livro, em 1960 (FGV) – e as atividades desempenhas no Departamento de Informações Públicas da ONU, em Nova York – durante o ano de 1960, onde atuava como tradutor e preparada os *press releases*, editando, reescrevendo o material colhidos pelos repórteres – ratificam o significado dessa atividade, não só como promotor de cultura, mas também como uma atividade financeira.

Nessa época, Faustino testemunhou a agitação das sessões impactadas pela Revolução Cubana (1953-1959), mencionado a Benedito Nunes, em carta:

⁶ Dissertação de Mestrado realizado na Universidade Federal do Pará sobre as primeiras traduções de Mário Faustino nos jornais paraenses, entre os anos de 1947 a 1951.

⁷ Mário Faustino traduziu “Farewell” de Pablo Neruda para o jornal *A província do Pará*. No entanto, nas páginas de “Poesia-Experiência”, enquanto crítico traduziu um ensaio “O Mito Neruda”, em que afirmava que “Sempre nos pareceu Neruda um mal poeta. Apenas isso: um mau poeta, nem mesmo *un gran poeta malo* como quer esse verdadeiro grande poeta Juan Ramón Jimenez” (FAUSTINO, PE, n. 079, 13 abr. 1958, p. 6).

⁸ Em 2004, a escritora e professora Lilia Chaves publicou a sua pesquisa de doutorado (UFMG) sobre a vida e obra literária Mário Faustino: *Mário Faustino: uma biografia literária*.

Querido Bené,

Escrevo-te enquanto se faz história, a poucos metros de mim. Neste momento, aqui na ONU, o Conselho de Segurança está reunido, aqui mesmo, no segundo andar do edifício, de onde te escrevo. Eu estou numa sala não longe, aguardando as notas que são enviadas pelo repórter, ou melhor, pelos repórteres que se revezam em tomar apanhados dos discursos, à medida que são feitos; à medida que me vão chegando, vou-os “editando”, isto é, corrigindo, cortando, acrescentando, colocando subtítulos, etc. (Carta, 14 set. 1960, *in* FAUSTINO, 2017, p. 151).

Nessas cartas, Faustino comentava sobre o momento político da época, da vida em Nova York, do seu futuro no Brasil, e, claro, da poesia que fazia e dos projetos de futuras traduções, expresso na carta a Waldir Ayala:

Richard Howard, novelista e um dos mais férteis e melhores tradutores americanos, é também meu bom amigo: planejamentos vagamente, agora, traduzir para o inglês, juntos, uma antologia de contos de Machado de Assis. Silêncio também sobre isso. Detesto publicidades que depois não dão em nada. Conto-te essas coisas para que saibas o que estou fazendo por aqui (FAUSTINO, Carta, Nova, jul. 1960, *in*: CHAVES, 2004, CD-ROM).

De fato, os escritos de Mário Faustino, desde crônicas, poemas, ensaios, cartas, a tradução esteve presente, de uma forma ou outra, como já podemos confirmar, e a sua relação com poeta e tradutor Richard Howard⁹ ratifica a intensa ligação que ele tem com a crítica e tradução, nesse caso, num projeto tradutório de um importante autor brasileiro.

Reconhecendo a tradução como gesto de crítica e instrumento didático das seções de “Poesia-Experiência”, o nosso projeto previu, em sua primeira parte, o levantamento bibliográfico dessas traduções, uma vez que mesmo reunidas, em parte, em edições díspares sobre a página poética (1968, 1983/93, 1977, 1985a, 1985b, 2004), essas traduções não estavam organizadas de acordo com as seções para as quais elas foram criadas, pois, nos livros editados, as traduções estavam colocadas num horizonte de antologia, sem muitas explicações sobre a origem das publicações.

Por isso, primeiro, mapeamos todo o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, disponível virtualmente na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, parte integrante da Biblioteca

⁹ O escritor norte-americano é um tradutor conhecido no campo da tradução de poesia, ficção e textos filosóficos de língua francesa, tendo traduzido livros de Michel Foucault, André Gide, Simone de Beauvoir, Albert Camus, Antoine de Saint-Exupéry, Charles Baudelaire, entre outros escritores. Cf. Entrevista de Richard Howard, para a revista *The Art of Poetry*, n. 86. Disponível em: <<https://www.the-paris-review.org/interviews/29/richard-howard-the-art-of-poetry-no-86-richard-howard>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Nacional Digital (BNDigital). Aqui, cabe salientar que a constituição dessa plataforma digital só se tornou uma realidade por meio de investimento público, com a criação, em 2006, da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), integrando vários projetos de coleções digitalizadas desde 2001. A partir de 2008, com aporte financeiro do Ministério da Cultura (MinC), vinculada ao Programa Livro Aberto, a plataforma tem a sua ampliação e democratização disponibilizada de forma gratuita dos documentos da base de dados da BNDigital. Já em 2012, a BN lança a Hemeroteca Digital Brasileira, proporcionando o acesso amplo a 5 milhões de páginas de acervo:

jornais, revistas, boletins, relatórios e outras publicações periódicas são fontes primárias de informação histórica – cultural, científica, técnica, política, etc. – trata-se, pois, de um acervo público, que requer ampla difusão e fácil acesso por todos os cidadãos não só brasileiros como de todo o mundo (BETTENCOURT; PINTO, 2013, p. 9).

Na esteira desse empreendimento, cabe lembrar também o trabalho de outros institutos, que têm o mesmo foco da BN, de investigação em revistas e periódicos brasileiros, realizados pelas instituições públicas, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Fundação Casa de Rui Barbosa e o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB), bem como as dezenas de bibliotecas públicas municipais, estaduais e universitárias do país¹⁰.

Se, por um lado, o acesso aos periódicos é facilitado pela tecnologia, por outro, a organização e o mapeamento desses dados ainda são tarefas complexas e que demandam de um tempo específico de compreensão e análise dos dados, uma vez que investigar os suplementos culturais brasileiros requereu compreender várias questões de estudos da história literária, como o contexto e a intenção dessas publicações, por exemplo.

José Aderaldo Castello (2004), em “A literatura brasileira: história e pesquisa”, a partir de uma longa experiência com a pesquisa em arquivos sobre a literatura brasileira, aponta alguns caminhos para a pesquisa historiográfica da literatura brasileira, em que observa a importância do estudo das revistas e periódicos. Segundo ele, a partir do século XIX, com o surgimento da historiografia literária e a implementação do Romantismo, o papel das revistas e dos jornais foi fundamental, visto que esses veículos funcionavam como divulgadores da

¹⁰ Somados aos institutos nacionais de pesquisa, fizemos inúmeras pesquisas ao banco de dados bibliográficos e literários internacionais ou de outras nações, como a *Internet Archive* (<https://archive.org/>), a *Gallica* – a biblioteca digital da Biblioteca Nacional Francesa (BNF) (<https://gallica.bnf.fr>) e o *Projeto Gutenberg* (<https://www.gutenberg.org>).

literatura brasileira e estrangeira, por meio da criação, da crítica, da história literária, e nas diversas pesquisas biográficas e bibliográficas, bem como a transcrição de documentos históricos e literários (CASTELLO, 2004, p. 512). O contexto estabelecido no século XIX se estende para o século XX, sobretudo com a implementação de vários suplementos literários, fortalecendo a função do jornal como meio difusor do debate crítico e literário. Nesse ambiente, a tradução – que não é destacada pelo historiador –, também tem função significativa quando vemos a quantidade de textos traduzidos nos jornais, seja de textos em prosa, seja em poesia. Sendo assim, é indispensável, tanto para a história literária quanto para a história da tradução no Brasil, compreender a contribuição dos periódicos e jornais, porque a função difusora desses veículos “e agregadora unifica ou aproxima os indivíduos em grupos ativos e participantes, caracteriza e representa o papel e as posições desses grupos e até de gerações” (CASTELLO, 2004, p. 513).

Iniciada no Romantismo, segundo Castello (2004), a contribuição dos periódicos torna-se presente no século XX, acentuando-se a partir dos anos de 1920, 1930 e 1940, persistindo com raras exceções até hoje. Esse debate toma uma dimensão regular durante a década de 1950, com a criação dos suplementos literários nos diversos jornais no Brasil, capitaneado, sem dúvida, pelo Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* e pelo Suplemento Literário d’*O Estado de S. Paulo*, ambos criados em 1956.

De porte desse material, seccionamos toda a publicação de “Poesia-Experiência”, de 23 de setembro a 11 de janeiro de 1959, quando saiu o último número da página. Trata-se de um extenso material, dividido em 105 edições, contendo todas as seções dedicadas à poesia. Em seguida, organizamos as publicações de crítica, poesia e tradução que estavam fora da seção, resultado de um material saído, às vezes, na primeira página do Suplemento Literário, outras, como as resenhas publicadas na página “Bibliografia”, bem como os poemas e as traduções publicadas na primeira página do Suplemento.

A segunda etapa foi dedicada à organização do material, coligindo, primeiro, os textos de crítica da poesia brasileira e portuguesa (“O poeta novo”, “O melhor em português”, “Poesia em dia”, “Evolução da poesia brasileira”; e os textos publicação fora das seções). Em seguida, os textos de teoria da poesia (“Diálogos de oficina”, os textos de tradução da crítica de poesia: “Antologia de crítica”, Subsídios de crítica” e “Texto-pretexito para discussão”); depois vêm os textos de tradução de poesia, reunindo as traduções feitas em verso: “É preciso conhecer”, “Clássicos vivos”, “Pedras de toque”; e as publicadas em outras páginas do Suplemento; por último, organizamos os textos de crítica e tradução de poesia, saídos na seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”. Assim, para cada texto publicado nessas seções, mereceu

uma notação específica através de uma ficha de catalogação, seguida do fac-símile da publicação, no caso, as traduções, da transcrição do poema inteiro (texto de origem e tradução, no caso das publicações bilíngues), notas de crítica e tradução. O exemplo da ficha, destacada a seguir, reúne todas informações necessárias para a compreensão da publicação feita por Mário Faustino, o que facilitou a descrição das seções dedicadas à tradução de poesia.

Ficha da publicação

TÍTULO	
AUTOR	
TEXTO ORIGINAL	
TEXTO TRADUZIDO	
TRADUTOR	
PUBLICAÇÃO	
IDIOMA	
QUANTIDADE	
TIPO DE TRADUÇÃO	
DATA	
SEÇÃO	
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	
DESCRIÇÃO	
NOTA	
OBSERVAÇÕES	

Como podemos verificar, tentamos reunir o máximo de informações a respeito das publicações, procurando as biodatas dos poetas publicados, como ano de nascimento e morte, local de origem, local de produção poética, título dos poemas, nome do tradutor, porque alguns tradutores colaboraram nas seções, tipo de publicação (monolíngue ou bilíngue), tipo de tradução (direta ou indireta), idioma traduzido, quantidade de traduções, data, seção da tradução, referência da publicação em jornal, se a tradução já foi publicada em livros, referência digital, descrição da publicação e se há ou não notas de crítica e tradução.

Assim, o *corpus* de tradução foi reunido em quatro seções que contêm traduções mais as traduções esparsas, com o máximo de anotações a respeito do material coletado, como as antologias feitas em cada seção, a quantidade de traduções, os tipos de tradução, de quais Mário Faustino e os colaboradores traduziram, a nacionalidade dos autores traduzidos, resultando em quadro sinótico das colunas tradutórias.

Além disso, durante esse processo de pesquisa, criei um panorama das publicações, por seções, de cada ano:

Tabela 1– Textos de poesia brasileira e portuguesa (seleção, antologia e crítica)

Seção / Página	Publicações
“O poeta novo”	1956: seis publicações
	1957: 12 publicações
	1958: quatro publicações
“O melhor em português”	1956: 15 publicações
	1957: 11 publicações
“Poesia em dia”	1957: duas publicações
	1958: quatro publicações
“Evolução da poesia brasileira”	1958: nove publicações
	1959: uma publicação
“Vária”	1956: três publicações
	1957: 26 publicações
	1958: duas publicações
“Vária” (balanços sobre a poesia Brasileira)	1957: duas publicações
	1958: uma publicação
Bibliografia (resenhas)	1957: seis publicações
Total	104 publicações

Nas páginas sobre a poesia em português, Mário Faustino trabalhou bastante para divulgar, primeiro, poetas importantes da poesia portuguesa, sobre os mais antigos como Camões. Em seguida, queria que da sua página saísse bons poetas brasileiros tidos como “poetas novos”, seguramente, da sua geração, além, claro, de pensar sobre a poesia do passado (“Evolução da poesia brasileira”), bem como as várias resenhas sobre a poesia brasileira da época, a exemplo do texto “‘50 poemas’ escolhidos pelo autor Carlos Drummond de Andrade” (PE, 031, 21 abr. 1957, p. 5), em que reclama dos poemas ali selecionados, pois, segundo ele, não se enquadra numa seleção de importantes poemas do autor.

Tabela 2 – Textos de teoria poética (crítica e tradução)

Seção / Página	Publicações
Diálogos de Oficina	1956: 15 publicações
Crítica: Antologia de crítica/Subsídios de crítica / Texto-pretexto para discussão	1956: 15 publicações
	1957: 12 publicações
Total	42 publicações

Um outro lado da visada do projeto de crítica da página de Faustino estava inserida no trabalho sobre o pensamento teórico ou apenas reflexões a respeito do fenômeno da poesia. Por isso, ele tratou de elaborar um conjunto de textos que sintetizavam reflexões fundamentais, ao seu ver, sobre esse gênero literário, reunidos nos “Diálogos de poesia”: “Para que poesia?”, “O poeta e seu mundo” e “Que é poesia?”. Esses textos figuram com a ideia dialogada de dois poetas que tentam responder esses questionamentos, inseridos muitas vezes numa estratégia

socrática, o que cansou um pouco o crítico, conforme declarou na síntese sobre a página. Além disso, num grande esforço traduziu o pensamento teórico da poesia nas seções sobre crítica teórica, no sentido de dar base para os leitores e para o seu próprio exercício de crítico.

Tabela 3 – Textos de crítica e tradução de poesia

Seção / Página	Publicações
“Fontes e correntes da poesia contemporânea”	1957: 28 publicações
	1958: 23 publicações
“Vária” (crítica e tradução)	1957: 3 publicações
	1958: 1 publicação
Bibliografia (resenhas)	1957: oito
	1958: duas
Total	65 publicações

Na terceira tabela, a partir de 1957, Mário Faustino faz um dos maiores empenhos, acredito, de “Poesia-Experiência”, divulgar um conjunto de autores da poesia moderna para entender a poesia contemporânea da sua época. Nos textos de “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, ele reuniu, digamos, o cânone da poesia ocidental. Além disso, divulgou movimentos de pouca expressão no ambiente de jornal, como a poesia dadaísta.

Tabela 4 – Textos de tradução de poesia

Seções	Publicações
“É preciso conhecer”	1956: 14
	1957: quatro
“Clássicos Vivos”	1956: 11
	1957: oito
“Pedras de toque”	1956: 14
	1957: 25
	1958: duas
“Vária” (traduções de poesia)	1957: cinco
	1958: cinco
Total	88 publicações

As seções “É preciso conhecer” e “Clássicos vivos” nasceram quase juntas, mas tinham objetivos distintos. Na primeira, tratava-se de divulgar poetas contemporâneos de pouco alcance no Brasil, mas de grande relevância para a poesia ocidental. Na segunda, ele reuniu a poesia antiga e clássica, sendo autores de referência para a poesia universal. Por fim, “Pedras de toque”, reuniu versos e fragmentos de “ouro” para a poesia de todas as épocas, em que, segundo seleção, representavam o que de melhor foi feito no fenômeno poético.

Tabela 5 – Textos de colaboradores (crítica e tradução)

Colaboradores	Publicações
Augusto de Campos	1956: três publicações (Clássicos Vivos, Fontes da poesia contemporânea, Quatro poetas da Espanha)
	1957: duas publicações (É preciso conhecer, Clássicos vivos)
Haroldo de Campos	1957: uma publicação (Futurismo II)
Benedito Nunes	1957: uma publicação (ensaio)
Décio Pignatari	1957: duas publicações (Futurismo IV, V)
Michel Debrun	1956: dois textos (crítica)
Ivo Barroso	1956: uma publicação (O poeta novo)
	1957: uma publicação. (Tradução-criação)
Augusto, Haroldo e Décio	1957: uma publicação (trad. Pound, poema)
Total	14 publicações

Mário Faustino embora fizesse todo o trabalho “sozinho”, deu espaço para diversas colaborações para os autores de sua geração, a exemplo, sobretudo, de Augusto de Campos, que publicou várias versões das suas traduções, muitas delas sendo publicadas em livro bem depois da página poética.

Tabela 6 – Textos sobre a página “Poesia-Experiência”

Páginas / Textos	Publicações
Entrevista	1956: uma
Um ano de experiência em poesia	1957: uma
“Poesia-Experiência” e o “Panorama”	1958: uma
Total	três publicações

Durante os quase três anos de “Poesia-Experiência”, Mário Faustino, num exercício de honestidade intelectual, refletiu sobre os textos publicados na página, reconhecendo erros ou avaliações apressadas, mas sobretudo defendendo suas posições sobre a poesia brasileira e estrangeira. Nesse panorama, podemos citar também a abertura que ele deu à poesia concreta, cedendo espaço a ela, mesmo não sendo participante no abandono verso ou nas experiências gráficas da poesia concreta. Para Faustino, a poesia concreta balançou as estruturas poesia brasileira, sendo fundamental o debate o posicionamento a respeito desse movimento.

Tabela 7 – Textos sobre a “poesia concreta”

Textos	Publicações
Os poetas concretos antes da poesia concreta	Seleção. MF – 10/02/57
A poesia “concreta” e o momento poético brasileiro	Crítica. MF – 10/02/57
Décio Pignatari: “Arte concreta: objeto e objetivo”	Introdução (MF) – 21/04/57

Décio Pignatari: “Nova poesia concreta”	05/05/57
Augusto de Campos: Poesia concreta	12/05/57
Total	cinco publicações

Tabela 8 – Textos sobre tradução (crítica, nota, comentário)

Textos / Seções	Publicações
Nota sobre trad. de poesia. (Ivo Barroso/ Rilke)	“O poeta novo” (tradutor) – 18/11/56
Camões musicado. Comentário tradução em inglês.	“Camões musicado” – 10/03/57
“Sonetos”, recriado em português. Comentário sobre a trad. de Jerônimo Aquilo.	Vária. Crítica de tradução – 24/03/57
“Em torno de uma poesia de Ezra Pound”. Análise crítica de tradução.	Vária. Crítica e tradução – 09/06/57
“Hugh Kenner e as traduções de Pound”. Trechos traduzidos que tratam de tradução.	Vária. Tradução da tradução. 03/11/57
Total	Cinco publicações

Os textos da tabela 8 reúnem o pouco pensamento sobre a tradução de Mário Faustino, em que acreditava que o gesto tradutório tão importante quanto à poesia dita original ou vernácula. Ele invejava as traduções inglesas da bíblia, por exemplo. É por meio da tradução que, sem dúvida, a sua visada de poeta se complementa.

Tabela 9 – Textos dedicados a Ezra Pound (crítica e tradução)

Textos	Publicações
Ezra Pound: Camões (Livro de ensaio)	Tradução de crítica. 02/09/56.
Epígrafe de <i>Abc</i> de Pound.	Tradução de fragmento – 23/09/56
Ezra Pound: conselhos a quem começa a escrever (Antologia de crítica)	Tradução de fragmentos. – 30/09/1956
Em torno de uma poesia de Ezra Pound	Crítica de trad. – 09/06/57
Notícias de Ezra Pound.	Notícias. 15/09/57
Hugh Kenner e as traduções de Pound	Tradução de crítica. 03/11/57
Textos-pretexos para discussão: Ezra Pound: o artista sério	Tradução de crítica. 10/11/57.
Textos-pretexos para discussão: Ezra Pound: o artista sério (conclusão)	Tradução de crítica. 17/11/57.
Ezra Pound I	Crítica e tradução. 01/06/58
Ezra Pound II	Crítica e tradução. 08/06/58
Ezra Pound III	Crítica e tradução. 15/06/58
Ezra Pound IV	Crítica e tradução. 22/06/58
Ezra Pound V	Crítica e tradução. 06/07/58
Ezra Pound: “Canto XLIX”	Tradução. 10/08/58
Ezra Pound VI	Crítica e tradução. 10/08/58
Ezra Pound VII	Crítica e tradução. 17/08/58
Ezra Pound VIII	Crítica e tradução. 24/08/58
Ezra Pound: “Canto XLVII”	Tradução. 07/09/58
Ezra Pound: “Canto XXIX”	Tradução. 29/09/58
Total	19 publicações

Ezra Pound foi uma referência significativa para a crítica de Mário Faustino. Como se vê, ele dedicou em torno de 19 textos sobre o autor norte-americano. No conjunto desses textos, destaca-se a orientação de “Poesia-Experiência”, quando Faustino pensa que a poesia do passado pode ser atualizada ou revivida por novos poetas, por meio da tradução. Além de Pound, o crítico levou em consideração o pensamento de Eliot, conforme os textos elencados abaixo.

Tabela 10 – Textos dedicados a T. S. Eliot (crítica e tradução)

Textos	Publicações
Ezra Pound: Camões (Livro de ensaio). Faustino cita Eliot, como aparato crítico.	Tradução de crítica. 02/09/56.
Antologia de crítica: T.S. Eliot: “Poesia difícil”	Tradução da crítica. 23/09/56.
Bibliografia: resenha do livro de George Williamson. O livro refere-se a Eliot.	Resenha. 14/07/57
Textos-pretexos para discussão: T. S. Eliot: “Sobre poesia e sobre poetas”	Tradução de crítica. 12/01/58.
Bibliografia: T.S. Eliot.	Resenha. 12/01/58.
Total	Quatro publicações

Por fim, os poetas franceses ou de língua francesa fizeram parte do rol da literatura poética abordada por Faustino, basta ver o conjunto de textos dedicados a Apollinaire, a Mallarmé e, por último, a Saint-John Perse.

Tabela 11 – Textos dedicados a Mallarmé (crítica e tradução)

Textos	Publicações
XX – Stéphane Mallarmé (1) – Fontes e correntes da poesia contemporânea	Crítica e tradução. 19/05/57
XX – Stéphane Mallarmé (2) – Fontes e correntes da poesia contemporânea	Crítica e tradução. 26/05/57
Citação de Mallarmé (negrito e caixa alta)	Tradução. 28/07/57
Total	três publicações

Tabela 12 – Textos dedicados a Apollinaire (crítica e tradução)

Textos	Publicações
Futurismo III: Ainda Marinetti. No ensaio, Faustino reproduz o manifesto de Apollinaire, em italiano.	Crítica e tradução. 08/12/57
Fontes e correntes da poesia contemporânea: Cubismo: Apollinaire I.	Crítica e tradução. 26/01/58.
Fontes e correntes da poesia contemporânea: Cubismo: Apollinaire II.	Crítica e tradução. 02/02/58.
Fontes e correntes da poesia contemporânea: Cubismo: Apollinaire III.	Crítica e tradução. 09/02/58.
Textos-Pretexos para discussão: Guillaume Apollinaire: O novo espírito e os poetas.	Tradução de crítica. 09/02/58

Fontes e correntes da poesia contemporânea: Cubismo: Apollinaire IV.	Crítica e tradução. 16/02/58.
Textos-Pretextos para discussão: Guillaume Apollinaire: O novo espírito e os poetas (conclusão)	Tradução de crítica. 16/02/58
Fontes e correntes da poesia contemporânea: Cubismo: Apollinaire V.	Crítica e tradução. 09/03/58.
Total	oito publicações

Tabela 13 – Textos dedicados a Saint-John Perse

Textos	Publicações
Bibliografia, n. 13: Saint-John Perse	Resenha. 11/08/57
Trad. de “Dédicace” (<i>Amers</i>)	Tradução. 11/08/57
Total	duas publicações

Tabela 14 – Textos dedicados a Jorge de Lima

Textos	Publicações
Revendo Jorge de Lima I	Crítica de poesia. 28/07/57
Revendo Jorge de Lima II	Crítica de poesia. 04/08/57
Revendo Jorge de Lima III	Crítica de poesia. 11/08/57
Revendo Jorge de Lima IV	Crítica de poesia. 18/08/57
Revendo Jorge de Lima V	Crítica de poesia. 25/08/57
Revendo Jorge de Lima VI	Crítica de poesia. 01/09/57
Revendo Jorge de Lima VII	Crítica de poesia. 08/09/57
Total	sete publicações

Além dos autores estrangeiros, Mário Faustino dedicou-se a um poeta de sua predileção: Jorge de Lima, pois reconhecia nele um dos poetas mais importantes da poesia brasileira, mesmo com todos os “nãos” visto na poesia dele.

Essas tabelas são apenas um panorama do trabalho que foi editar a página “Poesia-Experiência”, em que parte dessa produção pode ser vista nas descrições das suas seções, no segundo capítulo desta tese.

2 MÁRIO FAUSTINO: TRADUTOR DE POESIA

Considerando a produção jornalística de Mário Faustino durante os anos de 1956 e 1958, época de intenso debate cultural nos jornais no país, e a morte do escritor, aos 32 anos, o conjunto do material de “crítica de jornal” – entre textos de crítica nacional e teoria poética traduzida, de um lado, e, do outro, as antologias da poesia nacional e estrangeira traduzida –, ganhou várias edições entre 1964 e 2004, quando saiu a última coletânea de crítica da poesia ocidental. Ao longo desses 40 anos, da primeira à última publicação, é possível conhecer e reconhecer, em cada obra póstuma editada, aspectos da atuação do intelectual, em que as funções de jornalista, crítico e poeta sobressaíram a de tradutor, mesmo com a divulgação de parte de suas traduções, o que talvez, de pronto, justifique a baixa adesão a análises dos textos por ele traduzidos, além da dificuldade de acesso ao material originalmente publicado no *Jornal do Brasil*¹¹.

O presente capítulo tem como efeito a situação da recepção crítica sobre a sua atividade tradutória, a partir das obras editadas postumamente desde 1964, dois anos depois da morte do escritor. Uma vez que ele é autor de centenas de traduções de poesia em jornal, resta traçar, primeiro, seu perfil enquanto tradutor, atividade ligada à sua carreira jornalística e, depois, verificar qual a relevância que os organizadores e os estudiosos de sua obra deram a essa atividade tão presente na vida do jovem intelectual.

2.1 O TRADUTOR E AS TRADUÇÕES EDITADAS

Benedito Nunes, em “Drummond: poeta anglo-francês”, artigo publicado no Suplemento Literário de *O Estado S. Paulo*, em 2 setembro de 1973, afirma que no início dos anos de 1950, Mário Faustino já se sobressaía como tradutor de poesia. Como justificativa, Nunes cita o caso de uma versão do poema “Estâncias”¹², de Carlos Drummond de Andrade, traduzida para o inglês, em que o tradutor verificava nesse exercício “uma prova experimental,

¹¹ A partir de 2012, a digitalização do *Jornal do Brasil* foi disponibilizada na plataforma da Biblioteca Nacional Digital: a Hemeroteca, o que viabilizou a nossa pesquisa. Antes, porém, esse material era restrito às pesquisas realizadas na própria Biblioteca Nacional (BN) (Rio de Janeiro), em coleções particulares, como a do Reynaldo Jardim, jornalista responsável pela edição do Suplemento Dominical desse jornal, entre os anos de 1956 a 1961.

¹² Poema presente da antologia poética *Novos poemas*, de 1948. Essa coletânea prenuncia, segundo Camilo, a direção classicizante vista com a publicação de *Claro enigma*, 1951. Cf. CAMILO (2005).

prática, de laboratório, da universalidade dessa linguagem, cujos valores poderiam subsistir em qualquer outra língua” (NUNES, 2009, p. 233).

De fato, Mário Faustino manteve, no período de produção intelectual, de 1947 a 1962, uma relação permanente com o trabalho de tradução, sobretudo como tradutor de poesia. Essa atividade pode ser dividida em dois períodos. Primeiro, de 1947 a 1952, quando publicou poemas e artigos traduzidos em revistas e jornais paraenses. Segundo, de 1955 a 1958, com o trabalho de intérprete e tradutor, para a Fundação Getúlio Vargas, e com as publicações do *Jornal do Brasil*. Segundo ele, traduzia diretamente das línguas: espanhol, francês, inglês, italiano e alemão, configurando-o como um polítradutor¹³.

Em *À procura do tradutor Mário Faustino* (2014), na tentativa de compreender o sujeito do tradutor através de sua prática, pudemos mapear o conjunto de traduções de poesia e de prosa, publicadas na *Revista Norte* (1952)¹⁴ e nos jornais *A Província do Pará* (1947-1948) e *Folha do Norte* (1948-1950). Do material coligido, aparecem, primeiro, uma série de artigos traduzidos em prosa, como ensaios sobre arte, literatura e cinema, bem como um excerto teatral de Bernard Shaw. Paralelo a isso, ele traduzia outro conjunto de poetas: Pablo Neruda (a primeira tradução publicada em jornal), Henri Michaux, Konstantin Simonov (em tradução indireta do francês), Paul Éluard, Pierre Seghers, Walt Whitman, Gabriela Mistral, Loys Masson e Miguel Unamuno. O ano de 1947 é bem intenso para Faustino, uma vez que publicou os contos “Metempsicose” e “A visita”, no mesmo jornal de início da carreira (*A Província*), além de escrever crônicas para a coluna “Vida social”, entre julho de 1947 e junho de 1948. Podemos, portanto, resumir as seguintes atividades atreladas a esse jornal: tradutor, cronista e contista.

Depois, quando transfere-se para o Suplemento Literário do jornal *Folha do Norte*¹⁵, ele ampliou o espectro das traduções de poesia, dedicando-se a versões poemáticas dos autores

¹³ No texto “Um ano de experiência em poesia” (PE, n. 053, 06 out. 1957), um relatório sobre as atividades da página, em razão do seu primeiro aniversário, Mário Faustino descreveu alguns aspectos de sua tradução e das escolhas tradutórias.

¹⁴ A *Revista Norte*, sob direção de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa, reuniu textos de crítica, poesia, resenhas, ensaios e artigos sobre literatura, cinema, teatro, entre os meses de fevereiro e agosto de 1952. Nela, Mário Faustino publicou o poema “No trem, pelo deserto”, escrito da Califórnia, e a tradução do poema de Robert Stock, chamado “Poema sobre o Sábado de Aleluia”, saídos na última edição da revista, em 1952.

¹⁵ Com a transferência para a *Folha do Norte*, Mário Faustino publica os primeiros poemas, tendo como crítica o artigo “O poeta e a rosa”, escrito por Francisco Paulo Mendes, a primeira crítica sobre a poesia de

Alfonisa Storni, Rafael Alberti, Juan Ramón Jiménez, Rainer Maria Rilke e T. S. Eliot. Divulgou também o conto “Eveline”, de James Joyce, talvez a primeira tradução desse conto no Brasil. Em 1952, publicou a versão do poema de Robert Stock, escritor norte-americano que residia em Belém nessa época, para a *Revista Norte*. Os demais poemas desse escritor foram publicados em *A meretriz imaginária* (2012)¹⁶, edição fac-similar, contendo, além das traduções, uma importante apresentação crítica, conforme ele faria anos depois em “Poesia-Experiência”. Nessa apresentação, destacava a importância desse poeta para a sua formação, bem como citava a figura de Ezra Pound como elemento de compreensão poética e crítica:

Desde o impulso ordenador que Pound lhes deu no princípio deste século, são os poetas nascidos em terras de América os que contribuem com o maior contingente desse exército de grandes artistas que faz da poesia contemporânea em língua inglesa a mais importante do Ocidente: o próprio Ezra e mais Eliot, Hart Crane, William Carlos Williams, Wallace Stevens, e. e. Cummings, Marianne Moore, John Peale Bishop, Kenneth Patchen e tantos outros, velhos e moços, têm escrito muito do que melhor se há feito em nosso século. Talvez provenha desse fato não só dois poderosos motivos que fornecem meio e raça jovens, estudantes imprevisíveis dos Estados Unidos, como, ainda mais, da atitude honesta, artesanal, científica mesmo, como que os americanos se aproximam do ato poético: desenvolver a eficácia da língua antes de tido, e renová-la, torná-la sem mais *cantabile*, deixando para um plano indispensável mais imediatamente as questões da posição pessoal, de mensagem e profecia, de escolha entre a torre de marfim e o matadouro... (FAUSTINO, 2012, p. 2).

Da primeira fase, temos aspectos importantes do desenvolvimento cultural para a formação de Mário Faustino enquanto tradutor, poeta e crítico¹⁷. Pois é no ambiente dos jornais,

Faustino, como o próprio subtítulo ilustrava. No período de 1948 a 1952, divulgou um conjunto de seis poemas, tanto no Suplemento Literário desse jornal, como para as revistas *Encontro* (1948) e *Norte*, em 1952.

¹⁶ Edição fac-similar dos originais datilografados dos poemas traduzidos. Dentre os poemas, o poema que dá título à edição, “A meretriz imaginária”, publicada em *Poesia completa. Poesia traduzida* (1985).

¹⁷ Mário Faustino fez mais duas apresentações de suas traduções, primeiro, na tradução do excerto da peça de Bernard Shaw:

“Um dos dramaturgos mais famosos do mundo atual, e ao mesmo tempo o mais genial e revolucionário dos humoristas da língua inglesa, é Bernard Shaw, o célebre G. B. S. que tantas controvérsias têm provocado no decorrer de sua impassível e já longa vida. Sua obra inteira é o reflexo cristalino de profunda agonia espiritual, realçada por sarcasmo e mais ferinos e irônicas revelações. Em 1903, já este homem-consciência pressentiu a chegada da Era Atômica, como verá o leitor nesta fala do Diabo, tirada de seu livro *Man and Superman* [1905] (FAUSTINO, 04 maio 1947b, p.7-9).

Depois, na tradução do conto de Joyce:

Nascido em 1882 em Dublin, na Irlanda, James Joyce é, sem dúvida, o maior inovador da literatura inglesa desde século e umas maiores influências da ficção contemporânea. Sua maior obra, *Ulysses*, é atualmente

através do contato com as publicações franqueadas pelos suplementos culturais, que ele terá convívio com nomes importantes, tanto da literatura e crítica brasileira quanto com os poetas estrangeiros¹⁸. Ao comentar a poesia de Robert Stock, os nomes de poetas norte-americanos figuram como consequência do aprendizado da permanência nos Estados Unidos, de 1951 a meados de 1952, e da relação com esse poeta.

Como poeta, depois da vivência norte-americana, Mário Faustino daria um verdadeiro salto de significação poética. Nunes (2002) indica o poema “No trem, pelo deserto”, escrito na Califórnia, em 1952, expressão de uma contemplação do mundo, antecipando as construções formais e metafóricas de *O Homem e sua Hora*, de 1955, bem como “a soltura prosaica dos poemas experimentais” (NUNES, 2002, p. 47), da época do *Jornal do Brasil*. Nunes refere-se

um dos temas mais discutidos da literatura, considerada por alguns críticos como epopeia da altura de *Iliada* e da *Odisseia*; por outros, como o ponto final e obra-prima do gênero romance; e ainda por muitos outros, como o maior “bleuf” da história das letras universais. O autor, por sua vez, afirma que os leitores devem dedicar toda a vida ao estudo de Ulysses...

Das obras de Joyce – *Chamber Music* (poemas), *Dubliners* (contos), *Portrait of the Artist as a Young Man*, *Ulysses* e *Finegan’s Wake* –, apenas a novela *Retrato do Artista quando Jovem* está traduzida para o português. O conto que agora publicamos pertence à série “Dubliners”, publicada em 1914. Escritos na adolescência de Joyce, antes dos vinte anos, nesses contos já se notam algumas características joycianas, principalmente no que se refere à construção do enredo e ao tratamento dos caracteres (FAUSTINO, 24 out. 1948, p. 3).

¹⁸ Há uma infinidade de autores e textos que circulavam nos suplementos literários paraenses da época, tanto no jornal *A Província do Pará* – comprado nesse período pelo conglomerado Diários Associados, fazendo circular material importante de informações, de literatura e tradução vindo dos outros jornais da empresa – quanto na *Folha do Norte*, com direção do suplemento do escritor Haroldo Maranhão, em que o caderno cultural desse jornal, assim como o d’*A Província*, reunia jovens autores de Belém (Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Max Martins, Mário Faustino, Ruy Barata), dividindo espaço com autores de renome nacional, como os poetas: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Gilka Machado, Lêdo Ivo; os críticos: Antonio Candido, Mário Pedrosa, Lúcia Miguel Pereira, Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins, Sérgio Milliet, João Gaspar Simões, Álvaro Lins, Paulo Rónai (com texto “Tradução literal e efeitos de estilo”), Roger Bastide, Sérgio Buarque de Holanda, Brito Broca, Adolfo Casais Monteiro, Gilberto Freyre; os ficcionistas: Rubem Braga, Rachel de Queiróz, José Lins do Rego, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Dalton Trevisan; e os tradutores: Paulo Mendes Campos, José Guilherme Mendes (traduções de contos), Breno Accioly, Maria da Saudade Cortesão (na tradução T. S. Eliot), Alphonsus de Guimarães Filho, Guilherme de Almeida, Fernando Sabino, Oswaldino Marques, Ruy Guilherme Barata, Mário Faustino, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima, Paulo Plínio de Abreu (com as traduções de Rilke), Flávia Guy Moreira, Tasso Silveira, Aurélio Buarque de Holanda (com traduções em prosa de Baudelaire), Mário Faustino, entre outros; e os escritores traduzidos ou criticados: Langston Hughes, Bernard Dorival, George Bernard Shaw, Walt Whitman, Pablo Neruda, T. S. Eliot, Henri Michaux, Shakespeare, Simonov, Paul Eluard, Gabriela Mistral, Loys Masson, William Saroyan, Tchekov, Rudyard Kipling, Franz Kafka, Katherine Mansfield, Stoyan Christowe, Salvador Reys, Mallarmé (“Brisa Marinha”, por Guilherme de Almeida), Aldous Huxley, Sidney Keys, Guy Maupassant, Apollinaire, Anton Tchekhov, Leonid Andreiev, Miguel Unamuno, Enrique Gómez Carrillo, Charles Baudelaire, Ernest Hemingway, Daniel Defoe, William Faulkner, Valery Larbaud (por Carlos Drummond de Andrade), Xavier Villaurutia, José Asunción Silva, Vladimir Maiakovski (por Ruy Barata), Rilke (por Manuel Bandeira: “Torso Arcaico de Apolo”; Paulo Plínio de Abreu; Manuel Cavalcanti; Mário Faustino), James Weldon Johnson, Gerhart Hauptmann, W. H. Auden (por Maria da Saudade Cortesão), Alfonsina Storni (por Mário Faustino; Domingos de Carvalho Silva), Rafael Alberti, Juan Ramón Jiménez, James Joyce (por Mário Faustino).

ao “Primeiro poema” (1948), em que ele expressava, de um lado, o horizonte egocêntrico de uma poética romântica e rilkiana, do outro, “de um severo adestramento na ascese, da depuração de sentimentos e palavras”, visto em “No trem, pelo deserto”:

Mas eu não sou o Senhor
 embora venham comigo a Música e o Poema.
 Por que vos ajoelhais se eu vim por sobre as ondas
 e só tenho palavras?
 Ouvi a minha voz de anjo que acordou;

Sou poeta.

Alguém pergunta: “Estamos perto?” E estamos longe
 E nem rastro de chuva. E nada pode
 Salvar a tarde.
 (Só se um milagre, um touro
 Surgisse dentre os trilhos para enfrentar a fera
 Se algo fértil e enorme aqui brotasse
 Se liberto quem dorme se acordasse).

Da segunda fase, de 1955 a 1958, há, em primeiro lugar, o trabalho de intérprete e tradutor, no curso sobre planejamento regional, ministrado pelo professor norte-americano John R. P. Friedmann, no período de outubro de 1955 a janeiro de 1956, em Belém. Tratava-se de uma parceria entre a Escola de Administração Pública da Fundação Getulio Vargas (FGV) e a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), da qual Faustino trabalhou como redator no setor de Coordenação e Divulgação, tendo como chefe o seu amigo e crítico Benedito Nunes. Esse trabalho resultou na tradução da versão inglesa *Introduction Regional Planning* (1956), lançado pela FGV, em 1960, sob o título de *Introdução ao planejamento regional*. Em entrevista recente, John Friedmann relata a relação com o tradutor, quando perguntado sobre a vinda para o Brasil:

Inicialmente, tive um ótimo intérprete, um brasileiro, poeta, chamado Mário Faustino, do Piauí. Ele vinha de uma família com onze irmãos – naquela época as pessoas tinham bastantes filhos! Mas Mário tinha um ótimo inglês, ele havia passado um tempo nos Estados Unidos, tinha interesse em poesia moderna, em Ezra Pound. Tivemos uma boa relação, ele era um pouco mais novo, tivemos uma grande amizade (FRIEDMANN, 2016, p. 83).

Além da tradução do livro técnico sobre o planejamento regional, Mário Faustino, em vida, vê duas de suas traduções serem editadas em livro. Gerir Campos, responsável pela

organização da antologia bilíngue *Poesia alemã traduzida no Brasil*, em 1960¹⁹, reúne um *corpus* tradutório de inúmeros escritores brasileiros da poesia alemã. Geir Campos conseguiu aglutinar 117 poemas e 21 fragmentos poéticos, de extensões variadas, de aproximadamente 52 poetas alemãs, além dos textos sem autoria especificada. A antologia cobre o período do século XV até meados do XX. Segundo Azenha Junior (2010), os poetas escolhidos representam uma espécie de cânone da literatura alemã no Brasil da época, pois figuram traduções dos poetas Goethe (19 poemas), Heinrich Heine (16 fragmentos e dois poemas), Rilke (um fragmento e 12 poemas), Ludwig Uhland (11 poemas) e Schiller (sete poemas). Sobre as traduções, o organizador, num pequeno prefácio, atesta:

Dir-se-á neste capítulo que a fidelidade no traduzir, em que se têm esmerado mais recentemente os profissionais e amadores do ofício, nem sempre foi a pedra de toque para as traduções mais antigas, algumas calcadas em versões espanholas ou francesas por sua vez tampouco rigorosas; aqui se hão de ler “traduções” que antes valem como libérrimas adaptações ou interpretações, nas quais o estilo do tradutor encobre o do traduzido (CAMPOS Geir, 1960, p. 29).

Nesse sentido, reconhece na prática de tradução mais antiga uma liberdade e ao mesmo tempo um amadorismo, e vê na sua geração, aos poucos, um processo de profissionalização, sobretudo com inúmeros trabalhos de tradução em livro e jornais, como é o caso de Mário Faustino. Ao lado de importantes escritores-tradutores da época (Manuel Bandeira, Moacyr Félix, Paulo Mendes Campos, Geir Campos, Vinicius de Moraes)²⁰, Faustino vê publicado as

¹⁹ Edição publicada no Rio de Janeiro pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, da coleção “Letras e Artes”, sob a direção de José Simeão Leal, importante editor da época, responsável pela edição de autores como Sérgio Milliet, Otto Maria Carpeaux, Brito Broca, Adolfo Casais Monteiro, e projetos de traduções com as do Oswaldino Marques e os *Cantares*, de Ezra Pound, traduzidos por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari.

²⁰ Seguindo o levantamento feito por Azenha Junior (2010), há uma longa lista de tradutores: Abgar Renault, Agmar Murgel Dutra, Alberto Ramos, Alphonsus de Guimaraens, Amélia de Rezende Martins, Artur Azevedo, Atilio Milano, Augusto de Lima, Barão de Paranapiacaba (João Cardoso de Meneses e Sousa, 1827-1915), Bastian Pinto, Bernardo Taveira Júnior, Edmée Brandi de Souza Mello, Edmur de Souza Queiroz, Eduardo de Carvalho, Fagundes Varela, Francisca Júlia, Francisco Otaviano, Geir Campos, Gonçalves Crêspo, Gonçalves Dias, Guilherme de Almeida, Guimarães Passos, Jenny Klabin Segall, João Accioli, João Ribeiro, José Geraldo Vieira, Leony de Oliveira Machado, Lina Paranhos, Lindolfo Gomes, Lucindo Filho, Lúcio de Mendonça, Luis Delfino, Machado de Assis, Manoel Joaquim da Silva Pinto, Mansueto Kohnen, Maria Krumenacher, Maria Stella de Faria Monat da Fonseca, Olívia Krahenbuhl, Olympio Monat da Fonseca, Onestaldo de Pennafort, Pedro de Almeida Moura, Pedro Rabelo, Pedro Sinzig, Raimundo Correia, Raul Pompéia, Rodrigo Otávio, Roquette Pinto, Rudolf Bölting, Teixeira de Melo, Thiago Wurth, Tobias Barreto e Zuleika Lintz.

traduções de poemas de Friedrich Hölderlin (“Hyperions Schicksalslied” / “Canção-do-destino de Hiperião] e de Goethe (“Elfenlied” / “Canção dos Elfos”), saídas na seção “Clássicos vivos”, em 21 de outubro de 1956 e 27 de janeiro 1957, respectivamente.

O ato de traduzir de Mário Faustino, tal como ficou expresso no exercício dessa produção no *Jornal do Brasil*, é habitualmente caracterizado como uma atividade equivalente à realizada pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, companheiros de geração do poeta-crítico. Augusto de Campos esboça essa visão quando, num artigo de 1967, “Mário Faustino, o último *Verse maker*”²¹, reclamava, à época, da necessidade de divulgar os trabalhos de tradução e de crítica do escritor, “atividades em que atingiu nível raramente entre nós” (CAMPOS Augusto, 2015, p. 50). Augusto de Campos refere-se principalmente às traduções de poemas de Pound, incluídas nas antologias publicadas em Portugal (1968) e no Brasil (1983/1993). Na esteira desse pensamento, Benedito Nunes escreveu:

[...] devem-se a Mário Faustino, que quase sempre alcançou como tradutor o equivalente poético dos originais, num grau de transposição inventiva, somente igualado no mesmo período pelo refinamento e pela maestria de tradutores como Augusto e Haroldo de Campos (NUNES, 1977, p. 12).

Como mencionamos na apresentação do capítulo, durante as cinco décadas de divulgação da obra de Mário Faustino, podemos conhecer as atividades desempenhadas por ele, o que representou numa sobrevida do trabalho do intelectual: foram pelos menos 13 livros, sem contar as reedições, que reuniram boa parte da produção poética, crítica e tradutória, o que resume desde a década de 1960 a 2000; houve edições sobre a obra de Mário Faustino, resultado desse empenho em dar a conhecer essa produção poética, crítica e tradutória. Contudo, esse gesto não foi suficiente para uma adesão maior de análise das traduções do escritor, o que este estudo tenta, de alguma forma, diminuir essa lacuna.

Antes da primeira edição desse material, houve, em 1963, uma homenagem ao escritor, com a publicação da *Revista Invenção (Revista de Arte de Vanguarda, v. 2, n. 3, jun. 1963)*, organizada por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. A publicação reuniu estudos críticos e excertos poéticos, sobretudo poemas publicados no período da fase da poesia concreta, como “Ariazul”, fruto de um diálogo com esse movimento. Como texto de

²¹ O artigo é uma junção de outras três versões: “Mário Faustino e o nó mallarmaico” (*Correio da Manhã*, 15 jan. 1967); “Mário Faustino, o último “*verse maker*” – 1” e “Mário Faustino, o último ‘*verse maker*’ – 2”, ambos publicados no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, nos dias 12 e 19 de agosto de 1967.

crítica, há o ensaio “O projeto de Mário Faustino”, de Benedito Nunes, que fazia uma descrição do processo de criação e escritura da produção do poeta, desde *O homem e sua hora* (1955), até os fragmentos depois desse primeiro livro.

Em 1964, Assis Brasil organizou a edição *Cinco ensaios sobre poesia de Mário Faustino*. Aqui, o organizador reuniu os seguintes textos de “Poesia-Experiência”: ensaios da seção “Diálogos de Oficina”, em que o crítico discutiu questões como: “Para que poesia?”, “O poeta e o seu mundo”, “Que é poesia?”; o artigo sobre o concretismo, que Brasil intitulou de “Concretismo e poesia brasileira”; e o estudo sobre Stéphane Mallarmé, da seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”. Há nesses textos, além da análise crítica de Faustino, poemas traduzidos no texto sobre Mallarmé.

Ainda nessa década, Benedito Nunes organizou a primeira edição póstuma da obra faustiniana, o que inclui poemas inéditos e publicados em jornais: *Poesia de Mário Faustino* (Civilização Brasileira, 1966). Na edição, Nunes escreve o ensaio “A poesia de Mário Faustino”, em que analisa sobretudo a poesia de *O Homem e sua Hora*, mesclando com a atuação de crítico, no jornal, e de sua poesia, depois do primeiro livro.

Em 1968, Augusto de Campos publicou *Antologia poética de Ezra Pound*, com traduções suas, de Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald e Mário Faustino, lançados em Lisboa. Reedita esse livro, em edição monolíngue, em 1983 e 1993, com o título *Ezra Pound: poesia*, com os mesmos tradutores, mas com algumas modificações editoriais na seleção dos poemas. A inclusão das traduções (29 poemas), bem como longas citações dos estudos sobre o poeta de Mário Faustino, nas palavras de Augusto de Campos, “querem ser um tributo à memória desse notável companheiro, tragicamente desaparecido na catástrofe ocorrida em 1962, em Lima, no Peru, quando contava apenas 32 anos” (CAMPOS Augusto, 1983, p. 7-8). Esse gesto inclui pela primeira vez no livro as traduções da poesia de Pound por Faustino, o que só será repetido parte pelas edições de Benedito Nunes (três edições: uma em 1977, e duas em 1985) e pela Boaventura, em 2004.

Em 1977, Benedito Nunes organizou o livro apenas de artigos de críticas de Mário Faustino, da época do *Jornal do Brasil*, intitulado *Poesia-Experiência*. Em sua “Introdução”, Nunes destaca as funções exercidas pelo poeta-crítico, em especial pela divulgação da poesia em jornal, por meio do trabalho de editor, antologista, crítico e tradutor. A seleção do material privilegia parcialmente os textos de “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, reunidos em 13 estudos sobre autores estrangeiros, além dos artigos sobre poética, os mesmos publicados por Assis Brasil, em 1964, e o estudo sobre Jorge de Lima, bem como a parte de “Um ano de

experiência em poesia”, uma espécie de relato sobre o aniversário de um ano da página do *Jornal do Brasil*. Assim, resume o crítico:

Em vez de episódio esporádico, de trabalho complementar anexo à Literatura, a tradução já era aqui a região intermediária entre o labor poético e a atividade crítica, que mostraria o funcionamento do texto, desnudando, ao recompô-lo num outro idioma, a operatória que lhe é inerente. Modo eficaz de mimese interna, e por conseguinte de aprendizagem ativa pela repetição, traduzir equivaleria assim a uma crítica que se perfaz acompanhado a prática da criação (NUNES, 1977, p. 12).

De fato, Benedito Nunes é quem mais divulgou a obra de Mário Faustino, escrevendo e editando a obra poética e crítica do escritor. Em 1985, editou mais dois livros. Primeiro, *Poesia completa. Poesia traduzida*²² – livro que reúne, além do material colido na edição de 1966, pela Civilização Brasileira, o mesmo paratexto introdutório desse livro (com pequenas alterações), os primeiros e últimos poemas (conhecidos até aquele momento). A esse conjunto de textos, soma-se parte da produção tradutória do autor: poemas de 31 escritores internacionais, de diferentes nacionalidades, textos que foram publicados nos jornais e revistas paraenses, e que em sua maioria faziam parte da página do *Jornal do Brasil*, publicados originalmente nas seções “É preciso conhecer” e “Clássicos vivos”, entre os anos de 1956 e 1958. Além das traduções da página poética, a edição contém traduções ainda inéditas: dois sonetos de Dante Alighieri, “A cianscun’alma presa, e gentil core” e “O voi, che per la via d’amor passate” (e *Vita Nuova*); de François Villon: “Ballade à ce propos, en vieil françois”, traduzido por “Balada em francês antigo”; de W. B. Yeats: “Byzantium”; de Rainer Maria Rilke: “Archaischer Torso Apollo” (“Torso arcaico de Apolo”); de Ezra Pound: “Portrait d’une femme”. Apesar de ilustrar importantes traduções, há pouca referência crítica a respeito de tradução de Mário Faustino, o que não invalida a divulgação desses textos.

O segundo, *Melhores poemas: Mário Faustino*²³, reúne um conjunto de poemas de várias épocas do autor, além do conjunto de cinco poemas traduzidos, sob o título “O poeta

²² O livro é dividido em duas partes, como o título indica: a primeira contendo a poesia completa e outra, complementar, contendo as traduções de Mário Faustino, em edição bilingue. Além disso, a edição conta com paratextos: “Notas sobre a edição”, “Nota Bibliográfica do Poeta” e o ensaio “A poesia de Mário Faustino”, de Benedito Nunes, sendo o mesmo da edição de 1966 (com algumas alterações, conforme salienta Nunes), organizado também pelo crítico. No fim do livro, há um índice das ilustrações, além da importante bibliografia sobre Faustino, organizada por Albeniza Chaves.

²³ A seleção das traduções repete os poemas publicados por Augusto de Campos, em 1968, 1983/1993: “Da homenagem a Sextus Propertius”, “Phanopoeia”, “Sobre sua própria face num espelho”, “A água-furtada”, “A mulher do mercador do rio: uma carta”. Esses poemas não apareceram em *Poesia-Experiência* (1977).

como tradutor de Ezra Pound”, numa edição monolíngue. Há, nessa edição, dois pequenos paratextos, um sobre a atividade do poeta; outro, sobre a atividade de tradutor:

Em Mário Faustino a *tradução* exerceu o alcance de instrumento didático a serviço do conhecimento da poesia tradicional. Se a praticou de conformidade com a diretriz do *make it new* (faço-o de maneira nova) poundiano, adotando em *Poesia-Experiência*, sua já citada página de crítica, ao lado da crítica pela discussão (*critic by discussion*), a crítica por meio da tradução (*critic by translation*), ainda a conselho do poeta dos Cantos, também fez do ato de traduzir, levado a cabo como transposição inventiva da mensagem poética de um para outro sistema linguístico, uma segunda vertente de seu próprio trabalho de criação (NUNES, 2000, p. 79, grifos do autor).

Os poemas de Ezra Pound traduzidos incluídos nessa antologia são considerados pelo organizador como os “melhores” de Mário Faustino, pois

[...] ilustram essa vertente, na qual a tradução, ousando avançar, conforme queria Goethe, até o limite do intraduzível, torna-se a réplica da experiência de um outro poeta, com quem o autor de *O Homem e sua Hora* entreteve particular afinidade (NUNES, 2000, p. 79).

Como se vê, Benedito Nunes tem um papel decisivo na divulgação crítica e editorial de Mário Faustino. No campo da tradução, ele avaliou a tarefa do poeta-tradutor de forma concisa e assertiva, tendo uma visão de quem acompanhou de perto esse processo tradutório. Organizou mais um livro – *Evolução da poesia brasileira* (1993) –, de Faustino, reunindo textos publicados na seção “Evolução da poesia brasileira”, da página “Poesia-Experiência”, em que o crítico analisava os primórdios da poesia brasileira, e, por fim, colaborou de forma decisiva para as edições dos anos 2000.

A partir da década de 2000, a professora Maria Eugenia Boaventura, da Universidade de Campinas (Unicamp), reedita toda a obra de Mário Faustino, que estava fora de catálogo ou até então desconhecida das novas gerações. O projeto contou com o apoio do romancista Haroldo Maranhão e Benedito Nunes, que disponibilizaram boa parte do espólio do poeta-crítico. Dos cinco livros previstos, três já foram lançados. Primeiro, a obra poética “completa” do escritor, sob o título de *O homem e sua hora e outros poemas* (2002). De fato, ela incluiu novos poemas do autor, no total de 13 textos. Há nessa edição os paratextos de Boaventura e Nunes: “Um militante da poesia” e “A poesia de meu amigo Mário”, respectivamente, além de comentários sobre a fixação dos poemas no final do livro.

Já em 2003, saiu a edição dos textos sobre a poesia brasileira, intitulado *De Anchieta aos concretos: poesia brasileira no jornal*, com os artigos e ensaios publicados em “Poesia-

Experiência”, de seções distintas, organizados conforme a escola ou movimento literário, e os textos de avaliação do momento poético brasileiro. Percebe-se, de fato, uma atenção maior na fixação do texto em livro, com algumas ressalvas ao projeto editorial, a exemplo da intervenção nos títulos dos artigos, modificando o que fora publicado por Faustino no jornal²⁴. Boaventura assina o texto “Poesia e criatividade”, em que assinala o contexto de produção dos textos, bem como a trajetória de Faustino enquanto crítico de poesia brasileira.

Em 2004, lança *Artesanatos de poesia: fontes e correntes da poesia ocidental*. Trata-se da reunião dos artigos publicados na seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”. Do mesmo modo, Boaventura divide os textos em movimentos literários, respeitando, na medida do possível, a cronologia dos textos, dando nomes aos artigos, com expressões retiradas dos próprios textos. Há nesses textos, além da análise crítica sobre autores da poesia ocidental, um gesto de tradução faustiniano. O livro conta com a introdução “Lendo com o leitor”, paratexto da organização que mapeia e contextualiza a produção dos textos faustinianos. Como dissemos acima, dois livros anunciados no projeto ainda não foram publicados: *Roteiro poético*, que trata, segundo Boaventura, dos textos de crítica e tradução sobre a linguagem poética vista em “Poesia-Experiência”; e o livro *É preciso conhecer*, que reuniria os poemas traduzidos divulgados, tanto nas páginas do *Jornal do Brasil* quanto nos outros jornais e revistas antes da atuação do tradutor no periódico carioca. Do projeto da autora, há pouquíssimas referências ao papel de Mário Faustino tradutor. Ela não chega a avaliar essas traduções, apenas descreve, de forma geral, seu trabalho enquanto tradutor das seções de crítica e tradução.

Apesar de todo o movimento editorial em torno de Mário Faustino, ainda não conhecemos toda a produção tradutória, muitas das quais ficaram restritas nas publicações de jornais. Por isso, o mapeamento desse material foi um passo fundamental para dar a conhecer uma prática restrita aos livros fora de catálogo ou nas páginas de jornais, que, graças à plataforma digital da Biblioteca Nacional, tornou-se possível a realização desta tese.

Se de um lado temos o conjunto de livros da produção de Mário Faustino, do outro, há uma série de itens, com livros, capítulos de livros, artigos em revistas e jornais a respeito da

²⁴ Walter Costa, em “Mário Faustino, professor de poesia”, faz essa ressalva no trabalho de organização de Boaventura, pois a intervenção editorial dá uma dimensão equivocada ao dar nomes aos títulos dos ensaios. Há, nesse percurso editorial, alguns problemas de fixação do texto a respeito de datas corretas dos artigos de jornal, bem como desvios repetidos desde a edição de 1977, organizada por Benedito Nunes, sobretudo nos artigos sobre Ezra Pound, como poderemos detalhar mais à frente, no segundo capítulo.

figura do poeta e crítico, com poucos textos sobre a atividade de tradutor, apesar de se conhecer uma parte significativa de suas traduções, como visto acima²⁵.

Dos estudos específicos saídos em livros, há a *Oficina da palavra* (1979), de Ivo Barbieri, um trabalho que se insere nos estudos comparativos, de intertextualidade, no qual o autor comparou os escritos de poetas como Ezra Pound, Jorge de Lima e Mallarmé, estabelecendo uma relação com a poesia e a crítica de Mário Faustino. Em seguida, 1986, Albeniza de Carvalho Chaves editou *Tradução e modernidade em Mário Faustino*, pela Universidade Federal do Pará, resultado da dissertação de mestrado apresentada em 1975, na Universidade de São Paulo, figurando como umas das primeiras teses sobre o escritor. Nesse estudo, o enfoque se dá na relação entre o arcabouço poético estabelecido pelo cânone da tradição e da modernidade ocidental, presente em *O homem e sua hora*. É um dos estudos fundamentais para se ter uma noção da obra de Faustino, porque, além de destacar as referências da construção poético do autor, traz uma série de anexos sobre a sua recepção crítica, publicadas em jornais e revistas, o que facilitou a consulta de materiais restritos ao ambiente das bibliotecas particulares ou públicas. Nesse mesmo ano, é editado a conferência *A obra poética e a crítica de Mário Faustino*, pronunciada em 28 de maio de 1985, no Conselho Estadual de Cultura do Pará. Esse estudo congrega um panorama da poesia e da crítica de Faustino.

Já nos anos de 2000, a professora Lilia Silvestre Chaves lança *Mário Faustino: uma biografia* (2004), uma tese-livro, resultado do doutorado da autora, defendido em fevereiro do mesmo ano. Trata-se de um estudo através dos caminhos da vida e da literatura do poeta: “um resumo panorâmico da época que ele viveu, da atmosfera cultura e histórica do Pará e do Rio de Janeiro, quando jornalismo e literatura se uniram no mais alto grau” (NUNES, 2004, p. 13). Chaves se empenha em revelar não só aspectos da vida, mas pontos significativos da formação do jovem intelectual, atuando em várias frentes, tanto profissional quanto literária. Assim, ela percorre as cartas, os livros, os jornais, os depoimentos dos amigos próximos, os textos poéticos, no sentido de preencher a lacuna biográfica que até então apenas se conhecia pelas

²⁵ Duas teses se destacam na recepção crítica da poesia de Mário Faustino, uma é a tese de livre-docência *Poesia e Poética em Mário Faustino*, de Antonio Manoel dos Santos Silva, da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) de São José de Rio Preto. Este, sem dúvida, um dos estudos mais completos sobre a obra de Faustino, mas, infelizmente, até hoje não foi publicada em livro ou no repositório digital da universidade; a outra, é a tese *Tensões da crítica e da poesia em Mário Faustino* (USP, 2000), de Luciana Martins Müller que lança uma crítica mais contundente sobre os métodos de crítica de Mário Faustino nas páginas de “Poesia-Experiência”.

antologias, nas apresentações de livros ou na história da literatura²⁶. Há mais dois trabalhos acadêmicos transformados em livros: primeiro, o de Maria Lúcia Gonçalves Balestriero, com *Mário Faustino: uma poética da modernidade* (2011), trabalho de mestrado de 1992, pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus Assis, em que analisa os aspectos da poesia moderna num *corpus* do livro de 1955 e de alguns poemas escritos na fase posterior ao *O homem e sua hora*. Em seguida, em 2010, o de Artur Almeida de Ataíde, com *O romantismo resistente e o classicismo possível: Mário Faustino e a poesia moderna brasileira*, cujo trabalho procura analisar os poemas da fase intitulados pelo próprio poeta de “Fragmentos de uma obra em progresso”, textos que tinham como marcas os pontos suspensivos (...), escritos no início e fim dos poemas, com o objetivo de escrever em camadas que pudessem depois formar um poema longo.

Quanto ao estudo estrito sobre as traduções de Mário Faustino, o resultado é ainda muito exíguo. Poucos artigos e estudos acadêmicos mencionam ou analisam seu trabalho como tradutor. Portanto, não há estudos específicos sobre as traduções feitas por ele no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. Essa constatação pode ser verificada na medida em que procuramos seu nome nos principais artigos, ensaios, teses, livros sobre os estudos da tradução literária no Brasil.

Merecem destaque os trabalhos em que as traduções de Mário Faustino foram estudadas ou mencionadas. Numa das poucas referências dadas por Haroldo de Campos ao tradutor, há o texto “O problema da tradução” (*Correio da Manhã*, 02 abr. 1967), no qual se refere a ele como “excelente e poundiano tradutor”, pois considera o escritor, “entre os poetas mais jovens, foi o grande tradutor, e tradutor de espírito marcadamente poundiano, que soube levar a invenção à medula de seu ofício: seu legado nesse particular, sobretudo suas traduções de Pound” (CAMPOS, 2013, p. 23).

No final de 1980, temos mais dois textos que tratam de Mário Faustino tradutor. Primeiro, em 1986, Sebastião Uchoa Leite, no artigo “François Villon, nosso próximo” (*Folha de S. Paulo*, 6 abr. 1986, p. 2-3, Caderno Folhetim), analisa algumas traduções de poemas de Villon. Sobre a tradução de Faustino, observa o crítico: “infelizmente não é possível dizer o mesmo da tradução da ‘Balada em Francês Antigo’, de Mário Faustino, que, por alguma inadvertência, se perdeu num equívoco da interpretação” (LEITE, 1995, p. 3).

²⁶ Haroldo Maranhão escreveu o texto “O poeta e sua vida”, em 1966, para o Suplemento Literário d’*O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1966.

Sobre o mesmo assunto, Uchoa volta no texto “O paradoxo da tradução poética: notas sobre o pequeno e o grande jogo na poesia de François Villon” (1995). Nele, o autor analisa de forma mais aprofundada a tradução do poema “Ballade à ce propos, en vieil françois” (“Balada do francês antigo”) de Villon, apontando para os equívocos dessa tradução:

Logo na primeira estrofe o tradutor afunda na interpretação literal. Sem consultar edições comentadas, parece, não se dá conta de que os *s* acrescentados por Villon eram mero artifício de arcaização das palavras. E assim, pluralizou o que deveria permanecer no singular. Menos admissível e não perceber que *aube* significa *alva*, veste talar, e que *amys* é *amicto*, manto que hoje cobre as espáduas do oficiante, mas que nos tempos de Villon cobria a cabeça. E *coeffier* é justamente coberto, mas o tradutor confunde com *coiffer*, e o resultado é uma tradução sem sentido da estrofe inicial, que prejudica todo o conjunto. Nos versos 4º e 5º dessa mesma estrofe o sentido se inverte na tradução, pois “Dont par le col prent ly mauffez / De mal talant tout eschauffez” significa que o santo padre prendia pelo pescoço o demônio enfurecido com a ajuda de sua estola. O tradutor, não percebendo tratar-se de uma alusão aos exorcismos, troca os papéis: “Que hoje o demônio pelo pescoço / segura, cheio de maus intentos!” “Outros equívocos do tradutor”: “servans” (irmãos leigos que prestavam serviços nos conventos) por “escravo”; “filz” (tratamento dado aos papas, tidos como filhos de Deus) por “filho” (observe-se que outras lições preferem “cliz”, mas aqui não vem ao caso). Há uma pluralização infeliz na segunda estrofe, onde “reis” perde a referência básica a São Luís, que “bastit eglises et convens”. Na terceira, entre deslizes menos acentuados, o delfim, o futuro Luís XI, é dado por “santo” e “piedoso” (“Ly Dauphin, ly preux, ly senez”), qualificativos ainda mais extravagantes do que os que já dera o poeta (“O Delfim, o bravo, o sábio”) a figura histórica já notável, mas pouco “santificável” (LEITE, 1995, p. 16).

Para Leite (1995, p. 17), portanto, “não significa que Mário Faustino tenha sido um mau tradutor”. Mas que a tradução de certos textos requer mais que a sensibilidade poética, um aparato de textos ou edições comentadas que ajudem na tradução poética. Vale mencionar que o autor está analisando a tradução sob a ideia paradoxal dessa tarefa, dividida entre criação e interpretação. O professor Walter Carlos Costa²⁷, em “Emily Dickinson brasileira”, publicado na *Revista Ilha do Desterro* (1987), analisa as traduções feitas por Faustino de seis poemas da poeta, para a seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”. Costa atesta o conhecimento do tradutor a respeito da poeta, observando que, assim como Manuel Bandeira, ele dá títulos aos poemas, não só nas traduções, mas também nos originais apresentados por Faustino. Costa descreve o modo de traduzir do poeta, verificando o caráter pedagógico da tradução:

²⁷ Quando saíram as novas edições da obra crítica de Mário Faustino, em 2003 e 2004, Walter Carlos Costa publicou no jornal catarinense a crítica “Mário Faustino, professor de poesia”, em que avalia a crítica e a edição da obra do poeta-crítico. Em razão do artigo sobre as traduções da poesia de Emily Dickinson, o nome de Mário Faustino é reiterado em *Tradução: teoria e prática de John Milton* (2010).

O modo de traduzir de Mário Faustino é bem peculiar. Seu objetivo é basicamente pedagógico, no melhor sentido do termo. Ele quer revelar aos jovens poetas brasileiros a maneira de poetar de Emily Dickinson (como fez com vários outros poetas). Por isso, sua tradução é explicativa e segue o texto original de perto, como que fornecendo pistas ao poeta brasileiro com domínio precário do inglês (COSTA, 1987, p. 79-80).

A tradução de Mário Faustino é literal de propósito, pois seu objetivo é oferecer o significado das palavras que Emily arranhou com sua técnica e arte. Ela difere, pois, de todas as outras por ser fiel ao significado (o que a maioria não é) mas infiel aos procedimentos (o que a maioria também não é). Ela é, sobretudo, útil porque permite, para quem não domina o inglês, conferir o original as qualidades poéticas de Emily (COSTA, 1987, p. 80-81).

As poucas referências sobre as traduções de Mário Faustino até aqui foram feitas por críticos da geração do tradutor, como Benedito Nunes, Augusto e Haroldo de Campos, ou por autores que só conseguiram avaliar as traduções devido a publicação desses poemas em livros, a partir de *Poesia-Experiência* (1977) e de *Poesia completa. Poesia traduzida* (1985), ambos organizados por Nunes, no caso do texto de Sebastião Uchoa Leite e de Walter Carlos Costa.

Depois das edições da obra poética e crítica de Mário Faustino, editadas por Maria Eugenia Boaventura, outros trabalhos acadêmicos sobre o tradutor são publicados. Trata-se dos artigos do professor Álvaro Faleiros: “Três Mallarmés: traduções brasileiras (2012)” e “Os tempos de Mallarmé nas antologias brasileiras de poesia traduzida” (2017). Nesses textos, em resumo, Faleiros analisa a recepção da tradução de Mallarmé no Brasil, observando o gesto crítico e tradutório de Faustino na história da tradução de poesia no país, o qual considera uma visada importante nas retraduições do texto do poeta francês, sobretudo por Augusto de Campos.

Em 2008, o professor italiano Roberto Mulinacci analisou as principais traduções do poema “O Infinito”, de Leopardi, publicado em Portugal e no Brasil, entre 1934 e 1999, com o nome, em italiano, “Oltre la siepe. L’infinito di Leopardi in traduzione portoghese”, originariamente publicado na *Revista de Italianística XVI*. Esse estudo foi traduzido para o português, sob o título “Além da sebe. ‘O infinito’ de Leopardi em tradução portuguesa”, por Andréia Guerini e Sergio Romanelli, publicado na revista *Caderno de Tradução* (2009). Ao analisar “O infinito”, traduzido por Faustino, Mulinacci descreve a liberdade assumida por ele, na recriação do poema de Leopardi: “Uma liberdade, por exemplo, que faz com que se altere um dos pontos-chave da construção leopardiana, aquele *incipit* que é uma marca inconfundível do “L’infinito [...]” (MULINACCI, 2009, p. 109).

Assim, tendo destacado os textos de maior relevância na análise das traduções de Mário Faustino, percebemos ainda poucos estudos a respeito dessa atividade. Isso se dá,

primeiro, pela falta de edições do trabalho tradutório do poeta, uma vez que a maioria ainda não foi editada, ou as que foram estão fora de catálogo, o que impede um número maior de análise e estudos. Em seguida, a imagem que se tem de suas traduções são as empregadas sobretudo por Benedito Nunes e os irmãos Campos, por seu lugar de autoridade. Entretanto, desde 2012, pesquisas acadêmicas foram desenvolvidas no sentido de analisar esse lado menos conhecido do escritor, o Mário Faustino tradutor, com as dissertações defendidas na Universidade Federal do Pará, por Dayana de Almeida, e pelo estudo que fiz de suas primeiras traduções, resultando capítulo de livro e artigos.²⁸

2.2 POEMAS E ENSAIOS TRADUZIDOS

Em 1965, o pensamento sobre a poesia de Mário Faustino começava a ser traduzido. Tratava-se do ensaio e tradução de Ángel Crespo, publicado na *Revista de Cultura Brasileña*²⁹, em junho desse ano, editada pela embaixada do Brasil em Madri, Espanha. Crespo escreve o artigo “La antítesis finito-infinito en el pensamiento de Mário Faustino”, em que oferece aos leitores de língua espanhola a reflexão sobre o problema do conhecimento poético visto nos diálogos de “O poeta e seu mundo”, a partir da edição da *Revista Invenção* (n. 3, junho de 1963), dedicada ao Mário Faustino; e do livro *Cinco ensaios sobre poesia de Mário Faustino* (1964). Em seguida, Crespo publicou a tradução do ensaio “Para que poesia?”, para o espanhol, sem mencionar a autoria dessa tradução, mas, ao que parece, a autoria deve ser do escritor espanhol, que na época era diretor da revista e autor de muitas das traduções junto com Damásio Alonso.

Depois, na década de 1980, publicou-se três antologias de poetas brasileiros em países de língua espanhola e inglesa. Primeiro, Ricardo Gonzáles Vigil organizou a antologia bilíngue de poesia traduzida brasileira dedicada aos poetas Ângela Alvim (1926-1959) e a Mário Faustino, os quais têm em comum a brevidade e algumas temáticas poéticas. A antologia é editada pelo Centro de Estudios Brasileños, em Lima, Peru. Além de seu organizador, Manuel Moreno Jimeno traduziu os poemas de Alvim, tendo o organizador traduzido nove poemas de Mário Faustino (“Prefácio”, “Legenda”, “Vida toda linguagem”, “Sinto que o mês presente me

²⁸ Cf. ALMEIDA (2014) (2014); e VERÍSSIMO (2014). Os dois trabalhos estão inseridos na pesquisa “Poetas em tradução no jornal *Folha do Norte*” (CNPq, 2012-2014), coordenado pela professora Dra. Izabela Leal, da Universidade Federal do Pará.

²⁹ A *Revista de Cultura Brasileña* foi fundada em 1962 por João Cabral de Melo Neto, quando era diplomata na Embaixada de Madri, e por Ángel Crespo, escritor espanhol, responsável pela organização da revista. Entre junho de 1962 e novembro de 1981, foram publicadas 52 edições, com o objetivo de divulgar a produção cultural contemporânea brasileira na Espanha.

assassina”, “Oferta”, “Cavossonante escudo nosso”, “Moriturus salutat”, “Juventude”, “Espardate em crista de vaga”). Em seu prólogo, Vigil traça o movimento poético brasileiro na década de 1950, baseado nas ideias de José Guilherme Merquior (1975), em que situa Mário Faustino de corrente “radical” e Alvim, de orientação “moderada”, surgidas ao lado do movimento da poesia concreta. Sobre o pensamento de Faustino, o autor escreve baseado no ensaio “A poesia de Mário Faustino” (1966), de Benedito Nunes, destacando a trajetória de Faustino como poeta, crítico e tradutor.

Em seguida, em 1983, Jaime Tello selecionou e traduziu *Cuatro siglos de poesia brasileña*, publicado em Caracas, Venezuela, e editado pelo Centro Abreu e Lima de Estudios Brasileños, da Universida Simón Bolívar. O trabalho de Tello apresenta um panorama dos quatro séculos de poesia brasileira, uma poesia, segundo o editor, pouco conhecida na Venezuela. A antologia, portanto, foi um trabalho de quase 40 anos de pesquisa, com traduções desde o período colonial até o período da década de 1980. De Mário Faustino, Tello traduziu “Vida toda linguagem” (“Vida toda lenguaje”).

Por último, Emanuel Brasil e William Jay Smith organizam a antologia poética, de nome *Brazilian Poetry 1950-1980* (1983), para a língua inglesa nos Estados Unidos, incluindo poetas brasileiros de 1950 a 1980. Os sete poemas de Faustino são traduzidos por Ricardo Zenith, dois do livro de 1955 (“Prefácio”, “Sinto que o mês presente me assassina”, “Vida toda linguagem”), e quatro da época do *Jornal do Brasil* (“Juventude”, “Cavossonante escudo nosso”, “Moriturus Salutat”, “Ariazul”).

Entre os anos de 1990 e 2010, publicou-se várias antologias poéticas no exterior, como a *Modern Poetry in Translation* (1994), publicada em Londres. São traduzidos seis poemas de Mário Faustino pelo professor John Milton (USP): “Onde paira a canção recomeçada” (“Where will the restarted song hover”), “A mis soledades voy” (título em nota: “I go to my loneliness”), “Carper diem”, “O mundo que venci deu-me um amor” (“The world I conquered gave me a love”), “Não quero amar o braço descarnado” (“I don’t want to love the fleshless arm”), “Inferno, eterno inverno, quero dar” (“Inferno, eternal winter”). A seleção de poetas traduzidos conta com uma apresentação sobre o poeta Mário Faustino, a partir de *Poesia Completa. Poesia traduzida*, de 1985.

Em 2003, Tereza Arijón organizou a antologia bilíngue *Puentes. Pontes: poesia argentina e brasileira contemporânea*, pelo Fondo de Cultura Económica. A tradução dos poemas de Mário Faustino é feita por Teresa Arijón e Bárbara Belloc, cuja seleção e introdução, na parte dos poetas brasileiros, são feitas por Heloisa Buarque de Hollanda. A antologia dedica-se na escolha de 20 poetas, nascidos entre os anos de 1920 e 1950, oferecendo

[...] um conjunto heterogêneo não apenas quanto às várias dicções poéticas que se desenvolveram neste período, mas também no que diz respeito ao que se poderia chamar de poetas mais “universais” e poetas mais “contextuais”, ou seja, aqueles que respondem mais diretamente a momentos ou conjunturas políticas e sociais locais e específicas e, portanto, relativamente menos “traduzíveis” para outros contextos culturais (ARIJÓN, 2003, p. 279).

Com efeito, os poemas de Mário Faustino traduzidos correspondem à produção da poesia concreta, entre 1956 a 1958, estabelecendo o elo entre tradição e modernidade, na poesia do escritor: “Ariazul”, “Marginal poema 15”, “Viagem”, “A mis soledades voy”.

Por fim, na antologia *La poésie du Brésil: anthologie du XVIe au XXe siècle*, publicação bilingue, organizada por Max de Carvalho, de 2012, a poesia de Mário Faustino é representada por seus poemas do livro de 1955: “O homem e sua hora” (‘L’homme et son heure’) e “Vida toda linguagem” (“Vie tout langage”), sob a tradução de Michel Riaudel. Trata-se de uma antologia que traça um panorama da poesia brasileira, deste a poesia de etnias indígenas até a poesia dos modernos, que inclui os poemas de Mário Faustino e do paraense Max Martins.

Dos poemas traduzidos pelas antologias prevalecem, de um lado, alguns “hits antológicos” de Mário Faustino, para lembrar uma classificação dada por Augusto de Campos (2015), presente em *O Homem e sua Hora* (1955): “Prefácio”, “Legenda”, “Sinto que o mês presente me assassina”, “Vida toda linguagem”, “O mundo que venci me deu um amor” e “O homem e sua hora”. Do outro lado, as antologias peruanas, inglesa e norte-americana estampam traduções do período experimental de Faustino. Nesse sentido, a antologia entre Brasil e Argentina também segue essa linha, publicando os poemas feitos depois de 1956.

Como vimos, as traduções ainda não estão no rol dos textos reconhecidamente significativos de análises mais profundas e consistentes, em comparação com os estudos de obra poética, que são bem mais abundantes. Em outra direção, é possível verificar, diante da trajetória do escritor, a experiência, primeiro, do tradutor, que logo virou poeta, tornando-se tradutor-poeta, o que depois de 1955 encarna a visada de poeta-tradutor, estendida depois de sua morte a de poeta e crítico traduzido. Se agora já se tem os parâmetros de uma compreensão das traduções de Mário Faustino, resta saber como se deu essa prática transposição do texto poético, representado por busca pedagógica de formação de novos poetas, uma vez que a fase anterior do trabalho de “Poesia-Experiência” pode ser visto como um período de sua formação enquanto poeta, crítico e tradutor, já nas suas páginas de poesia, assumindo a função do mestre, daquele que seleciona o material a ser aprendido pelos leitores interessados em poesia.

Um segundo ponto a ser observado é como a uma certa recepção crítica do autor marcar os trabalhos subsequentes, aqui, refiro-me ao trabalho de seleção e crítica de Benedito Nunes, que, sem dúvida, marcou as outras leituras que se faz do poeta.

3 POESIA-EXPERIÊNCIA: ROTEIROS DE CRÍTICA E TRADUÇÃO

O presente capítulo dedica-se à *Poesia-Experiência*, projeto didático voltado para o conhecimento da poesia em jornal. Trata-se, primeiramente, da descrição das seções da página e, em seguida, de repensar o próprio trajeto de Mário Faustino no jornalismo cultural, por meio da crítica de jornal, visando compreender as diferentes abordagens empregadas nessa experiência, sobre a qual observa-se o modo em que o pensamento intelectual se desdobra no projeto de crítica e tradução de poesia.

Antes das colaborações para o *Jornal do Brasil*, o nome de Mário Faustino já circulava nos jornais nacionais, fora do círculo de Belém, entre notas, noticiários e comentários críticos, ou mesmo em produções poéticas e ficcionais. Na esteira desses textos, encontram-se duas publicações dignas de nota: a primeira, é o conto “As moscas”, saído em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 4 de abril de 1948, veículo integrante dos Diários Associados, para o qual Faustino trabalhou em *A Província do Pará*, o que talvez tenha facilitado a publicação do texto na então capital do Brasil. A respeito desse texto, tinha-se, entretanto, a notícia de que o conto havia sido editado pela primeira vez na *Folha do Norte*, em 31 de dezembro de 1950, para o Suplemento Literário do periódico. A segunda, é o poema “Elegia” (de 11 setembro de 1949, igualmente publicado nesse jornal), sendo republicado na página literária de *O Dia*, jornal do Paraná, em 11 de maio de 1952.

A relação com o jornalismo do Rio de Janeiro somente é estabelecida com as páginas do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. A princípio, há dois textos que ligam o nome do escritor a esse jornal: primeiro, o ensaio “O Homem e sua Hora”, sobre o livro homônimo do poeta, de Benedito Nunes, feito a pedido do próprio Mário Faustino e divulgado nas páginas “Livro de ensaio”, em dois números, nos dias 5 e 8 de agosto de 1956³⁰. Em seguida, o terceiro número dessa coluna – que era consagrada à reflexão literária, via crítica, teoria e tradução –foi ocupada pela primeira tradução de Faustino no jornal carioca. Nela, ele publicou a tradução do ensaio “Camões”, de Ezra Pound (em 2 de setembro de 1956), acompanhado de uma apresentação crítica, seguida de notas explicativas sobre o autor e o texto traduzido, relatando as escolhas e as dúvidas de tradução.

³⁰ Em carta, Mário Faustino costura a publicação do texto encomendado a Benedito Nunes.

A sua estreia no Suplemento Dominical repete o movimento inicial em *A Província do Pará*, em 27 de abril de 1947: a tradução de um ensaio³¹. A coincidência mostra a presença constante da tradução no horizonte do jornalismo exercido pelo escritor, e a importância dedicada a ela durante a trajetória literária e profissional, pois é na tradução que o intelectual exerceu o projeto didático de divulgação da poesia, cuja valorização é vista em várias passagens de “Poesia-Experiência”, igualando a tradução como a própria criação poética, considerada por ele, muitas vezes, como uma tarefa tão importante quanto a criação de poemas em língua vernácula.

Por outro lado, a escolha pela tradução do texto de Ezra Pound não se dá por acaso, pois o poeta-crítico-tradutor é uma das principais fontes da crítica e da tradução de Faustino. É na sua experiência que o crítico exerceu muitas das análises da página poética, como poderemos verificar no Capítulo 3 desta tese. No texto introdutório à tradução, por exemplo, enfatiza a influência de Pound no campo literário anglo-norte-americano: “não só do poeta como do crítico, do tradutor, do conversador, do misto de pedagogo, mecenas e agente literário de *public relations...*” (FAUSTINO, SDJB³², n. 014, 02 set. 1956, p. 6). Em seguida, dirigindo-se aos leitores, escreve:

Essas considerações parecerão ociosas aos diversos jovens poetas e críticos que, entre nós, de uns anos para cá, se têm embebedado à boca dessas botijas inexauríveis que são os *Cantos*, as *Personae*, o *Guide to Kulchur*, o *Make it New*, o *ABC of Readind*. Aliás, já se torna audível o eco, não tanto dos versos quando das ideias de Pound, no trabalho que estão realizando alguns de nossos melhores poetas novos, sobretudo em São Paulo. Mas quando se constata que tanta gente, das velhas como das recentes gerações, apenas ouviu falar no homem que revolucionou o passado e futuro da província mais rica da poesia ocidental – é-se obrigado a reconhecer a necessidade cada vez mais urgente de incorporar sua obra à nossa tradição e à nossa evolução literárias (FAUSTINO, SDJB, n. 014, 02 set. 1956, p. 6).

Aqui, portanto, é possível verificar dois movimentos de análise sobre Ezra Pound no Brasil. Primeiro, a relevância dada às principais obras de acesso ao pensamento poético, crítico e tradutório do escritor, e o reconhecimento de uma recepção inicial intensa sobre o poeta-crítico no país, vista sobretudo com a publicação de *Noigandres* (1952), de Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que, de outro modo, consideravam o autor como uma das

³¹ Trata-se da tradução do ensaio “O irrealismo”, de Bernard Dorival (1914-2003), crítico e curador de arte francês. Cf. VERÍSSIMO (2015).

³² Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*.

principais fontes da poesia concreta, bem como a base para se pensar a crítica e a tradução de poesia. Desde então, Mário Faustino já via nesses trabalhos a representação do que melhor em poesia se fazia na época, sobretudo entre os jovens poetas.

O segundo movimento pode ser visto, na visão do crítico, da necessidade de incorporação do pensamento literário de Pound à tradição crítica e literária brasileiras, uma vez que a velha tradição literária nacional desconhecia o trabalho do escritor, e nesse sentido, Faustino tentou, à sua maneira, integrar esses preceitos nos trabalhos de “Poesia-Experiência”.

Por outro lado, Faustino via problemas e limitações na crítica de Pound, porque considerava seu trabalho, em geral, “mais perecível e volúvel, porém mais eficaz, funcional, criadora, que a crítica do gênero tradicional” (FAUSTINO, SDJB, n. 014, 02 set. 1956, p. 6). Seguindo a crítica de Eliot, outra referência para crítica-poética de Faustino considerava o pensamento crítico do norte-americano útil ao poeta, sobretudo aos jovens:

1) Pound disse muita coisa sobre a arte de escrever e, em particular, de escrever poesia, que é permanentemente válido e útil. Poucos críticos fizeram tanto. Mostrará que, 2) Pound disse muita coisa que era de especial pertinência às necessidades do tempo em que foi escrito; 3) que ele forçou nossa atenção não somente na direção de escritores individualmente falando, como de áreas inteiras de poesia, as quais nenhuma crítica posterior poderá ignorar (ELIOT *apud* FAUSTINO, SDJB, n. 014, 02 Set. 1956, p. 6).

A citação de Eliot serve de justificação para a comprovação do alcance da crítica de Pound, demonstrando que, apesar da limitação temporal de suas análises, os aspectos didáticos eram fundamentais para a criação e para o exame da poesia.

Portanto, nessa tradução, Mário Faustino realizou um trabalho de crítica, sublinhando as escolhas e as dúvidas sobre o texto traduzido. As notas, por sua vez, apresentam o pensamento da tradução de Pound, uma vez que ele assinala:

A tradução é, para E. P., uma das fontes da classificação em que ordenou a crítica literária; para ele – que tem traduzido, do original, os poetas chineses e as peças japonesas, Cavalcanti e Arnaut Daniel (provençal), Heine e os simbolistas franceses, Sófocles e Propércio etc. – quem traduz está, entre outras coisas, criticando” (FAUSTINO, SDJB, n. 014, 02 set. 1956, p. 6).

Nessa primeira colaboração, Faustino lançou, de forma indireta, as bases da futura crítica realizada em “Poesia-Experiência”, o que seria confirmado em 23 de setembro de 1956, com a publicação dessa página. Ao mesmo tempo, abre espaço, sem dar nomes, aos poetas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Com o avanço da poesia concreta, sobretudo depois da Exposição de Arte e Poesia Concreta (São Paulo, 1956), as contribuições desses poetas seriam aglutinadas pela página de poesia, tanto nas reproduções dos textos dessa

nova poética quanto nas traduções realizadas por eles, como poderemos verificar noutro momento. Esse gesto evidencia o grau de articulação de Mário Faustino no *Jornal do Brasil*, que, aos poucos, vai conquistando novos horizontes para a reflexão sobre poesia no caderno cultural. Por conseguinte, é no ambiente jornalístico que Mário Faustino e Benedito Nunes iniciam suas atividades de intelectuais no periódico carioca: o primeiro no campo da poesia; o segundo no âmbito da literatura e principalmente da filosofia.³³

A história desse caderno cultural remete ao programa da *Rádio Jornal do Brasil*, cujo título “Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*” reunia, aos domingos, comentários sobre literatura, cinema e teatro. Esse gesto virtual era dirigido por Reynaldo Jardim desde 1953, aproximadamente. O salto do programa de rádio para o jornal impresso se deu pelo convite da proprietária e diretora do jornal, a Condessa Pereira Carneiro, que, segundo o jornalista, era ouvinte do programa radiofônico. Assim, foi ofertado a Jardim o espaço de uma coluna de jornal, recebendo o nome de “Livros e autores contemporâneos”, lançada em 5 de fevereiro De 1956³⁴. De fevereiro a maio desse ano, os conteúdos da coluna giraram em torno da publicação de poemas, com breves notas; notícias editoriais; comentários ou resenhas de livros e entrevistas com escritores brasileiros. Depois da 12ª edição, a coluna (que desde o décimo número já contava com uma página inteira de jornal) passou a ser chamada de “Literatura contemporânea”, em 06 de maio de 1956, permanecendo com o formato de até 27 do mesmo mês, cujas edições totalizaram 16 números.³⁵

A coluna literária serviu de base para a formulação do Suplemento Dominical, o qual logo tomou conta de todo do “Segundo Caderno”. Nele, agruparam-se todo o conteúdo voltado para a literatura e o entretenimento: a página feminina, as colunas de música, cinema, teatro, rádio e TV, bem como a parte de literatura e artes. Assim, em 3 de junho de 1956, o Suplemento

³³ Se devemos a Benedito Nunes a divulgação da obra poética e crítica de Mário Faustino, este foi responsável pela inclusão do crítico-filósofo na crítica de jornal do *Jornal do Brasil*. Benedito Nunes passava a escrever sobre crítica e filosofia.

³⁴ A página, em sua estreia, dividiu espaço com notícias sobre Teatro e a coluna do gramático Evanildo Bechara, que tinha como seção “Nos domínios do vernáculo”, sobre conteúdos de língua portuguesa.

³⁵ Nesse período, destacam-se as publicações: poemas de Mário de Andrade, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Renata Pollotine, Ruth Maria Chaves, Lêdo Ivo, Vinicius de Moraes, Lourenço Marques, Augusto dos Anjos, Moacyr Felix, entre outros. Além da divulgação da poesia, as notícias editoriais giravam em torno das publicações das editoras O Globo, Melhoramentos, Livraria São José, Instituto Nacional do Livro, José Olympio. Desta última, há uma nota sobre a entrega do manuscrito de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, bem como a edição dos poemas reunidos de João Cabral, com *Dois águas*. O conjunto desses textos mostram o significado da coluna literária no jornal, observando dois dos principais livros da época.

Cultural tem sua estreia empreendida, permanecendo em atividade por mais de cinco anos consecutivos, indo até 23 de dezembro de 1961. Ao todo publicou-se 285 números, com circulação primeiramente aos domingos, e depois, a partir de 11 de janeiro de 1959, aos sábados, pois aos domingos a edição do *Jornal do Brasil* consumia muito papel.

Em resumo, o Suplemento Dominical dinamizou a vida cultural brasileira por meio de artigos, ensaios e manifestos sobre arte, literatura e filosofia, apostando em nomes desconhecidos do grande público da crítica de jornal e do cenário sociocultural do país³⁶. Em “Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*” (2008), Reynaldo Jardim traça a trajetória do suplemento, pontuando o que diferenciava dos outros cadernos culturais dos jornais brasileiros da época, era

o espírito que manteve vivo e o colocou na história da cultura brasileira como um marco revolucionário, não só por ter sido o instrumento difusor das estéticas concretistas e neoconcretistas, mas pelo desencadeamento de um processo de revisão cultural de toda a trajetória da arte brasileira e estrangeira. E mais: pela audácia atrevida com que tomava partido, criticando, impiedosamente, a produção das letras e das artes endeusadas por uma crítica corporativa e igualmente sem brilho (JARDIM, 2008, p. 114).

Esse depoimento expressa o sentimento do grupo do Suplemento, no qual a polêmica e o pluralismo das ideias circulavam sem censura da direção do jornal ou do caderno de cultural. Noutra passagem, Jardim salienta o salto de qualidade que o Suplemento ganhou com a chegada de Mário Faustino:

A 23 de setembro damos um salto qualitativo, começando a publicação semanal de “Poesia-Experiência”, assinada por Mário Faustino. Aí é um verdadeiro choque cultural na vida literária do país. Mário é bem informado, mordaz, impiedoso. Não perdoa nenhum medalhão e orienta os iniciantes. É uma verdadeira escola de arte poética que vai criando discípulos, admiradores e inimigos por todo o país.
[...] Quem era Mário Faustino naquele tempo? Um jovem de 26 anos, assustadoramente bem informado (JARDIM, 2008, p. 115).

Aqui, a figura de Mário Faustino é vista como protagonismo de um gesto crítico contundente, sendo descrito como intelectual jovem e implacável no julgamento, sobretudo da poesia brasileira. Certamente, sua passagem pelo suplemento proporcionou uma discussão

³⁶ Mencionar alguns nomes que passaram à época no jornal.

intensa, basta ver o volume de informações manejadas, vista nas várias seções de “Poesia-Experiência”.

Em carta a Benedito Nunes, o jovem crítico revelava as intenções da página: “puramente divulgatórias e pedagógicas: nada de exibicionismo de minha parte ou de quem quer que seja” (Carta de 12 out. 1956, FAUSTINO, 2017, p. 94). Assim, o trabalho foi pensado dentro da esfera do jornal, o que fazia dele um mediador entre a cultura poética e os leitores do jornal. Tinha a consciência do lugar que escrevia e da função representada no jornalismo cultural, tanto que afirma, entre os parênteses comuns dos seus textos:

(Certos leitores não de estranhar o jeito. Lembramos que não estamos escrevendo nos paços da eternidade e sim no barato papel de um jornal vivo: o que nos interessa é instigar, provocar, excitar, em certas direções, a mente do leitor competente. Preferimos escrever num laboratório a escrever num templo. E, mais uma vez, Laurence Sterne: “Gravidade, misteriosa equipagem do corpo para esconder as falhas do espírito”)³⁷ (FAUSTINO, PE, n. 029, 07 abr. 1957, p. 5).

Com isso, preparava recortes de um *corpus* cultural específico a ser inserido dentro da dinâmica do jornal, assumindo os riscos do próprio veículo: “o aspecto jornalístico de nosso trabalho. O aspecto ‘tachista’³⁸: atirando manchas de instigação numa tela morta, vazia” (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957, p.). Mário Faustino tinha, de fato, a compreensão das dificuldades de escrever no periódico, mas acreditava que a visada crítica/poética pudesse recriar escalas de valores para a situação da poesia brasileira, que, para o crítico, estava moribunda e em crise. É nesse sentido que assimila os preceitos poundianos, baseando-se em seus pressupostos de crítica e tradução, na tentativa de desenvolver uma análise mais objetiva e direta da poesia, com valores transparentes de avaliação estética.

Encarnava, portanto, as funções de um professor, cabendo a ele delimitar as balizas do “curso de poesia”. Antes da primeira publicação, Mário Faustino comemorava a estreia de “Poesia-Experiência”, em carta a Nunes, de 18 setembro de 1956:

A partir de domingo começa a sair “Poesia-Experiência”, semanário de poesia sob minha orientação (sou eu quem faz tudo...) que fará parte do Suplemento do *Jornal do Brasil*. Uma página inteira *sotto mi direzione*. Que tal? Vamos ver em que vai dá (FAUSTINO, 2017, p. 92).

³⁷ Em “Cassiano Ricardo: *Poesia completas*”, Mário Faustino justificou a abordagem crítica empregada nos seus textos, razão pela qual avaliou a poesia do escritor.

³⁸ Referência ao Tachismo, movimento de arte abstrata francês das décadas de 1940 e 1950, o que mostra o quanto Mário Faustino está ciente dos movimentos de vanguarda de sua época.

Para a construção do arcabouço cultural, ele idealizou um conjunto de seções que pudesse condensar os conteúdos fundamentais para a divulgação da poesia, utilizando-se da abordagem jornalística, fruto da linguagem informativa, direta e coloquial, que indicasse aos leitores o conhecimento mais adequado para a compreensão do texto poético, seja por meio do exame ou divulgação da poesia nacional, seja nos textos de crítica e da tradução de poetas.

Durante os dois anos e quatro meses de “Poesia-Experiência”, de 23 de setembro a 11 de janeiro de 1959, as seções foram estruturadas através da justaposição dos conteúdos, de uma forma dialética, utilizando-se do corte sincrônico de seleção. Mário Faustino colocava em confronto os poetas traduzidos (clássicos, modernos ou contemporâneos) com os jovens poetas nacionais, ao lado de textos teóricos sobre a criação poética. De forma geral, podemos esboçar o projeto didático submetido aos seus leitores do Suplemento Dominical, de acordo com a elaboração de página, onde as camadas podiam demonstrar a preocupação do jovem intelectual com a formação da poesia no Brasil, revelando a sua militância nesse campo.

Nos anos de “Poesia-Experiência”, há, pelo menos, três textos em que Mário Faustino reflete sobre as atividades de tradutor, poeta e crítico. No final de 1956, em 16 de dezembro, numa entrevista para o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, para a série de entrevistas feita pela jornalista Ruth Silver (pseudônimo de Mary Ventura)³⁹, sob o título de “Valores novos da literatura brasileira: Mário Faustino: trabalhar, trabalhar, trabalhar, pelo dia, pela noite, pelo dia...”⁴⁰, a jornalista então apresenta o crítico da seguinte maneira:

Embora tenha publicado apenas um livro e seja um caso raro a sua colaboração para revistas e suplementos, é o sr. Mário Faustino um dos poetas reconhecidos da mais recente geração literária. Seu livro, *O homem e sua hora*, publicado em novembro de 55 pela editora Livros de Portugal, foi considerado a melhor estreia poética do ano, recebendo críticas as mais favoráveis. De setembro de 56 vem dirigindo “Poesia-Experiência”, a página de poesia do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, onde semanalmente se tornando patentes não só seu talento artístico, manifestado em admiráveis traduções de poemas de várias línguas e diversas épocas, como também seu penetrante sendo crítico, sua não pequena cultura humanística e, sobretudo, seu evidente amor à poesia. A página tem recebido a consagração de representantes de quantos entre nós se interessam pela arte poética. (SILVER, SDJB, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2).

³⁹ A jornalista fez uma série de entrevista com literatos, divididas em seções “Valores novos da literatura brasileira”, “Valores consagrados da literatura brasileira”, além de escrever reportagens sobre o teatro brasileiro, e entrevistas a atores, diretores e dançarino.

⁴⁰ A entrevista foi publicada, em livro, sob o título de “Valores novos da literatura brasileira”, em *De Anchieta aos concretos* (2003, p. 501-508), organizado por Maria Eugénia Boaventura,

Nesse de 1956, Mário Faustino publicou 15 números, prevalecendo textos do seu pensamento poético, de traduções de poesia e de teoria poética, bem como a divulgação de poetas novos e de poetas portugueses. Na entrevista, ele se posiciona sobre o momento cultural brasileiro da época, ampliando a questão para o plano social e econômico do país, em que se ressentia das dificuldades enfrentadas pelo jovem poeta no Brasil: dificuldades econômicas, porque não pode se dedicar apenas à literatura,

[...] falta de uma vida genuinamente artística, falta de debates, falta de verdadeiras bibliotecas, universidades, museus, falta de revistas de cultura, falta de tradição filosófica, poética e crítica na língua, falta de um público inteligente... (FAUTINO, SDJB, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2).

Apesar desse quadro, apresentava-se otimista, pois acreditava ter nascido numa época “extremamente propícia à grande poesia”. Em seguida, fala sobre a fase de poeta e crítico, quando é provocado a dar conselhos a jovens poetas:

Especialmente no período de formação, o poeta precisa conseguir e manter sua unidade de espírito. É preciso pensar todo o tempo em poesia, ser profissional, ler poesia o máximo e fazer pouco todos os dias, nem que seja para jogar na cesta. [...] Pensar mais no poema do que no poeta (ao contrário do que faz, geralmente, nossa lamentável crítica), mais na poesia do que em si mesmo – eis outros bons motos que é preciso seguir se quer se um poeta digno (FAUTINO, SDJB, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2).

Aqui, esboça as primeiras visadas sobre a poesia, o poeta e a crítica, uma vez que a criação poética, para ele, envolvia uma arte a ser levada a sério, em que a relação entre poesia e vida deveria estar imbuída de organicidade, sendo ela mais importante que a figura do poeta, e a crítica deveria ser a mais objetiva, no sentido de uma avaliação menos impressionista e menos subjetiva em torno da figura do escritor.

Sobre “Poesia-Experiência”, ele diz que fazê-la dava muito trabalho, mas o deixava satisfeito, pois representava um contínuo exercício de pesquisa e aprendizado. “A página – pretensioso que sou! – quer ser antes de tudo didática: um pequeno curso de poesia, com aulas semanais” (FAUTINO, SDJB, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2). Faustino dirigia os conteúdos da página aos poetas da idade dele ou mais novos, por volta dos 26 anos, “bem como àqueles que, sem serem poetas, amam a poesia e querem conhecê-la um pouco melhor”. A grande vantagem da página era ter apresentado “dois ou três poetas novos de indiscutível valor”, afirmava. Assim, o crítico esperava reunir em um ano, pelo menos, uma dúzia de bons poetas e, depois, talvez, publicá-los numa antologia.

Sobre a fase poética, dizia que estava num momento de criação, com vistas à “experimentação, tanto no nível ético, metafísico, psicológico, quanto no plano estético”, complementando:

Quero ser, ainda por muito tempo, um poeta em formação e em transformação: um dia, quando estiver mais realizado como homem e como artista, então começarei minha verdadeira obra, que espero sirva de alguma coisa como documento humano e como contribuição para a transformação da sociedade, da língua e da poesia do Brasil. Você que me perdoe a pretensão, ainda que transferida para futuro bastante remoto (FAUTINO, SDJB, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2).

Na entrevista, o pensamento de Mário Faustino, no plano da poesia e da crítica, demonstra, primeiro, que a poesia não era um fim em si mesma, e criar poemas estava no sentido altruísta, “para comover, para deleitar, para ensinar, para transformar, um mínimo que seja, o mundo, a língua, a arte” (FAUTINO, SDJB, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2). A princípio, esse pensamento já indicava a dimensão pedagógica da crítica de Faustino, ligada por um instrumento didático, vista a partir da concepção das ideias de Ezra Pound, sobretudo a respeito de uma didática crítica de poesia, em que se exprimia por meio da seleção de poemas, utilizando-se do comentário e da tradução, método imprescindível para a divulgação de um conjunto de autores.

Em seguida, o crítico analisa o momento da poesia brasileira com o surgimento da poesia concreta, em “A poesia ‘concreta’ e o momento poético brasileiro”.⁴¹ Trata-se da descrição de alguns aspectos da poesia brasileira da época, sob a ideia de que o debate, tanto no campo da criação quanto da crítica poética, passava por um momento de “agonia”. É nesse sentido que vai expor seus argumentos, elencando os principais poetas brasileiros, até chegar aos poetas do movimento de vanguarda, considerada pelo crítico, de antemão, os poetas capazes, até então, de renovar a linguagem poética brasileira.

Antes de entrar no comentário crítico, Faustino reconhece as limitações de sua crítica, “essa arte parece-nos encontrar-se, neste instante, neste país, na situação que passamos a descrever, do modo mais objetivo que nos permitem os preconceitos e inclinações de que não estamos livres por nossa própria humana condição” (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p.

⁴¹ Em “Os poetas ‘concretos’ antes da poesia ‘concreta’”. (PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 2), Mário Faustino elaborou uma pequena antologia de poema pré-concretos de Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Ferreira Gullar.

5). Assim, de forma dialética, aponta as condições, consideradas por ele, importantes da poesia do escritor analisado, indicando também os aspectos do poeta que não são suficientes para a resolução do estado de “agonia” descrito no artigo.

Desse modo, comenta a poesia e a figura de Carlos Drummond de Andrade, considerado como “dono do mais ponderável corpo de poemas que já se formou nem nossa história literária” (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5). Contudo, é taxativo em relação ao poeta:

O sr. Carlos Drummond de Andrade só age poeticamente através de poemas que publica. Não escreve a sério sobre poesia. Não faz crítica séria de livros de poesia. Ao que sabemos, não discute a sério poesia, nem oralmente nem por escrito. É, quando muito, um *master*. Não é um “inventor”, não é um *impresario*. Nunca seria um Pound, nem mesmo um Eliot (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).⁴²

Da provocação a Drummond, Faustino esperava que o poeta militasse no campo político da poesia, além da produção poética, uma cobrança, segundo afirmava, necessária para o aprofundamento do debate intelectual acerca dos problemas da linguagem poética. Como se pode notar, também, o crítico toma de empréstimos, em seus comentários, a categoria de Ezra Pound na análise dos escritores brasileiros, aspectos de classificação vistos em vários textos do crítico.⁴³

Ao mesmo modo, pontua cada poeta citado: João Cabral de Melo Neto, considerado “das duas pessoas que melhor escrevem em verso no Brasil. [...] Ele e o sr. Guimarães Rosa são os únicos escritores crismados no Brasil” (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5). De Manuel Bandeira,

um de nossos melhores tradutores (salvo o mau gosto de certas escolhas: Langston Hughes, etc.). Promove a poesia. [...] Hoje, graças a ele, todos menores de cinquenta anos no Brasil, normalmente inteligentes, respeitam a poesia que chamam de “moderna” (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

⁴² Em “Introdução” (2005, p. 17-46), Vagner Camilo rever a acusação de que Drummond não atuava publicamente como militante da poesia.

⁴³ Aqui, o crítico refere-se sobretudo as categorias de *inventores*, *mestres* e *diluidores*. Cf. POUND, *ABC da literatura*, 2006. [não está nas Refs]

Da poesia de Jorge Lima, deixou *Invenção de Orfeu*,

que contém alguns dos mais altos e dos mais baixos momentos da língua poética luso-brasileira. Libertou-nos de muita “sintaxe”, de muito cacoete – materiais e formais –, porém estimulou outros. É muita coisa. Mas não basta (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5)

Cecília Meireles, por sua vez, considerada a autora “do mais harmonioso livro de poemas já publicado no Brasil: o *Romanceiro da Inconfidência*. Cecília Meireles ocupa espaço indisputado”. Já sobre Murilo Mendes, afirmou que ele não conseguiu fazer poesia surrealista no Brasil, porque esse surrealismo “é uma atitude filosófica, antiliterária, um sistema de vida. O sr. Murilo Mendes é católico. Mas, *en passant*, escreveu bons poemas, sobretudo bons versos”. De Vinicius de Moraes, considera *Poemas, sonetos e baladas* um dos melhores poemas já lançados no Brasil. “Força e saúde. Halteres poéticos. Freud”. Já Cassiano Ricardo: dois livros bons livros, *João torto* e o *Arranha-céu de vidro*. Sobre a “Geração de 45”, “meia dúzia de bons sonetos, mas isso não mata fome: *une existence*”. Critica ainda poesia engajada, concluindo: “o resultado é o que se vê: maus poetas e maus marxistas, no fundo uns burgueses de Charleville mascarados de agitadores catalães” (PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

Quanto à teoria e à crítica, é novamente categórico:

há uns razoáveis trabalhos de documentação, de *textual collation*, de comentário, de biografia. Tudo ao nível de bonzinho. Em Portugal se faz melhor. Os críticos “medalhões”, até legíveis quando falam em romances, são risíveis quando tratam com poesia (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

Quanto à crítica específica de poesia,

a não ser um trabalho ou outro ou trecho de trabalho de mortos como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, ou de vivos como Augusto Meyer, Antônio Houaiss, Oliveira Bastos, tudo é silêncio. Nossos críticos – é verdade que há uns novos se ensaiando melhor –, ao analisarem um livro de poemas, falam sobre o autor, a noiva do autor, a gravata do autor, o bairro onde mora, suas manias, complexos, paranoias, seus antepassados físicos e intelectuais, seu lugar na estante – e se esquecem do importante: do poema e do efeito positivo, negativo, indiferente, do livro em questão sobre a língua (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

Reclama também da superficialidade no debate sobre poesia.

Há o fenômeno amizade, o mesmo que se verifica em nossa administração, em nossa política: meu amigo escreve bem, meu inimigo escreve mal. Você é um bom rapaz, simpático, não irrita a gente? Seu poema está ótimo. É um

sujeito pedante, perigoso, lê mesmo os livros, é franco, implicante? Seu poema é, quando muito, “erudito” “bem escrito”, mas não é poesia (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

Depois de descrever os principais agentes da poesia no Brasil, aponta aspectos necessários à poesia brasileira:

[A poesia brasileira] precisa de dinheiro. De uma estrutura econômica estável como alicerce. Precisa que o Brasil seja rico e autoconfiante e independente em todos os sentidos. Precisa de universidades, enciclopédias, dicionários, editoras, cultura humanística, museus, bibliotecas, público inteligente, críticos de verdade, agitação, coragem. Na falta disso, no momento, precisa-se talvez de um homem, de que seja os três Andrades ao mesmo tempo: Mário, Oswald, Carlos. A cultura, a revolução, a boa poesia. E, sobretudo, que ame esta última acima de si mesmo – que oriente, que ajude, que ensine, que empurre (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

Em resumo: depois de contextualizar o momento poético brasileiro, destacando as contribuições de cada poeta mencionado, indicando as limitações de suas respectivas poéticas, Mário Faustino louva o surgimento da poesia concreta:

Aí um grupo de três rapazes, dois dos quais irmãos, e aos quais outros ir-se-iam com o tempo acrescentando, reúne-se em São Paulo para tratar de poesia. Tem os instrumentos: cultura geral, em dia, conhecimento sério das outras artes, sentimento da época, sentimento do mundo, titanismo, espírito revolucionário, uma ou duas línguas mortas, meia dúzia de línguas vivas, vontade de ler, de trabalhar, de escrever, de “fazer o novo”. Leem (direto) os alemães e outros centro-europeus, os americanos, os ingleses, os franceses, os italianos. João Cabral já estava se encarregando do que há de bom em espanhol. Incorporaram devidamente (e não como fizeram os nossos “parnasianos” e os nossos simbolistas”) essas tradições culturais à nossa cultura. Sabem que Mallarmé e Pound são mais importantes para o progresso da poesia do que Baudelaire e Eliot. Formulam e discutem problemas culturais, sociais, filosóficos e, em especial, estéticos. Nos domínios do verso chegam todos os três, rapidamente, ao nível do melhor que já se fizera antes deles no Brasil, frequentemente, no detalhe, ultrapassando esse nível. Saem dos domínios do verso e tentam novos caminhos poéticos. Mas estão em São Paulo e as distâncias, neste país, representam mais do que em geral se pensa. Muitas das poucas pessoas que aqui no Rio tomam a sério a poesia levam muito tempo ainda sem ouvir falar nos três: Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos.

Ao Rio chega, vindo de São Luís do Maranhão, com um ótimo livro debaixo do braço, um outro rapaz em condições semelhantes. Traz consigo assimilado o que há de melhor nas tradições poéticas de França, Portugal, Brasil. Faz surrealismo de verdade, pela primeira vez, entre nós. É o senhor Ferreira Gullar, poeta e crítico de artes plásticas – pormenor significativo.

Aqueles três de São Paulo, este último no Rio, constituem a única força de vanguarda séria que há no Brasil de hoje e (talvez com as exceções isoladas de Mário e Oswald) a única força de vanguarda séria que já houve no Brasil. Poesia que se alimenta exclusivamente de tradições, por mais ecléticas e

sólidas que sejam estas, é poesia fadada a murchar (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

Portanto, chama a atenção do leitor para o movimento de vanguarda poética que surge no Brasil, adiantando que “deixa esclarecido não ser, pelo menos até hoje, ‘concretista’, não tendo o menor interesse pessoal na experiência tentada por seus colegas de São Paulo e pelo sr. Ferreira Gullar”. Em seguida, elenca os seguintes aspectos sobre a linguagem poética, em que ele acredita e resume:

1. “Que o ‘verso’, no sentido em que a palavra tem sido empregada até agora, se encontra, no momento, em crise, em todos os países do Ocidente”;
2. “Que a crise está formulada pelos menos desde o Mallarmé de *Un coup de dés...*”
3. “Que a solução para essa crise tentada por Mallarmé e retomada, de maneiras diversas, por um Apollinaire, por Schwitters, por um Pound, por um cummings, entre outros, é um caminho pelo menos dotado de logicidade, de consistência e de harmonia com muitas coordenadas do espírito de nossa época; chega mesmo a ser uma das duas únicas tentativas sérias de resolver a crise: a outra sendo o surrealismo francês, de Rimbaud ou de Breton até Artaud”;
4. “Que a poesia é, ao mesmo tempo, ideia, som e imagem; discurso, canto e padrão visual; que seus meios e seus fins não devem ser confundidos com os da prosa; e que a poesia, sobretudo em nossa época, não pode ignorar os rumos tomados pelas demais artes”;
5. “Que a poesia brasileira necessitava, para tirá-la da pasmaceira em que ainda se encontra, de um movimento de vanguarda sério e vivificante”;
6. “Que os srs. Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Ferreira Gullar já eram, antes do ‘concretismo’, os melhores poetas brasileiros aparecidos depois do sr. João Cabral de Melo Neto; que a competência e a honestidade intelectual desses senhores estão acima de suspeita; e que, portanto, têm mais que quaisquer outros títulos suficientes para encabeçar o movimento vanguardista de que necessitávamos”;
7. “Que a experiência ‘concretista’, na melhor das hipóteses poderá salvar a poesia brasileira do marasmo discursivo-sentimental em que se encontra (apesar dos esforços de João Cabral e de alguns outros), promovendo nossa linguagem poética de novos campos de ação perceptivos e expressivos; que, na pior das hipóteses, servirá, como toda boa vanguarda, para agitar positivamente um ambiente apático, para chamar a atenção

da retaguarda para os perigos que jazem à frente, para dirigir a atenção dos demais poetas rumo a objetivos importantes até aqui relegados a injustificáveis desprezo”;

8. “Finalmente, que os ‘concretistas’, como artistas de vanguarda, têm todo o direito, e quiçá mesmo o dever, de serem extremistas, combativos, proselitistas, exclusivistas etc. Cabe aos que não embarcam em sua arca levá-los a sério, aproveitar-lhes a experiência, aplicá-la noutros setores e de outras maneiras, incorporá-la, enfim, à corrente viva de nossa poesia” (FAUSTINO, PE, n. 021, 10 fev. 1957, p. 5).

A terceira reflexão, “Um ano de experiência em poesia” (publicada em 06 de outubro de 1957), cujo subtítulo reúne os seguintes tópicos verificados: “‘Poesia-Experiência’: Relatório, Tomada de Posição, Autocrítica, Apologia, Estatística, Planejamento e Breve Antologia”. Trata-se de pontos-chave do exame crítico da página de poesia. Retoma as citações, epígrafes, motivações da estreia de “Poesia-Experiência”, em 23 set. 1956, sob o lema de “Repetir para aprender, criar para renovar”, que após os quatro meses da página, abandonava a expressão que no início resumia as intenções de “Poesia-Experiência”. Se esse lema, como observou Benedito Nunes (1977, p. 9), era uma espécie “mimese interna da Literatura, como apropriação seletiva de modelos, é o *make it new* poundiano, capaz de reatualizar as formas do passado em função das exigências do presente”, a renúncia dessa expressão, estampada nas páginas de poesia, pode ser vista como uma busca da autonomia crítica e criadora, própria da atividade crítica desempenhada por seu criador.

Entretanto, o que pensava Mário Faustino a respeito do seu trabalho de crítica de jornal?

Que se pretende em “Poesia-Experiência” Pretende-se mostrar. [...] Aqui se mostra poesia. Poesia de ontem, de hoje, até aquilo que talvez seja a poesia de amanhã. Mostrando-a, se possível, de maneira crítica, demolindo e promovendo, procura-se manter viva a poesia do passado. Exibindo-a, do mesmo modo, procura-se *reconhecer* a poesia nova: *Make it new*. Procura-se transmitir ao maior número de interessados nos problemas da poesia aquilo que se sabe e o que se vai aprendendo. Provoca-se discussão entre essas pessoas. Provocam-se os que não se interessam. Instiga-se. Irrita-se para manter vivo o ambiente cultural. Procura-se organizar em nossa poesia uma nova escala de valores, mais racional e mais honesta que aquela que encontramos há um ano. Procura-se ver e fazer na poesia uma arte, com tudo o que a palavra implica. Insiste-se na superioridade da invenção sobre a imitação, por mais que incerta àquela e perfeita está. (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957, grifos do autor)

A página de “Poesia-Experiência” teria o objetivo de criar um ambiente de diálogo intelectual, contribuindo para o debate da criação poética, por meio do conhecimento prático e teórico da poesia. Para tanto, a sua visada pedagógica se dá através do método de “exame-amostragem”, extraído de experiências com as de Ezra Pound e T. S. Eliot, reconhecendo na tradição os caminhos para a construção da poesia contemporânea, montando um panorama de poetas nacionais e estrangeiros, por meio de investigações críticas e tradutórias, sem esquecer da seleção da nova poesia brasileira, ou do poeta novo.

Mário Faustino apresentou, nesse relatório, um panorama da poesia ocidental, apontando uma série de questões sobre o estado da poesia de sua época. Dessa série, os pontos mais pertinentes dizem respeito, para este estudo, à função da página e da avaliação que faz da poesia brasileira. Primeiro, há “uma crise do verso”, ao mesmo tempo que reconhece que mesmo assim ainda se faz o bom verso. Pois não se pode abandonar o velho, a tradição, por uma tecnologia nova. “Que o verso é importante meio de comunicação – ainda que não se trata de linguagem poética propriamente dita: a importância do verso como utensílio didático, mnemônico – fixação e transmissão de experiências” (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957).

Além disso, ele reuniu um conjunto de aspectos válidos para a compreensão do problema da linguagem poética, o que revelava o pensamento crítico depois de um ano de experiência em poesia. Tratava-se de conceber a poesia como uma arte complexa, sendo ela “um meio de criação, portanto de realização pessoal, portanto de identificação com o universo, portanto de doação e de comunicação”. E no caso brasileiro, era preciso “paralelamente aos esforços de retaguarda no sentido de enriquecer nossa tradição de poesia – criticando, ensinando, discutindo, traduzindo...” (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957).

Em “Poesia-Experiência”, Mário Faustino estabeleceu um programa de poesia em jornal, de valor pedagógico e instrumental, próprio de um laboratório de crítica e tradução. Durante os 105 números da experiência em poesia, deu movimento aos conteúdos do seu “curso de poesia”, em seções que expressavam seu pensamento sobre a poesia. Tomado de consciência crítica e jornalística, Faustino se preocupa com a formação dos jovens poetas, preparando e organizando o material literário, com vistas à construção de meios básicos para o debate sobre a linguagem poética. Daí assumiu várias funções para atingir esse objetivo, faz as vezes de editor e antologista e tradutor, todas as faces do crítico.

A experiência da página pode ser descrita como “roteiros de poesia”, em vez de disciplinas de um curso acadêmico do texto poético, cujos tópicos podem ser organizados, primeiro, pelos textos dedicados à “poesia brasileira e portuguesa”, em que a crítica era exercida por pequenas antologias. Segundo, com os textos de “teoria da poesia”, em que colocou em

debate o pensamento sobre a linguagem poética, bem como traduziu e divulgou um conjunto de textos sobre teoria, prática e crítica do fenômeno. Em seguida, a “tradução de poesia”, textos saídos nas seções “É preciso conhecer”, “Clássicos vivos”, “Pedras de toque”, além das traduções publicadas fora de seções, tanto em sua página quanto nas outras partes do Suplemento. Por fim, os textos de “crítica e tradução de poesia”, em que ele procurou discutir as fontes da poesia contemporânea a partir da poesia moderna ocidental, realizando, além de comentário crítico, traduções de poemas, geralmente, em prosa, bem como nos textos publicados fora de seções, ou em resenhas publicadas na página de “Bibliografia”, do Suplemento Dominical. Além do trabalho de crítico e tradutor, Faustino publicou um conjunto de seus poemas nos jornais cariocas.

3.1 ANTOLOGIA DA POESIA BRASILEIRA E PORTUGUESA

Seguindo essa classificação, os textos de “Poesia brasileira e portuguesa” englobam, aqui, as seções “O poeta novo”, dedicadas à publicação dos jovens poetas; “O melhor em português”, uma antologia de poetas da língua portuguesa consagrados; “Poesia em dia”, seção de exame crítico sobre o trabalho de jovens poetas, saídos ou não no espaço reservado a eles; “Evolução da poesia brasileira”, que tinha o objetivo de reunir as “principais contribuições feitas em quatro séculos para a formação de uma linguagem poética no Brasil” (FAUSTINO, PE, n. 095, 24 out. 1958); e alguns “exames-amostragens”, publicados de forma esparsa, sem a rubrica das seções, como a série de artigos sobre Jorge de Lima, e diversas resenhas de livros de poesia, saídos entre 1957 e 1958, no Brasil, além das avaliações críticas sobre o momento da poesia brasileira no fim do decênio de 1950.

3.1.1 “Poesia em dia”

Em sete números, de 20 de outubro de 1957 a 13 de julho de 1958, Mário Faustino criticou, através de comentários breves, a produção poética dos seguintes autores: José Lino Grünwald, Ruy Costa Duarte, Waldir Ayala, Lélia Coelho Frota, Cláudio Mello e Souza, José Firmino Pinto e Carlos Diegues. A seção seria uma extensão de “O poeta novo”, dedicada também aos jovens poetas, lançados ou não por “Poesia-Experiência”:

“Poesia em Dia”: mais uma seção, apenas, de “Poesia-Experiência”, e que, *bon voyage – farewell!* – esperamos perdure. Nela os “poetas-novos” – lançados ou não por “Poesia-Experiência”, mas que se identificam, acrescentam, aliam, mais ou menos, dentro da posição larga porém clara, que

dita a página defende (qualidade; nível; relevância; “make it new”) – nela os “poetas-novos” mostrarão o que andam fazendo, exporão seus poemas, expor-se-ão. Critério de “Poesia em Dia”: qualidade intrínseca dos poemas e/ou importância da experiência neles tentada. Qualquer tipo de poesia, qualquer direção de experiência, contanto que competente àquela e válida esta e interessante ambas – naturalmente na falível opinião do responsável da página (FAUSTINO, PE, n. 055, 20 out. 1957).

Durante a curta duração da seção, Faustino verifica a evolução poética dos escritores surgidos em “Poesia-Experiência”, indicando as soluções dos problemas poéticos vistos a partir da publicação deles na página e de como tinham ou não superados os entraves da linguagem poética. A exemplo disso, há o comentário a respeito da poesia de Carlos Diegues, hoje membro da Academia Brasileira de Letras, indicação concedida não pelo trabalho poético, que como sabemos não prosperou, mas por causa da sua produção cinematográfica.

Carlos Diegues não renúncia, de modo algum, às potencialidades de sua arte como rito criador de mitos, como instrumento mágico do conhecimento superracional de si mesmo e do universo em geral. É possível que o poeta, fraquejando em face das dificuldades da época e do meio, não dê muitos passos além do marco a que tão cedo atingiu, verificando mais um caso de precocidade frustrada; porém se sua poesia continuar a estender-se e a aperfeiçoar-se dentro das matrizes em que se inicia, teremos em Carlos Diegues, no futuro, um poeta brasileiro a igual distância entre Apollinaire e St. John-Perse, Ezra Pound e Dylan Thomas, João Cabral e Jorge de Lima. Esperança talvez demasiado utópica: uma poesia ideal, densa e clara, amuleto precioso e moeda corrente (FAUSTINO, PE, n. 092, 13 jul. 1958).

3.1.2 “O melhor em português”

“O melhor em português” é consequência das pesquisas feitas por Mário Faustino, para mostrar aos seus leitores poemas representativos da língua portuguesa, de Portugal ou do Brasil, “procurando manter vivo o clássico, o consagrado” (FAUSTINO, PE, n. 001, 23 set. 1956). A seção durou 6 meses, de 23 de setembro de 1956 a 28 de abril de 1957, com 27 números, tendo como resultado a publicação de 24 poetas – seleção que abrangeu sobretudo poetas portugueses, dos séculos XIII a XIX: Sá de Miranda, Pedro António Correa Garção, Camões (quatro publicações, entre elas: o épico, o lírico maior e o lírico menor), Diogo Bernardes (duas vezes), Duarte de Brito, Gil Vicente, Martin Codax, Bernardim Ribeiro, Nuno Fernandes Torneol, Cristovão Falcão, D. Manuel de Portugal, João Rodrigues de Castel-Branco, João Roiz de Lucena, Fernam Alavrez do Oriente, João Xavier de Mattos, António Ferreira, Nicolau Tolentino de Almeida, Gregório de Matos, Tomás António Gonzaga, Silva Alvarenga, Antero de Quental, Abílio Manuel Guerra Junqueiro, e dois poemas considerados

antônimos: “A Nau Catarineta” e “Soneto Anônimo”. Este último, na verdade trata-se de um poema de Francisco Rodrigues Lobo.

A seção foi interrompida, segundo o crítico, por falta de tempo e por dificuldades na pesquisa. A partir do método sincrônico, selecionava os poemas e fazia breves comentários sobre eles, em notas explicativas, indicando, muitas vezes, em tom peremptório, as qualidades dos textos, seguido de referências para o conhecimento da obra comentada, e, ao mesmo tempo, valia-se de conhecidos comentários críticos como forma de avaliar a escolha poética. A antologia da seção destaca-se com exemplos de formas poéticas antigas, como o soneto, as cantigas trovadorescas, a cantata, a canzone, os madrigais, as éclogas, as elegias, etc., sendo parte formativa do semanário poético.

Sá de Miranda, primeiro poeta para ilustrar “O melhor do português”, com o Soneto 27: “Este retrato vosso é o sinal”: além de apresentar os objetivos da página, Mário Faustino indica a referência para o conhecimento do autor português: “Ao leitor, cujo interesse por Francisco de Sá de Miranda tenha sido despertado ou reavivado por este grande soneto, indicamos os poemas completos do doutor em ótima edição pelos “Clássicos Sá da Costa” (FAUSTINO, PE, n. 001, 23 set. 1956). Em seguida, comenta, em nota, a poesia de Pedro António Correia Garção:

“Cantata de Dido” é (além de belíssimo poema, digno do episódio “Eneida”, donde foi extraído), uma prova das possibilidades infinitas do idioma português. O excesso de ornamentos, adjetivos, nada consegue obscurecer a originalidade e variedade do ritmo, a propriedade do tom, a beleza de certas expressões, o domínio do assunto por parte do poeta. Não teria Garrett certa razão quando proclamou, exageradamente, embora ser esta cantata “uma das concepções mais sublimes do gênio humano uma das obras mais perfeitas jamais executadas pela mão do homem?” (FAUSTINO, PE, n. 002, 30 set. 1956).

Assim, cada publicação contém informações sobre o gênero poético de cada autor. Destacam-se, nesse sentido, as formas poéticas que os jovens escritores deveriam ter conhecimento, como gênero da “Canzone”, presente na “Canção VI”, de Camões:

O grande gênero provençal-toscano que é a canzone, tão celebrado por Cavalcanti, Dante, Petrarca, Sordello, Arnaut Daniel, Garcilaso, etc. – e que Auden, entre outros, reviveu em nossos dias –, constituía para os renascentistas, o que a fuga representava para os contemporâneos de Bach. Camões foi um dos poucos que praticou com frequência o gênero, chegando no raro número de onze. Algumas das canções camonianas, como a que hoje publicamos, são comparáveis às melhores dos mestres italianos. Note o leitor a beleza da coda, a continuidade da coleante e melancólica frase musical, a exatidão dos adjetivos, a limpeza do estilo (tão rara em Camões), a grandeza

de versos como “Enquanto der o Sol virtude à Lua”. Possa o rico e difícil gênero ressuscitar entre os nossos poetas de hoje! (FAUSTINO, PE, n. 003, 07 out. 1956).

A seção segue através de exemplos poéticos, sobretudo as variações de sonetos, os quais ganha mais uma explicação com a publicação de um soneto (“Como corres, arroio fugitivo?”), de Gregório de Matos:

Gregório de Matos, 1633-1696, o primeiro poeta merecedor desse nome que apareceu no Brasil e para sorte nossa, um poeta de verdade, não dos maiores, porém um poeta em ação, um poeta provocador de acontecimentos, um poeta crítico do mundo. Infelizmente teve poucos sucessores dignos: a poesia satírica é paupérrima no Brasil e mesmo como lírico muito tempo se passou antes de um brasileiro conseguir alçar-se ao nível da dicção de Gregório. No soneto aqui reproduzido, note o leitor a beleza e o “*mot juste*” do segundo quarteto em que um jogo de palavras se alia a um jogo de ideia, ambos de bastante eficácia na construção de um quadro. Todo o soneto, aliás, é de feitura e bom gosto admiráveis, tendo em vista a época e o meio em que foi escrito.

N. B: O leitor terá notado a inflação de sonetos nesta seção. Mas que fazer, numa língua em que o melhor quase sempre coincide com o menor? Numa língua em que se ama antes de tudo o fácil, o cômodo? A canzone, outro gênero italiano posto em moda por Sá de Miranda e seus coevos, passada a gloriosa renascença, nunca mais foi praticada em nossa língua. Por quê? Por ser mais difícil... (FAUSTINO, PE, n. 025, 10 mar. 1957).

Aqui, é a primeira referência ao poeta baiano, em que considera ser o primeiro poeta, de fato, brasileiro, explicação que voltará num artigo da seção “Evolução da poesia brasileira”. Mário Faustino, então, tenta ilustrar os poemas tidos, por ele, como o melhor da língua portuguesa, dando preferência para o soneto, bem como fazendo comparações com a poética brasileira, como no caso do poema anônimo “A Nau Catarineta”, famosa cantiga marítima, em que “tem tido inúmeras versões, não só no cancioneiro das diversas províncias de Portugal e até da África Portuguesa, como também no brasileiro, sobretudo no Nordeste, as canções e as histórias sobre o mesmo tema” (FAUSTINO, PE, n. 007, 04 nov. 1956).

Em resumo: a seção “O melhor em português” traz como fonte de pesquisa as formas poéticas praticadas pelos poetas clássicos portugueses, em que as formas líricas italianas são atualizadas, bem como a técnica, a “exatidão do termo, competência profissional – tudo isso que talvez seja mais importante, no sentido progressivo para nossa poesia até hoje em formação” (FAUSTINO, PE, n. 028, 31 mar. 1957).

3.1.3 “Evolução da poesia brasileira”

A seção “Evolução da poesia brasileira” é o último do trabalho de Mário Faustino no Suplemento Dominical. Trata-se de uma seção de antologia poética à procura das fontes da formação da poesia brasileira, na qual reuniu em 10 números o comentário crítico sobre 13 poetas: Anchieta, Bento Teixeira, Gregório de Matos (duas publicações), Botelho de Oliveira, Alexandre de Gusmão, Antônio José da Silva, Domingos Caldas Barbosa, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga (três vezes), Silva Alvarenga, Souza Caldas, Basílio da Gama (duas vezes) e Santa Rita Durão. A seção circulou entre 31 de agosto a 11 de janeiro de 1959, substituindo a série de artigos de crítica e tradução: “Fontes e correntes da poesia contemporânea”.

A primeira fonte da poesia brasileira é encontrada em José de Anchieta, o qual, segundo Faustino, fez parte de um processo de aculturação necessária:

No Brasil a poesia tem sido, desde os primeiros versos compostos aqui (ou alhures sobre temas brasileiros por poetas nascidos aqui mesmo ou em terras portuguesas e até mesmo espanholas), uma poesia imitadora, “diluidora”. Diluição, isto é, imitação sem progresso em relação ao modelo original (FAUSTINO, PE, n. 096, 31 ago. 1958).

Para Mário Faustino, a poesia feita no período colonial está marcada pelas formas poéticas importadas da Europa, seguindo os passos de todos os aspectos econômicos e culturais de um processo de aculturação do Estado-Nação: “Podemos consolar-nos a hipótese de que se tem feito até há pouco, até hoje, ou até amanhã, terá sido a necessária aculturação, numa nova totalidade social, de tradições e técnicas poéticas já experimentadas e mesmo abusadas na Europa” (FAUSTINO, PE, n. 096, 31 ago. 1958). Igualmente a esse processo, outras áreas, como a economia, a religião, a política, as artes em geral, também passaram por um processo civilizatório de formação, o que, para ele, a poesia não poderia constituir uma exceção.

Se no último quartel do século XVI a poesia brasileira produz os seus primeiros documentos literários, “ora com temática ora com linguagem, ora com ambas, ostentando sinais de uma reelaboração de material antigo embreado à nova realidade: a terra brasileira, inclusive seus indígenas”, essa produção é fruto, diz Faustino, de um processo de diluição, em que a linguagem poética têm os traços e as formas da poesia de “Homero a Virgílio a Camões; de Dante a Petrarca a Ariosto a Sannazaro a Sá de Miranda a Camões; de Marini a Góngora aos gongóricos portugueses; dos toscanos e provençais aos cancioneros e romanceiros ibéricos a Gil Vicente... (FAUSTINO, PE, n. 096, 31 ago. 1958).

Portanto, os jesuítas, em especial Anchieta, trouxeram “a fonte medieval da poesia de língua portuguesa; trouxeram um pouco da experiência poética de língua latina e, aqui chegando, formam os primeiros a tentar o aproveitamento poético de língua indígena”. Como contribuições, temos o teatro relacionado com a importação do romance poético: “a arte de trovar, os jogos florais, os cancioneiros, as líricas do teatro de Gil Vicente”, o que faz de Anchieta, segundo Faustino, “o primeiro poeta dentre muitos, jesuítas ou não, que, até Gregório de Matos, escreveu no Brasil ou sobre o Brasil”.

Em seguida, Mário Faustino atribui à *Prosopopeia* de Bento Teixeira a segunda fonte europeia: o ramo clássico, renascentista dessa poesia. Essa obra, para o crítico, é uma “pequena imitação dos *Lusíadas* de Camões, poema de importância predominantemente documentária mas que ainda assim apresenta uma ou outra estrofe de algum valor artístico”. (FAUSTINO, PE, n. 096, 31 ago. 1958.)

Com Gregório de Matos, Faustino discute a terceira fonte da poesia brasileira: a poesia barroco-seiscentista, sob influência do marinismo italiano e do gongorismo, bem como de Quevedo. Sobre a obra do poeta baiano, o crítico aponta para os trabalhos acadêmicos a institucionalização da obra de Matos, verificando, ainda naquela época (1957), problemas de organização:

Até o momento, o que existe é caos. As acusações de plágio, feitas já em vida do poeta, são exageradas por aqueles que põem inteiramente de lado uma hipótese que nada tem de absurda: a de que os poemas em que se acusa Gregório de plagiar, por exemplo, Góngora, Quevedo e Sá de Miranda, talvez sejam apenas competentes e legítimas traduções que os sucessivos copistas poderiam ter atribuído ao poeta, assim em alguns casos inocentes, e em vários outros culpados (FAUSTINO, PE, n. 097, 14 set. 1958).

Aqui, mais uma vez, a relação entre criação e/ou a tradução é valorizada por Faustino. Gregório de Matos é considerado pelo crítico como o primeiro poeta, de fato, brasileiro, o que já tinha esboçado nas notas de “O melhor em português”. Para o processo de evolução da poesia brasileira, ele afirma:

Gregório é no nosso primeiro poeta “popular”, com audiência certa não só entre intelectuais como em todas as camadas sociais, e consciente aproveitador de temas e de ritmos da poesia e da música populares; o nosso primeiro poeta “participante”, no sentido contemporâneo; poeta de admiráveis recursos técnicos; e um barroco típico: assimilador e continuador da experiência neoclássica da renascença, sensualista visual, “fusionistas” (harmonizador de contrários), “feista” (utilizando temas convencionalmente “feios”), amante dos pormenores, culteranista, conceitualista, etc. (FAUSTINO, PE, n. 097, 14 set. 1958).

Dos poetas comentados, há a importante interpretação da obra de Antônio Pereira de Souza Caldas, uma vez que considera as traduções do poeta como outro horizonte de análise criativa do escritor:

Uma das marcas de nossa deficiência cultural é a tendência somente levar em consideração, no julgamento dos poetas, a sua obra original, passando-se ao largo as traduções; ora, é preciso reconhecer encontrar-se na tradução, na paráfrase, na “homenagem” (à maneira de Pound), na paródia mesmo, um dos terrenos mais fortes – e indispensáveis – do trabalho poético (FAUSTINO, PE, n. 104, 14 dez. 1958).

Como justificação dessa concepção, Mário Faustino cita alguns trabalhos na língua inglesa, cujas obras-primas são traduções: “as várias versões da *Bíblia*, as *Metamorfoses* de Ovídio-Golding, os *Rubaiyat* de Khayyam-Fitzgerald, recentemente as *Fábulas* de La Fontaine-Marianne Moore.” (FAUSTINO, PE, n. 104, 14 dez. 1958). Assim, compara as traduções de salmos da *Bíblia*, de Souza Caldas, direto do hebraico, como sua significativa contribuição poética, pois a produção “original” do poeta, segundo o crítico, “não passa muito de um imitador dos latinos e dos portugueses seus antecessores próximos ou remotos como Camões e Correia Garção”.

Nesse artigo sobre Souza Caldas, o crítico propõe, portanto, a análise das traduções dos salmos bíblicos como estratégia analítica da obra poética, uma forma de valorizar as contribuições do escritor, o que é ressaltado no texto crítico. Faustino reconhece a deficiência em confrontar as traduções com o texto em hebraico: “o hebraico é mero ponto de partida – do mesmo modo que qualquer tema num poema original. Infelizmente, não conhecemos a língua de Davi e Asaph; o leitor que participar de nossa deficiência poderá, no entanto, constatar o que há de criador nas traduções de Caldas comparando com as traduções correntes, em prosa, católicas ou protestantes”.

Em “Mário Faustino, professor de poesia”, Walter Carlos Costa (2005) acompanha a proposta indicada por Faustino, reproduzindo o Salmo 3, na tradução do poeta e na do tradutor mais conhecido da *Bíblia* em língua portuguesa:

Souza Caldas	João Ferreira de Almeida
Ah, Senhor! que crescendo meus inimigos Apinham-se, e me encaram furiosos! Quantos me estão bradando: “Debalde espera que o seu Deus o salve”! Mas tu és, ó Senhor, o meu esteio,	3:1 Senhor, como se têm multiplicado os meus adversários! Muitos se levantam contra mim. 3:2 Muitos são os que dizem de mim: Não há socorro para ele em Deus.

E a minha doce glória; O rosto entre os perigos tu me exaltas.	3:3 Mas Tu, Senhor, és um escudo ao redor de mim, a minha glória, e aquele que exulta a minha cabeça.
---	---

Como se vê, Faustino considera esses versos traduzidos como consequência de uma “versificação competente e de riqueza de linguagem”, e lamenta não termos em português, assim como as línguas neolatinas, “traduções dos testamentos que sejam monumentos literários”, como no inglês e no alemão. Nesse sentido, a visada de Caldas tradutor, para o crítico, “serve para marcar um alvo a atingir por futuros tradutores preocupados não só com a letra como com a poesia do original” (COSTA, 2005, s/d), e sugere que a seleção desses salmos poderia se transformar em uma importante antologia, com benefícios significativos para a língua portuguesa.

Ele finaliza o exame do poeta-tradutor, indicando na sua crítica, um exemplo de futuras análises da poesia de escritores brasileiros, que considera o trabalho da tradução como foco de avaliação poética:

Sirva, enfim, esta amostragem, para que em análises futuras não mais se diga, apressadamente, que “as traduções dos Salmos, feitas por Souza Caldas, em nada contribuem para melhorar o juízo crítico que se possa fazer de suas qualidades poéticas”; muito pelo contrário, conforme esperamos ter demonstrado, é exatamente nessas traduções que se encontra a contribuição de Caldas, qualquer que seja a sua magnitude (FAUSTINO, PE, n. 104, 14 dez. 1958).

3.2 TEORIA DA POESIA

O aspecto teórico de “Poesia-Experiência” está inserido nas seções “Diálogos de oficina” e “Subsídio de crítica”, incluído o ensaio “Duas reflexões sobre poesia”, de Benedito Nunes, publicado na página. “Diálogo de oficina”, seção que reuniu as primeiras reflexões de Mário Faustino sobre a linguagem poética, publicados em 15 números consecutivos, entre 23 de setembro a 30 de dezembro de 1956. Trata-se de textos escritos à maneira maiêutica, em que dois interlocutores mascaram a mesma personagem. Eles discutiam aspectos dos problemas de percepção e de expressão, éticos e estéticos através dos três seguintes tópicos: “Para que poesia?”, “Poeta e seu mundo” e “Que é poesia?”. Em sua autocrítica, Mário Faustino reconhece o cansaço desses textos, divididos em torno de cinco séries para cada questão: “A forma dialogada desta seção acabou por cansar-nos – e, portanto, ao leitor. Daí morreu” (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957).

De acordo com a visada pedagógica da crítica didática, Mário Faustino expõe um conjunto de textos para instruir o conhecimento teórico da poesia, em sua maioria textos traduzidos, com a exceção da colaboração do professor francês Michel Debrun⁴⁴. Esses textos tiveram três rubricas distintas: a primeira, chamada de “Antologia de crítica” (cinco números), de 23 de setembro a 21 de outubro de 1956; a segunda, nomeada “Subsídios de crítica” (16 números), de 28 de outubro a 24 de março de 1957; e a última, intitulada “Texto-pretexto para discussão” (seis números), funcionando de 15 de setembro a 17 de novembro de 1958. Segundo o crítico, pretendia “reproduzir textos para fornecer pretextos a discussões. Nem sempre, é claro, estávamos inteiramente de acordo com o original – traduzido ou reproduzido”. É nesse sentido que ele traduz e reproduz textos, em sua maioria, de autores de língua inglesa: T. S. Eliot: “Poesia difícil”; Ezra Pound: “Conselhos a quem começa a escrever (trechos de *A Retrospect*, 1918) e “O artista sério” (em dois números); W. B. Yeats: “Para que serve o ritmo”; S. I. Hayakawa: “Para que serve a literatura”; Hebert Read: “Prosa e Poesia”; William

⁴⁴ O autor publicou dois ensaios em “Poesia-Experiência”: “Poesia e louvor” (PE, n. 011, 02 dez. 1956) e “A palavra poética” (publicado em dois números: PE, n. 014 e 015, nos dias 23 e 30/12/1956). Na primeira colaboração, Mário Faustino escreve a seguinte nota: “O autor do artigo acima, escrito especialmente para esta coluna, é professor de Sociologia da Universidade de Toulouse, França, tendo também, frequentemente, lecionado filosofia e literatura. Encontra-se presentemente no Rio de Janeiro, por acordo com a ONU e o governo francês, ensinando na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas” (FAUSTINO, PE, n. 011, 02 dez. 1956). Michel Maurice Debrun (1921-1997), professor Emérito da UNICAMP, radicado no Brasil desde 1956, desempenhou diversas funções na UNESCO, e partir de 1970 passou a lecionar no Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP (ABRAHÃO, Disponível em: <<https://www.cle.unicamp.br/index.php>>).

Wordsworth: “Que é um poeta?”; e de Gertrude Stein, o texto “Poesia e gramática”, dividido em cinco números. Sobre esse texto, Augusto de Campos lembra no artigo “Gertrude Stein”, publicado no Caderno Mais da *Folha de S. Paulo*, em 21 de julho de 1996:

Mário Faustino verteu, pioneiramente, entre setembro e outubro de 1957, em vários números do “Suplemento Literário” do *Jornal do Brasil*, o estudo “Poetry and Grammar”, que, no entanto, não veio a ser incluído nas posteriores coletâneas dedicadas ao poeta, morto prematuramente.

Essa tradução abre o conjunto de textos da nova roupagem dada à seção de crítica: “Textos-pretexos para discussão”. É uma tradução que Mário Faustino considera experimental, porque trata-se de ponto de vista também experimental, dado pela própria linguagem da autora, o que faz o tradutor adotar explicações e notas no decorrer da publicação de cada parte do texto traduzido. A primeira nota revela a intenção da seção:

Nesta nova seção publicaremos textos – com os quais o orientador da página poderá estar ou não de acordo, em parte ou em todo – sobre poesia, escritos por toda a gente, em toda a parte, em todos os tempos, mas sem qualquer espécie de ordem, e sem outro propósito senão a intenção geral de provocar discussão entre os leitores ou no espírito de cada leitor (FAUSTINO, PE, n. 052, 15 set. 1957).

Na última parte de sua tradução, Mário Faustino faz uma série de observações sobre o texto de Stein, destacados abaixo:

O trabalho de Gertrude Stein que acabamos de traduzir – escrito na década de vinte, numa linguagem pessoal perturbadora (se bem que às vezes de duvidosa eficiência) – é o relatório, como que oral e íntimo, de suas experiências em anos e anos de luta com a linguagem, prosa e poesia, numa época como ainda hoje, em que é especialmente difícil escrever (os que se satisfazem com repetir e arremedar, os que não têm problema acham fácil) (FAUSTINO, PE, n. 056, 27 out. 1957).

Mário Faustino, em sua leitura, verifica uma experimentação em linguagem poética, seja em verso ou em prosa, sendo “Poetry and Grammar” “importante tanto para quem experimenta em poesia como para quem experimenta em prosa”, sobretudo relacionado às fraturas da linguagem, na estrutura linguística fragmentada, vistas no uso da pontuação, das frases, dos parágrafos, do ritmo, etc. A esse respeito, Faustino sugere a comparação entre os escritos de Stein com a dos poetas concretos. Ele finaliza o texto exaltando a proposta da escritora:

num tempo em que quase todos falavam em poesia em termos pseudometafísicos, pseudoacéticos, pseudomágicos, essa mulher chamava a atenção de seus leitores para pontos e vírgulas e materiais de construção. Uma rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa (FAUSTINO, PE, n. 056, 27 out. 1957).

Nesse texto, é possível ver a experimentação na tradução de Mário Faustino, considerando os aspectos da escrita da autora, conforme os excertos poemáticos traduzidos de “Poesia e gramática”: os primeiros fragmentos traduzidos e comentados são exemplos de *How to Write* (1931), em que ela tenta descobrir “qual o equilíbrio não emocional de uma frase e qual o equilíbrio emocional de um parágrafo e se é possível fazer mesmo numa frase curta as duas coisas serem uma” (STEIN, PE, n. 054, 13 out. 1957).

Mário Faustino, portanto, traduz os exemplos dessa tentativa de construção, os quais reproduzimos alguns deles a seguir:

He looks a young man grown Old.

(N. do T.: “Ele parece um jovem envelhecido”. Ao pé da letra: “Ele parece como um jovem homem crescido (tornado) velho”. A frase tem uma série de movimentos conexos-desconexos: *looks like young, young man grown, man grown old*)

It looks like a garden but he had hurt himself by accident. (N. do T.: Parece um jardim mas ele se havia ferido acidentalmente. Observar o contraste aproximativo entre as duas principais partes da frase-parágrafo).

A dog which you have had before has sighed. (Tradução sem comentários. Um cachorro que a gente nunca teve suspirou).

(N. do T.: G. S. dá mais um exemplo que, contudo, não funciona em português e que por isso mesmo resolvemos omitir. As frases acima, citadas pela A., são extraídas de seu livro *How to Write*, “Como Escrever”, edição comum da Random House, p. 25, 26, 27, 29, 89, 89, 89 e 90, respectivamente, segundo as indicações da própria A., no texto original). (FAUSTINO, PE, n. 054, 13 out. 1957, grifos do tradutor).

Na quarta parte do ensaio, Faustino faz uma tradução com comentários, nos quais a poeta procura demonstrar seu trabalho com o uso dos substantivos na poesia. Nessas traduções, Faustino tenta explicar o texto, juntamente com a tradução literal, em que demonstra os mecanismos de compreensão do texto. No segundo exemplo, ele sugere ao leitor dicas de compreensão do texto em inglês, sem necessariamente traduzir o excerto, fazendo um jogo de palavras a partir de sua explicação:

Can anybody tell by looking which was the towel used for cooking.
(Tradução ao pé da letra: “Pode alguém dizer olhando qual foi a toalha usada para cozinhar.” A sentença é interrogativa, embora, como sempre, G. S. não

use o ponto de interrogação. Notar as duas metades da sentença, terminando, cada uma, com ...*ooking*, bem como o ritmo da mesma.)

A VERY VALENTINE

Very fine is my valentine.
 Very fine and very mine.
 Very mine is my valentine very mine and very fine.

Very fine is my valentine and mine, very fine very mine and mine is my valentine.

(O leitor, mesmo sem saber inglês, poderá, com a seguinte chave, acompanhar a ideia de G. S.: valentine = espécie de carta anônima, de amor ou de brincadeira, que se envia no dia dos namorados, dia de S. Valentim, 14 de fevereiro, em certos países de língua inglesa. Também pode significar o próprio destinatário. Very fine, very mine = muito bonita, muito minha.) (FAUSTINO, PE, n. 055, 20 out. 1957).

O último exemplo traduzido por Faustino é uma tradução em prosa, seguida de comentários:

XIV

It could be seen very nicely
 That doves have each a heart,
 Each one is always seeing that they could not be apart,
 A little lake makes fountains
 And fountains have no flow,
 And a dove has need of flying
 And water can be low,
 Let me go.
 Any week is what they seek
 When they have to halve a beak.
 I like a painting on a wall of doves
 And what do they do.
 They have hearts
 They are apart
 Little doves are winsome
 But not when they are little and left.

(O poema acima, cheio de jogos de palavras, é quase intraduzível; ao pé da letra temos, praticamente: “Podia-se ver bem direitinho que cada pomba tem seu coração, cada uma está sempre vendo que não poderiam estar separadas, um pequeno lago produz fontes e as fontes não têm fluxo, e uma pomba precisa voar e a água pode estar baixa, deixa-me ir. Toda semana é o que elas procuram quando têm de dividir um bico. Gosto de um quadro numa parede de pombas, e do que elas fazem, elas têm corações elas estão separadas as pombinhas são encantadoras porém não quando são pequenas e abandonadas”. As citações acima são extraídas, segundo indicação da autora, de “Before the flowers of friendship faded friendship faded”, edição comum, p. 16).

Esse tipo de tradução é uma das formas muito presente noutra seção, a “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, que funciona como um meio de compreensão através do significado do texto poético, uma das formas didáticas da tradução e da crítica desenvolvida na página “Poesia-Experiência”. A tradução do ensaio de Stein representa uma tentativa de apresentar ao leitor a experiência poética mais radical, representados como uma maneira de pensar o fazer poético por meio de uma diversidade de concepção dessa construção do texto poético. Além das traduções de autores de língua inglesa, Faustino traduziu os de língua italiana, autores como Benedetto Croce, com dois textos: “Expressão poética” e “Retórica, poesia e linguagem”; e Gian Vincenzo Gravina; do francês: André Gide (duas vezes), Gaetan Picon; e Jean-Paul Sartre: “O poeta e a linguagem” (traduzido de *Situations II*); do alemão: Wilhelm Dilthey: “A função elementar do poeta”; e Alexander Gottlieb Baumgarten: “Pensamento e poesia”, a partir do inglês, numa tradução indireta (baseado na versão de E. F. Carritt). Nesse apanhado de textos, há espaço para o texto do argentino Edgar Bayley, com a “Linguagem poética”, traduzido da *Revista Poesia Buenos Aires*, em que Faustino apresenta uma nota sobre o texto, bem como menciona um conjunto de revistas importantes da Argentina, demonstrando seu conhecimento a respeito da poesia da América Latina:

[Linguagem poética] é extraído do ensaio “Realidade interna e função da Poesia”, edição da *Revista Buenos Aires*, publicação de vanguarda que reúne alguns dos principais nomes da atual poesia argentina. Edgar Bayley, nascido em 1919, tem participado ativamente em todos os movimentos da poesia argentina de durante e depois da última guerra. Seus poemas ao que sabemos ainda não aparecidos em livro, têm surgido em quase todas as revistas literárias da Argentina, como *Arturo*, *Invencción 2*, *Contemporânea*, *En Comun*, *Poesía Buenos Aires*, *Conjugación Buenos Aires*, *Calbagata*, *Caballo de Fuego*, etc. (FAUSTINO, PE, n. 010, 25 nov. 1956).

O crítico reproduz também o texto de Fernando Pessoa, “Apontamentos para um estética não-aristotélica”. Assim, Mário Faustino consegue instigar através dessa diversidade um conjunto de informações a respeito de problemas específicos da poesia, como o ritmo, a diferença entre prosa e poesia, questões de estética, bem como os conselhos ao jovem poeta, além de refletir sobre o papel ou a função do poeta e da literatura, sendo essa seção e suas variações estruturais uma extensão dos problemas da poesia vistas nos “Diálogos de oficina”.

3.3 TRADUÇÃO DE POESIA

As seções “É preciso conhecer”, “Clássicos vivos” e “Pedras de toque” reúnem especificamente a prática de tradução de Mário Faustino no jornal, no sentido mais formal dessa

prática. Cada seção tinha um objetivo específico, seja na seleção de poetas modernos ou clássicos, bem como na antologia de pequenos excertos que exemplificavam a linguagem poética. Portanto, a seguir, buscaremos descrever as formas tradutoras dessa prática, vendo a contribuição de cada seção para a formação de poesia em jornal.

3.3.1 “É preciso conhecer”

O objetivo dessa seção, segundo Mário Faustino, “era apresentar ao leitor brasileiro, pouco versado em línguas estrangeiras, trabalhos de poetas contemporâneos importantes e menos conhecidos no Brasil” (PE, n. 053, 06 out. 1957). A seção foi interrompida para dar espaço à seção de crítica e tradução, “Fontes de correntes da poesia contemporânea”. Ela durou um ano, aproximadamente, entre 23 de setembro de 1956 a 20 de outubro de 1957, tendo publicado 19 poetas, de diversas nacionalidades e línguas: da língua inglesa (oito poetas), do espanhol (quatro poetas), do francês (três poetas), igualmente do italiano, e um da língua alemã. Mário Faustino priorizava o caráter bilíngue de suas publicações, pois o objetivo era dar ao leitor a possibilidade de comparação da tradução com os poemas no original, a exceção acontecia quando ele não tinha espaço para publicar o texto de origem. Por se tratar de um empreendimento didático, o tradutor sempre produzia notas explicativas sobre o autor escolhido ou o poema, indicando a relevância dessa antologia. A seção contou também com a colaboração de Augusto de Campos, na tradução do italiano Eugenio Montale e do chileno Vicente Huidobro, numa tradução do poema do francês (“Fragment d’Altazor”)⁴⁵. Dessa última tradução, há uma nota importante de Augusto de Campos, em que ele defende a necessidade de uma tradução por reinvenção, em detrimento da tradução literal: “evidentemente, não pode a tradução ser sempre literal. Aqui, mais do que nunca, deve tentar ser uma reinvenção”. Essa afirmativa expressa a concepção de que diante de textos mais complexos, sobretudo os textos tidos como experimentais, não podem ter a sorte de serem traduzidos “ao pé da letra”, ou de forma literal, palavra por palavra, sob o risco de perder os aspectos importantes do texto de partida. Esse diálogo tradutório nos parece um indicativo relacionado, por um lado, a uma forma

⁴⁵ “Fragment d’Altazor”, publicado na revista *Transition*, de Eugène Jolas, sob o título de *An International Quarterly for Creative Experiment*, n. 1920, Paris, junho de 1930, p. 194-195. Esse poema é uma antecipação em francês de uma parte do Canto IV (45 versos), na qual o poeta cria palavras denominadas por *portmanteau*. A esse respeito, Augusto de Campos comenta, em sua nota da tradução, sendo esse processo uma espécie de “amalgama de duas ou mais palavras numa só”, processo visto também em *Finnegans Wake* de James Joyce e em Lewis Carroll.

de ver o texto traduzido, reconhecido no campo dos processos de recriação e reinvenção, baseado nos pressupostos de Pound, mas, por outro, o comentário se apresenta também sobre o próprio gesto tradutório realizado por Faustino, uma vez que ele muitas vezes nomeia as suas traduções como “literais” ou “quase literais”, o que pode ser visto como um horizonte do seu trabalho didático, tendo em vista os objetivos de cada seção da página poética.

Figuraram na coluna autores modernos, uma vez que Faustino já buscava as fontes da poesia contemporânea, seguindo o objetivo de apresentar ao público aqueles poetas menos conhecidos no Brasil. Assim, a primeira escolha é o poeta francês Antonin Artaud (1896-1948), poeta, nas palavras de Faustino, como

[...] um dos mais fortes poetas do meio-século, descendente de Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont, de certo modo, dos surrealistas, senão poetas malditos, pelo menos poeta possesso, vida tão intensa e dramática quanto sua própria poesia, autor de *L'ombilic des limbes* [Gallimard, NRF, Paris, 1925], *Le pèse-nerfs* [Leibovitz, Paris, 1925], *Héliogabale* [ou *L'Anarchiste couronné*, Denoël & Steele, Paris, 1934], etc., sem esquecer poema-estudo Van Gogh... (FAUSTINO, PE, n. 001, 23 set. 1956)⁴⁶.

Depois do francês, ele publica mais dois autores dessa literatura: Gabriel Audisio (1900-1978), definido pelo crítico como um “poeta amante da vida e do mundo, poderoso, agitado, impaciente com as limitações da própria língua” (PE, n. 009, 18 nov. 1956). Numa publicação monolíngue, Faustino declara sua tradução como “quase literal”, e mais uma vez não publica o original por falta de espaço. Traduz o poema “Rapsodie de l’amour terrestre” (Rapsódia do paraíso terrestre). O terceiro poeta francês escolhido para compor a antologia chama-se Victor Segalen (1878-1919), com o poema “Éloge et pouvoir de l’absence” (“Elogio e poder da ausência”), em publicação bilíngue, seguida de notas explicativas sobre o autor, que é considerado como “poeta do espaço”, “poeta exótico”, juntamente como Valéry Larbaud, H. J. M. Leyet, Paul Morand, que são, segundo Faustino, “amantes do moderno, descendentes de Whitman, predecessores de Saint-John Perse” (FAUSTINO, PE, n. 034, 12 mai. 1957).

Da Espanha, escolhe três poetas: o primeiro, o poeta Miguel Hernández (1910-1942), o qual considera o autor mais importante depois de Garcia Lorca. A fama do poeta é inaugurada com o livro *El rayo que no cesa*, título homônimo do poema traduzido por Faustino, pois “sua poesia reúne as duas grandes correntes da poesia tipicamente espanhola: o elemento erudito,

⁴⁶ Em publicação bilíngue, Faustino traduziu o poema “Prière” / “Prece”, originalmente publicado em *Tric trac du ciel*. Paris: Galerie Simon, 1923.

inspirado em Góngora e Calderón, e o popular, do Romancelheiro”. Depois (acrescida mais tarde de outros poemas), sua principal obra é o autossacramental “Quien te há visto y quien te ve”. Em seguida, publica dois poemas de Manuel Altolaguirre: “Separación” (*Ejemplo*, 1927) e “Tus palabras” (*Poesía*, 1930). Sobre o poeta, diz que, “difícil tem sido, em nossa época, fazer poemas válidos, originais, eficientes, tendo o amor como tema central”; por isso, ele reconhece nos espanhóis os que melhor enfrentam essa dificuldade. O terceiro, o poeta Carlos Bousoño (1923-2015), do qual publica, de forma monolíngue, “Três poemas sobre a morte”. Em nota explicativa, cita o crítico Vicente Aleixandre (1898-1984), que considera o poeta como “la voz más pura que haya sonado nunca, acaso, en la poesía española”.

Da Itália, publicou Eugenio Montale (em tradução de Augusto de Campos) o poema (“Gli Uomini” / “Os homens”), de Ugo Betti (1892-1953), sobre o qual considerou “o maior dramaturgo que a Itália produziu desde Pirandello”; e um poema curto (“Tantalo”), de Enzo di Poppa (1898-1982). Sobre este, Mário Faustino diz ser o poeta mais ligado à língua portuguesa, uma vez que foi professor de Cultura Italiana na Universidade de Coimbra, tendo publicado um romance em português: *Os últimos homens da lua*, bem como traduziu para o italiano o teatro completo de Gil Vicente e verteu para o italiano um dos livros de Ribeiro Couto [*Lungogiorno*, Siena, Maia, 1952], além de ter organizado e traduzido a antologia *Poeti Portoghesi Moderni* [*Poeti moderni portoghesi*, 1942].

Da Alemanha, selecionou um poema de Bertolt Brecht (1898-1956), em razão de sua morte no ano de 1956. Numa publicação monolíngue, ele traduz “À posteridade” [“An die Nachgeborenen”], um poema condizente com o momento da morte de um dos poetas mais importantes desse país. Em nota, Mário Faustino expressa seu pensamento a respeito do poeta:

O leitor que acompanhou o abundante noticiário provocado pela morte recente do grande poeta alemão, saberá o suficiente sobre a vida e a obra de Bertolt Brecht. Bastará talvez frisar aqui nossa opinião de que o principal valor de Brecht reside no fato de ter sido ele um dos poucos que, em nosso século, conseguiu fazer, ao mesmo tempo, poesia interessada e poesia. Ele – com Maiakovski (que dizem ter morrido por isso), com Auden, com Spender, Hernández, Drummond e raros outros – compreendeu, guiado por Whitman e Rimbaud, por Apollinaire, Klee e Groz, que a transformação do mundo pela qual devem lutar os poetas incluí também, e principalmente, a transformação das artes e da língua (FAUSTINO, PE, 012, 09 dez. 1956).

Se até aqui vimos os poetas modernos europeus e um latino-americano, os oito poetas modernos de língua inglesa parecem dar o tom da seção, no sentido da construção de uma antologia de poetas ou poemas poucos conhecidos no Brasil. São eles: e. e. cummings (1894-

1962), *grosso modo*, não faz parte do critério inicial da seção, mas sua escolha é justificada por ser um poema que exemplifica a linguagem inovadora, uma vez que

[...] a publicação deste poema procura atender à necessidade cada vez maior de despertar entre nós a atenção dos poetas jovens para o mestre do ideograma, o homem que conseguiu criar e solidificar um instrumento, lógico-musical-imagístico de tal maneira original e eficiente que, diante dele, empalidecem as tentativas caligramáticas de Apollinaire (FAUSTINO, PE, n. 002, 30 set. 1956, p. 15).

O segundo poeta norte-americano escolhido é o Hart Crane (1899-1932), o qual Faustino não consegue entender a baixa recepção crítica desse poeta nos Estados Unidos, ao contrário do que se via na Inglaterra, observa o crítico. Crane, segundo ele, é

homem que conseguiu reunir em si mesmo o espírito de Whitman e o de quantos poetas, em seu País, preferem o trabalho da língua à mensagem social e profética, a poesia de “The Bridge” (nascido em 1889, no Ohio, tendo-se suicidado em 1932 no mar das Antilhas) possui uma das linguagens mais coesas e mais poderosas, a um tempo de grande perfeição formal e de alta voltagem expressional, que se podem encontrar na poesia de nossa época. A bela elegia que hoje publicamos – em memória de um amigo do poeta – é dos mais delicados exemplos de seu “mood” lírico: não esqueça o leitor, entretanto, que o Crane mais importante é o épico de *The Bridge* (FAUSTINO, PE, n. 006, 28 out. 1956, p. 11).

Depois, escolhe o poema “In May Craft or Sullen Art”, de Dylan Thomas (1914-1953), em que considera, em nota,

[...] uma das maiores forças de telúricas que a poesia inglesa apresentou desde dos isabelinos, Dylan Thomas deixou uma poesia cujo poder, densidade, violência e paixão mística dificilmente encontram rival no meio século em que viveu.

Escolhe em seguida o poeta Wallace Stevens (1879-1955), que, se comparado a Cummings, não é um poeta de publicação recente, “mas sendo, por um lado, considerado pela crítica de língua inglesa um dos mais importantes poetas do século e, por outro lado, quase inteiramente desconhecido no Brasil”, Faustino resolve incluí-lo em “É preciso conhecer”. O crítico resume a obra de Stevens como “original, humano, irônico, vivo, musical, ‘vistuoso’, constitui uma das fontes férteis da moderna poesia norte-americana”.

Allen Tate (1899-1979), poeta norte-americano, que para Faustino é um poeta incomparável na sua proposta poética-crítica, pois consegue reunir essas duas atividades de forma significativa, juntamente com outro poeta-crítico, William Empson (1906-1984):

Allen Tate (norte-americano) forma com William Empson a dupla daqueles que ninguém sabe se são maiores como poeta ou como críticos literários, pois a obra de ambos é igualmente importante e numa e noutra feição. Há críticos ingleses e americanos – Blackmur, Cleanth Brooks, Herbert Read etc. – que também fazem poesia, muita vez ótima poesia; e há os grandes poetas, como Eliot, Pound, Ramson, etc., quase todos, que também fazem poesias, críticas, muitas vezes crítica indispensável. Mas Tate e Empson são um caso único de equilíbrio entre duas atividades. O poema acima, do autor de “Poems – 1922-1947”, é bem representativo da voz poderosa e do estilo seguro que sabe ler em poesia o grande crítico de “Reason in Madness” e de “Reactionary Essays on Poetry and Ideas” (FAUTINO, PE, n. 013, 16 dez. 1956).

Marianne Moore (1887-1972) é a sexta poeta escolhida desse panorama de poetas modernos de língua inglesa. Assim como Hart Crane e Stevens, Faustino diz que ela não se encaixa nos critérios da seção, contudo, por ser uma poeta pouco conhecida ou desconhecida (à época) no Brasil, ele decide incluí-la nessa antologia. De fato, o poema “Poetry” [“Poesia”] é a primeira versão traduzida no país.

Em “Poetry, vemos como um grande poeta pode tratar de ideias “em ação” concretizando-as a ponto de mantê-las quase sempre “dentro” da linguagem poética: o conceito, aqui, não é abstração, é um objeto tanto quanto uma árvore, um animal ou uma paisagem (FAUSTINO, PE, n. 015, 30 dez. 1956).

Além disso, Faustino se queixa de muitos poemas da autora (como “The Fish”) serem intraduzíveis. Marianne Moore é a única mulher a figurar entre os poetas da seção. A tradução dedica um espaço especial, de acordo com a disposição gráfica do poema (ver Anexo B), com uma publicação bilíngue, a tradução ladeada com o original, uma das características didáticas do projeto de Faustino.

Archibald MacLeish (1892-1982), poeta norte-americano, não é um grande poeta, de acordo com os critérios de Faustino, mas é um poeta de grande popularidade. Ele é discípulo de Pound, mas, segundo o crítico, “não leva a experiência deste muito longe”. O poema escolhido “Invocation to the Social Muse” (“Invocação à musa social”) está, de acordo com o crítico, dentro da perspectiva do Brasil de hoje (década de 1950), em que havia uma crise social, cultural e econômica, na visão do crítico. Sobre a tradução, diz o tradutor, é

praticamente literal, tratando-se de um poema que usa o verso apenas como meio de expressão combativa, e sobrando-nos pouco espaço – deixamos de dar, quebrando a praxe da página, o original em inglês (FAUSTINO, PE, n. 032, 28 abr. 1957).

James Laughlin (1914-1997), último poeta a figurar na seção. Trata-se de dois poemas curtos traduzidos, em publicação bilíngue, tendo como nota explicativa as características do escritor:

poeta de vanguarda, editor da antologia (vanguarda, também) de *New Directions*, diretor de *Profiles*, revista financiada pela Ford Foundation. Como poeta, uma espécie de montagem da tradição poesia protesto social da década de 30, com as pesquisas formais William Calos Williams/ e.e. cummings (FAUSTINO, PE, n. 055, 20 out. 1957).

3.3.2 “Clássicos vivos”

“Clássicos vivos”, seção dedicada à poesia do passado, tem como objetivo manter viva esta poesia. Nessa seção, diz Mário Faustino: “demos tudo o que pudemos – ao contrário de outros casos, quando a tradução, em prosa, foi apenas roteiro de compreensão, fornecido ao leitor desconhecedor da língua original” (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957). A coluna durou mais que um ano, entre 30 de setembro de 1957 e 03 de novembro de 1957, tendo sido publicados 25 poemas de 20 poetas de diferentes nacionalidades e épocas. Nelas, as traduções são feitas de forma direta ou indiretamente, dependendo a língua traduzida.

O tradutor também se valeu da divulgação de traduções antigas de outros tradutores, como é o caso do “Episódio de Ugolino” (*Inferno*, XXXIII, 46-47), de Dante Alighieri, feita pelo conhecido Barão da Villa da Barra (Francisco Bonifácio Abreu), em que Faustino faz pequenas correções em lugares onde ele não concorda com o tradutor. Outra colaboração, nesse mesmo sentido, foi a apropriação da tradução do Padre Mattos Soares, com a passagem da *Bíblia*, “Davi: Elegia”. Nos comentários a essa tradução, Faustino considera o texto sagrado como “alta poesia” e como fonte de grandes poemas. Em seguida afirma, “Feliz os povos como os de língua inglesa e alemã, que possuem em seus idiomas versões da *Bíblia* que constituem verdadeiros monumentos de suas literaturas”. Do ponto de vista estético, diz que as traduções da *Bíblia* em português são numerosas e “todas mais ou menos fracas”. O trecho que publica, na ocasião, foi extraído das edições católicas, cujas referências são II Reis, I. 18-27, nas protestas, II Samuel, I. 18-27. Junto a essa tradução, o crítico oferece ao seu leitor, como texto de origem, a tradução latina, a *Vulgata*, de São Jerônimo, por considerá-la “belíssima”. Aqui,

também, ele faz algumas alterações na tradução do padre: reproduz o texto em verso, com ligeiras alterações rítmicas.

Para a seção, Augusto de Campos traduziu poemas de John Donne e Andrew Marvell. Do primeiro, divulgou a sua versão de “The Ecstasy” [“O Êxtase”], numa publicação monolíngue, com nota de Faustino, em que descreve esse gesto tradutório como “mais que uma tradução, uma homenagem de Augusto de Campos ao Deão de São Paulo”. A publicação conta com o título com nome do poeta (negrito e caixa alta), com destaque para o nome do tradutor, entre parênteses, seguido da tradução e nota final. Sobre a segunda colaboração, o crítico também publica a seguinte nota explicativa:

A tradução de Augusto de Campos é de “To His Coy Mistress”, o mais célebre poema de Andrew Marvell (1621-1678), o grande contemporâneo de Milton que, poeta para poetas, é um dos principais responsáveis, entre outras coisas, pelo desenvolvimento e permanência da sátira e do humor como elementos vivos do lirismo inglês. É Marvell, sobretudo, o continuador do “cantábile” isabelino, sendo uma de suas maiores conquistas nesse terreno o não menos famoso “Bermudas”. Em “À Amada Esquiva” observara o leitor competente não só a riqueza do original, mantida com fidelidade na tradução, como também –o que nos interessa, a nós brasileiros de mais perto ainda – a capacidade do tradutor que com esse e outros poemas traduzidos, se coloca entre os melhores que já tivemos. MF (FAUSTINO, PE, n. 022, 17 fev. 1957).

Nesses comentários, enaltece o tradutor, verificando também aspectos da fidelidade da tradução, considerando Augusto de Campos como um dos melhores tradutores brasileiros de sua época. Ele, por sua vez, torna-se um dos principais colaboradores nas traduções de “Poesia-Experiência”, fato que é lembrado pelo amigo em entrevista, para o *Jornal da Unicamp* :

O grande Mário Faustino (este entendia do riscado) revirou, um dia, a minha pasta de traduções e foi marcando, com uma cruz a lápis, as que mais gostava. Publicou algumas delas na sua admirável página “Poesia-Experiência”, no Suplemento Literário do *Jornal do Brasil*, entre 1956 a 1958, na fase da poesia concreta que denominamos “ortodoxa” (CAMPOS, Augusto, 2008, p. 5).

Além dessas colaborações, Faustino divulga as traduções de Homero feita por Carlos Alberto Nunes, importante tradutor do grego, tendo traduzido toda a obra completa de Platão. Em carta a Benedito Nunes, sobrinho do tradutor, Mário Faustino faz o seguinte pedido endereçado ao tradutor do grego:

Escreve a ele [Carlos Alberto Nunes] e pede-lhe um volume da *Iliada* e outro da *Odisseia*, para mim. Isso urgente. E pede-lhe que me ponha na lista dele, de maneira a que eu possa receber as novas edições, logo que saírem. Conta de minha admiração por ele, etc. Um dia destes, se eu tivesse os livros em mão, gostaria de escrever um artigo sobre essas traduções. Não, naturalmente,

como traduções de Homero – não sou técnico no assunto nem sei grego – mas sobre a contribuição que essas traduções poderiam dar à evolução da poesia brasileira, se fossem melhor difundidas que o têm sido até agora. Bené, meu caro, não sabes como te agradeceria se recebesse o mais cedo possível essas traduções (Carta, Rio de Janeiro, 15 ago. 1956, *in*: FAUSTINO, 2017, p. 87).

Ele tinha a noção da importância da tradução com ato de contribuição para a formação da língua e literatura de um país. Por isso, o crítico abre espaço para a divulgação de excertos da *Iliada* de Homero, traduzido por Carlos Alberto Nunes. Na ocasião, Faustino, mais uma vez, observa a grandeza das traduções, equiparada a criações poéticas em língua vernácula.

Uma tradução pode constituir monumento de uma língua, muita vez mais importante para o desenvolvimento desta que as criações originais. Caso, por exemplo, da Bíblia de Lutero, em alemão, das *Metamorfoses* de Ovídeo (Golding) e dos Rubayát de Khayyám (Fitzgerald) em inglês e, em português, do *D. Quixote* de Castilho. Temos no Brasil um caso recente: o Sr. Carlos Alberto Nunes publicou, há anos, em São Paulo (Ed. Athena) versões portuguesas da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero que são genuínas obras-primas de nossa língua, um marco respeitável no progresso da nossa linguagem poética. Traduções fidelíssimas (comparamos numerosos trechos com versões “clássicas” inglesas e francesas) compostas diretamente do grego e de acordo com o metro original. E, sobretudo, uma verdadeira recriação dos poemas homéricos em nossa língua. O sr. Carlos Alberto Nunes é também tradutor de Goethe, de Shakespeare (*Obras completas*, Ed. Melhoramentos) e de outros: um dos maiores contribuintes da cultura brasileira (FAUSTINO, PE, n. 026, 17 mar. 1957).

Faustino utiliza várias vezes esse método de cotejo, como o mencionado acima, para verificar a “exatidão” da tradução, o que, na verdade, pode ser uma prática pouco eficiente, no sentido de constituição de uma certa fidelidade do texto original, vista na concepção do crítico. Mário Faustino é um verdadeiro promotor, conforme ele mesmo diz noutra carta a Benedito Nunes, a respeito dos comentários sobre as traduções de Carlos Alberto Nunes:

Nota, na minha página, os elogios e as alusões, que, frequentemente, tenho feito a teu tio. Poundianamente, faço a *promotion* das traduções dele, sobretudo, das homéricas. Preciso cada vez mais urgente da *Iliada* e da *Odisseia* dele. Dá um jeito. Aquela seleção que me mandaste era uma merda. Publiquei à falta de outra coisa. Mas a *Iliada* tinha coisa infinitamente melhor (Carta, Rio de Janeiro, 7 abr. 1957, *in* FAUSTINO, 2017, p. 108).

Além das colaborações desses textos, Mário Faustino traduziu poemas de Shakespeare, Hölderlin, Calderón, Guido Cavalcanti, Horácio, Quevedo, Leopardi, Giraut de Bornelh, Etienne Jodelle, Góngora, Platão (epigramas) e Píndaro.

Na tradução de “Sonnet XXX”, Faustino precisa fazer algumas escolhas, e em vez de se dedicar na reprodução em português do período musical, dá preferência na transmissão do

mínimo do pensamento shakespereano, arriscando, como ele diz, na recriação do soneto em uma forma diferente. “Preferimos isso a arremedar o original com metro e rima forçados”. Sobre o soneto, o tradutor afirma que é um dos grandes sonetos do poeta inglês,

[...] sobretudo pela surpreendente exatidão das comparações à primeira vista impróprias – termos mercantis com situações amorosas – pela incomparável musicalidade de versos como os 1, 4, 10 e 11 e, sobretudo, pela perfeita combinação de ideia, imagem e melodia,

conforme os preceitos de Pound. A seguir, a tradução, como acompanhamento das observações do tradutor.

When to the sessions of sweet silent thought
 I summon up remembrance of things past,
 I sigh the lack of many a thing I sought,
 And with old woes new wail my dear time's waste:
 Then can I drown an eye, unus'd to flow,
 For precious friends hid in death's dateless night,
 And weep afresh love's long since cancell'd woe,
 And moan th' expense of many a vanish'd sight;
 Then can I grieve at grievances foregone,
 And heavily from woe to woe tell o'er
 The sad account of fore-bemoaned moan,
 Which I new pay as if not paid before.
 But if the while I think on thee, dear friend,
 All losses are restor'd, and sorrows end.

Quando para as sessões do suave e medo
 Pensamento convoco
 O recordar do que é passado, choro
 A falta do que tanto
 Busquei, e com desgostos
 Velhos a nova mágoa vem roer
 Meu tempo bem-amado.

Então posso afogar os olhos a
 Fluir já desusados
 Em memória de amigos preciosos
 Ocultos nessa noite
 Sem prazo do que é morto
 E choro a dor do amor já cancelada
 E lamento o gastar-se
 De muita visão já desvanecida.

Então posso eu doer-me pelas dores

Já passadas, e dura
 Mente de dor em dor vou repetindo
 A conta lutuosa de lamentos
 Já dantes lamentados
 Que pago uma vez mais
 Como se inda não fora mais que paga.

Mas se entretanto em ti, amigo, eu penso,
 Restauro-me da perda e vão-se as dores.

Aqui, quando Faustino se justifica que vai se ater ao pensamento de Shakespeare, noutras palavras, o tradutor vai privilegiar o seu significado, justamente por não conseguir adequar ou transmitir a musicalidades dos versos que ele indica na sua nota. No final da nota, ele sugere ao leitor:

O jovem poeta, mesmo não conhecendo inglês, deveria procurar ouvir o soneto na língua original, para depois acompanhar a humilde tradução. Nada melhor para educar o ouvido o soneto em língua estranha, mesmo, ou sobretudo quando não se pode compreendê-lo. Quanto à leitura da versão portuguesa, o tradutor recomenda, em benefício da musicalidade, façam-se pausas bem marcadas ao fim de cada verso, haja ou não “enjambement”.

Dos poetas presentes no *paideuma* de Pound, Mário Faustino traduz indiretamente o poema do chinês de Li Po, a partir da versão do tradutor norte-americano, conforme explica na nota de tradução. A poesia desse poeta pode ser comparada no mesmo grau de importância que os gregos, os romanos e os provençais têm para o Ocidente. A tradução de Faustino foi feita a partir versão de Pound, que na época criou suas versões da poesia chinesa baseada nas notas do sinólogo Fenollosa. Nessa tradução, Faustino acredita que a grande lírica, com suas metáforas delicadas “parece ter resistido a todas essas provas”:

A mulher do mercador do rio: uma carta

No tempo em que meu cabelo caia reto sobre minha testa,
 Eu brincava ao pé do portão da frente, colhendo flores.
 Então vinheis montado em pernas de bambu, brincando de cavalo
 Ou caminháveis em torno de meu assento, brincando com ameixas azuis.
 Assim tanto vivendo na aldeia de Chokan:
 Dois seres pequenos, sem rancor nem suspeita.

Aos quatorze desposei Meu Senhor, vós.
 Rir é que nunca pude, pois sou tímida.
 Curvando minha cabeça, contemplava a parede.
 Ao chamarem por mim – mil vezes – nunca olhei para trás.

Aos quinze deixei de fazer-me zangada
 E desejei que meu pó se misturasse ao vosso
 Para sempre e para sempre e para sempre,
 Para que haveria de subir ao mirante?

Aos dezesseis viajastes
 Fortes para a longínqua Ku-to-yen, à beira do rio dos remoinhos,
 E eis que há já cinco meses sois ausente,
 Doloroso é o barulho dos macacos lá em cima.

Arrastastes os pés quando partistes.
 Ao pé do portão, agora, cresceu musgo, diversas espécies de musgo
 Enraizadas demais para que se possa arrancá-los!
 As folhas caem cedo este ano, com o vento.
 As borboletas aos pares já estão amarelas de Agosto
 Por cima da grama no jardim do poente.
 Elas me magoam. Estou ficando mais velha.
 Se voltardes pelos estreitos do Rio Kiang,
 Mandai-me dizer o tempo
 E viajarei o mais que possa a vosso encontro
 Pelo menos até à altura

De Cho-fu-as

Já na tradução de Leopardi, um dos poemas mais traduzidos em português, Mário Faustino apresenta a seguinte nota a sua tradução:

Obra e vida brevíssima – trinta de nove anos, trinta e sete poemas – foram, contudo, suficientes para fazer Giacomo Leopardi (1798-1837) um dos mais

altos poetas de uma ilustre língua. O poema que ora publicamos – dos seus o mais conhecido e antológico – constitui um protótipo de sua poesia: sentimento trágico da vida, aspiração de identificação com o universo, expressão quase clássica, o verso branco que ele levou à perfeição em italiano (o tradutor não pôde resistir à tentação de terminar o poema à maneira inglesa, com uma parêntese rimada) (FAUSTINO, PE, n. 014, 23 dez. 1956, p. 11).

Em sua versão de “O Infinito” para o português, Mário Faustino é o quinto (de 18 tradutores) a traduzir o poema leopardiano, diferentemente do que podemos ver no texto de Roberto Mulinacci, em “Além da sebe. ‘O infinito’ de Leopardi em tradução portuguesa”, em que remete à tradução de Faustino por volta de 1960, quando na realidade a sua tradução é de 1956.⁴⁷ Em cotejo, podemos indicar, em destaque, algumas acomodações que Faustino faz desse célebre texto leopardiano:

“L’infinito”

Sempre caro mi fu quest’ermo colle,
 e questa siepe, che da tanta parte
 dell’ultimo orizzonte il guardo esclude.
 Ma sedento e mirando, interminati
 5 spazi di là da quella, e sovrumani
 silenzi, e profondissima quiete
io nel pensier mi fingo, ove per poco
il cor non si spaura. **E come il vento**
odo stormir tra queste piante, io quello
 10 infinito silenzio a questa voce
vo comparando: e mi sovvien l’eterno,
 e le morte stagioni, e la presente
e viva, e il **suon** di lei. Così tra questa
 immensità s’annega il pensier mio:
 15 e il naufragar m’è dolce in questo mare.

“O infinito”

Eu sempre amei este deserto monte,
 Como esta sebe, que tamanha parte
 Do último horizonte oculta à vista.
Sentando e contemplando intermináveis
 Espaços além dela, e sobre-humanos
 Silêncios, profundíssima quietude,
No pensamento afundo-me: e por pouco
Não se apavora o coração. **A brisa**
Sussurra entre essas plantas e eu aquele
 Infinito silêncio à voz do vento
 Vou comparando: e lembro-me do eterno,
Das mortas estações, e da presente
Que é viva, e o **rumor** delas. E buscando
 A imensidão se afoga meu **pensar**
E naufragar é doce nesse mar.

O poema de Leopardi se estabelece numa composição em versos hendecassílabos soltos, isto é, em “versos brancos”, segundo Faustino. Na tradução, a composição dos versos se dá de forma variada, entre nove e 11 sílabas métricas. Roberto Mulinacci verificou alguns dos principais aspectos da tradução de Faustino, com destaques para a liberdade para a substituição do “dativo afetivo do pronome pela primeira pessoa do pretérito do verbo amar”, na escolha de

⁴⁷ “O infinito”, na tradução de Faustino, teve três publicações em livros e revistas. Primeiro, publicado em *Poesia completa. Poesia traduzida*, em 1985; depois republicado na revista *Poesia Sempre*, n. 3, de 1995; por fim, editado em *Giacomo Leopardi: poesia e prosa*, em 1996.

“deserto” no lugar de “ermo”, ou em “brisa”, em vez de “vento”, no oitavo verso; bem como os dísticos finais transformados pelo tradutor. Por essas “liberdades” lexical e sintática destacadas, vistas pela análise de Mulinacci, que aponta para uma falta de exatidão na tradução. Contudo, o crítico também indica alguns sucessos de Faustino, seja no uso das assonâncias: “vento” – “eterno”, seja nas aliterações: “brisa”, “sussurra”, “essas”, e um conjunto de simetrias internas: monte, “horizonte”, “comparando”, “buscando”, etc.⁴⁸

Nessa tradução, o tradutor tenta, em vez de uma exatidão tradutória, recriar o que ele explicita em nota, sobre a poesia leopardiana: o “sentimento trágico da vida, aspiração de identificação com o universo”, buscando um aprofundamento do sentimento trágico, em seu “O infinito”, por meio dessa “dança do intelecto das palavras”.

Esse sentimento pode ser visto na tradução do verso 7, por exemplo. Nele, Faustino transforma “mi fingo” – que poderia ser traduzido por “me finjo”, como fez Haroldo de Campos – em “afundo-me”, intensificando a imagem de tragicidade: “No pensamento afundo-me: e por pouco / Não se apavora do coração. A brisa”. Haroldo de Campos aproveita o início desse último verso da tradução de Faustino, bem como a escolha do vocábulo “rumor” do 13º verso, na tradução de Leopardi.

Em “O infinito”, o espaço é dado por uma reminiscência visual, transcorrida nos cinco primeiros versos; e a noção de tempo é dado por sensação auditiva, construída a partir do sexto verso até a intensificação desse tempo no 11º verso, como se pode ver no cotejo acima. Nesse sentido, percebo que a tradução de Mário Faustino consegue recuperar essas duas imagens de construção espacial e temporal, seja por meio de supressões de vocábulos, como no sexto verso, em que suprime o “e” depois “silêncios”, seja na transformação de formas verbais em expressões substantivadas, como no sétimo verso: “No pensamento”, em vez de “no pensar”. Por fim, no dístico final, Mário Faustino dá um ritmo inexistente no texto de origem, à maneira inglesa, como ele mesmo descreve em nota.

Platão aparece como o penúltimo clássico da seção. Aqui, Faustino empreende outra tradução indireta, acompanhado de uma crítica de tradução sobre a versão do poeta Shelley. Primeiro, ele reconhece a sua limitação com língua grega, pois, segundo ele, conhece apenas “o bastante para ler em voz alta (mal). Por isso, as traduções dos epigramas são baseadas nas

⁴⁸ A versão que o crítico teve acesso, provavelmente, foi a publicada pela Nova Aguilar, em 1999, em *Giacomo Leopardi: poesia e prosa*. A reprodução da tradução de Mário Faustino contém alguns equívocos: primeiro, foi suprimido a vírgula no “vim” do verso 11; segundo, a referência à época dessa tradução não é da década de 1960, e, sim, de 1956.

versões francês literais e em prosa, a de Maurice Rat e a do Émile Chambry. Faustino consultou também, em verso, “as traduções de Shelley, Gladstone, F. E. Garrett e Charles Merivale (reunidas em “The Greek Poets”, antologia de Moses Hadas) e nas interessantes paráfrases de Dudley Fitts em “Poems from the Greek Anthology”:

LAÍS DEDICA SEU ESPELHO A AFRODITE

Eu Laís cujo riso soberbo zombava de toda a Grécia
E cujas antecâmaras transbordavam de amantes jovens,
Dedico este espelho à deusa de Pafos:

Porque não quero ver-me como sou,
Porque não posso ver-me como fui.

EPITÁFIO DE EXILADOS
ERETRIANOS SEPULTOS
EM ECABATANA

Tendo há muito deixado as marés mugidoras do Egeu,
Eis-nos deitados
No meio da planície de Ecbátana.
Adeus Erétria pátria, outrora gloriosa!
Adeus Atenas, próxima de Eubeia!
... e adeus, amado mar!

A SEU AMIGO DIÓN, TIRANO

Foram lágrimas e que as Moiras fiam para Hécuba
E para as mulheres de Troia, desde seu nascimento.
Mas sobre ti, Dión, que pudeste dar graças aos céus em teu triunfo,
Haviam os deuses derramando toda a sua esperança.
Eis-te agora deitado em tua terra imensa, honrado por teus homens —
Ó Dión por quem um dia
Meu coração enlouqueceu de amor.

PARA ÁSTER, SEU DISCÍPULO

Tu contemplas os astros, meu Áster.
Fosse eu o céu e dono de mil olhos
Com que mirar-te!

PARA O MESMO ÁSTER

Foste entre os vivos a estrela da manhã,
Áster, que hoje defunto és o astro da noite
Brilhando sobre os mortos.

Mais uma vez, Faustino atribui a esse exercício de tradução indireta a garantia de fidelidade: “a fidelidade de nossas versões estará garantida: esperamos que guardem um pouco

da poesia do original, de nós desconhecido.” Desse exercício, talvez o mais interessante é o comentário que ele faz em nota sobre a tradução do epigrama “Para o mesmo Àster”:

*Thou wert the morning star among
[the living,
Ere thy fair light had fled;
Now, having died, thou art as
[Hesperus, giving
New splendor to the dead.*

*(Entre os vistos tu foste a estrela da
[manhã,
Antes de haver fugido a tua luz
[formosa.
Defunto, agora és como Héspero,
[emprestando
Aos mortos novo esplendor.)*

Nos comentários, faz as seguintes críticas à tradução de Shelley:

Como vê o leitor, é um romântico traduzindo um clássico: soma-se mistério e subtrai-se exatidão. Embora sua tradução seja uma obra-prima (lembramos aos leitores que a mesma já apareceu numa “pedra de toque” desta página), A Shelley, não mencionado o nome de Àster, escapa o encantador trocadilho do original, que podia ser mantido em inglês: Aster – Star.

Por último, Faustino traduziu um poema de Píndaro, intitulado “Primeira Olímpica”. Trata-se de uma tradução indireta, baseada na versão inglesa de Richmond Lattimore (em verso livre) e na francesa, de Aimé Puech (em prosa):

Sem saber grego e sem ser um “métricien”, o tradutor, a tentar o impossível (reproduzir em português o mais complicado dos versos gregos) preferiu traduzir Píndaro em linguagem e versificação as mais atuais a seu alcance. Foi adotada, por outro lado, a orientação de alguns tradutores, inclusive de Lattimore, segundo a qual há muito de irônico nesta ode de Píndaro, mais jocosa (foi cantada pela primeira vez num banquete em honra de Hierão; não foi encomendada por este; a encomenda, no caso, coube a Baquílide) do que pensam outros (FAUSTINO, PE, n. 057, 03 nov. 1957).

Em “Píndaro, hoje” (1969), Haroldo de Campos, primeiro, afirma que essa é a primeira tradução de Píndaro no Brasil, no entanto, aponta para a limitação da tradução de Mário Faustino, uma vez que ele se baseia em versões do inglês e do francês, o que, na concepção do

crítico, não seria possível recriar um texto à altura das traduções conhecidas de Faustino, sobretudo as da poesia poundiana, mesmo assim essa versão tem “belos momentos”.

“Clássicos vivos” foi, sem dúvida, uma das seções que Mário Faustino mais se dedicou no trabalho de tradução, conforme ele mesmo afirmou. Como *modus operandi* dessa coluna, o trabalho dedicado em recriar poemas significativos vigorou tanto na poesia ocidental quanto da poesia oriental, através de um exercício interessante, que é a tradução indireta, na consulta de versões de diferentes naturezas, como nas traduções de Li Po, de Platão e de Píndaro. Ressalta-se também o trabalho dos breves comentários sobre a tradução comparada, no qual aponta a domesticação do poema, de acordo com poeta-tradução, no caso Shelley, que traduz de acordo com sua visada romântica, destacando a subjetividade desse movimento.

Nesse sentido, Mário Faustino apresenta um conjunto de poetas considerados fundamentais, de diferentes origens, a exemplo do poeta provençal, dos poetas gregos, latinos, os de língua alemã, inglesa, italiana, espanhola e da cultura chinesa.

3.3.3 “Pedras de toque”

Por quase dois anos, de 23 de setembro de 1956 a 30 de março de 1958, “Pedras de toque” reuniu 39 poetas de diferentes épocas e nacionalidades, indo da Antiguidade grega até o século XX. No geral, são tradução em prosa e verso, sendo 14 fragmentos do inglês, 11 do francês, seis do espanhol, cinco do latim, um do italiano, uma tradução assumidamente indireta e duas reproduções do português. Para Faustino, essa seção condensava o que de melhor tinha na poesia ocidental, espécie de expressão máxima da linguagem poética, em que essas recolhas resumissem a originalidade na criação poética. Ele dava a seguinte explicação para suas escolhas antológicas:

[...] somos dos quem pensam que a linguagem poética é um fenômeno especial, inconfundível, ligado à própria origem das línguas e que não pode ser confundida nem com o que se chama tradicionalmente “poesia” nem com o que tradicionalmente se chama “verso”. Essa “linguagem poética” – que também pouco tem a ver com o ideal de “poesia pura” – tem ocorrido, através dos séculos, com maior ou menor frequência, neste ou naquele poeta, dentro de contextos, convencionalmente versificados, chamados “poesia” (FAUSTINO, PE, n.053, 06 out. 1957).

“Pedras de toque”, segundo Faustino, a “tradução da expressão *touchstone*, tão usada por Matthew Arnold. A antologia, segundo o crítico, definia o seu gosto poético, o gostos dos leitores mais jovens, “pois servem de termo de comparação para o julgamento de outros

poemas, estabelecem *performance standards*”, o que para ele seria a configuração de padrões de realização poética e, ao mesmo tempo, a seleção formava uma “verdadeira antologia de fragmentos excelentes da poesia (a novo ver) da poesia universal”. Na seção, ele não publicou nenhum poema inteiro, apenas fragmentos, porque acreditava que alguns poetas só subsistem por um ou alguns versos. A “Pedra de toque”, então, “é, nesse caso, uma solução para o orientador desta página, que tem um gosto pessoal, uma opinião, uma atitude, mais o direito de lutar ferozmente para colocar em ação social esse gosto, essa opinião, essa atitude”. No fim dessas explicações, o tradutor explica a natureza das suas traduções, com objetivo de esclarecer possíveis mitos ou desconfiâncias em torno da crítica e da tradução de Mário Faustino:

Em tempo: traduzir um poema, ou o trecho de um poema, de não importa qual poeta, não quer dizer que conheçamos (ou queiramos dar a entender que conhecemos) a obra inteira desse poeta. Muitas vezes extraímos poemas e trechos de poemas de antologias e de textos críticos. Por outro lado, só traduzimos diretamente do original os poemas em espanhol, francês, inglês, italiano e alemão – e algumas vezes com o auxílio de outras traduções em outras línguas. Os textos em latim traduzimos sempre recorrendo, ao mesmo tempo, ao original e a outras traduções. Os textos em grego – língua da qual sabemos pouquíssimo, quase nada – traduzimos sempre exclusivamente com o auxílio de outras traduções. Publicamos, às vezes, o original grego em caracteres latinos, precariamente, apenas a título de ilustração (FAUSTINO, PE, n.053, 06 out. 1957).

Aqui, ele explicita um pouco o seu processo de trabalho crítico e tradutório, reconhecendo, ao mesmo, na qualidade de polítradutor, as línguas as quais têm domínio no ato de traduzir, e aquelas que ele traduz consultando edições de outras línguas, o que caracteriza nas traduções indiretas vistas sobretudo em “Clássicos vivos”.

Como dissemos, foram escolhidos poetas de várias épocas e de línguas diferentes, os quais podem ser resumidos abaixo:

Camões, Baudelaire, Virgílio e Góngora (duas vezes, cada) e, apenas uma vez: Lope de Vega, Safo, La Fontaine, Milton, Homero, Villon, Keats, Blake, Victor Hugo, Sêneca, Whitman, Wordsworth, Lucrécio, Horácio, Edward Fitzgerald (recriando Ornar Khayyám), Yeats, W. S. Landor, Chaucer, Shelley (recriando Platão), Ronsard, Marlowe, Maurice Scève, Laforgue, Andrew Marvell, Teócrito, San Juan de La Cruz, Henry Howard (Conde de Surrey), Juan de Mena. Sórora Juana Inés de la Cruz, Henry Vaughan, Guido Cavalcanti, François de Malherbe, Max Jacob e Pierre Reverdy. Chama atenção, nas traduções de Platão e Omar Khayyám, o reconhecimento do tradutor em primeiro lugar, atitude que enxerga não uma criação do autor traduzido, mas, sim, como uma recriação do tradutor, muito relacionado com a noção de tradução como homenagem, vista em Pound.

Nas poucas notas e comentários vinculados às traduções, o comentário à tradução do verso “De griegas naves uma blanca selva”, de Lope de Vega, demonstra bem o processo de tradução e explicação utilizado por Faustino. Trata-se, segundo ele, de um dos versos mais célebres do idioma espanhol, traduzido como “De gregas naves uma selva branca”, acompanhado da seguinte explicação:

Notem os leitores, entre muitas outras coisas, a presença “em fantasma” da palavra “negras”, dentro da palavra “griegas”, fazendo contraste com “blanca”. Por outro lado, existe uma sutil relação entre “naves” e “selva”, de maneira que o verso inteiro constitui um entrelaçamento infinito de relações logopoéticas, fanopoéticas e melopoéticas. Não se pode julgar um poema, um poeta ou toda uma poesia por um simples verso; no entanto, um verso apenas pode dar, às vezes, uma medida, uma ordem de magnitude, do alcance expressional de um poema, de um poeta, até de uma língua, servindo, ao mesmo tempo, como padrão de julgamento, por comparação, de outros momentos poéticos: uma “pedra de toque”, enfim (FAUSTINO, PE, n. 004, 14 out. 1956).

Esse verso aparece no ensaio “Camões” de Pound (*The Spirit of Romance*, 1910), e sua tradução foi a primeira colaboração para o Suplemento Dominical. Nele, Mário Faustino traduz a partir da versão de Pound, “De gregas naus uma floresta branca” (“The white forest of the Grecian ships”). O comentário de Faustino também resume a finalidade da seção, fazendo alusão ao pensamento de Pound, quando este constrói seu método comparativo, delimitando quais os poemas e os poetas fundamentais num processo de formação literárias, visto em *ABC da Literatura*.

3.3.4 “O poeta novo”

Trata-se de uma tribuna e de uma oficina, onde os poetas novos falarão ao público e, em particular, a outros poetas novos, e onde, ao mesmo tempo, os jovens poetas e seus leitores procurarão reviver a boa poesia do passado, à medida que aprendem a fazer a boa poesia do presente e do futuro. (FAUSTINO, SDJB, 23 set. 1956, p. 1).

Desde a primeira publicação de “Poesia-Experiência”, o horizonte arrojado do empreendimento de Mário Faustino se dava no campo da formação poética. Daí a consciência de um jornal vivo para impulsionar o diálogo literário, servindo como um lugar privilegiado de divulgação da poesia, ao mesmo tempo que possibilitava aos novos poetas um ambiente de experimentação e aprendizagem, próprios de um laboratório literário. É nesse sentido que o “O poeta novo” se insere no projeto pedagógico do crítico, sendo, para ele, uma das seções mais

importantes da página, porque tinha a intenção de “formar uma audiência nova para a nova poesia, formar um gosto novo para leituras de poemas novos” e “formar novos poetas ou reunir os que já, formados, se identificam com o espírito de ‘Poesia-Experiência’” (FAUSTINO, PE, n. 032, 28 abr. 1957). Além de revelar poetas, o crítico queria “mantê-los reunidos, com a maior frequência possível, entre os poetas de outros tempos e de outras terras” (FAUSTINO, PE, n. 014, 23 dez. 1956).

De fato, a seção reuniu um conjunto de jovens escritores, uns já tinham um ou dois livros publicados, outros apareceram pela primeira vez como “poeta novo”. Alguns desses autores são conhecidos do nosso cenário literário brasileiro, são eles: José Lino Grünwald, que depois de aparecer na página, tornou-se colaborador do Suplemento Dominical, atuando na área do cinema, literatura e tradução; Ivo Barroso, conhecido tradutor, que apareceu na página como “poeta novo”, traduzindo o poema de Rilke; Cláudio Mello e Souza, poeta; Waldir Ayala, poeta; Antônio Nogueira, pseudônimo de Silviano Santiago, professor, crítico e romancista; Carlos Diegues, mais conhecido como Cacá Diegues, cineasta; e Francisco Alvim, diplomata e poeta. A seção circulou entre 23 de setembro de 1956 e 06 de abril de 1958, totalizando 28 publicações⁴⁹.

Para “O poeta novo”, Faustino seguia o seguinte método: publicar semanalmente um poema entre os enviados pelos poetas, tendo como horizonte a seguinte norma:

publicar o publicável, silenciar sobre o resto. O poeta novo escolhido pode voltar a aparecer na mesma seção, ou na mesma página: mas, em geral, quando mantém ou supera o nível inicial, é enviado, com os melhores votos, para as demais páginas do Suplemento (FAUSTINO, PE, n. 044, 21 jul. 1957).⁵⁰

Dentre os autores publicados, os poetas José Lino Grünwald, Foed Castro Chamma, Ivo Barroso, Cláudio de Mello e Souza, Waldir Ayala, Jamir Firmino Pinto, Francisco Bittencourt, Carlos Diegues e Carlos Fernando Fontes de Almeida saíram mais de uma vez na página, seja em “O poeta novo” ou em publicações independentes. Além da divulgação dessa produção, Mário Faustino divulgou uma tradução de poesia: “Ein Gott vermags”, de Rilke, para

⁴⁹ Por ano de publicação, a seção teve, respectivamente, a seguinte quantificação: 1956: 6; 1957: 18; e 1958: 4.

⁵⁰ Nas três primeiras publicações, Mário Faustino escreveu pequenas notas críticas, com breves comentários sobre a intenção da poesia dos jovens poetas.

o português, traduzida por Ivo Barroso.⁵¹ Em nota, aparece o pensamento de Faustino sobre a tradução:

O “poeta novo” da semana apresenta-se com uma tradução. Alguns leitores poderão estranhá-lo. Nós, porém, somos dos que pensam poder haver tanta criação poética – ou mais – em uma tradução quanto num poema original. Algumas das obras mais importantes das maiores literaturas do mundo têm sido traduções. Que valem os poemas de Santa Rita Durão e de Basílio da Gama em comparação com a *Iliada* e a *Odisseia* no português de Carlos Alberto Nunes? A tradução de Ivo Barroso não chega à altura daquele milagre que é o “Torço Arcaico de Apolo” vertido por Manuel Bandeira; mas é uma bela tradução que, embora evitando certas dificuldades do original, consegue ser fiel ao espírito e música de Rilke (FAUSTINO, PE, n. 009, 18 nov. 1956).

Há nesse reconhecimento, uma valorização explícita do ato de traduzir, reconhecendo nesse ato principal força formativa da página de poesia. Ao mesmo tempo que Faustino vê na tradução uma visada de criação tão importante quanto um poema “original”, o julgamento sobre o trabalho de Ivo Barroso, considerou, primeiro, inferior à tradução de Manuel Bandeira, e depois concernente de fidelidade a aspectos e à música do “original” de Rilke, o que dá a esse exercício a qualidade de beleza, apesar de o tradutor ter desviados dos problemas apresentados pelo poema de origem.

Entre as poucas notas da seção, Mário Faustino escreveu “Bilhete a um novo poeta”, dedicado a um leitor identificado pelas iniciais F. J. U. Nesse texto, o crítico fez diversas recomendações, indicando os problemas e as soluções do poema, demonstrando a seriedade tratada na seleção de poemas para “O poeta novo”, e, no fim do bilhete, ratifica as seguintes sugestões:

Em suma, estimado poeta, escreva mais, leia muito, lute muito, pensa muito, participe muito, procure fazer da poesia um instrumento de autorrealização, de autoafirmação, de criação, de doação, de comunicação – e não de autoconsolação. E mande outros poemas, quando você me mandar um que *interesse* ao leitor, ainda que na mais humilde das medidas, um que tenha algum *canto* que se cante ou algum *discurso* que se escute, ou algum *padrão* – lógico, melódico ou visual – que seja um prazer, uma emoção ou uma lição quando o contemplarmos com os olhos da cara ou com os da mente – então esse seu poema será publicado na íntegra e com todas as honras desta página que é sua.

P. S. a outros “poetas novos”: mandem seus poemas. Quando não houver nada aproveitável: silêncio nosso. Quando houver bastante: publicação, “na íntegra, e com todas as honras”. E, num futuro que não vai longe, uma antologia, em

⁵¹ Ivo Barroso publicou também o poema “O poço” (PE, n. 059, 17 nov. 1957).

livro, dos “poetas novos” revelados por “Poesia-Experiência” (PE, n. 030, 14 abr. 1957, grifos do autor).

3.3.5 Vária – traduções esparsas de poesia

Nas páginas de “Poesia-Experiência”, Mário Faustino publicou um material significativo fora das seções, entre resenhas, comentários críticos, comentários sobre livros traduzidos e poesia traduzida, além abrir espaço para colaborações de outros escritores e tradutores. Fazendo parte desse conjunto de escritos e intenções poéticas; ele criou seções que desapareceram porque “ameaçava a página de superficialidade e subjetivismo” (FAUSTINO, PE, n. 053, 06 out. 1957) A exemplo disso, a seção “*Personae*” – criada para comentar, jornalisticamente, as notícias e os acontecimentos no campo da poesia brasileira –, foi interrompida, sendo substituída por vezes pela de “Noticiários”, que também não prosperou.

Alguns dos textos críticos, já mencionados, Mário Faustino escreveu balanços da poesia brasileira no início dos anos de 1956 e 1957, bem como fez um balanço da poesia brasileira com o texto “A poesia concreta e o momento poético brasileiro”. Sobre o movimento poético que nascia à época, reproduziu os textos de Augusto de Campos e Décio Pignatari, os quais descreviam e marcavam o espaço da poesia concreta no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, sendo Faustino o responsável por sua inclusão tanto no Suplemento quanto na página do crítico. Benedito Nunes também publicou uma reflexão sobre a poesia, com o texto “Duas reflexões sobre poesia”. Aos poeta novos, dedica textos a escritores como Mário Chamie, Lélia Frota. Sobre poetas consagrados, comentou, como ele mesmo dizia, sobre livros recém-lançados – *50 poemas escolhidos pelo autor: Carlos Drummond de Andrade* –, fazendo duras críticas ao poeta; criticou também as *Poesia completas* de Cassiano Ricardo. Divulgou suas resenhas sobre a obra de Geir Campos, Augusto Meyer, Américo Facó, Cecília Meireles, Walmir Ayala; reproduz inclusive um poema do português Afonso Duarte.

No campo da crítica de tradução, publicou suas críticas a respeito das edições traduzidas: *Sonetos*, de Shakespeare, traduzidos por Jerônimo Aguiar; comenta a sua tradução do *Envoi*, de “H. S. Mauberley”, em “Em torno de um poema de Ezra Pound”, publicado na primeira página do Suplemento; comenta a tradução de um poema de Franco Terranova. Faustino colabora com a página de resenhas do jornal, chamada “Bibliografia”. Nela, resenha os livros de Walmir Ayala (*Este sorrir, a morte*), *Poetry Now*, antologia de G. S. Frazer, *Uma temporada no Inferno* e as *Iluminuras* de Rimbaud, traduzidas por Lêdo Ivo; a antologia de Fernando Pessoa, organizada por Adolfo Casais Monteiro, *Anthologie de la Poèsi Américane*

de Alain Bosquet, *A Reader's Guide to T. S. Eliot*, *Cerco da Primavera* de Marly de Oliveira, *Problems of Art*, de Suzanne K. Langer, *15 anos de Poesia*, de Paulo Bomfim, *Richard Crashaw* de Austin Warren, *O mistério da hora*, de Ruy Costa Duarte. Faustino, por fim, traduziu um polêmico ensaio do uruguaio Ricardo Paseyro – “El mito Neruda” –, com uma breve apresentação do crítico aderindo as observações de uma verdadeira crítica negativa a respeito do poeta chileno.

No campo da tradução de poesia, divulgou um conjunto de 17 poetas e uma antologia de poemas “primitivos” (traduzidos a partir de antologias antropológicas), sendo 31 poemas traduzidos, de autores de diversas nacionalidades e línguas. Trata-se de traduções diretas e indiretas, de autoria de Faustino, que verteu 18 dessas traduções, publicando 13 traduções de colaboradores da página. Mais uma vez, Augusto de Campos colaborou com traduções, com as versões de poetas espanhóis (Góngora, Garcilaso de la Vega, Lorca e Vicente Aleixandre), numa edição do Suplemento Dominical dedicado à literatura espanhola; traduziu também Laforgue (“Fontes e correntes da poesia contemporânea”), Paul Valéry e, em parceria com Haroldo de Campos e Décio Pignatari, um poema dos *Cantos* de Pound. Ivo Barroso, por sua vez, colabora com quatro traduções; aparece uma colaboração na tradução de Pound, feita por um leitor do jornal: Olympio Monat da Fonseca e o norte-americano Robert Stock; publicou a tradução de “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Faustino publicou nas páginas pequenos excertos do pensamento poético dos autores: Confúcio, Hegel, Tomás de Aquino, Pound, Croce, Sapir, Shelley, Auden e Mallarmé.

Faustino, portanto, traduziu poemas de Heine, Ezra Pound, William Carlos William, Dylan Thomas, St.-John Perse, Ben Jonson, Paul Dermée, Hart Crane. Entre essas traduções, destaca-se o comentário que ela faz a respeito de sua tradução de “Envoi”, parte do poema “Hugh Selwyn Mauberley (“Life and Contacts”)", de Pound, estampado na primeira página do Suplemento.

Em “Em torno de um poema de Pound”, Mário explica a contextualização do poema, dizendo que “Mauberley” foi escrito na mesma época de “Homage to Sextus Propertius”. A construção do poema é uma das primeiras experiências

[...] de montagem ideogramático-cinematográfica, de construção de uma ideologia histórico-estética, de crítica vertical e horizontal dos tempos, de aventura “cultura-morfológica”. Nesse poema, estão presentes, segundo o crítico, referências da poesia grega e do romance francês, as gírias americanas e a pintura italiana, além da paideia e o ideal de ordem e de exatidão: Homero, Bion, Ovídio, Dante, Flaubert, Gautier, Laforgue, R Remy de Gourmont,

Stuart Merrill, Henry James, Lionel Johnson, acontecimentos mundiais e pessoais do “turno f the century”... (FAUSTINO, PE, n. 038, 09 jun. 1957).

“Envoi”, segundo Faustino, demonstra um adeus de Pound a Londres, sendo uma homenagem aos poetas da época de Elizabeth e de Jamie I, bem como é uma referência aos provençais e toscanos, responsáveis pela invenção do ritmo longo-breve da “Canzone”. Faustino esclarece que a escrita desse poema partiu da canção de Emund Waller, musicada pelo compositor elisabetano Henry Lawes, conforme ele confrontou:

GO, LOVELY ROSE

Go, lovely Rose—
Tell her that wastes her time and me,
That now she knows,
When I resemble her to thee,
How sweet and fair she seems to be.

Tell her that’s young,
And shuns to have her graces spied,
That hadst thou sprung
In deserts where no men abide,
Thou must have uncommended died.

Small is the worth
Of beauty from the light retired:
Bid her come forth,
Suffer herself to be desired,
And not blush so to be admired.

Then die—that she
The common fate of all things rare
May read in thee;
How small a part of time they share
That are so wondrous sweet and fair!

(Tradução literal:

“Vai, rosa adorável, diz a ela que perde o seu tempo e me perde, que pode ver agora como parece bela, quando a com paro a ti. //

Dize a ela que é jovem e evita lhe espiem as graças, que, tivesses brotado nos desertos, onde não moram os homens, e terias morrido sem orações. //

Bem pequena valia, a da beleza que se furta à luz: vai dizer-lhe que surja, consinta que a desejem, e que não core tanto ao ser admirada. //

É que morre, então! Para que ela possa ler em ti o destino comum das coisas raras: quão pequeno quinhão do tempo compartilham, tão maravilhosamente doces, belas!).

No final do artigo, ele sugere que o leitor compare os textos, para que possa identificar os caminhos analisados nesse cotejo: “e veja como um, louvando-o, ressuscita o outro, ao mesmo tempo que chama à cena vários séculos de poesia inglesa, com evidentes alusões a Chaucer, Shakespeare, Rossetti, Browning...”. A seguir podemos ver o texto de origem e a tradução do “Envoi”:

ENVOI (1919)

Go, dumb-born book,
 Tell her that sang me once that song of Lawes:
 Hadst thou but song
 As thou hast subjects known,
 Then were there cause in thee that should
 condone
 Even my faults that heavy upon me lie
 And build her glories their longevity.

Tell her that sheds
 Such treasure in the air,
 Recking naught else but that her graces give
 Life to the moment,
 I would bid them live
 As roses might, in magic amber laid,
 Red overwrought with orange and all made
 One substance and one colour
 Braving time.

Tell her that goes
 With song upon her lips
 But sings not out the song, nor knows
 The maker of it, some other mouth,
 May be as fair as hers,
 Might, in new ages, gain her worshippers,
 When our two dusts with Waller's shall be laid,
 Siftings on siftings in oblivion,
 Till change hath broken down
 All things save Beauty alone

Vai, livro natimundo,
 Dize a ela que me cantava outrora
 Essa canção de Lawes:
 Houvesse em tua voz
 Menos assunto e mais canção, serias
 Desculpa suficiente para quanto
 Defeito pese em mim
 Que torno sempre viva tua glória.

Dize a ela que espalha
 Tais tesouros no ar,
 Cuidando só que suas graças deem
 Vida ao momento,
 Que lhes ordeno vivam
 Como rosas jazendo em âmbar mágico,
 Rubras talhadas em laranja, tudo
 Uma substância apenas, uma cor

Dize a ela que segue
 Uma canção pousada entre seus lábios
 Mas não a canta inteira, nem conhece
 Quem a criou – que talvez outra boca,
 Tão bela quanto a sua,
 Possa noutras idades conquistar-lhe
 Adoradores, quando o comum pó
 De Waller, dela e meu depositar-se,
 Refinado e refinado pelo olvido,
 Até Transformação ter destruído
 Todas as coisas, salvo a Beleza, só.

Augusto de Campos, em comemoração dos 80 anos de Pound, escreveu dois textos, publicados no Suplemento Literário d' *O Estado de S. Paulo*, em 30 de outubro de 1965. São os textos, “Ezra Pound, aos oitenta e anos” e “Notas sobre *Hugh Selwyn Mauberley*”, acompanhado da sua tradução do poema, com exceção de “Envoi”, de Faustino, republicado como uma homenagem ao tradutor. Igualmente, Campos traduziu esse poema, editado nas antologias da poesia de Pound (1968, 1983/1993). Esse poema se faz presente na poesia de Mário Faustino, sobretudo, como diz Campos (2015), “algo da poesia de Pound se insinua em ‘Mensagem’, o poema que abre a série ‘Disjecta Membra’ de *O homem e sua hora*, numa propositada imitação da dicção de ‘Envoi’, do *Hugh Selwyn Mauberley* (CAMPOS, Augusto, 2015, p. 51-52). Além da dicção vista no poema, esse mesmo tom aparece noutro texto poético, de nome homônimo à tradução, “Envoi”.

Mensagem

Em marcha, heroico, alado pé de verso,
 busca-me o gral onde sangrei meus deuses;
 conta às suas relíquias, ontem de ouro,
 hoje de obscura cinza, pó de tempo,
 que ele os venera ainda, o jogral verde
 que outrora celebrou seus milagres mais fecundos.
 Dize a eles que vinham
 tecer silentes minha eternidade
 que a lava antiga é pura cal agora
 e queima-lhes incenso, e rouba-me farrapos
 de seus mantos desertos de oferendas
 onde possa chorar meu disfarce ferido.

Dize a eles que tombam
 como chuvas de sêmen sobre campos de sal
 sem mancha, mas terríveis
 que desçam sobre a urna deste olvido
 e engendrem rosas rubras
 do estrume em que tornei seus dons de trigo e vinho.
 Segue, elegia, busca-me nos portos
 e nas praias de Antanho, e nas rochas de Algures
 os deuses que afoguei no mar absurdo
 de um casto sacrifício.
 Apanha estas palavras do chão tímido
 onde as deixo cair, findo o dilúvio:
 forma delas um palco, um absoluto
 onde possa dançar de novo, nu
 contra o peso do mundo e a pureza dos anjos,
 até que a lucidez venha construir
 um tempo justo, exato, onde cantemos.

Envoi

Vai, meu canto,
 Dizer a quem te escute desta dor
 Severa como as coisas longevas
 Prometem ser, troféus de heróis do olvido;
 Vai dizer-lhes
 Da dança que dançamos, rito ardente,
 E do barro fiel donde extraímos vida
 Mais casta que as ideias passageiras,
 Ornatos da tormenta...
 E dize-lhes do eterno,
 Do rubro que inda jaz os mosaicos
 Onde o dourado é morto...

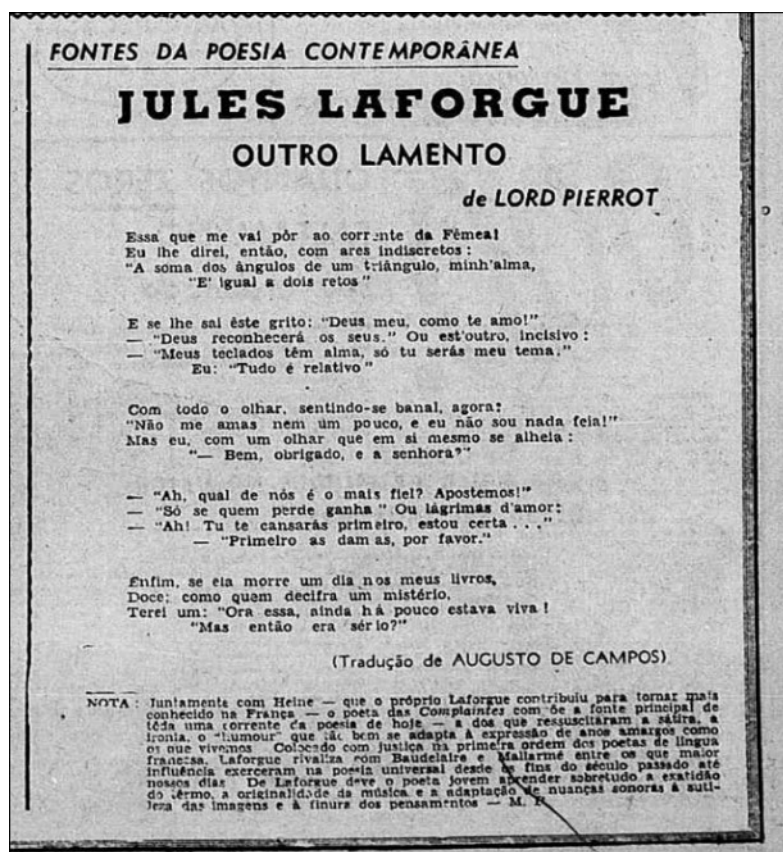
Vai, meu canto,
 Eu te sigo em segredo, por bizarros ouvidos:
 Como um rei que mandou seu segrel para a guerra
 E o vê partir de longe, do alto das seteiras...

3.4 CRÍTICA E TRADUÇÃO DE POESIA

A seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea” foi consagrada a poetas e movimentos de vanguarda estética ocidentais. Tratava-se de um duplo empreendimento: de crítica e tradução, com o objetivo de rastrear as contribuições de poetas para a formação, tanto da poesia moderna quanto da poesia contemporânea da época de Mário Faustino.

Movido pela experiência poética ocidental, o crítico-tradutor fez do espaço do jornal um instrumento pedagógico na tentativa de contribuir para a formação de leitores e poetas iniciantes, circunscritos à prática da crítica de jornal. Certamente, esse empreendimento inseriu novos mecanismos de conhecimento poéticos, via crítica e tradução, no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*.

3.4.1 “Fontes e correntes da poesia contemporânea”



A primeira aparição desse gesto crítico se deu com a seção “Fontes da poesia contemporânea”, tendo como única publicação a tradução de Augusto de Campos: “Outro lamento de Lorde Pierrot”, de Jules Laforgue, acompanhado da seguinte nota:

Juntamente com Heine – que o próprio Laforgue contribuiu para tornar mais conhecido na França – o que poeta das *Complaintes* com ôe [?] a fonte principal de toda uma corrente da poesia de hoje – a dos que ressuscitaram a sátira, a ironia, o “humour” que tão bem se adapta à expressão de anos amargos como os que vivemos. Colocado com justiça na primeira ordem dos poetas de língua francesa, Laforgue rivaliza com Baudelaire e Mallarmé entre os que maior influência exerceram na poesia universal desde os fins do século passado até nossos dias. De Laforgue deve o poeta jovem aprender sobretudo a exatidão do termo, a originalidade da música e a adaptação de nuances sonoras à sutileza das imagens e à finura dos pensamentos – M. F. (FAUSTINO, PE, n. 007, 04. 11. 1956).

Essa nota expressa o modo de abordagem da crítica de Mário Faustino, vista na maioria dos textos de “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, cuja publicação começou dois meses depois desse gesto inicial, em janeiro de 1957. Aqui, percebe-se o costumeiro tratamento dado às publicações. Primeiro, os destaques para o poema original, nesse caso, uma publicação monolíngue, em seguida, pela visibilidade de Augusto de Campos, recorrente colaborador de “Poesia-Experiência”, enquanto autor da tradução, acompanhado da presença crítica de Faustino nas indicações da nota explicativa. Essa tradução foi republicada na edição de *ABC da literatura* (1970), de Ezra Pound, em que Campos foi responsável pela organização e tradução, juntamente com José Paulo Paes, a quem dividiu a empreitada tradutória.

Utilizando-se da linguagem jornalística, os textos de Mário Faustino continham referências bibliográficas (crítica e poéticas), as quais encarnavam o trabalho pedagógico de divulgação e formação da poesia. A esse trabalho, o crítico editou antologias, as quais reunia o máximo de informações sobre obras poéticas, sobretudo de escritores da literatura francesa, americana e inglesa, na maioria, e de autores da literatura italiana, alemã e hispânica, em menor número.

Entre os comentários aparecidos em “Poesia-Experiência”, encontram-se, pelo menos dois, que melhor resumem o objetivo da seção:

Apresentar, com pequena introdução crítica – instigação – e poemas (ou trechos de) traduzidos, lado a lado com o original, poetas que, desde Edgar Allan Poe, contribuíram para a formação do que se chama “poesia moderna”. Aqui geralmente não entrou nosso gosto pessoal: incluímos, na seção, poetas que absolutamente não nos interessam, mas que, nem por isso, deixarão de interessar outros, e que têm sua importância no sentido acima (PE, n. 053, 06/10/1957).

Há cerca de um ano foi lançada a seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, através da qual se pretende “amostrar” os poetas que, desde Edgar Allan Poe, têm contribuído para a formação da poesia de hoje, em suas várias feições (FAUSTINO, PE, n. 084, 18 maio 1958, p. 7).

Assim, o conjunto de publicações, produzidas entre 06 de janeiro de 1957 e 24 de agosto de 1958, seguiu, em grande medida, esse modo de abordagem programática, no qual cada trabalho abrigava duas partes: um estudo dedicado ao poeta, depois uma seleção dos textos poéticos – de um lado, os poemas de origem, do outro, seguidas das respectivas traduções –, o que constituía em divulgações bilíngues. Pois, Faustino queria que seu leitor tivesse acesso ao poema de origem, e as traduções tinham a atribuição, aparentemente, secundária, uma vez que funcionavam como roteiros de compreensão, sendo feitas em prosa, voltadas também para o leitor virtual que não conhecia a língua de partida.

Em resumo, a crítica de Mário Faustino tentava encarnar a ideia de uma crítica por discussão no sentido poundiano, por meio de “discussão rápida, direta, com exemplos, citações, etc. – tal como Pound fez com Camões” (FAUSTINO, 2017, p. 96). Nesse sentido, ele procurava verificar as contribuições poéticas dos autores analisados, seguido por comentários concisos sobre quais aspectos deveriam ser consideradas pelos poetas jovens, a quem ele se direcionava, configurando, assim, uma das intenções da sua crítica nessa seção.

O planejamento da seção cobriu, primeiro, 23 estudos sobre 34 poetas (13 do inglês, 14 do francês, (um) do alemão e espanhol, cada), em seguida dedicou uma série de cinco artigos ao Futurismo, o qual explicitou o contexto do movimento e as contribuições dos poetas italianos: Marinetti, Pallazzeschi, Soffici, Cangiullo, Antonio Bruno e Benedetta. Dedicou mais tarde uma página ao francês Alfred Jarry, dando uma pausa nos estudos sobre as vanguardas. Dando continuidade à divulgação das vanguardas, publicou nove artigos sobre o Cubismo, dos quais cinco foram sobre Apollinaire; e cinco artigos sobre o Dadaísmo, o que englobou poetas de diferentes nacionalidades (francesa, belga, holandesa, alemã, suíça). Termina, portanto, com oito ensaios sobre Ezra Pound, poeta fundamental para a compreensão do percurso crítico e tradutório de Mário Faustino. Ao todo, Faustino escreveu a respeito de 62 escritores (sobre os quais criticou e traduziu), de forma breve para uns, mais detido para outros, resultado de 51 textos.⁵²

Mário Faustino, como já dissemos acima, é o responsável pela divulgação da poesia concreta no Suplemento Dominical, sugerindo ao diretor Reynaldo Jardim a convidar o grupo *Noigandres* a colaborar com o caderno cultural, assim o crítico atua também como divulgador da poesia de vanguarda, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Trata-se, aqui, dos

⁵² Benedito Nunes, na “Introdução” de *Poesia-Experiência*, mencionou a análise de 53 poetas, baseado no levantamento preliminar; já Boaventura, em “Lendo com o leitor”, aponta para 58 escritores estudados por Mário Faustino.

artigos que tratam dos movimentos Futurismo, com cinco artigos, Cubismo, em nove artigos, e Dadaísmo, com cinco artigos. Esses 19 textos revelam uma série de autores pouco familiarizados do público brasileiro.

Nas séries sobre o Futurismo, ele inicia a “série de exposições, amostragens, da poesia de vanguarda” (FAUTINO, PE, n. 060, 24 nov. 1957). Nesse artigo, ele tratará dos aspectos da vanguarda na área da literatura, da crise no sistema econômico-social e no âmbito da poesia:

Vanguarda em poesia. Formulação de problemas, ênfase a problemas, proposta de soluções. Abalar a tradição, criticar a tradição, em última análise salvar a tradição. Abolição de formas, criação de formas. Liberdade e controle. Poesia e pensamento, poesia e fala, poesia e prosa. Isolar o fenômeno, facilitar-lhe a ação. Poesia, força revigorante, força criadora da língua, do pensamento, do ato e do ser. Vanguarda como filosofia de vida e vanguarda como tática, processo, método. Pensar a poesia de fora, *ab extra*, a pensar a poesia pensando-a. O crítico e o poeta. O poeta-crítico. O crítico militante, participante, sendo ou não poeta. O poeta-crítico. As vanguardas como protesto social, na torre de marfim ou nos comícios. Vanguarda responsável, vanguarda pela vanguarda. Vanguarda, necessidades, contingências: proselitismo, ortodoxia, carisma, o povo eleito, fora da arca não há salvação, *better than thou*. (FAUSTINO, PE, n. 060, 24 nov. 1957).

Mário Faustino consegue condensar uma infinidade de informações, como se estivesse descrevendo também o seu processo dentro da vanguarda, entendida como posicionamento crítico diante aos processos de ruptura, sedimentos num contexto social e no ambiente literário. Assim, ele abre caminhos para o panorama do Futurismo, como movimento encarnado pela poesia italiana, publicando excerto do manifesto futurista e a concepção desse movimento, traduzido do texto de 1909, publicado no *Le Figaro*. Ele faz um resumo do movimento, contendo no espírito futurista “resíduos de d’Annunzio (até mesmo de Whitman, e do Romantismo), prenúncios de fascismo (depois, fascismo mesmo: Marinetti foi militante e líder deste)”. Apesar de elencar todo o traço do futurismo ligado ao fascismo italiano, Mário Faustino quer tratar sobre o impacto do futurismo em todo o mundo, na elaboração de uma nova poesia.

Nesses textos, Mário Faustino se dedica mais à crítica do movimento, traduzindo manifestos, publicando os poemas mais experimentais dos poetas italianos. No campo das traduções, há uma série de colaborações feitas por Décio Pignatari e Haroldo de Campos:

1. Futurismo II, em 01 de dezembro de 1957, Haroldo de Campos traduz “Palazzeschi e Ungaretti”, com notas de poemas, incluindo a versão espacial de “Perfections du Noir”.

2. Em Futurismo IV, em 15 de dezembro de 1957, Décio Pignatari publica a sua tradução de “simultaneidades” e do “fragmento de prosa “Rumo a uma Nova Moral Caninbal”, de Marinetti.
3. Pignatari colabora na última seção desse movimento, em 22 de dezembro de 1957, com traduções de fragmentos de Cangiullo, Antonio Bruno e Benedetta.

Na série sobre o Futurismo, Mário Faustino prometeu publicar sobre a presença do movimento no Brasil, o que não ocorreu, certamente devido a problemas de pesquisa. Como se vê, é o grupo *Noigandres* que o ajuda na pesquisa sobre o Futurismo. Em seguida, ele abre a série de textos sobre o Cubismo, dedicando cinco artigos para tratar de Apollinaire. Na exposição de investigação, Faustino pretendia estudar outros movimentos, como o Surrealismo e o Imagismo, mas cumpre o prometido. Um dos pontos altos da exposição do Cubismo é a reprodução dos caligramas “Paysage” e “Il Pleut”, acompanhado de notas sobre os poemas. Ainda sobre o Cubismo, ele dedica artigos a Blaise Cendrars, Max Jacob, Pierre Reverdy e André Salmon.

Nas cinco séries sobre o Dadaísmo, Mário Faustino faz um conjunto de comentários sobre autores das mais diversas nacionalidades, indicando a pujança de cada local em que o movimento prosperou, sobretudo na França e na Alemanha. Comentou, portanto, poetas franceses: Erik Satie, Francis Picabia, Georges Ribemont-Dessaignes, Jacques Vaché, Phillippe Soupault; alemães: Richard Huelsenbeck, Hugo Ball, Paul Scheerbart, Kurt Schwitters, Emmy Hennings; entre outros poetas, de origem suíça, austríaca, romena, como Tzara.

4 CRÍTICA E TRADUÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, procuramos fazer uma releitura das traduções de Mário Faustino, publicadas em “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, a partir da seleção dos exemplos retirados das análises/traduições do crítico-poeta, encontrados nos textos sobre Edgar Allan Poe, Mallarmé e Ezra Pound. O percurso metodológico reside em refletir sobre a ideia e as estratégias encontradas nesses textos, visando compreender a relação entre a tradução e a crítica pedagógica como processo de reescritura dos textos poéticos do tradutor. Aqui, há um duplo método do trabalho da crítica de tradução. De um lado, seguindo a maneira pela qual André Lefevere, em *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007), entende o processo de tradução como uma reescritura do texto original:

Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada. Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. Reescritura pode induzir novos conceitos, novos gêneros, novos artificios e a história da tradução é também a da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre a outra (BASSNETT; LEFEVERE, 2007, p. 11-12).

Essa noção é mobilizada neste capítulo como uma das formas de refletir as estratégias presentes na coluna de crítica e tradução, perfazendo as visadas formativas das traduções empreendidas na busca pelas fontes da poesia contemporânea.

Do outro lado, para compreender a concepção tradutória de Mário Faustino, aderimos a três pontos do “Esboço de um método”, de Antoine Berman, do seu livro *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), considerando, portanto, de projeto e horizonte do tradutor. Os estágios de uma analítica da tradução, seguindo as indicações do teórico, são aspectos e etapas necessárias para entender o pensamento da tradução do texto poético faustiano, relacionando, em última análise, com as ideias de tradução de Ezra Pound, sobretudo quando Faustino discorre sobre o autor, apropriando-se, em certa medida, da concepção da “crítica via tradução” e da reatualização de uma poesia moderna através do *make it new*.

Os poetas que constituem o *corpus* da pesquisa de Mário Faustino são resultados de um esforço crítico e tradutório, que, a princípio, revelam uma analítica movida pela busca de fontes bibliográficas precisas. Ele coligia o material dos textos a partir dos estudos feitos na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, por meio de revistas e livros internacionais, no material

do próprio acervo e de amigos. Igualmente, Faustino não se furtava em fazer pedidos a amigos, como mostra sua correspondência com Benedito Nunes:

pedidos:

1) Ao Ruy [Barata], que me copie bons trechos da *Iliada* e da *Odisseia* de teu tio⁵³, e que me mande.

2) Ao [Paulo] Plínio, que me mandes umas traduções dele, de poetas alemães contemporâneos, tiradas daquela antologia que eu trouxe para ele da Alemanha. *PLEASE*, vai à casa dele e pede-lhe isto. Pede-lhe também que me mande uma cópia das *Elegias* do Rilke, para eu publicar pelo menos uma. Que ele mande, também, uma boa nota sobre Rilke. Se ele puder, que me mande todo o trabalho dele: introdução, traduções e comentários. Se ele tiver outras traduções – de Rilke, dos alemães, ou de poetas de outras línguas, que me mande, urgentíssimo.

3) Pede ao [Paul] Hilbert que me traduza para o português (com tua ajuda), um poema realmente belo e moderno de Stefan George e outro de H. v. Hofmannsthal. A tradução poderá ser em prosa (mandem o original) ou em verso atual, ou em verso tradicional. Seja como for. Apenas, que seja fiel. É para a seção nova “Fontes e correntes da poesia contemporânea”.

4) Benedito: manda, urgente, os artigos sobre o *Cancioneiro* de Garcia Rezende, sobre Gregório de Matos, sobre Basílio da Gama. E manda às tuas ordens.

5) Se falares com Haroldo [Maranhão], pede a ele que me mandes os suplementos dele, os novos e os atrasados, sobretudo aqueles em que tenham porventura saído coisas com o meu nome. O mesmo te peço quanto ao Suplemento do Ruy. Ainda não vi um só número da *Folha*. Apenas ouvi falar que saíram coisas tiradas de minha página. Absolutamente não me incomodo, é claro: até gosto. Apenas, espero que me seja dado crédito e que me mandem os suplementos, para eu ver como está saindo a coisa.

Por favor, Bené, perde um tempinho comigo com essas coisas. Estou às tuas ordens para comprar o que quiseres aqui. As livrarias estão cheias de coisas fresquinhas, de filosofia, em todas as línguas. Mando-te o que quiseres. A moda aqui, agora, em filosofia, parece ser um existencialista-marxista francês, que já deves conhecer: Merleau-Ponty. Fala-se também muito no teu Hartmann (FAUSTINO, Carta do Rio de Janeiro, 09/01/1957).⁵⁴

Dos autores mencionados, apenas um nome aparece na seção de crítica e tradução. É o caso da análise de Stefan George, cuja publicação Faustino traduziu os poemas “Templer” (“Templários”) e “Das neue Reich” (“Do Novo Império”). O poeta alemão é o décimo sétimo autor divulgado em “Fontes”. Em seu comentário de apresentação, Faustino contextualiza a poesia alemã de forma geral, salientando o que o jovem poeta pode esperar dessa poesia. Primeiro, diz ele,

⁵³ Em “Clássicos vivos”, Faustino comentou e divulgou excertos da tradução de Carlos Alberto Nunes, tio de Benedito Nunes, conhecido tradutor da obra completa de Platão.

⁵⁴ As citações são extraídas da edição das correspondências de Mário Faustino a Benedito Nunes, organizadas pela Lília Silvestre Chaves, em 2017.

a possibilidade de “ouvir” e “ver” e “cogitar” a linguagem poética, em ação, através de uma língua quase completamente estranha à nossa. Assim é que Pound aconselha ao jovem poeta, ignorante do alemão, a procurar escutar, no original, as líricas de Goethe e Schiller (PE, n. 033, 05/05/1957).

Em seguida, Faustino faz um levantamento de momentos importantes da poesia alemã:

[...] há, os Nibelungen – no original teutônico, para quem o conhece, em Hobbel para os outros –, há os maravilhosos poemas anônimos do século XII, há os Meisteringers e Minnersinger (entre os primeiros a distinguir os aspectos formal, logopoético e melódico do poema: Ton, Wort, Weise), há o divino Walther von der Vodelweide, há o mundo que é Goethe – dentro de fora da poesia propriamente dita – há algum Schiller, muito Hölderlin, algum Novalis, um ou outro Kleist. Depois há o enorme Heine, que é preciso conhecer inteiro: vale uma literatura. Algum Mörike. Muito Nietzsche, em verso e prosa: muita poesia. Algum Dehmel, algum Holz. E há, para não chegarmos aos mais recentes, Stefan George. Nele começaria a “moderna” poesia alemã (PE, n. 033, 05/05/1957).

Após a contextualização, Faustino explica o porquê de começar por George, uma vez que a

poesia alemã não se divide em George, houve, antes, o próprio Heine, tão “moderno”, em qualquer sentido, quanto qualquer outro, houve Mörike, Keller, Dehmel, sobretudo Arno Holz... Todos são “contemporâneos” nossos quanto o próprio George. (fonte??)

Portanto, eleger George como representante de umas das fontes da poesia contemporânea significa, para Faustino, reconhecer nele um poeta decisivo para a formação da poesia alemã, pois “a vasta obra de George é uma espécie de *turning point*, brusco não, mas suave, da poesia de língua alemã”. Somado a esse ponto de inflexão, George traduziu para o alemão os poetas Baudelaire, Rimbaud, Verlaine e Mallarmé, bem como reuniu em sua poesia a poesia do passado alemã, que para Faustino é um traço importante na contribuição da poesia de um país, preparando “o terreno onde talvez um Morgenstern e decerto um Rilke, um Tralk, um Weinheber e um Jünger plantariam suas árvores”.

Nas publicações da página de poesia, quando havia colaborações, Faustino sempre mencionava os autores, seja de textos e ensaios, seja de traduções, como pudemos ver o caso de Augusto de Campos, que mais teve suas traduções divulgadas em “Poesia-Experiência”. Voltando à lista de pedidos, quando remete a Peter Paul Hilbert, antropólogo alemão, do Museu Emílio Goeldi, de que a tradução seja fiel, independentemente do formato, além de destacar as fontes como as antologias, no caso do pedido ao poeta e tradutor Paulo Plínio Abreu,

responsável por uma tradução das *Elegias de Duíno*. A ideia de uma fidelidade da tradução é recorrente no horizonte tradutório de Faustino, como poderemos verificar nas várias notas e comentários sobre as traduções. Os pedidos revelam também uma visão coletiva de seu trabalho, assim como a consciência empenhada na valorização das publicações saídas em “Poesia-Experiência” e na descrição do ambiente intelectual em torno das discussões filosóficas da época.

Como já mencionamos acima, Mário Faustino utilizou-se de uma didática analítica de crítica, dividida entre os gêneros: comentários, artigos e ensaios – desdobrados na experiência do ato de traduzir como gesto de compreensão e crítica. É nesse sentido que Faustino realizou a seleção dos principais poetas do modernismo ocidental, em exames objetivos, repletos de citações de textos poéticos e críticos, acompanhado de expressões em língua inglesa e francesa, por vezes peremptório. Em princípio, ora consagrou os textos a autores de literatura inglesa e norte-americana, ora escreveu sobre autores da literatura francesa, excetuando os estudos sobre Stefan George e de Rubén Darío.⁵⁵ Essa alternância de percurso foi feita até chegar aos trabalhos relacionados às vanguardas modernistas.

A estrutura dos textos seguia também a experiência visual da página “Poesia-Experiência”, expressa nos limites da seção, o que dependia da extensão do artigo. As duas primeiras publicações seguem a disposição: na primeira parte, o poema e sua tradução são acompanhados dos respectivos comentários críticos. É o caso dos textos sobre Edgar Allan Poe e Théophile Gautier. Depois disso, a estrutura da seção prosseguiu com o arranjo de apresentação crítica, seguida das publicações bilíngues dos poemas, até incorporar a forma de um artigo ou ensaio, com exames mais aprofundados sobre o estatuto literário dos poetas, explicitando exemplos da contribuição de cada autor, por meio da crítica e tradução.

De forma geral, a crítica dessa seção seguiu o método definido por ele como “exame-amostragem”, uma adaptação dos *exhibits* e das *instigations* de Ezra Pound⁵⁶. Apesar da crítica de Faustino ser baseada visivelmente no norte-americano, sobretudo pelas centenas de

⁵⁵ No “exame-amostragem” sobre Ruben Darío, Mário Faustino resolve não traduzir o poema do espanhol, porque dizia que “o espanhol é suficientemente fácil para qualquer leitor capaz de ler poesia” (PE, n. 039, 16/06/1957). Além de uma pequena antologia do poeta nicaraguense, Faustino, a exemplo de linguagem [?] poética, publicou fragmentos de San Juan de la Cruz, Góngora e Lope de Vega.

⁵⁶ Vistos em *Instigations of Pound* (Boni and Liveright Publishers, 1920) e *Make it new* (New Directions, 1934).

referências ao poeta-crítico, seu trabalho se assemelha também com a estrutura da coleção *Poètes d'aujourd'hui* (1953)⁵⁷, editada por Pierre Seghers, em que, de um lado, era composto por breves comentários sobre o poetas franceses, de outro, divulgava fragmentos da poética de um escritor, o que construiu um panorama da poesia francesa, em mais de 200 edições.

Benedito Nunes, no texto introdutório à *Poesia-Experiência* (1977), considera a crítica de Mário Faustino como complemento indispensável à obra do poeta. Aponta, entre outros aspectos, referências a Eliot e Pound presentes no trabalho faustiniano, sobretudo na utilização de métodos de crítica baseados nos modos de contrastes e comparações. Afirma também que Faustino não objetivou simplesmente acompanhar a trajetória cronológica da poesia moderna, mas, sim, em analisar as correntes poéticas em função das obras “tanto quanto estas em função do interno desenvolvimento das formas, da linguagem e das atitudes que agenciaram e que se acham nelas compreendidas” (NUNES, 1977, p. 13). Portanto, para Nunes, a ligação da poesia norte-americana e inglesa, bem como relacionada à literatura francesa, “projeta-se no plano horizontal de uma ordem de valores que tendeu ao sistema e à sincronia, e que rege o desenvolvimento da poesia contemporânea” (NUNES, 1977, p. 13). Quanto à tarefa da tradução, afirma que a atividade era “uma maneira de sondar, de difundir e de reavaliar a contribuição das obras individuais para o estado atual da poesia, aliou-se à pesquisa daqueles padrões criativos que deveriam estimular e favorecer à renovação” (NUNES, 1977, p. 12).

4.1 EDGAR ALLAN POE

O primeiro exame crítico apresenta-se como comentário: breves considerações sobre a obra poética do escritor norte-americano. Trata-se de uma descrição da recepção do poeta na Europa (“glorificado por um Baudelaire e um Mallarmé”), onde teve, segundo Faustino, a aceitação maior do que nos países de língua inglesa, que naquela época dividia a crítica sobre o poeta. Cita, nesse percurso, dois críticos norte-americanos (Yvor Winters e Edmund Wilson) a favor de Poe, considerado pelo último como “o primeiro gênio realmente poético e criador produzido pela América” (WILSON, *apud* FAUSTINO, PE, n. 016, 06/01/1957, p. 5). Depois, refere-se a numerosas traduções de “O corvo” para a língua portuguesa, numa alusão às experiências sonoras e melodramáticas expressas nesse poema, atestando, por fim, a maior fama como ficcionista em detrimento de sua poesia:

⁵⁷ Mário Faustino chegou a escrever um artigo de nome. [?]

Seja como for, se deixarmos de lado os precursores, longínquos ou próximos, é Poe o primeiro “inventor” a constituir uma das fontes e uma das correntes da poesia contemporânea. É o criador, para nossa época, daquela maneira gótica e terrível (comparar com Webster e Tourneur) que, transferida para Baudelaire, provocaria *un frisson nouveau* em Victor Hugo e iria fecundar, direta ou indiretamente, Rimbaud e os surrealistas; é o inovador rítmico de um instrumento que, muitas vezes *gauche* em suas próprias mãos, seria explorado, nas cordas mais lúcidas, por um Mallarmé, um Valéry. É o teórico que, em ensaios como “The Poetic Principle”, “The Philosophy of Composition”⁵⁸ etc., chamou a atenção para certas distinções fundamentais, a seu tempo desprezadas, entre o que é prosaico e o que é poético, sobretudo para as relevâncias dos elementos “imaginação” e “música” em poesia. E, finalmente, trata-se de um dos mais intensos e dramáticos prosadores “poéticos” de todos os tempos (FAUSTINO, PE, n. 016, 06/01/1957, p. 5).

Mário Faustino, em poucas linhas, condensa a contribuição poética-crítica de Edgar Allan Poe, sobre a qual a poesia moderna tem no poeta uma referência fundamental. Na segunda parte do comentário, o crítico classifica a poesia de Poe de duas maneiras: de um lado, “laborioso versificador”; de outro: responsável por uma dicção exata e sóbria, vistos em poemas como “To Helen” – traduzido e comentado –, “que ora publicamos no original e numa versão em prosa”:

Aos leitores que puderem ler, ou reler, o original, chamamos a atenção para o uso, discreto ao menos esta vez, da aliteração (que, no quinto verso, lembra os poemas anglo-saxões), a ambiguidade riquíssima de *Naiad airs*, a nobreza dos versos 9 e 10 – que se tornaram linguagem cotidiana – o jogo de palavras *yore – gebtly o’er*, o quadro inolvidável da última estrofe. Este poema é um objeto não harmonioso quanto qualquer outra criação do homem ou da natureza: não é o contrário, a descrição de uma visão feminina: é o louvor de Helena ou de uma Helena, louvor que a ressuscita magicamente, batizando-a e conferindo-lhe uma forma nova; um poema, uma criação (PE, n. 016, 06/01/1957, p. 5).

Percebe-se desse comentário um gesto conciso de explicação, voltado para uma valorização do texto original, uma vez que suas indicações didáticas apontam para essa finalidade, deixando para a tradução a função de esclarecer o texto de origem. Entretanto, ao cotejar esses textos, verifica-se aspectos que superam a intenção meramente de divulgação da poesia de Poe.

⁵⁸ Décio Pignatari publicou a tradução de “A filosofia da composição”, de Poe, na página “Livro de ensaios” (SDJB, 052, 26/05/1957, p. 5).

To Helen

- | | |
|--|--|
| <p>Helen, thy beauty is to me
 Like those Nicéan barks of yore,
 That gently, o'er a perfumed sea,
 The weary, way-worn wanderer bore
 5 To his own native shore.</p> | <p>Helena, tua beleza é para mim como os antigos barcos
 de Niceia, que suavemente, por mares perfumados,
 transportavam para as praias natais o fatigado
 <u>viajador roído pelas rotas.</u></p> |
| <p>On desperate seas long wont to roam,
 Thy hyacinth hair, thy classic face,
 Thy Naiad airs have brought me home
 To the glory that was Greece,
 10 And the grandeur that was Rome.</p> | <p>A mim, que costume errar por mares desesperados, teu
 cabelo jacinto, teu rosto clássico, <u>teus ares de
 náiaide me trouxeram de volta – à glória que foi
 Grécia, à grandeza que foi Roma.</u></p> |
| <p>Lo! in yon brilliant window-niche
 How statue-like I see thee stand,
 The agate lamp within thy hand!
 Ah, Psyche, from the regions which
 15 Are Holy-Land!</p> | <p><u>Psiquê de regiões que são terra santa,</u> igual a uma está-
 tua eu te vejo de pé, no nicho fulgurante da janela,
 a lâmpada de ágata nas mãos...</p> |

“To Helen”, segundo Mabbott (1969, p. 163-171), é considerado como um dos melhores poemas de Poe, o que inclui dois versos memoráveis do poeta: “To the glory that wal Greece, / And the grandeur that was Rome”. Trata-se de um poema de 15 versos, composto em três estrofes de rimas irregulares (ABABB, ABABB, ABBAB). No entanto, há duas versões do poema, uma de 1831, com a edição de *Poemas of Edgar A. Poe*, a outra, revista pelo autor, apareceu em *The Raven and Other Poems* (1845), junto do famoso “O corvo”.

Ao seguir as indicações de Mário Faustino, percebe-se quais aspectos ele tentou manter em sua tradução em prosa. Primeiro, a tradução corresponde à segunda versão de “To Helen”, permanecendo apenas a disposição gráfica da primeira versão. Segundo, cada parágrafo traduzido representa uma estrofe do original, para que o leitor possa acompanhar/comparar com o texto em inglês, bem como não nomeia a sua versão. Depois, ele consegue recuperar a aliteração do quarto verso “The weary, way-worn wanderer bore”, com “o fatigado viajador roído pelas rotas”. Depois, recupera, na prosa, a ambiguidade expressa por “Naiad airs”, bem como os versos mais conhecidos desse poema (9 e 10), finalizando o parágrafo num tom coloquial próprio da sua didática: “teus ares de náiaide me trouxeram de volta – à glória que foi Grécia, à grandeza que foi Roma.” Nota-se ainda que o título não foi traduzido, deixando para o seu óbvio significado para o leitor. Por fim, impõe à versão uma liberdade na tradução da última estrofe, quando inverte a ordem dos dois últimos versos, transformando o texto de origem para além de um mero roteiro de compreensão, pois reescreve o texto a partir de uma abordagem poética, inserida na prosa poética.

O projeto das traduções em prosa não é inovador. Certamente, Mário Faustino conhece enquanto leitor das traduções realizadas por Baudelaire e Mallarmé, os quais cita logo no início de sua crítica. Nessa tradução, o crítico-tradutor apresenta ao seu público o método “exame-amostragem”, que serve de parâmetro para a crítica e traduções das abordagens dos demais artigos dessa coluna.

Somado aos poetas de língua inglesa, incluídos na primeira série de artigos, o que compreende 34 poetas da poesia moderna ocidental, podemos enumerar os seguintes poetas: Walt Whitman, sobre o qual Faustino preparou uma pequena antologia, com cinco fragmentos poéticos:

De *Leaves of Grass* e de outros poemas [*Birds of Passage*] extraímos a pequena antologia que ora publicamos em tradução praticamente literal, o que, mais a angústia de espaço, nos dispensa da reprodução do texto original. Ao leitor interessado lembramos, também, a prosa whitmaniana, cujo imenso valor intrínseco é acrescido pela contribuição que representa como anexo indispensável à compreensão humana e artística de seu criador (PE, n. 018, 20/01/1957, p. 5).

Depois, com Emily Dickinson, Faustino publica seis poemas e um fragmento da poeta, referindo-se às traduções como “tradução não versificadas”, ao mesmo tempo que dá títulos aos poemas, repetindo o mesmo gesto de Manuel Bandeira. Sobre essa tradução, há um único estudo relevante na área dos Estudos da Tradução, do professor Walter Costa (1987). Ele observa o caráter explicativo da tradução de Faustino:

O modo de traduzir de Mário Faustino é bem peculiar. Seu objetivo é basicamente pedagógico, no melhor sentido do termo. Ela quer revelar aos jovens poetas brasileiros a maneira de poetar de Emily Dickinson (como fez com vários outros poetas). Por isso, sua tradução é explicativa e segue o texto original de perto, como que fornecendo pistas ao poeta brasileiro com domínio precário do inglês. É curioso que ele tenha denominado a tradução de “não versificada” pois ela é, justamente, feita em versos (livres), como se pode ver no poema 1.732.

(Separação

Duas vezes encerrou-se minha vida antes do encerramento;
resta saber se a Imortalidade me
revelará um terceiro acontecimento,
tão gigantesco, tão impossível de conceber-se, quanto
esses que duas vezes sucederam. A separação é
tudo o que sabemos do céu e tido o que
necessitamos do inferno.) (COSTA, 1987, p. 79-80).

Walter Costa, como ele mesmo menciona, consultou a edição *Poesia-Experiência* (1977), organizada por Benedito Nunes. Nessa edição, os poemas traduzidos não recebem a mesma mancha tipográfica vista nas publicações de jornal, o que induz o leitor ao erro, pois a tradução aparece em versos.

Parting

My life closed twice before its close –
It yet remains to see
If Immortality unveil
A third event to me

So huge, so hopeless to conceive,
As these that twice befell.

(Separação

Duas vezes encerrou-se minha vida antes do encerramento; resta saber se a Imortalidade me revelará um terceiro acontecimento,

tão gigantesco, tão impossível de conceber-se, quanto

esses que duas vezes sucederam. A separação é tudo o que sabemos do céu e tudo o que necessitamos do inferno.)

Essa tradução “não versificada”, na verdade, é mais uma versão da tradução em prosa, em que a função pedagógica está voltada para o aspecto semântico do texto, privilegiando o sentido na tradução, recriando a imagem do poema por meio do título atribuído ao poema traduzido.⁵⁹

Hopkins é o próximo autor de língua inglesa vista nessa seção. Dentro dos comentários crítico, Faustino faz referência aos preceitos ao aspecto logopoético de Pound, considerando o processo da aliteração da poesia dele como um mecanismo de aproximação a essa noção poundiana, bem como faz alusão à poesia concreta, quando cita um dos aspectos teóricos do movimento, a *Gestalttheorie*:

Os poetas da Gestal – pode-se falar neles como se fala nos psicólogos da *forma* – encontrarão especial interesse na *inscape* de Hopkins (ver Herbert Read, *Inscape And Gestalt: Hopikins*), nesse “complexo total de imagem, ritmo e som resolvido em forma intrincada porém infrangível”. Certos poemas seus, por outro lado, como “The Leaden Echo And The Golden Echo”, são capazes de humilhar as maiores proezas fanopoéticas de um Valéry (comparar, por exemplo, os efeitos sonoros dos “Echos” com os do “Narcisse” (PE, n. 023, 24/02/1957).

Não por acaso Augusto de Campos traduziu o poema mencionado por Faustino, considerado pelos poetas-tradutores a exemplificação da linguagem inventiva, pois Hopkins

⁵⁹ Em *Emily Dickinson: não sou ninguém* (2008), Augusto de Campos traduz uma seleta de 45 poemas da poeta norte-americana. Três dos poemas traduzidos por Faustino aparecem nesse projeto. São eles: “Succes is counted sweetest”, “Safe in their Alabaster Chambers” e “I felt a Funeral, in my Brain”.

“enriqueceu inestimavelmente a um tempo a língua e a *ars poetica* inglesas”, criando “vocábulos novos paralelamente ao vasto, intenso e preciso emprego de combinações vocabulares – aproveitando, assim, uma riqueza básica dos idiomas germânicos” (FAUSTINO, PE, n. 023, 24/02/1957). Em “O eco de bronze e o eco de ouro”, Augusto de Campos salienta a estrutura dessa linguagem revolucionária – comentário que complementa os aspectos vistos por Faustino:

O poema “The Leaden Echo and the Golden Echo”, de 1882, aqui traduzido, ilustra admiravelmente os métodos da poesia de Hopkins. Desde a abertura, onde – como sublinhou F. R. Leavis – se observa “a estrutura e a progressão de eco verbal, aliteração, rima e assonância” [...]. Além disso, o poema dos ecos é uma notável equação existencial do humano afã de sobrevivência: o tema é o da efemeridade da beleza, desencadeado por uma torrente de objetos extraídos do *mundus muliebris*, na expressão do próprio Hopkins, pois, como ele esclarece, trata-se aqui “da beleza como algo que pode ser conservado e perdido fisicamente e apenas por coisas físicas, como chaves”. Pode-se perceber, também, aquilo que o poeta chamava de *instress* (energia ou impulso interior), através da vibrante nervosidade, do “*pathos* terrível” que lhe percorre a torturada poesia, talvez a única, do pálido e polido fim de século vitoriano, capaz de suportar comparação com a dos grandes simbolistas franceses (CAMPOS Augusto, 1978, p. 202-203).

Quanto à tradução, Mário Faustino faz o seguinte exercício, traduzindo “God’s Grandeur”:

The world is charged with the grandeur of God.
It will flame out, like shining from shook foil;
It gathers to a greatness, like the ooze of oil
Crushed. Why do men then now not reckon his rod?
Generations have trod, have trod, have trod;
And all is seared with trade; bleared, smeared with toil;
And wears man's smudge and shares man's smell: the soil
Is bare now, nor can foot feel, being shod.

And for all this, nature is never spent;
There lives the dearest freshness deep down things;
And though the last lights off the black West went
Oh, morning, at the brown brink eastward, springs –
Because the Holy Ghost over the bent
World broods with warm breast and with ah! bright wings.

(Tradução aproximada e prosaica desse poema intraduzível como todo Hopkins:

“O mundo está carregado da grandeza de Deus. Ela explodirá flamejante, uma folha de amianto sacudida; em círculos concêntricos de glória, pegajosos como óleo que se agita. Por que então não seguem os homens seu bordão? As gerações se arrastam e se arrastam e se arrastam; e tudo é ressequido pela troca; empanado, besuntado pelo trabalho; cobre-se da fumaceira do homem, participa do cheiro: o solo está nu agora, e nem pode senti-lo o pé, que vai calçado. E com tudo isso a natureza não se esgota; permanece no fundo das coisas a mais preciosa frescura; e embora as últimas luzes desapareçam o

Ocidente negro, oh, a manhã, lá no limite pardo do Oriente, salta – pois o Espírito Santo se aninha sobre o mundo curvo, para chocá-lo com seu peito quente e com suas ah! brilhantes asas.”

O leitor que lê inglês notará os momentos em que o desasado tradutor foi obrigado a desviar-se da tradução literal. A tradução poética é aqui particularmente impossível. Não há como transpor para outra língua esse complexo alternativo-asonantal, essa recriação contínua de palavras que soam inteiramente novas, recém-nascidas num contexto de absoluta unidade e vivência interior. Procure o leitor ouvir esse poema corretamente declamado e conhecerá uma das razões pelas quais Hopkins é justamente um mestre da melopeia.)

Nesse exemplo, a tradução aparece acompanhada no mesmo espaço, entre parênteses, do comentário sobre a tradução. Nela, há dois aspectos desse processo: de um lado, o tradutor se vê obrigado, em certos momentos, a desviar de seus projeto de tradução literal, ao mesmo tempo que reconhece a impossibilidade de uma tradução poética, pois, para ele, a transposição formal desse poema não conseguiria recuperar as formas do completo de aliteração e assonâncias empregadas no texto original.

Por fim, seguindo essa primeira série de poetas, ele discorre sobre os seguintes poetas de língua inglesa: William Butler Yeats, Thomas Hardy, Alfred Edward Housman, Joseph Rudyard Kipling (com citações críticas de Eliot a respeito do poeta), Robinson, Robert Frost, Carl Sandburg, Vachel Lindsay. Em todas essas publicações, Faustino procurou demonstrar a poesia mais representativa de cada poesia, com breves comentários críticos, tendo como foco a diversidade poética, em publicações bilíngues.

4.2 STÉPHANE MALLARMÉ

Stéphane Mallarmé figura como o vigésimo autor analisado e traduzido na seção das “Fontes”. Esse é um dos exames mais significativos realizados por Mário Faustino, pois põe em prática não apenas uma leitura distinta, como também exerce, na tradução, um laboratório tradutório, visto como um processo pedagógico de tradução de poesia.

Álvaro Faleiros (2017, p. 150), em “Os tempos de Mallarmé nas antologias brasileiras de poesia traduzida”, vê na recepção de Mário Faustino “o grande momento da recepção e tradução de Mallarmé”. Pois, os poemas selecionados na antologia faustiniana tem a ver com a representação das quatro fases descritas por Faustino: 1. “parnasiano-simbolista”, ligada aos poetas Baudelaire e Rimbaud; 2. um Mallarmé reconciliado com os autores Racine e Valéry, sobretudo relacionado à linguagem francesa; 3. o poeta dos grandes sonetos, de *Plusieurs sonnets*; e por último, a fase da experimentação poética de *Un coup de dés*.

A respeito dessa visão de Faustino, Augusto de Campos (1974), em “Mallarmé: o poeta em greve”, faz uma interlocução com o texto do crítico, citando justamente as fases mencionadas por ele, considerando o texto “Stéphane Mallarmé” como “a melhor introdução didática brasileira que conheço à obra de Mallarmé”, e continua observando a escrita faustiniana:

a despeito de Faustino considerá-la modestamente “simples conversa em torno de alguns aspectos de Mallarmé”. Simples conversa, de fato, em jargão jornalístico, poundiano, visando o leitor comum, mas conversa qualificada, capaz de separar drástica e pragmaticamente o que interessa da poesia de Mallarmé para o fazer de agora (2010, p. 25).

As fases de Mallarmé estão ligadas às três tarefas descritas por Faustino:

[...] a de *criticar* (sempre através de fazer poemas, do *fazer*) uma tradição poética, revivendo-a através de um processo seletivo, deixando cair os membros mortos e reproduzindo os realmente vivos; a de criar poemas (palavras-coisas conjugadas, organicamente, em padrões, se não totalmente *novos*, pelo menos renovados), que são, ao mesmo tempo, sedes e correntes de beleza, documentos de autocrítica existencial e remédios-fortificantes-operações-plásticas para a língua em que são escritos e para a própria linguagem humana; e, finalmente, a de lançar os fundamentos de *rien ou presque un art*, ‘de nada ou quase uma arte’ (PE, n. 035, 19/05/1957, grifos de quem?).

Dentro dessas esferas de atividades, prevalece as tarefas de crítica, a de criação poemática e os fundamentos de sua experiência mais radical, *Lance de dados*, em que o poeta francês transforma num ponto máximo da linguagem fragmentada, resultado das linhas realizadas pelas pesquisas “caras a nosso tempo, o verso livre e o poema em prosa” (MALLARMÉ, 2010, p. 152).

Das quatro fases, a terceira seria, segundo Faustino, necessário:

Transcrever, traduzir, comentar por inteiro, verso por verso, palavra por palavra. Aí é o Mallarmé é ao mesmo tempo Mestre e Inventor. Aí ele não pode ser acusado de bizantinismo: seria tomar parte pelo todo, por mais que uma Benda pense o contrário. Aí Mallarmé leva a um ponto máximo, até hoje não mais atingido, uma linguagem (a poética) e uma língua (a francesa). Esses poucos poemas é que fazem dele – juntamente com as experiências de “inventor” de *Igitur* e sobretudo de *Un coup de dés* – o maior poeta-para-poetas da língua francesa, um dos maiores de todos os tempos e sem dúvida alguma o maior destes últimos cem – ou duzentos – anos (PE, n. 035, 19/05/1957).

Nesse sentido, Mário Faustino elabora, no laboratório de “Poesia-Experiência”, a tradução de um poema representativo dessa terceira fase: “Salut”:

Rien, cette écume, vierge vers
 À ne désigner que la coupe;
 Telle loin se noie une troupe
 De sirènes mainte à l'envers.

Nous naviguons, ô mes divers
 Amis, moi déjà sur la poupe
 Vous l'avant fastueux qui coupe
 Le flot de foudres et d'hivers;

Une ivresse belle m'engage
 Sans craindre même son tangage
 De porter debout ce salut

Solitude, récif, étoile
 À n'importe ce qui valut
 Le blanc souci de notre toile.

Aqui, é a representação mais significativa da prática da tradução pedagógica faustiniana, realizando o primeiro comentário sobre o poema “Salut”:

- um objetivo vivo, um objeto novo; o padrão – dos versos, das palavras, das estrofes, da própria forma (é inexplicável) do poema – se impõe a todas as nossas vistas (imagem, ouvido, ideia), a todo o nosso nervo óptico, como ao mesmo tempo se impõe um cristal de gelo, uma estrela no espectro, um pássaro subitamente colhido pelo olhar;
- palavras novas, uma por uma, que, além de guardarem seu sentido rotular comum, seus signos, além de guardarem e adquirirem novos sentidos relacionais de combinação, adquirirem uma nova personalidade, tornam-se insubstituíveis, intraduzíveis; uma nova natureza que apenas parte de outra natureza que lhe deu origem;
- a individualização, a universalização de certas palavras (*écume, salut, solitude, récif, étoile*, etc.) sem nenhum recurso à redistribuição espacial;
- verdadeiros ideogramas (o poema inteiro é um ideograma, isto é, aproximadamente, uma imagem-conjunto-de-imagens, entreligadas de todas as maneiras, e que choca nossas percepções tanto por cada uma das partes como por um todo que é a soma dessas partes mais alguma coisa) como

Solitude, récif, étoile,

Três palavras soltas mas que tanto e tão inexplicavelmente se relacionam que passam a ser, também, qualquer coisa como

solituderécifétoile,

um todo novo, onde cada parte é válida (e se ascende e reacende como num anúncio luminoso) e onde o todo é mais alguma coisa que soma as partes.

A tradução e a traição em insuficiente linguagem linear desse poema seria:

“Nada, esta espuma, virgem verso, designando apenas a taça (*coupe* significa aí, simultaneamente, taça, fonte, corte – corte de verso, também e sobretudo —, traçado, esboço, ação de partir as cartas de um baralho, etc.; uma ambiguidade dessas que servem não para obscurecer, mas para enriquecer e personalizar a palavra); igual como ao longe se afoga uma tropa de sereias, muitas delas às avessas, ao contrário. Navegamos, oh meus diversos (outra ambiguidade) amigos eu já sobre a popa, vós a dianteira faustosa que corta o fluxo de raios e de invernos; uma bela embriaguez se apossa de mim, que não

temo nem mesmo seu balouço (balouço de navio e de quem está bêbedo) de erguer de pé esta saudação – solidão, recife, estrela – ao que quer que tenha valido a branca inquietação de nossa tela (PE, 035, 19/05/1967).

Os comentários e as traduções enxertadas de explicações mostram a didática do projeto de Mário Faustino, porque apresenta uma etapa, digamos, preliminar do ato de traduzir, conduzido pela etapa de leitura/releitura do poema, descobrindo as nuances de cada palavra, mencionado na tarefa de divulgação do Mallarmé dos grandes sonetos, dado pela explicação minuciosa do texto poético. Esse gesto pode ser visto também nas Preliminares a uma tradução do *Un coup de dés* de Stéphane Mallarmé, de Haroldo de Campos, de 1974, em que o tradutor detalha o projeto de tradução, acompanhado de explicações parecidas com a efetividade do projeto de Faustino. A tradução de “Salut”, portanto, representa um pouco a fabricação do poema traduzido, selecionada a fase da poesia de Mallarmé que mais tem a ver com o tradutor, pois ela está ligada às formas tradicionais, no caso o soneto, tão celebrado por Faustino. Augusto de Campos dizia que ele estava “entalado no ‘nó mallarmaico’ do *Lance de dados*”, embora tivesse com a poesia concretasáido “do impasse tradição *versus* moderno, passado *versus* presente, mas o jogou insensivelmente, em outro, crucial, presente *versus* futuro. Faustino ficou, como lhe dizíamos amigavelmente, entalado no “nó mallarmaico” do *Lance de dados*”.⁶⁰

Mário Faustino traduziu outros poetas de língua ou expressão francesa, como Théophile Gautier, Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Lautréamont, Paul Verlaine, Germain Nouveau, Charles Cross, Tristan Corbière, Jules Laforgue, Saint-Pol Roux, Henri de Régnier, Remy de Gourmont, Jean Moréas; os belgas de expressão francesa: Maurice Maeterlinck, Max Elskamp, Emilie Verhaeren; e os franceses: Paul Claudel e Alfred Jarry. Nessas traduções, os poemas traduzidos aparecem, em sua maioria, em traduções em prosa com breves comentários sobre o poeta e poema escolhido.

4.3 EZRA POUND

Mário Faustino consagra oito textos a Ezra Pound, o poeta em que ele se espelhava para fazer a sua crítica e tradução pragmática. Em sua contextualização, Faustino faz um

⁶⁰ Augusto de Campos refere-se, nessa crítica, a poemas, como “Marginal poema 19” e “Arizaul”, resultados de uma ligação, segundo o crítico, com a poesia concreta, o que para Mário Faustino era um exercício experimental, mas que se esses poemas fossem colocados em outra disposição, não perderiam a sua forma poética mais tradicional. Conferir os poemas no Anexo.

balanço da contribuição da “Poesia-Experiência” para a divulgação do poeta norte-americano no Brasil:

A obra, poética e crítica, de Pound, só começou a atrair a atenção e a exercer alguma influência entre nós após o trabalho de divulgação deste Suplemento (particularmente através desta página e das traduções e artigos de Pignatari, dos irmãos Campos e de José Lino Grünewald), iniciado há cerca de dois anos. Ezra Pound tornou-se de repente, no Brasil, um tema de discussão – até por parte dos vespertinos. Poética e crítica já vinha exercendo, desde há uns oito anos, sua influência, direta ou indireta, sobre meia dúzia de poetas jovens. Agora todo mundo o discute, embora, como geralmente acontece, poucos o leiam. Ora, é urgente que o leiam: não só para julgá-lo como conhecimento de causa como para benefício de cada um. Nada mais eficaz para a maioria dos males da nossa cultura provinciana que uma boa dose de remédio poundiano, purgativo e estimulante (PE, n. 086, 01/06/1958).

No primeiro artigo, Mário Faustino traça a trajetória de Pound, indicando as suas contribuições para a mudança da poesia por onde passou, seja em Londres ou nos Estados Unidos:

o esbravejar de Pound, seu taquipsiquismo, sua esfuziante energia beirando a neurose, sua maneira peculiar e sempre vivificante de levar em conta a tradição, sua facilidade em *make it new*, seu eterno espírito de vanguarda, seu desprezo pelo superficialmente “respeitável” (que já lhe valera a demissão do corpo docente de um *college* americano) vieram tirar, primeiro os ingleses, depois os americanos – indiretamente desse letargo.

Pound, um mestre e um inventor, seguindo a sua própria categoria, elevando o trabalho da crítica e da tradução de poesia e contribuindo para a formação de jovens poetas e de autores da literatura ocidental, como Eliot e Joyce. Esse trabalho de absorção, afirma Faustino, foi feito pela seleção e transmissão de conhecimento, colocados em quatro níveis:

1. Persuasão direta: “Pound o *causeur*. Pound o *impresario*. As numerosas cartas de Pound, milhares e milhares de instigadoras missivas que inauguraram e, como sempre no caso de EP (Ezra Pound), desenvolveram um novo estilo epistolar em língua inglesa.”
2. Crítica.
3. Traduções. “Aliás, quase toda a crítica de Pound – baseada na apresentação da coisa e não no aproveitamento desta como pretexto para divagações pessoais – inclui traduções.”

4. Poemas. “As *personae* de Pound. EP, um poeta em inglês do século XX, afivela a máscara de um cantador provençal; de um poeta chinês; de um epigramista grego; de um grande poeta latino; de um simbolista francês; e compõe como eles comporiam se, conservando sua própria integridade de tipo, vivessem hoje e falassem o inglês de hoje – ou, mais exatamente, o peculiar inglês de Pound.”

Nesse sentido, Mário Faustino salienta que Pound foi um poeta ligado a tradição, de um verdadeiro cultivo da tradição, sempre voltado para a renovação poética. O novo era o seu horizonte primeiro. Faustino traduz a ideia presente na expressão fruto dessa busca incessante pelo novo, tão visto nas páginas de “Poesia-Experiência”. *O make it new* poundiano, traduzido como: “Fá-lo novo, fá-lo de novo, faze nova a coisa, faze a coisa nova, faze novo, faze de novo.” Assim, essa expressão resumia a tarefa da poesia: renovar. “Renovar, continuamente, a língua, o próprio processo total da linguagem – pensamento, palavra, ação.”

No segundo artigo, Mário traduziu parte de “A Retrospect”, de Pound: “Alguns não”, “Linguagem”, Ritmo e rima”. Já no terceiro artigo⁶¹, o crítico trata dos aspectos do “Imagismo” e da poesia “menor” de Pound, que são as primeiras *personae* do poeta:

A poesia de Pound é uma tradução e uma crítica da realidade; a tradução, por sua vez, é, para Pound, uma crítica, um dos cinco métodos por ele mesmo delimitados, além de tratar-se, por excelência, de traduções poéticas, recriadoras; e a crítica de Pound esteve sempre engrenada aos problemas de criação e de tradução poéticas. Num plano mais alto, a vida e a obra de poeta, tradutor e crítico de Pound, constituem uma interpretação e uma recriação crítica de nossa cultura decorrida e corrente (PE, n. 088, 15/06/1958).

No quarto artigo, discorre sobre aspectos do “humor” na poética de Pound, por meio de breves comentários e traduções poéticas para exemplificar a seleção. São poemas escritos entre 1912-1915, em traduções em verso, publicações monolíngues: “Tenzone”, “A condolência”, “A água-furtada”, “Saudação”, “Saudação segunda”, “Alabastro”, “Les Millwyn”, “Canções do ‘Exército da Salvação’” (poema em três partes), “O olho que tudo vê”, “Âncora”, “Sandálias negras: Belloti”, “Society”, “Gato manso”, “Nossos contemporâneos”, “Antiga sabedoria, um tanto cósmica” e “Soirée”.

⁶¹ Nesse artigo, ele traduz “On his own face in a glass” (“Sobre sua própria face num espelho”, trad. verso / bilíngue), “Alba” (“tentativa de tradução, trad. verso / monolíngue), “Phanopoeia” (trad. verso / monolíngue) – poema de três partes, “A volta” (trad. verso / monolíngue).

No quinto artigo sobre Pound, Faustino contextualiza o ambiente cultural anglo-americano antes do trabalho do autor. Em Seguida, enumera as várias traduções realizadas por Pound. Depois, explicita o que significava a tradução na obra dele:

Que significa, todavia, para Ezra Pound, o termo “tradução”? Tradução, paráfrase, variação em torno de, *poema extraído de, homenagem a*, pouco importa. Para Pound, tradução é criação; o tradutor cria a partir do poema original, assim o poeta cria a partir de um complexo de percepções e experiências. Como diz Hugh Kenner, “a tradução, para ele, não difere, em essência, de qualquer outra tarefa poética; assim como o poeta começa vendo, o tradutor começa lendo; e sua leitura tem que ser uma espécie de visão”. Continua Kenner [em tradução de Faustino (PE, 091, 06/07/1958)]:

Daí a milagrosa realização das traduções de Pound; colocando-se diante de um texto, ele não se agasta com restrições a que sua prática lírica não está acostumada. Uma boa tradução parece um milagre porque aquele que pode ler o original pode, por assim dizer, ver o poema antes de o poeta escrevê-lo, e assim maravilhar-se com o sucesso de sua luta para subjugar à visão sua própria linguagem; porém Pound sempre escreveu como que enfrentando uma prova dessa natureza, num espírito de extrema fidelidade a seu material, seja este um documento ou uma intuição. Conta Pound já ter trabalhado seis meses para fixar uma emoção complexa e instantânea em catorze palavras. A tradução é deveras para Pound de certo modo mais fácil do que o que se chama composição original; aqueles seis meses se passaram menos em encontrar as palavras do que em focalizar a emoção – e um texto a ser traduzido, uma vez apanhado, não escapa. A dificuldade técnica é comparável, mas a disciplina emocional, se não menos exigente, menos exaustiva. É por essa razão que Pound tem recomendado a tradução como exercício aos jovens assolados pela tendência de permitir que transformações expedientes ajam sobre o que quer expressar (KENNER, 1951 *apud* FAUSTINO, PE, n. 091, 06/07/1958).

Comenta após essa citação os pontos altos da atividade de tradução de Pound. Por conseguinte, ele traduz (do inglês) a comparação que Hsieh faz da versão de “Cidade de Choan” com as traduções “convencionais” de Witter Bynner e Kiang Kan-Hu, para demonstrar que a tradução de Pound era melhor.

O sexto artigo é o mais exemplar, porque Mário Faustino apresenta uma análise de tradução comparada e comentada de *Homage to Sextus Propertius* (1917), explicando a reescrita de Pound. Nesse sentido, o percurso da crítica e tradução pedagógica de Faustino é no exercício, primeiro, de traduzir as elegias do Livro III de Propércio, a partir das versões francesas de Maurice Rat e inglesa de H. E. Butler. Depois de ter traduzido essas elegias em prosa, Faustino traduz as elegias que perfazem a primeira parte de *Homage to Sextus Propertius* (1917). Para compreendermos esse estágio da crítica tradutória, vamos acompanhar dois excertos das traduções:

<p>Manes de Calímaco, sombra sagrada de Filetas de Cós, permiti que penetre em vosso bosque. Sou o primeiro sacerdote a chegar de uma fonte Imaculada para trazer aos mistérios da Itália as danças da Grécia. Dizei-me em que caverna ensaiastes vossos cantos, com que passo nela entrastes, que água lá bebestes?</p>	<p>Sombras de Calímaco, fantasmas de Filetas de Cós Por vossos bosques sim, passearia, Eu, primeiro a chegar da fonte clara Trazendo orgias gregas para a Itália, e dança para a Itália. De quem tereis herdado cadência tão sutil, em que vestíbulo a tereis ouvido; Que pé terá batido esse compasso, que água suavizou vossos gorjeios?</p>
--	--

Nos comentários, Faustino reconhece que foi incapaz de manter as sutilezas da versão poundiana, chama a atenção para versos importantes da versão do escritor, como “We have kept our erasers in order” (“mantivemos em ordem nossos apagadores, nossas borrachas”), “tema comum em Pound: o poeta deve ter sempre seus instrumentos afiados e deve estar sempre pronto para recomeçar, refazer, sem deixar ‘escapar’ as qualidades originais que está tentando exprimir”. Faustino observa a expressão latina que Pound deixou escapar: *romantis... equos*, traduzida por Faustino como “Cavalos orvalhados” ou “cavalos suando orvalho”:

Rorantis dá tanto a ideia de “escorrendo” (“suor” ou qualquer outra coisa) como de “orvalhados”. Pound traduz: “dripping horses” (cavalos pingando, suarento); H. E. Butler “steeds” that dripped with brine” (corcéis que pingavam salmoura); Maurice Rat: “chevaux humides” (cavalos úmidos). Por fim, Mário Faustino apresenta um trecho do poema em latim de Propércio (Livro II, Elegia XXVIII, vc, 35-46), seguida de sua tradução em prosa do latim, bem como divulga a sua tradução de Pound. A descoberta dos textos de Propércio é resultado de um levantamento textual entre eruditos alemães e italianos.

No sétimo artigo sobre Pound, ele faz uma análise da fase em que produziu o *Hugh Selwyn Mauberley: Life And Contacts* (1915-22). Trata-se mais uma vez de traduções. Aqui, também, MF faz todo um comentário de tradução.

No último artigo sobre Pound, MF dedicou à análise de explicação dos *Cantares* ou os *Cantos* do autor, baseado em autores como: Carruth e Kenner. Enumera a explicação do texto em 10 pontos, sendo a última um roteiro sobre os *Cantos*. Ao final, mencionou uma biblioteca mínima sobre o autor, contendo as principais obras e os principais estudos.

Nesse sentido, a crítica de Mário Faustino revela-se como um instrumento didático baseado no gesto formador e pragmático de Pound. Entretanto, os textos e as traduções de “Poesia-Experiência” não estão relegados a mera imitação do poeta norte-americano, como pudemos ver no decorrer deste estudo. Uma das hipóteses que giram em torno desta tese é a de que Mário Faustino incorporou uma quantidade de práticas críticas e tradutórias, presentes na

crítica internacional, na qual ele recorria às fontes conhecidas da época, por meio do recorte sincrônico, maneira pela qual estreitava as relações da poesia do passado e com a presente.

Em “Poética sincrônica”, texto de 1967, Haroldo de Campos estabelece esse *modus* de abordagem do texto literário, muito comum para essa geração escritores que tinham em Pound uma espécie de horizonte do pensamento crítico. Assim, Haroldo de Campos cita o empreendimento do escritor norte-americano, em seu famoso *ABC da literatura* como exemplo de uma poética sincrônica, em que enxerga nesse exercício uma convivência fundamental entre a tradição e a contemporaneidade, “para a qual Homero é coevo de Pound, Propércio fala pela voz de Laforgue, os andaluzes Góngora e Garcia Lorca dão-se as mãos, Sá de Miranda conversa com Fernando Pessoa, Novalis e Hölderlin confraternizam com Rilke [...]” (CAMPOS, Haroldo, 1972, p. 208).

Tomando como exemplo Pound e Jakobson, Haroldo de Campos propõe a revisão da poesia brasileira, sobretudo a do passado, a partir dessa perspectiva sincrônica. Diz ele:

O primeiro passo para a revisão em profundidade de nosso passado poético, a partir de uma perspectiva sincrônica, seria, a meu ver, uma *Antologia da Poesia Brasileira de Invenção*, onde os autores selecionados, da fase colonial ao Modernismo, o fossem por um contribuição definida para a renovação de formas em nossa poesia, para a ampliação e a diversificação de nosso repertório de informação estética. Não importa que alguns poetas viessem a ser representados por fragmentos ou mesmo simples pedras-de-toque, que outros, dos mais assíduos frequentadores de crestomatias, fossem sem maiores cerimônias postos à margem, e que, finalmente, a tábua habitual de poetas “maiores” recebesse o tratamento que se dá às inutilidades (CAMPOS, Haroldo, 1972, p. 211).

Mário Faustino, em seus exames e traduções, colocou parte dessas ideias em movimento. Sobretudo na seção “Evolução da poesia brasileira”, em que procurava as contribuições inovadoras dos poetas lidos e selecionados. Gregório de Matos, autor analisado nessa seção, é um consenso para esses poetas-críticos, uma vez que estes consideravam a sua produção, em parte, a criação como tradução. Da mesma maneira, em “Fontes”, Faustino segue esse caminho de análise sincrônica, percorrendo as figuras da poesia moderna, numa seleção que pudesse contribuir para a formação da poesia nacional dos anos finais de 1950.

Sendo assim, a maioria das traduções vistas nessa experiência pedagógica foram feitas em prosa, sendo a parte pragmática dessa crítica em prol da divulgação da poesia ocidental. Essa experiência tradutora remete a um dos modos descritos por Goethe, nas reflexões sobre a

tradução, uma das quais considerou a tradução de poesia em prosa como a primeira etapa para a compreensão da poesia estrangeira⁶².

Considerando a relação pragmática entre a tradução e o seu destinatário, os textos traduzidos funcionam como roteiros de compreensão, o que remete aos preceitos preconizados por Goethe, quando afirma: “Há três tipos de tradução. A primeira nos apresenta o estrangeiro à nossa maneira; uma tradução singela em prosa é a melhor para esse caso” (2010, p. 31). Aqui, segundo Berman (2002), a tradução é resultado de uma relação entre o próprio (autóctone) e o estrangeiro, o que configura na ideia de educação enquanto processo formativo, vista no conceito de *Bildung*. A esse respeito, a primeira etapa de um laboratório de tradução, como uma experiência dessa prática, pode ser considerada, no caso das “Fontes”, como um modo de apresentar o texto de origem ao público do jornal, verificando as limitações do veículo, restando saber quais as implicações dessa prática, para o panorama da tradução de poesia, considerando o contexto de sua publicação e processo de reescrita do texto poético.

⁶² Os fragmentos dessa reflexão estão nos textos: *Dichtung und Wahrheit, Noten und Abhandlungen zu bessern Vertändnis des West-Ostlichen Divans e Zu brüderlichen Andenken Wielands*, traduzidos como os Três trechos sobre tradução, por Rosvitha Friesen Blume (2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tentou realizar uma crítica de tradução, tendo como horizonte as traduções poéticas de Mário Faustino, publicadas no seu projeto “Poesia-Experiência”, entre os anos de 1956 e 1958. Buscou-se, portanto, caminhos interpretativos e descritivos que dimensionassem a trajetória do escritor no campo da tradução de poesia no Brasil, sobretudo por ter se dedicado tanto na prática e na teoria do texto poético, divulgando poetas de várias nacionalidades e línguas, sempre com a intenção formativa, por isso, pedagógica.

Assim, a pesquisa procurou, primeiro, recuperar a trajetória das traduções de Mário Faustino, tentando verificar como os livros editados, contendo textos traduzidos, recepcionavam sua figura enquanto tradutor de poesia, bem como situar a recepção estrangeira de sua obra, por meio da tradução de poemas e ensaios. Nesse sentido, constou-se, primeiro, uma grande ausência de informações críticas a respeito da sua atividade como tradutor. Depois, viu-se que a poesia traduzida de Mário Faustino, presente nas antologias de língua espanhola, inglesa e francesa, seguem a visão de Benedito Nunes e Augusto de Campos, na escolha dos poemas, ora privilegiam os poemas da fase de *O homem e sua hora*, ora editam os poemas saídos na fase mais experimental, paralela à poesia concreta.

Em seguida, dividimos os textos divulgados em “Poesia-Experiência”, em textos de crítica da poesia brasileira e portuguesa, de teoria da poesia, tradução de poesia e crítica e tradução. Essa organização é o resultado da criação dos arquivos de tradução das seções (“É preciso conhecer”, “Clássicos vivos”, “Pedras de toque” e as traduções esparsas) e a coluna “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, a partir da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, reunidos no quarto capítulo.

Constatou-se, no terceiro capítulo, a presença do caráter pedagógico das seções das “Fontes”, nas quais tinham como objeto a análise do horizonte e do projeto de tradução de Mário Faustino, tentando descrever alguns exemplos significativos de tradução de poesia em prosa. Assim, percebemos uma prática necessária a etapas da tradução de poesia, que é a do comentário dentro do processo de tradução, demonstrando uma espécie de etapa preliminar. Ao mesmo tempo, Faustino impactou a recepção dos textos tratados em “Poesia-Experiência”, sobretudo nas de poetas-tradutores de sua geração, como Augusto de Campos, que colaborou em várias publicações para a “Poesia-Experiência”.

Por fim, a tese, mesmo que de forma implícita, procurou o tradutor de poesia enquanto sujeito capaz de reatualizar as formas do passado através do processo de reescrita. Por isso, o primeiro capítulo descreveu a trajetória do tradutor. Ao descrever as traduções de poesia

presente em cada seção, buscou-se compreender a concepção que Mário Faustino tinha da tradução, o que ficou demonstrado em várias notas e na demonstração do seu pensamento, cuja concepção estava associada ao processo de valorização da atividade tradutora, vista na forma como ele via o ato de traduzir, como um processo tão criador quando a feitura de um poema em língua vernácula. Para Faustino, a contribuição de um poeta não pode ser vista somente por seus poemas, mas também por sua produção tradutória. Por isso, ele recomendava aos críticos que mudassem de concepção crítica.

Outro aspecto do seu pensamento da tradução está no modo em que ele concebe o texto traduzido. Primeiro, sempre procurou divulgar o poema, em publicação bilíngue, uma vez que as traduções representavam esse gesto explicativo, sobretudo nas “Fontes”, em que a poesia traduzida estava voltada para o significado, ou para a construção de um roteiro de compreensão poética. As traduções, em sua maioria, eram acompanhadas de um comentário ou nota explicativa, sobre o poema ou poeta. Igualmente os nomes dos tradutores-colaboradores sempre apareciam, dando visibilidade à tradução e ao tradutor. Quando Mário Faustino não podia publicar o texto no original, principalmente por falta de espaço, ele se queixava.

Portanto, as traduções apresentadas nesta tese demonstram a importância dessa atividade na vida de Mário Faustino, compreendida nas funções de jornalista, editor, crítico, poeta e tradutor. Sendo a tradução a principal atividade exercida por ele, desde os 16 anos.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Eliane Morelli. Apresentação do perfil do professor Michel Maurice Debrun. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/index.php/print/813>. Acesso em: 1 dez. 2018.
- ALVIM, Ângela. **Mário Faustino**: poemas. Prólogo de Ricardo Gonzáles Vigil. Traduções de Manuel Moreno Jimeno e Ricardo Gonzáles Gil. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1980.
- ARIJÓN, Teresa (Org.). **Puentes. Pontes**. Poesia argentina e brasileira contemporânea. Seleção e ensaios introdutórios: Heloisa Buarque de Hollanda e Jorge Monteleone. Argentina e Brasil. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- AZENHA JUNIOR, João. Do silêncio à eloquência: uma leitura da Poesia alemã traduzida no Brasil. **Caderno de Letras** (UFRJ), Rio de Janeiro, n. 27, p. 73-84, dez. 2010. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl30122010joao.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.
- ATAÍDE, Artur Almeida de. **O Romantismo resistente e o classicismo possível**: Mário Faustino e a poesia moderna brasileira. Recife: Bagaço, 2010.
- BALESTRIERO, Maria Lúcia Gonçalves. **Mário Faustino**: uma poética da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BARBIERI, Ivo. **Oficina da palavra**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.
- BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions**: John Donne. Paris: Éditions Gallimard, 1995.
- BERMAN, Antoine (1984). **A prova do estrangeiro**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BIBLIOTECA NACIONAL. BNDigital: histórico. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/?sub=historico>>. Acesso em: 14 out. 2018.
- BIBLIOTECA NACIONAL. HEMEROTECA. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.gov.br/>>. Acesso em 14 out. 2018.
- BETTENCOURT, Angela Maria Monteiro; PINTO, Monica Rizzo Soares. A hemeroteca digital brasileira. XV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013.
- BRASIL, Emanuel; William Jay Smith (Org.). **Brazilian Poetry 1950-1980**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press Wesleyan Poetry in Translation Series, 1983.
- CAMILO, Vagner. Introdução. In: _____. **Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. p. 17-46.
- CAMPOS, Augusto de. Nota sobre a edição. In: _____. **Ezra Pound**: poesia. São Paulo/Brasília, 1983, p. 7-8.

- CAMPOS, Augusto de. Dos poetas bizarros a Hopkins. *In: _____*. **Verso, reverso, controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 199-209.
- CAMPOS, Augusto de. As transcrições de Augusto de Campos. **Jornal da Unicamp**. Campinas, Ano XXIII, n. 417, p. 5-8, 24-30 nov. 2008. [Entrevista concedida a Álvaro Kassab Eustáquio Gomes].
- CAMPOS, Augusto de. Mário Faustino, o último *Verse*maker. *In: _____*. **Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 49-61.
- CAMPOS, Augusto de. Mallarmé: o poeta em greve. *In: CAMPOS, Augusto; Campos, Haroldo; PIGNATARI, Décio*. **Mallarmé**. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 23-29.
- CAMPOS, Geir. (org.). **Poesia alemã traduzida no Brasil**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC (Ministério da Educação e Cultura), 1960.
- CAMPOS, Haroldo. Píndaro, hoje. *In: _____*. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 109-111.
- CAMPOS, Haroldo. Da tradução como criação e como crítica. *In: _____*. **Metalinguagens e outras metas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 31-48.
- CAMPOS, Haroldo. Mário Faustino ou a impaciência órfica. *In: _____*. **Metalinguagem e outras metas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 189-212.
- CAMPOS, Haroldo. Texto literário e tradução. *In: _____*. TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (Org.). **Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 19-25.
- CASTELLO, José Alderado. A literatura brasileira: história e pesquisa. *In: _____*. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: Edusp, 2004. v. 2. p. 507-520.
- CASTELLO, José Alderado. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. *In: NAPOLI, Roselis Oliveira de*. **“Lanterna Verde” e o Modernismo**. São Paulo: IEB-USP, 1970. p. 5-12.
- CARVALHO, Max de (Org.). **La poésie du Brésil**. Tradução de Max de Carvalho, Magali Montagné de Carvalho, Françoise Beaucamp, Isabel Meyrelles, Inês Oseki-Dépré, Ariane Witkowski, Patrick Quillier, Michel Riaudel. Paris: Chandeigne, 2012.
- CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: IMS, 1999.
- CHAVES, Albeniza de Carvalho e. **Tradição e modernidade**. Belém: UFPA, 1986.
- CHAVES, Lilia. **Mário Faustino: uma biografia**. Belém: Secult; IAP; APL, 2004.
- CHAVES, Lilia Silvestre. **Mário Faustino: uma biografia literária**. (Tese Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2004. CD-ROM.

- CHIQUITO, E. Entrevista com John Friedmann. Tradução de Amanda Saba Ruggiero. **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, v. 14, n. 2, p. 82-89, 23 dez. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v14i2p82-89>>. Acesso em: 25/02/2017.
- COSTA, Walter Carlos. Emily Dickinson brasileira. **Ilha do Desterro**, n. 17, p. 76-92, 1987.
- COSTA, Walter Carlos. Mário Faustino, professor de poesia. **DC Cultura**, Florianópolis, p. 14-15, 8 jan. 2005.
- CRESPO, Ángel. La antítesis finito-infinito en el pensamiento de Mário Faustino”. **Revista de Cultura Brasilenã**, Espanha, 1965.
- FALEIROS, Álvaro. **Traduzir o poema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012a.
- FALEIROS, Álvaro. Três Mallarmés: traduções brasileiras. **Aletria**, n. 1, v. 22, p. 17-31, 2012b.
- FALEIROS, Álvaro. Os tempos de Mallarmé nas antologias brasileiras de poesia traduzida. **Revista Letras**, UFPR, n. 95, p. 143-163, jan./jun. 2017. (Versão eletrônica)
- FAUSTINO, Mário. Introdução. In: POUND, E. Camões. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 set. 1956. Suplemento Dominical, n. 014, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/65328. Acesso em: 16 set. 2017.
- FAUSTINO, Mário. Poesia-Experiência. **Jornal do Brasil**, 23 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 017, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/65955. Acesso em: 10 set. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Antonin Artaud (“É preciso conhecer, nota). **Jornal do Brasil**, 23 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 017, “Poesia-Experiência”, n. 001, s/d.
- FAUSTINO, Mário. E.E. Cummings (“É preciso conhecer, nota). **Jornal do Brasil**, 30 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 018, “Poesia-Experiência”, n. 002, p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66269. Acesso em: 10 set. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Nota “O melhor em português”. **Jornal do Brasil**, 30 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 018, “Poesia-Experiência”, n. 002, p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66269. Acesso em: 10 set. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Nota “O melhor em português”. **Jornal do Brasil**, 7 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 019, “Poesia-Experiência”, n. 003, p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66497. Acesso em: 10 set. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Hart Crane (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, 28 out. 1956, n. 006, p. 11.
- FAUSTINO, Mário. Nota “O poeta novo”. **Jornal do Brasil**, 18 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 025, “Poesia-Experiência”, 009, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67821. Acesso em: 10 out. 2016.

- FAUSTINO, Mário. Gabriel Audisio (Nota). **Jornal do Brasil**, 18 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 025, “Poesia-Experiência”, 009, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67821. Acesso em: 10 out. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Bertolt Brecht (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, 9 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 028, “Poesia-Experiência”, 012, p. 11.
- FAUSTINO, Mário. Allen Tate (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, 16 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 029, “Poesia-Experiência”, 013, p. 11.
- FAUSTINO, Mário. Nota “O poeta novo”. **Jornal do Brasil**, 23 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 030, “Poesia-Experiência”, 014, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68947. Acesso em: 10 out. 2015.
- FAUSTINO, Mário. Leopardi (“Clássicos vivos”, nota). **Jornal do Brasil**, 23 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 030, “Poesia-Experiência”, 014, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68947. Acesso em: 10 out. 2015.
- FAUSTINO, Mário. Marianne Moore (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, 30 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 031, “Poesia-Experiência”, 015, p. 11.
- FAUSTINO, Mário. A poesia “concreta” e o momento poético brasileiro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 fev. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 037, “Poesia-Experiência”, n. 021, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70447. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Andrew Marvell (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 fev. 1957, Suplemento Dominical, n. 038, “Poesia-Experiência”, n. 022, p. 5.
- FAUSTINO, Mário. Nota “O melhor em português”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 041, “Poesia-Experiência”, n. 025, p. 5. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71321. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Homero: *Iliada* (“Clássicos vivos”, nota). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 mar. 1957, Suplemento Dominical, n. 042, “Poesia-Experiência”, n. 026, p. 5.
- FAUSTINO, Mário. “Personae”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 044, “Poesia-Experiência”, n. 028, p. 5. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/72217. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Archibald MacLeish (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, 28 abr. 1957, Suplemento Dominical, n. 048, “Poesia-Experiência”, 032, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73257. Acesso em: 10 fev. 2017.
- FAUSTINO, Mário. Personae. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 abr. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 048, “Poesia-Experiência”, n. 032, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73257. Acesso em: 10 fev. 2017.

- FAUSTINO, Mário. Victor Segalen (Nota). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 maio 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 050, “Poesia-Experiência”, n. 034, p. 5.
- FAUSTINO, Mário. “Poeta novo” (Nota). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 060, “Poesia-Experiência”, n. 044, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/76509. Acesso em: 10 mar. 2017.
- FAUSTINO, Mário. Gertrude Stein. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 set. 1957, Suplemento Dominical, n. 068, “Poesia-Experiência”, n. 052, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/78671. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Um ano de experiência em poesia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 out. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 071, “Poesia-Experiência”, n. 053, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/79494. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. “Gertrude Stein: poesia e gramática” (Nota do tradutor). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 out. 1957, Suplemento Dominical, n. 072, “Poesia-Experiência”, n. 054, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/79771. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. James Laughlin (“É preciso conhecer”, nota). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 out. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 073, “Poesia-Experiência”, n. 055, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/80046. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. “Poesia em dia” (Nota). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 out. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, n. 073, “Poesia-Experiência”, n. 055, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/80046. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Gertrude Stein: poesia e gramática (“Textos-pretextos para discussão”). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 out. 1957, Suplemento Dominical, n. 074, “Poesia-Experiência”, n. 056, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/80323. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Píndaro: Primeira Olímpica (“Clássicos vivos”). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 nov. 1957, Suplemento Dominical, n. 075, “Poesia-Experiência”, n. 057, s/d.
- FAUSTINO, Mário. Píndaro: O mito Neruda (Apresentação). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 abr. 1958, Suplemento Dominical, n. 098, “Poesia-Experiência”, n. 079, p. 6-7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/86390. Acesso em: 15 mar. 2017.
- FAUSTINO, Mário. Nota “Poesia em dia”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 jul. 1958, Suplemento Dominical, n. 111, “Poesia-Experiência”, n. 092, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/90052. Acesso em: 10 fev. 2016.
- FAUSTINO, Mário. Primórdios: I – Anchieta; II – Bento Teixeira (Evolução da poesia brasileira). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 ago. 1958, Suplemento Dominical, n.

118, “Poesia-Experiência”, n. 096, p. 7. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/92208. Acesso em: 10 fev. 2016.

FAUSTINO, Mário. III – Gregório de Matos (1) (Evolução da poesia brasileira). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 set. 1958, Suplemento Dominical, n. 120, “Poesia-Experiência”, n. 097, s/d. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/92782. Acesso em: 10 fev. 2016.

FAUSTINO, Mário. XI – Souza Caldas; XII – Basílio da Gama (Evolução da poesia brasileira). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1958, Suplemento Dominical, n. 133, “Poesia-Experiência”, n. 104, s/d. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/96650. Acesso em: 10 fev. 2016.

FAUSTINO, Mário. **Cinco ensaios sobre a poesia de Mário Faustino**. Organização e apresentação de Assis Brasil. Rio de Janeiro: Edições GRD, Coletânea 2, 1964.

FAUSTINO, Mário. ¿Para qué la poesía? **Revista de Cultura Brasileña**, Tomo IV, n. 13, jun. 1965.

FAUSTINO, Mário. **Poesia de Mário Faustino**. Organização e introdução de Benedito Nunes. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.

FAUSTINO, Mário. **Poesia-Experiência**. Organização e Introdução de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FAUSTINO, Mário. **Poesia completa. Poesia Traduzida**. Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985.

FAUSTINO, Mário. **Evolução da poesia brasileira**. Organização de Benedito Nunes. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

FAUSTINO, Mário. “O Infinito” de Leopardi. Tradução de Mário Faustino. **Poesia Sempre**, Revista Semestral de Poesia. Editor Chefe: Affonso Romano de Sant’Anna. Ano 3. n. 5, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, fev. 1994.

FAUSTINO, Mário. **Melhores poemas de Mário Faustino**. Seleção de Benedito Nunes. 3. ed. São Paulo: Global, 2000. (Coleção Melhores poemas, n. 14).

FAUSTINO, Mário. **O homem e sua hora e outros poemas**. Organização de Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTINO, Mário. **De Anchieta aos concretos: poesia brasileira no jornal**. Organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAUSTINO, Mário. **Artesanatos de poesia: fontes e correntes da poesia ocidental**. Organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FAUSTINO, Mário. Introdução. In: STOCK, Robert. **A meretriz imaginária**. Apresentação de Ney Ferraz Paiva. Tradução de Mário Faustino. Belém: Sendas, Edições do Escriba, 2012, p. 2.

- FAUSTINO, Mário. **Meu caro Bené**: cartas de Mário Faustino e Benedito Nunes. Organização Lília Chaves. Belém: Secult/PA, 2017.
- JARDIM, Reynaldo. Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. In: BASTOS, Daniel Trench. **Tentativa e acerto, a reforma gráfica do *Jornal do Brasil* e a construção do *SDJB***. Universidade de São Paulo, 2008, p. 114-119.
- LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: Edusp, 1993.
- LEITE, Sebastião Uchoa. O paradoxo da tradução poética: notas sobre o pequeno e o grande jogo na poesia de François Villon. In: _____. **Jogos e enganos**. Rio de Janeiro: Ed. 34; Editora UFRJ, 1995. p. 9-46.
- MILTON, John. Literary Translation Theory in Brazil. **Meta**, v. XLI, n. 2, p. 196-207, 1996.
- MABBOTT, Thomas Ollive. “To Helen”. In: **Collected Works of Edgar Allan Poe**. v. 1. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1969, p. 163-171. Disponível em: <<https://www.eapoe.org/works/mabbott/tom1p046.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- MERQUIOR, José Guilherme. Musa morena moça: notas sobre a nova poesia brasileira. **Tempo brasileiro**, p. 42-43, 1975.
- MULINACCI, Roberto. Além da Sebe. “O Infinito” de Leopardi em tradução portuguesa. **Caderno de Tradução**, v. 1, n. 23, p. 97-129, 2009. Tradução de Andréia Guerini e Sergio Romanelli.
- NUNES, Benedito. A poesia de Mário Faustino. In: FAUSTINO, Mário. **Poesia de Mário Faustino**. Rio de Janeiro, 1966, p. 3-35.
- NUNES, Benedito. Introdução. In: FAUSTINO, Mário. **Poesia-Experiência**. Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 7-24.
- NUNES, Benedito. Nota explicativa. In: _____. **Melhores poemas de Mário Faustino**. 3. ed. São Paulo: Global: 2000, p. 79.
- NUNES, Benedito. A poesia do meu amigo Mário. In: FAUSTINO, Mário. **O homem e sua hora e outros poemas**. Org. Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 45-66.
- NUNES, Benedito. Prefácio. In: CHAVES, Lília. **Mário Faustino**: uma biografia. Belém: Secult; IAP; APL, 2014, p. 11-12
- NUNES, Benedito. Drummond: poeta anglo-francês. In: _____. Sales (org.). **A clave do poético**. Apresentação e organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 233-239.
- OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **Théories et pratiques de la traduction littéraire**. Paris: Armand Colin, 1999.

- POUND, Ezra. **Ezra Pound**: poesia. Organização, Introdução e notas de Augusto de Campos. Tradução de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisseia, 1968.
- SILVER, Ruth (pseudônimo de Mary Ventura). Mário Faustino: trabalhar, trabalhar, trabalhar, pelo dia, pela noite, pelo dia... *In*: “Valores da Literatura Brasileira”. Suplemento Dominical do **Jornal do Brasil**, n. 029, 16 dez. 1956, p. 2. [Entrevista com Mário Faustino]
- STEIN, Gertrude. Gertrude Stein: poesia e gramática. Tradução de Mário Faustino **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 out. 1957, Suplemento Dominical, n. 072, “Poesia-Experiência”, n. 054, s/d. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/79771. Acesso em: 10 fev. 2016.
- STOCK, Robert. **A meretriz imaginária**. Apresentação de Ney Ferraz Paiva. Tradução de Mário Faustino. Belém: Sendas, Edições do Escriba, 2012.
- VERÍSSIMO, Thiago André dos Santos. **À procura do tradutor Mário Faustino**. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém-PA, 2014.
- WEISSBORT, Daniel (Ed.). Modern Poetry in Translation, Modern Poetry from Brazil. **MPT New Series**, n. 6, Winter 1994-95. Londres: King’s College London, 1994.

ANEXO A - Arquivo 1: “É preciso conhecer”

“É preciso conhecer”

(Período: 23 set. 1916 – 20 out. 1957)

	Idioma	Quantidade	Nacionalidade	Observações
Traduções diretas	Inglês	8	EUA, Inglaterra, País de Gales	Publicações bilíngues e monolíngues com notas explicativas ou notas de traduções.
	Espanhol	4	Espanha	
	Francês	4	França, Chile	
	Italiano	3	Itália	
	Alemão	1	Alemanha	
	Total:	20		

Resumo:

- 19 publicações: 20 poemas traduzidos de 19 poetas;
- Traduções de Mário Faustino: 18 poemas de 17 poetas;
- Colaboração: duas traduções de Augusto de Campos [de poetas do italiano e francês].
- Publicações bilíngues: 14;
- Publicações monolíngues: cinco;
- Republicações em livro: onze;
- Traduções inéditas em livro: cinco.

I – ANTONIN ARTAUD

**É
preciso
conhecer
ANTONIN
ARTAUD**

1896-1948) — Antonin Artaud (1896-1948), um dos mais fortes poetas franceses do século-veinte, descendente de Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont e, de certo modo, dos surrealistas, senão poeta maldito, pelo menos poeta possesso, vida tão intensa e dramática quanto sua própria poesia, autor de L'ombilic des limbes, Le péac-nerfs, Hélogabale, etc., não esquecer o poema-estudo Van Gogh...

PRIÈRE

Ah donne-nous des crânes de braises
Des crânes brûlés aux foudres du ciel
Des crânes lucides, des crânes réels
Et traversés de ta présence

Fais-nous naître aux cieux du dedans
Criblés de gouffres en averses
Et qu'un vertige nous traverse
Avec un ongle incandescent

Rassasie-nous nous avons faim
De commotions inter-sidérales
Ah verse-nous des laves astrales
A la place de notre sang

Détache-nous, divise-nous
Avec tes mains de braises coupantes
Ouvre-nous ces voutes brûlantes
Où l'on meurt plus loin que la mort

Fais vaciller notre cerveau
Au sein de sa propre science
Et ravis-nous l'intelligence
Aux griffes d'un typhon nouveau

PRECE

Ah dá-nos crânios de brasa crânios
Pelos fuscas do céu queimados
Lúcidos crânios, crânios reais
Por tua presença traspassados

Que renasçamos nos céus internos
Crivados de abismos efervescentes
E que vertigens nos atravessem
Com suas unhas incandescentes

Vem saciar-nos que temos fome
De comoções inter-siderais
Em nossas veias em vez de sangue
Despeja agora lavas astrais

Vem desprender-nos, vem dividir-nos
Com tuas mãos, brasas de corte
Para nós abre os tetos ardentes,
Onde se morre pra lá da morte

No mais profundo de sua ciência
Confunde, abala nossa razão
Arrebatando-lhe a inteligência
Nas garras novas de um furacão

Figura 1 – ANTONIN ARTAUD. Tradução e nota de Mário Faustino.
Primeiro número de “É preciso conhecer”, de 23 set. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Prière

As donne-nous des crânes braises
Des crânes lucides, des crânes réels
Et traversés de la présence

Fais-nous naître aux cieux du dedans
Criblés de gouffres en averses
Et qu'un vertige nous traverse
Avec un angle incandescent

Rassasie-nous nous avons faim
De commotions inter-sidérales
Ah verse-nous des laves astrales
A la place de notre sang

Détache-nous, divise-nous
Avec tes mains de braises coupantes
Ouvre-nous ces voutes brulantes
Où l'on meurt plus loin que la mort

Fais vaciller notre cerveau
Au sein de sa propre science
Et ravis-nous l'intelligence
Aux griffes d'un typhon nouveau

Prece

Ah dá-nos crânios de brasa crânios
Pelas faíscas do céu, crânios reais
Por tua presença traspassados

Que renasçamos nos céus internos
Crivados de abismos efervescentes
E que vertigens nos atravessem
Com suas unhas incandescentes

Vem saciar-nos que temos fome
De comoções inter-siderais
Em nossas veias em vez de sangue
Despeja agora lavas astrais

Vem desprender-nos, vem dividir-nos
Com tuas mãos, brasas de corte
Para nós abre os tetos ardentes,
Onde se morre pra lá da morte

No mais profundo de sua ciência
Confunde, abala nossa razão
Arrebatando-lhe a inteligência
Nas garras novas de um furacão

Nota:

Antonin Artaud (1896-1948), um dos mais fortes poetas do meio século, descendente de Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont e, de certo modo, dos surrealistas, senão poetas maldito, pelo menos poeta possesso, vida tão intensa e dramática quanto sua própria poesia, autor de *L'Ombilic des limbes* [Gallimard, NRF, Paris, 1925], *Le Père-nerfs* [Leibovitz, Paris, 1925], *Héliogabale* [ou *l'Anarchiste couronné*, Denoël & Steele, Paris, 1934], etc., sem esquecer poema-estudo Van Gogh...

Ficha da publicação

TÍTULO	ANTONIN ARTAUD
AUTOR	Antonin Artaud, 1896-1948 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Prière”
TEXTO TRADUZIDO	“Prece”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
DATA	23 set. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DE JORNAL	PE, n. 001. SD, n. 017. JB, n. 222. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	ANTONIN ARTAUD. In: FAUSTINO, Mário. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 302-03. Publicação bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/65969
DESCRIÇÃO	Tradução do poema “Prière” de Artaud, com publicação bilíngue dos poemas (ladeados), acrescido de nota sobre o autor traduzido.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor e sua poesia.

II – E.E CUMMINGS

É PRECISO CONHECER

E. E. CUMMINGS

* Muitos leitores sem dúvida já conhecem e. e. cummings, um dos cinco ou seis poetas mais importantes da língua inglesa em nosso século. A publicação, entretanto, deste poema, procura atender a necessidade cada vez maior de despertar entre nós a atenção dos poetas jovens para o mestre do ideograma, o homem que conseguiu criar e solidificar um instrumento lógico-musical-imagístico de tal maneira original e eficiente que, diante dele, empalidecem as tentativas caligramáticas de um Apollinaire. O poema acima, dos mais conhecidos, pode não ser dos mais expressivos da poética de cummings, mas consegue dar bem uma idéia da força, da exatidão e do aproveitamento total de meios que constituem as principais características do autor da "The Enormous Room".

— Piedade para esse monstro atarefado, inumanidade
 — não. O progresso é doença contortável;
 a vítima (morte e vida mantidas a uma distância conveniente)

brinca com a grandeza de sua pequenez
 — elétrons deificam uma lâmina de barbear
 transformando-a em cadela de montanha; lentes estendem
 não-desejo através de coleante onde quando
 até que não-desejo
 se volta sobre si não-mesmo.

Mundo de fêlo
 não é mundo de nascido — piedade para a pobre carne

para as árvores, pobres estrelas e pedras, nunca para este
 último espécime de hipermagia

ultraomnipotência. Nós médicos sabemos
 que um doente está desenganado quando... escuta aqui:
 tem um universo bom como diabo ao lado; vambora

* ☆ *

Pity this busy monster, manunkind,
 not. Progress is a comfortable disease:
 (our victim death and life safely beyond)

plays with the bigness of his littleness
 — electrons deify one razorblade
 nto a mental range; lenses extend
 inwish through curving wherewhen till unwish
 returns on its unself.

A world of made
 is not a world of born — pity poor flesh
 and trees, poor stars and stones, but never this
 fine specimen of hypermagical

ultraomnipotence. We doctors know
 a hopeless case if — listen: there's a hell
 of a good universe next door: let's go

Figura 2 – E.E. CUMMINGS. Tradução e nota de Mário Faustino.

Segundo número de "É preciso conhecer", de 30 set. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

— PIEDADE PARA ESSE MONSTRO ATAREFADO, INUMANIDADE
 — não. O progresso é doença confortável:
 a vítima (morte e vida mantidas a uma distância conveniente)
 brinca com a grandeza de sua pequenez
 — elétrons deificam uma lâmina de barbear
 transformando-a em cadeiademontanha; lentes estendem
 não desejo através de coleante onde quando
 até que não desejo
 se volta sobre si não mesmo.

Mundo de feito

não é mundo de nascido — piedade para a pobre carne
 e para as árvores, pobres estrelas e pedras, nunca para este
 ótimo espécime de hipermágica
 ultraonipotência. Nós médicos sabemos
 que um doente está desenganado quando... escuta aqui:
 tem um universo bom como o diabo aí do lado; vambora

PITY THIS BUSY MONSTER, MANUNKIND
 not. Progress is a comfortable disease:
 your victim (death and life safely beyond)
 plays with the bigness of his littleness
 — electrons deify one razorblade
 into a mountain range; lenses extend
 unwish through curving wherewhen till unwish
 returns on its unself.

A world of made

is not a world of born — pity poor flesh
 and trees, poor stars and stones, but never this
 fine specimen of hypermagical
 ultraomnipotence. We doctors know
 a hopeless case if — listen: there's a hell
 of a good universe next door; let's go

Nota:

Muitos leitores sem dúvida já conhecem e. e. cummings, um dos cinco ou seis poetas mais importantes da língua inglesa em nosso século. A publicação, entretanto, deste poema, procura atender à necessidade cada vez maior de despertar entre nós a atenção dos poetas jovens para o mestre do ideograma, o homem que conseguiu criar e solidificar um instrumento, lógico-musical-imagístico de tal maneira original e eficiente que, diante dele, empalidecem as tentativas caligramáticas de Apollinaire. O poema acima, dos mais conhecidos, pode não ser dos mais expressivos da poética de cummings, mas consegue dar bem uma ideia de força, da exatidão e do aproveitamento total de meios que constituem as principais características do autor de *The Enormous Room*.

Ficha da publicação

TÍTULO	E. E. CUMMINGS
AUTOR	Edward Estlin e. e. cummings, 1894-1962 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“pity this busy monster, manunkind”
TEXTO TRADUZIDO	“– Piedade para esse monstro atarefado, inumanidade”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	30 set. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 002. SD, n. 018. JB, n. 228. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	E. E. CUMMINGS. In FAUSTINO, Mário. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 288-89. Publicação bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66269
DESCRIÇÃO	Publicação com nota de apresentação, seguido de tradução e poema no original. Poema traduzido sem título.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor e sua poesia.
OBSERVAÇÕES	Na publicação, a nota do poema sai como texto de apresentação, conforme o seu conteúdo.

III – MIGUEL HERNÁNDEZ

É PRECISO CONHECER

MIGUEL HERNÁNDEZ

NOTA De humilde origem, o autodidata Miguel Hernández (1910-1942) é talvez o mais importante poeta espanhol da geração posterior à de García Lorca. Sua fama, inaugurada com o livro quase que só de sonetos "El Rayo Que No Cesa" (do qual o poema que hoje publicamos é uma espécie de prólogo), estabeleceu-se definitivamente durante a guerra civil espanhola, quando, recitando seus próprios poemas animava os camaradas de luta. Sua poesia reúne as duas grandes correntes da poesia tipicamente espanhola: o elemento erudito, inspirado em Góngora e Calderón, e o popular, do Romancero. Depois da citada (acrescida mais tarde de outros poemas), sua principal obra é o auto sacramental "Quien te ha visto y quien te ve".

<p>El rayo que no cesa</p> <p>Un carnívoro cuchillo de ala dulce y homicida sostiene un vuelo y un brillo alrededor de mi vida.</p> <p>Rayo de metal crispado fulgientemente caído, picotea mi costado y hace en él un triste nido.</p> <p>Mi sien, florido balcón de mis edades tempranas, negra está, y mi corazón y mi corazón con canas.</p> <p>Tal es la mala virtud del rayo que me rodea, que voy a mi juventud como la luna a la aldea</p> <p>Recojo con las pestañas sal del alma y sal del ojo y flores de telarañas de mis tristezas recojo.</p> <p>¿A dónde iré que no vaya mi perdición a buscar? Tu destino es de la playa y mi vocación del mar.</p> <p>Descansar de esta labor de huracán, amor o infierno no es posible, y el dolor me hará mi pesar eterno.</p> <p>Pero al fin podré vencerte, ave y rayo secular, corazón, que de la muerte nadie ha de hacerme dudar.</p> <p>Sigue, pues, sigue cuchillo, volando, hiriendo. Algún día se pondrá el tiempo amarillo sobre mi fotografía.</p>	<p>O raio que não cessa</p> <p>Um carnívoro punhal De suave, asa homicida Mantém seu voo e seu brilho Em redor de minha vida.</p> <p>Raio de metal crispado, Fulgentemente caído, Esporeta meu costado Onde faz seu triste ninho.</p> <p>Minhas témporas, janelas Floridas da mocidade, Estão negras e, com elas, As câs de meu coração.</p> <p>Tão malvada é a natureza Do raio que me esporeta Que vejo meus verdes anos Como a tua vê a aldeia.</p> <p>Recolho nestas pestanas O sal da alma e do olho, Flores de teia de aranha De minhas tristezas colho.</p> <p>Aonde irei que não vá A perdição me buscar? Teu fado é de praia e minha Vocação é a do mar.</p> <p>Descansar desta labuta De tufão, de amor, de inferno É impossível, e a dor Fará meu pesar eterno.</p> <p>Mas no fim te vencerei, Ave, raio secular, Coração, porque da morte Ninguém me faz duvidar.</p> <p>Anda, pois, anda, punhal, Voa, fere, que algum dia Montará, tempo amarelo, Em minha fotografia.</p>
---	---

Figura 3 – MIGUEL HERNÁNDEZ. Tradução e nota de Mário Faustino.
Terceiro número de "É preciso conhecer", de 07 out. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

El rayo que no cesa

Un carnívoro cuchillo
de ala dulce y homicida
sostiene un vuelo y un brillo
alrededor de mi vida.
Rayo de metal crispado
fulgentemente caído,
picotea mi costado
y hace en él un triste nido.
Mi sien, florido balcón
de mis edades tempranas,
negra está, y mi corazón,
y mi corazón con canas.
Tal es la mala virtud
del rayo que me rodea,
que voy a mi juventud
como la luna a mi aldea.
Recojo con las pestañas
sal del alma y sal del ojo
y flores de telarañas
de mis tristezas recojo.
¿A dónde iré que no vaya
mi perdición a buscar?
Tu destino es de la playa
y mi vocación del mar.
Descansar de esta labor
de huracán, amor o infierno
no es posible, y el dolor
me hará a mi pesar eterno.
Pero al fin podré vencerte,
ave y rayo secular,
corazón, que de la muerte
nadie ha de hacerme dudar.
Sigue, pues, sigue cuchillo,
volando, hiriendo. Algún día
se pondrá el tiempo amarillo
sobre mi fotografía.

O raio que não cessa
Um carnívoro punhal
De que suave asa homicida
Mantém seu voo e seu brilho
Em redor de minha vida.
Raio de metal crispado,
Faiscamente caído,
Esporeia meu costado
Onde faz seu triste ninho.
Minhas tēporas, janelas
Floridas da mocidade,
Estão negras e, com elas,
As cãs de meu coração.
Tão malvada é a natureza
Do raio que me esporeia
Que vejo meus verdes anos
Como a lua vê a aldeia.
Recolho nestas pestanas
O sol da alma e do olho,
Flores de teia de aranha
De minhas tristezas colho.
Aonde irei que não vá
A perdição me buscar?
Teu fado é de praia e minha
Vocação é do mar.
Descansar desta labuta
De tufão, de amor, de inferno
É impossível, e a dor
Fará meu pesar eterno.
Mas no fim te vencerei,
Ave, raio secular,
Coração, porque da morte
Ninguém me faz duvidar.
Ainda, pois, anda, punhal
Voa, fere, que algum dia
Montarás, tempo amarelo,
Em minha fotografia.

Nota:

De humilde origem, o autodidata Miguel Hernández (1910-1942) é talvez o mais importante poeta espanhol de sua geração posterior à de García Lorca. Sua fama, inaugurada com o livro quase que só de sonetos “El rayo que no cesa” (do qual o poema hoje publicamos é uma espécie de prólogo), estabeleceu-se definitivamente durante a guerra civil espanhola, quando, recitando seus próprios poemas animava os camaradas de luta. Sua poesia reúne as duas grandes correntes da poesia tipicamente espanhola: o elemento erudito, inspirado em Góngora e Calderón, e o popular, do Romanceiro. Depois da citada? (acrescida mais tarde de outros poemas), sua principal obra é o auto sacramental “Quién te ha visto y quién te ve”.

Ficha da publicação

TÍTULO	MIGUEL HERNÁNDEZ
AUTOR	Miguel Hernández Gilabert, 1910-1942 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	“El rayo que no cesa”
TEXTO TRADUZIDO	“O raio que não cessa”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	07 out. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 003. SD, n. 019. JB, n. 234. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 07 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	MIGUEL HERNÁNDEZ. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 310-11. Publicação bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66497 .
DESCRIÇÃO	Publicação com título em caixa alta (negrito), seguido de nota explicativa, poema no original (título em negrito) e tradução (poemas ladeados).
NOTA	Nota explicativa sobre o autor e sua poesia.

IV – EUGENIO MONTALE

È PRECISO CONHECER

EUGENIO MONTALE

CORNO INGLESE	TROMPA INGLESA
<p>Il vento che stasera suona attento — ricorda un forte scuotere di lame — gli strumenti dei fitti alberi e spazza l'orizzonte di raine dove striscie di luce si protendono come aquiloni al cielo che rimbomba (Nuvole in viaggio, chiari reami di lassù! D'alti Eldoradi malchiuse porte!) e il mare che scaglia a scaglia livido, muta colore — lancia a terra una tromba di schiume intorte; il vento che nasce e muore nell'ora che lenta sannea: suonasse se pure stasera scordato strumento, cuore.</p>	<p>O vento que (entardece) soa atento — recorda um forte sacudir de palmas — os instrumentos das árveres densas e varre o horizonte de ramos onde fitas de luz se distendem como rajadas no céu que retumba (nuvens vogando, claros reinos do azul. De altos Eldorados mal cerradas portas!) e o mar que escama a escama livido, muda de cor lança em terra uma tromba de espumas retorcidas: o vento que nasce e morre na hora que lenta escurêce, também neste momento. Soa um som de si, desafinado instrumento, coração</p>
<p><small>NOTA. Em projeção e influência o lugar do autor de "CORSO DI SEPIA" e "LE OCCASIONI" e ao lado de Ungaretti no espírito máximo da poesia italiana contemporânea. A imprecisa palavra "colpisci" traduzida, e a sua falta de sentido são características da poesia de Montale, que a torna um pouco complicada com T. S. Eliot, de cuja obra muito foi o introdutor na Itália. O poema traduzido é de um claro lirismo não raro na maneira montaliana e antipolítico-poético, com um curioso efeito sinestésico: aqui o ritmo é curto e a palavra "colpisci" traduzida "colpisci" que se trata de um só estrado, como um só idioma, se a palavra de modo a fundir as palavras temáticas — onda, vento, som — dimensionando-a univocamente ao "colpisci" e ao "soa" (trompa inglesa) na última palavra do poema. (Tradução e notas de Augusto de Campos)</small></p>	

Figura 4 – EUGENIO MONTALE. Tradução e nota de Augusto de Campos.
 Quarto número de "É preciso conhecer", de 21 out. 1956.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

CORNO INGLESE

Il vento che stasera suona attento
 — ricorda un forte scotere di lame —
 gli strumenti dei fitti alberi e spazza
 l' orizzonte di rame
 dove strisce di luce si protendono
 come aquiloni al cielo che rimbomba
 (Nuvole in viaggio, chiari
 reami di lassù! D' alti Eldoradi
 malchiuse porte!)
 e il mare che scaglia a scaglia,
 livido, muta colore
 lancia a terra una tromba
 di schiume intorte;
 il vento che nasce e muore
 nell' ora che lenta s' annera
 suonasse te pire stasera
 scordato strumento,
 cuore.

TROMPA INGLESA

O vento que (entardece) soa atento
 — recorda um forte sacudir de palmas —
 os instrumentos das árvores densas e varre
 o horizonte de ramos
 onde fitas de luz se distendem
 como rajadas no céu que retumba
 (nuvens vogando, claros
 reinos do azul. De altos Eldorados
 mal cerradas portas!)
 e o mar que escama a escama
 lívido, muda de cor
 lança em terra uma tromba
 de espumas retorcidas;
 o vento que nasce e morre
 na hora que lenta escurece,
 também neste momento move um som
 de ti, desafinado instrumento,
 coração.

Nota:

Em projeção e influência o lugar do autor de *Ossi di seppia* [1925] e *Le occasioni* [1939] é ao lado de Ungaretti no discurso máximo da poesia italiana com (ilegível). A imagética própria, o coloquial-tônico, a [ilegível] do estilo, são características da poesia de Montale, que tem [ilegível] com T. S. Eliot (ilegível). O poema traduzido é de uma clave lírica [ilegível] rara na maneira montaliana naturaliza-se por um curioso critério (ilegível): aqui o ritmo, o corte e a própria [ilegível]... (Tradução e notas de Augusto de Campos).

Ficha da publicação

TÍTULO	EUGENIO MONTALE
AUTOR	Eugenio Montage, 1896-1981 (Itália)
TEXTO ORIGINAL	“Corno inglese”
TEXTO TRADUZIDO	“Trompa Inglesa”
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português
IDIOMA	Italiano
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	21 out. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 005. SD, n. 021. JB, n. 246. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 21 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	?
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66961
DESCRIÇÃO	Publicação com título em negrito e em caixa alta. Seguido dos poemas no original e tradução (com títulos em caixa alta em negrito), ladeados. Tradução e nota de Augusto de Campos.

V – HART CRANE

É PRECISO CONHECER

HART CRANE

PRAISE FOR AN URN

It was a kind and northern face
That mingled in such exile guise
The everlasting eyes of Pierrot
And, of Gargantua, the laughter,

His thoughts, delivered to me
From the white coverlet and pillow,
I see now, were inheritances —
Delicate riders of the storm.

The slant moon on the slanting hill
Once moved us toward presentiments
Of what the dead keep, living still,
And such assessments of the soul

As, perched in the crematory lobby,
The insistent clock commented on,
Touching as well upon our praise
Of glories proper to the time.

Still, having in mind gold hair,
I cannot see that broken brow
And miss the dry sound of bees
Stretching across a lucid space.

Scatter these well-meant idioms
Into the smoky spring that fills
The suburbs, where they will be lost.
They are no trophies of the sun.

ELOGIO DE UMA URNA

Era uma face nórdica, meiga
Disfarce de exilado reunindo
Os olhos eternos de Pierrot
E a gargalhada de Gargantua

Seus pensamentos, que me confiava
Do travesseiro, da colcha branca
Heranças eram — bem vejo agora —
Cavaleiros sutis da tempestade

A lua torta no monte torto
Ja nos levava a presentir
O que, ainda vivo, o morto guarda
E certos cálculos da alma, iguais

Aos do relógio, renitente, empoleirado
Na antecâmara do crematório,
Tocando até nosso elogio
De glórias próprias da ocasião

Por mais que lembre cabelos de ouro
Não quero ver a testa partida
Nem ouço o som seco de abelhas
Atravessado no espaço lúcido.

Que vale a boa intenção destas
Palavras qua solto e perco no fumo
Da primavera dos arrabaldes?
Se ao menos fossem troféus do sol!

Nota — Não conseguimos compreender como — numa País em que Pound, Eliot, Yeats, Cummings e outros já são bem conhecidos — tão pouco se fale em Hart Crane, o grande epico e autor nos Estados Unidos que a critica inglesa e americana coloca na primeira fila dos poetas do século XX. Homem que conseguiu reunir em si mesmo o espirito de Whitman e o de quantos poetas, em seu País, perderam o trabalho da lingua a mensagem social e profética, o poeta de "The Bridge" nasceu em 1899, no Ohio, tendo-se suicidado em 1932 no mar das Antilhas) possui uma das linguagens mais ricas e mais poderosas, a um tempo de grande perfeição formal e de alta valtagem expressional, que se podem encontrar na poesia de nossa época. A bela elegia que hoje publicamos — em memória de um amigo do poeta — e dos mais belos exemplos de seu "mood" lirico: não esqueça o leitor, entretanto, que o Crane mais importante é o epico de "The Bridge"

Figura 5 – Tradução e nota de Mário Faustino.

Quinto número de "É preciso conhecer", de 28 out. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

PRAISE FOR AN URN

It was a kind and northern face
That mingled in such exile guise
The everlasting eyes of Pierrot
And, of Gargantua, the laughter.

His thoughts, delivered to me
From the white coverlet and pillow,
I see now, were inheritances —
Delicate riders of the storm.

The slant moon on the slanting hill
Once moved us toward presentiments
Of what the dead keep, living still,
And such assessments of the soul

As, perched in the crematory lobby,
The insistent clock commented on,
Touching as well upon our praise
Of glories proper to the time.

Still, having in mind gold hair,
I cannot see that broken brow
And miss the dry sound of bees
Stretching across a lucid space.

Scatter these well-meant idioms
Into the smoky spring that fills
The suburbs, where they will be lost.
They are no trophies of the sun

ELOGIO DE UMA URNA

Era a face nórdica, meigo
Disfarce de exilado reunindo
Os olhos eternos de Pierrot
E a gargalhada de Gargântua.

Seus pensamentos, que me confiava
Do travesseiro, da colcha branca
Heranças eram — bem vejo agora —
Cavaleiros sutis da tempestade.

A lua torta no monte torto
Já nos levava a pressentir
O que, ainda vivo, o morto guarda
E certos cálculos da alma, iguais

Aos do relógio, renitente, empoleirado
Na antecâmara do crematório,
Tocando até nosso elogio
De glórias próprias da ocasião.

Por mais que lembre cabelos de ouro
Não quero ver a testa partida
Nem ouço o som seco de abelhas
Atravessado no espaço lúcido.

Que vale a boa intenção destas
Palavras que solto e perco no fumo
Da primavera dos arrabaldes?
Se ao menos fossem troféus do sol!

Nota:

Não conseguimos compreender como – num País em que Pound, Eliot, Yates, Cummings e outros já são bem conhecidos – tão pouco se fala em Hart Crane, o grande épico e lírico dos Estados Unidos que a crítica inglesa e americana coloca na primeira fila dos poetas do século XX. Homem que conseguiu reunir em si mesmo o espírito de Whitman e o de quantos poetas, em seu País, preferem o trabalho da língua a mensagem social e profética, a poesia de “The Bridge” (nascido em 1889, no Ohio, tendo-se suicidado em 1932 no mar das Antilhas) possui uma das linguagens mais coesas e mais poderosas, a um tempo de grande perfeição formal e de alta voltagem expressional, que se podem encontrar na poesia de nossa época. A bela elegia que hoje publicamos – em memória de um amigo do poeta – é dos mais delicados exemplos de seu “mood” lírico: não esqueça o leitor, entretanto, que o Crane mais importante é o épico de “The Bridge”.

Ficha da publicação

TÍTULO	HART CRANE
AUTOR	Harold Hart Crane, 1899-1932 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“Praise for an urn”
TEXTO TRADUZIDO	“Elogio de uma urna”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	28 out. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 006. SD, n. 022. JB, n. 252. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	HART CRANE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 290-91. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67193
DESCRIÇÃO	Publicação com título (caixa alta e negrito), seguido dos poemas ladeados (original e traduzido), com títulos em caixa alta e em negrito, e nota.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor e sua poesia.
OBSERVAÇÕES	A partir dessa edição, algumas das seções são publicadas sem fios, fazendo parte de pequenas mudanças do projeto do Suplemento Dominical.

VI – DYLAN THOMAS

É PRECISO CONHECER

DYLAN THOMAS

*In my craft, or sullen art,
Exercised in the still night
When only the moon rages
And the lovers lie abed
With all their griefs in their arms,
I labour by singing light
Not for ambition or bread
Or the strut and trade of charms
On the ivory stages,
But for the common weper
Of their most secret heart.*

*Not for the proud man apart
From the raging moon I write
On these sprindrift pages,
Not for the towering dead,
With their nightingales and psalms,
But for the lovers, their arms
Round the griefs of the ages,
Who pay no praise nor wages,
Nor heed my craft, or art.*

*Se em meu ofício, ou arte severa,
Vou labutando, na quietude
Da noite, enquanto, à luz cantante
De encapelada lua jazem
Tantos amantes nos braços
As próprias dores vão estreitando —
Não é por pão, nem por ambição,
Nem para em palcos de marfim
Favorear-me, trocando encantos,
Mas pelo simples salário pago
Pelo secreto coração deles.*

*Não pelo homem altivo, alheio
A tormentosa lua escrevo
Sobre estas páginas de espuma,
Nem pelos mortos imponentes
Com seus rouxinóis, seus salmos,
Mas pelos que se amando estreitam
Nos braços toda a dor das eras,
Que não louvam, não pagam, nem escutam
O meu ofício — ou arte severa.*

NOTA: Nascido em 1914, em Gales, Dylan Thomas faleceu de um insulto cerebral, em Nova York, em 1953, depois de curta vida, tempestuosa e desvastrada. A qual talvez somente a de um Rimbaud possa ser comparada. Saudado por toda a crítica, desde seus primeiros poemas, como uma das maiores línguas telúricas que a poesia inglesa apresentou desde os isabelinos, Dylan Thomas detinha uma poesia cujo poder, densidade, violência e paixão mística dificilmente encontram rival no século em que viveu Thomas. O nobre poema que hoje publicamos, com uma tentativa de tradução, não é dos mais típicos do seu profético e avassalador do poeta; entretanto, qualquer pessoa que realmente ama esse "ofício, ou arte severa", desejará sem dúvida aprendê-lo de cor.

Figura 6 – DYLAN THOMAS. Tradução e nota de Mário Faustino.
Sexto número de “É preciso conhecer”, de 04 nov. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

In my craft, or sullen art,
 Exercised in the still night
 When only the moon rages
 And the lovers lie abed
 With all their griefs in their arms
 I labour by singing light
 Not for ambition or bread
 Or the strut and trade of charms
 On the ivory stages,
 But for the common wages
 Of their most secret heart.
 Not for the proud man apart
 From the raging moon I write
 On these sprindrift pages,
 Not for the towering dead,
 With their nightingales and psalms,
 But for the lovers, their arms
 Round the griefs of the ages,
 Who pay no praise nor wages,
 Nor heed my craft, or art.

Se em meu ofício, ou arte severa,
 Vou labutando, na quietude
 Da noite, enquanto, à luz cantante
 De encapelada lua jazem
 Tantos amantes que entre os braços
 As próprias dores vão estreitando —
 Não é por pão, nem por ambição,
 Nem para em palcos de marfim
 Pavonear-me, trocando encantos,
 Mas pelo simples salário pago
 Pelo secreto coração deles.
 Não pelo homem altivo, alheio
 A tormenta lua escrevo
 Sobre estas páginas de espuma
 Nem pelos mortos imponentes
 Com seus rouxinóis, seus salmos,
 Mas pelo que se armando estreitam
 Nos braços toda a dor das eras,
 Que não louvam, não pagam, nem escutam
 O meu ofício — ou arte severa.

Nota:

Nascido em 1914, em Gales, Dylan Thomas faleceu de um insulto cerebral, em Nova York, em 1953, depois de curta vida, tempestuoso e desvairada, à qual talvez somente a de um Rimbaud possa ser comparada. Saudado por toda a crítica, desde seus primeiros poemas, como uma das maiores forças de telúricas que a poesia inglesa apresentou desde dos isabelinos, Dylan Thomas deixou uma poesia cujo poder, densidade, violência e paixão mística dificilmente encontram rival no meio século em que viveu Thomas. O nobre poema que hoje publicamos, como uma tentativa de tradução, não é dos mais típicos do tom profético e avassalado do poeta: entretanto, qualquer pessoa que realmente ame esse “ofício, ou arte severa”, desejará sem dúvida aprendê-lo de cor.

Ficha da publicação

TÍTULO	DYLAN THOMAS
AUTOR	Dylan Marlais Thomas, 1914-1953 (País de Gales, RU)
TEXTO ORIGINAL	“In May Craft or Sullen Art”
TEXTO TRADUZIDO	“Se em meu ofício, ou arte severa”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	4 nov. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 007. SD, n. 023. JB, n. 257. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 4 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	DYLAN THOMAS. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia Completa. Poesia Traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 294-95. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67379
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (negrito e caixa alta), seguido dos poemas no original e traduzido, em negrito, (ladeados), e nota explicativa no final.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor, com referência à tradução.
OBSERVAÇÕES	Mário Faustino chama a experiência tradutória de “tentativa de tradução”.

VII – MANUEL ALTOLAGUIRRE

É PRECISO CONHECER

MANUEL ALTOLAGUIRRE

Mi soledad llevo dentro,
torre de ciegas ventanas,
Cuando mis brazos estiendo,
abro sus puertas de entrada
y voy camino alfombrado
al que quiera visitarla.
Pintó el recuerdo los cuadros
que decoran sus estancias.
Allí mis pasadas dichas
con mi pena de hoy contrastan.
Qué juntos los dos estábamos!
¿Quién el cuerpo? ¿Quién el
[alma?]
Nuestra separación última,
¡qué morte fué tan amarga!
Ahora dentro de mí llevo
mi alta soledad delgada.

Dentro em mim solidão levo,
Torre de cegas janelas,
Quando meus braços estendo
Abro-lhe as portas de entrada,
Abro caminho alfombrado
A quem quiser visitá-la.
Lembrança pintou os quadros
Que ornamentam suas salas,
Onde alegrias passadas
Com penas de hoje contrastam.
Quão juntos ambos estávamos!
Quem era o corpo? Quem é
A alma? Que morte amarga!
Poi noesso adeus derradeiro!
Agora dentro em mim levo
Alta solidão delgada.

★

Apoyada en mi hombro
eres mi ala derecha.
Como si desplegaras
tus suaves plumas negras,
tus palabras a un cielo
blanquísimo me elevan.

Exaltación. Silencio.
Sentado estoy en mi mesa,
sangrándome la espalda,
doliéndome tu ausencia.

Apoiada em meu ombro
Es minha asa direita.
E como se despregasses
Tuas brandas plumas negras
A um céu alvíssimo tuas
Palavras me transportam.

Exaltação. Silêncio.
A minha mesa sentado,
E minha espalda que sangra
Ao doer-me tua ausência.

Nota — Difficil tem sido, em nossa época, fazer poemas válidos, originais, eficientes, tendo o amor como tema central. De todos parece-nos terem sido os espanhóis que enfrentaram com melhor êxito essa dificuldade. É indício disso a poesia do malagueño Manuel Altolaguirre ("Las Islas Invitadas", "Soledades Juntas", "Ejemplo" etc.), da qual hoje publicamos as duas belas amostras acima.

Figura 7 – MANUEL ALTOLAGUIRRE. Tradução e nota de Mário Faustino.
Sétimo número de "É preciso conhecer", de 11 nov. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Mi soledad llevo dentro,
 torre de ciegas ventanas.
 Cuando mis brazos extendo,
 abro sus puertas de entrada
 y doy camino alfombrado
 al que quiera visitarla.
 Pintó el recuerdo los cuadros
 que decoran sus estancias.
 Allí mis pasadas dichas
 con mi pena de hoy contrastan.
 ¡Qué juntos los dos estábamos!
 ¿Quién el cuerpo? ¿Quién era alma?
 Nuestra separación última,
 ¡qué norte fue tan amarga!
 Ahora dentro de mí llevo
 mi alta soledad delgada.

Apoiada en mi hombro
 eres mi ala derecha.
 Como si desplegaras
 tus suaves plumas negras,
 tus palabras a un cielo
 blanquísimo me elevan.
 Exaltación. Silencio.
 Sentado estoy en mí mesa,
 sangrándome la espalda, o
 doliéndome tu ausencia.

Dentro de mim solidão levo,
 Torre de cegas janelas.
 Quando meus braços estendo
 Abro-lhe as portas de entrada,
 Abro caminho alfombrado
 A quem quiser visita-la.
 Lembrança pintou os quadros
 Que ornamentam suas salas,
 Onde alegrias passadas
 Com penas de hoje contrastam
 Quão juntos ambos estávamos
 Quem era o corpo? Quem é
 A alma? Que morte amarga
 Foi nosso adeus derradeiro!
 Agora dentro em mim levo
 Alta solidão delgada.

Apoiada em meu ombro
 És minha asa direita.
 E como se despregasses
 Tuas brandas plumas negras
 A um céu alvíssimo tuas
 Palavras me transportam.
 Exaltação. Silêncio.
 À minha mesa sentado,
 É minha espádua que sangra
 Ao doer-me tua ausência.

Nota:

Difícil tem sido, em nossa época, fazer poemas válidos, originais, eficientes, tendo o amor como tema central. De todos parece-nos terem disso os espanhóis que enfrentaram com melhor êxito essa dificuldade. É indício disso a poesia do malaguenho Manuel Altolaguirre (“Las islas invitadas”, “Soledades juntas”, “Ejemplo” etc.), da qual hoje publicamos as duas belas amostras dela.

Ficha da publicação

TÍTULO	MANUEL ALTOLAGUIRRE
AUTOR	Manuel Altolaguirre Bolín, 1905-1959 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	“Separación”, “Tus palabras”
TEXTO TRADUZIDO	“Dentro de mim solidão levo”, “Apoiada em meu ombro”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 02
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	11 nov. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 008. SD, n. 024. JB, n. 263. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 11 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	MANUEL ALTOLAGUIRRE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 314-17. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67615 .
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e em negrito), poemas no original e traduções (disposição alternada, em negrito), e nota no final.
NOTA	Nota explicativa.
OBSERVAÇÕES	Na publicação, em livro (1985), há o seguinte equívoco nos títulos: “Mi soledad llevo dentro” (“Dentro de mim solidão levo”) e “Apoyada en mi hombro” (“Apoiada em meu ombro”), o que na verdade são versos iniciais dos poemas: “Separación” (<i>Ejemplo</i> , 1927) e “Tus palabras” (<i>Poesía</i> , 1930).

VIII – GABRIEL AUDISIO

É PRECISO CONHECER

GABRIEL AUDISIO

RAPSÓDIA DO PARAISO TERRESTRE

Os povos coroados de lagos e de rios
Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
Terrestre

Sempre esgotados sem desejo
Sempre sem frio ensolarados
Sempre o mel, sempre a carne
Mas sem amor e sem abelha
Não são eles os filhos do homem
São apenas os espelhos e nada existe defronte
Eles mais seus dentes não passam do esmalte fresco
Com que se faz verniz de interruptor elétrico

Os povos coroados de lagos e de rios
Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
Terrestre.

Mil fogos do alto do céu
Mil fogos ao nível dos arquipélagos
Mil fogos em fachadas de edifícios
Oirâncólicas cúpulas barocas gôndóias
Mil fogos nas vidraças nos mastros nos faróis
Mas o negro permanece nas profundas das águas.

Os povos coroados de lagos e de rios
Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
Terrestre

Cabelos de linho
Pupilas de fonte
Ombros
Pernas
E as faces e os joelhos
Como se a colheita já estivesse pronta de antemão
E os seios e as mãos
Como se o ouro já estivesse garimpado de antemão

Mas o sal do deserto
Queima
A velha doença incurável
Das moças que não choraram sobre os amantes crucificados
E a praga dos corações e dos corpos
Que não conheceram o grito das entranhas retorcidas
A fumaça dos ossos
Os filhos sem mãe

Os povos coroados de lagos e de rios
Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
Terrestre

Ele será construído pelos filhos da desgraça
Com lama cinza sangue
No estreme dos anos sem leite sem estrélas
Na podridão do céu anelão
Que já não conhecia os ventos da areia selvagem
Será construído pelas mãos amputadas
Que sangram ainda com suas palmas estigmatizadas

Os povos coroados de lagos e de rios
Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
Terrestre.

Nota: Gabriel Audisio (nascido em 1900 em Maratba) é um dos primeiros nomes da geração de poetas franceses que atingiram a celebridade durante o logo após a segunda guerra mundial. Em seus principais livros — Antes, Poemes de L'Utre noir, Rapsódias de l'amour terrestre (donde extraímos o poema acima) — conhecemos um poeta amante da vida e do mundo, poderoso, agitado, impaciente com as limitações da própria língua. Sua atitude diante do universo e da poesia é melhor expressada em suas próprias palavras: "O fim do homem é morrer; de acréto. Mas então é preciso levar a vida até o fim, até a morte para provar, e só mesmo tanto quanto ao universo, que representamos neste papel, no Todo, como a água que corre e a estrêla que brilha, sem parar, até o desaparecimento de nosso envólucro terrestre e não deixar falir: agir..." A tradução que apresentamos é quase literal; deixamos de dar o original por falta de espaço.

★

Figura 8 – GABRIEL AUDISIO. Tradução e nota de Mário Faustino.
Oitavo número de “É preciso conhecer”, de 18 nov. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

RAPSÓDIA DO PARAÍSO TERRESTRE

Os povos coroados de lagos e de rios
 Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
 Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
 Terrestre

Sempre esgotados sem desejo
 Sempre sem frio ensolarados
 Sempre o mel, sempre a carne
 Más sem amor e sem abelha
 Não são eles os filhos do homem
 São apenas os espelhos e nada existe defronte
 Eles mais seus dentes não passam do esmalte fresco
 Com que se faz verniz de interruptor elétrico

Os povos coroados de lagos e de rios
 Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
 Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
 Terrestre.

Mil fogos do alto do céu
 Mil fogos ao nível dos arquipélagos
 Mil fogos em fachadas de edifícios
 Girândolas cúpulas barcos gôndolas
 Mil fogos nas vidraças nos mastros nos faróis
 Mas o negror permanece nas profundas das águas.

Os povos coroados de lagos e de rios
 Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
 Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
 Terrestre.

Cabelos de linho
 Pupilas de fonte
 Ombros
 Pernas
 E as faces e os joelhos
 Como se a colheita já estivesse pronta de antemão
 E os seios e as mãos
 Como se o ouro já estivesse garimpado de antemão

Mas o sal do deserto
 Queima
 A velha doença incurável
 Das moças que não choraram sobre os amantes crucificados
 E a praga dos corações e dos corpos
 Que não conheceram o grito das entranhas retorcidas
 A fumaça dos ossos
 Os filhos sem mãe

Os povos coroados de lagos e de rios
 Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
 Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
 Terrestre.

Ele será construído pelos filhos da desgraça
 Com lama cinza sangue
 No estrume dos anos sem leite sem estrelas
 Na podridão do céu ancião
 Que já não conhecia os ventos da aveia selvagem
 Será construído pelas mãos amputadas
 Que sangram ainda com suas palmas estigmatizadas

Os povos coroados de lagos e de rios
 Que jamais compreenderam que se possa morrer de sede
 Esses não entrarão no verdadeiro paraíso
 Terrestre.

Nota:

Gabriel Audisio (nascido em 1900 em Marselha) é um dos primeiros nomes da geração de poetas franceses que atingiram a celebridade durante o logo após a segunda guerra mundial. Em seus principais livros *Antée*, *Poèmes du lustre noir*, *Rapsodie de l'amour terrestre* (donde extraímos o poema acima) – conhecemos um poeta amante da vida e do mundo, poderoso, agitado, impaciente com as limitações da própria língua. Sua atitude diante do universo e da poesia é melhor expressada em suas próprias palavras: “O fim do homem é morrer; de acordo. Mas então é preciso levar a vida até o fim, até a morte, para provar a nós mesmos tanto quando ao universo, que representamos nosso papel no Todo, como a água que corre e a estrela que brilha... até do desaparecimento do nosso invólucro terrestre E não laisser faire: agir...”. A tradução que apresentamos é quase literal; deixamos de dar o original por falta de espaço.

Ficha da publicação

TÍTULO	GABRIEL AUDISIO
AUTOR	Gabriel Audisio, 1900-1978 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Rapsodie de l'amour terrestre”
TEXTO TRADUZIDO	“Rapsódia do paraíso terrestre”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português. Tradução do francês.
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	18 nov. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 009. SD, n. 025. JB, n. 268. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 18 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67821
DESCRIÇÃO	Nome do poeta e do poema traduzido em destaque, em caixa-alta, seguido da publicação monolíngue e de nota explicativa.
NOTA	Nota explicativa, com referência à tradução.
OBSERVAÇÕES	“Tradução quase literal, deixamos de dar o original por falta de espaço”. No verso 20, Faustino grafia a palavra “cópola” em vez de “cópula”.

IX – UGO BETTI

É PRECISO CONHECER

UGO BETTI

GLI UOMINI

Camminavano insieme, con un brusto di fiume.
Le loro case coprivano le pianure.

Smuovevano la terra. Di essa lentamente
Mutavano l'opaco semblante.
Quindi contenti la guardavano.
Un fresco tuono era la loro gioia.
Poi stanchi riposavano.

Aspri alla moglie e al compagno, ma lieti
Dei piccoli figli: timidamente li toccavano
Con rozze dita entro la cuna. Talvolta
Provavano dolcezza d'essere in tanti, uguali;
E cantavano insieme, sottovoce.

Poi fatti da vecchiezza umili e rattapiti,
Morivano. Ma uguale
Passava quel suono di fiume;
Gli stessi canti consolavano le stesse cune,
Le stesse rozze dita smuovevano la terra
Che lentamente
S'illuminava.

OS HOMENS

Caminhavam juntos, com um sussurro de regato.
Com suas casas cobriam-se as planuras.

Revolviam a terra. E lentamente
Seu opaco semblante transformavam.
Em seguida, contentes, a contemplavam.
Um súbito trovão era a sua alegria.
Depois, cansados, repousavam.

Asperos com a mulher e o companheiro, mas alegres
Com os filhinhos: tocavam-nos timidamente
Com dedos rudes dentro do berço. Talvez experimentasse
A doçura de em tantas coisas serem iguais;
Então cantavam juntos, em voz baixa.

Depois, quando a velhice os fazia humildes e retraídos,
Morriam. Mas da mesma maneira
Aquêle som de regato ia passando;
Os mesmos cantos consolavam os mesmos berços,
Os mesmos dedos rudes revolviam a terra
Que lentamente
Se iluminava.

UGO BETTI — talvez o maior dramaturgo que a Itália produziu desde Pirandello — é também, além de ficcionista importante, um dos principais poetas italianos deste século. Entre seus livros de poesia contam-se *Il Re penseroso*, *Cansoneite* — *La Morte*, *Uomo e Donna*. Sem contar uma tradução das *Núpcias de Tétis* e de *Peleu*, de Catulo.

Figura 9 – UGO BETTI. Tradução e nota de Mário Faustino.
Nono número de “É preciso conhecer”, de 25 nov. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

GLI UOMINI

Camminavano insieme, con un brusio di fiume.
Le loro case coprivano le pianure.

Smuovevano la terra. Di essa lentamente
Mutavano l'opaco sembiante.
Quindi contenti la guardavano.
Un fresco tuono era la loro gioia.
Poi stanchi riposavano.

Aspri alla moglie e al compagino, ma lieti.
Dei piccoli figli: timidamente il toccavano
Con rozze dita entro la cuna. Talvolta
Provano dolcezza d'essere in tanti, uguali;
E cantavano insieme, sottovoce.

Poi fatti da vecchiezza umili e rattrappiti,
Morivano. Ma uguale.
Passava quel suono di fiume:
Gli stessi canti consolavano le stesse cune,
Le Stesse rozze dita annuovevano la terra
Che lentamente
S'illuminava.

OS HOMENS

Caminhavam juntos, com um sussurro de regalo.
Com suas casas cobriam-se as planuras.

Revolviam a terra. E lentamente
Seu opaco semblante transformavam.
Em seguida, contentes, a contemplavam.
Um súbito trovão era a sua alegria.
Depois, cansados, repousavam.

Ásperos com a mulher e o companheiro, mas alegres
Com os filhinhos: tocavam-nos timidamente
Com dedos rudes dentro do berço. Talvez experimentasse
A doçura de em tantas coisas serem iguais;
Então cantavam juntos, em voz baixa.

Depois, quando a velhice os fazia humildes e retraídos,
Morriam. Mas da mesma maneira
Aquele som de regato ia passando;
Os mesmos cantos consolavam os mesmos berços,
Os mesmos dedos rudes revolviam a terra
Que lentamente
Se iluminava.

Nota:

UGO BETTI — talvez o maior dramaturgo que a Itália produziu desde Pirandello —
é também, além de ficcionista importante, um dos principais poetas italianos deste século. Entre
seus livros de poesia contam-se *Il re pensieroso* [1922], *Canzonette – La morte, L'uomo [alla
sua vita] Donna [di casa]*, sem contar uma tradução das Núpcias de Tétis e de Peleu, de Catulo.

Ficha da publicação

TÍTULO	UGO BETTI
AUTOR	Ugo Betti, 1892-1953 (Itália)
TEXTO ORIGINAL	“Gli Uomini”
TEXTO TRADUZIDO	“Os homens”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português
IDIOMA	Italiano
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	25 nov. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 010. SD, n. 026. JB, n. 274. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 11 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68055
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), poema original e tradução, nota no final.
NOTA	Nota explicativa.
OBSERVAÇÕES	Referências às traduções de Ugo Betti.

X – WALLACE STEVENS

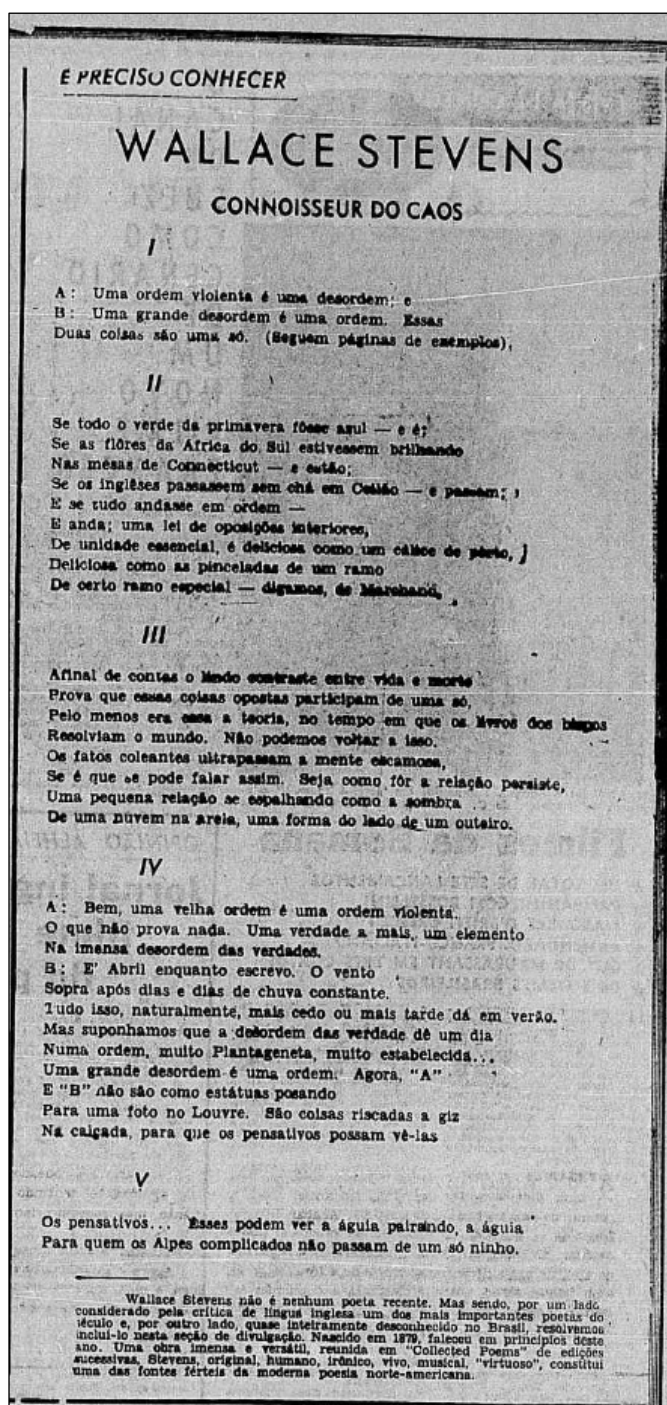


Figura 10 – WALLACE STEVENS. Tradução e nota de Mário Faustino.
 Décimo número de "É preciso conhecer", de 02 dez. 1956.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

CONNOISSEUR DO CAOS

I

A: Uma ordem violenta é uma desordem; e
 B: Uma grande desordem é uma ordem. Essas
 Duas coisas são uma só. (Seguem páginas de exemplos)

II

Se todo o verde da primavera fosse azul — e é;
 Se as flores da África do Sul estivessem brilhando
 Nas mesas de Connecticut — e estão;
 Se os ingleses passassem sem chá em Ceilão — e passam;
 E se tudo andasse em ordem —
 E anda; uma lei de oposições interiores,
 De unidade essencial, é deliciosa como um cálice de porto,
 Deliciosa como as pinceladas de um ramo
 De certo ramo especial — digamos, de Marchand.

III

Afinal de contas o lindo contraste entre vida e morte
 Prova que essas coisas opostas participam de uma só,
 Pelo menos era essa teoria, no tempo em que os livros dos bispos
 Resolviam o mundo. Não podemos voltar a isso.
 Os fatos coleantes ultrapassam a mente escamosa,
 Se é que se pode falar assim. Seja como for a relação persiste,
 Uma pequena relação se espalhando como a sombra
 De uma nuvem na areia, uma forma do lado de um outeiro.

IV

A: Bem, uma velha ordem é uma ordem violenta.
 O que não prova nada. Uma verdade a mais, um elemento
 Na imensa desordem das verdades.
 B: É Abril enquanto escrevo. O vento
 Sopra após dias e dias de chuva constante.
 Tudo isso, naturalmente, mais cedo ou mais tarde dá em verão.
 Mas suponhamos que a desordem das verdades dê um dia
 Numa ordem, muito Plantageneta, muito estabelecida...
 Uma grande desordem é uma ordem. Agora, “A”
 E “B” não são como estátuas posando
 Para uma foto no Louvre. São coisas riscadas a giz
 Na calçada, para que os pensativos possam vê-las.

V

Os pensativos... Esses podem ver a águia pairando, a águia
 Para quem os Alpes complicados não passam de um só ninho.

Nota:

Wallace Stevens não é nenhum poeta recente. Mas sendo, por um lado, considerado pela crítica de língua inglesa um dos mais importantes poetas do século e, por outro lado, quase inteiramente desconhecido no Brasil, resolvemos incluí-lo nesta seção de divulgação. Nascido em 1879, faleceu em princípios deste ano. Uma obra imensa e versátil, reunida em *Collected Poems* de edições sucessivas, Stevens, original, humano, irônico, vivo, musical, “virtuoso”, constitui uma das fontes férteis da moderna poesia norte-americana.

Ficha da publicação

TÍTULO	WALLACE STEVENS
AUTOR	Wallace Stevens, 1879-1955 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“Connoisseur of Chaos”
TEXTO TRADUZIDO	“Connoisseur do caos”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português. Tradução do inglês
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	2 dez. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 011. SD, n. 027. JB, n. 280. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 02 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	WALLACE STEVENS. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 264-67. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68283
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), título do poema (caixa alta e negrito), tradução, e nota no final.
NOTA	Nota explicativa sobre o poeta.
OBSERVAÇÕES	Na edição, em livro, a organização insere o poema no original.

XI – BERTOLT BRECHT

E PRECISO CONHECER

BERTOLT BRECHT
A POSTERIDADE

I

Não há dúvida que vivo numa idade escura
Uma palavra sem malícia é um absurdo. Uma fronte suave]
Revela um coração duro. Aquêle que está rindo
Ainda não escutou
As terríveis notícias

Ah, que tempo é este.
Em que falar de árvores é quase um crime
Por ser de certo modo silenciar sobre injustiças!
É aquêle que tranquilamente atravessa a rua
Não está fora do alcance de seus amigos
Em perigo?

É verdade: ganho minha vida
Mas, palavra de honra, é só por acidente.
Nada que eu faça me dá direito a meu pão.
Por acaso fui poupado: se minha sorte me abandona,
Estou perdido.

Há quem me diga: come e bebe. Dá-te por satisfeito!
Mas como é que posso comer e beber
Se meu pão foi arrebatado aos famintos
E meu copo d'água pertence aos sedentos?
E mesmo assim como e bebo.

Gostaria de ser sábio.
Os livros antigos nos informam o que é sabedoria!
Eris os combates do mundo, vive tua curta vida,
Sem temer ninguém.
Sem recorrer à violência
Respeito o mal com o bem —
Não a satisfação do desejo mas o alheamento
Passa por sabedoria.
Eu não posso fazer nada disso:
Não há dúvida que vivo numa idade escura!

II

Cheguei às cidades num tempo de desordem
Quando a fome imperava.
Cheguei entre os homens num tempo de levanta,
E com elas revoltei-me.
E assim passou-se o tempo
Que me foi dado sobre a terra.

Comi meu pão entre massacres.
A sombra do assassinio pairou sobre meu son.
E há rios que assim, assim, com indiferença,
Consideram minha natureza com impotência.
E assim passou-se o tempo
Que me foi dado sobre a terra.

No meu tempo as ruas confundiam à lama gulosa.
O que eu disse me atiravam ao carrasco.
Pouca coisa podia fazer. Furem sem mim.
Os dominantes ter-se-iam sentido mais seguros.
Falo rancor era como a minha esperança.
E assim passou-se o tempo
Que me foi dado sobre a terra.

Pequena era a força dos homens. O objetivo
Ficava muito longe.
Fácil de ver, embora para mim
Quase insignificante.
E assim passou-se o tempo
Que me foi dado sobre a terra.

III

Vós que emergireis deste dilúvio
Em que nos afundamos
Pensai!
Quando falardes em novas fraquezas —
Também na idade escura
Que lhes deu origem.
Pois assim, passando, mudando de país como de sapatos,
Na luta de classes, desesperando
Quando só havia injustiça e nenhuma resistência.

Pois sabíamos até bem demais:
O próprio ódio da imundície
Faz a fronte ficar severa.
A própria raiva contra a injustiça
Faz a voz ficar áspera. Ai de nós, nos que
Queríamos lançar as bases da bondade
Não pudemos nós mesmos ser bondosos.

Mas vós, quando afinal acontecer
Quê o homem possa ajudar seu próximo
Não nos julguis
Com muita severidade...

O leitor que acompanhou o abundante noticiário provocado pela morte recente do grande poeta alemão, saberá o suficiente sobre a vida e a obra de Bertolt Brecht. Bastará talvez fixar aqui nossa opinião de que o principal valor de Brecht reside no fato de ter sido ele um dos poucos que, em nosso século, conseguiram fazer, ao mesmo tempo, poesia interessada e poesia lírica — com Mayakovsky (que disse ter morrido por isso), com Auden, com Spender, Hernández, Drummond e raras outras — compreendeu, guiado por Whitman e Rimbaud, por Apollinaire, Klee e Grosz, que a transformação do mundo pela qual devem lutar os poetas inclui também, e principalmente, a transformação das artes e da língua.

Figura 11 – BERTOLT BRECHT. Tradução e nota de Mário Faustino.
11º número de “É preciso conhecer”, de 09 dez. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

À posterioridade

I

Não há dúvida que vivo numa idade escura!
 Uma palavra sem malícia é um absurdo. Uma fronte suave
 Ainda não escutou
 As terríveis notícias.

Ah, que tempo é este
 Em que falar de árvores é quase um crime
 Por ser de certo modo silenciar sobre injustiças!
 E aquele que tranquilamente atravessa a rua
 Não está fora do alcance de seus amigos
 Em perigo?

É verdade: ganho minha vida
 Mas, palavra de honra, é só por acidente.
 Nada que eu faço me dá direito a meu pão.
 Por acaso fui poupado: se minha sorte me abandona
 Estou perdido.

Há quem me diga: come e bebe. Dá-te por satisfeito!
 Mas como é que posso comer e beber
 Se meu pão foi arrebatado aos famintos
 E meu copo d'água pertence aos sedentos?
 E mesmo assim como e bebo.

Gostaria de ser sábio.
 Os livros antigos nos informam o que é sabedoria:
 Evita os embates do mundo, vive tua curta vida
 Sem temer ninguém
 Sem recorrer à violência
 Pagando o mal com o bem —
 Não a satisfação do desejo mas o alheamento
 Passa por sabedoria.
 Eu não posso fazer nada disso:
 Não há dúvida que vivo numa idade escura!

II

Cheguei às cidades num tempo de desordem
 Quando a fome imperava.
 Cheguei entre os homens num tempo de levante
 E com eles revoltei-me.
 E assim passou-se o tempo
 Que me foi dado sobre a terra.

Comi meu pão entre massacres.
 A sombra do assassinio pairou sobre meu sono
 E nas vezes que amei, amei com indiferença.
 Considerei minha natureza com impaciência.
 E assim passou-se o tempo
 Que me foi dado sobre a terra.

No meu tempo as ruas conduziam à fama gulosa.
 O que eu dizia me atraía ao carrasco.
 Pouca coisa podia fazer. Porém sem mim
 Os dominantes ter-se-iam sentido mais seguros.
 Pelo menos era essa a minha esperança.
 E assim passou-se o tempo
 Que me foi dado sobre a terra.

Pequena era a força dos homens. O objetivo
 Ficava muito longe.
 Fácil de ver, embora para mim
 Quase inatingível.
 E assim passou-se o tempo
 Que me foi dado sobre a terra.

III

Vós que emergireis deste dilúvio
 Em que nos afundamos
 Pensai –
 Quando falardes em nossas fraquezas —
 Também na idade escura
 Que lhes deu origem.
 Pois assim passamos, mudando de país como de sapatos
 Na luta de classes, desesperando
 Quando só havia injustiça e nenhuma resistência.

Pois sabíamos até bem demais:
 O próprio ódio da imundice
 Faz a frente ficar severa.
 A própria raiva contra a injustiça
 Faz a voz ficar áspera. Ai de nós, nós que
 Queríamos lançar as bases da bondade
 Não pudemos nós mesmos ser bondosos.

Mas vós, quando afinal acontecer
 Que o homem possa ajudar seu próximo
 Não nos julgueis
 Com muita severidade...

Nota:

O leitor que acompanhou o abundante noticiário provocado pela morte recente do grande poeta alemão, saberá o suficiente sobre a vida e a obra de Bertolt Brecht. Bastará talvez frisar aqui nossa opinião de que o principal valor de Brecht reside no fato de ter sido ele um dos poucos que, em nosso século, conseguiu fazer, ao mesmo tempo, poesia interessada e poesia. Ele — com Maiakovski (que dizem ter morrido por isso), com Auden, com [Stephen] Spender, Hernández, Drummond e raros outros — compreendeu, guiado por Whitman e Rimbaud, por Apollinaire, Klee e Groz, que a transformação do mundo pela qual devem lutar os poetas inclui também, e principalmente, a transformação das artes e da língua.

Ficha da publicação

TÍTULO	BERTOLT BRECHT
AUTOR	Bertolt Brecht, 1898-1956 (Alemanha)
TEXTO ORIGINAL	“An die Nachgeborenen”
TEXTO TRADUZIDO	“À posterioridade”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português. Traduzido do alemão.
IDIOMA	Alemão
QUANTIDADE	Poemas: 01, em três partes
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	09 dez. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 012. SD, n. 028. JB, n. 286. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	BERTOLT BRECHT. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 304-09. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68513
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta, seguido da tradução do poema, em três partes, e nota no final.
NOTA	Nota explicativa sobre a importância do poeta alemão.
OBSERVAÇÕES	Na edição, em livro, a organização insere o texto original.

XII – ALLEN TATE

É PRECISO CONHECER

ALLEN TATE

THE WOLVES

There are wolves in the next room wailing
With heads bent low, thrust out, breathing
At nothing in the dark; between them and me
A white door patched with light from the hall
Where it seems never (so still is the house)
A man has walked from the front door to the stair.
It has all been forever. Beasts claw the floor.
I have brooded on angels and archfiends
But no man has ever set where the next room
Crowded with wolves, and for the honor of man
I affirm that never have I before. Now while
I have looked for the evening star at a cold window
And whistled when Arcturus split his light,
I've heard the wolves scuffle, and said: So this
Is man; so — what better conclusion is there —
The day will not follow night, and the heart
Of man has a little dignity, but less patience
Than a wolf's and a duller sense that cannot
Smell its own mortality. (This and other
Meditations will be suited to other times
After long silence howls his epitaph).
Now remember courage, go to the door.
Open it and see whether coiled on the bed
Or cowering by the wall, a savage beast
Maybe with golden hair, with deep eyes
Like a bearded spider on a sunlit floor
Will snarl — and man can never be alone.

OS LÓBOS

Há lobos de tocaia no quarto aí do lado,
De cabeça abaixada, bexcos, respirando
No escuro, contra o nada; há entre nós
Alva porta crivada pela luz do vestibulo
Onde parece nunca (tão calma a casa) alguém
Ter andado da porta até a escada.
Eu, que anjos engendrei e arquidemônios,
Jamais vi sentar-se alguém no quarto ao lado,
Transbordante de lobos e afirmo, para honra
Dos homens, que eu tampouco. Mas, enquanto
Buscava, à janela fria, a estrela vespertina,
E assobiava quando Arturo vertia sua luz,
Ouvei o rugir dos lobos e disse: então é isto
O homem; então — que conclusão melhor tirar? —
O dia não virá depois da noite, e o coração
Do homem tem certa dignidade, porém menos paciência
Que o de um lobo, e sentidos embotados, incapazes
De farejar sua própria mortalidade (Estas e outras
Meditações são mais para outros tempos, quando
O silêncio canino ulvar seu espantado).
Agora lembra-te, coragem, vai e abre a porta,
Vê como envolta na cama, ou enroscada
Junto à parede, uma besta selvagem
Talvez de juba de ouro, de olhos fundos,
Tal aranha peluda em piso ensolarado,
Resnará para ti, rilhando os dentes
— Pois o homem não pode estar a sós.

Allen Tate (norte-americano) forma com William Empson a dupla daquelas que ninguém sabe se são maiores como poetas ou como críticos literários, pois a obra de ambos é igualmente importante numa e noutra feição. Há críticos ingleses e americanos — Blackmur, Cleanth Brooks, Herbert Read etc. — que também fazem poesia, muita vez ótima poesia; e há os grandes poetas, como Eliot, Pound, Ramsen etc., quase todos, que também fazem crítica, muitas vezes crítica indispensável. Mas Tate e Empson são um caso único de equilíbrio entre duas atividades. O poema acima, do autor de "Poems — 1922-1947", é bem representativo da voz poderosa e do estilo seguro que sabe ter em poesia o grande crítico de "Reason in Madness" e de "Reactionary Essays on Poetry and Ideas".

Figura 12— ALLEN TATE. Tradução e nota de Mário Faustino.

12º número de "É preciso conhecer", de 16 dez. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

THE WOLVES

There are wolves in the next room waiting
With heads bent low, thrust out, breathing
At nothing in the dark; between them and me
A white door patched with light from the hall
Where it seems never (so still is the house)
A man has walked from the front door to the stair.
It has all been forever. Beasts claw the floor.
I have brooded on angels and archfiends
But no man has ever sat where the next room's
Crowded with wolves, and for the honor of man
I affirm that never have I before. Now while
I have looked for the evening star at a cold window
And whistled when Arcturus spilt his light,
I've heard the wolves scuffle, and said: So this
Is man; so – what better conclusion is there –
The day will not follow night, and the heart
Of man has a little dignity, but less patience
Than a wolf's, and a duller sense that cannot
Smell its own mortality. (This and other
Meditations will be suited to other times
After dog silence howls his epitaph.)
Now remember courage, go to the door,
Open it and see whether coiled on the bed
Or cringing by the wall, a savage beast
Maybe with golden hair, with deep eyes
Like a bearded spider on a sunlit floor
Will snarl – and man can never be alone.

OS LOBOS

Há lobos de tocais no quarto aí ao lado.
De cabeça abaixada, tensos, respirando
No escuro, contra o nada; há entre nós
Alva porta crivada pela luz do vestibulo
Onde parece nunca (tão calma a casa) alguém
Ter andado da porta até a escada.
Eu, que anjos engendrei e arquidemônios,
Jamais vi sentar-se alguém no quarto ao lado,
Transbordante de lobos e afirmo, para honra
Dos homens, que eu tampouco. Mas, enquanto
Buscava, à janela fria, a estrela vespertina,
E assobiava quando Arturo vertia sua luz.
Ouvi o rugir dos lobos e disse: então é isto
O homem: então – que conclusão melhor tirar? –
O dia não virá depois da noite, e o coração
Do homem tem certa dignidade, porém menos paciência
Que o de um lobo, e sentidos embotados, incapazes
De farejar sua própria mortalidade (Estas e outras
Meditações são mais para outros tempos, quando
O silêncio canino uivar seu epitáfio).
Agora lembrar-te, coragem, vai e abre a porta.
Vê como envolta na cama, ou enroscada
Junto à parede, uma besta selvagem
Talvez de juba de ouro, de olhos fundos
Tal aranha peluda em piso ensolarado,
Rosnará para ti, rilhando os dentes
– Pois o homem não pode estar a sós.

Nota:

Allen Tate (norte-americano) forma com William Empson a dupla daqueles que ninguém sabe se são maiores como poeta ou como críticos literários, pois a obra de ambos é igualmente importante e numa e noutra feição. Há críticos ingleses e americanos – Blackmur, Cleanth Brooks, Herbert Read etc. – que também fazem poesia, muita vez ótima poesia; e há os grandes poetas, como Eliot, Pound, Ramson etc., quase todos, que também fazem poesias, críticas, muitas vezes crítica indispensável. Mas Tate e Empson são um caso único de equilíbrio entre duas atividades. O poema acima, do autor de “Poems – 1922-1947”, é bem representativo da voz poderosa e do estilo seguro que sabe ler em poesia o grande crítico de “Reason in Madness” e de “Reactionary Essays on Poetry and Ideas”.

Ficha da publicação

TÍTULO	Allen Tate
AUTOR	ALLEN TATE, 1899-1979 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“The Wolves” (<i>Poems</i> , 1922-1947)
TEXTO TRADUZIDO	“Os lobos”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	16 dez. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 013. SD, n. 029. JB, n. 292. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	ALLEN TATE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 272-73. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68743
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta, negrito e itálico), poemas no original (negrito) e tradução ao lado, nota no final.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor e sua poética.

XIII – CARLOS BOUSOÑO

É PRECISO CONHECER :

CARLOS BOUSOÑO

TRES POEMAS SOBRE A MORTE

— I —

Certas vezes nós homens tristemente
Celebramos a morte.
Lá, no esqueleto, ela jaz escondida,
Dura, fixa, aguardando.

Porém os homens nunca sabem.
A morte ondula entre seus lábios,
E contemplando transitórios céus
Eles falam de amor, de eternos cantos

Mas no fundo de cada vida o osso
espera sem descanso morte e terra.
Está tranqüilo, pois luz alguma habita
Seu funeral repouso milenar.

Eu que sei tudo que esses ossos sabem,
Contemplo, todavia,
O vento puro, é sem tristeza
Néle suspiro, e algumas vezes amo.

— II —

Sómente os ossos são eternos.
São a morte, que espera seu reinado,
A morte que se sabe vitoriosa
Lá em suas profundezas solitárias.

Antigos são os ossos. Sua origem
De nós humanos é desconhecida.
Mas, fundido no corpo, em nós habita
Aquilo que seremos sob o campo.

Não a semente solta pelos ventos
E nem do iluminado as alegrias:
Forém duro esqueleto indecifrável,
Núdes irredimida sob os astros.

— III —

Talvez os ossos tenham sido rocha,
Monte, rio, fogo ou vale
Antes de o homem ter aparecido
Como uma dor por sob os ares.

Por isso o osso é desejo de ser
Outra vez pura extensão desabitada
E lá dentro parece um duro outono,
Um triste outono inexplicável.

Mas os ossos enviam lentas ondas
Até os olhos, que de nada sabem,
E pensando ser ditosa a branca espuma
Morremos sob o céu interminável.

O poeta espanhol Carlos Bousoño, publica seu primeiro livro — "Primavera de la Muerte", o único de que temos notícia — em 1946, desde logo merecendo altos louvores da crítica, inclusive de Vicente Aleixandre, que o considerou "la voz más pura que haya sonado nunca, acaso, en la poesía española".

PEDRAS DE TOQUE

The moving waters at their priestlike task
Of pure ablution round earth's human shores,

(As águas movediças em seu labor sacerdotal
de pura ablução em torno das praias humanas
da terra)

John KEATS

Figura 13 – CARLOS BOUSOÑO. Tradução e nota de Mário Faustino.
13º número de "É preciso conhecer", de 23 dez. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Três poemas sobre a morte

I

Certas vezes nós homens tristemente
Celebremos a morte,
Lá, no esqueleto, ela jaz escondida,
Dura, fixa, aguardando.

Porém os homens nunca sabem.
A morte ondula entre seus lábios,
E contemplando transitórios céus
Eles falam de amor, de eternos cantos

Mas no fundo de casa vida o osso
Espera sem descanso morte e terra.
Está tranquilo, pois luz alguma habita
Seu funeral repouso milenar.

Eu que sei tudo que esses ossos sabem
Contemplo, todavia,
O vento puro, e sem tristeza
Nele suspiro, e algumas vezes amo.

II

Somente os ossos são eternos,
São a morte, que espera seu reinado.
A morte que se sabe vitoriosa
Lá em suas profundezas solitárias.

Antigos são os ossos. Sua origem
De nós humanos é desconhecida
Mas, fundido no corpo, em nós habita
Aquilo que seremos sob o campo.

Não a semente solta pelos ventos
E nem do iluminado as alegrias:
Porém duro esqueleto indecifrável
Nudez irredimida sob os astros.

III

Talvez os ossos tenham sido rocha,
Monte, rio, fogo ou vale
Antes de o homem ter aparecido
Como uma dor por sob os ares.

Por isso o osso é desejo de ser
Outra vez pura extensão desabitada
E lá dentro parece um duro outono,
Um triste outono inexplicável.

Mas os ossos enviam lentas ondas
Até os olhos, que de nada sabem,

E pensando ser ditosa a branca espuma
Morremos sob o céu interminável.

Nota:

O poeta espanhol Carlos Bousoño publicou seu primeiro livro – *Primavera de la Muerte*, o único de que temos notícia – em 1946, desde logo merecendo altos louvores da crítica, inclusive de Vicente Aleixandre, que o considerou “la voz más pura que haya sonado nunca, acaso, en la poesía española”.

Ficha da publicação

TÍTULO	CARLOS BOUSOÑO
AUTOR	Carlos Bousoño, 1923-2015 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	“Tres poemas sobre la muerte” (<i>Primavera de la muerte</i> , 1946)
TEXTO TRADUZIDO	“Três poemas sobre a morte”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português. Tradução do espanhol.
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 01 poema, em três partes estróficas.
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	23 dez. 1956
SEÇÃO	É preciso conhecer
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 014. SD, n. 030. JB, n. 298. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68743
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), seguido de título do poema em português (caixa alta e itálico), poema traduzido, em três partes estróficas, nota no final.
NOTA	Nota explicativa sobre o poeta acompanhado da citação, em espanhol, do poeta Vicente Aleixandre sobre a qualidade da poesia de Bousoño.

Poetry

I, too, dislike it: there are things that are important
 beyond all this fiddle.
 Reading it, however, with a perfect contempt for it, one
 discovers in
 it after all, a place for the genuine.
 Hands that can grasp, eyes
 that can dilate, hair that can rise
 if it must, these things are important not because a
 high-sounding interpretation can be put upon them but
 because they are
 useful. When they become so derivative as to become
 unintelligible,
 the same thing may be said for all of us—that we
 do not admire what
 we cannot understand: the bat,
 holding on upside down or in quest of something
 to
 eat, elephants pushing, a wild horse taking a roll, a tireless
 wolf under
 a tree, the immovable critic twinkling his skin like a horse
 that feels a flea, the base-
 ball fan, the statistician—case after case
 could be cited did
 one wish it; nor is it valid
 to discriminate against “business documents and
 school-books”; all these phenomena are important. One must
 make a distinction
 however: when dragged into prominence by half poets,
 the result is not poetry,
 nor till the autocrats among us can be
 “literalists of
 the imagination”—above
 insolence and triviality and can present
 for inspection, imaginary gardens with real toads in them,
 shall we have
 it. In the meantime, if you demand on the one hand, in defiance
 of their opinion—
 the raw material of poetry in
 all its rawness, and
 that which is on the other hand,
 genuine, then you are interested in poetry.

Poesia

Eu também não gosto lá muito dela: há coisas mais importantes
 que toda essa charanga.
 Lendo-a, todavia, com o mais perfeito desdém, a gente acaba
 descobrindo
 nela, afinal de contas, um lugar para o genuíno.
 Mãos que podem apertar, olhos
 que se podem dilatar, cabelo capaz de eriçar-se
 se for preciso, tais coisas são importantes não porque uma
 grandiloquente interpretação lhes possa ser aposta mas
 porque são
 úteis. E se ficam tão derivativas que chegam a ser
 ininteligíveis,
 o mesmo se poderá dizer de qualquer de nós, que não
 admiramos aquilo que
 não podemos compreender: o morcego
 pendurado de cabeça para baixo ou em busca de algo
 que
 comer, os elefantes empurrando, um cavalo selvagem se espojando,
 incansável lobo debaixo de
 uma árvore, o crítico estacionário encolhendo a pele como um
 cavalo picado por um mosquito, o fan de *base-*
ball, o estatístico –
 e nem está direito
 discriminar contra “documentos comerciais e
 livros escolares”; todos esses fenômenos são importantes. A gente
 deve fazer uma distinção
 contudo: quando eles são arrastados à preeminência por semipoetas,
 o resultado não é poesia,
 e nem – até que os poetas dentre nós possam ser
 “literalistas da
 imaginação”, acima
 do insolente e do trivial e possam apresentar a quem
 quiser inspecionar, jardins imaginários contendo sapos de verdade –
 é que ela será
 nossa. Enquanto isso, se você exigir por um lado
 a matéria-prima da poesia em
 todo o seu primarismo e
 aquilo que é por outro lado
 genuíno, então você se interessa por poesia.

Nota:

Marianne Moore, como Wallace Stevens e Hart Crane, aparece um tanto “gauche” nesta seção: um dos mais consagrados poetas de língua inglesa de nosso século, e tendo nascido em 1887 – dois anos após Pound e um antes de Eliot – não deveria figurar entre os poetas bem mais jovens, de todos os países, que esta seção pretende revelar aos leitores menos informados. Justifica a nossa decisão o fato de ser a grande poetisa “Observations” tão pouco conhecida e citada no Brasil. Trata-se de um dos poucos unanimemente considerados “poetas maiores” de nossa época, pela crítica anglo-americana. Mestre da chamada “imaginação literal” (re. o prefácio de T. S. Eliot para os “Selected Poems”), é Marianne Moore um exemplo de artista ativo e confiante que, contra todas as críticas, manteve durante longos anos sua “maneira e sua atitude perante a palavra, acabando por conquistar-se alta e indisputável posição de franco-atiradora, talvez o mais importante “independente” da poesia do nosso tempo. Pena é que certos poemas seus (como incomparável “The Fish”) sejam intraduzíveis. Em “Poetry” vemos como um grande poeta pode tratar de ideias “em ação” concretizando-as a ponto de mantê-las quase sempre dentro da linguagem poética: o conceito, aqui, não é abstração, é um objeto tanto quanto uma árvore, um animal ou uma paisagem.

Ficha da publicação

TÍTULO	MARIANNE MOORE
AUTOR	Marianne Moore, 1887-1972 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“Poetry” (<i>Others</i> , 1919; <i>Observations</i> , 1924)
TEXTO TRADUZIDO	“Poesia”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	30 dez. 1956
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 015. SD, n. 031. JB, n. 303. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	MARIANNE MOORE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 284-87. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69099
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), seguido do poema no original (com título em caixa alta e negrito) e tradução (título em caixa alta e negrito), ladeados, nota final.
NOTA	Nota explicativa com referência à tradução e comentário sobre o poema.
OBSERVAÇÕES	“Pena é que certos poemas seus (como incomparável ‘The Fish’) sejam intraduzíveis”. Essa provavelmente é a primeira tradução dessa poesia no Brasil. O poema “Poetry” foi publicado pela primeira vez na antologia poética <i>Others</i> (Vol. 5, n. 6, jul. 1919), sob organização de William Carlos Williams.

XV – ENZIO DI POPPA

È PRECISO CONHECER

ENZIO DI POPPA
TANTALO

Volgo le mani ansiose al tuo riso, al tuo volto festante
e tu dilungri e dillegui come un fantasma, leggera.
Così l'estate invano se volge alla sua primavera;
così alle umide urne il desperato gigante.

*

Dedos ansiosos dirijo a teu riso, a teu rosto radiante
Mas leve te esvais e te esfumas igual a fantasma ou [quimera
Assim debaide se volta o verão rumo a su' primavera;
Assim rumo às úmidas urnas o desesperado gigante.

Dos menos jovens em idade, porém dos mais recentes em obra — nascido em 1898, seu primeiro livro de versos, *La Passione*, somente foi publicado em 1932. — é Enzo di Poppa um dos mais interessantes poetas da Itália contemporânea. Exato, denso e poderoso como poeta, é talvez dos intelectuais italianos o mais ligado à nossa língua e literatura: Professor de cultura italiana na universidade de Coimbra, publicou um romance em português ("Os últimos homens da lua"), tendo traduzido para o italiano o teatro completo de Gil Vicente e um dos livros de Ribeiro Couto, além de uma antologia: "Poeti Portughesi Moderni".

Figura 15 – ENZIO DI POPPA. Tradução e nota de Mário Faustino.
15º número de "É preciso conhecer", de 20 jan. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

TANTALO

Volgo le mani ansiose al tuo riso, al tuo volto festante
e tu dilungri e dilegui come un fantasma, leggera
Cosi l'estate invano se volge alla sua primavera;
cosi alle umide urne il desperato gigante.

Dedos ansiosos dirijo a teu riso, a teu rosto radiante
Mas leve te esvai e te esfumas igual a fantasma ou quimera
Assim de balde se volta o verão rumo a sua primavera;
Assim rimo às úmidas urnas o desesperado gigante.

Nota:

Dos menos jovens em idade, porém dos mais recentes em obra – nascido em 1898, seu primeiro livro de versos, *La Passione*, somente foi publicado em 1932, – é Enzo di Poppa um dos mais interessantes. Exato, denso e poderoso como poeta, é talvez dos intelectuais italianos o mais ligado à nossa língua e literatura: Professor de Cultura italiana na Universidade de Coimbra, publicou um romance em português (*Os últimos homens da lua*), tendo traduzido para o italiano o teatro completo de Gil Vicente e um dos livros de Ribeiro Couto [1952], além de uma antologia: *Poeti Portoghesi Moderni* [*Poeti moderni portoghesi*, 1942].

Ficha da publicação

TÍTULO	ENZIO DI POPPA
AUTOR	Enzio di Poppa Volture, 1898-1982 (Itália)
TEXTO ORIGINAL	“Tantalo”
TEXTO TRADUZIDO	Sem título.
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português
IDIOMA	Italiano
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	20 jan. 1957
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 018. SD, n. 034. JB, n. 017. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 20 jan. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69735
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), com título do poema, seguido dos poemas original e tradução, e nota ao lado.
NOTA	Nota explicativa, com referências ao autor traduzido e sua relação com a literatura portuguesa e brasileira.
OBSERVAÇÕES	A antologia que Poppa traduziu chama-se <i>Poeti moderni portoghesi</i> em vez de “Poeti portoghesi moderni”, citado por Mário Faustino.

XVI – VICENTE HUIDOBRO

E' PRECISO CONHECER

VICENTE HUIDOBRO

Fragmento de Altazor

no hortanha da montazonte
uma andolina sobre a mandorinha
despregada a manhá da luninda
acode acode a pieno trote

já vem já vem a mandorinha
já vem já vem a andorinha
já acode, ode ode a andolina
já acode a andorinha
já acode a andolina
a andolina
a andovia
olhos abertos a andolina
com lagouras cortando
a bruma a andorinha

a andoeu
a andomei
a bela andoaoléu
e a noite recolhe suas unhas
como o leopardo

ela acode a ardoreia
que tem um ninho em cada um
de dois calores
como eu o tenho
nos quatro horizontes
já acode a andogéia
e as ondas se levantam
sobre a ponta dos pé
já acode a andobela
e o rosto da montanha
estremecê de espanto
ela vem a andoveia
e o vento se fêz parábola
das sílfides em orgia

enchem-se de nota
os fios telefônicos
e o poema dorme
com o rosto escandido
e a árvore com o pulso inflamado

mas o céu prefere o roudonol
seu filho mimado o rourenal
sua flor de alegria o rouminol
sua pele de lágrima o roufanol
sua garganta de noite o rousoinol
o roulanol
o rousoinol

e todo o espaço se faz mole
em sua lingua de tralali lilo
tralili lali
engole as estréias para a toilette
todas as pequenas e mesmo a estréia mior
trairi raro

todos os belos planetas
que amadurecem nas planetéias
mas eu não compro astréias
na noiteira
nem ondas novas
no ar marinho
trairi riré

(tradução de agosto de campos)

Fragment d'Altazor

a l'horitagne de la montazon
une hironline sur la mandogelle
décrochée le matin de la lunaille
approche approche à tout galop

déjà vient vient la mandogelle
déjà vient vient l'hirondolline
déjà s'approche oche oche l'hironbelle
déjà s'approche l'hironnelle
l'hirongréle
avec les yeux ouverts l'hirongéle
avec ses ciseaux coupant
la brume l'hironalle

l'hironciel
l'hironmiel
la belle hironreie
et la nuit rentre ses ongles
comme le leopard

elle approche l'hirontéle
qui a un nid dans chacune
de deux chaleurs
tel que moi je l'ai
dans les quatre horizons
déjà s'approche l'hironfréle
et les vagues se dressent
sur la pointe de leurs pieds
déjà s'approche l'hironbelle
et la tête de la montagne
sent un étourdissement
elle vient l'hironruelle
et le vent a'est fait parobole
des sylphides en orgie

se remplissent de note
les fils téléphoniques
et la couchant s'endori
avec la tête cachée
et l'arbre avec le pouls entières

mais le ciel préfère le roudonol
son enfant gâté le rougnol
sa fleur de joie le rouminol
sa peau de larme le roufanol
sa gorge de nuit le rousoinol
le roulanol
le rousoinol

et tout l'espace tédit
dans sa langue de tralali lilo
tralili lali
avale les étoiles pour la toilette
toutes les petites et même l'étoillon
trairi raro
toutes les belles planetes
qui mûrissent dans les planetéias
mais je n'achète pas les étoiles
dans la nuitreie
ni des vagues nouvelles
dans la merreie
trairi riré

Este poema, aparecido na revista "transi-
tion", em 1930, é uma peça rara, ou pelo menos
diferente, na obra do chileno Huidobro, marcada
muito mais pela obsessão da imagem do que pelo
experimento verbal. Talvez o explique o fato de
ter sido apresentado na famosa revista de Eu-
gene Iolas, que a partir de 1927 iniciara a publi-
cação dos primeiros trechos da WORK IN PRO-
GRESS, o futuro FINNEGANS WAKE de James
Joyce. Deste provém, sem dúvida, as chamadas
palavras "portmanteau" (amalgama de duas ou
mais palavras numa só), tão frequentes no poe-
ma, que tem também, *ex pour cause*, qualquer co-
isa do JABBERWOCKY de Lewis Carroll. Huidob-
ro domina bem o processo, dotando-o de um sa-
bor particular, e conseguindo, quase sempre, uma
precisa fotomontagem de palavras, como no en-
certo das sete notas musicais na palavra rou-
soinol (no francês do original, rousoinol, a coisa
fica ainda mais perfeita), e efeitos dinâmicos
como o da transposição das sílabas nos versos
iniciais (no horizonte da montanha / uma ando-
rinha sobre a mandolina). Ao tradutor pareceu
que a melhor maneira de verter o poema era en-
trar francamente no jogo. Por exemplo: aquela
merreie do penúltimo verso (*mer* = o sufixo erie;
neologismo criado para significar aproximada-
mente *lugar onde se vende mar*, como quando se
diz *mercerie, boulangerie, merceria, padaria*) não
foi traduzido por *mercerie*, mas por *ar marinho*,
em duplo sentido com *ermarinho*. Evidentemente,
não pode a tradução ser sempre literal. Aqui, mais
do que nunca, deve tentar ser uma reinvenção.

AUGUSTO DE CAMPOS

Figura 16 – VICENTE HUIDOBRO. Tradução e nota de Augusto de Campos.

16º número de "É preciso conhecer", de 03 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

Este poema, aparecido na revista “transition”, em 1930, é uma peça rara, ou pelo menos diferente, na obra do chileno Huidobro, marcada muito mais pela obsessão da imagem do que pelo experimento verbal. Talvez o explique o fato de ter sido apresentado na famosa revista de Eugène Jolas, que a partir de 1928 iniciara a publicação dos primeiros trechos de WORK IN PROGRESS, o futuro FINNEGANS WAKE de James Joyce. Deste provêm, sem dúvida, as chamadas palavras “portmanteau” (amálgama de duas ou mais palavras numa só), tão frequentes no poema, que tem também, *ef pour cause*, qualquer coisa do JABBERWOOKY DE Lewis Carrol. Huidoro domina bem o processo, dotando-o de um sabor particular, e conseguindo, quase sempre, uma precisa fotomontagem de palavras, como no enxerto das sete notas musicais na palavra *rouxinol* (no francês do original, *rossignol*, a coisa fica ainda mais perfeita), e efeitos dinâmicos como o de transposição das sílabas nos versos iniciais (no horizonte da montagem / uma andorinha sobre mandolina). Ao tradutor pareceu que a melhor maneira de verter o poema era entrar francamente no jogo. Por exemplo: aquele *mererie* do penúltimo verso (mer – o sufixo erie: neologismo criado para significar aproximadamente lugar onde se vende *mar*, como quando se diz mercerie, boulangeri, mercearia, padaria) não foi traduzido por *marcria*, mas por *ar marinho*, em duplo sentido com armarinho. Evidentemente, não pode a tradução ser sempre literal. Aqui, mais do que nunca, deve tentar ser uma reinvenção.

Ficha da publicação

TÍTULO	VICENTE HUIDOBRO
AUTOR	Vicente García-Huidobro Fenandéz, 1893-1948 (Chile)
TEXTO ORIGINAL	“Fragment d’Altazor” (1919)
TEXTO TRADUZIDO	“Fragmento de Altazor”
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	03 mar. 1957
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 024. SD, n. 040. JB, n. 053. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 03 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	HUIDOBRO, Vicente. “Fragmento de Altazor”. In: <i>Qorpo Estranho</i> , n.2, São Paulo, s.p.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	HUIDOBRO, Vicente. “Fragmento de Altaçor”. In: CAMPOS, A. <i>O anticrítico</i> . São Paulo: Companhia das Letras, p.164-167. Publicação bilíngue. http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71183
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), seguido da tradução (título em negrito e itálico) e poema no original (título em negrito e itálico), com nota no final de Augusto de Campos.
NOTA	Nota de Augusto de Campos, com referência à tradução.
OBSERVAÇÕES	Na nota, AC chama atenção para a sua tradução: “Evidentemente, não pode a tradução ser sempre literal. Aqui, mais do que nunca, deve tentar ser uma reinvenção”.

XVII – ARCHIBALD MACLEISH

português

É PRECISO CONHECER

ARCHIBALD MACLEISH

INVOCAÇÃO À MUSA SOCIAL

Señora, é verdade que os gregos estão mortos:
E' verdade também que nós aqui somos americanos:
Que usamos máquinas: que uma visão da divindade é coisa [rara:
Que há cada vez mais gente pensando cada vez mais: que [existe

Progresso e ciência e tratores e revoluções e
Marx e as guerras mais antisséticas e assassinas
E música em cada lar; há também Hoover:

Será que Milady sugere que a gente inscreva isso tudo no [Verbo?
Madame nos relembra nossas responsabilidades? Nós somos
Prostitutas, Fräulein: os poetas Fräulein são pessoas de

Conhecida vocação acompanhando as tropas: têm de dor- [mir com
Os guerreiros de ambos os príncipes e de ambos os pontos [de vista:
As regras do jogo lhe probem tratar dos negócios de qual- [quer dêies:

E' também estritamente proibido tomar parte nas manobras:
Os que transgridem essa regra são inflados de louvor nas [praças públicas —
E seus ossos são por isso mesmo mais tarde encontrados por [baixo dos jornais:

Preferindo viver com os filhos da morte a viver com os [pais dela
Também duvidamos — oficialmente — que os filhos
Ainda andem por aí gritando os mesmos vivas —

Pois esperamos Milady poder viver para dormir com os mais [novos:
Há apenas um punhado de coisas de que um homem gosta
De geração em geração faminta ou

Sem alimentada: a terra é uma delas: a vida é
Uma delas: Mister J. P. Morgan não é uma delas:

Não há nada pior em nosso ramo de negócios do que estar [na moda:
Aquêle que anda nu chega mais depressa do que os outros:
Enrolem o bardo numa bandeira ou numa escola e êles [acabarão
Lhe abrindo a porta a machadadas para viver com êle — [por um mês:

(Quem é que ainda se lembra do endereço dos Imagistas?)
Porém ao homem nu sempre lhe resta sua nudez:
Sempre haverá quem se lembre de seus membros vivos:

Podem expulsá-lo dos acampamentos, porém alguém tomará [conta dêle:
Podem calar-lhe a boca com o argumento de uma força —
Que êle dormirá debaixo de um teto, aquecido quando os [outros tremerem de frio:

Além de Tovaritch, de que modo abraçar um exército?
De que modo levar para o quarto um milhão de habitantes?
De que modo conceber em nome de uma coluna em marcha?

As coisas do poeta são feitas para um homem só
Como são feitas as coisas do amor — ou da morte quando [ouvimos os
Passos se afastando escada abaixo e apenas o tic-tac do [relógio:
Nem sua classe nem seus parentes nem seu ofício chegarão [perto dêle
Lá onde êle se deita sobre seu braço esquerdo, lá onde [morrerá:

Nem sua classe nem seus parentes nem seu ofício quando [o sangue zombar dêle
Quando o joelho sentir o macio da cama em que jaz seu [amor:

Recordo-lhe Barinya é difícil a vida do poeta —
Vida difícil tanto de botas como com uma nota de mil:

Será justo que ainda por cima nos obriguem a pegar em [armas?

Archibald MacLeish (nascido em 1892) não é um grande poeta, porém tem sua importância e, sobretudo, grande popularidade. Poundiano, discípulo e grande admirador do mestre, não leva a experiência dêste muito longe. O poema acima — escrito na época em que muitos intelectuais americanos se recusavam a lutar por uma sociedade que desprezavam — é especialmente interessante dentro da perspectiva do Brasil de hoje. Sendo a tradução praticamente literal, tratando-se de um poema que usa o verso apenas como meio de expressão combativa, e sobrando-nos pouco espaço — deixamos de dar, quebrando a praxe da página, o original inglês.

Figura 17 – ARCHIBALD MACLEISH. Tradução e nota de Mário Faustino.

17º número de “É preciso conhecer”, de 28 abr. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Invocação à musa social

Señora, é verdade que os gregos estão mortos:
 É verdade também que nós aqui somos americanos:
 Que usamos máquinas: que uma visão da divindade é coisa rara:
 Que há cada vez mais gente pensando cada vez mais: que existe
 Progresso e ciência e tratores e revoluções e
 Marx e as guerras mais antissépticas e assassinas
 E música em cada lar; há também Hoover:
 Será que Milady sugere que a gente inscreva isso tudo Verbo?
 Madame nos lembra nossas responsabilidades? Nós somos
 Prostitutas, Fräulein: os poetas Fräulein são pessoas de
 Conhecida vocação acompanhando as tropas: têm de dormir com
 Os guerreiros de ambos os príncipes e de ambos os pontos de vista:
 As regras do jogo lhe proibem tratar dos negócios de qualquer deles:
 É também estritamente proibido tomar parte nas manobras:
 Os que transgredem essa regra são inflados de louvor nas praças públicas —
 E seus ossos são por isso mesmo mais tarde encontrados por baixo dos jornais:
 Preferindo viver com os filhos da morte a viver com os pais dela
 Também duvidamos — oficialmente — que os filhos
 Ainda andem por aí gritando os mesmos vivas —
 Pois esperamos Milady poder viver para dormir com os mais novos:
 Há apenas um punhado de coisas de quem um homem gosta
 De geração em geração faminta ou
 Bem alimentada: a terra é uma delas: a vida é
 Uma delas: Mister J. P. Morgan não é uma delas:
 Não há nada pior em nosso ramo de negócios do que estar na moda:
 Aquele que anda nu chega mais depressa do que os outros:
 Enrolem o bardo numa bandeira ou numa escola e eles acabarão
 Lhe abrindo a porta a machadadas para viver com ele por um mês:
 (Quem é que ainda se lembra do endereço dos Imagistas?)
 Porém ao homem nu sempre lhe resta sua nudez:
 Sempre haverá quem se lembre de seus membros vivos:
 Podem expulsá-lo dos acampamentos, porém alguém tomará conta dele
 Podem calar-lhe a boca com o argumento de uma força —
 Que ele dormirá debaixo de um teto, aquecido quando os outros tremerem de frio:
 Além de Tovaritch, de que modo abraçar um exército?
 De que modo conceber em nome de uma coluna em marcha?
 As coisas do poeta são feitas para um homem só
 Como são feitas as coisas do amor — ou da morte quando ouvimos os
 Passos se afastando escada abaixo e apenas o tic-tac do relógio.
 Nem sua classe nem seus parentes nem seu ofício quando o sangue zombar dele
 Quando o joelho sentir o macio da cama em que jaz seu amor:
 Recordo-lhe Barinya é difícil a vida do poeta —
 Vida difícil tanto de botas como com uma nota de mil:
 Será justo que ainda por cima nos obriguem a pegar em armas?

Nota:

Archibald MacLeish (nascido em 1892) não é um grande poeta, porém tem sua importância e, sobretudo, grande popularidade. Poundiano, discípulo e grande admirador do mestre, não leva a experiência deste muito longe. O poema acima – escrito na época em que muitos intelectuais americanos se recusavam a lutar por uma sociedade que desprezavam — é especialmente interessante dentro da perspectiva do Brasil de hoje. Sendo a tradução praticamente literal, tratando-se de um poema que usa o verso apenas como meio de expressão combativa, e sobrando-nos pouco espaço — deixamos de dar, quebrando a praxe da página, o original inglês.

Ficha da publicação

TÍTULO	ARCHIBALD MACLEISH
AUTOR	Archibald MacLeish, 1892-1982 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“Invocation to the Social Muse”
TEXTO TRADUZIDO	“Invocação à musa social”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português. Traduzido do inglês.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	28 abr. 1957
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 032. SD, n. 048. JB, n. 098. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 abr. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	ARCHIBALD MACLEISH. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 274-77. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73257
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), seguido da tradução do poema, com título do poema (caixa alta e negrito), e nota no final.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor, com referência à tradução: “Sendo a tradução praticamente literal, tratando-se de um poema que usa o verso apenas como meio de expressão combativa, e sobrando-nos pouco espaço – deixamos de dar, quebrando a praxe da página, o original inglês”.
OBSERVAÇÕES	Na edição em livro, a organização fornece o poema em inglês.

XVIII – VICTOR SEGALEN

E' PRECISO CONHECER

VICTOR SEGALEN

Éloge et pouvoir de l'absence

Je
ne prétends point être là, ni survenir d'improviste, ni paraître en habits et chair, ni gouverner par le poids visible de ma personne,

Ni
répondre aux censeurs, de ma voix; aux rebelles, d'un oeil implacable; aux ministres fatigués, d'un geste qui suspendrait les têtes à mes ongles.

Je
régne par l'étonnant pouvoir de l'absence. Mes deux cent soixante-dix palais tramés entre eux de galeries opaques s'emplissent seulement de mes traces alternées.

des musiques jouent en l'honneur de mon ombre; des officiers saluent mon siège vide; mes femmes apprécient mieux l'honneur des nuits où je ne daigne pas.

Egal
aux Génies qu'on ne peut récuser puisqu'invisibles, — nulle arme ni poison ne saura venir où m'atteindre.

Elogio e poder da ausência

Eu
não pretendo estar aí, nem chegar de repente, nem surgir de roupa e carne, nem governar pelo peso visível de minha pessoa,

Nem
responder aos censores com minha voz; aos rebeldes com olhos implacáveis; aos ministros fatigados, com um gesto que suspenda cabeças em minhas garras.

Eu
reino pelo espantoso poder da ausência. Meus duzentos e setenta palácios entreligados por galerias opacas estão desertos de tudo menos de meus vestígios alternados.

músicas tocam em honra de minha sombra; guardas saúdam meu trono vazio; minhas mulheres cada vez mais apreciam a honra das noites a que desdenho comparecer.

Como
os Génios que não podemos rejeitar só porque invisíveis — arma alguma, veneno algum é capaz de chegar onde atingir-me.

Victor Segalen (1877-1919): um dos chamados "poetas do espaço", "poetas estrangeiros" etc. — como Valéry Larbaud, H. J. M. Leves, Paul Morand, etc.; descendentes de Whitman, predecessores de Saint-John Perse. Obra de Segalen: "Essence", publicada pela primeira vez em 1917.

Figura 18 – VICTOR SEGALEN. Tradução e nota de Mário Faustino.
 18º número de "É preciso conhecer", de 12 maio 1957.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Éloge et pouvoir de l'absence

Je

ne prétends point être là, ni survenir à
l'improviste, ni paraître en habits et chair, ni
gouverner par le poids visible de ma personne,

Ni

répondre aux censeurs, de ma voix ; aux
rebelles, d'un œil implacable ; aux ministres
fautifs, d'un geste qui suspendrait les têtes à mes
ongles.

Je

règne par l'étonnant pouvoir de l'absence. Mes
deux cent soixante-dix palais tramés entre eux
de galeries opaques s'emplissent seulement de
mes traces alternées.

Et

des musiques jouent en l'honneur de mon ombre ;
des officiers saluent mon siège vide ; mes
femmes apprécient mieux l'honneur des nuits
où je ne daigne pas.

Egal

aux Génies qu'on ne peut récuser puis-
qu'invisible, — nulle arme ni poison ne saura
venir où m'atteindre.

Elogio e poder da ausência

Eu

não pretendo estar aí, nem chegar de repente, nem surgir de roupa e carne, nem governar pelo peso visível de minha pessoa,

Nem

responder aos censores com minha voz; aos rebeldes com olhos implacáveis; aos ministros falíveis, com um gesto que suspenda cabeças em minhas garras.

Eu

reino pelo espantoso poder da ausência. Meus duzentos e setenta palácios entreligados por galerias opacas estão desertos de tudo menos de meus vestígios alternados.
músicas tocam em honra de minha sombra; guardas saúdam meu trono vazo; minhas mulheres cada vez mais apreciam a honra das noites a que desdenho comparecer.

Como

os Gênios que não podemos rejeitar só porque invisíveis — arma alguma, veneno algum é capaz de chegar onde atingir-me.

Nota

Victor Segalen (1877-1919): um dos chamados “poetas do espaço”, “poetas exóticos” [ilegível] etc. – como Valéry Larbaud, H. J. M. Levet, Paul Morand, etc. Amantes do moderno, descendentes de Whitman, predecessores de Saint-John Perse. Obra de Segalen: *Stèles*, publicada pela primeira vez em 1917.

Ficha da publicação

TÍTULO	VICTOR SEGALEN
AUTOR	Victor Ségalen, 1878-1919 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Éloge et pouvoir de l’absence”
TEXTO TRADUZIDO	“Elogio e poder da ausência”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	12 maio 1957
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 034. SD, n. 050. JB, n. 109. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 12 maio 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73769
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (caixa alta e negrito), seguido do nome do poema (negrito), poema no original e a sua tradução (título em negrito), e nota no fim.
NOTA	Nota explicativa sobre o autor.
OBSERVAÇÕES	Nota com partes ilegíveis.

XIX – JAMES LAUGHLIN

É PRECISO CONHECER

James Laughlin

<p>NO COMPARISON</p> <p>A parrot a talking parrot a parrot in a cage "pretty Polly".</p> <p>A poet no fooling a poet a poet in the USA "Hiya Shakespeare"</p> <p>GETTING PAID</p> <p>The little man at the piano in the bar gets</p> <p>paid to smile all the time he is playing and</p> <p>the glistening blonde in the Dior dress gets</p> <p>paid to like it when she has to sleep with</p> <p>fat & ugly and he got paid for selling out</p> <p>his partners in those famous deals & I what</p> <p>do I get who'll pay the poet for a poem?</p>	<p>SEM QUERER COMPARAR</p> <p>Um papagaio um papagaio falante um papagaio numa gaiola "Rosa formosa".</p> <p>Um poeta falando sério um poeta um poeta nos EE. UU. "Que-que-há Shakespeare"</p> <p>GANHANDO DINHEIRO</p> <p>O homenzinho sentado ac piano no bar ganha seu</p> <p>dinheiro para sorrir o tempo todo que toca e</p> <p>a loura cintilante no vestido de Dior recebe</p> <p>dinheiro para dar-se por satisfeita quando tem de</p> <p>dormir com o gordo & feio que ganhou dinheiro para</p> <p>trair os sócios naquele famoso negócio & eu que</p> <p>dinheiro ganho quem paga o poeta por um poema?</p>
---	---

James LAUGHLIN, nascido em 1914, em Pittsburgh, E.U.A., poeta de vanguarda, editor da antologia anual (vanguarda, também) de "New Directions", diretor de "Profiles", revista financiada pela Ford Foundation. Como poeta, uma espécie de montagem da tradição poesia protesto social da década de 30, com as pesquisas formais William Carlos Williams/c.e. cummings. Livros até agora, que salbamos: "Some Natural Things" e "A Small Book of Poems".

Figura 19 – JAMES LAUGHLIN. Tradução e nota de Mário Faustino.
19º do número de "É preciso conhecer", de 20 out 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

NO COMPARISON	SEM QUERER COMPARAR
A parrot a talking parrot a parrot in a cage “pretty Polly”.	Um papagaio um papagaio falante um papagaio numa gaiola “Rosa formosa”.
A poet no fooling a poet a poet in the USA “Hiya Shakespeare”	Um poeta falando sério um poeta um poeta nos EE. UU. “Que-que-há Shakespeare”
GETTING PAID	GANHANDO DINHEIRO
The little man at the Piano in the bar gets	O homenzinho sentando ao piano no bar ganha seu
paid to smile all the time he is playing and	dinheiro para sorrir o tempo todo que toca e
the glistening blonde in the Dior dress gets	a loura cintilante no vestido de Dior recebe
paid to like it when she has to sleep with	dinheiro para dar-se por satisfeita quando tem de
fat & ugly and he got paid for selling out	dormir com o gordo & feio que ganhou dinheiro para
his partners in those famous deals & I what	trair os sócios naquele famoso negócio & eu que
do I get who’ll pay the poet for a poem?	dinheiro ganho quem paga o poeta por um poema?

Nota:

James LAUGHLIN, nascido em 1914, em Pittsburgh, E.U.A., poeta de vanguarda, editor da antologia (vanguarda, também) de “New Directions”, diretor de “Profiles”, revista financiada pela Ford Foundation. Como poeta, uma espécie de montagem da tradição poesia protesto social da década de 30, com as pesquisas formais William Calos Williams/ e.e. cummings. Livros até agora, que saibamos: *Some Natural Things* e *A Samall Book of Poems*.

Ficha da publicação

TÍTULO	JAMES LAUGHLIN
AUTOR	James Laughlin, 1914-1997 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“No comparison” e “Getting paid”
TEXTO TRADUZIDO	“Sem querer comparar” e “Ganhando dinheiro”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 02
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	20 out. 1957
SEÇÃO	“É preciso conhecer”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 055. SD, n. 073. JB, n. 245. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 20 out 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “É preciso conhecer”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/80047
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta (negrito e itálico), poemas (original e tradução), com títulos em caixa alta e em negrito, ladeados, e nota final.
NOTA	Nota explicativa.

ANEXO B - Arquivo 2: “Clássicos vivos”

“Clássicos Vivos”

(Período: 30 set. 1956 – 03 nov. 1957)

	Idiomas	Quantidade		Nacionalidade	Observações
		Poemas	Fragmentos		
Traduções diretas	Inglês	3	1	Inglaterra [4]	Publicações bilíngues: 12; Monolíngues: 8.
	Espanhol	3	0	Espanha [3]	
	Italiano	2	1	Itália [3]	
	Francês	1	0	França [1]	
	Latim	1	1	Roma Antiga [1]	
	Alemão	2	0	Alemanha [2]	
	Grego	0	7	Grécia Antiga	
	Provençal	1	0	Região da Provença	
Traduções indiretas	Inglês	2	0	Grécia Antiga [2] / China [1]	Tradução indireta de autores gregos e chineses, além da reprodução de fragmento da trad. <i>Vulgata</i> da Bíblia.
	Francês / Inglês	1	5		
	Latim	0	1	Bíblia (<i>Vulgata</i>)	
	Total	15	17		
		32 textos traduzidos			

Resumo:

- 20 poetas publicados, com 15 poemas e 17 fragmentos poéticos;
- Traduções de Mário Faustino: 14 poemas e 7 fragmentos poéticos, totalizando 21 textos traduzidos.
- Traduções de colaboradores: 11 poemas e fragmentos poéticos;
- Tradução em verso: 30 ocorrências;
- Tradução em prosa: duas ocorrências.
- Tradução direta: 23 ocorrências;
- Tradução indireta: nove ocorrências, sendo duas do inglês, seis do inglês e francês, entre poemas e fragmentos poéticos;
- Publicações em livro: 13 poemas;
- Publicações inéditas: seis poemas.

Colaborações/traduições: Barão da Vila da Barra [Francisco Bonifácio de Abreu] (do italiano), dois poemas traduzidos do inglês por Augusto de Campos; um fragmento da Bíblia traduzido do latim por Pe. Matos Soares; e fragmentos do grego traduzido por Carlos Alberto Nunes.

I – DANTE ALIGHIERI

CLÁSSICOS VIVOS :

**Dante: do Episódio
de Ugolino (*)**

NOTA — Nesta seção publicaremos, de quando em quando, alguns dos momentos máximos da poesia universal, no original e em tradução portuguesa. Hoje têm aqui os leitores um dos trechos mais célebres da "Commedia", aquêle em que o conde Ugolino conta a Dante e Virgílio de que modo foi encerrado com dois filhos e dois netos numa torre, onde morreram de fome, tendo Ugolino denorado os cadáveres dos seus. A tradução é do Barão da Villa da Barra, em decassílabos brancos, apenas com algumas correções nossas em lugares onde não concordamos com o gosto do tradutor.

Ed je senti chiamar l'uscio di sotto
all'orribile torre: ond'io guardai
nel viso a'miel figliuol senza far motto.

Io non piangeva, si dentro impietrai;
piangevan altri; ed Anselmino mio
dìse: "Tu guardi sì, padre, che hai?"

Però non lagrimal, nè rispos'io
tutto quel giorno, nè la notte appresso,
infin che l'altro sol nel mondo uscìo.

Come un poco di raggio si fu messo
nel doloroso carcere, ed io scorsi
per quattro visi il mio aspetto stesso,
ambo le mani per dolor mi morsi.

Ed ei, pensando ch'io'l fessi per voglia
di mancar, di subito levorsi,
e disse: "Padre, assai ci fia men doglia,
se tu mangi di noi: tu ne vestisti
queste misere carni, e tu le spoglia".

Quella mi allor per non farli più tristi;
io di e l'altro stemmo tutti morti.
Ah! dura terra, perchè non t'apristi?

Pocis che fummo al quarto di venuti,
Gaddo mi si gittò disteso a' piedi,
dicendo: "Padre mio, ch'è non m'aiuti!"

Quivi morì; e come tu mi vedi,
vid'io cascar il tre ad uno ad uno
tra il quinto dì e il sesto: ond'io mi diedi
già cieco a brancolar sopra ciascuno,
e due di lì chiamai poi che fur morti:
poeta, più che il dolor, poté il digiuno.

TRADUÇÃO:

Nisto escutei pregar da horrivel torre
Ao rez do chão a porta; e eu seguío
Meus filhos encarei silencios.
Não chorei, mas tornara-me de pedr.
Eles, porém, choravam. E Anselmino
— que tens — disse meu pai, que assim nos miras: —
Sem lágrimas nos olhos, sem resposta,
Sucumbido passei o dia e noite,
Até que despontou o sol de novo.
No doloroso cárcere enfiando
Frouxo ralo de luz, a minha angústia
Despineta vi no rosto de meus filhos.
Então, de dor transido, as mãos mordi-mej
E eles pensando nesse gesto ver
Vontade de comer, logo se erguem.
— Meu pai — bradaram eles — assaz menez
Nos punge que da carne comer queiras
Que tu nos deste, e que podes tomar-nos.
Contive-me, por mais não comfrangê-los:
Mudos quedamos êsse e o outro dia:
Ah, dura terra, por que não te abriste?
No fim do quarto dia, Gaddo, um deles,
Distenso aos pés lançou-se-me exclamando:
Meu pai, por que não vens em meu socorro?
Nisto expirou; e a mim, como me vê,
Os mais três um a um vi eu morrerem
No decurso do quinto ao sexto dia.
Cego então, apalpando êste, ora aquêlo,
Mortos chamei-os inda por três dias:
Depois a fome pôde mais que a dor.

(Inferno, XXXIII, 46-75)

Figura 20 – Dante: do Episódio de Ugolino.

Tradução de Francisco Bonifácio de Abreu [Barão da Villa da Barra].

Nota de Mário Faustino. Primeiro número de "Clássicos vivos", de 30 set. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Dante: do Episódio de Ugolino
[Inferno, XXXIII, 46-75]

e io senti' chiavar l'uscio di sotto
a l'orribile torre; ond'io guardai
nel viso a' mie' figliuoi senza far motto.

Io non piangea, sì dentro impetrai:
piangevan elli; e Anselmuccio mio
disse: "Tu guardi sì, padre! che hai?".

Perciò non lacrimai né rispuos'io
tutto quel giorno né la notte appresso,
infìn che l'altro sol nel mondo uscìo.

Come un poco di raggio si fu messo
nel doloroso carcere, e io scorsi
per quattro visi il mio aspetto stesso,
ambo le man per lo dolor mi morsi;
ed ei, pensando ch'io 'l fessi per voglia
di manicar, di subito levorsi

e disser: "Padre, assai ci fia men doglia
se tu mangi di noi: tu ne vestisti
queste misere carni, e tu le spoglia".

Queta'mi allor per non farli più tristi;
lo dì e l'altro stemmo tutti muti;
ahi dura terra, perché non t'apristi?

Poscia che fummo al quarto dì venuti,
Gaddo mi si gittò disteso a' piedi,
dicendo: "Padre mio, ché non mi aiuti?".

Quivi morì; e come tu mi vedi,
vid'io cascar li tre ad uno ad uno
tra 'l quinto dì e 'l sesto; ond'io mi diedi,
già cieco, a brancolar sovra ciascuno,
e due dì li chiamai, poi che fur morti.
Poscia, più che 'l dolor, poté 'l digiuno".

TRADUÇÃO:

Nisto escutei pregar da horrível torre
 Ao rés do chão a porta; e em seguida
 Meus filhos encarei silencioso.
 Não chorei, mas tornara-me de (ilegível)
 Eles, porém, choraram. E Anselminho
 — Que tens — disse meu pai, que assim nos miras?
 Sem lágrimas nos olhos, sem resposta,
 Sucumbindo passei o dia e noite,
 Até que despontou o sol de novo.
 No doloroso cárcere enfiando
 Frouxo raio de luz, a minha angústia
 Desplneta vi no rosto de meus filhos.
 Então, de dor transido, as mãos mordi-me
 E eles pensando nesse gesto ver
 Vontade de comer, logo se erguem.
 — Meu pai — bradaram eles — assaz menos
 Nos punge que da carne comer queiras
 Que tu nos deste, e que podes tomar-nos.
 Contive-me, por mais não confrangê-los:
 Mudos quedamos esse e o outro dia:
 Ah, dura terra, por que não te abriste?
 No fim do quarto dia. Gado, um deles,
 Distenso aos pés lançou-se-me exclamando:
 Meu pai, por que não vens em meu socorro?
 Nisto expirou; e a mim, como me vês,
 Os mais três um a um vi eu morrendo
 No decurso do quinto ao sexto dia.
 Cego então, apalpando este, ora aquele,
 Mortos chamei-os inda por três dias:
 Depois a fome pôde mais que a dor.

Nota:

Nesta seção publicaremos, de quando em quando, alguns dos momentos máximos da poesia universal, no original e em tradução portuguesa. Hoje leem aqui os leitores um dos trechos mais célebres da *Commedia*, aquele em que o conde Ugolino conta a Dante e Virgílio de que modo foi encerrado com dois filhos e dois netos numa torre, onde morreram de fome, tendo Ugolino devorado os cadáveres dos seus. A tradução é do Barão da Villa da Barra, em decassílabos brancos, apenas com algumas correções nossas em lugares onde não concordamos com o gosto do tradutor.

Ficha da publicação

TÍTULO	DANTE: DO EPISÓDIO DE UGOLINO
AUTOR	Dante Alighieri, 1265-1321 (Florença, atual Itália)
TEXTO ORIGINAL	Inferno, XXXIII
TEXTO TRADUZIDO	“Episódio do Inferno, XXXII”, p. 46-75
TRADUTOR	Barão da Villa da Barra [Francisco Bonifácio de Abreu]
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português
IDIOMA	Italiano
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	30 set. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 002. SD, n. 018. JB, n. 228. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 set. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[?]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66269
DESCRIÇÃO	Publicação com título em negrito, seguido de nota, poema no original e tradução.
NOTA	Nota explicativa sobre a seção, apresentação do texto e comentário sobre a tradução.
OBSERVAÇÕES	“A tradução é dos Barão da Villa da Barra, em decassílabos brancos, apenas com algumas correções nossas em lugares onde não concordamos com o gosto do tradutor”.

II – WILLIAM SHAKESPEARE

CLÁSSICOS VIVOS

SHAKESPEARE :
SONETO XXX

When to the sessions of sweet silent thought
I summon up remembrance of things past,
I sigh the lack of many a thing I sought,
And with old woes new wail my dear time's waste ;
Then can I drown an eye, ununs'd to flow,
For precious friends hid in death's dateless night,
And weep afresh love's long since cancell'd woe,
And moan the expense of many a vanish'd sight :
Then can I grieve at grievances forgone,
And heavily from woe to woe tell o'er
The sad account of fore-bemoan'd moan,
Which I new pay as if not paid before.
But if the while I think on thee, dear friend,
All losses are restor'd and sorrows end.

Quando para as sessões do silêncio e do pensamento convoco
O recordar do que é passado, chore
A falta do que tanto
Busquei, e com desgostos
Velhos a nova mágoa vem roer
Meu tempo bem-amado.

Então posso afogar os olhos a
Fluir já desusados
Em memória de amigos preciosos
Ocultos nessa noite
Sem prazo do que é morto
E choro a dor do amor já cancelada
E lamento o gastar-se
De muita visão já desvanecida.

Então posso eu doer-me pelas dores
Já passadas, e dura
Mente de dor em dor vou repetindo
A conta lutuosa de lamentos
Já dantes lamentados
Que pago uma vez mais
Como se ainda não fôra mais que paga.

Mas se entretanto em ti, amigo, eu penso,
Restauro-me da perda e vão-se as dores.

Figura 21 – SHAKESPEARE: SONETO XXX. Tradução de Mário Faustino.
Segundo número de “Clássicos vivos”, de 07 out. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

SHAKESPEARE: SONETO XXX

When to the sessions of sweet silent thought
 I summon up remembrance of things past,
 I sigh the lack of many a thing I sought,
 And with old woes new wail my dear time's waste:
 Then can I drown an eye, unus'd to flow,
 For precious friends hid in death's dateless night,
 And weep afresh love's long since cancell'd woe,
 And moan th' expense of many a vanish'd sight;
 Then can I grieve at grievances foregone,
 And heavily from woe to woe tell o'er
 The sad account of fore-bemoaned moan,
 Which I new pay as if not paid before.
 But if the while I think on thee, dear friend,
 All losses are restor'd, and sorrows end.

Quando para as sessões do suave e medo
 Pensamento convoco
 O recordar do que é passado, choro
 A falta do que tanto
 Busquei, e com desgostos
 Velhos a nova mágoa vem roer
 Meu tempo bem-amado.

Então posso afogar os olhos a
 Fluir já desusados
 Em memória de amigos preciosos
 Ocultos nessa noite
 Sem prazo do que é morto
 E choro a dor do amor já cancelada
 E lamento o gastar-se
 De muita visão já desvanecida.

Então posso eu doer-me pelas dores
 Já passadas, e dura
 Mente de dor em dor vou repetindo
 A conta lutuosa de lamentos
 Já dantes lamentados
 Que pago uma vez mais
 Como se inda não fora mais que paga.

Mas se entretanto em ti, amigo, eu penso,
 Restauro-me da perda e vão-se as dores.

Nota:

O tradutor pede aos leitores perdão por ter preferido a tentativa acima, de transmitir um mínimo do pensamento de shakespeariano sem pretender reproduzir lhe o período musical, e de no mesmo tempo, recriar-lhe o soneto numa forma diferente. Preferimos isso a arremedar o original com metro e rima forçados. Este soneto é considerado um dos mais altos momentos da língua inglesa, sobretudo pela surpreendente exatidão das comparações à primeira vista impróprias – termos mercantis com situações amorosas – pela incomparável musicalidade de versos como os 1, 4, 10 e 11 e, sobretudo, pela perfeita combinação de ideia, imagem e melodia. O jovem poeta, mesmo não conhecendo inglês, deveria procurar ouvir o soneto na língua original, para depois acompanhar a humilde tradução. Nada melhor para educar o ouvido o soneto em língua estranha, mesmo, ou sobretudo quando não se pode compreendê-lo. Quanto à leitura da versão portuguesa, o tradutor recomenda, em benefício da musicalidade, façam-se pausas bem marcadas ao fim de cada verso, haja ou não “enjambement”.

Ficha da publicação

TÍTULO	SHAKESPEARE: SONETO XXX
AUTOR	William Shakespeare, 1564-1616 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	“Sonnet 30”
TEXTO TRADUZIDO	“Soneto XXX”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	07 out. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 003. SD, n. 019. JB, n. 234. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 7 out. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos Vivos”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	SHAKESPEARE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 238-39. Publicação bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66497
DESCRIÇÃO	Publicação com título em negrito e em caixa alta, seguido do poema no original e sua tradução.
NOTA	Nota explicativa, com referência à tradução.

III – FRIEDRICH HÖLDERLIN

CLASSICOS VIVOS

HÖLDERLIN

Hyperions Schicksaalslied

*Ihr wandelt droben im Licht
Auf welchem Boden, selbige Genien!
Glänzende Goetterluefte
Ruehren euch leicht,
Wie die Finger der Kuenstlerin,
Heilige Saiten*

*Schicksaaltos, wie der schlafende
Saeugling, athmen die Himmlischen;
Keusch bewahrt
In bescheidener Anosye,
Bluehet ewig
Ihnen der Qeist,
Und die selbigen Augen
Bliken in stiller
Ewiger Klarheit.*

*Doch uns ist gegeben,
Auf keiner Staette zu ruhn,
Es schwinden, es fallen
Die leidenden Menschen
Blindlings von einer
Stunde zur andern,
Wie Wasser von Klipp,
Zu Klippe geworfen,
Jahr lang ins Ungewis* amob.*

★

Canção-do-destino de Hiperião

Afortunados gênios, que paisais
Na luz acma, pelos prados férteis:
Leves, divinas brisas reituzentes
Vos acalentam
Como dedos de artista
Sobre cordas sagradas

Despidos de destino, tal dormente
ecem-nascido, assim êles respiram
Os celestiais: castamente aninhad.
Em pétalas sensíveis
Florescem para semp... deus espiritos
E seus olhos benditos
Contemplam sempiterna
Claridade serena.

Al de nó! que recante
De repouso nos toca?
Desgraçados humanos
Tombamos e murchamos
As cegas, de hora a hora,
Como de fraga em fraga
A torrente se atra,
Anos abaixo, rumo
Do Desconhecido.

NOTA De Friedrich Hölderlin (1770-1843), o maior poeta e dramaturgo alemão do século XVIII, é o primeiro poeta alemão a usar o verso alexandrino. O poema "Canção do destino de Hiperião" é o primeiro poema de Hölderlin a usar o verso alexandrino. O poema "Canção do destino de Hiperião" é o primeiro poema de Hölderlin a usar o verso alexandrino.

Figura 22 – HÖLDERLIN. Tradução de Mário Faustino.
Terceiro número de "Clássicos vivos", de 21 out. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Hyperions Schicksalslied

Ihr wandelt droben im Licht
 Auf weichem Boden, selige Genien!
 Glänzende Götterlüfte
 Rühren euch leicht,
 Wie die Finger der Künstlerin
 Heilige Saiten.

Schicksallos, wie der schlafende
 Säugling, atmen die Himmlischen;
 Keusch bewahrt
 In bescheidener Knospe,
 Blühet ewig
 Ihnen der Geist,
 Und die seligen Augen
 Blicken in stiller
 Ewiger Klarheit.

Doch uns ist gegeben,
 Auf keiner Stätte zu ruhn,
 Es schwinden, es fallen
 Die leidenden Menschen
 Blindlings von einer
 Stunde zur andern,
 Wie Wasser von Klippe
 Zu Klippe geworfen,
 Jahr lang ins Ungewisse hinab.

Canção-do-destino de Hiperião

Afortunados gênios, que pairais
 Na luz acima, pelos prados férteis!
 Leves, divinas brisas reluzentes
 Vos acalentam
 Como dedos de artista
 Sobre cordas sagradas.

Despidos de destino, tal dormente
 Recém-nascido, assim eles respiram,
 Os celestiais: castamente aninhados
 Em pétalas sensíveis
 Florescem para sempre seus espíritos
 E seus olhos benditos
 Contemplam sempiterna
 Claridade serena.

Ai de nós! Que recanto
 De repouso nos toca?
 Desgraçados humanos
 Tombamos e murchamos
 Às cegas, de hora a hora
 Como de fraga em fraga
 A torrente se atira,
 Anos abaixo, rumo
 Do desconhecido.

Nota:

De Friedrich Hölderlin (1770-1843), o mais clássico e menos germânico dos poetas alemães, e o poema acima, típico do tom elevado e do nobre, melancólico ritmo do enlouquecido amante de [ilegível]. Ao lado de Goethe, Schiller, Novalis e Rilke, é o autor de “Der Archipelagus” justamente colocado na primeira fila dos grandes poetas da Alemanha.

Ficha da publicação

TÍTULO	HÖLDERLIN
AUTOR	Friedrich Hölderlin, 1770-1843 (Alemanha)
TEXTO ORIGINAL	“Hyperions Schiksaalslied”
TEXTO TRADUZIDO	“Canção-do-destino de Hiperião”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: alemão-português
IDIOMA	Alemão
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	21 out. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 005. SD, n. 021. JB, n. 246. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 21 out. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. “Canção-do-destino de Hiperião”. In: <i>Poesia alemã traduzida no Brasil</i> . Organização de Geir Campos. Traduções de Geir Campos et al. Rio de Janeiro: Serviço e Documentação, MEC, 1960. Publicação Bilíngue. 2. Hölderlin. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 250-51. Publicação Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66961
DESCRIÇÃO	Publicação do poema de Hölderlin, com nota explicativa sobre o poeta e sua obra. Faustino privilegia a escrita do título original do poema do séc. XVII. Publicação com título com nome do poeta, em caixa alta e negrito, seguido do título (negrito) e poema no original (itálico e negrito), tradução do poema com título (negrito), e nota no final.
NOTA	Nota explicativa sobre o poeta.
OBSERVAÇÕES	Nota com partes ilegíveis.

IV – JOHN DONNE

CLASSICOS VIVOS

JOHN DONNE

O ÉXTASE

(Tradução de Augusto de Campos)

*Onde, qual almofada sobre o leito,
A arcia graciosa inclina para apoiar
A inclinada cabeça da violeta.
Nós nos sentamos, olhar contra olhar.*

*Nossas mãos duramente cimentadas
No firme balcão que delas vêm,
Nossas vistas trançadas e tecendo
Os olhos em um duplo filamento;*

*Enxerter não em nós é até agora
Nossa única forma de alondra,
E modelar nos olhos as figuras
A nossa única propagação.*

*Como entre dois exércitos iguais,
Na incerteza, os Fados se suspendem,
Nossas almas (dois corpos apartados)
Por antecipação entre ambos penam.*

*E enquanto alma com alma negocia,
Estátuas separadas ali quedamos
Todo o dia na mesma posição,
Sem mínima palavra, todo o dia.*

*Se alguém — pelo amor tão refinado
Que entendemos das almas o language,
E por virtude disso amar tornado
So pensamento — a elas se chegasse,*

*Pudera, sem saber que alma falava
(Pois ambas eram uma só palavra),
Nova sublimação tomar do instante
E retornar mais puro do que antes.*

*Nosso êxtase — dizem — nos dá nezo
E nos mostra do amor o objetivo,
Vemos agora que não foi o azar,
Vemos que não roubamos o motivo.*

*Mas que assim como as almas são misturas
Inhorridas, o amor recombinamos
A mistura de alma de quem ama,
Compondo duas numa e uma em duas.*

*Transplanta a violeta solitária:
A força, a cor, a forma, tudo o que era
Até aqui degenerado e raro
Gra se multiplica e regenera.*

*Pois quando o amor assim uma na outra
Interanimou duas almas,
A alma melhor que dessas duas brota
A mesma solidão derrota.*

*E nós, que tomamos essa alma jovem,
Nossa composição já conhecemos,
Por isto: os átomos de que nascemos
São almas que não mais se movem.*

*Mas que distância e distração os nossos;
Aos corpos não convém fazermos guerra:
Não sendo nós, são nossos, nós as
Inteligências, elas as esteras,*

*Ao contrário, devemos ser-lhes graças
Por nos (a nós) haverem atraído,
Emprestando-nos forças e sentidos:
Escoria não, mas liga que nos ata.*

*A influência dos céus em nós afina
So depois de se ter impresso no ar.
Também é lei de amor que alma não flua
Em alma sem os corpos transpassos.*

*Como o sangue trabalha para dar
Espírito, que as almas são conjunções,
Pois tais dedos carecem de apertar
Esse inexistente no que nos faz homens,*

*Assim as almas dos amantes devem
Exercer as aflições e as frouxidades
Que os sentidos atingem e percebem,
Senão um Príncipe faz aprisionado.*

*Aos corpos, finalmente, retornemos,
Descorrelando o amor a toda gente:
Os mistérios do amor, o alma os sentiu,
Porém o corpo e as páginas que lenos,*

*Se alguém — amante como nós — tiver
Esse diálogo a um ouvido a ambos,
Que observe ainda e não verá qualquer
Mudança quando aos corpos nos mudamos.*

Nota — John Donne (1572-1631) é o maior poeta inglês do século XVII. Sua poesia mistifica e, dentro dessa tradição, é mais poeta para poeta. Seu pensamento já inclui muitos, se modo que em nenhum de seus poemas encontra-se o nome "The Wife, The Husband, The Canonization, The Funeral, The Anniversary, etc." — características e palavras típicas daqueles que, em vez de transformarem em virtude a paixão e o prazer do seu tempo, repetem, em busca de identificação, a palavra "eu" e a palavra "tu" sem nenhuma alteração. Donne é o primeiro dos poetas a fazer isso. A sua poesia é a primeira a ser feita em verso. A sua poesia é a primeira a ser feita em verso. A sua poesia é a primeira a ser feita em verso.

Figura 23 – JOHN DONNE. Tradução de Augusto de Campos e nota de Mário Faustino. Quarto número de “Clássicos vivos”, de 28 out. 1956. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

O Êxtase

(Tradução de Augusto de Campos)

Onde, qual almofada sobre o leito,
Grávida areia inchou para apoiar
A inclinada cabeça da violeta,
Nós nos sentamos, olhar contra olhar.

Nossas mãos duramente cimentadas
No filme bálsamo que delas vem,
Nossas visitas trançadas e tecendo
Os olhos em um duplo filamento;

Enxertar mão em mão é até agora
Nossa única forma de atadura
E modelar nos olhos as figuras
A nossa única propagação.

Como entre dois exércitos iguais,
Na incerteza, o Acaso se suspende,
Nossas almas (dos corpos apartadas
Por antecipação) entre ambos pendem.

E enquanto alma com alma negocia,
Estátuas sepulcrais ali quedamos
Todo o dia na mesma posição,
Sem mínima palavra, todo o dia.

Se alguém — pelo amor tão refinado
Que entendesse das almas a linguagem,
E por virtude desse amor tornado
Só pensamento — a elas se chegasse,

Pudera (sem saber que alma falava
Pois ambas eram uma só palavra),
Nova sublimação tomar do instante
E retornar mais puro do que antes.

Nosso êxtase — dizemos — nos dá nexo
E nos mostra do amor o objetivo,
Vemos agora que não foi o sexo,
Vemos que não soubemos o motivo.

Mas que assim como as almas são misturas
Ignoradas, o amor reamalgama
A misturada alma de quem ama,
Compondo duas numa e uma em duas.

Transplanta a violeta solitária:
A força, a cor, a forma, tudo o que era
Até aqui degenerado e raro
Ora se multiplica e regenera.

Pois quando o amor assim uma na outra
Interinanimou duas almas,
A alma melhor que dessas duas brota
A magra solidão derrota,

E nós, que somos essa alma jovem,
Nossa composição já conhecemos
Por isto: os átomos de que nascemos
São almas que não mais se movem.

Mas que distância e distração as nossas!
Aos corpos não convém fazermos guerra:
Não sendo nós, não nossos. Nós as
Inteligências, eles as esferas.

Ao contrário, devemos ser-lhes gratas
Por nos (a nós) haverem atraído,
Emprestando-nos forças e sentidos:
Escória, não, mas liga que nos ata.

A influência dos céus em nós atua
Só depois de se ter impresso no ar.
Também é lei de amor que alma não flua
Em alma sem os corpos transpassar.

Como o sangue trabalha para dar
Espíritos, que às almas são conformes.
Pois tais dedos carecem de apertar
Esse invisível nó que nos faz homens.

Assim as almas dos amantes devem
Descer às afeições e às faculdades
Que os sentidos atingem e percebem,
Senão um Príncipe jaz aprisionado.

Aos corpos, finalmente, retornemos,
Descortinando o amor a toda a gente;
Os mistérios do amor, a alma os sente,
Porém o corpo é as páginas que lemos.

Se alguém — amante como nós — tiver
Esse diálogo a um ouvido a ambos,
Que observe ainda e não verá qualquer
Mudança quando aos corpos no mudamos.

Nota:

John Donne (1573-1631) é o mais puro, o mais poético dos poetas metafísicos e, dentre talvez todos estes, o mais poeta para os poetas. Nele o pensamento já nasce música, de modo que em nenhum dos seus grandes poemas — como “The Will”, “The prohibition”, “The Canonization”, “The funeral”, “The Anniversary” etc. — encontramos a própria filosofia daquelas que, em vez de transformarem em verdadeira poesia o pensamento do seu tempo, repetem, em prosa monotonamente versificada, os postulados dos pensadores seus contemporâneos. Donne é a Inglaterra dos séculos 16 e 17 universalizados no espaço e no tempo; e, para nós, sobretudo, uma das fontes principais da poesia do século XX. A magnífica tradução de "The Ecstasy" que hoje publicamos é, mais que uma tradução, uma homenagem de Augusto de Campos ao Deão de São Paulo.

Ficha da publicação

TÍTULO	JOHN DONNE
AUTOR	John Mayra Donne, 1572-1631 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	“The Ecstasy”
TEXTO TRADUZIDO	“O Êxtase”
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português. Traduzido do inglês.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	28 out. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 006. SD, n. 022. JB, n. 252. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 out. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	POUND, E. <i>Abc da Literatura</i> , 11 ed., 2006, p. 198-200. Tradução de Augusto de Campos.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67193
DESCRIÇÃO	Publicação monolíngue: português. Traduzido do inglês. A publicação conta com o título com nome do poeta (negrito e caixa alta), com destacado o nome do tradutor, entre parênteses, seguido da tradução e nota final.
NOTA	“A magnífica tradução de "The Ecstasy" que hoje publicamos é, mais que uma tradução, uma homenagem de Augusto de Campos ao Deão de São Paulo”.
OBSERVAÇÕES	Poema: “The Ecstasy” (“O Êxtase”). Nota de Mário Faustino sobre o poeta e a tradução de Augusto de Campos: “A magnífica tradução de "The Ecstasy" que hoje publicamos é, mais que uma tradução, uma homenagem de Augusto de Campos ao Deão de São Paulo”.

V - PEDRO CALDERÓN DE LA BARCA

CLÁSSICOS VIVOS

**CALDERÓN:
MONÓLOGO DE
SIGISMUNDO**

— Ai, misero de mim! Ai, infeliz!
A razão saber pretendo
Por que me tratás assi,
Que delitto cometí
Contra vós, oh céus, nascendo;
Embora, se nasci, já entendo
Que delitto hei cometido:
Bastante causa tem tido
Vossa justiça e rigor,
Pela o delitto maior
De um homem é ter nascido.

Mas só quisera saber,
Para apurar meu fervor
(Deixando de lado a dor,
O delitto de nascer),
Em que mais pude ofender —
Vos para punirdes mais?
Não nasceram os demais?
Pela, se os demais nasceram
Que privilégio tiveram
Do qual não gozei jamais?

Nasce o pássaro com galas
Que lhe dão beiza suma,
Uma simples flor de pluma
Um ramalhete com alas
Quando por etéreas salas
Passa com velocidade,
Roubando-se à piedade
Do ninho que deixa em calma:
— E eu, que tenho mais alma,
Terrei menos liberdade?

Nasce o bruto, com sua pel'
Traçada de manchas belas,
Um simples signo de estrelas
(Graças ao douto pincel),
Quando atrevido e cruel
Humana necessidade
Ensina-lhe a crueldade,
Monstro de seu labirinto:
— E eu, de melhor instinto,
Terrei menos liberdade?

Nasce o peixe e não respira,
Aborto de ovas e lamas,
Um simples batel de escamas
Que sobre as ondas se mira,
Quando em tódá parte gira,
Aferindo a imensidade
Com tódá a capacidade
Que lhe dá o centro frio:
— E eu, de melhor feitio,
Terrei menos liberdade?

Nasce o arroio, serpente
Que entre flôres se desata
E simples cobra de prata
Em meio às flôres fluente,
Musical, a piedade
Das flôres, e à majestade
Do campo canta em fugida:
— E eu, que tenho mais vida,
Terrei menos liberdade?

Chegando-me esta paixão,
Em vulcão, Etna feito,
Quisera arrancar do peito
Pedraças do coração:
— Que lei, justiça, razão
É essa que a nós a chave
De um privilégio suave
Nega — injustiça cabal —
Já que Deus o deu à ave,
Ao bruto, ao peixe, ao cristal?

NOTA: Este é um dos belos monólogos (talvez mais belo ainda seja aquêle cujo tema deu título à peça) de um dos mais altos momentos do teatro de todos os tempos: "La vida es sueño", de Don Pedro Calderón de la Barca. Como os grandes dramas elisabetanos a que é comparável, em "La vida es sueño" temos não só grande teatro como grande linguagem, grande poesia. A tradução acima é quase literal, com uma meia dúzia de ligeiras alterações (geralmente simples deslocamento de termos) em benefício do metro ou da rima. Deixamos de dar o original por falta de espaço.

Figura 24 – Tradução e nota de Mário Faustino.
Quinto número de “Clássicos vivos”, de 04 nov. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

CALDERÓN: MONÓLOGO DE SIGISMUNDO

— Ai, mísero de mim! Ai, infeliz!
A razão saber pretendo
Por que me tratais assi,
Que delito cometi
Contra vós, oh céus, nascendo:
Embora, se nasci, já entendo
Que delito hei cometido
Bastante causa tem tido
Vossa justiça e rigor,
Pois o delito maior
De um homem é ter nascido.

Mas só quisera saber,
Para apurar meu fervor
(Deixando de lado a dor,
O delito de nascer),
Em que mais pude ofender —
Vos para punirdes mais?
Não nasceram os demais?
Pois, se os demais nasceram
Que privilégio tiveram
Do qual não gozei jamais?

Nasce o pássaro com galas
Que lhe dão beleza suma,
Uma simples flor de pluma
Um ramalhete com alas
Quando por etéreas salas
Passa com velocidade,
Roubando-se à piedade
Do ninho que deixa em calma:
— E eu, que tenho mais alma.
Terei menos liberdade?

Nasce o bruto, com sua pel
Traçada de manchas belas,
Um simples signo de estrelas
(Graças ao douto pincel),
Quando atrevido e cruel
Humana necessidade
Ensina-lhe à crueldade
Monstro de seu labirinto:
— E eu, de melhor instinto,
Terei menos liberdade?

Nasce o peixe e não respira,
 Aborto de ovas e lamas,
 Um simples batel de escamas
 Que sobre as ondas se mira,
 Quando em toda parte gira,
 Aferindo a imensidade
 Com toda a capacidade
 Que lhe dá o centro frio:
 — E eu, de melhor feitio,
 Terei menos liberdade?

Nasce o arroio, serpente
 Que entre flores se desata
 E simples cobra de prata
 Em meio às flores fluente,
 Musical, a piedade
 Das flores, e a majestade
 Do campo canta em fugida:
 — E eu, que tenho mais vida,
 Terei menos liberdade?

Chegando-me esta paixão,
 Em vulcão. Etna feito,
 Quisera arrancar do peito
 Pedacos do coração:
 — Que lei, justiça, razão
 É essa que a nós a chave
 De um privilégio suave
 Nega — injustiça cabal —
 Já que Deus o deu à ave,
 Ao bruto, ao peixe, ao cristal?

Nota:

Este é um dos belos monólogos (talvez mais belo ainda aquele cujo tema deu título à peça) de um dos mais altos momentos do teatro de todos os tempos: “La vida es sueño”, de Don Pedro Calderón de la Barca. Como os grandes dramas elisabetanos a que é comparável, em “La vida es sueño” temos não só grande teatro como também grande linguagem, grande poesia. A tradução acima é quase literal, com uma meia dúzia de ligeiras aliterações (geralmente simples deslocamentos de termos) em benefício do metro ou da rima. Deixamos de dar o original por falta de espaço.

Ficha da publicação

TÍTULO	CALDERÓN: MONÓLOGO DE SIGISMUNDO
AUTOR	Pedro Calderón de la Barca, 1600-1681 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	“Segismundo” (Acto Primero)
TEXTO TRADUZIDO	“Monólogo de Sigismundo” (Primeiro Ato)
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	04 nov. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 007. SD, n. 023. JB, n. 257. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 04 nov. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67379
DESCRIÇÃO	Publicação monolíngue: português. Traduzido do espanhol. Conta com título (em negrito, itálico e caixa alta), tradução e nota.
NOTA	“A tradução acima é quase literal, com uma meia dúzia de ligeiras aliterações (geralmente simples deslocamentos de termos) em benefício do metro ou da rima. Deixamos de dar o original por falta de espaço”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa, com referência à tradução e à falta de espaço para publicar o texto no original.

VI - GUIDO CAVALCANTI

CLASSICOS VIVOS

GUIDO CAVALCANTI

Ballata XI

Perch'ì no spero di tornar giammai,
ballatetta, in Toscana,
va tu, leggera e piana
dritta la donna mia,
che per sua cortesia
ti farà molto onore.

Tu porterai novelle di sospiri
piene di doglia e di molta paura,
ma guarda che persona non ti miri
che sia nemica di gentil natura;
ché certo per la mia desaventura
tu saresti contesa,
tanto da lei ripresa
che mi sarebbe angoscia,
dopo la morte poscia
pianto e novel dolore.

Tu senti, ballatetta, che la morte
mi stringe sì che vita m'abbandona;
e senti come'l cor si sbatte forte
per quel che ciascun spirito ragiona.
Tanto é distrutta già la mia persona
ch'ì non posso soffrire:
se tu mi vuoi servire,
mena l'anima teo,
molto di ciò ti prego,
quando uscirà del core.

Deh! ballatetta, alla tua amistate
quest'anima che trema raccomandando:
mena teo nella sua pietate
a quella bella donna a cui ti mando.
Deh! ballatetta, dille sospirando
quando le se' presente:
"questa vostra servente
viens per star non viut,
partita da colui
che fu servo d'Amore".

Tu, voce sbigottita e doboletta,
ch'esci piangendo de lo cor dolente,
coll'anima e con questa ballatetta
va ragionando della strutta mente.
Voi trovareis una donna piacente
di sì dolce intelletto
che vi sarà diletto
starle davanti ognora.
Anima, e tu l'adora
sempre nel su' valore.

"BALLATA" XI

Como não 'spero voltar nunca mais
Ballatetta, a Toscana,
Vai tu, leve e ligeira,
Direto a minha dama,
Que por ser tão gentil
Honrar-te muito há-de.

Levar-lhe-ás notícias de suspiros,
Chcios de dor e de grandes temores.
Mas não te deixes ver por nenhum dôsses
Inimigos das coisas delicadas
Pois, para pena minha,
Em teu caminho serias detida,
Longe de minha dama,
Fazendo-me sofrer
Em vida e após a morte
Mais pranto e novas dores.

Bem sabes, Ballatetta, como a morte
Já me constrange enquanto vive a vida.
Fam sabes que meu peito bate forte
Por aquilo em que penso todo espírito.
Meu ser de tal maneira é destruído
Que nem residir posso;
Faz-me fazer favor leva contigo
Minh'alma — isso te imploro —
Quando ela abandonar meu coração.

Ah, Ballatetta, ao bem que tu me queres
Faz-te tremula alma recomendo:
Leva-a contigo até à pietade
Da bela dama a quem ora te envio;
Ah, Ballatetta, dille suspirando,
Quando te vires em sua presença —
"Serve sou vossa, vim ficar convosco,
Lá parte de quem foi servo do Amor".

Tu, voz desanimada e enfroucida
Que a chorar deixas o cor doloroso,
Com minh'alma e com esta Poledinha
Segue contendo de um ser destruído
Focentrareis uma senhora anável
De mente tão suave
Que só por sempre estardes
Com ela dar-vos-els nor bem felizes:
Tu, alma, vai, adora-a
Por ser tão valorosa.

Nota: Esta é a célebre "ballata dell'esilio", composta por Cavalcanti moribundo, exilado em Sarzana pela mesma moléstia florentina de que também foi vítima seu grande amigo Dante. Os dois grandes versos, que Rossetti, Brezina e Pound estimaram entre os mais belos de todos os tempos, foram escolhidos por Eliot em seu "Ash Wednesday": "Because I do not have to turn away . . . O leitor deve procurar ler o original italiano em voz alta, atentando à musicalidade inimitável deste melancólico poema, cujo crador a ele se dirige ternamente, chamando-o de "baladinha" — última coisa que lhe resta no momento da morte, longe de sua bela Florença lacrimosa. A tradução pretende tão somente servir de guia à compreensão quase literal da balada.

Figura 25 – GUIDO CAVALCANTI. Tradução e nota de Mário Faustino.
Sexto número de "Clássicos vivos", de 11 nov. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ballata XI

Perch'ì no spero di tornar giammai,
 ballatetta, in Toscana,
 va' tu, leggera e piana,
 dritt'a la donna mia,
 che per sua cortesia
 ti farà molto onore.

Tu porterai novelle di sospiri
 piene di dogli' e di molta paura;
 ma guarda che persona non ti miri
 che sia nemica di gentil natura:
 ché certo per la mia disventura
 tu saresti contesa,
 tanto da lei ripresa
 che mi sarebbe angoscia;
 dopo la morte, poscia,
 pianto e novel dolore.

Tu senti, ballatetta, che la morte
 mi stringe sì, che vita m'abbandona;
 e senti come 'l cor si sbatte forte
 per quel che ciascun spirito ragiona.
 Tanto è distrutta già la mia persona,
 ch'ì non posso soffrire:
 se tu mi vuoi servire,
 mena l'anima teco
 (molto di ciò ti preco)
 quando uscirà del core.

Deh, ballatetta, a la tu' amistate
 quest'anima che trema raccomandando:
 menala teco, nella sua pietate,
 a quella bella donna a cu' ti mando.
 Deh, ballatetta, dille sospirando,
 quando le se' presente:
 "Questa vostra servente
 vien per istar con voi,
 partita da colui
 che fu servo d'Amore".

Tu, voce sbigottita e deboletta
 ch'esci piangendo de lo cor dolente,
 coll'anima e con questa ballatetta
 va' ragionando della strutta mente.
 Voi troverete una donna piacente,
 di sì dolce intelletto

che vi sarà diletto
 starle davanti ognora.
 Anim', e tu l'adora
 sempre, nel su' valore.

Como não 'spero voltar nunca mais
 Ballatetta, a Toscana,
 Vai tu, leve e ligeira,
 Direito à minha dama,
 Que por ser tão gentil
 Honrar-te muito há-de.

Levar-lhe-ás notícias de suspiros,
 Cheios de dor e de grandes temores.
 Mas não te deixes ver por nenhum desses
 Inimigos das coisas delicadas
 Pois, para pena minha,
 Em teu caminho serias detida,
 Longe de minha dama,
 Fazendo-se sofrer
 Em vida e após a morte
 Mais pranto e novas dores.

Bem sabes, Ballatetta, como a morte
 Já me constrange enquanto vai-se a vida.
 Bem sabes que meu peito bate forte
 Por aquilo em que pensa todo espírito.
 Meu ser de tal maneira é destruído
 Que nem resistir posso:
 Se me fazes favor leva contigo
 Minh'alma — isso te imploro —
 Quando ela abandonar meu coração.

Ah, Ballatetta, ao bem que tu me queres
 Essa trêmula alma recomendo:
 Leva-a contigo até à piedade
 Da bela dama a quem ora te envio;
 Ah, Ballatetta diz-lhe suspirando,
 Quando te vires em sua presença —
 “Serve sou vossa, vim ficar convosco,
 Da parte de quem foi servo de Amor”.

Tu, voz desanimada e enfraquecida
 Que a chorar deixas o cor doloroso,
 Com minh'alma e com esta Baladinha
 Segue contando de um ser destruído.

Encontrareis uma senhora amável
De mente tão suave
Que só por sempre estardes
Com ela dar-vos-eis por bem felizes:
Tu, alma, vai, adora-a
Por ser tão valorosa.

Nota:

Esta é a célebre “ballata dell’estillo”, composta por Cavalcanti moribundo, exilado em Sarzana pela mesma politicagem florentina de que também foi vítima seu grande amigo Dante. Os dois primeiros versos que Rossetti, Browning e Pound estimaram entre os mais belos de todos os tempos, foram elevados por Eliot em seu “Ash Wednesday”: Because I do not hope to turn again. O leitor deve procurar ler o original italiano em voz alta, atentando à musicalidade incomparável deste melancólico poema, cujo criador a ele se dirige ternamente, chamando-o de “baladinha” – última coisa que lhe resta no momento da morte, longe de sua bela Florença toscana. A tradução pretende ser tão somente servir de guia à compreensão quase literal da balada.

Ficha da publicação

TÍTULO	GUIDO CAVALCANTI
AUTOR	Guido Cavalcanti, 1255-1300 (Florença, Itália)
TEXTO ORIGINAL	“‘Ballata’ XI”
TEXTO TRADUZIDO	“‘Ballata’ XI”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português
IDIOMA	Italiano
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	11 nov. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 008. SD, n. 024. JB, n. 263. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 11 nov. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	GUIDO CAVALCANTE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 222-23. Publicação bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67615
DESCRIÇÃO	Publicação com título com nome do poeta (negrito e caixa alta), seguido de poema no original, tradução e nota.
NOTA	A tradução pretende ser tão somente servir de guia à compreensão quase literal da balada.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa, com referência à tradução e com indicações de leitura ao leitor de jornal.

VII – DAVI (BÍBLIA)

★

CLASSICOS VIVOS :

DAVI : ELEGIA

Considera Israel pro his, qui mortui sunt super excelsa tua vulnerati.
*Incliti, Israel, super montes tuos interfecti sunt; quomodo ceciderunt fortes?
 Nolite annuntiare in Geth, neque annuntietis in campis Ascalonis; ne forte laetentur filiae Philistinum, ne exultent filiae incircumcisorum.
 Montes Gelboe, nec ros nec pluvia veniant super vos, neque sint agri primitiarum; quia ibi abjectus est clypeus fortium, clypeus Saul, quasi non esset unctus oleo.
 A sanguine interfectorum, ab adipe fortium, sagitta Jonathanae nunquam rediit retrorsum, et gladius Saul non est reversus inanis.
 Saul et Jonathanae amabilis et decori in vita sua, in morte quoque non sunt divisi; aquilae velociores, leonibus fortiores.
 Filiae Israel super Saul flete, qui vestiebat vos coccino in deliciis, qui praebebat ornamenta aurea cultui vestro.
 Quomodo ceciderunt fortes in praelio? Jonathanae in excelsis tuis occisus est?
 Doleo super te frater mi Jonathanae, decore nimis, et amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam.
 Quomodo ceciderunt robusti, et perierunt arma bellica?*

*

Considera, Israel, os que morreram
 Sobre teus altos, cobertos de feridas.
 Os heróis, Israel, foram mortos
 Sobre teus montes: como caíram os valerosos?

Não o noticiais em Get, o nem o publicais
 Nas praças de Ascalão: que não se alegrem
 As filhas dos filisteus, que não exultem
 As filhas dos que não são circuncidados.

Oh montes de Gelboe, nem orvalho nem chuva
 Sobre vos caia, nem haja em vós um campo
 Onde ofertar primícias, pois aqui
 Foi lançado por terra o escudo dos fortes,
 O escudo de Saul, como se com
 Oleo não fora ungido.

Sem sangue de mortos, sem gordura de fortes
 Nunca a seta de Jônatas voltou,
 E nunca em vão se ergueu a espada de Saul.

Saul e Jônatas, em vida amáveis, belos,
 Até na morte se não separaram:
 Mais velozes que as águias, mais fortes que os leões...

Filhas de Israel, chorai sobre Saul
 Que vos vestia de escarlate entre os deleites
 E dava ornatos de ouro
 Para vos enfeitai.

Como caíram os fortes no combate?
 Como foi morto Jônatas sobre teus montes?

Sobre ti choro meu irmão Jônatas, o mais gentil
 E mais amável que o amor das mulheres:
 Amel-te como a mãe ama seu filho único —

Como caíram os robustos
 E pereceram as armas guerreiras?

Nota: A Bíblia é esta poesia e tem sido fonte incessante de grandes poemas. Felizmente caí por cima de os de língua inglesa e alemã, que possuem em seus idiomas versões da Bíblia que constituem verdadeiros monumentos de sua literatura! As traduções em português são numerosas e todas mais ou menos boas, do ponto de vista estético. O trecho que hoje publicamos (em edições católicas, II Reis, I, 18-27; nas protestantes, II Samuel, I, 18-27) é talvez a mais antiga elegia e talvez a mais bela. Aqui Davi, depois de saber da morte de Saul e de Jônatas, filho deste, lamenta simbolicamente, sobretudo Jônatas, seu amigo, que fizera com ele aliança e que sempre o protegera contra as iras do próprio Saul. A tradução latina, de São Jerônimo ("Vulgata") é belíssima e por isso, aqui a fizemos, juntamente com a tradução (poeta por nós em verso e com ligeiras alterações rítmicas) do Padre Matias Soares (edição católica romana, da Pia Sociedade de São Paulo).

Figura 26 – DAVI: ELEGIA. Tradução de Pe. Matos Soares.
 Nota de Mário Faustino. Sétimo número de "Clássicos vivos", de 18 nov. 1956.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Davi: Elegia

Considera, Israel, pro his qui mortui
sunt super excelsa tua vulnerati.
Incliti, Israel, super montes tuos interfecti sunt:
quomodo ceciderunt fortes in proelio.
Nolite annuntiare in Geth,
neque annuntietis in conpetis Ascalonis:
ne forte laetentur filiae Philisthim,
ne exultant filiae incircumcisorum.
Montes Gelboe, nec ros, nec pluviae veniant super vos,
neque sint agri primitiarum:
quia ibi abiectus est clypeus fortium
et clypeus Saul, quasi non esset unctus oleo.
A sanguine interfectorum, ab adipe fortium
sagitta Ionathae nunquam rediit retrorsum
et gladius Saul non est reversus inanis.
Saul et Ionathas amabiles et decori in vita sua,
in morte quoque non sunt divisi:
aquilis velociores, lionibus fortiores.
Filiae Israel, super Saul flete,
qui vos vestiebat coccino in deliciis suis,
qui praebebat ornamenta aurea cultui vestro.
Quomodo ceciderunt fortes in praelio. [?]
Ionathas in excelsis tuis occisus est. [?]
Doleo super te, frater mi Ionathan, decore nimis,
et amabilis valde super amorem mulierum.
Sicut mater amat unicum filium suum, sic ego te diligebam.
Quomodo ceciderunt robusti, et perierunt arma bellica. [?]

Considera, Israel, os que morreram
Sobre teus altos, cobertos de feridas.
Os heróis, Israel, foram mortos
Sobre teus montes: como caíram os valorosos?
Não o noticiéis em Get, o nem o publiqueis
Nas praças de Ascalão: que não se alegrem
As filhas dos filisteus, que não exultem
As filhas dos que não são circuncidados.
Oh montes de Gelboe, nem orvalho nem chuva,
Sobre vós cala, nem haja em vós um campo
Onde ofertar primícias, pois aqui
Foi lançado por terra o escudo dos fortes,
O escudo de Saul, como se com
Óleo não fora ungido.
Sem sangue de mortos, sem gordura de fortes
Nunca a seta de Jonatas voltou,
E nunca em vão se ergueu a espada de Saul.
Saul e Jonatas, em vida amáveis, belos,
Até a morte se não separaram:
Mais velozes que as águias, mais fortes que os leões...
Filhas de Israel, chorai sobre Saul
Que vos vestia de escarlate entre os deleites
E dava ornatos de ouro
Para vos enfeitar.
Como caíram os fortes no combate?
Como foi morto Jonatas sobre teus montes?
Sobre ti choro, meu irmão Jonatas, o mais gentil
E mais amável que o amor das mulheres:
Amei-te como a mãe ama seu filho único —
Como caíram os robustos
E pereceram as armas guerreiras?

Nota:

A Bíblia é alta poesia e tem sido fonte incessante de grandes poemas. Feliz os povos como os de língua inglesa e alemã, que possuem em seus idiomas versões da Bíblia que constituem verdadeiros monumentos de suas literaturas! As traduções em português são numerosas e todas mais ou menos fracas, do ponto de vista estético. O trecho que hoje publicamos (em edições católicas, II Reis. I. 18-27; nas protestas, II Samuel, I. 18-27) é talvez a mais bela. Aqui Davi, depois de saber da morte de Saul e de Jonatas filho deste, lamenta ambos, sobretudo Jonatas, seu amigo, que fizera com ele aliança e que sempre o protegera contra as iras do próprio Saul. A tradução latina, de São Jerônimo (“Vulgata”) é belíssima e por isso aqui a oferecemos, juntamente com a tradução (posta por nós em verso e com ligeiras alterações rítmicas) do Padre Matos Soares (edição católica romana, de Pia Sociedade de São Paulo).

Ficha da publicação

TÍTULO	DAVI: ELEGIA
TRADUTOR/AUTOR	Vulgata de São Jerónimo (ca. 347-420) Estridão (Província romana de Dalmácia)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	“Davi: elegia”
TRADUTOR	Pe. Matos Soares
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português
IDIOMA	Latim
QUANTIDADE	Fragmentos 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução indireta em versos
DATA	18 nov. 1956
SEÇÃO	“Clássicos Vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 009. SD, n. 025. JB, n. 268. – 1956.
DESCRIÇÃO	Título, texto no original, tradução e nota.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 18 nov. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos Vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[-]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67821
DESCRIÇÃO	Publicação com título (caixa alta e negrito), seguido de texto em latim e tradução, com nota no final.
NOTA	“A tradução latina, de São Jerônimo (“Vulgata”) é belíssima e por isso aqui a oferecemos, juntamente com a tradução (posta por nós em verso e com ligeiras alterações rítmicas) do Padre Mattos Soares (edição católica romana, de Pia Sociedade de São Paulo)”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa de Mário Faustino em que ele menciona os países que têm “verdadeiros monumentos de suas literaturas”. Ele também altera algumas partes da tradução portuguesa do Pe. Matos Soares.

VIII – CYRIL TOURNEUR

CLASSICOS VIVOS

CYRIL TOURNEUR

"A Tragédia do Vingador", Ato III, Cena V

(Vindici, o vingador, monologa, e empunhando o crânio de sua noiva assassinada :)

— Então é para ti que o bicho da sêda gasta
Seu lavor amarelo — e por ti se desfaz?
Vendem-se então senhores para manter as damas
Pelo mísero lucro de um minuto encantado?
E aquêie pobre diabo falsifica as estradas
Pondo a vida entre os lábios de um juiz,
Mantém cavalos, e homens que por ela
Empenham seu valor — tudo por isto?
Só para refinar um traste dêstes?

Então tôda senhora altiva e valdosa
Cobre o rosto de cânfora e com banhos
De leite, pecaminosos. Deus ofende
Quando a fome sacrifica tanto infante
Pelo supérfluo exterior delas — para isto?
Agora quem dá mais? Vinte libras a noite? Quem prepara
Música, perfumes, iguarias? Todos fazem silêncio...
Tu podes fazer casta! Mas fora interessante, penso eu,
Ver-te assim em festins, em revêis esquecidos
E bordéis sujos! Claro, aterrarias o pecador,
Farias dêie um bom covarde; fim porias
Aos passinhos grotescos do farrista
E fartarias glitões com teus pratos vazios...
Por aqui qualquer dama irônica, ambiciosa
Pode olhar através e através de si mesma.
Pois, senhoras, com vossas falsas formas
Podês enganar homens, nunca vermes...

♦

*Does the silkworm expend her yellow labours
For thee? For thee does she undo herself;
Are lordships sold to maintain ladyships
For the poor benefit of a bewitching minute?
Why does yon fellow falsify highways,
And put his life between the judge's lips,
To refine such a thing; keeps horse and men
To beat their valours for her?...*

*Does every proud and self-affecting dame
Camphire her face for this, and grieve her Maker
In sinful baths of milk, when many an infant starves
For her superfluous outside — all for this?
Who now bids twenty pound a night? prepares
Music, perfumes, and sweetmeats? All are hushed.
Thou mayst lie chaste now! It were fine, methinks,
To have seen thee at revels, forgetful feasts,
And unclean brothels! Sure, 'twould fright the sinner,
And make him a good coward; put a reveller
Out of his antic amble,
And cloy an epicure with empty dishes. . .
Here might a scornful and ambitious woman
Look through and through herself. See, ladies, with false forms
You deceive men, but cannot deceive worms...*

Nenhum período de duração aproximada à sua foi tão rico na história do teatro universal quanto a chamada "era isabelina" da Inglaterra. Obscurecidos pelo brilho dos tres grandes — Shakespeare, Marlowe, Jonson — numerosos dramaturgos, dos quais um só iria a glória de muitas outras literaturas, são relutantemente considerados "menores" pela crítica: Kyd, Ford, Massinger, Middleton, Heywood, Marston, Webster... Cyril Tourneur, um desses gigantescos "menores", é shakespeariano não só em ocasionais imitações do estilo do mestre de Stratford, como também na intensidade dramática de suas situações e na capacidade de excitar o terror na plateia — habilidade que faz dos mais "negras" suas duas principais peças: "The Atheist's Tragedy" e "The Revenger's Tragedy". O soliloquio acima, tirado desta última, é famoso, lembrando o "Alas, poor Yorick" do Hamlet, escrito cinco anos antes da "Tragédia do Vingador" (1608).

Figura 27 – CYRIL TOURNEUR. Tradução e nota de Mário Faustino.

Oitavo número de "Clássicos vivos", de 25 nov. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

“A Tragédia do Vingador”, Ato III, Cena V
(Vindici, o vingador, monologa, empunhado o crânio de sua noiva assassinada)

— Então é para ti que o bicho da seda gasta
Seu lavor amarelo — e por ti se desfaz?
Vendem-se então senhores para manter as damas
Pelo mísero lucro de um minuto encantado?
E aquele pobre diabo falsifica as estradas
Pondo a vida entre os lábios de um juiz,
Mantém cavalos, e homens que por ela
Empenham seu valor — tudo por isto?
Só para refinar um traste destes?

Então toda senhora altiva e vaidosa
Cobre o rosto de cânfora e com banhos
De leite, pecaminosos, Deus ofende
Quando a fome sacrifica tanto infante
Pelo supérfluo exterior delas — para isto?
Agora quem dá mais? Vinte libras a noite? Quem prepara
Música, perfumes, iguarias? Todos fazem silêncio...
Tu podes fazer a casta! Mas fora interessante, penso eu,
Ver-te assim em festins, em revéis esquecidos
E bordéis sujos! Claro, aterrarias o pecador,
Farias dele um bom covarde; fim porias
Aos passarinhos grotescos do farrista
E fartarias glutões com teus pratos vazios...
Por aqui através e através de si mesma.
Pois, senhoras, com vossas falsas formas
Podeis enganar homens, nunca vermes...

Does the sikworm expend her yellow labours
 For thee? For thee dos she undo herself.
 Are lordships sold to maintain ladyships
 For the poor benefit of a bewitching minute?
 Why does yon fellow falsify highways,
 And put his life between the judge's lips,
 To refine such a thing; keeps horse and men.
 To beat their valours for her?

Does every proud and self-affecting dame
 Camphire her face for this, and grieve her Maker
 In sinful baths of milk, when many an infant starves
 For her superfluous outside — all for this?
 Who now bids twenty pound a night? Prepares
 Music perfumes, and sweetmeats? All are hushed.
 Thou mayst lie chaste now! It were fine, methinks,
 To have seen thee at revels, forgetful feasts,
 And unclean brothels! Sure, 'twould fright the sinner,
 And make him a good coward; put a reveler
 Out of his antic amble,
 And eloy an epicure with empty dlishes...
 Here might a scornful and ambitious woman
 Look through and through herself. See, ladies, with false forms
 You deceive men, but cannot deceive worms...

Nota:

Nenhum período de duração aproximada à sua foi tão rico na história do teatro universal quanto a chamada “era isabelina” da Inglaterra. Obscurecidos pelo brilho dos três grandes – Shakespeare, Marlowe, Jonson – numerosos dramaturgos, dos quais um só iria à glória de muitas outras literaturas, são relutantemente considerados “menores” pela crítica: Kyd, Ford, Messinger, Middleton, Heywood, Marston, Webstrer... Cyril Touneur, um desses gigantescos “menores” é shakespeariano não só em ocasionais imitações do estilo do mestre de Stratford, como também na intensidade dramática de suas situações e na capacidade de excitar o terror na plateia – habilidade que faz das mais “negras” suas duas principais peças: “The Atheist’s Tragedy” e “The Revenger’s Tragedy”. O solilóquio acima, tirando desta última, é famoso, lembrando o “Atlas, poor Yorck” do Hamlet, escrito cinco anos antes da “Tragédia do Vingador” (1608).

Ficha da publicação

TÍTULO	CYRIL TOUNEUR
AUTOR	Cyril Touneur, 1575-1626 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	Ato III, Cena V de <i>The Revenger's Tragedy</i>
TEXTO TRADUZIDO	“A tragédia do Vingador”, Ato III, Cena V
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
DATA	25 nov. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 010. SD, n. 026. JB, n. 274. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 25 nov. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	CYRIL TOUNEUR. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 242-43. Publicação bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68055
DESCRIÇÃO	Publicação com título (caixa alta e negrito), texto traduzido, seguido de texto no original e nota final.
NOTA	“O solilóquio acima, tirando desta última, é famoso, lembrando o “Atlas, poor Yorck” do Hamlet, escrito cinco anos antes da “Tragédia do Vingador” (1608)”.
OBSERVAÇÕES	Atualmente, essa obra dramática é mais atribuída a Thomas Middleton. Mário Faustino traduziu apenas o solilóquio da cena V, do ato III.

IX – LI PO (RIHAKU)

Repetir para aprender, criar para renovar

POESIA-EXPERIÊNCIA

MARIO FAUSTINO

CLASSICOS VIVOS

LI PO (RIHAKU)

A MULHER DO MERCADOR DO RIO : UMA CARTA

*No tempo em que meu cabelo caia reto sobre minha testa,
Eu brincava ao pé do portão da frente, colhendo flôres.
Então vinheis montado em pernas de bambu, brincando de cavalo
Ou caminháveis em torno de meu assento, brincando com amêzgas azuis.
Assim íamos vivendo na aldeia de Chokan :
Dois seres pequenos, sem rancor nem suspeita.*

*Aos quatorze desposi Meu Senhor, vós,
Rir é que nunca pude, pois sou tímida.
Curvando minha cabeça, contemplava a parede.
Ao chamarem por mim — mil vezes — nunca olhei para trás.*

*Aos quinze deixei de fazer-me zangada
E desejei que meu pé se misturasse ao vosso
Para sempre e para sempre e para sempre,
Para que haveria de subir ao mirante ?*

*Aos dezesseis viajastes
Fostes para a longinqua Ku-lo-yen, à beira do rio dos remoinhos,
E eis que há já cinco meses sois ausente.
Doloroso é o barulho das macacos lá em cima.*

*Arrastastes os pés quando partistes.
Ao pé do portão, agora, cresceu musgo, diversas espécies de musgo
Enraizados demais para que se possa arrancá-los !
As folhas caem cedo este ano, com o vento.
As borboletas aos pares já estão amarelas de Agosto
Por cima da grama no jardim do poente.
Elas me magoam. Estou ficando mais velha.
Se voltardes pelos estreitos do Rio Kiang,
Mandai-me dizer a tempo
E viajarei o mais que possa a vosso encontro
Pelo menos até à altura*

De Cho-fu-sa

O melhor em português

CRISTÓVÃO FALCÃO

CANTIGA

*Com, dormirár meus olhos,
nam sei como dormirár,
pois que vela o coração !*

*Toda esta noite passada
que eu passei sem sentir
nunca a pude dormir
de ser muito acordada;
dos meus olhos foi velada,
mas como nam velardo,
pois que vela o coração ?*

*As horas dela cuidei
dormi-las : foram veladas;
pois tam bem as empreguei
dous-as por bem empregadas :
todas as noites passadas
neste pensamento vdo,
pois que vela o coração.*

*Passaros que namorados,
parecis no que cantais,
nam ameis, que se amais
de vos serdes desamados :
em meus olhos agravaados
vereis se tenho razam,
pois que vela o coração.*

O Extremo-Oriente considera o Li-Po dos chineses (Rihaku para os japoneses) o maior de todos os líricos. No Ocidente não são poucos os que o colocam ao nível dos seus pares gregos, romanos, provençais. O poema acima mostra-lhe a arte em algumas de suas principais características, sobretudo o celebrado poder de sugestão por alusão remota e as delicadas metáforas. Trata-se de uma tradução em quarta ou quinta mão. Aproveitamos a versão de Pound, que (no tempo em que E. P. ainda não manejava o chinês) foi tirada das notas do sinólogo Fenolosa, por sua vez baseadas na versão japonesa do original chinês. . . Como se vê, contudo, o grande lírico parece ter resistido a todas essas provas.

Cristóvão Falcão (1510-1583?) é hoje tido em geral como o mais provável autor das famosas "Trovas de Cristel". A cantiga que hoje publicamos é das mais belas, entre as suas, conseguindo comunicar convincentemente a solidão noturna de um prisioneiro.

Figura 28 – LI PO (RIHAKU). Tradução e nota de Mário Faustino.
Nono número de “Clássicos vivos”, de 02 dez. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

A mulher do mercador do rio: uma carta
 No tempo em que meu cabelo caia reto sobre minha testa,
 Eu brincava ao pé do portão da frente, colhendo flores.
 Então vinheis montado em pernas de bambu, brincando de cavalo
 Ou caminháveis em torno de meu assento, brincando com ameixas azuis.
 Assim tanto vivendo na aldeia de Chokan:
 Dois seres pequenos, sem rancor nem suspeita.
 Aos quatorze desposei Meu Senhor, vós.
 Rir é que nunca pude, pois sou tímida.
 Curvando minha cabeça, contemplava a parede.
 Ao chamarem por mim — mil vezes — nunca olhei para trás.
 Aos quinze deixei de fazer-me zangada
 E desejei que meu pó se misturasse ao vosso
 Para sempre e para sempre e para sempre,
 Para que haveria de subir ao mirante?
 Aos dezesseis viajastes
 Fortes para a longínqua Ku-to-yen, à beira do rio dos remoinhos,
 E eis que há já cinco meses sois ausente,
 Doloroso é o barulho dos macacos lá em cima.
 Arrastastes os pés quando partistes.
 Ao pé do portão, agora, cresceu musgo, diversas espécies de musgo
 Enraizadas demais para que se possa arrancá-los!
 As folhas caem cedo este ano, com o vento.
 As borboletas aos pares já estão amarelas de Agosto
 Por cima da grama no jardim do poente.
 Elas me magoam. Estou ficando mais velha.
 Se voltardes pelos estreitos do Rio Kiang,
 Mandai-me dizer o tempo
 E viajarei o mais que possa a vosso encontro
 Pelo menos até à altura
 De Cho-fu-as

Nota:

O Extremo-Oriente considera o Li-Po dos chineses (Riaku para os japoneses) o maior de todos os líricos. No Ocidente não são poucos os que colocam ao nível dos seus pares gregos, romanos, provençais. O poema acima mostra-lhe a arte em algumas de suas principais características, sobretudo o celebrado poder de sugestão por alusão remota e as delicadas metáforas. Trata-se de uma tradução em quarta ou quinta mão. Aproveitamos a versão de Pound, que (no tempo em que E.P. ainda não manejava o chinês) foi tirada das notas do sinólogo Fenollosa, por sua vez baseadas na versão japonesa do original chinês... Como se vê, o grande lírico parece ter resistido a todas essas provas.

Ficha da publicação

TÍTULO	LI PO (RIHAKU)
AUTOR	LI PO, 701–762 (China)
TEXTO ORIGINAL	“The River-Merchant's Wife: a Letter”
TEXTO TRADUZIDO	“A mulher do mercador do rio: uma carta”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução indireta em versos.
DATA	02 dez. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 011. SD, n. 027. JB, n. 280. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 02 dez. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68283
DESCRIÇÃO	Título, tradução e nota
NOTA	“Trata-se de uma tradução em quarta ou quinta mão. Aproveitamos a versão de Pound, que (no tempo em que E.P. ainda não manejava o chinês) foi tirada das notas do sinólogo Fenollosa, por sua vez baseadas na versão japonesa do original chinês... Como se vê, o grande lírico parece ter resistido a todas essas provas”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa com referência à tradução indireta do inglês.

X - HORÁCIO

Repetir para aprender, criar para renovar

POESIA-EXPERIÊNCIA

MARIO FAUSTINO

CLASSICOS VIVOS

HORACIO

Ode VII, Livro IV

Diffugere nivas: redeunt jam gramina campis,
Arboribusque comae;
Mutat terra vices et decrecentia ripas
Flumina praeteraunt.
Gratia cum Nymphis geminisque sororibus audet
Ducere nuda choros.
Immortalla ne speres monet annus et alium
Quae rapit hora diem.
Frigora mitescunt saphyria, ver proterit aestas,
Interitura, simul
Pomifer autumnus fruges effuderit et mox
Bruma recurrit iners.
Damna tamen celeres reparant caelestia lunae:
Nos ubi decidimus
Quo plus Aeneas, quo divas Tullius et Ancus,
Pulvis et umbra sumus.
Quis scit an adflicant hodiernae crastina summas
Tempora di superi?
Cuncta manus avidas fugient heredis, amico
Quae dederis animo.
Cum semel occideris et de te splendida Minos
Fecerit arbitria,
Non, Torquate, genus, non te facundia, non te
Resituet pietas;
Infernis neque enim tenebris Diana pudicum
Liberat Hippolytum;
Nec Lethaea valet Thesens abruptere caro
Vincula Pirithoo.

*

Vão-se as neves e torna a grama aos campos
E as árvores as folhas;
o ano muda a terra, volta o rio
As margens, decrecentão.
Graças e ninfas, gêmeas, ousam nuda
Rever coros de dança.
Nada esperas do eterno, os anos fogem,
Dias, horas lá adierem.
Menos frios, mais zafros, Verde
Expulsa Primavera
Por sua vez defunta as mdoas do Outono,
Que, com todos seus frutos,
Pelo estéril Inverno é sucedido.
Céleras mases os célestes males
Vão reparando; e nos
Lá onde estão Eneias, Anco, Tulo...
Sombra e pó somos.
Mas quem sabe darão os deuses outro
Tempo, esgotado o nosso?
— Ao menos saipará de teus herdeiros,
Torquato, o que possas te:
Quando Minos espléndido julgar-te
Após morreres, não
Te ressuscitarão tua eloquência.
Tua stirpe, teus dotes:
Nem Diana do inferno arranca seu
Hípólito pudico.
Nem forças Teseu tem para livrar
Seu Pirítão querido.

Essa ode tem sido considerada, por longa tradição, — com alguma justiça a certo exagêro — não apenas o mais belo poema de Horácio como de toda a língua latina. As principais qualidades do grande lírico aí estão representadas: a fina ironia, o vago tom megalômano, a dignidade estoica, o metro incomparável, o vigor pictórico, as delicadas alusões. Alguns de seus versos, como o décimo-terceiro, têm sido repetidos, com admiração, através dos séculos. E por muitos ainda os amantes da poesia sabem honrar o altivo espírito, desafiador do tempo e das poderosas, que também sabia exprimir, ainda que com certo orgulho, o sentimento trágico da vida: Ehas, fugaces, Postume, Postume, labuntur anni...

Figura 29 – HORÁCIO. Tradução e nota de Mário Faustino.
Décimo número de “Clássicos vivos”, de 09 dez. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ode VII, Livro IV

Diffugere nives: redunt jam gramina campis,
Arboribusque comae;
Mutat terra vices et decrescentia ripas
Flumina praetereunt.
Gratia cum Nymphis geminisque sororibus audet
Ducere nuda choros.
Immortalia ne speres monet annus et alium
Quae rapit hora diem.
Frigora mitescunt fruges effuderit et mox
Bruma recurrit iners.
Damma tamen celeres reparant caelestia lunae:
Nos ubi decidimos
Quo pius Aeneas, quo dives Tullus et Ancus,
Pulvis et umbra sumus.
Quis scit an adjiciant hodiernae crastina summa
Tempora di superi?
Cuncta manus avidas fugient heredis, amico
Quae dederis animo.
Cum semel occideris et de te facundia, non te
Restituet pietas;
Infernis neque enim tenebris Diana pudicum
Liberat Hippolytum;
Nec Lethaea valet Theseus abrumpere caro
Vincula Pirithoo.

Vão-se as neves e torna a grama aos campos
 E às árvores as folhas;
 o ano muda a terra, volta o rio
 Às margens, decrescendo.
 Graças e ninfas, gêmeas, ousam nuas
 Reger coros de dança.
 Nada esperes do eterno, os anos fogem,
 Dias, horas te advertem.
 Menos frios, mais zéfiros, Verão
 Expulsa Primavera
 Por sua vez defunta às mãos do Outono,
 Que, com todos seus frutos,
 Pelo estéril Inverno é sucedido.
 Célebres meses os celestes males
 Vão reparando; e nós
 Lá onde estão Enéias, Anco, Tulo...
 Sombra e pó somos.
 Mas quem sabe darão os deuses outro
 Tempo, esgotado o nosso?
 — Ao menos salvarás de teus herdeiros
 Torquato, o que gozaste:
 Quando Minos esplêndido julgar-te
 Após morreres, não
 Te ressuscitarão tua eloquência,
 Tua estirpe, teus dotes:
 Nem Diana do inferno arranca seu
 Hipólito pudico,
 Nem forças Teseu tem para livrar
 Seu Piritôo querido.

Nota:

Essa ode tem sido considerada, por longa tradição, — com alguma justiça e certo exagero — não apenas o mais belo poema de Horácio como de toda a língua latina. As principais qualidades do grande lírico aí estão representadas: a fina ironia, o vago tom melancólico, a dignidade estoica, o metro incomparável, o vigor pletórico, as delicadas alusões. Alguns de seus versos, como o décimo-terceiro têm sido repetidos, com admiração, através dos milênios. E por muitos ainda os amantes da poesia saberão honrar o altivo escravo, desafiador do tempo e dos poderosos, que também sabia exprimir, ainda que com certo orgulho, o sentimento trágico da vida: Eheu, fugaces, Postume, Postume, labuntur anni...

Ficha da publicação

TÍTULO	HORÁCIO
AUTOR	Quinto Horácio Flaco, 65 a.C. – 8 a.C. (Roma Antiga)
TEXTO ORIGINAL	Ode VII, Livro IV
TEXTO TRADUZIDO	“Ode VII, Livro IV”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português
IDIOMA	Latim
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
DATA	09 dez. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 012. SD, n. 028. JB, n. 286. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 dez. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	HORÁCIO. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 216-17. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68513
DESCRIÇÃO	Título, texto no original, tradução e nota
NOTA	Nota explicativa sobre o poema publicado

XI - QUEVEDO

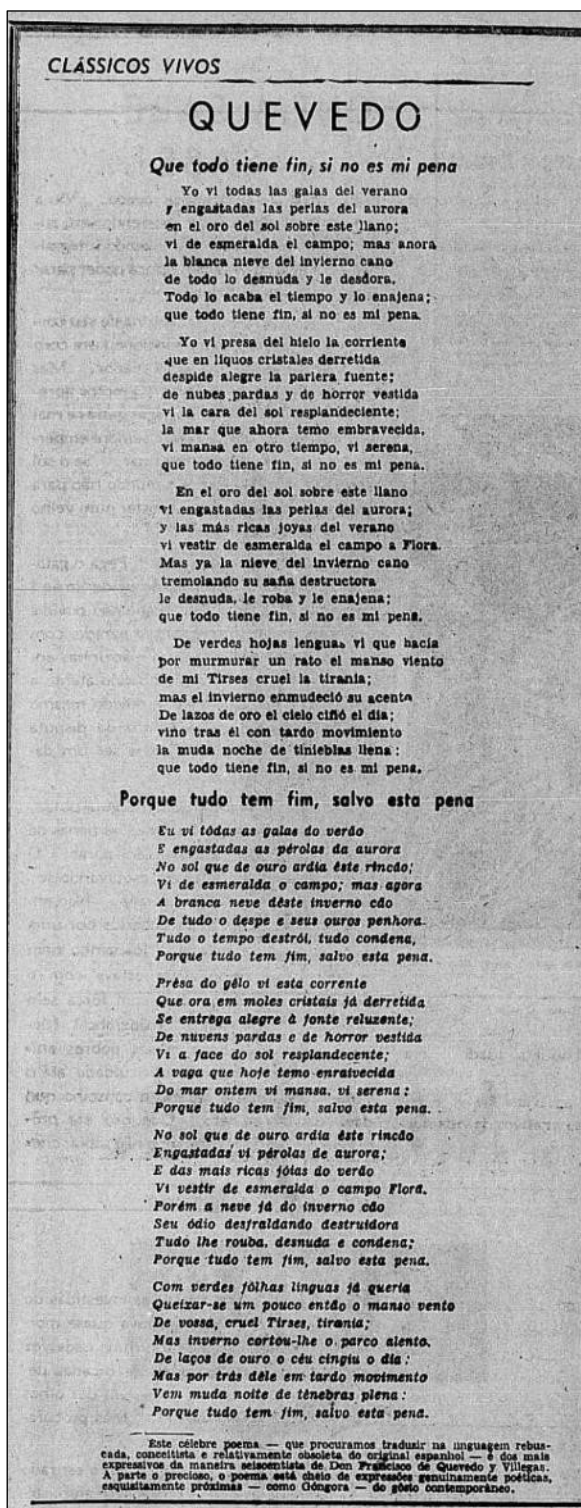


Figura 30 – QUEVEDO. Tradução e nota de Mário Faustino.
11º número de “Clássicos vivos”, de 16 dez. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Que todo tiene fin, si no es mi pena

Yo vi todas las galas del verano
y engastadas las perlas del aurora
en el oro del sol sobre llano;
vi de esmeralda el campo; mas ahora
la blanca nieve del invierno cano
de todo lo desnuda y le desdora.
Todo lo acaba el tiempo, y lo enajena;
que todo tiene fin, si no es mi pena.

Yo vi presa del hielo la corriente
que en liquos cristales derretida
despide alegre la parlera fuente;
de nubes pardas y de horror vestida
vi la cara del sol resplandeciente;
la mar que ahora temo embravecida,
vi mansa en otro tiempo, vi serena,
que todo tiene, fin no es mi pena.

En el oro del sol sobre este llano
vi engastadas las perlas del aurora;
y las más ricas joyas del verano
vi vestir de esmeralda el campo a Flora.
Mas ya la nieve del invierno cano
tremolando su saña destructora
le desnuda, le roba y le enajena;
que todo tiene fin, si no es mi pena.

De verdes hojas lenguas vi que hacia
por murmurar un rato el manso viento
de mi Tirsés cruel la tiranía;
mas ele invierno enmudeció su acento
De lazos de oro el cielo ciño el día;
vino tras él con tardo movimiento
la muda noche de tinieblas llena:
que todo tiene fin, si no es mi pena.

Porque tudo tem fim, salvo esta pena

Eu vi todas as galas do verão
 E engastadas as pérolas da aurora
 No sol que de ouro ardia este rincão;
 Vi de esmeralda o campo; mas agora
 A branca neve deste inverno cão
 De tudo o despe e seus ouros penhorava.
 Tudo o tempo destrói, tudo condena,
 Porque tudo tem fim, salvo esta pena.

Preso do gelo vi esta corrente
 Que ora em moles cristais já derretida
 Se entrega alegre à fonte reluzente;
 De nuvens pardas e de horror vestida
 Vi a face do sol resplandecente;
 A vaga que hoje temo enraivecida
 Do mar ontem vi mansa, vi serena:
 Porque tudo tem fim, salvo esta pena.

No sol que de ouro ardia este rincão
 Engastadas vi pérolas de aurora;
 E das mais ricas joias do verão
 Vi vestir de esmeralda o campo Flora.
 Porém a neve já do inverno cão
 Seu ódio desfraldando destruidora
 Tudo lhe rouba, desnuda e condena;
 Porque tudo tem fim, salvo esta pena.

Com verdes folhas línguas já queria
 Queixar-me um pouco então o manso vento
 De vossa, cruel Tirses, tirania;
 Mas inverno cortou-lhe o parco alento
 De laços de ouro o céu cingiu o dia;
 Mas por trás dele em tardo movimento
 Vem muda noite de tenebrosas plena:
 Porque tudo tem fim, salvo esta pena.

Nota:

Este célebre poema — que procuramos traduzir na linguagem rebuscada, conceitualista e relativamente obsoleta do original espanhol — é dos mais expressivos da maneira seiscentista de Don Francisco de Quevedo y Villegas. À parte o precioso, o poema está cheio de expressões genuinamente poéticas, esquisitamente próximas — como Góngora — do gosto contemporâneo.

Ficha da publicação

TÍTULO	QUEVEDO
AUTOR	Francisco Gómez de Quevedo y Santibáñez Villegas, 1580-1645 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	“Que todo tiene fin, si no es mi pena”
TEXTO TRADUZIDO	“Porque tudo tem fim, salvo esta pena”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
DATA	16 dez. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 013. SD, n. 029. JB, n. 292. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 dez. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68743
DESCRIÇÃO	Publicação com nome do poeta no título (caixa alta e negrito), texto no original (título em itálico e negrito), tradução (título em negrito e corpo do poema em itálico), e nota no fim.
NOTA	“Este célebre poema – que procuramos traduzir na linguagem rebuscada, conceitualista e relativamente obsoleta do original espanhol – é dos mais expressivos da maneira seiscentista de Don Francisco de Quevedo y Villegas”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa com referência à tradução.

XII – GIACOMO LEOPARDI

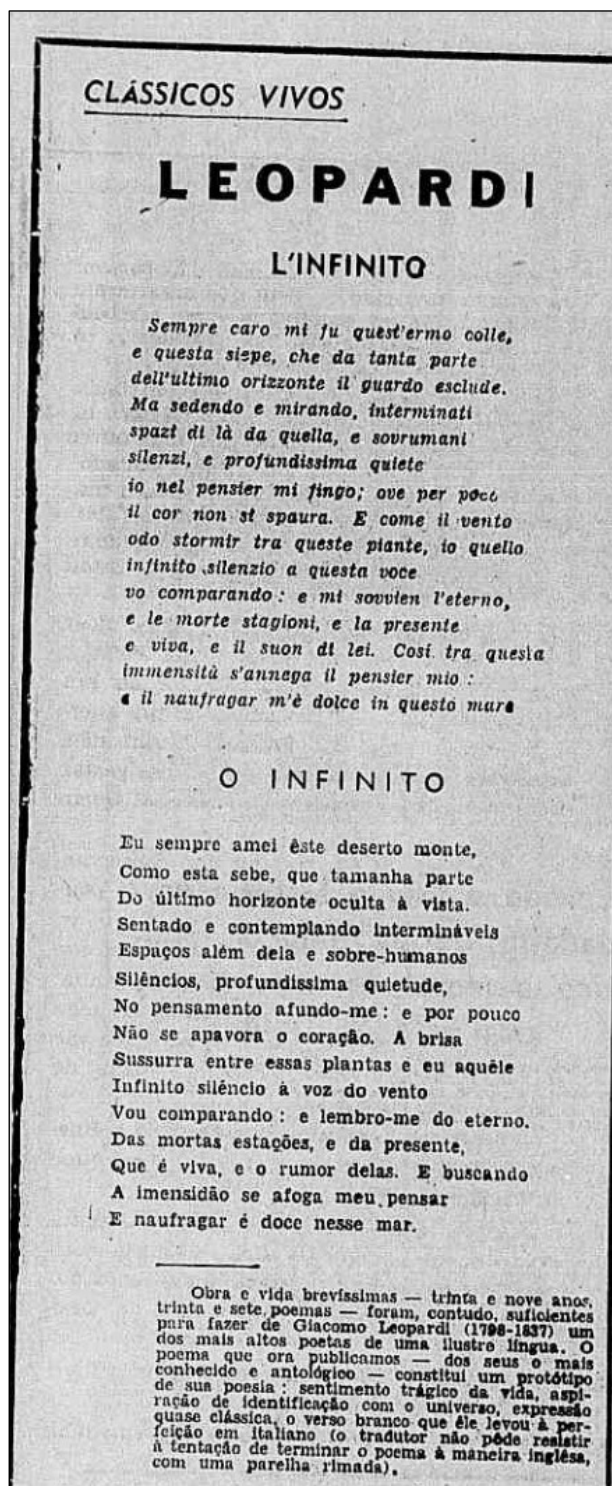


Figura 31 – LEOPARDI. Tradução e nota de Mário Faustino.
12º número de “Clássicos vivos”, de 23 dez. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

L'infinito

Sempre caro mi fu quest'ermo colle,
 e questa siepe, che da tanta parte
 dell'ultimo orizzonte il guardo esclude.
 Ma sedento e mirando, interminati
 spazi di là da quella, e sovrumani
 silenzi, e profondissima quiete
 io nel pensier mi fingo, ove per poco
 il cor non si spaura. E come il vento
 odo stormir tra queste piante, io quello
 infinito silenzio a questa voce
 vo comparando: e mi sovvien l'eterno,
 e le morte stagioni, e la presente
 e viva, e il suon di lei. Così tra questa
 immensità s'annega il pensier mio:
 e il naufragar m'è dolce in questo mare.

O Infinito

Eu sempre amei este deserto monte,
 Como esta sebe, que tamanha parte
 Do último horizonte oculta à vista.
 Sentando e contemplando intermináveis
 Espaços além dela, e sobre-humanos
 Silêncios, profundíssima quietude,
 No pensamento afundo-me: e por pouco
 Não se apavora o coração. A brisa
 Sussurra entre essas plantas e eu aquele
 Infinito silêncio à voz do vento
 Vou comparando: e lembro-me do eterno,
 Das mortas estações, e da presente
 Que é viva, e o rumor delas. E buscando
 A imensidão se afoga meu pensar
 E naufragar é doce nesse mar.

Nota:

Obra e vida brevíssima — trinta e nove anos, trinta e sete poemas — foram, contudo, suficientes para fazer de Giacomo Leopardi (1798-1837) um dos mais altos poetas de uma ilustre língua. O poema que ora publicamos — dos seus o mais conhecido e antológico — constitui um protótipo de sua poesia: sentimento trágico da vida, aspiração de identificação com o universo, expressão quase clássica, o verso branco que ele levou à perfeição em italiano (o tradutor não pode resistir à tentação de terminar o poema à maneira inglesa, com uma parelha rimada).

Ficha da publicação

TÍTULO	LEOPARDI
AUTOR	Giacomo Leopardi, 1798-1837 (Itália)
TEXTO ORIGINAL	“L’infinito”
TEXTO TRADUZIDO	“O infinito”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português
IDIOMA	Italiano
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: versos.
DATA	23 dez. 1956
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 014. SD, n. 030. JB, n. 298. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 dez. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos Vivos”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. LEOPARDI. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 254-55. Edição bilíngue. 2. “O INFINITO” DE LEOPARDI. Tradução de Mário Faustino. In: <i>Poesia Sempre</i> . Revista Semestral de Poesia. Editor Chefe: Affonso Romano de Sant’Anna. Ano 3. N. 5, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, fev. 1994. Edição bilíngue. 3. “O INFINITO” DE LEOPARDI. Tradução de Mário Faustino. “Variações Leopardianas”. In: <i>Giacomo Leopardi: poesia e prosa</i> . Organização e notas de Marcos Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 978. Monolíngue: português
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68947
DESCRIÇÃO	Texto no original, tradução e nota.
NOTA	“(o tradutor não pode resistir à tentação de terminar o poema à maneira inglesa, com uma parelha rimada)”.
OBSERVAÇÃO	Na edição da Nova Aguilar, há uma referência equivocada a respeito da publicação do poema de Leopardi, traduzido por Faustino, em livro. Nele, consta que a tradução desse poema foi publicada em <i>Poesia de Mário Faustino</i> , de 1966, em vez de <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> , edição da primeira publicação do poema traduzido em livro.

XIII – JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

CLASSICOS VIVOS

JOHANN WOLFGANG von GOETHE

Wandrer's Nachtlid

Uber allen Gipfeln
Ist Ruh
In allen Wipfeln
Spuerest du
Kaum einen Hauch;
Die Voegelchen schweigen im Walde.
Warte nur, balde
Ruhest du auch.

NOTURNO DO VIANDANTE

Sobre os altos, de leve,
Baixa o descanso,
A paz.
Sobre toda a folhagem
Mal se percebe o mauso
Sopro da aragem.
No bosque as aves não cantam mais.
Espera o fim da viagem;
Breve
Também descansaras

Elfenlied

Um Mitternacht, wenn die Menschen erst schlafen,
Dann scheint uns der Mond,
Dann leuchtet uns der Stern;
Wir wandeln und singen
Und tanzen erst gern.

Um Mitternacht, wenn die Menschen, erst schlafen.
Auf Wiesen, an den Erlen,
Wir suchen unsern Raum
Und wandeln und singen
Und tanzen einen Traum.

CANÇÃO DOS ELFOS

A meia-noite, quando os homens enfim dormem,
Então nos fulge a lua.
Então nos luze a estrela;
Vagamos, enfim, cantamos,
Jubilosos dançamos.

A meia-noite, quando os homens enfim dormem,
Pelas planícies, entre os salgueiros,
Nosso espaço buscamos,
Vagamos e cantamos
E dançamos um sonho.

As duas pequenas obras-primas que ora publicamos revelam ao leitor que ainda o desconhece o Goethe menor, o dos pequenos poemas líricos que, como estes e o celeberrimo "Mignon", são conhecidos de cor por povos inteiros. Note-se, nas duas canções, a extrema sobriedade, rara em outros românticos, a capacidade de criar uma situação mágica e, no original, a riqueza dos ritmos.

Figura 32 – JOHANN WOLFGANG VON GOETHE. Tradução e nota de Mário Faustino.
13º número de "Clássicos vivos", de 27 jan. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Wandres Nachtlid

Über allen Gipfeln
Ist Ruh,
In allen Wipfeln
Spürest du
Kaum einen Hauch;
Die Vögelein schweigen im Walde.
Warte nur, balde
Ruhest du auch.

NOTURNO DO VIANDANTE

Sobre os altos, de leve,
Baixa o descanso,
A paz.
Sobre toda a folhagem
Mal se percebe o manso
Sopro da aragem.
No bosque as aves não cantam mais.
Espera o fim da viagem:
Breve
Também descansarás

Elfenlied

Um Mitternacht, wenn die Menschen erst schlafen,
Dann scheinert uns der Mond,
Dann leuchtet uns der Stern;
Wir wandeln und singen
Und tanzen erst gern.
Um Mitternacht, wenn die Menschen erst schlafen,
Auf Wiesen, an den Erlen
Wir suchen unsern Raum
Und wandeln und singen
Und tanzen einen Traum.

CANÇÃO DOS ELFOS

À meia-noite, quando os homens enfim dormem,
Então nos fulge a lua,
Então nos luz a estrela;
Vagamos, enfim, cantamos,
Jubilosos dançamos.
À meia-noite, quando os homens enfim dormem,
Pelas planícies, entre os salgueiros,
Nosso espaço buscamos,
Vagamos e cantamos
E dançamos um sonho.

Nota:

As duas pequenas obras-primas que ora publicamos revelam ao leitor que ainda o desconhece o Goethe menor, o dos pequenos poemas líricos que, como estes e o celeberrimo “Mignon”, são conhecidos de cor por povos inteiros. Note-se, nas duas canções, a extrema sobriedade, rara em outros românticos, a capacidade de criar uma situação mágica e, no original, a riqueza dos ritmos.

Ficha da publicação

TÍTULO	JOHANN WOLFGANG VON GOETHE
AUTOR	Johann Wolfgang von Goethe, 1749-1832 (Alemanha)
TEXTO ORIGINAL	“Wandrer's Nachtlid”, “Elfenlied”
TEXTO TRADUZIDO	“Noturno do viandante”, “Canção dos Elfos”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: alemão-português
IDIOMA	Alemão
QUANTIDADE	Poemas: 02
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
DATA	27 jan. 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 019. SD, n. 035. JB, n. 023. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 27 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. GOETHE. <i>In: Poesia alemã traduzida no Brasil</i> . Organização de Geir Campos. Traduções de Geir Campos <i>et al.</i> Rio de Janeiro: Serviço e Documentação, MEC, 1960. Bilíngue. 2. GOETHE. <i>In: FAUSTINO, M. Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 246-49. Edição bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69971
DESCRIÇÃO	Texto no original, tradução e nota explicativa.
NOTA	“Note-se, nas duas canções, a extrema sobriedade, rara em outros românticos, a capacidade de criar uma situação mágica e, no original, a riqueza dos ritmos”.

XIV - ANDREW MARVELL

CLASSICOS VIVOS

ANDREW MARVELL

À AMADA ESQUIVA

Dessem-nos todo o espaço e a hora.
 Não fóra crime essa esquivez, senhora.
 Sentar-nos-íamos tranqüilo*
 A figurar de modos mil os
 Nossos dias de amor. Eu com as águas
 Do Humber choraria minhas mágoas;
 Tu podias colher rubis à margem
 Do Ganges. Que eu me declarasse
 Dez anos antes do Dilúvio! Teus
 Não voltar-me-lam a face
 Até a conversão dos Judeus
 Meu amor vegetal crescendo vasto,
 Mais vasto que os impérios, e mais lento,
 Mil anos para contemplar-te a tés-a
 E os olhos levaria. Mais duzentos
 Para adorar cada peito,
 E trinta mil para o resio.
 Um século para cada parte,
 O último para o coração tomar-te:
 Pois, dama, vales tudo o que ofereço,
 Nem te amaria por mais baixo preço.

Mas ao meu dorso eu ouço o alado
 Carro do Tempo, perto, perto,
 E adiante há apenas o deserto
 Sem fim da eternidade.
 Tua Beleza murchará, mais tarde,
 Teus Irios mármores não soarão
 Com ecos do meu canto; então
 Os vermes não de pôr a prova
 Essa comprida Virgindade,
 Tua fina honra convertendo em pó
 E em cinzas meu desejo. A cova
 É ótimo e íntimo recanto. Só
 Que aos amantes não serve de alcova.

Agora, enquanto pouso a cur
 Da Juventude em ti como na flor
 O orvalho, enquanto por
 Cada poro teu a alma transouir*
 Com urgentes fogos,
 Entreguemo-nos aos jogos
 Do amor e, amantes aves de rapine
 Antes de um golpe devoremos nosso Tempo
 Que enlanguecemos em seu lento
 Queixo. Enrolemos nosso alento
 E suavidade numa só esfera.
 E rasguemos prazeres como ferar
 Pelos portões férreos da vida.
 Assim, se não sustamos nosso Sol,
 Ao menos o incitamos à corrida.

A tradução acima, de Augusto de Campos, é de "The Coy Mistress", o mais celebre poema de Andrew Marvell (1621-1681), o grande contemporâneo de Milton que, poeta para poetas, é um dos principais responsáveis, entre outros coisas pelo desenvolvimento e permanência da sátira e do humor como elementos vivos do lirismo inglês. E Marvell, sobretudo, o continuador do "cantabile" isabelino, sendo uma de suas maiores conquistas neste terreno o não menos famoso "Bermudas". Em "A Amada Esquiva" observara o leitor competente não só a riqueza do original, mantida com fidelidade na tradução, como também — o que nos interessa, a nós brasileiros de mais perto ainda — a capacidade do tradutor que, com esse e outros poemas traduzidos, se coloca entre os melhores que já tivemos. MF.

Figura 33 – ANDREW MARVELL. Tradução de Augusto de Campos.
 Nota de Mário Faustino. 14º número de "Clássicos vivos", de 17 fev. 1957.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

À AMADA ESQUIVA

Dessem-nos todo o espaço e a hora.
Não fora crime essa esquivez, senhora.
Sentar-nos-íamos tranquilo
A figurar de modos mil os
Nossos dias de amor. Eu com as águas
Do Humber choraria minhas mágoas;
Tu podias colher rubis à margem
Do Ganges. Que eu me declarasse
Dez anos antes do Dilúvio! Teus
Nãos voltar-me-iam a face
Até a conversão dos Judeus
Meu amor vegetai crescendo vasto,
Mais vasto que os impérios, e mais lento,
Mil anos para contemplar-te a testa
E os olhos levaria. Mais duzentos
Para adorar cada peito,
E trinta mil para o resto.
Um século para cada parte,
O último para o coração tomar-te;
Pois, dama, vales tudo o que ofereço,
Nem te amaria por mais baixo preço.

Mas ao meu dorso eu ouço o alado
Carro do Tempo, perto, perto,
E adiante há apenas o deserto
Sem fim da eternidade
Tua Beleza murchara, mais tarde,
Teus frios mármore não soarão
Com ecos do meu canto: então
Os vermes hão de pôr à prova
Essa comprida Virgindade.
Tua fina honra convertendo em pó
E em cinzas meu desejo. Só
Que aos amantes não serve de alcova.

Agora, enquanto pousa a cor
Da juventude em ti como na flor
O orvalho, enquanto por
Cada poro teu a alma transpira
Com urgentes fogos,
Entreguemo-nos aos jogos
Do amor e, amantes aves de rapina
Antes de um golpe devoremos nosso Tempo
Que enlanguesçamos em seu lento
Queixo. Enrolemos nosso alento
E rasguemos prazeres como feras
Pelos portões férreos da vida.
Assim, se não sustentamos nosso Sol,
Ao menos o incitamos à corrida.

Nota:

A tradução acima, de Augusto de Campos, é de “To His Coy Mistress”, o mais célebre poema de Andrew Marvell (1621-1678), o grande contemporâneo de Milton que, poeta para poetas, é um dos principais responsáveis, entre outras coisas, pelo desenvolvimento e permanência da sátira e do humor como elementos vivos do lirismo inglês. É Marvell, sobretudo, o continuador do “cantábile” isabelino, sendo uma de suas maiores conquistas nesse terreno o não menos famoso “Bermudas”. Em “À Amada Esquiva” observara o leitor competente não só a riqueza do original, mantida com fidelidade na tradução, como também — o que nos interessa, a nós brasileiros de mais perto ainda — a capacidade do tradutor que com esse e outros poemas traduzidos, se coloca entre os melhores que já tivemos. MF.

Ficha da publicação

TÍTULO	ANDREW MARVELL
AUTOR	Andrew Marvell, 1621-1678 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	“À amada esquiva”
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
DATA	17 fev. 1957
SEÇÃO	Clássicos vivos
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 022. SD, n. 038. JB, n. 041. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 17 fev. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[?]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70711
DESCRIÇÃO	Publicação com título de nome do poeta (caixa alta e negrito), tradução de Augusto de Campos, e nota de Mário Faustino.
NOTA	“Em ‘A Amada Esquiva’ observara o leitor competente não só a riqueza do original, mantida com fidelidade na tradução, como também – o que nos interessa, a nós brasileiros de mais perto ainda – a capacidade do tradutor que com esse e outros poemas traduzidos, se coloca entre os melhores que já tivemos”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa de Mário Faustino com referência à tradução de Augusto de Campos.

XV – HOMERO

CLASSICOS VIVOS

HOMERO: ILÍADA

Uma tradução pode constituir monumento de uma língua, muita vez mais importante para o desenvolvimento desta que as criações originais. Caso, por exemplo, da Bíblia de Lutero, em alemão, das "Metamorfoses" de Ovidio (Golding) e dos Rubayat de Khayyam (Finggerid) em inglês e, em português, do "D. Quixote" de Castilho. Temo no Brasil um caso recente: o sr. Carlos Alberto Nunes publicou, há anos, em São Paulo (Ed. Athena) versões portuguesas da "Ilíada" e da "Odisséia" de Homero que são genuínas obras-primas de nossa língua, um marco respeitável no progresso de nossa linguagem poética. Pena é que há muito ambas as edições estejam esgotadas: ouvimos falar, há tempos, de uma próxima reedição, que ainda não se verificou. Traduções fidedéssimas (comparamos numerosos trechos com versões "clássicas" inglesas e francesas) compostas diretamente do grego e de acordo com o metro original. E, sobretudo, uma verdadeira recriação dos poemas homéricos em nossa língua. O sr. Carlos Alberto Nunes é também tradutor de Goethe, de Shakespeare (Obras Completas, Ed. Melhoramentos) e de outros; um dos maiores contribuintes da cultura brasileira. Damos adiante alguns trechos de sua "Ilíada", reservando a "Odisséia" para outra seção.

Do mesmo modo que enxame copioso de abelhas prorrompem Do coo da pedra, zumbindo, a que bandos, sem pausa, se seguem, E umas, pendentes em cachos, à volta se ficam das flores Primavera, enquanto outras variados caminhos percorrem: Dessa maneira afilaram das tendas e naves almiradas Guerreiros sem conta

★

Tal como fogo voraz que se aleia em floresta densíssima Pelas cumeadas de um monte, espalhando o fulgor a distância: Do mesmo modo pelo éter o Céu alcançava. Das armaduras lindíssimas que à marcha ainda mais esplendiam.

..... os cavalos esportia, que partem velozes, Pelo caminho que fica entre a terra e o Céu vasto estreado. Quanto consegue com a vista alcançar, no horizonte, indivíduo Que, de alta penha, procure guardar o amplo mar côr de vinho Tánio, de um salto, os cavalos dos deuses, nitrido, avançaram.

★

(Despedida de Heitor:)

Disse, e estendeu para o filho as mãos ambas, visando abraço-o Mas teve medo a criança do aspecto do pai; e, a gritar, No seio da ama acolheu-se, de bela cintura. Estranhou O insuportado fulgor do elmo sêneo de grande cimeira. Pelo palharão e oscilante penacho de crina encimado. O pai te a mãe veneranda, a um só tempo, sorriram, de gozo. O reluzente elmo, então, da cabeça o guerreiro tirou. Pondo-o, cuidadoso, depois, ao seu lado, na terra fecunda. E, logo, o filho nos braços tomajdo, depois de o beijar, A Zeus e a todos os deuses eternos supplica, fervente.

★

De um lado inclina a cabeça b ferido, tal como a papoula Na Primavera, ao ventar, sob o péso das novas sementes.

★

..... Das lanças jogadas por mãos vigorosas. Umas, com força atiradas, no escudo gigante se encaavam; Muitas, bem antes de a branca epiderme atingir-lhe, caíam No chão, frustâneas, sedentas, debalde, de sangue inimigo.

..... rachuram-se os ossos
Todos do crânio de Epicles, que do alto da torre baixou
Como em mergulho.

★

Os funerais êstes foram de Heitor, domador de cavalos.
(último verso da "Ilíada")

PEDRAS DE TOQUE

Stand close around, ye Snyglan set
With Dirce in one bark convey'd,
Or Charon seeing, may forget
That he is old, and she a shade . . .

(Chega-te perto, cenário estigio, com Dirce oculta
numa barca, sendo Caronte, ao vê-la, poderá esquecer
ser ele um velho e ela uma sombra).

Walter Savage LANDOR

Figura 34 – HOMERO: ILÍADA. Tradução de Carlos Alberto Nunes.
Nota de Mário Faustino. 15º número de "Clássicos vivos", de 17 mar. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Homero: *Ilíada*

Uma tradução pode constituir monumento de uma língua, muita vez mais importante para o desenvolvimento desta que as criações originais. Caso, por exemplo, da Bíblia de Lutero, em alemão, das “Metamorfoses” de Ovídeo (Golding) e dos Rubáiyát de Khayyám (Fitzgerald) em inglês e, em português, do “D. Quixote” de Castilho. Temos no Brasil um caso recente: o Sr. Carlos Alberto Nunes publicou, há anos, em São Paulo (Ed. Athena) versões portuguesas da “*Ilíada*” e da “*Odisseia*” de Homero que são genuínas obras-primas de nossa língua, um marco respeitável no progresso da nossa linguagem poética. Pena que há muito ambas as edições estejam esgotadas: ouvimos falar, há tempos, de uma próxima reedição, que ainda não se verificou. Traduções fidelíssimas (comparamos numerosos trechos com versões “clássicas” inglesas e francesas) compostas diretamente do grego e de acordo com o metro original. E, sobretudo, uma verdadeira recriação dos poemas homéricos em nossa língua. O sr. Carlos Alberto Nunes é também tradutor de Goethe, de Shakespeare (Obras completas, Ed. Melhoramentos) e de outros: um dos maiores contribuintes da cultura brasileira. Damos adiante alguns trechos de sua “*Ilíada*”, reservando a “*Odisseia*” para outra seleção.

Do mesmo modo que enxame copioso de abelhas prorrompem
Do oco da pedra, zumbindo, a que bandos, sem pausa, s seguem,
E umas, pendentes em cachos, à volta se ficam das flores
Primaveras, enquanto outras variados caminhos percorrem:
Dessa maneira afluíram das tendas e naves simétricas
Guerreiros sem conta.

Tal como fogo voraz que se ateia em floresta densíssima
Pelas cumeadas de um monte, espelhando o fulgor a distância:
Do mesmo modo pelo éter o brilho até o Céu alcançava.
Das armaduras infindas que à marcha ainda mais esplendiam.

... os cavalos esperta, que partem velozes,
Pelo caminho que fica entre a terra e o Céu vasto estrelado.
Quanto consegue com a vista alcançar, no horizonte, indivíduo
Que, de alta penha, procure guardar o amplo mar cor de vinho
Tanto, de um salto, os cavalos dos deuses, nitrindo, avançaram.

(Despedida de Heitor)

Disse, e estendeu para o filho as mãos ambas, visando abraçá-lo
 Mas teve medo a criança do aspecto do pai; e, a gritar,
 No seio da ama acolheu-se, de bela cintura. Estranhara
 O inusitado fulgor do elmo aéneo de grande cimeira
 Pelo galhardo e oscilante penacho de crina encimado.
 O pai e a mãe veneranda, a um só tempo, sorriam, de gozo.
 O refulgente elmo, então, da cabeça o guerreiro tirou,
 Pondo-o cuidadoso, depois, ao seu lado, na terra fecunda,
 E, logo, o filho nos braços tomando, depois de o beijar,
 A Zeus e a todos os deuses eternos suplica, fervente.

De um lado inclina a cabeça o ferido, tal como a papoula
 Na Primavera, ao ventar, sob o peso das novas sementes.

... Das lanças jogadas por mãos vigorosas.
 Umas, com força atiradas, no escudo gigante se encravam;
 Muitas, bem antes de a branca epiderme atingir-lhes, caíram
 No chão, frustâncas, sedentas, debalde, de sangue inimigo.

... racharam-se os ossos
 Todos do crânio de Epicles, que do alto da torre baixou
 Como um mergulho.

Os funerais esses foram de Heitor, domador de cavalos.
 (último verso da “Ilíada”)

Ficha da publicação

TÍTULO	HOMERO: <i>ILÍADA</i>
AUTOR	Homero (Grécia Antiga)
TEXTO ORIGINAL	Ilíada (trechos)
TEXTO TRADUZIDO	Ilíada (trechos)
TRADUTOR	Carlos Alberto Nunes
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Grego
QUANTIDADE	Fragmentos poéticos: 07
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
DATA	17 mar. 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 026. SD, n. 042. JB, n. 063. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 17 mar. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[?]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71585
DESCRIÇÃO	Introdução crítica, tradução de pequena antologia.
NOTA	Comentário sobre a tradução: “Uma tradução pode constituir monumento de uma língua, muita vez mais importante para o desenvolvimento desta que as criações originais”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa de Mário Faustino com referência à tradução de Carlos Alberto Nunes.

XVI – GIRAUT DE BORNELH

POESIA - EXPERIENCIA Mário Faústino — 5 —

CLASSICOS VIVOS

GIRAUT DE BORNELH

Reis glorios

*Reis glorios, verats lums e claratz.
Deus poderos, senhor, si a vos platz,
al meu companh statz fizeis ajuda,
qu'en non lo vi, pois la noitz fon venguda;
et ades sera l'alba.*

*Bel companho, si dormetz o vellatz?
non dormatz plus, suau vos ressidatz,
qu'en orien vei l'estela creguda
qu'amena. l torn, qu'eu l'ai ben coneguda;
et ades sera l'alba.*

*Bel companho, en chantan vos apel:
non dormatz plus, qu'en aug cantar
[Vauzel.
que vai queren lo torn per lo boscatge;
et al paor que: l gilos vos assatge;
et ades sera l'alba.*

*Bel companho, issetz al fenestrel
et regardatz las ensenhas del cel:
conoisseretz si us soi fizeis messatge.
Si non o faitz, vostres n'er lo danpnatge;
et ades sera l'alba.*

*Bel companho, pos me parti de vos,
cu no m dormi ni m moc de goielhos,
anc preguet Dieu, lo filh Santa Maria,
que us ni reides per leial companhia;
et ades sera l'alba.*

*Bel companho, la foras als peiros
ni preiavals qu'eu no fos dormilhos,
enans veilles tota noit tro al dia:
ara no us platz mos chans ni ma paria;
et ades sera l'alba.*

*Bel dos companh, tan sol eu ric solorn
qu'eu no volgra mais fos alba ni torn,
car la gensor que anc nasques de maire,
fenc e abras, per qu'eu non prezí gaire
lo fol gelos ni l'alba.*

(Rei glorioso, luz verdadeira e claridade. Deus poderoso, Senhor, se bem quiseres, dá ajuda fiel a meu companheiro: que não o vi desde que veio a noite — e logo é madrugada.

Bel companheiro, dormes ou velas? Não durmas mais, acorda suavemente: veio erguer-se no oriente o astro que traz o dia: eu bem o reconheço — e logo é madrugada.

Bel companheiro, chamo-te cantando: não durmas mais, que ouço cantar o passaro que vai buscando o dia pelo bosque: e tomo que te alcance o ciumento — e logo é madrugada.

Bel companheiro, sai à janela, olha as bandeiras pelo céu: verás se não te dou fiel mensagem: se não o fazes, tu mesmo perderás — e logo é madrugada.

Bel companheiro, desde que me parti de ti, nem dormi nem me ergui de meus joelhos: orei a Deus, fi de Santa Maria, que te trouxesse de volta a mim, por tua companhia — e logo é madrugada.

Bel companheiro, sobre os degraus do pórtico, pediste que eu não dormisse, que velasse a noite inteira até o dia: agora não te agrada nem meu canto nem minha companhia — e logo é madrugada.

Belo e doce companheiro, eis-me em tão rica moradia que não quero que venha madrugada nem dia: pois o melhor jamais de mãe nascido tenho nos braços: e assim pouco me importam o louco ciumento — e a madrugada.)

Giraut de Bornelh (1150?-1220?), um dos máximos da poesia provençal, uma das máximas da poesia-canção. "Reis glorios" é fonte de toda poesia galaico-portuguesa, e do romanceiro espanhol, e dos cantores da língua de "oil" e o Meistersinger e Minnersinger, e dos isabelinos ingleses (ex. "Romeu e Julieta"), e dos cantores italianos, de Cavalcanti e Dante e Petrarca, de V. der Vogelweide, e de Goethe e de Schiller... O "poeta novo" leia isto em voz alta (a fonética é quase igual à portuguesa, com qualquer coisa do italiano e do francês; lembrar que a maioria das palavras, como em francês, se acentuam na última sílaba) e veja o que é música de verdade em poesia.

Figura 35 – GIRAUT DE BORNELH. Tradução e nota de Mário Faústino.

16º número de "Clássicos vivos", de 05 maio. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Reis glorios

Reis glorios, verais lums e clartatz,
 Deus poderos, Senher, si a vos platz,
 Al meu companh siatz fizels ajuda!
 Qu'eu non lo vi, pos la nochs fo venguda,
 et ades sera l'alba.

Bel companho, si dormetz o velhatz,
 No dormatz plus, suau vos ressidatz!
 Qu'en orien vei l'estela creguda
 C'amena.l jorn, qu'eu l'ai be conoguda,
 et ades sera l'alba.

Bel companho, en chantan vos apel!
 No dormatz plus, qu'eu auch cantar l'auzel
 Que vai queren lo jorn per lo boschatge
 Et ai paor que.l gilos vos assatge
 et ades sera l'alba

Bel companho, issetz al fenestrel
 E regardatz las estelas del cel
 Conoisseretz si.us sui fizels messatge!
 Si non o faitz, vostres n'er lo damnatge
 et ades sera l'alba

Bel companho, pos me parti de vos,
 Eu no.m dormi ni.m moc de genolhos,
 Ans preiei Deu, lo filh Santa Maria,
 Que.us me rendes per leial companhia,
 et ades sera l'alba

Bel companho, la foras als peiros
 Me preiavatz qu'eu no fos dormilhos,
 Enans velhes tota noch tro al dia.
 Era no.us platz mos chans ni ma paria
 et ades sera l'alba

Bel dous companh, tan sui en ric sojorn
 Qu'eu no volgra mais fos l'alba ni jorn,
 Car la gensor que anc nasques de maire
 Tenc et abras, per qu'eu non prezi gaire
 lo fol gilos ni l'alba.

(Rei glorioso, luz verdadeira e claridade. Deus poderoso, Senhor, se bem quiserdes, dá ajuda fiel a meu companheiro: que não o vi desde que veio a noite — e logo e madrugada.

Bel companheiro, dormes ou velas? Não durmas mais, acorda suavemente: vejo erguer-se no oriente o astro que traz o dia: eu bem o reconheço — e logo é madrugada.

Bel companheiro, chamo-te cantando: não durmas mais, que ouço cantar o pássaro que vai buscando o dia pelo bosque: e temo que te alcance o ciumento — e logo é madrugada.

Bel companheiro, sai à janela, olha as bandeiras pelo céu: verás se não te dou fiel mensagem: se não o fazes, tu mesmo perderás — e logo é madrugada.

Bel companheiro, desde que me parti de ti, nem dormi nem me ergui de meus joelhos: orei a Deus, fi de Santa Maria, que te trouxesse de volta a mim, por leal companhia — e logo é madrugada.

Bel companheiro, sobre os degraus do pórtico, pediste que eu não dormisse, que velasse a noite inteira até o dia: agora não te agrada nem meu canto nem minha companhia — e logo é madrugada.

Belo e doce companheiro, eis-me em tão rica moradia que não quero que venha madrugada nem dia: pois o melhor jamais de mãe nascido tenho nos braços: e assim pouco me importam o louco ciumento — e a madrugada.)

Nota:

Giraut de Bornelh (1150?-1220?), um dos máximos da poesia provençal, umas máximas da poesia-canção. “Reis glorios” é fonte de toda poesia galaico-portuguesa, e do romanceiro espanhol, e dos cantores da língua de “Oïl” e da Meistersinger e Mennersinger, e dos isabelinos ingleses (re. “Romeu e Julieta”), e dos cantores decanos, de Cavalcanti e Dante e Petrarca, de Walther von der Vogelweide, e de Goethe e de Schiller... Que o “poeta novo” leia isto em voz alta (a fonética é quase literal à portuguesa, com qualquer coisa do italiano e do francês; lembrar que a maioria das palavras, como em francês, se acentuam na última sílaba) e veja o que é a música de verdade em poesia.

Ficha da publicação

TÍTULO	GIRAUT DE BORNELH
AUTOR	Giraut de Bornelh, 1138-1215 (poeta provençal)
TEXTO ORIGINAL	“Reis glorios”
TEXTO TRADUZIDO	Sem título.
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: provençal-português
IDIOMA	Provençal
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa
DATA	05 maio 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 033. SD, n. 049. JB, n. 103. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 5 maio. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	GIRAUT DE BORNELH. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 218-19. Edição bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73513
DESCRIÇÃO	Título, poema no original, tradução e nota.
NOTA	“Que o ‘poeta novo’ leia isto em voz alta (a fonética é quase literal à portuguesa, com qualquer coisa do italiano e do francês; lembrar que a maior das palavras, como em francês, se acentuam na última sílaba) e veja o que é a música de verdade em poesia”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa sobre o poema e indicações de como ler o provençal.

XVII – ÉTIENNE JODELLE

ETIENNE JODELLE

LES CHŒURS DE CLAUDE COLET

*Si ma voix, qui me doit bien tost pousser au nombre
Des Immortels, pouvoit aller jusqu'à ton ombre,
COLET, à qui la mort
Se montre trop jalouse & dépite d'attendre
Que tu eusses parfait ce qui te peut défendre
De son aigre port:*

*Si tu pouvois encor sous la cadence suinte
D'un Lait, qui gémiroit & ta mort, & ma plainte,
Tout ainsi te verser,
Que tu te ravissois dessous tant de merveilles
Lors que durant tes jours te jaissois tes oreilles
Sous mes loix s'assurer:*

*Qu'jerois escouler à la troupe sacrée
Des Muses bien heureuses, qui seule se recree
Entre les lauriers verts,
Les mots que maintenant deusit en mon office
Je redtray neuf fois, pour l'heureux sacrifice,
Qui te dotent mes vers.*

*Mais pource que ma voix, aduersaire aux tenebres,
Ne pourroit pas passer par les fleuves funebres,
Qui de bras fertiles
Vous serrent à l'entour, & dont, peut estre, l'onde
Pourroit souiller mes vers, qui dedans nostre monde
Ne seront point souillez:*

*Il me faut contenter, pour mon deuoir te rendre,
De tesmoigner tout bas & ta muette cendre,
Bien que ce soit en vain,
Que ceste horrible Soeur qui a tranché ta vie,
Ne trancha point alors l'amitié qui me lie,
Où rien ne peut sa main.*

*Que les Jardes amis, dont l'amitié chancelle
Sous le vouloir du fort, eussent un JODELLE,
Obstiné pour vanger
Toute amitié rompue, amoindrie, & volage,
Autant qu'il est ami des bons amis, que l'age
Ne peut jamais changer.*

*Sois moy donc un tesmoin, ô toy Tambe poudreuse,
Sois moy donc un tesmoin, ô toy Fosse cendreuse,
Qui l'anoblis des os
Dont pourris en toy, sois tesmoin que l'arrache
Maugré l'injuste mort ce beau nom, qui se cache
Dedans ta poudre enclos.*

*Vous qui m'accompagnez, ô trois fois trois pucelles,
Qu'on donne à ce beau nome les ailes immortelles,
de ce lieu,
Pour voler que tient vostre mere Memoire,
Jusqu'à l'antel que tient la mort la victoire,
Qui resignent sans fin sus la mort la victoire,
D'un homme fut un Dieu.*

*Pour accomplir mon vœu, de voir trois fois vestir
Trois poutres de ce bois dans la sèche cendre,
Et tout autant de stu,
Tien, reçois le cyprès, l'amaranthe, & la rose,
O Cendre bien heureuse, & mollement repose
Icy jusqu'à la fin.*

AS CHŒURS DE CLAUDE COLET

Se minha voz, que em breve há de reunir-se ao número dos Immortels, pudesse chegar à tua sombra, COLET, com quem a morte se mostrou tão ciumenta, desdenhando esperar que terminasses aquilo que poderia defender-te da sua agridão pórto:

Se pudesses ainda, no sagrado compasso do alambique, que gerou tua morte e meu pranto, destimbrar-te agora, como te arrebatouas outrora, com tantas maravilhas, quando, durante teus dias, eu fazia tão facilmente de teus ouvidos meus súditos:

Então farias com que o tropel sagrado dos Muses bem-aventurados, que solitário se rejubila entre os loureiros verdes, ouvisse as palavras que agora, deusito em meu officio, vêzes nove repetir, para o feliz sacrificio que meus versos te devem.

Mas já que minha voz, aduersária das trevas, não poderia passar os rios funebres, que te estreitam em seus braços ferrosos, e como suas ondas talvez pudessem manchar meus versos, que neste nosso mundo nunca serão manchados:

Tenho de contentar-me, ao cumprir meu dever para contigo, em testemunhar em voz baixa a tua cinza muda, ainda que seja em vão, que essa horrível irmã que te cortou a vida não cortou a amizade que nos liga, e contra a qual nada pode sua mão.

Que esses amigos mascarados, cujo amizade cambaleia à vontade do forte, eitem um JODELLE, obtinido em singular tão amizade rompida, diminuída e volúvel, tanto quanto éle é amigo dos bons amigos, que as eras nunca podem transformar.

Sê pois meu testemunho, oh Tamulo poeirento, sê pois meu testemunho, oh Fossa cinzenta, que te enobreces com os ossos já em ti apodrecidos, sê testemunho de que de nós arranco, malgrado a injusta morte, este formoso nome que se oculta em vosso pó.

Vós que me acompanhais, oh três vêzes três donzelas, dai asas imortais a este belo nome, para que possa soar deste lugar até o altar de vossa mãe Memória que, reconquistando sem fim a vitória sobre a morte, sabe fazer de um homem um Deus.

Para cumprir meu voto, três vêzes derramarei três gotas de leite sobre a cinza seca, e três gotas de vinho. Toma, recebe o cipreste, o amaranto e a rosa, oh Cinza abençoada, e aqui repousa, suavemente, até o fim.

Esta elegia de Jodelle (1532-1573) a seu amigo Claude Colet, também poeta, autor da bela "Oraison de Mars aux Dames de la Cour", escrita por volta de 1541 e um dos maiores poemas da lingua francesa. Note-se nêle o ritmo pausado monotono e funebre. o jogo de números (nove estrofas, nove missas, três gotas de leite, três gotas de vinho, jogadas três vêzes...), as belas expressões que os bons tradutores tentem colocar essa obra-prima em bom verso português.

Figura 36 – ÉTIENNE JODELLE. Tradução e nota de Mário Faustino.
17º número de "Clássicos vivos", de 16 jun. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

AUX CENDRES DE CLAUDE COLET⁶³

Si ma voix, qui me doit bien tost pousser au nombre
 Des Immortels, pouvoit aller jusqu'à ton ombre,
 COLET, à qui la mort
 Se monstra trop ialouse et dépite d'attendre
 Que tu eusses parfait ce qui te peut deffendre
 De son avare port:
 Si tu pouvois encor sous la cadence sainte
 D'un Lut, qui gemiroit et ta mort, et ma plainte,
 Tout ainsi te ravir.
 Que tu ravissois dessous tant de merveilles,
 Lors que durant tes jours je faisais tes oreilles
 Sous mes lois s'asservir:
 Tu ferois escouter à la troupe sacrée
 Des mânes bien heureux, qui seule se recrée
 Entre les lauriers verds,
 Les mots que maintenant, dévot en mon office,
 Je rediroy neuf fois, pour l'heureux sacrifice
 Que te doivent mes vers.
 Mais pour ce que ma voix, adversaire aux ténèbres,

Ne pourroit pas passer par les fleuves funèbres,
 Qui de bras tortillez
 Vous serrent à l'entour, et dont, peut estre, l'onde
 Pourroit souiller mes vers, qui dedans nostre monde
 Ne seront point souillez:
 Il me faut contenter, pour mon devoir te rendre,
 De tesmoigner tout bas à ta muette cendre
 Bien que ce soit en vain
 Que ceste horrible Sœur qui a tranché ta vie,
 Ne tranche point alors l'amitié qui me lie,
 Où rien ne peut sa main.
 Que les fardez amis, dont l'amitié chancelle,
 Sous le vouloir du sort, évitent un Jodelle,
 Obstiné pour vanger
 Toute amitié rompue, amoindrie et volage,
 Autant qu'il est ami des bons amis que l'âge
 Ne peut jamais changer.

⁶³ Para o estabelecimento da versão do poema, forma consultados as obras: *The Oxford Book of Franch Verse* (1908), editado por John Lucas, pp. 99-101, e a *Les poètes de la Pléiade*, s/d, pp. 185-187. Na transcrição, mantivemos a configuração espacial do poema reproduzido por Mário Faustino, substituindo apenas algumas vogais “u” por “v” e o símbolo “&” por “et”, empregadas em versões de referência da poesia de Étienne Jordelle.

Sois moy donc un tesmoin, ô toy Tumble poudreuse,
Sois moy donc un tesmoin, ô toy fosse cendreuse.
Qui t'anoblis des os:
Desja pourris en toy, sois tesmoin que j'arrache
Maugré l'injuste mort ce beau nom qui se cache
Dedans sa poudre enclos.
Vous qui m'accompagnez, ô trois trois fois pucelles,
Qu'on donne à ce beau nom des ailes immortelles,
Pour voler de ce lieu,
Jusqu'à l'autel que tient vostre mère Mémoire,
Qui regaignant sans fin sur la mort la victoire,
D'un homme fait un Dieu.
Pour accomplir mon vœu, je vois trois fois espandre
Trois gouttes de ce laict dessus la seiche cendre,
Et tout autant de vin,
Tien, recoy le cyprès, l'amaranthe, et la rose,
O Cendre bien heureuse, et mollement repose
Icy jusqu'à la fin.

AS CINZAS DE CLAUDE COLET

Se minha voz, que em breve há de reunir-se ao número dos Imortais, pudesse chegar a tua sombra, COLET, com quem a morte se mostrou tão ciumenta, desdenhando esperar que terminasses aquilo que poderia defender-se de seu avaro porto:

Se pudesses ainda, a sagrado compasso do alaúde, que geme tua morte e meu pranto, deslumbrar-te agora, como te arrebatavas, com tantas maravilhas, quando, durante teus dias, eu fazia tão facilmente de teus ou vidos meus súditos:

Então farias com que o tropel sagrado dos Manes bem-aventurados, que solitário se rejubila entre os loureiros verdes, ouvisse as palavras que agora, devoto em meu ofício, vezes nove repetirei, para o feliz sacrifício que meus versos te devem.

Mas já que minha voz, adversária das trevas, não poderia passar os rios fúnebres, que te estreitam em seus braços tortuosos, e como suas ondas talvez pudessem manchar meus versos, que neste nosso mundo nunca serão manchados:

Tenho de contentar-me, ao cumprir meu dever para contigo, em testemunhar em voz baixa a tua cinza muda, ainda que seja em vão, que essa horrível Irmã que te cortou a vida não cortou a amizade que nos liga, e contra a qual nada pode sua mão.

Que esses amigos mascarados, cuja amizade cambaleia à vontade do forte, evitem, um JODELLE, obstinado em vingar toda amizade rompida, diminuída e volúvel, tanto quanto ele é amigo dos bons amigos, que as eras nunca podem transformar.

Se pois meu testemunho, oh Túmulo poeirento, se pois meu testemunho, oh Cova cinzenta, que te enobreces com os ossos já em ti apodrecidos, se testemunho de que te vós arranco, malgrado a injusta morte, este formoso nome que se oculta em vosso pó.

Vós que me acompanhais, oh três vezes três donzelas, dai asas imortais a este belo nome, para que possa voar deste lugar até o altar de vossa mãe Memória que, reconquistando sem fim a vitória sobre a morte, sabe fazer de um homem um Deus.

Para cumprir meu voto, três vezes derramarei três gotas de leite sobre a cinza seca, e três gotas de vinho. Toma, recebe o cipreste, o amaranto e a rosa, oh Cinza abençoada, e aqui repousa, suavemente, até o fim.

Nota:

Esta elegia de Jodelle (1532-1573) a seu amigo Claude Colet, também poeta, autor da bela “Oraison de Mars aux Dames de la Cour”, escrita por volta de 1548, é dos maiores poemas da língua francesa. Note-se nele o ritmo pausado monótono e fúnebre, o jogo de números (nove estrofes, nove musas, três gostas de leite / três gotas de vinho, jogadas três vezes...), as belas expressões. Que os bons tradutores tentem colocar essa obra-prima em bom verso português.

Ficha da publicação

TÍTULO	ÉTIENNE JODELLE
AUTOR	Étienne Jodelle, 1532-1573 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Aux cendres de Claude Colet”
TEXTO TRADUZIDO	“As cinzas de Claude Colet”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa
DATA	16 jun 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 039. SD, n. 055. JB, n. 139. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	ÉTIENNE JODELLE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 234-37. Edição bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75115
DESCRIÇÃO	Poema no original, tradução e nota.
NOTA	“Note-se nele o ritmo pausado monótono e fúnebre, o jogo de números (nove estrofes, nove musas, três gostas de leite / três gotas de vinho, jogadas três vezes...), as belas expressões. Que os bons tradutores tentem colocar essa obra-prima em bom verso português”.
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa com observações sobre o poema.

XVIII – LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE

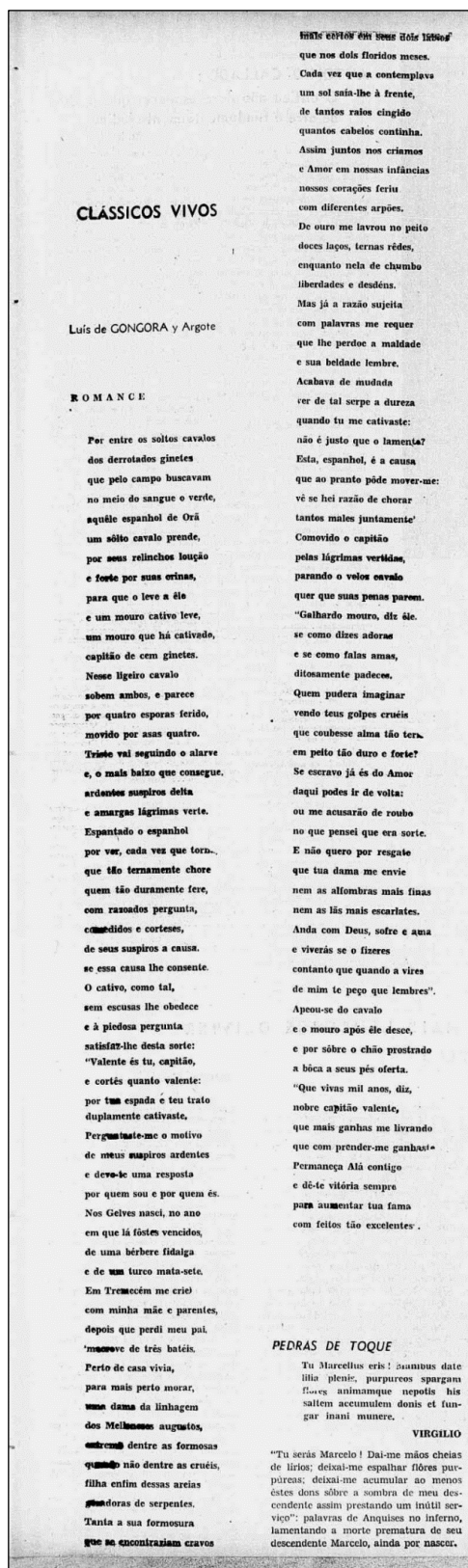


Figura 37 – LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE. Tradução de Mário Faustino.

18º número de "Clássicos vivos", de 7 jul. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

ROMANCE

Por entre os soltos cavalos
dos derrotados ginetes
que pelo campo buscavam
no meio de sangue o verde,
aquele espanhol de Orã
um solto cavalo prende,
por seus relinchos loução
e forte por suas crinas,
para que o leve a ele
e um mouro cativo leve,
um mouro que há cativado,
capitão de cem ginetes.
Nesse ligeiro cavalo
sobem ambos, e parece
por quatro esporas ferido,
movido por asas quatro.
Triste vai seguindo o alarve
e, o mais baixo que consegue,
ardentes suspiros deita
e amargas lágrimas vertes.
Espantado o espanhol
por ver, cada vez que torne
que tão ternamente chore
que tão duramente fere,
com razoados pergunta,
comedidos e corteses,
de seus suspiros a causa,
se essa causa lhe consente.
O cativo, como tal,
sem escusas lhe obedece
e à piedosa pergunta
satisfaz-lhe desta sorte:
“Valente és tu, capitão,
e cortês quanto valente:
por tua espada e teu trato
duplamente cativaste,
Perguntaste-me o motivo
de meus suspiros ardentes
e devo-te uma resposta
por quem sou e por quem és.
Nos Gelves nasci, no ano
em que lá fostes vencidos,
de uma bérbere fildalga
e de um turco mata-sete.
Em Tremecém me criei
com minha mãe e parentes,

depois que perdi meu pai,
'maowve de três batéis.
Perto de casa vivia,
para mais perto morar,
uma dama da linhagem
dos Melioneses augustos,
extremo dentre as formosas
quando não dentre as cruéis,
filha enfim dessas areias
criadoras de serpentes.
Tanta a sua formosura
que se encontrariam cravos
mais certos em seus dois lábios
que nos dois floridos meses.
Cada vez que a contemplava
um sol saía-lhe à frente,
de tantos raios cingido
quantos cabelos continha.
Assim juntos nos criamos
e Amor em nossas infâncias
nossos corações feriu
com diferentes arpões.
De ouro me lavrou no peito
doces laços, ternas redes,
enquanto nela de chumbo
liberdades e desdêns.
Mas já a razão sujeita
com palavras me requer
que lhe perdoe a maldade
e sua beldade lembre.
Acabava de mudada
ver de tal serpe a dureza
quando tu me cativaste:
não é justo que o lamenta?
Esta, espanhol, é a causa
que ao pranto pôde mover-se;
vê se hei razão de chorar
tantos males juntamente”
Comovido o capitão
pelas lágrimas vertidas,
parando o veloz cavalo
quer que suas penas parem.
“Galhardo mouro, diz ele.
se como dizes adoras
e se como falas amas,
ditosamente padeces.

Ficha da publicação

TÍTULO	LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE
SUBTÍTULO	Romance [gênero poético]
AUTOR	Luis de Góngora y Argote, 1561-1627 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	Entre los sueltos caballos
TEXTO TRADUZIDO	Por entre os soltos cavalos
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 01 poema, com 120 versos
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
DATA	07 jul. 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 042. SD, n. 058. JB, n. 155. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 07 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75975
DESCRIÇÃO	Publicação monolíngue do poema romance “Entre los sueltos caballos” de Góngora, sem notas de explicação.
OBSERVAÇÕES	Mário Faustino publicou uma das versões do poema, a que contém uma quantidade maior de versos. A versão mais conhecida do poema contém 72 versos.

XIX - PLATÃO

CLASSICOS VIVOS

PLATÃO

A "Antologia Grega" — um dos pontos de partida da poesia do Ocidente — contém uns trinta epigramas atribuídos ao filósofo Platão (429-337 A. C.), cuja prosa e cuja filosofia sempre foram reconhecidamente "poéticas". Desses epigramas — fúnebres, voltros, amorosos — a maioria é considerada apócrifa. Knaak e Wilamowitz consideram várias peças como autenticamente platônicas, especialmente algumas que se referem a discípulos e contemporâneos. Os que publicamos a seguir são os mais famosos, estando tradutores diversos em todas as línguas. Platônicos ou não, estão entre os mais belos da "Antologia". Conhecendo de grupo apenas o bastante para ler em voz alta (mal), baseamos as nossas na versão em prosa, literal, de Maurice Rat, e na de Emile Chambry, igualmente em prosa e literal. Consultamos também as traduções, em verso, de Shelley, Gladstone, F. E. Garrett e Charles Merivale (reunidas em "The Greek Poets", antologia de Moses Hadas) e nas interessantes parafrases de Dudley Fitts em "Poems from the Greek Anthology". A fidelidade de nossas versões estará garantida: esperamos que guardem um pouco da poesia do original, de nós desconhecido.

LAIS DEDICA SEU ESPELHO
A AFRODITE

*Eu Laís cujo riso soberbo ombros de
[toda e Grécia
E cujas antecâmara transbordavam de
[amantes jovens,
Dedico este espelho à deusa de Pafo:*

*Porque não quero ser-me como sou,
Porque não posso ser-me como fui.*

EPITAFIO DE EXILADOS
ERETRIANOS SEPULTOS
EM ECBATANA

*Tendo há muito deixado as mares
[mugidoras do Egeu,
Eis-nos deixados
No meio da planície de Ecbátana.
Adeus Eretria pátria, outrora gloriosa!
Adeus Atenas, próxima de Eubéia!
... e adeus, amado mar!*

A SEU AMIGO DION, TIRANO
DE SIRACUSA

*Foram lágrimas e que as Noivas fariam
[para Hécuba
E para as mulheres de Tróia, desde seu
[nascimento.
Mas sobre ti, Dion, que pudeste dar
[graças aos céus em teu triunfo,
Haviam os deuses derramado láda a sua
[esperança.
Eis-te agora deixado em tua terra imensa,
[honrado por seus homens —
Ó Dion por quem um dia
Meu coração entouqueceu de amor.*

PARA ASTER, SEU DISCÍPULO

*Tu contempas os astros, meu Aster.
Fosse eu o céu e dono de mil olhos
Com que mirar-te!*

PARA O MESMO ASTER

*Passa entre os raios a câmbria da manhã,
Aster, que hoje defanto és o astro da
[noite
Brilhando sobre os mortos.*

Nota:

Shelley traduz assim este último epigrama:

*Thou wert the morning star among
[the living,
Ere thy fair light had fled:
Now, having died, thou art as
[Hesperus, giving
New splendour to the dead.*

*[Entre os vivos tu joite a câmbria da
[manhã,
Antes de haver jugado a tua luz:
[formosa.
Defunto, agora, és como Hespero,
[emprestando
Aos mortos novo esplendor.]*

Como vê o leitor, é um romântico traduzindo um clássico: soma-se mistério e subtrai-se exatidão. Embora sua tradução seja uma obra-prima (lembramos aos leitores que a mesma já apareceu numa "pedra-de-toque" desta página), a Shelley, não mencionando o nome de Aster, escapa o encantador trocadilho do original, que podia ser mantido em inglês: *Aster — Star*.

Figura 38 – Apresentação, tradução e nota de Mário Faustino.
19º número de "Clássicos vivos", de 28 jul. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

A “Antologia Grega” – um dos pontos de partida da poesia do Ocidente – contém uns trinta epigramas atribuídos ao filósofo Platão (429-337 a. C), cuja prosa e cuja filosofia sempre foram reconhecidamente “poéticas”. Dessas epigramas – funerários, votivos, amorosos – a maioria é considerada apócrifa. Knaak e Willamowitz consideram várias peças como autenticamente platônicas, especialmente algumas que se referem a discípulos e contemporâneos. Os que publicamos a seguir são os mais famosos, contando tradutores diversos em todas as línguas. Platônicos ou não, estão entre os mais belos da “Antologia”. Conhecendo de grego apenas o bastante para ler em voz alta (mal), baseamos as nossas na versão em prosa, literal, de Maurice Rat, e na de Émile Chambry, igualmente em prosa e literal. Consultamos também as traduções, em verso, de Shelley, Gladstone, F. E. Garrett e Charles Merivale (reunidas em “The Greek Poets”, antologia de Moses Hadas) e nas interessantes paráfrases de Dudley Fitts em “Poems from the Greek Anthology”. A fidelidade de nossas versões estará garantida: esperamos que guardem um pouco da poesia do original, de nós desconhecido.

LAÍS DEDICA SEU ESPELHO A AFRODITE

Eu Laís cujo riso soberbo zombava de toda a Grécia
E cujas antecâmaras transbordavam de amantes jovens,
Dedico este espelho à deusa de Pafos:

Porque não quero ver-me como sou,
Porque não posso ver-me como fui.

EPITÁFIO DE EXILADOS
ERETRIANOS SEPULTOS
EM ECABATANA

Tendo há muito deixado as marés mugidoras do Egeu,
Eis-nos deitados
No meio da planície de Ecbátana.
Adeus Erétria pátria, outrora gloriosa!
Adeus Atenas, próxima de Eubéia!
... e adeus, amado mar!

A SEU AMIGO DIÓN, TIRANO

Foram lágrimas e que as Moiras fiaram para Hécuba
E para as mulheres de Tróia, desde seu nascimento.
Mas sobre ti, Díón, que pudeste dar graças aos céus em teu triunfo,
Haviam os deuses derramando toda a sua esperança.
Eis-te agora deitado em tua terra imensa, honrado por teus homens —
Ó Díón por quem um dia
Meu coração enlouqueceu de amor.

PARA ÁSTER, SEU DISCÍPULO

Tu contemplas os astros, meu Áster.
Fosse eu o céu e dono de mil olhos
Com que mirar-te!

PARA O MESMO ÁSTER

Foste entre os vivos a estrela da manhã,
Áster, que hoje defunto és o astro da noite
Brilhando sobre os mortos.

Nota:

Shelley traduz assim este último epigrama:

*Thou wert the morning star among
[the living,
Ere thy fair light had fled;
Now, having died, thou art as
[Hesperus, giving
New splendor to the dead.*

*(Entre os vistos tu foste a estreia da
[manhã,
Antes de haver fugido a tua luz
[formosa.
Defunto, agora és como Héspero,
[emprestando
Aos mortos novo esplendor.)*

Como vê o leitor, é um romântico traduzindo um clássico: soma-se mistério e subtrai-se exatidão. Embora sua tradução seja uma obra-prima (lembramos aos leitores que a mesma já apareceu numa “pedra-de-toque” desta página), A Shelley, não mencionado o nome de Áster, escapa o encantador trocadilho do original, que podia ser mantido em inglês: *Aster – Star*.

Ficha da publicação

TÍTULO	PLATÃO
AUTOR/TRADUTOR	Platão, 428/427 a.C. (Grécia Antiga) Percy Bysshe Shelley, 1792-1822 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	[-]
TEXTO TRADUZIDO	“Laís dedica seu espelho a Afrodite”, “Epitáfio de exilados eretrianos sepultos em Ecbatana”, “A seu amigo Díon, tirano de Siracusa”, “Para Áster, seu discípulo”, “Para o mesmo Aster”.
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Inglês e francês
QUANTIDADE	Fragmentos: 06
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução indireta em prosa e versos.
DATA	28 jul. 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 045. SD, n. 061. JB, n. 173. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/76777
DESCRIÇÃO	Texto de Apresentação, traduções, notas (com texto em inglês e tradução)
NOTA	No texto de a apresentação, Faustino comenta o seu processo de tradução da antologia de Platão, traduz ainda da versão de Shelley (do inglês), com comentários sobre a tradução.
OBSERVAÇÕES	Exemplo de tradução indireta com comentários e citações de obras consultadas.

XX – PÍNDARO

POESIA - EXPERIÊNCIA - Mário Faustino
 Jornal do Brasil, 1957.11.03. Suplemento Dominical, p. 8

111

Quarto suplicio, junto a mais três, é acima de suas fôrças: só por ter roubado o néctar, a ambrosia (com que os deuses e fizeram imortal) para dar aos amigos!

Como se engana aquêlle que procura esconder algo aos deuses...

Foi por isso que resolveram devolver-lhe o filho à desgraçada sorte humana. E quando à flor da idade descobriu que o buço o queixo começava a escurecer-lhe, sonhou ganhar a noiva mais à mão.

Hipodaméia (filha ilustre de um soberano de Pisa): a só à noite ao pé do mar grisalho o deus chamou que faz rugir o abismo, o do tridente: e face a face este surgiu-lhe.

E disse Pélops: "Escuta aqui, Posidão, se tiveste algum peccar com meu amor (presentes deliciosos de Cipris), prenda a lança de bronze de Onomáas, e cingone de fôrça e leva-me à terra do Élis em teu carro mais rápido. O homem já matou treze heróis, treze pretcendentes, para adiar o casamento da filha! Quem é fraco nunca enfrenta grande perigo: mas, se a morte é certa, por que ficar sentado à sombra, à espera duma velhice inglória? A mim correr o risco; a ti dar-me o triunfo". Falou e não perdeu seu tempo: o deus por sua glória deu-lhe um carro de ouro e cavalos alados incansáveis.

1 V

Tendo quebrado a fôrça de Onomáas, levou a virgem para o leito e houve dela filhos acis principes ardorosos.

Ao pé do Alfeu, agora com os mortos potentes se mistura lá onde as multidões cercam seu túmulo perto do altar acima de todos venerado; mas a glória de Pélops olha de longe lá de Olímpia sobre as arenas onde a ligeireza disputa a ligeireza, a fôrça a fôrça. (E o vencedor a vida inteira saboreia alegria mais doce do que o mel

— pelo menos os jogos não traíram seus votos — alegria que o dia passa ao dia bem supremo de um homem...)

Quero eu coroar esse rei no tom equiebre em seu compasso còlio. Pois meu canto em seu panejamento glorioso jamais vestirá outro que reína o gosto pelo belo e a fôrça irresistível. Hieráo, algum deus por teus designias vela: fique sempre a teu lado, que mais doce a vitória te seja em carro aglimo. Na colina de Cronos luminosa irei buscar o veio de louvores dignos de celebrá-la: pois a musa para mim forja o dardo mais potente. Há grandezas de várias excellências, a mais alta é dos reis. Não busques mais. Plasm teus pés os cimos sempre, enquanto a teu lado farei brilhar meu génio por toda parte, na vanguarda helénica.

1 II

Cáris, Cáris o génio a graça a quem devemos tudo o que nos encanta devolvendo-lhe as honras, quantas vêzes transforma em verdadeiro o que é incrível. O futuro é a melhor testemunha — e mais seguro é dizer bem dos deuses. Pois direi assim, filho de Tântalo (no contrário do que dizem os velhos) direi que quando teu pai retribuindo aos deuses os convidou para inspeccavel festa sobre o Sipilo — monte que eles amam — nesse dia o senhor do luminoso tridente arrebatou-te o coração partido de paixão. Cavalos, carros de ouro, levou-te ao céu de Zeus aonde mais tarde iria Ganimedes prestar ao próprio Zeus igual serviço. Ao desapareceres, procurando-te os homens de tua mãe sem descobrirete e voltando sem ti, alguém, vizinhos inventaram — despetto — que, cortados a face, tuas pernas, braços (em água fervendo) foram já no fim do banquete servidos e comidos.

Chamar um deus de canibal? Eu nunca! Quem escapa ao castigo da blasfémia? Se mortal houve honrado pelos donos do Olimpo, esse foi Tântalo; só que lambuzou-se de mel, com tanta sorte; insaciável, provocou monstruosa punição: a pedra enorme que lhe ergueu o pai dos deuses sobre a cabeça, ele esperando a queda que nunca vem e o deixa um tanto triste...

1 III

manejador do cetro da justiça na Sicília fecunda e ceifeiro de todas as virtudes em seus canchais mais altos e que sabe crescer com sua fama pelo esplendor da música enquanto nos deleita em mesa amiga.

Amh!

tira do ganchu a lira dórica se ainda tens o coração domado pela Cáris de Pira — a glória de Ferúnicos, quando este disparou (sem chicote!) nas margens do Alfeu, rumo à vitória do rei de Siracusa, amador de cavalos: seu renome esplende nessa terra de homens fortes onde Pélops, o Lídio, foi morar, Pélops, por quem se apaixonou Posidão (o que cinge, firme, a terra) quando Clíto o retirou do vaso puro, o ombro marfim luzindo.

Grande maravilha (e verdades) estas, porém quantas fábulas enfeitadas de mentira encantam nossas mentes para lá da verdade...

NOTAS

— A tradução foi feita a partir da inglesa de Richmond Lattimore (em verso livre) e da francesa de Aimé Pouch (em prosa). Sem saber grego e sem ser um "métricien", o tradutor, a tentar o impossível (reproduzir em português o mais complicado dos versos gregos) preferiu traduzir Píndaro em linguagem e versificação as mais atuais a seu alcance. Foi adotada, por outro lado, a orientação de alguns tradutores, inclusive de Lattimore, segundo a qual há muito de irónico nesta ode de Píndaro, mais jocosa (foi cantada pela primeira vez num banquete em honra de Hieráo, não foi encomendada por este, a encomenda, no caso, coube a Baquilde) do que pensam outros.

— Algumas notações para a melhor compreensão do poema: foi composto para celebrar, em geral, os jogos olímpicos (donde o aparecimento do tantálio Pélops como personagem central e exemplo dado a Hieráo) e, em particular, Hieráo de Siracusa e seu cavalo Ferúnicos, vencedores da corrida de cavalos montados nas olímpicas de 476 antes de Cristo, ano em que foi composta a ode. Faz-se alusão, no poema, a uma vitória anterior de Ferúnicos. Hieráo, mais tarde, realizaria o voto expresso por Píndaro no final da ode: tanto em 470 como em 468 a. C., venceu as corridas de quadrigas, as mais ambicionadas pelos atletas gregos. Lembrar também as diversas versões dos mitos de Tântalo, de Pélops e de Ganimedes, estes dois últimos amados, respectivamente, por Posidão e Zeus (mais ou menos o Netuno e o Júpiter romanos); lembrar, em particular, que Pélops, servido no banquete aos deuses, teve um ombro comido por Deméter, sendo após reconstituído, num vaso puro, por Clíto, sendo-lhe apostado um ombro de marfim. N. B.: no início da terceira triade, Píndaro refere-se, para nós zombeteiramente, às várias versões do suplicio de Tântalo, a mais recente sendo a da pedra suspensa sobre a cabeça do condenado, ameaçando cair a qualquer momento. Há quem interprete esses versos de outra maneira: Tântalo seria o último de quatro condenados, sendo os outros Tílios, Sísifo e Íxion.

— Pisa: antiga cidade da Elída, às margens do rio Alfeu, perto do Templo de Olímpia.

— Cipris: um dos cognomes de Afrodite (Vênus).

— A ode é composta de quatro triades: quatro estrofes, quatro anti-estrofes, quatro epodos. Era acompanhada pela "forminx", a "lira dórica", mencionada no poema. O esquema de metros, como sempre acontece em Píndaro, é complicadíssimo, segundo os entendidos um verdadeiro "show" de virtuosismo.

— No princípio da segunda triade, notar o tema da beleza-verdade, verdade-beleza, comum em clássicos e românticos. Cf., especialmente, a famosa carta de Keats a Bailey sobre o "sonho de Adão".

— Píndaro: 518-438 a. C., o mestre do hino coral na Grécia.

Figura 39 – PÍNDARO: PRIMEIRA OLÍMPICA. Tradução e notas de Mário Faustino. 20º número de "Clássicos vivos", de 03 nov. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

I

Água: primeiro dos bens.

Mas Ouro

(chama acesa na noite) ofusca os tesouros inteiros
da altiva opulência: queres,
alma minha, cantar os Jogos?

De dia não busques

além do sol no ar deserto estrela
mais ardente nem liça mais gloriosa,
mais cantável que Olímpia:
de lá vem a canção que estica as cordas
nos corações peritos
em celebrar-te, filho de Cronos: e eles vêm
por todo os caminhos rumo à mesa
(repleta) de Hierão.

manejador do cetro da justiça
na Sicília fecunda
e ceifeiro de todas as virtudes
em seus caules mais altos
e que sabe crescer com sua fama
pelo esplendor da música
enquanto nos deleita em mesa antiga.

Ainda!

tira do gancho a lira dórica
se ainda teus o coração domado
pela Cária de Pisa — a glória de Ferênicos,
quando este disparou (sem chicote) nas margens
do Alfeu, rumo à vitória
do rei de Siracusa, amador de cavalos;

seu renome

esplende nessa terra de homens fortes
onde Pélops, o Lídio, foi morar,
Pélops,

por quem se apaixonou Poseidon (o
que cinge, firme, a terra) quando Clôto
o retirou do vaso puro, o ombro
marfim luzindo.

Grandes maravilhas

(e verdadeiras) estas, porém quantas
fábulas enfeitadas de mentira
encantam nossas mentes

para lá da verdade...

II

Cáris,
 Cáris o gênio a graça a quem devemos
 tudo o que nos encanta
 devolvendo-lhe as honras, quantas veze
 transforma em verdadeiro o que é incrível
 O futuro é a melhor testemunha — e mais seguro
 é dizer bem dos deuses. Pois direi
 assim, filho de Tântalo (ao contrário
 do que dizem os velhos) direi que
 quando teu pai retribuindo aos deuses
 os convidou para impecável festa
 sobre o Sipilo — monte que eles amam —
 nesse dia o senhor do luminoso
 tridente arrebatou-te

o coração partido de paixão. Cavalos, carros de ouro,
 levou-te ao céu de Zeus aonde mais
 tarde iria Ganímedes
 prestar ao próprio Zeus igual serviço.
 Ao desapareceres, procurando-te
 os homens de tua mãe sem descobrir-te
 e voltando em ti, alguém, vizinhos
 inventaram — despeito — que, cortados
 a faca, tuas pernas, braços (em
 água fervendo) foram já no fim
 do banquete servidos e comidos.

Chamar um deus de canibal? Eu nunca!
 Quem escapa ao castigo da blasfêmia?
 Se mortal houve honrado pelos donos
 do Olímpio, esse foi Tântalo; só que
 lambuzou-se de mel, com tanta sorte: insaciável,
 provocou monstruosa punição: a pedra
 enorme que lhe ergueu o pai dos deuses
 sobre a cabeça, ele esperando a queda
 que nunca vem e o deixa um tanto triste...

III

Quarto suplício, junto a mais três, é acima
de suas forças: só por ter roubado
o néctar, a ambrosia (com que os deuses
o fizeram imortal) para dar aos amigos!

Como se engana aquele que procura
esconder algo aos deuses...

Foi isso
que resolveram devolver-lhe o filho
à desgraçada sorte humana. E quando
à flor da idade descobriu que o buço
o queixo começava a escurecer-lhe,
sonhou ganhar a noiva mais à mão,

Hipodaméia (filha ilustre de um
soberano de Pisa): a sós à noite ao pé
do mar grisalho o deus chamou que faz
rugir o abismo, o do tridente: e face
a face este surgiu-lhe.

E disse Pélops:
“Escuta aqui. Poseidon, se tiveste
algum prazer com meu amor (presentes
deleitosos de Cípris), prende a lança
de bronze de Oinomáos, e cinge-me de força
e leva-me à terra do Élis em teu carro mais rápido.
O homem já matou treze heróis, treze
pretendentes, para adiar o casamento

da filha! Quem é fraco nunca enfrenta
grande perigo: mas, se a morte é certa,
por que ficar sentado à sombra, à espera
duma velhice inglória? A mim correr
o risco; a ti dar-me o triunfo”.

Falou e mão perdeu seu tempo: o deus
por sua glória deu-lhe um carro de ouro
e cavalos alados incansáveis.

IV

Tendo quebrado a força de Oinamáos, levou a virgem
para o leito e houve dela filho seis
príncipes ardorosos.

Ao pé do Alfeu, agora
com os mortos potentes se mistura
lá onde as multidões cercam seu túmulo
perto do altar acima
de todos venerado; mas a glória
de Pélops olha de longe lá de Olímpia
sobre as arenas onde a ligeireza
disputa a ligeireza, a força a força.
(E o vencedor a vida inteira saboreia
Alegria mais doce do que o mel

— pelo menos os jogos não traíram seus votos —
alegria que o dia passa ao dia
bem supremo de um homem...)

Quero eu
Coroar esse rei no tom equestre
e no compasso eólio. Pois meu canto
em seu panejamento glorioso
jamais vestirá outro que reúna
o gosto pelo belo
e a força irresistível.
Hierão, algum deus por teus desígnios
vela: fique sempre a teu lado, que mais doce
a vitória te seja em carro agílimo.
Na colina de Cronos luminosa
irei buscar o veio de louvores
dignos de celebrá-la:
 pois a musa
para mim forja o dado mais potente
Há grandezas de várias excelências,
a mais alta é dos reis. Não busques mais.
Pisem teus pés os cimos sempre, enquanto
a teu lado farei brilhar meu gênio
por toda parte, na vanguarda helênica.

Notas:

— A tradução foi feita a partir da inglesa de Richmond Lattimore (em verso livre) e da francesa de Aimé Puech (em prosa). Sem saber e sem ser um “métricien”, o tradutor, a tentar o impossível (reproduzir em português o mais complicado dos versos gregos), preferiu traduzir Píndaro em linguagem e versificação as mais atuais a seu alcance. Foi adotada, por outro lado, a orientação de alguns tradutores, inclusive de Lattimore, segundo a qual há muito de irônico nesta ode de Píndaro, mais jocosa (foi cantada pela primeira vez num banquete em honra de Hierão; não foi encomendada por este; a encomenda, no caso, coube a Baquílides) do que pensam outros.

— Algumas anotações para a melhor compreensão do poema: foi composto para celebrar, em geral, os jogos olímpicos (donde o aparecimento do tantálida Pélops como personagem central e exemplo dado a Hierão) e, em particular, Hierão e Siracusa e seu cavalo Ferênicos, vencedores da corrida de cavalos montados nas olimpíadas de 476 antes de Cristo, ano em que foi composta a ode. Faz-se alusão, no poema, a uma vitória anterior de Ferênicos, Hierão, mar tarde, realizaria o voto expresso por Píndaro no final da ode: tanto em 470 como em 468 a. C., venceu as corridas de quadrigas, as mais ambiciosas pelos atletas gregos. Lembrar também as diversas versões dos mitos de Tântaro, de Pélops e de Ganimedes, estes dois últimos amados, respectivamente, por Poseidon e Zeus (mais ou menos o Netuno e o Júpiter romanos); lembrar, em particular, que Pélops, servido no banquete aos deuses, teve um ombro de marfim. N. B: no início da terceira tríade, Píndaro refere-se, para nós zombeteiramente, às várias versões do suplício de Tântalo, a mais recente sendo a de pedra suspensa sobre a cabeça do condenado, ameaçando cair a qualquer momento. Há quem interprete esses versos de outra maneira: Tântalo seria o último de quatro condenados, sendo os outros Tílios, Sísifo e Íxion.

— Pisa: antiga cidade de Élida, às do rio Alfeu, perto do Templo de Olímpia.

— Cípris: um dos cognomes de Afrodite (Vênus).

— A ode é composta de quatro tríades: quatro estrofes, quatro anti-estrofes, quatro epodos. Era acompanhada pela “forminx”, a “lira dórica”, mencionada no poema. O esquema de metros, como sempre acontece em Píndaro, é complicadíssimo, segundo os entendidos um verdadeiro “show” de virtuosismo.

— No princípio da segunda tríade, notar o tema da beleza-verdade, verdade-beleza, comum em clássicos e românticos. Cf., especialmente, a famosa carta de Keats a Balley sobre o “sonho de Adão”.

— Píndaro: 518-438 a.C., o mestre do mesmo coral na Grécia.

Ficha da publicação

TÍTULO	PÍNDARO: PRIMEIRA OLÍMPICA
AUTOR	Píndaro, 522 - 443 a.C (Grécia Antiga)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	“Primeira Olímpica”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA TRADUZIDO	Inglês e francês
QUANTIDADE	Poemas: 01 poema, em 04 partes
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução indireta: inglês (verso livre) e francês (prosa)
DATA	03 nov. 1957
SEÇÃO	“Clássicos vivos”
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 057. SD, n. 075. JB, n. 256. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 03 nov. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Clássicos vivos”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/80603
DESCRIÇÃO	Título, tradução e notas.
NOTA	Em nota, Faustino comenta o seu processo de tradução indireta, mencionando as referências dos textos consultados para a sua tradução.
OBSERVAÇÕES	Exemplo de tradução indireta com comentários e citações de obras consultadas. Tradução feita a partir de versões inglesas e francesas.

ANEXO C - Arquivo 3: “Pedras de toque”

“Pedras de toque”

(Período: 23 set. 1656 – 30 mar. 1958)

	Idiomas	Quantidade	Nacionalidade	Observações
Traduções diretas	Inglês	14	Inglaterra [12], País de Gales [1], Irlanda [1], EUA [1]	Publicações bilíngues, com notas explicativas ou notas de traduções.
	Francês	11	França [8]	
	Latim	5	Roma Antiga [5],	
	Espanhol	6	Espanha [4], México [1]	
	Grego	3	Grécia Antiga [4]	
	Português	2	Portugal [1]	
Traduções indiretas	Italiano	1	Itália [1]	
	Inglês	1		
	Total	44		

Resumo:

- 40 poetas publicados, com 42 fragmentos poéticos traduzidos;
- Mário Faustino repetiu duas vezes os seguintes poetas: Camões (2), Baudelaire (2), Góngora (2) e Virgílio (2).
-

I – LUÍS VAZ DE CAMÕES

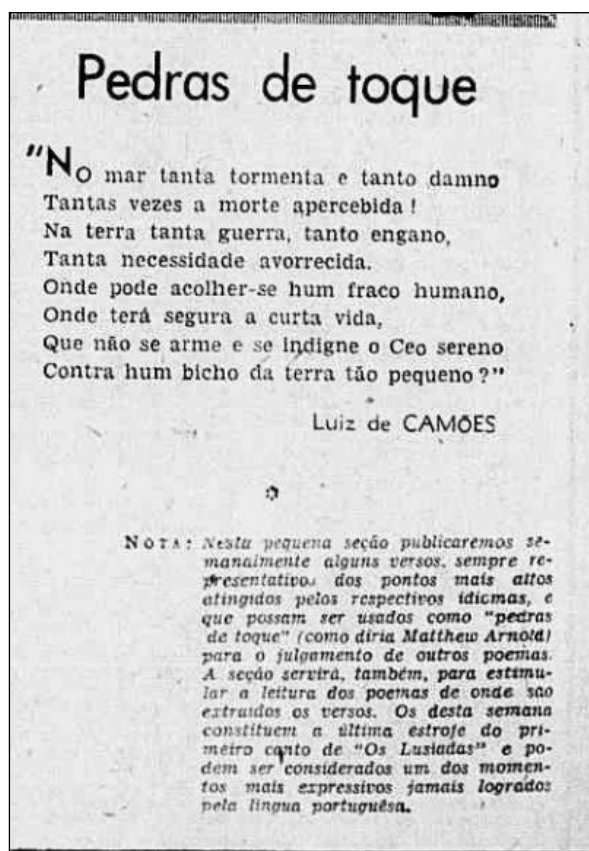


Figura 40 – LUÍS DE CAMÕES. Seleção e nota de Mário Faustino.
Primeiro número de "Pedras de toque", de 23 set. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Luís de CAMÕES

Nota:

Nesta pequena seção publicaremos semanalmente alguns versos sempre representativos dos pontos mais altos atingidos pelos respectivos idiomas, e que possam ser usados como "pedras de toque" (como diria Mathews Arnold) para o julgamento de outros poemas. A seção servirá, também, para estimular a leitura dos poemas de onde são extraídos os versos. Odes desta semana constituem a última estrofe do primeiro canto de *Os Lusíadas* e

podem ser considerados um dos momentos mais expressivos jamais logrados pela língua portuguesa.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	LUÍS VAZ DE CAMÕES, ca. 1524-1580 (Portugal)
TEXTO DE ORIGEM	Última estrofe do Canto I, <i>Os Lusíadas</i>
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe (106)
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Português
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	23 set. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 001. SD, n. 017. JB, n. 222. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[-]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/65969
DESCRIÇÃO	Na primeira publicação de “Pedras de toque”, Mário Faustino apresentou a seção aos leitores, com referência à ideia de Mathews Arnold para a avaliação dos poemas.
NOTA	Nota explicativa sobre a seção “Pedras de toque” e o autor português Luís de Camões.
OBSERVAÇÕES	O nome do poeta português está grafado como “Luiz” em vez de “Luís”. Na versão reproduzida, Mário Faustino mantém as formas antigas de escritas das palavras: “damno”, no primeiro verso, e “Ceo”, no sétimo.

II – CHARLES BAUDELAIRE

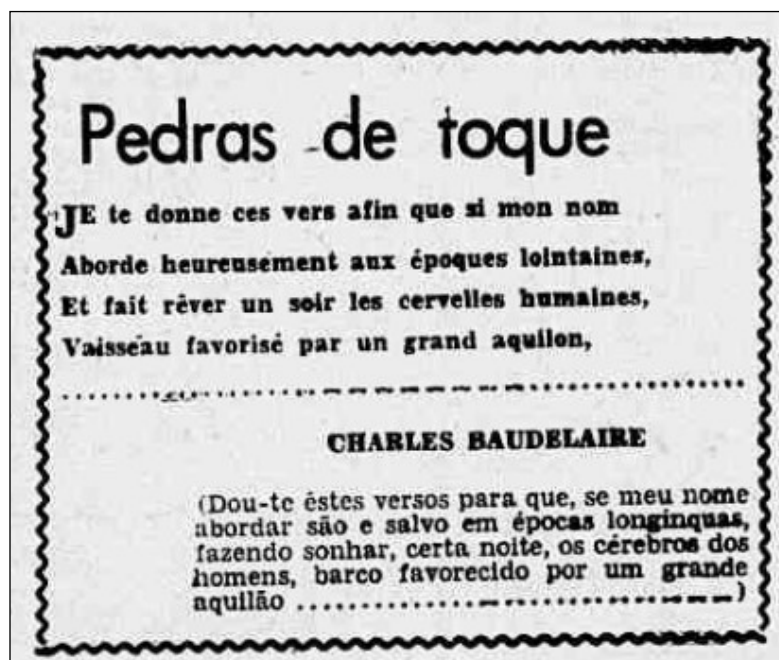


Figura 41 – CHARLES BAUDELAIRE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
Segundo número de “Pedras de toque”, de 30 set. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Je te donne ces vers afin que si mon nom
Aborde heureusement aux aux époques lointaines,
Et fait rêver un soir les cervelles humaines,
Vaisseau favorisé par un grand aiglon,

(Dou-te estes versos para que, se meu nome
aboardar são e salvo em épocas longínquas,
fazendo sonhar, certa noite, os cérebros dos
homens, barco favorecido por um grande
aquilão)

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	CHARLES PIERRE BAUDELAIRE, 1821-1867 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Primeira estofe do poema “XXXIX” (<i>Flores do Mal</i>)
TEXTO TRADUZIDO	Primeira estofe do poema “XXXIX” (<i>Flores do Mal</i>)
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	30 set. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 002. SD, n. 018. JB, n. 228 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 set. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66189
OBSERVAÇÕES	Publicação da primeira estofe do poema “XXXIX” da seção “Spleen et Idéal”, das <i>Flores do Mal</i> . A tradução desse excerto aparece depois do nome do texto no de origem e nome do autor (caixa alta e negrito), entre parênteses, em prosa.

III – VIRGÍLIO

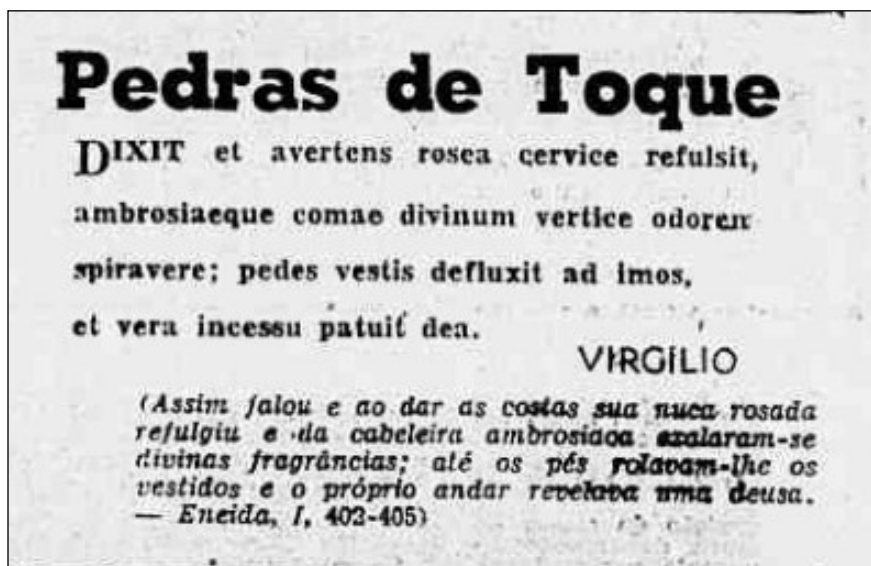


Figura 42 – VIRGÍLIO. Seleção e tradução de Mário Faustino.

Terceiro número de “Pedras de toque”, de 07 out. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Dixit, et avertens rosea cervice refulsit, 403
ambrosiaequae comae divinum vertice odorem
spiravere, pedes vestis defluxit ad imos,
et vera incessu patuit dea.

(Assim falou e ao dar as costas sua nuca rosada
refulgiu e da cabeleira ambrosiada exalaram-se
divinas fragrâncias; até os pés rolavam-lhe os
vestidos e o próprio andar revelava uma deusa.
— *Eneida, I, 403-405*)

*A versão reproduzida foi estabelecida a partir do projeto *The Latin Library*, reprodução digital da edição de James Bradstreet Greenough (1833-1901): *Bucólicas, Eneida e Georgics of Vergil*, Ginn & Co., Boston, 1900. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/vergil/aen1.shtml>.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	PÚBLIO VIRGÍLIO MARO, 70 a.C-9 a.C (Roma Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Eneida, I, 403-405
TEXTO TRADUZIDO	Eneida, I, 403-405
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português
IDIOMA	Latim
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	07 out. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 003. SD, n. 019. JB, n. 234.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 7 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 15.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66497
DESCRIÇÃO	Publicação do excerto de Eneida, de Virgílio, com tradução em prosa, entre parênteses, tipografia em itálico, com referências bibliográficas.

IV – LOPE DE VEGA

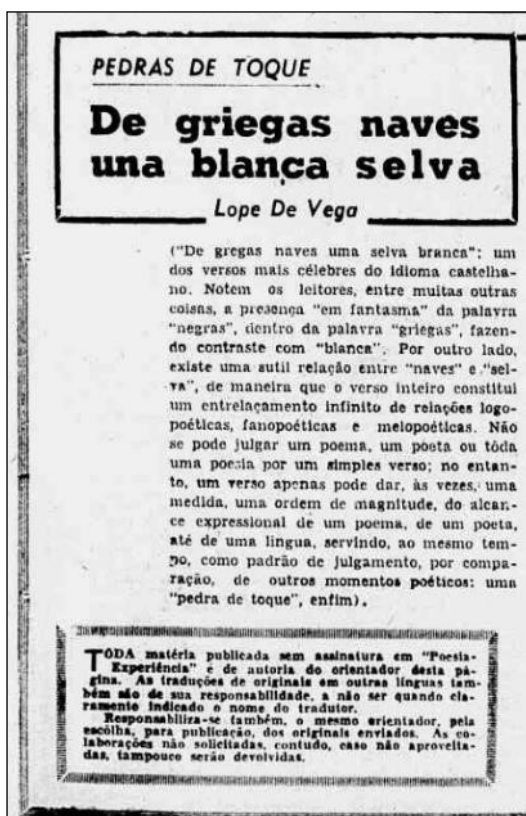


Figura 43 – LOPE DE VEGA. Seleção, tradução e nota de Mário Faustino. Quarto número de “Pedras de toque”, de 14 out. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

**De griegas naves
una blanca selva**

(“De gregas naves una selva branca”: um dos versos mais célebres do idioma castelhano. Notem os leitores, entre muitas outras coisas, a presença “em fantasma” da palavra “negras”, dentro da palavra “griegas”, fazendo contraste com “blanca”. Por outro lado, existe uma sutil relação entre “naves” e “selva”, de maneira que o verso inteiro constitui um entrelaçamento infinito de relações logopoéticas, fanopoéticas e melopoéticas. Não se pode julgar um poema, um poeta ou toda uma poesia por um simples verso; no entanto, um verso apenas pode dar, às vezes, uma medida, uma ordem de magnitude, do alcance expressional de um poema, de um poeta, até de uma língua, servindo, ao mesmo tempo, como padrão de julgamento, por comparação, de outros momentos poéticos: uma “pedra de toque”, enfim).

TODA matéria publicada sem assinatura em “Poesia-Experiência” é de autoria do orientador desta página. As traduções de originais em outras línguas também são de sua responsabilidade, a não ser quando claramente indicado o nome do tradutor.

Responsabiliza-se também, o mesmo orientador, pela escolha, para publicação, dos originais enviados. As colaborações não solicitadas, contudo, caso não aproveitadas, tampouco serão devolvidas.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	FÉLIX LOPE DE VEJA Y CARPIO, 1562-1635 (Espanha)
POEMA DE ORIGEM	“De griegas naves uma blanca selva” [um verso, da estrofe 54, Canto primeiro, <i>De la Circe</i> (1624).
TEXTO TRADUZIDO	“De gregas naves uma selva branca”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português.
IDIOMA	Espanhol
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	14 out. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 004. SD, n. 020. JB, n. 240.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 14 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66735
DESCRIÇÃO	Publicação de um verso do “Primeiro Canto”, de <i>De la Circe</i> (Lope da Vega), acompanhado de uma nota explicativa, contendo tradução do verso escolhido e comentários sobre o autor.
NOTA	Nota explicativa e tradução do verso.
OBSERVAÇÕES	Abaixo da seção “Pedras de toque”, há uma chamada explicativa para as traduções da página “Poesia-Experiência”, bem como a responsabilidades das matérias publicadas na página.

V – SAFO



Figura 44 – SAFO. Seleção, tradução e nota de Mário Faustino.
Quinto número de “Pedras de toque”, de 21 out. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital)

Déduke men a sélanna
kai Pleiades, mésai de
núktes, para d'érkhet ora,
ego de mona kateúdo.

SAPPHO

Nota:

Este é o mais famoso dos fragmentos existentes da poesia de Safo, que os gregos consideravam no mesmo nível de Homero. Por falta de tipos gregos, procuramos reproduzi-los, aproximadamente no alfabeto latino. Lendo-o em voz alta, seguindo a prosódia portuguesa, os leitores poderão ter uma ligeira ideia da musicalidade que, acima de tudo, é responsável pela celebridade de Safo. Notem-se, sobretudo os [parte ilegível] “UU” em que caem os principais acentos dos dois últimos versos. O derradeiro é, aliás, um dos mais citados da poesia grega. A tradução do fragmento é, mais ou menos, a seguinte: “A lua deitou-se, bem como as Plêiades. A noite já vai em meio e o tempo passa – e eu jazo sozinha”.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	SAFO (SAFO DE LESBOS), ca. 650/610 –580 a. C. (Grécia Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: grego-português [tipografia: latim]
IDIOMA	Grego
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	21 out. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 005. SD, n. 021. JB, n. 246. – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 21 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/66961
DESCRIÇÃO	Publicação de fragmento poético de Safo, com nota explicativa e tradução no final da nota.
NOTA	Nota explicativa.
OBSERVAÇÕES	Faustino reproduz o poema grego em caracteres latinos, por falta de tipografia grega. Safo é um dos poetas que Pound inclui em seu <i>corpus</i> do cânone poético ocidental, e que MF incorpora, primeiro, na sua poética por meio do poema “Ego mona Kateudo” (1955). Em 1956, MF realiza essa tradução. O poema aparece no livro de Kenner sobre Pound.

VI – LUÍS VAZ DE CAMÕES

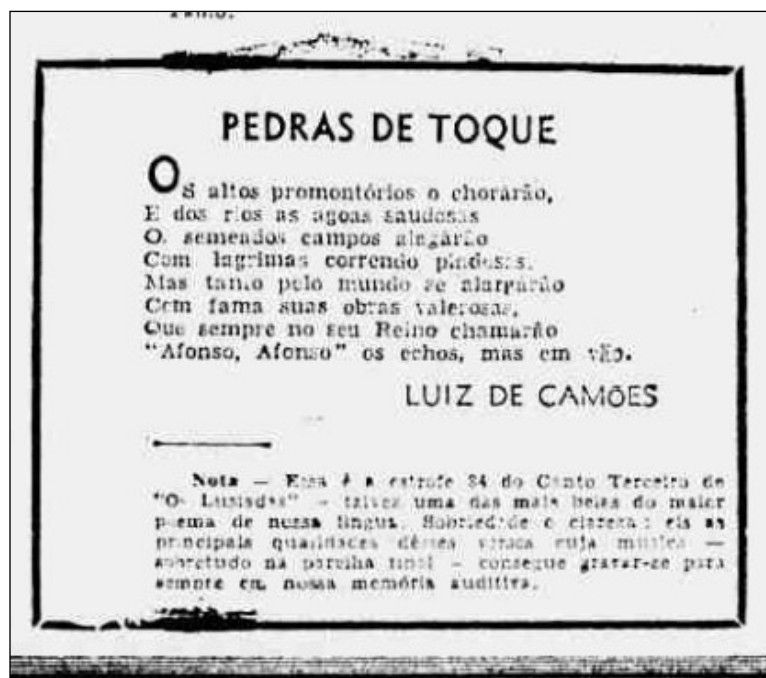


Figura 45 – LUÍS DE CAMÕES. Seleção e nota de Mário Faustino. Sexto número da seção “Pedras de toque”, de 28 out. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Os altos promontórios o choraram,
 E dos rios as águas saudosas
 Os semeados campos alagaram,
 Com lágrimas correndo piadosas;
 Mas tanto pelo mundo se alargaram,
 Com fama, suas obras valerosas,
 Que sempre no seu reino chamarão
 “Afonso, Afonso”, os ecos; mas em vão.

Nota:

Esta é a estrofe 84 do Canto Terceiro de *Os Lusíadas* – talvez uma das mais belas do maior poema de nossa língua. Sobriedade e clareza: eis as principais qualidades desses versos cuja música – sobretudo na parelha [ilegível] – consegue fixar-se para sempre em nossa memória auditiva.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	LUÍS VAZ DE CAMÕES, ca. 1524-1580 (Portugal)
POEMA DE ORIGEM	Estrofe 84 do Canto Terceiro de <i>Os Lusíadas</i>
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
QUANTIDADE	01 fragmento poético (estrofe)
IDIOMA	Português
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	28 out. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 006. SD, n. 022. JB, n. 252 – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 out. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[-]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67193
DESCRIÇÃO	Publicação da estrofe 84 do Canto III, de <i>Os Lusíadas</i> , com nota explicativa sobre a estrofe escolhida.
NOTA	Nota explicativa
OBSERVAÇÕES	Mais uma vez, no nome de Camões é citado com “z”, em vez de “s”, em Luís.

VII – JEAN DE LA FONTAINE

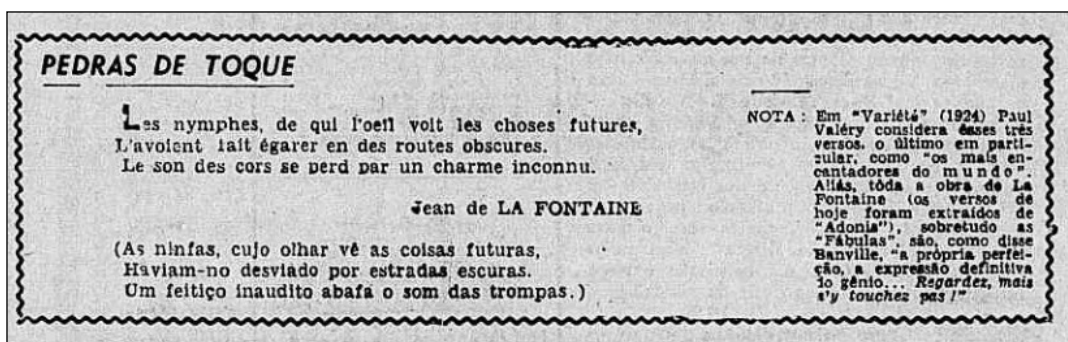


Figura 46 – JEAN DE LA FONTAINE. Seleção, nota e tradução de Mário Faustino.
Sétimo número de "Pedras de toque", de 04 nov. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

(As ninfas, cujo olhar vê as coisas futuras,
Haviam-no desviado por estradas escuras.
Um feitiço inaudito abafa o som das trompas.)

Nota:

Em *Variété* (1924) Paul Valéry considera esses três versos, o último em particular, como "os mais encantadores do mundo". Aliás, toda a obra de La Fontaine (os versos de hoje foram extraídos de "Adonis"), sobretudo as "Fábulas", são, como disse Banville, "a própria perfeição, a expressão definitiva do gênio... *Regardez, mais a'y touchez pas!*"

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	JEAN DE LA FONTAINE, 1621-1695 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Versos de <i>Adonis</i>
TEXTO TRADUZIDO	Versos de <i>Adonis</i>
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	04 nov. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 007. SD, n. 023. JB, n. 257 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 4 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67379
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue com nota explicativa.
NOTA	Nota explicativa.

VIII – WILLIAM SHAKESPEARE

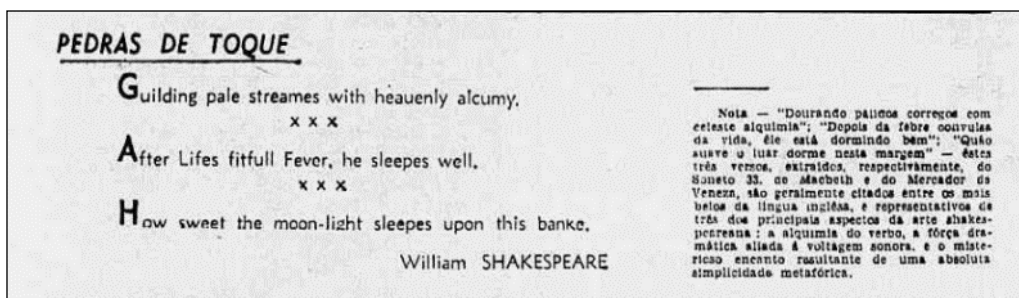


Figura 47 – William Shakespeare. Seleção, nota e tradução de Mário Faustino.
Oitavo número de “Pedras de toque”, de 11 nov. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Gilding pale streams with heavenly alchemy.

[Quarto verso da primeira quadra do Soneto 33]

After life's fitful fever he sleeps well.

[Verso do Ato 3, Cena 1, de *Macbeth*].

How sweet the moonlight sleeps upon this bank.

[Verso do Ato 5, Cena 1, do *Mercador de Veneza*].

Nota:

“Dourando pálidos córregos com celeste alquimia”; “Depois da febre convulsada vida, ele está dormindo bem”; “Quão suave o luar dorme nesta margem” – estes três versos, extraídos, respectivamente, do Soneto 33, do *Macbeth* e do *Mercador de Veneza*, são geralmente citados entre os mais belos da língua inglesa, e representativos de três dos principais aspectos da arte shakespeariana: a alquimia do verbo, a força dramática aliada à voltagem sonora, e o misterioso encanto resultante de uma absoluta simplicidade metafórica.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	WILLIAM SHAKESPEARE, 1564-1616 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	Verso do soneto 33, verso de MC, e de MV.
TEXTO TRADUZIDO	Verso do soneto 33, verso de MC, e de MV.
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 03 versos
PUBLICAÇÃO	Bílingue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	11 nov. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 008. SD, n. 024. JB, n. 263 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 11 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/67615
DESCRIÇÃO	Publicação de três versos do “Soneto 33”, de Shakespeare, com suas traduções e nota explicativa.
NOTA	Nota explicativa com tradução dos versos.
OBSERVAÇÕES	No primeiro verso, MF utiliza uma versão mais antiga do soneto, expresso no vocábulo “Guilding”, em vez de “Gilding”.

IX – JOHN MILTON

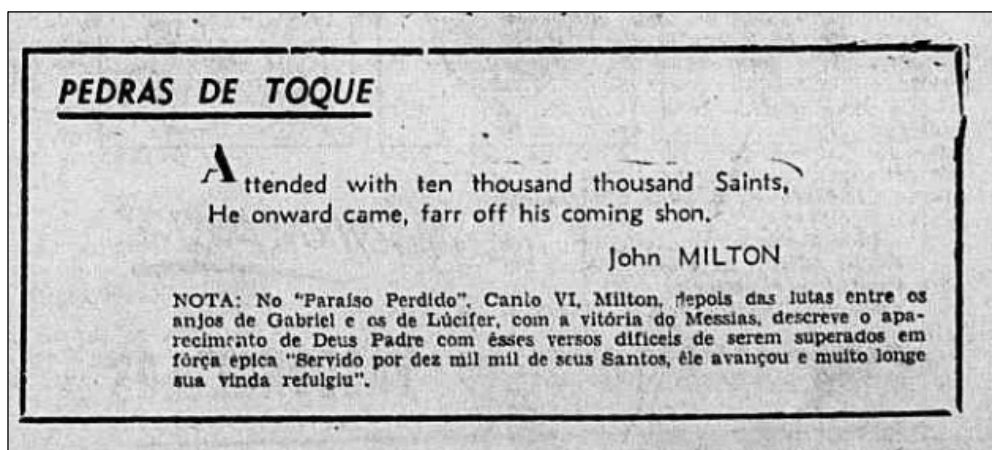


Figura 48 – JOHN MILTON. Seleção, nota e tradução de Mário Faustino.
Nono número de "Pedras de toque", de 25 nov. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Attended with ten thousand thousand Saints,
He onward came, farr off his coming shon,

Nota:

No "Paraíso Perdido", Canto VI, Milton, depois das lutas entre os anjos Gabriel e os de Lúcifer, com a vitória do Messias, descreve o aparecimento de Deus Padre com esses versos difíceis de serem superados em força épica "Servido por dez mil mil de seus Santos, ele avançou e muito longe sua vinda refulgiu".

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	John Milton, 1608-1674 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	Fragmento poético de <i>Paradise Lost: Book 6</i>
TEXTO TRADUZIDO	Fragmento poético de <i>Paraíso Perdido: Canto VI</i>
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português.
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	25 nov. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 010. SD, n. 026. JB, n. 274 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 25 nov. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68055
DESCRIÇÃO	Publicação do fragmento poético com nota explicativa, com a tradução do excerto.
NOTA	Nota explicativa com a tradução do fragmento poético.

X - HOMERO



Figura 49 – HOMERO. Seleção, nota e tradução de Mário Faustino.
Décimo número de “Pedras de toque”, de 02 dez. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Em gaie istanto, lilaiómen kròos ásai.

(As lanças) enterradas no chão, ávidas de seu quinhão de carne.

Nota:

Esse verso (n. 374 do canto XI da *Iliada*) contém uma das mais famosas metáforas de Homero. Difícil é para qualquer poeta apresentar um tema de maneira tão objetiva e subjetiva ao mesmo tempo, o ser humano acrescentado a uma coisa – e tudo visto num momento de ação. Tudo isso, mais música, mais a épica violência homérica, fazem desse verso um dos maiores de todas as literaturas.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	HOMERO, ca. séc. VIII a. C (Grécia Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Verso 374 do Canto XI da <i>Iliada</i>
TEXTO TRADUZIDO	Verso 374 do Canto XI da <i>Iliada</i>
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: grego (tipografia latina) -português
IDIOMA	Grego
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	02 dez. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 011. SD, n. 027. JB, n. 280 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 2 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, Poesia-Experiência, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68283
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue, com reprodução do poema grego tipografia latina, por falta de tipografia grega, seguida de nota explicativa sobre o poema.
NOTA	Nota explicativa.

XI – LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE

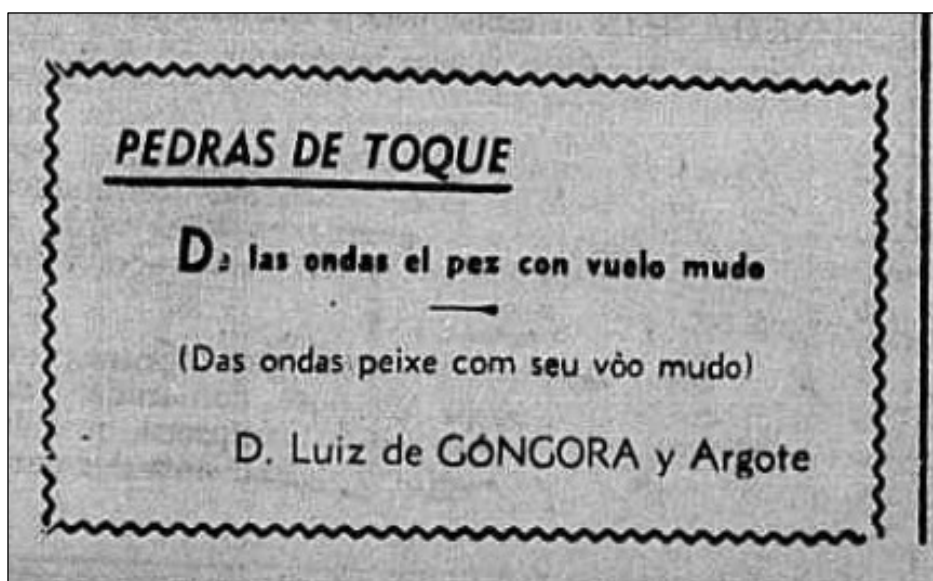


Figura 50 – LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
11º número de “Pedras de toque”, de 09 dez. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

De las ondas el pez con vuelo mudo

(Das ondas peixe com seu voo mudo)

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE, 1561-1627 (Espanha)
TEXTO DE ORIGEM	Verso 484 de <i>Soledad segunda</i>
TEXTO TRADUZIDO	Vverso 484 de <i>Soledad segunda</i>
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português
IDIOMA	Espanhol
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: verso.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	09 dez. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 012. SD, n. 028. JB, n. 286 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68513
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue do verso 484, de <i>Soledad segunda</i> .
NOTA	Sem nota.

XII – FRANÇOIS VILLON



Figura 51 – FRANÇOIS VILLON. Seleção e tradução de Mário Faustino.
12º número de “Pedras de toque”, de 16 dez. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

En ce temps que j'ay dit devant,
Sur le Noël, morte saison,
Lorsque les loups vivent de vent,
Et qu'on se tient en sa maison,
Pour le frimas, près du tison:

(Foi nesse tempo de mau relento,
Pelo Natal, morta estação,
Foi quando os lobos vivem de vento
E quando a casa os homens vão,
Tremer de frio, junto ao tição.)

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	FRANÇOIS VILLON, 1431-1463 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Quatro primeiros versos da parte II, de <i>Le Lais</i> (1456)
TEXTO TRADUZIDO	
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português.
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	16 dez. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 013. SD, n. 029. JB, n. 292 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68743
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue dos primeiros quatro versos (parte II), de <i>Le Lais</i> de Villon.

XIII – JOHN KEATS

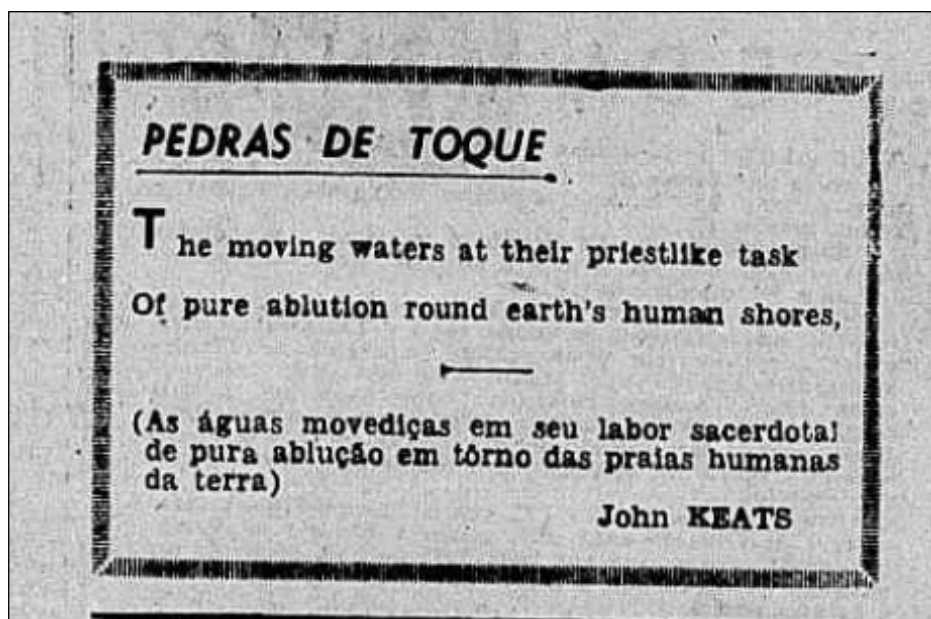


Figura 52 – JOHN KEATS. Seleção e tradução de Mário Faustino.
13º número de “Pedras de toque”, de 23 dez. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

The moving waters at their priestlike task
Of pure ablution round earth's human shores,

(As águas movediças em seu labor sacerdotal
de pura ablução em torno das praias humanas
da terra)

John KEATS

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	JOHN KEATS, 1795-1821 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	“Bright star, would I were stedfast as thou art” – terceiro dístico do poema
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado.
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmento: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Direta: em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	23 dez. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 014. SD, n. 030. JB, n. 298 – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, Poesia-Experiência, seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/68947
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue do terceiro dístico do poema Bright star, would I were stedfast as thou art”, de John Keats.
OBSERVAÇÕES	Tradução em prosa entre parênteses.

XIV – WILLIAM BLAKE

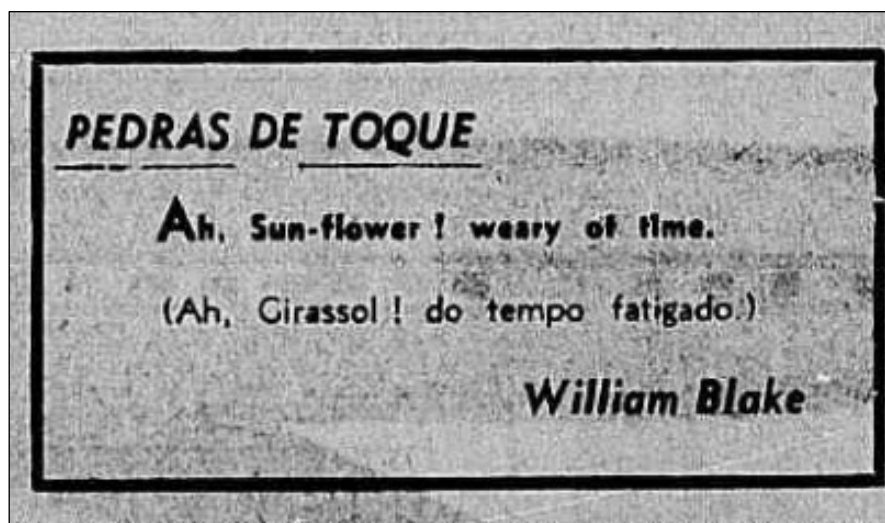


Figura 53 – WILLIAM BLAKE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
14º número de “Pedras de toque”, de 30 dez. 1956.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ah Sun-flower! weary of time,

(Ah, Girassol! do tempo fatigado)

William Blake

Mário Faustino traduziu o primeiro verso de “Ah! Sun-flower”, poema ilustrado pelo próprio Blake, do livro *Songs of Experience* de 1794.

Ah Sun-flower! weary of time,
Who countest the steps of the Sun:
Seeking after that sweet golden clime
Where the travellers journey is done.

Where the Youth pined away with desire,
And the pale Virgin shrouded in snow:
Arise from their graves and aspire,
Where my Sun-flower wishes to go.

*BLAKE, William (1988). *The complete poetry and prose of William Blake* (David V. Erdman ed.). New York: Doubleday. p. xxvi, 990. Comentário de Harold Bloom. p.25. Disponível em: <http://erdman.blakearchive.org/#25>. ‘

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	WILLIAM BLAKE, 1757-1827 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	“Ah! Sun-flower” – verso
TEXTO TRADUZIDO	“Ah, Girassol! do tempo fatigado”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português.
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	30 dez. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 015. SD, n. 031. JB, n. 303 – 1956.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 dez. 1956, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69099
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue do primeiro verso do poema “Ah! Sun-flower”, de William Blake.
OBSERVAÇÕES	Verso em inglês em negrito e tradução entre parênteses, seguido do nome do poeta em itálico e negrito.



Figura 54 – Ilustração do poema “Ah! Sun-flower”. Publicação faz parte da antologia Songs of Innocence and of Experience, em 1794, número 43 do livro. Os direitos da cópia AA de Blake são do Fitzwilliam Museum (2003).

Acervo online: “The William Blake Archive”. Disponível em:
<http://www.blakearchive.org/copy/songsie.aa?descId=songsie.aa.illbk.43>.

XV – VICTOR HUGO

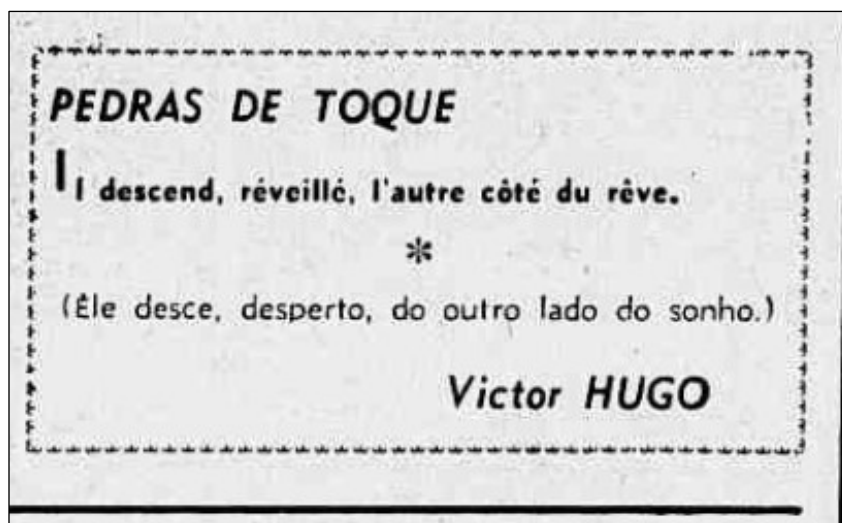


Figura 55 – VICTOR HUGO. Seleção e tradução de Mário Faustino.
15º número de “Pedras de toque”, de 06 jan. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Il descend, réveillé, l'autre côté du rêve.

(Ele desce, desperto, do outro lado do sonho.)

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	VICTOR HUGO, 1802-1885 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	06 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 016. SD, n. 032. JB, n. 005 – 19 57
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 06 jan. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, Poesia-Experiência, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69279
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue, com tradução do verso de Victor Hugo, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XVI – SÊNECA

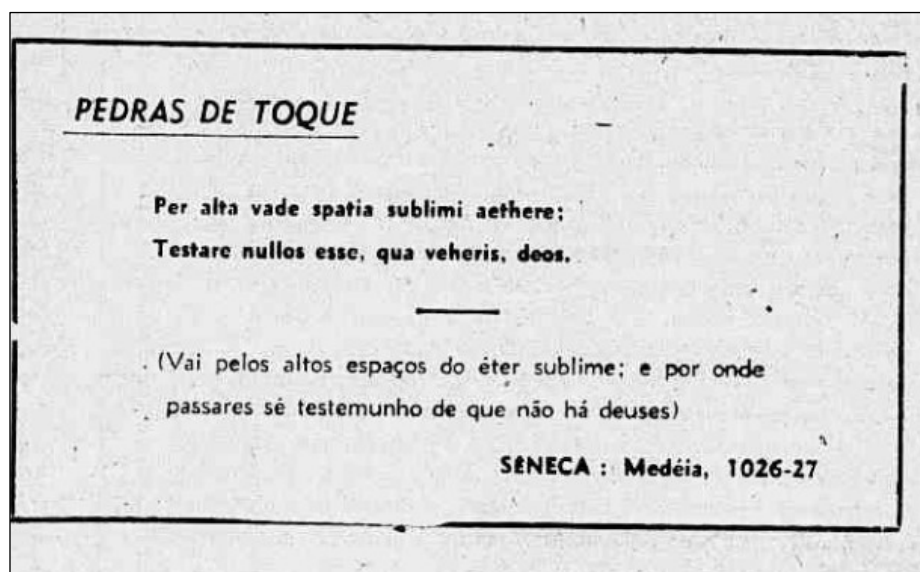


Figura 56 – SÊNECA. Seleção e tradução de Mário Faustino.
16º número de “Pedras de toque”, de 13 jan. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	LUCIUS ANNAEUS SENECA, 4 a.C – (Roma Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Medéia, 1026-27
TEXTO TRADUZIDO	[-]
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português
IDIOMA	Latim
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	13 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 017. SD, n. 033. JB, n. 011 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 13 jan. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, Poesia-Experiência, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/69507 .
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em verso, texto de origem e tradução, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XVII – WALT WHITMAN

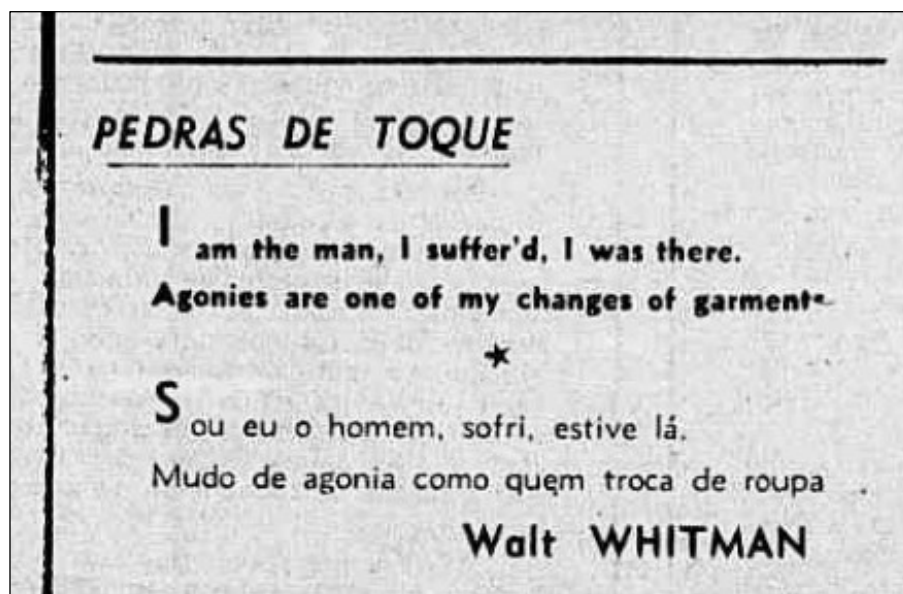


Figura 57 – WALT WHITMAN. Seleção e tradução de Mário Faustino.
17º número de “Pedras de toque”, de 20 jan. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	WALT WHITMAN, 1819-1892 (EUA)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	20 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 018. SD, n. 034. JB, n. 017 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 20 jan. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69735
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em versos.
OBSERVAÇÕES	

XVIII – WILLIAM WORDSWORTH

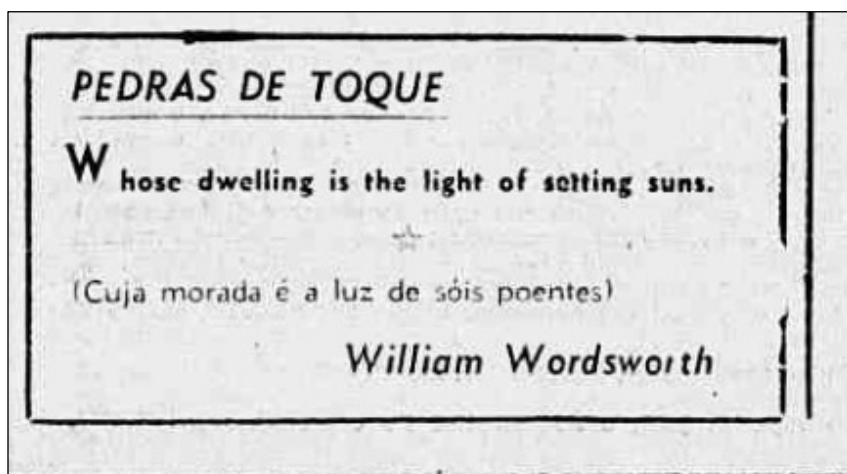


Figura 58 – WILLIAM WORDSWORTH. Seleção e tradução de Mário Faustino.
18º número de “Pedras de toque”, de 27 jan. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	WILLIAM WORDSWORTH, 1770-1850 (Reino Unido)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	27 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 019. SD, n. 035. JB, n. 023 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 27 jan. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69971
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em verso.
OBSERVAÇÕES	

XIX – LUCRÉCIO

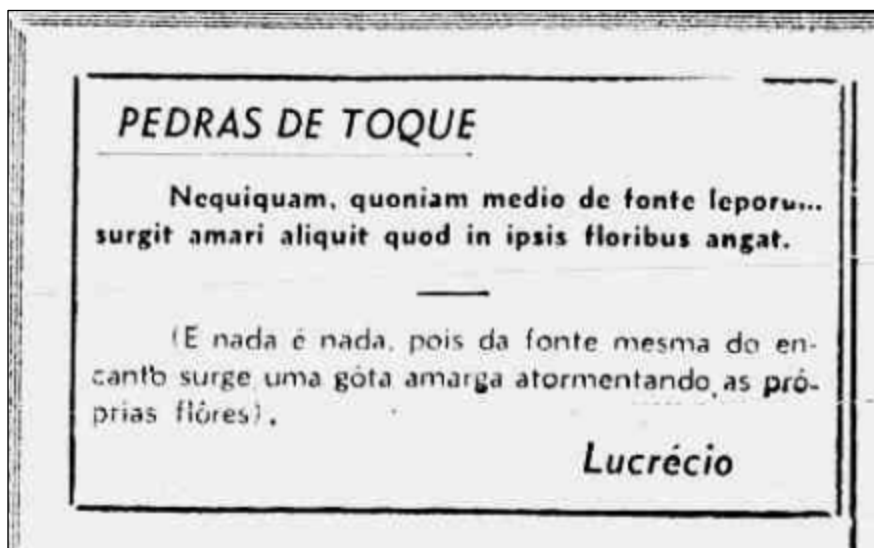


Figura 59 – LUCRÉCIO. Seleção e tradução de Mário Faustino.
19º número de “Pedras de toque”, de 03 fev. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

(E nada é nada, pois da fonte mesma do en-
cantado surge uma gota amarga atormentando as pró-
prias flores).

Lucrecio

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	LUCRÉCIO, <i>ca.</i> 99-55 a.C (Roma Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português
IDIOMA	Latim
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	03 fev. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 020. SD, n. 036. JB, n. 029 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 03 fev. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70211
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em prosa.
OBSERVAÇÕES	

XX – HORÁCIO

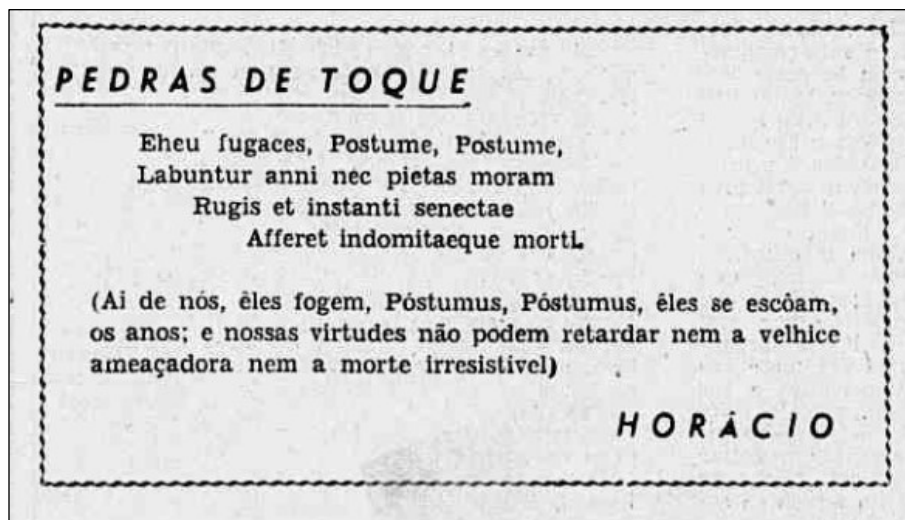


Figura 60 – HORÁCIO. Seleção e tradução de Mário Faustino.
 20º número de “Pedras de toque”, de 24 fev. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

(Ai de nós, eles fogem, Póstumus, Póstumus, eles se escoam,
 os anos; e nossas virtudes não podem retardar nem a velhice
 ameaçadora nem a morte irresistível)

Horácio

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR	HORÁCIO, 65-8 a.C (Roma Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português
IDIOMA	Latim
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	24 fev. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 023. SD, n. 039. JB, n. 047 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 24 fev. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 3.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70959
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em prosa, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XXI – EDWARD FITZGERALD

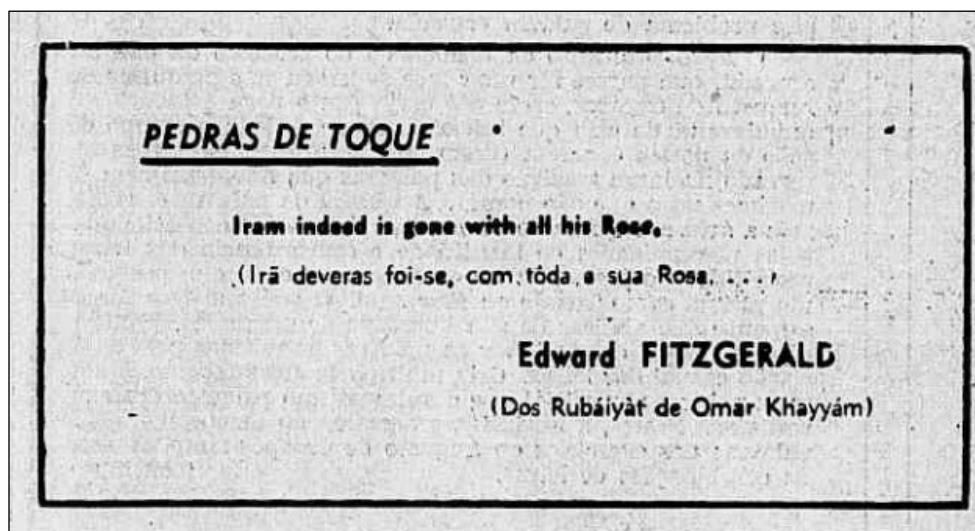


Figura 61 – EDWARD FITZGERALD (Dos Rubáiyát de Omar Khayyám). Seleção e tradução de Mário Faustino. 21º número de “Pedras de toque”, de 03 mar. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Iram indeed is gone with all his Roses

(Irã deveras foi-se, com toda a sua Rosa...)

Edward FITZGERALD
(Dos Rubáiyát de Omar Khayyám)

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	EDWARD FITZGERALD, 1809-1883 – Reino Unido (Dos Rubáiyát de Omar Khayyám)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	03 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 024. SD, n. 040. JB, n. 053 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 03 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71183
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em verso, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XXII – WILLIAM BUTLER YEATS

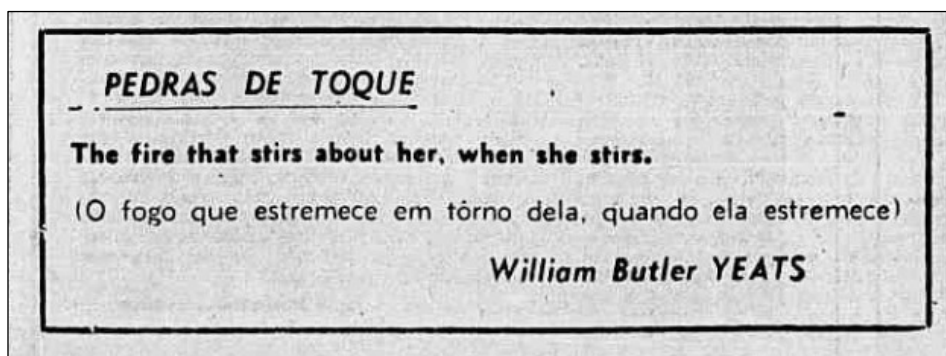


Figura 62 – WILLIAM BUTLER YEATS. Seleção e tradução de Mário Faustino.
22º número de “Pedras de toque”, de 10 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

The fire stirs about her, when stirs.

(O fogo que estremece em torno dela, quando ela estremece)

William Butler Yeats

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	WILLIAM BUTLER YEATS, 1865-1939 (Irlanda)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	10 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 025. SD, n. 041. JB, n. 057 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 10 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71321
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em verso, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XXIII – WALTER SAVAGE LANDOR

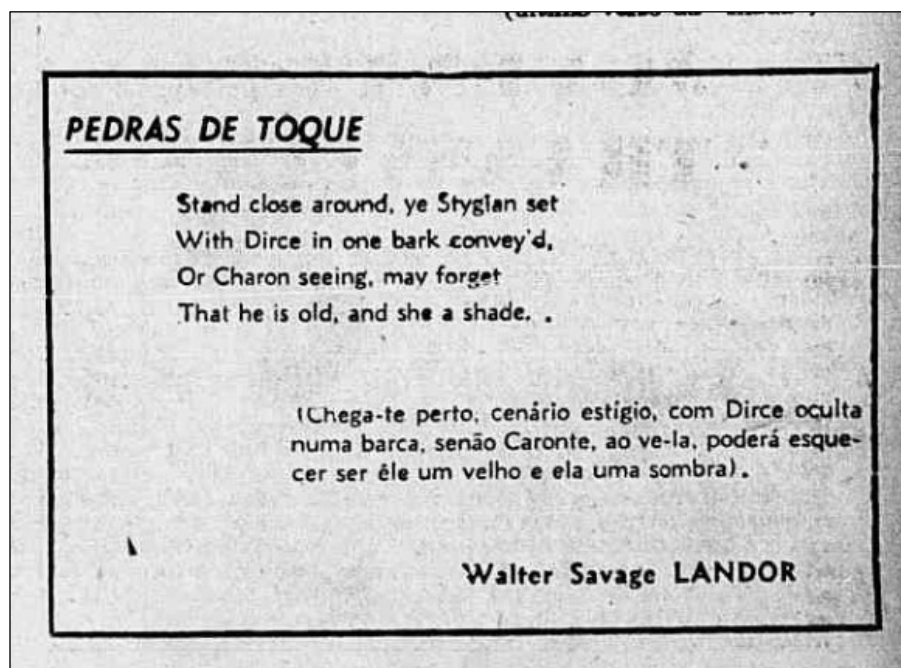


Figura 63 – WALTER SAVAGE LANDOR. Seleção e tradução de Mário Faustino. 21º número de “Pedras de toque”, de 17 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Stand close around, ye Stygian set,
With Dirce in one boat conveyed!
Or Charon, seeing, may forget
That he is old and she a shade.

(Chega-te perto, cenário estigio, com Dirce oculta
numa barca, senão Caronte, ao vê-la, poderá esquecer
ser ele um velho e ela uma sombra).

Walter Savage LANDOR

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	WALTER SAVAGE LANDOR, 1775-1864 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	17 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 026. SD, n. 042. JB, n. 063 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 17 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/715851
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em prosa, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XXIV – GEOFFREY CHAUCER

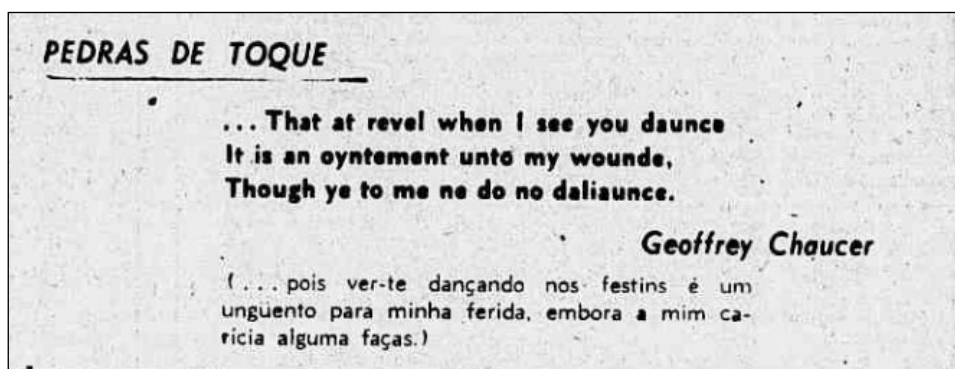


Figura 64 – GEOFFREY CHAUCER. Seleção e tradução de Mário Faustino. 24º número de “Pedras de toque”, de 24 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

...That at a revel whan that I see you daunce,
It is an oynement unto my wounde,
Thogh ye to me ne do no daliaunce.

(... pois ver-te dançando nos festins é um
unguento para minha ferida, embora a mim ca-
rícia algumas facas.)

*Trata-se da tradução dos últimos três versos da primeira estrofe de “To Rosemounde: A Balade”.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	GEOFFREY CHAUCER, ca. 1343-1400 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	[To Rosemounde: A Balade] três versos.
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	24 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 027. SD, n. 043. JB, n. 069 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 24 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71853
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue em prosa, entre parênteses.
OBSERVAÇÕES	

XXV – PLATÃO – SHELLEY

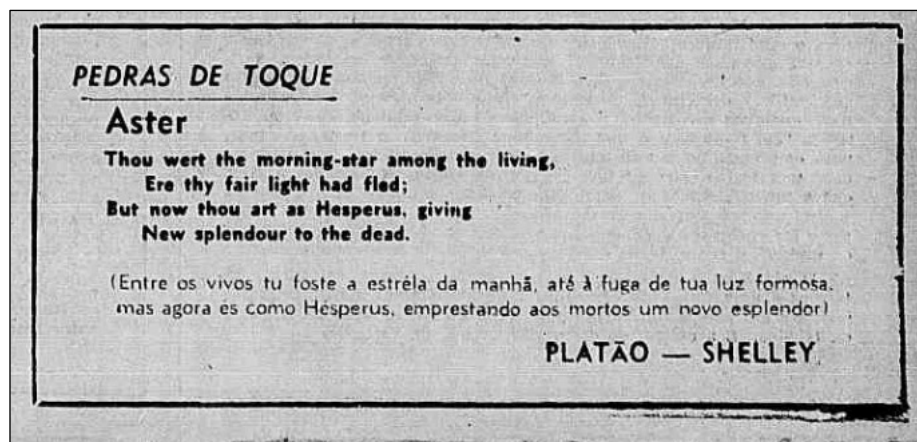


Figura 65 – PLATÃO – SHELLEY. Seleção e tradução de Mário Faustino.
25º número de “Pedras de toque”, de 31 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

1.—TO STELLA

FROM THE GREEK OF PLATO

Thou wert the morning star among the living,
Ere thy fair light had fled;—
Now, having died, thou art as Hesperus, giving
New splendour to the dead.

(Entre os vivos tu foste a estrela da manhã, até a fuga de tua luz formosa,
mas agora és como Hésperus, emprestando aos mortos um novo esplendor).

* Texto estabelecido a partir de *The Complete Poetical Works of Percy Bysshe Shelley*.
Edição de Thomas Hutchinson (1971). Copyright Project Gutenberg, Dezembro de 2003.
Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/author/1529>.

O poema “To Stella” foi confrontado com a obra digitalizada, em disponibilidade em Internet Archive, cópia digitada por Google Books. Nesse edição, há três epigramas traduzidos: “Spirit of Plato”, “to Stella”, “A man who was aboutd to hang himself”, “Kissing Helena, together”. In: “Epigramas and Sonnets”, 1839, p. 349. Edição monolíngue: inglês.

Ficha da publicação

TÍTULO	Aster
AUTOR/TRADUTOR	PERCY BYSSHE SHELLEY, 1792-1822 (Inglaterra) PLATÃO, ca. 427-347 a.c (Atenas, Grécia Antiga)
POEMA DE ORIGEM	“Aster”
POEMA TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução indireta: em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	31 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 028. SD, n. 044. JB, n. 075 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 31 mar. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/72125 .
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: inglês-português. Tradução indireta do excerto poético de Platão, a partir da versão de Shelley.
OBSERVAÇÕES	

XXVI – PIERRE DE RONSARD

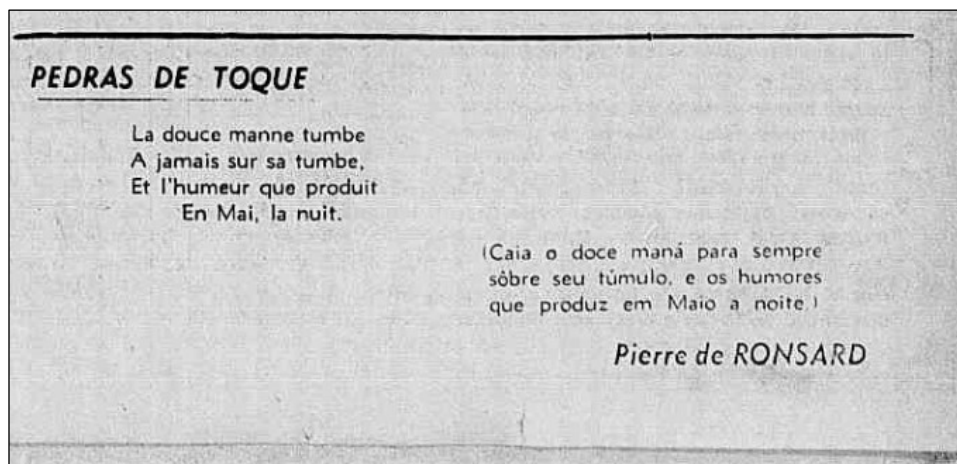


Figura 66 – PIERRE DE RONSARD. Seleção e tradução de Mário Faustino.
 26º número de “Pedras de toque”, de 04 abr. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

La douce manne tombe
 À jamais sur sa tombe,
 Et l'humeur que produit
 En May, la nuit.

(Caia o doce maná para sempre
 sobre seu túmulo, e os humores
 que produz em Maio a noite).

Pierre de RONSARD

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	PIERRE DE RONSARD, 1524-1585 (FRANÇA)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	14 abr. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 030. SD, n. 046. JB, n. 087 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 14 abr. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/72775
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
OBSERVAÇÕES	

XXVII – LUIS DE GÓNGORA Y ARGORTE

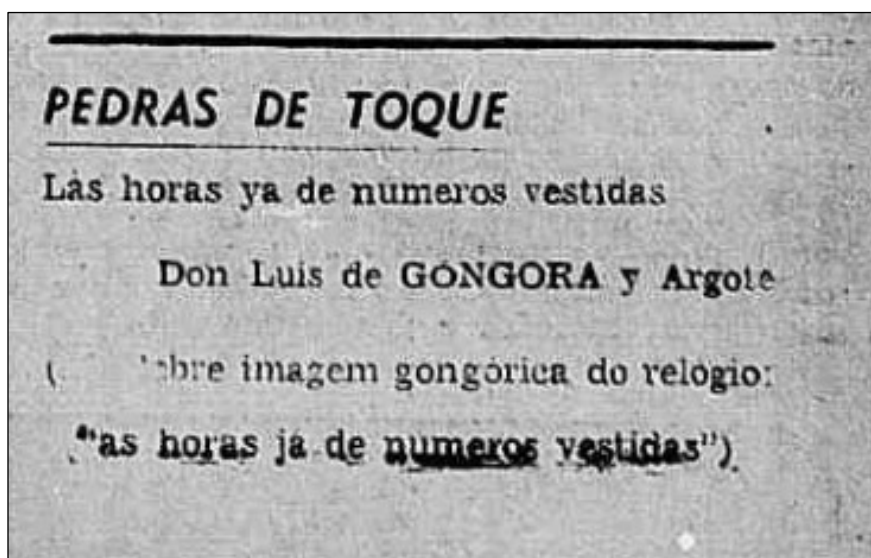


Figura 67 – LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
27º número de “Pedras de toque”, de 28 abr. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Las horas ya, de números vestidas

(... imagem gongórica do relógio:
“as horas já de números vestidas”).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	LUIS DE GÓNGORA Y ARGOTE, 1561-1627 (Espanha)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português
IDIOMA	Espanhol
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em verso.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	28 abr. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 032. SD, n. 048. JB, n. 098 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 abr. 1957, 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73257
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: espanhol-português.
OBSERVAÇÕES	

XXVIII – CRISTOPHER MARLOWE

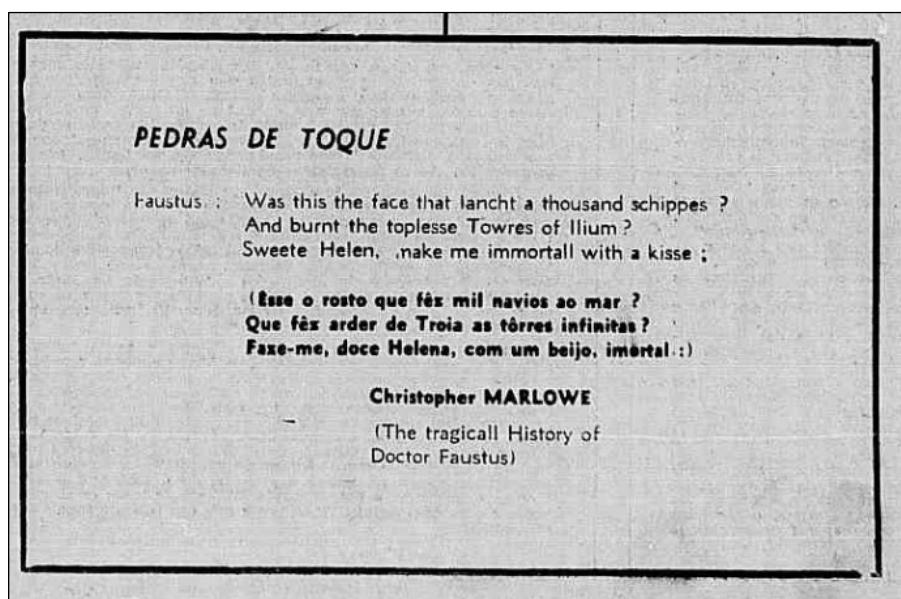


Figura 68: CHRISTOPHER MARLOWE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
28º número de “Pedras de toque”, de 05 maio 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

FAUSTUS. Was this the face that launch'd a thousand ships ?
And burnt the topless towers of Ilium?
Sweet Helen, make me immortal with a kiss.

(Esse o rosto que fez mil navios ao mar?
Que fez arder de Troia as torres infinitas?
Faz-me, doce Helena, com um beijo, imortal.)

Cristopher MARLOWE
(The tragical History Of Doctor)

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	CHRISTOPHER MARLOWE, 1564-1593 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	The tragical History of Doctor Faustus
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	05 maio 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 033. SD, n. 049. JB, n. 103 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 05 maio 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73513
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: inglês-português.
OBSERVAÇÕES	

XXIX – MAURICE SCÈVE

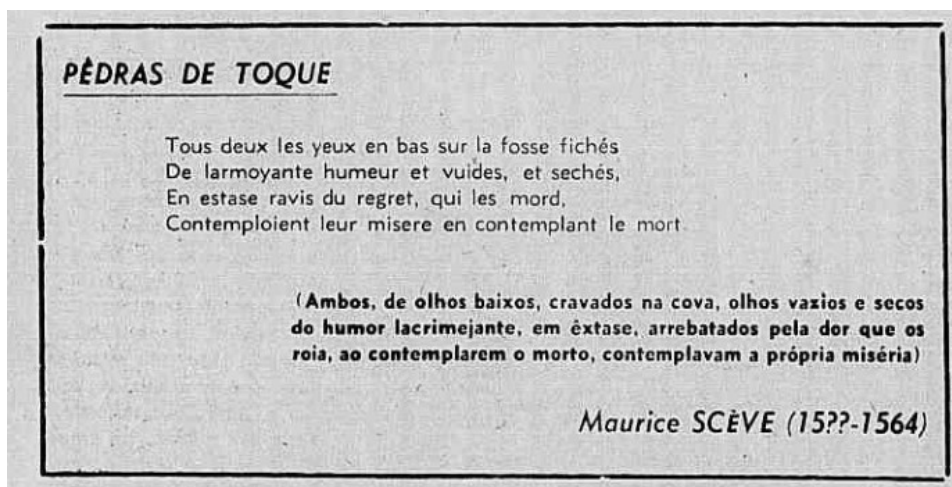


Figura 69 – MAURICE SCÈVE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
29º número de “Pedras de toque”, de 12 maio 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Tous deux les yeux em bas sur la fosse fichés
De larmoyante humeur et vuides, et sechés,
En estase ravis du regret, qui les mord.
Contemployent leur misère en contemplant le mort.

(Ambos, de olhos baixos, cravados na cova, olhos vazios e secos
do humor lacrimejante, em êxtase, arrebatados pela dor que os
roia, ao contemplarem o morto, contemplavam a própria miséria).

Maurice SCÈVE

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	MAURICE SCÈVE, <i>ca.</i> 1501- <i>ca.</i> 1564 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Sem publicação
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	12 maio 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 034. SD, n. 050. JB, n. 109 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 12 maio 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73769
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
OBSERVAÇÕES	

XXX – JULES LAFORGUE

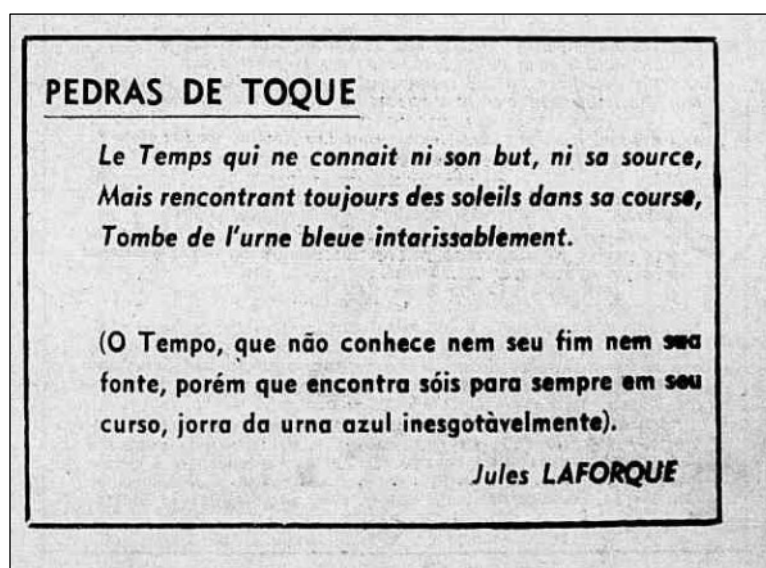


Figura 70 –J ULES LAFORGUE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
30º número de “Pedras de toque”, de 2 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Les Temps qui connait ni son but, ni sa source,
Mais rencontrant toujours des soleils dans sa course,
Tombe de l'urne bleue intarissablement.

(O Tempo, que não conhece nem seu fim nem sua fonte, porém que encontra sóis para sempre em seu curso, jorra da urna azul inesgotavelmente).

Jules LAFORGUE

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	JULES LAFORGUE, 1860-1887 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Sem publicação
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	02 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 037. SD, n. 053. JB, n. 127 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 02 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/74567
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
OBSERVAÇÕES	

XXXI – ANDREW MARVELL

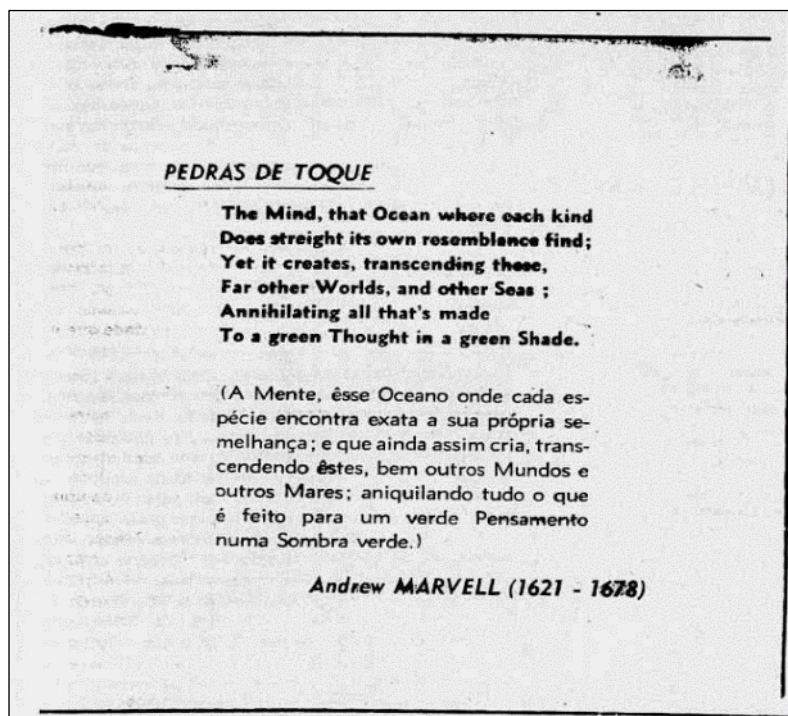


Figura 71 – ANDREW MARVELL. Seleção e tradução de Mário Faustino.
31º número de “Pedras de toque”, de 09 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

The mind, that ocean where each kind
Does straight its own resemblance find,
Yet it creates, transcending these,
Far other worlds, and other seas;
Annihilating all that's made
To a green thought in a green shade.

(A Mente, esse Oceano onde cada espécie encontra exata a sua própria semelhança; e que ainda assim cria, transcendendo estes, bem outros Mundos e outros Mares; aniquilando tudo o que é feito para um verde Pensamento numa Sombra verde.)

Andrew MARVELL

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	ANDREW MARVELL, 1621-1678 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	Sem publicação
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	09 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 038. SD, n. 054. JB, n. 132 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/74835
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: inglês-português.
OBSERVAÇÕES	

XXXII – TEÓCRITO

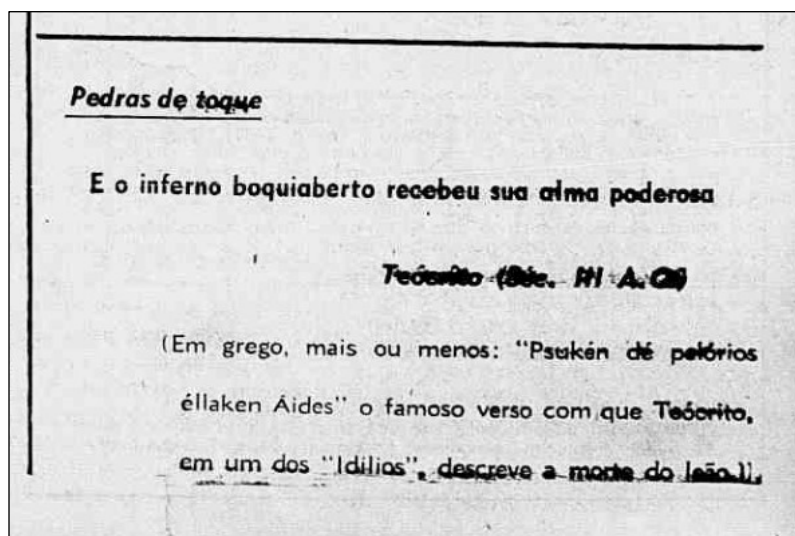


Figura 72 – TEÓCRITO. Seleção, nota e tradução de Mário Faustino. 32º número de "Pedras de toque", de 16 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	TEÓCRITO, <i>ca.</i> 310 a.c – <i>ca.</i> 260 a.c (Siracura, Grécia Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicação
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: português-grego (tipografia latina)
IDIOMA	Grego
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	16 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 039. SD, n. 055. JB, n. 139 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75115
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: grego (tipografia latina) – português.
OBSERVAÇÕES	

XXXIII – CHARLES BAUDELAIRE

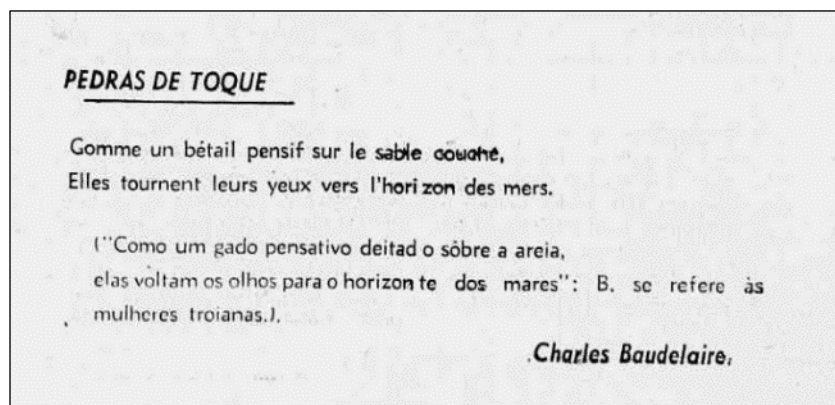


Figura 73 – CHARLES BAUDELAIRE. Seleção, tradução e nota de Mário Faustino.
33º número de “Pedras de toque”, de 23 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Comme un bétail sur le sable couché,
Elles tournent leurs vers l’horizon des mers.

(“Como um gado pensativo deitado sobre a areia,
elas voltam os olhos para o horizonte dos mares”: B. se refere às mulheres
~~troianas~~ ^{lesbianas}).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	CHARLES PIERRE BAUDELAIRE, 1821-1867 (França)
TEXTO DE ORIGEM	“LXXXII” (“Femmes Damnées”)
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português.
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	23 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 040. SD, n. 056. JB, n. 144 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75351
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
NOTA	Pequena nota explicativa
OBSERVAÇÕES	

XXXIV – SAN JUAN DE LA CRUZ

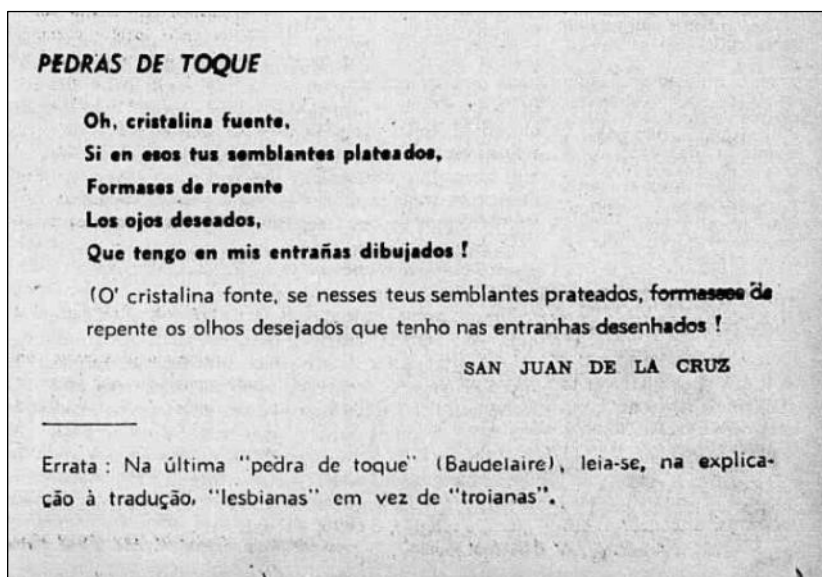


Figura 73 – SAN JUAN DE LA CRUZ. Seleção e tradução de Mário Faustino. 34º número de “Pedras de toque”, de 30 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

¡Oh cristalina fuente,
si en esos tus semblantes plateados
formases de repente
los ojos deseados
que tengo en mis entrañas dibujados!

(O' cristalina fonte, se nesses teus semblantes prateados, formasse de repente
os olhos desejados que tenho nas entranhas desenhados!

Errata: Na última “pedra de toque” (Baudelaire), leia-se, na explicação à tradução, “lesbianas” em vez de “troianas”.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	SAN JUAN DE LA CRUZ, 1542-1591 (Espanha)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicação
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português.
IDIOMA	Espanhol
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	30 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 041. SD, n. 057. JB, n. 150 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75627
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: espanhol-português.
NOTA	Nessa seção, MF publica uma errata referência à publicação anterior sobre Baudelaire.
OBSERVAÇÕES	

XXXV – VIRGÍLIO

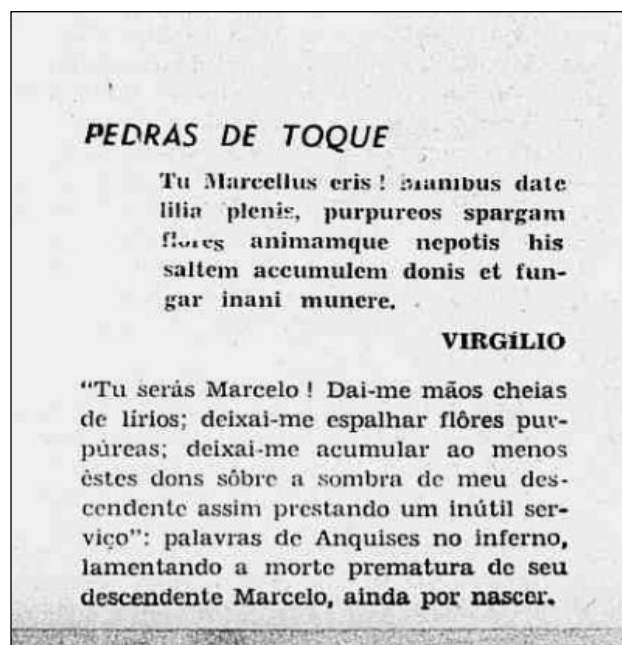


Figura 74 – VIRGÍLIO. Seleção, tradução e nota de Mário Faustino.
35º número de “Pedras de toque”, de 07 jul. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

“Tu serás Marcelo” Dai-me mãos cheias de lírios; deixai-me espalhar purpúreas; deixai-me acumular ao menos estes dons sobre a sombra de meu descendente assim prestando um inútil serviço”: palavras de Anquises no infernom lamentando a morte prematura de seu descendente Marcelo, ainda por nascer.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	PÚBLIO VIRGÍLIO MARO, 70 a.C-9 a.C (Roma Antiga)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: latim-português.
IDIOMA	Latim
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	07 jul. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 042. SD, n. 058. JB, n. 155 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 07 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75975
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: latim-português, com pequena nota depois da tradução.
NOTA	Pequeno comentário sobre o fragmento poético.
OBSERVAÇÕES	

XXXVI – HENRY HOWARD

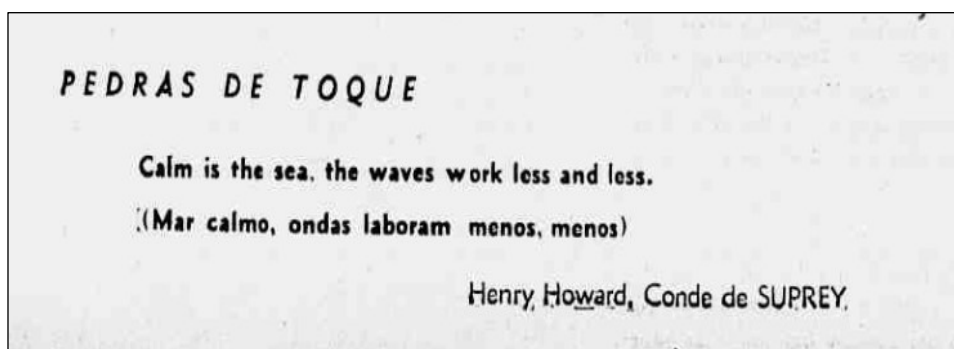


Figura 75 – HENRY HOWARD. Seleção e tradução de Mário Faustino.
36º número de “Pedras de toque”, de 21 jul. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	HENRY HOWARD, 1517-1547 (Inglaterra)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português.
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	21 jul. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 044. SD, n. 060. JB, n. 167 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 21 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/76509
OBSERVAÇÕES	

XXXVII – JUAN DE MENA

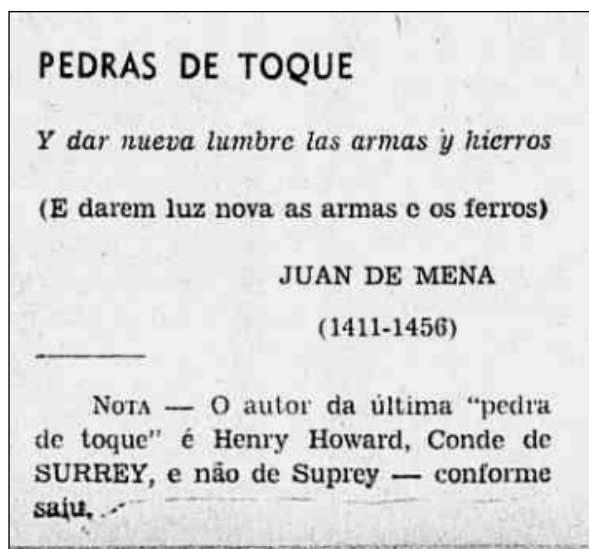


Figura 76 – JUAN DE MENA. Seleção, tradução e nota de Mário Faustino. 37º número de “Pedras de toque”, de 28 jul. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

O autor da última “pedra de toque” é Henry Howard, Conde de SURREY, e não de Suprey — conforme saiu.

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	JUAN DE MENA, 1411-1456 (Espanha)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português.
IDIOMA	Espanhol
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	28 jul. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 045. SD, n. 061. JB, n. 173 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/76777
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: espanhol-português.
NOTA	Errata sobre a publicação anterior.
OBSERVAÇÕES	

XXXVIII – SOROR JUANA INÉS DE LA CRUZ

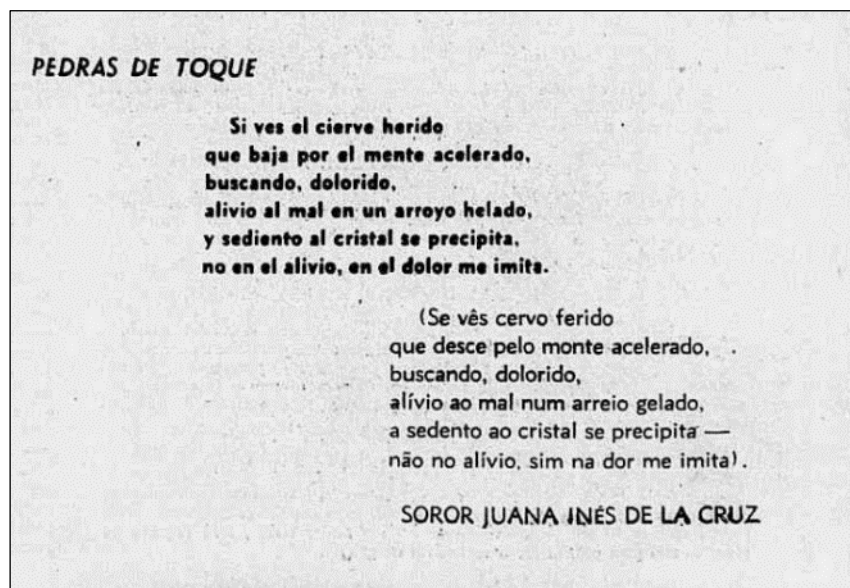


Figura 77 – SOROR JUANA INÉS DE LA CRUZ. Seleção e tradução de Mário Faustino.
38º número de “Pedras de toque”, de 04 ago. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	JUANA INÉS DE ASBAJE Y RAMÍREZ DE SANTILLANA [SOROR JUANA INÉS DE LA CRUZ], 1651-1695 (México)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: espanhol-português.
IDIOMA	Espanhol
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	04 ago. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 046. SD, n. 062. JB, n. 179 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 04 ago. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/77051
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: espanhol-português.
OBSERVAÇÕES	

XXXIX – HENRY VAUGHAN

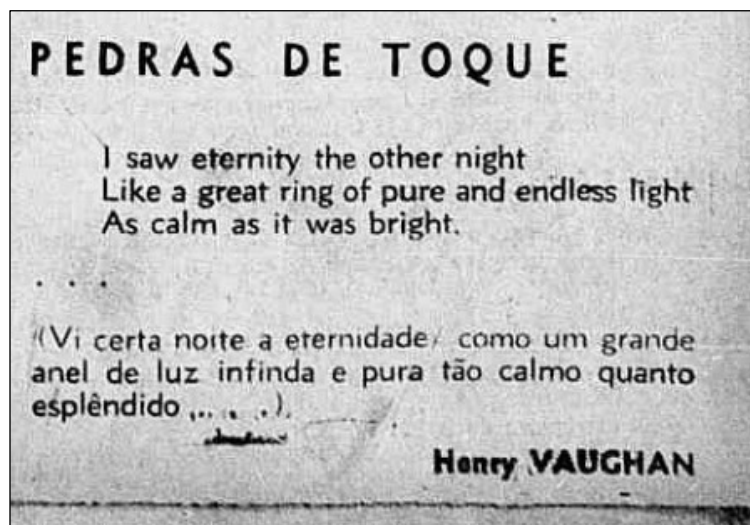


Figura 78 – HENRY VAUGHAN. Seleção e tradução de Mário Faustino.
39º número de “Pedras de toque”, de 15 set. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	HENRY VAUGHAN, 1621-1695 (país de Gales)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português.
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	15 set. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 052. SD, n. 068. JB, n. 215 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 15 set. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/78671
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: inglês-português.
NOTA	Sem nota.
OBSERVAÇÕES	

XL – GUIDO CAVALCANTI

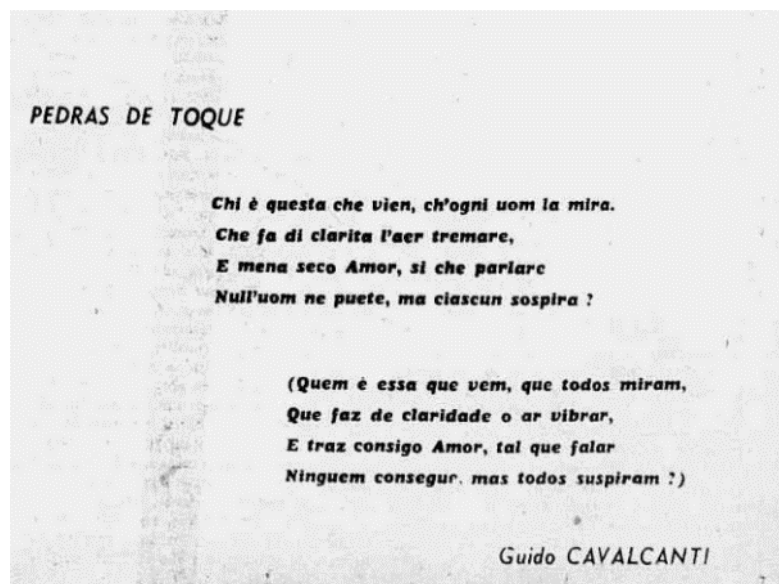


Figura 79 – GUIDO CAVALCANTI. Seleção e tradução de Mário Faustino.
40º número de “Pedras de toque”, de 13 out. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	GUIDO CAVALCANTI, 1255-1300 (ITÁLIA)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 estrofe
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: italiano-português.
IDIOMA	Italiano
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	13 out. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 054. SD, n. 072. JB, n. 239 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 13 out. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/79771
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: italiano-português.
OBSERVAÇÕES	

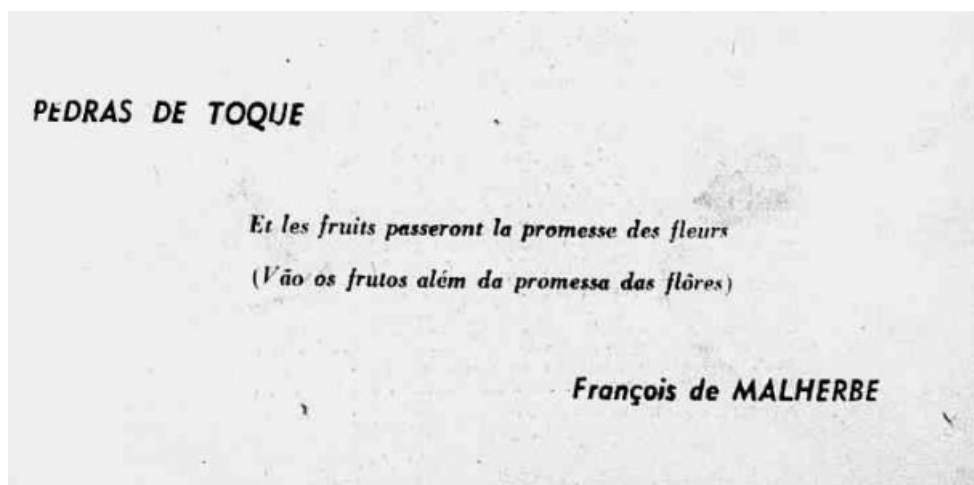
XLI – FRANÇOIS DE MALHERBE

Figura 80 – FRANÇOIS DE MALHERBE. Seleção e tradução de Mário Faustino.
41º número de “Pedras de toque”, de 20 out. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	FRANÇOIS DE MALHERBE, 1555-1628 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01 verso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português.
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	20 out. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 055. SD, n. 073. JB, n. 245 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 20 out. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/80047
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
OBSERVAÇÕES	

XLII – ALFRED JARRY

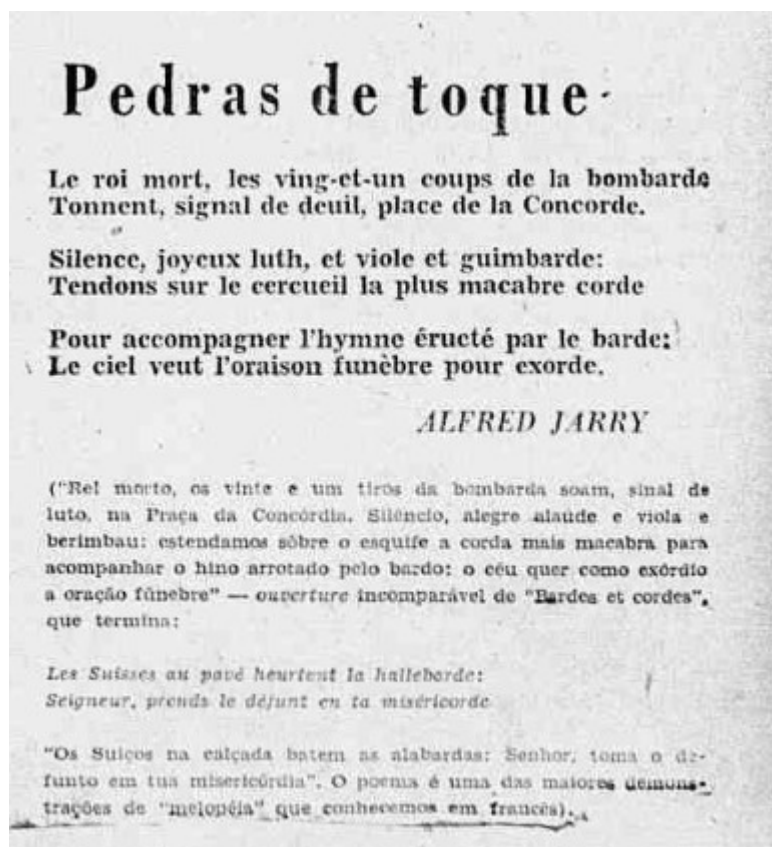


Figura 81 – ALFREDO JARRY. Seleção e tradução de Mário Faustino.
42º número de “Pedras de toque”, de 19 jan. 1958.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Alfredy Jarry
AUTOR	ALFRED JARRY, 1873-190 (FRANÇA).
TEXTO ORIGINAL	[-]
TEXTO TRADUZIDO	[-]
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	19 jan. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 068. SD, n. 086. JB, n. 016 – 1958
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 19 jan. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, Poesia-Experiência, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/83409
DESCRIÇÃO	
NOTA	
OBSERVAÇÕES	

XLIII – MAX JACOB

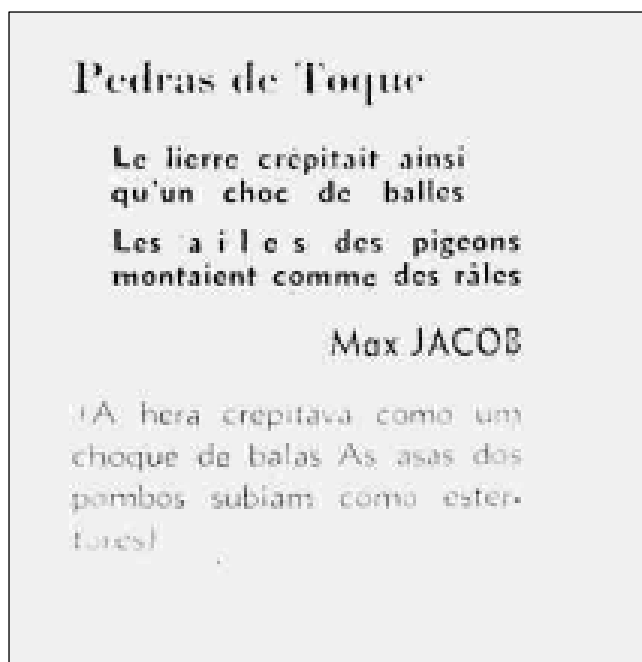


Figura 82 – MAX JACOB. Seleção e tradução de Mário Faustino.
43º número de “Pedras de toque”, de 16 mar. 1958.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	MAX JACOB, 1876-1944 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português.
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em verso
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	16 mar. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 075. SD, n. 094. JB, n. 061 – 1958
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 mar. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	Hemeroteca – Biblioteca Nacional
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
OBSERVAÇÕES	

XLIV – PIERRE REVERDY

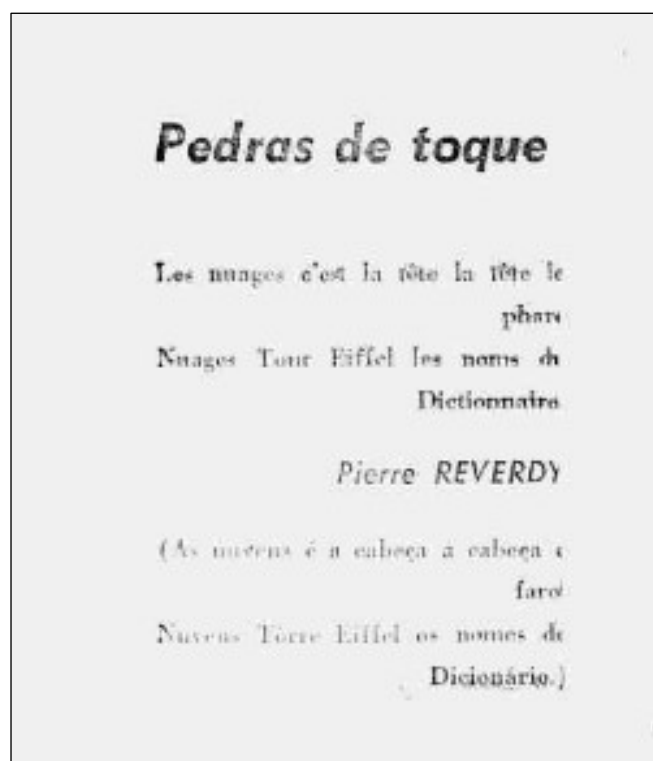


Figura 83 – PIERRE REVERDY. Seleção e tradução de Mário Faustino.
44º número de “Pedras de toque”, de 30 mar. 1958.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Sem título
AUTOR/TRADUTOR	PIERRE REVERDY, 1889-1960 (França)
TEXTO DE ORIGEM	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 01
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português.
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO	“Pedras de toque”
DATA	30 mar. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 077. SD, n. 096. JB, n. 073 – 1958
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 mar. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Pedras de toque”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/85899
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português.
OBSERVAÇÕES	

ANEXO D - Arquivo 4: Vária – Traduções esparsas de poesia

Vária: traduções esparsas de poesia

(Período: 14 out. 1956 – 28 set. 1958)

	Idioma	Quantidade	Nacionalidade	Observações
Traduções diretas	Inglês	14	EUA [3], Inglaterra [3], País de Gales [1]	Traduções publicadas tanto na página “Poesia-Experiência” como em outras páginas do jornal. Em sua maioria, as traduções foram publicadas sem o acompanhamento do texto original.
	Espanhol	4	Espanha [4]	
	Francês	4	França [2], Bélgica [1], Uruguai [1]	
	Alemão	2	Alemanha [1], Áustria [1],	
	Português	1	Brasil [1]	
Traduções indiretas	Inglês/ Francês (Indireta)	6	Esquimós (Groelândia, Dinamarca) [2],	
			Esquimós do Norte da América (Canadá/ EUA) [1]	
			Índios Ojibwas (EUA) [1]	
			Indígenas de Ruanda (África) [1]	
			África [1]	
	Total	31		

Resumo:

- 18 poetas publicados, sendo 31 poemas traduzidos;
- Tradução em verso: 25 poemas e 6 fragmentos poéticos;
- Traduções indiretas: 6, sendo 5 do inglês e 1 do francês (Antologia de poesia primitiva).
- 11 poemas e 6 fragmentos traduzidos por Mário Faustino, de 9 poetas e uma antologia de poemas primitivos;
- 13 colaborações de tradutores, sendo 5 poemas do inglês, 4 do espanhol, 2 do francês, 1 alemão, 1 do português.
- Colaboradores: Augusto de Campos (7 poemas – 4 poemas do espanhol, 2 do francês e 1 do inglês, sendo este em parceria com Haroldo de Campos e Décio Pignatari), Ivo Barroso (4 poemas, 3 do inglês e 1 do alemão), Robert Stock (1 poema do português), Olympio Monat da Fonseca (1 poema do português).
- No conjunto dessas traduções, destacam-se seis poemas de Ezra Pound, tanto de MF quanto de outros colaboradores.

I – QUATRO POETAS DE ESPANHA



Figura 84 – QUATRO POETAS DE ESPANHA: Don Luis de Góngora, Garcilaso de la Vega, Federico Garcia Lorca, Vicente Aleixandre. Tradução de Augusto de Campos.

Quarto número de “Poesia-Experiência”, de 14 out. 1956.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	QUATRO POETAS DE ESPANHA
AUTORES	Luis de Góngora Y Argote, 1561-1627 (Espanha); Garcilaso de la Vega, 1501-1536 (Espanha); Federico García Lorca, 1898-1936 (Espanha); Vicente Pío Marcelino Cirilo Aleixandre y Merlo, 1898-1984 (Espanha)
TEXTO ORIGINAL	“Mientras por competir con tu cabello” (Góngora), “Soneto XIII” (Garcilaso), “Tu infancia en Menton” (Lorca), “Mano entregada” (Vicente Aleixandre)
TEXTO TRADUZIDO	“Enquanto a porfiar com teu cabelo” (Góngora), “A Defne já os braços lhe cresciam” (Garcilaso), “Tua infância” (Lorca), “Mão concedida” (Aleixandre)
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Espanhol
QUANTIDADE	Poemas: 04
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
SEÇÃO	Sem seção / “Poesia-Experiência”
DATA	14 out. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 004. SD, n. 020. JB, n. 240 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 14 out. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 11.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[?]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/66735
DESCRIÇÃO	Título seguida das quatro traduções de Augusto de Campos. Publicação monolíngue: português. Traduzido do espanhol.
OBSERVAÇÕES	A edição de n. 20 do Suplemento Dominical foi dedicada à Espanha, contendo matérias sobre a história, a cultura, o teatro, as artes plásticas e a poesia espanhola (traduções de Augusto de Campos) e a seção “Pedras de toque” com verso de Lope de Vega traduzido por Faustino.

II – JULES LAFORGUE

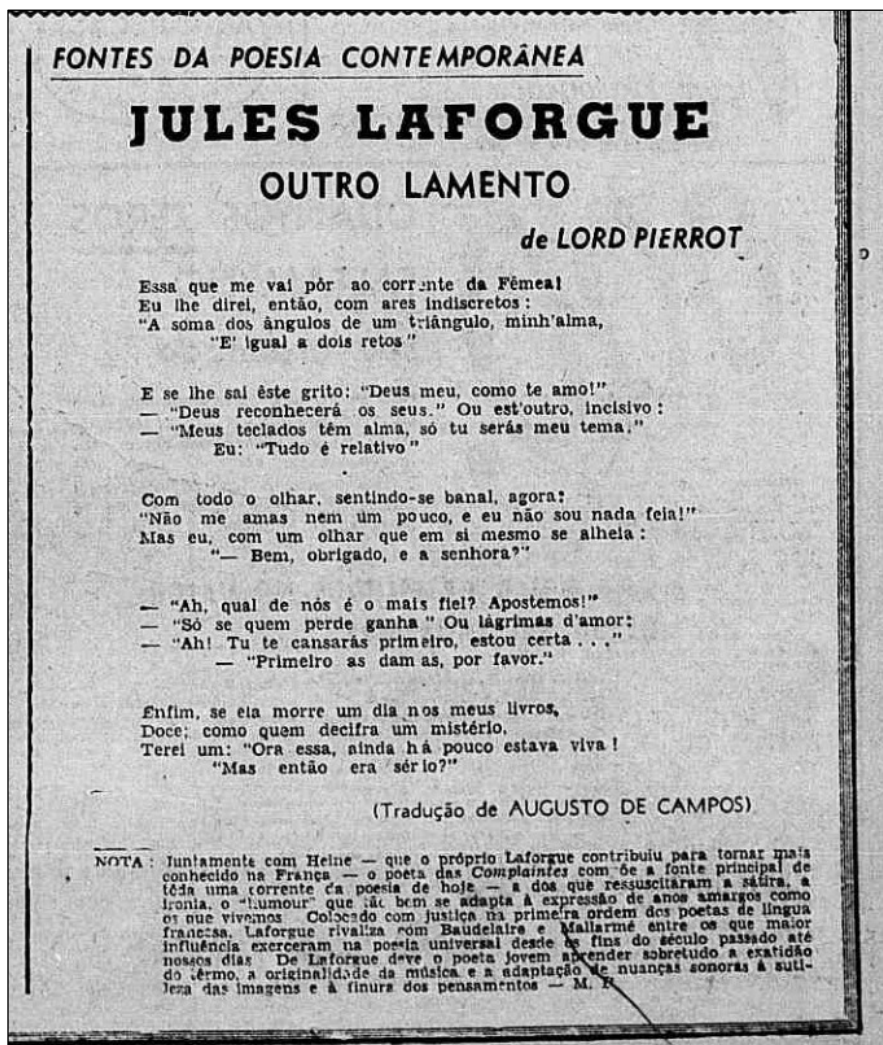


Figura 85 – JULES LAFORGUE. Tradução de Augusto de Campos. Nota de Mário Faustino. Primeiro e único número de "Fontes da poesia contemporânea", de 04 nov. 1956. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

Juntamente com Heine – que o próprio Laforgue contribuiu para tornar mais conhecido na França – o que poeta das *Complaintes* com óe a fonte principal de toda uma corrente da poesia de hoje – a dos que ressuscitaram a sátira, a ironia, o “humour” que tão bem se adapta à expressão de anos amargos como os que vivemos. Colocado com justiça na primeira ordem dos poetas de língua francesa. Laforgue rivaliza com Baudelaire e Mallarmé entre os que maior influência exerceram na poesia universal desde os fins do século passado até nossos dias. De Laforgue deve o poeta jovem aprender sobretudo a exatidão do termo, a originalidade da música e a adaptação de nuances sonoras à sutileza das imagens e à finura dos pensamentos – M. F.

Ficha da publicação

TÍTULO	JULES LAFORGUE
AUTOR	Jules Laforgue, 1860-1887 (Uruguai – nacionalidade: francesa)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	“Outro lamento de Lord Pierrot”
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
SEÇÃO	“Fontes da poesia contemporânea”
DATA	04 nov. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 007. SD, n. 023. JB, n. 257 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 04 nov. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes da poesia contemporânea”, p. 11. Publicação monolíngue: português. São Paulo: LAFORGUE, Jules. “Outro Lamento de lorde Pierrô”. Trad. Augusto de Campos. In: _____. Miniantologia da antiposia simbolista. <i>O Estado de S. Paulo</i> . Suplemento Literário. “Laboratório de poesia”. 24 jun. 1967, p. 3. Publicação monolíngue: português.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	LAFORGUE, Jules. “Outro Lamento de lorde Pierrô”. Trad. Augusto de Campos. In: _____. <i>Antiposia no simbolismo. Verso, reverso, controverso</i> . São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 248-249. Edição bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/67379
DESCRIÇÃO	Título com nome do poeta, em negrito e caixa alta, tradução, nota de Mário Faustino. O nome do tradutor, entre parênteses, em caixa alta.
NOTA	Nota de MF sobre a importância da poesia de Laforgue.
OBSERVAÇÕES	A seção “Fontes da poesia contemporânea” teve apenas uma publicação, sendo criada depois a seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, por MF.

III – TRADUZINDO RILKE

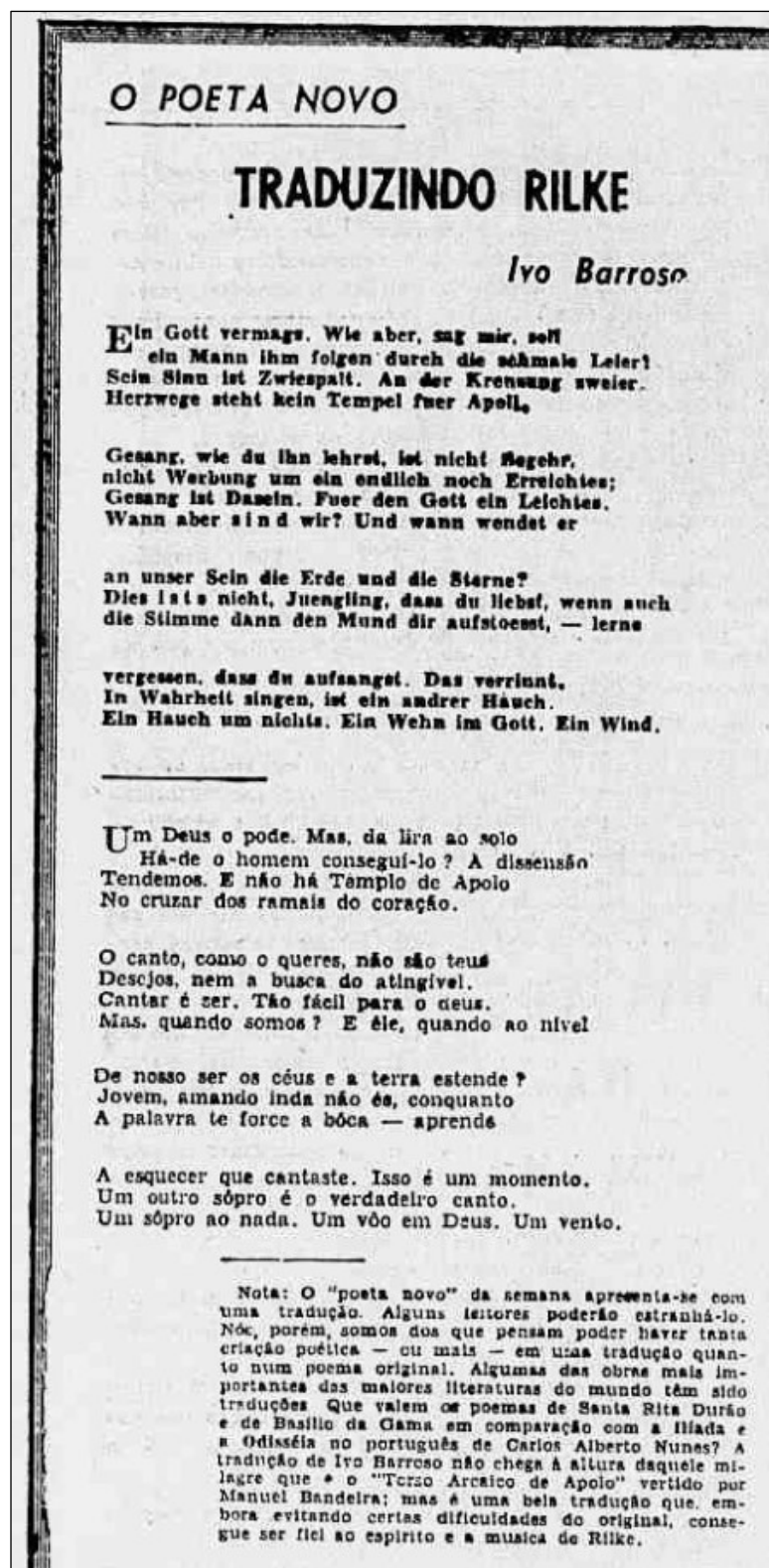


Figura 86 – TRADUZINDO RILKE. Tradução de Ivo Barroso. Nota de Mário Faustino. Publicação de "O poeta novo", de 18 nov. 1956. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

O “poeta novo” da semana apresenta-se com uma tradução. Alguns leitores poderão estranhá-lo. Nós, porém, somos dos que pensam poder haver tanta criação poética – ou mais – em sua tradução quando num poema original. Algumas das obras mais importantes das maiores literaturas do mundo têm sido traduções. Que valem os poemas de Santa Rita Durão e de Basílio da Gama em comparação com a *Iliada* e a *Odisseia* no português de Carlos Alberto Nunes? A tradução de Ivo Barroso não chega à altura daquele milagre que o “Torso Arcaico de Apolo” vertido por Manuel Bandeira; mas é uma bela tradução que, embora evitando certas dificuldades do original, consegue ser fiel ao espírito e à música de Rilke.

Ficha da publicação

TÍTULO	TRADUZINDO RILKE
AUTOR	Rainer Maria Rilke, 1875-1926 (Praga, Império Austro-Húngaro)
TEXTO ORIGINAL	“III Sonett”
TEXTO TRADUZIDO	“Um Deus o pode. Mas, da lira ao solo”
TRADUTOR	Ivo Barroso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: alemão-português
IDIOMA	Alemão
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
SEÇÃO	“O poeta novo”
DATA	18 nov. 1956
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 009. SD, n. 025. JB, n. 268 – 1956
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. 18 nov. 1956. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, seção “O poeta novo”, p. 11. Publicação bilíngue: alemão-português.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	?
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/67821
DESCRIÇÃO	Título em caixa alta e negrito, nome do tradutor (destaque, itálico e negrito, poema no original, tradução e nota de MF.
NOTA	“Nós, porém, somos dos que pensam poder haver tanta criação poética – ou mais – em sua tradução quando num poema original”.
OBSERVAÇÕES	Nota de Mário Faustino sobre a tradução de Ivo Barroso

IV – DRUMMOND EM INGLÊS

DRUMMOND EM INGLÊS

A revista "The Edge" — uma das mais importantes publicações literárias de hoje nos Estados Unidos — publicará, em um de seus primeiros números deste ano, uma antologia de poemas de Carlos Drummond de Andrade, traduzidos para o inglês pelo poeta Robert Stock. Stock, que residiu quatro anos em nosso país, sendo perito conhecedor da língua e da literatura de Portugal e do Brasil, pretende publicar, talvez ainda este ano, as Poesias Completas de Carlos Drummond de Andrade, para

o que se encontra em fase de entendimentos com uma das grandes editoras norte-americanas. Os poemas que aparecerão em "The Edge" constituem uma seleção extraída dos livros da CDA publicados antes do aparecimento do "Fazendeiro do Ar". Apresentamos, em seguida, para satisfazer a curiosidade do leitor que deseja saber como Drummond soa em inglês, o original e a versão do celeberrimo "José".

JOSÉ

What now, José?
The party is over,
the lights are out,
the people gone,
the night turned cold.
what now José?
what now, Joaquim?
and what now, you?
you who are names:
who write verses
and sneered at the others
and love, protest?
What now, José?

You have no woman,
you have no after-dinner speech,
you have no caress,
you can no longer drink,
you can no longer smoke,
you can spit no longer,
the night has turned cold,
day does not come,
the streetcar does not come
no sign of utopia
and everything is all washed up,
everything has fled
and all has soured,
and what now, José?

What now, José?
your sugared words,
your instant of fever,
your gluttony and fasts,
your shelves of books,
your gold mine,
your glass tuxedo,
your incoherence,
your hate — what now?

You wish, key in hand,
to open the door,
there is no door:
you wish to die in the sea,
the sea has gone dry:
you wish to go home to Minas
and Minas has disappeared!
José, what now?

If you would only shriek,
if you would only moan
if you would only play
a Viennese waltz,
if you would only sleep
or at least tire out,
if you would only die.
But you do not die,
you are hard, José!

Without theogony,
alone in the dark,
without a naked wall
to lean against,
with no black steed
to carry you off at a gallop,
what a beast of the wastewood
you follow, José!
where to?

JOSÉ

E agora, José?
A festa acabou,
a luz acabou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Joaquim?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode
a noite esfriou,
o dia não veio,
o domo não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofoou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua terra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sózinho no escuro
qual bicho do mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Figura 87 – DRUMMOND EM INGLÊS. Tradução de Robert Stock. Texto de apresentação de Mário Faustino. 16º número de "Poesia-Experiência", de 06 jan. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

A revista “The Edge” – uma das mais importantes publicações literárias de hoje nos Estados Unidos – publicará em um de seus primeiros números deste ano, uma antologia de poemas de Carlos Drummond de Andrade, traduzidos para o inglês pelo poeta Robert Stock. Stock, que residiu quatro anos em nosso país, sendo perfeito conhecedor da língua e da literatura de Portugal e do Brasil, pretende publicar, talvez ainda este ano, as Poesias Completas de Carlos Drummond de Andrade, para o que se encontra em fase de entendimentos com uma das grandes editoras norte-americanas. Os poemas que aparecerão em “The Edge” constituem uma seleção extraída dos livros de CDA publicados antes do aparecimento do “Fazendeiro do Ar”. Apresentamos, em seguida, para satisfazer a curiosidade do leitor que deseja saber como Drummond soa em inglês, o original e a versão do celeberrimo “José”.

Ficha da publicação

TÍTULO	Drummond em inglês
AUTOR	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, 1902-1987 (Brasil)
TEXTO ORIGINAL	“José”
TEXTO TRADUZIDO	“José”
TRADUTOR	Robert Stock
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: português-inglês
IDIOMA	Português
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	06 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 016. SD, n. 032. JB, n. 005 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 06 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/69279
DESCRIÇÃO	Título (em caixa alta e negrito), texto de introdução, tradução e poema no original (ladeados).
OBSERVAÇÕES	Comentário sobre a tradução de Robert Stock e a publicação do poema em revista norte-americana.

V – POESIA PRIMITIVA

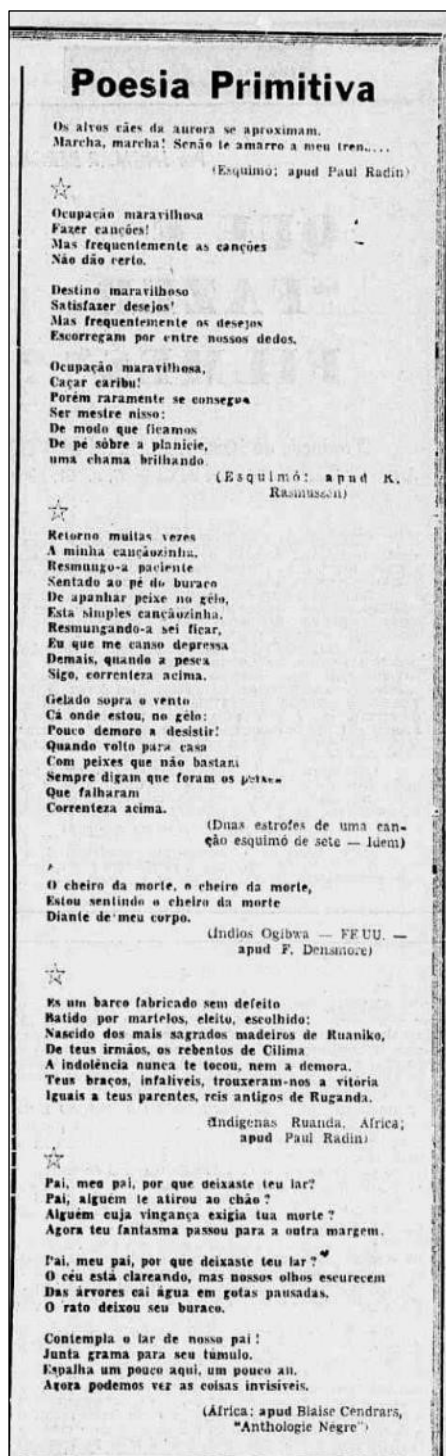


Figura 88 – POESIA PRIMITIVA. Vários autores. Tradução de Mário Faustino. 1º número de "Poesia-Experiência", de 27 jan. 1957. Traduções indiretas. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	Poesia primitiva
AUTOR	VÁRIOS AUTORES
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Não publicado
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Inglês e francês
QUANTIDADE	Fragmentos: 06
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução indireta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	27 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 019. SD, n. 035. JB, n. 023 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 27 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/69971
OBSERVAÇÕES	Publicação monolíngue. Tradução indireta do inglês e do francês. Esquimó: apud Paul Radin; Esquimó: apud K. Rasmussen; Duas estrofes de uma canção esquimó de sete – apud Rasmussen; Índios Ogiwa – EEUU. – apud F. Densmore, Índigenas Ruanda, África ‘apud Paul Radin, África – apud Blase Cendrars, “Anthologie Nègre”. Título (negrito), seguido de antologias traduzidas com referências bibliográficas.

VI - EZRA POUND

"Qualquer imagem que pode ser acri

CANTO XXX

EZRA POUND

Tradução de Augusto de Campos - Dácio
Pignatari - Haroldo de Campos

Lamento, lamento ouvi um dia
Artemís canta, Artemís, Artemís,
Contra Piedade um muro de lamentos:
Piedade as florestas atrofia,
Piedade matou minhas ninjas,
Piedade poupa tanta coisa vil,
Piedade é raiz e linfa,
Piedade manchos Abrii.
Agora, se me falta companhia
É por causa de Piedade,
Piedade veda tirar a vida
Piedade maculou toda a estação
Esta é a razão, não pode achar pureza
Quem de piedade é presa,
Toda coisa que cresce
Cresce torta
E minha seta já não corta
O ar Nenhuma coisa morre com limpeza,
Pois antes de ser morta
Já apodrece.

Em Pajós, certo dia
também ouvi:
... fuge de andar com o jovem Marte,
Mas tem piedade de um covarde
Vela por seu fogo,
Mantém as brasas acesas.

O tempo é o mal. O mal.
Um dia, e um dia
Atônito caminha o infante Pedro
um dia e um dia
Depois que Inês foi morta.
E vêm as nobres de Lisboa
um dia, e um dia
Em homenagem. Sentada ali
olhos mortos,
Cabelo morto sob a coroa,
O Rei ainda jorem a seu lado.

Veio Madame HULÉ
Vestida com a luz do altar
E com o preço das velas.
"Alteza? Uma filha para s. alicaa?
Tome dois milhões e engala."
Chegou Messire Alfonso
E partiu de barco para Ferrara
E passou por aqui sem dizer "ó."

Porisso graças no metal
Trabalhando aqui, no templo de Cesar:
Ao Príncipe Caesere Borgia
Duque de Valente e Emilia
... e para aqui eu trouxe cortadores
de letras e impressores
nem eis nem vulgares
(In Fano Caesaris)
compositores notáveis e bastantes
e um cortador de cunhos para fontes gregas e hebraicas
chamado Messire Francesco da Bologna
não só de tipos usuais mas ele imaginou
uma nova forma chamada cursiva ou letras de chancelaria
nem eu! Aldous ou outrem foi
esse Messire Francesco quem cortou para Aldous todas as letras
com tanta graça e encanto como é sabido
Hieronymus Sonettus ? de Julho de 1502.
e quanto ao feito, nós o tomamos
daqui de Messire Laurentia...
e de um codice que foi dos Maniastes...

E em Agosto desse ano morreu o Papa Alessandro Borgia,
Il Papa mori.

Explicito canto
XXX

Um dos mais importantes empreendimentos do Serviço de Documentação do Ministério da Educação ("Quadernos de Cultura"), até agora, é a publicação, com um fascículo de revisão de provas, de vinte e sete dos "Cantos" de Ezra Pound, em tradução feita pela equipe Augusto de Campos - Dácio Pignatari - Haroldo de Campos. Trata-se de instituições constituídas a essas traduções poéticas do "Canto" (sem dúvida o mais importante épico de nosso tempo, publicado em português, ainda que apenas em parte, devendo sempre revigorar a influência em nossa mal parada poesia. O "Canto XXX", que hoje publicamos (Pound publicado, até o momento, cinco de poesia, nos quais vem trabalhando há mais de quarenta anos), exemplifica lucidamente a estrutura ideogramática, o metajuro e o poder de evocação e aproximação típicas da poesia poundiana.

317

Figura 89 – EZRA POUND: Canto XXX.
Tradução de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos.
Nota de Mário Faustino. 23º número de “Poesia-Experiência”, de 24 fev. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

Um dos mais importantes empreendimentos do Serviço de Documento do Ministério da Educação (“Cadernos de Cultura”), até agora em fase de revisão de provas, de vinte e sete dos “Cantos” de Ezra Pound, em tradução feita pela equipe Augusto de Campos – Décio Pignatari – Haroldo de Campos. Trata-se de inestimável contribuição a nossa poética: os “Cantos” (sem dúvida o mais importante épico do nosso tempo), publicados em português, ainda que apenas em parte deverão exercer revigorante influência em nossa mal parada poesia. O “Canto XXX”, que hoje publicamos (Pound publicou, até o momento, cerca de noventa, nos quais vem trabalhando há mais de quarenta anos), exemplifica lucidamente a estrutura ideogramática, o *mot juste* e o poder de evocação e aproximação típicos da poética poundiana. MF.

Ficha da publicação

TÍTULO	CANTO XXX – EZRA POUND
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Canto XXX”
TEXTO TRADUZIDO	“Canto XXX”
TRADUTOR	Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	24 fev. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 023. SD, n. 039. JB, n. 047 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 24 fev. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 3.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	POUND, Ezra. “Canto 30”. Trad. Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. In: _____. CAMPOS, A. (org.). <i>Ezra Pound: poesia</i> . São Paulo; Brasília: Hucitec; Editora UnB, 1983, p. 188-190. Edição monolíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/70959
NOTA	Nota explicativa de Mário Faustino sobre a importância da tradução e da poesia de Pound para a geração de Faustino.
OBSERVAÇÕES	Poema em tradução colaborativa, divulgado no jornal antes de ser editado em livro, saído apenas em 1960 e republicado em 1983.

VII – EZRA POUND

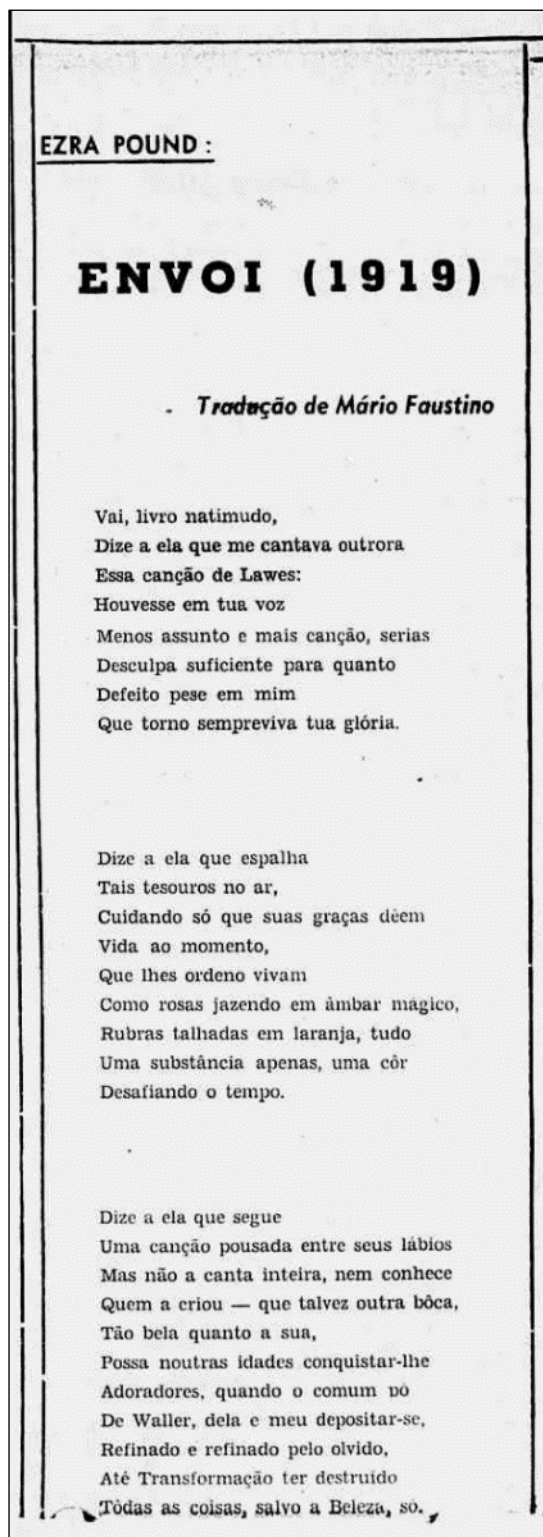


Figura 90 – EZRA POUND. Tradução de Mário Faustino.
Publicação na primeira página do SDJB, de 09 jun. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Envoi (1919)

Vai, livro natimundo,
Dize a ela que me cantava outrora
Essa canção de Lawes:
Houvesse em tua voz
Menos assunto e mais canção, serias
Desculpa suficiente para quanto
Defeito pese em mim
Que torno sempre viva tua glória.

Dize a ela que espalha
Tais tesouros no ar,
Cuidando só que suas graças deem
Vida ao momento,
Que lhes ordeno vivam
Como rosas jazendo em âmbar mágico,
Rubras talhadas em laranja, tudo
Uma substância apenas, uma cor

Dize a ela que segue
Uma canção pousada entre seus lábios
Mas não a canta inteira, nem conhece
Quem a criou – que talvez outra boca,
Tão bela quanto a sua,
Possa noutras idades conquistar-lhe
Adoradores, quando o comum pó
De Waller, dela e meu depositar-se,
Refinado e refinado pelo olvido,
Até Transformação ter destruído
Todas as coisas, salvo a Beleza, só.

Ficha da publicação

TÍTULO	Ezra Pound: Envoi (1919)
AUTOR	EZRA POUND, 1885-1972 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“Envoi”
TEXTO TRADUZIDO	“Envoi”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	Primeira página do Suplemento Dominical
EDIÇÕES DO JORNAL	SD, n. 054. JB, n. 132 – 1957
DATA	09 jun. 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, p. 1. [primeira página].
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/74831
DESCRIÇÃO	Título, nome do tradutor e tradução

VIII – EM TORNO DE UM POEMA DE EZRA POUND

Na primeira página deste Suplemento, os leitores terão encontrado uma tentativa de tradução da famosa tornada com que Ezra Pound remata a metade inicial de seu primeiro longo poema: "Hugh Selwyn Mauberley (Life and Contacts)". Para alguns aspectos desse envio e dessa tradução gostaríamos de chamar, aqui, a atenção do leitor menos informado.

"Mauberley" é o primeiro grande preparo de Pound para os "Cantos", que começou a escrever na mesma época, também marcada pela "Homage to Sextus Propertius" — o segundo grande ensaio. Época em que o "enfant terrible" E. P., auto-exilado, andava jogando pedras nas farisaicas e reacionárias vidraças da literatura londrina... Em "H. S. Mauberley" (a primeira grande "persona" poundiana; não a mesma coisa que heterônimos: mais ou menos isso Pound teve com o seu Alfred Venison, o seu Caid Ali...) E. P. começa a pôr em prática, em vasta escala, suas experiências de montagem ideogramático-cinematográfica, de construção de uma ideologia histórico-estética, de crítica vertical e horizontal dos tempos, de aventura "culturmorfológica". Nesse poema, que até um crítico semi-acadêmico como Leavis considera um dos maiores da língua inglesa, encontramos a poesia grega e o romance francês, a gíria americana e a pintura italiana, a paidéia e o ideal de ordem e de cidadão, Homero, Bion, Ovídio, Horácio, Dante, Flaubert, Gautier, Laforgue, Remy de Gourmont, Stuart Merrill, Henry James, Lionel Johnson, acontecimentos mundiais e pessoais do "turn of the century"...

O "Envoi" encerra a primeira parte do poema. É um adeus de Pound a Londres, é uma homenagem sua aos poetas do tempo de Elizabeth e de Jaime I que sabiam compor poesia-canção (os grandes músicos da época sabiam, por sua vez, musicá-las), é uma reverência aos cantores provençais e toscanos que inventaram o belo ritmo longo-breve gerador da "canzone", gênero tão querido de Pound, e é, também, uma das raras ocasiões em que o irônico e exato Ezra se permitiu certos arroubos líricos.

Para escrever esse "Envoi", Pound partiu da célebre canção de Edmund Waller, posta em música pelo grande

EM TORNO DE UM POEMA DE EZRA POUND

compositor elizabetano Henry Lawes (ao ler a tradução do "envio", pronunciar à inglesa, "löss", pró rima nossa...):

GO, LOVELY ROSE

Go, lovely Rose —
Tell her that wastes her time and me,
That now she knows,
When I resemble her to thee,
How sweet and fair she seems to be.

Tell her that's young,
And shuns to have her graces spied,
That hadst thou sprung
In deserts where no men abide,
Thou must have uncommended died.

Small is the worth
Of beauty from the light retired:
Bid her come forth,
Suffer herself to be desired,
And not blush so to be admired.

Then die — that she
The common fate of all things rare
May read in thee;
How small a part of time they share
That are so wondrous sweet and fair!

(Tradução literal:

"Vai, rosa adorável, diz a ela que perde o seu tempo e me perde, que pode ver agora como parece bela, quando a comparo a ti. // Diz a ela que é jovem e

evita lhe espiem as graças, que, tivesses brotado nos desertos, onde não moram os homens, e terias morrido sem orações. // Bem pequena valia, a da beleza que se furta à luz: vai dizer-lhe que surja, consinta que a desejem, e que não core tanto ao ser admirada. // É morre, então! para que ela possa ler em ti o destino comum das coisas raras: quão pequeno quinhão do tempo compartilham, tão maravilhosamente doces, belas!).

Compare o leitor os dois poemas (o de Waller: ca. 1640; o de EP: 1919) e veja como um, louvando-o, ressuscita o outro, ao mesmo tempo que chama à cena vários séculos de poesia inglesa, com evidentes alusões a Chaucer, Shakespeare, Rossetti, Browning...

Para os interessados, eis o original de Pound:

ENVOI (1919)

Go, dumb-born book,
Tell her that sang me once that song of
[Lawes:
Hadst thou but song
As thou hast subjects known,
Then were there cause in thee that
[should condone
Even my faults that heavy upon me lie.
And build her glories their longevity.

Tell her that sheds
Such treasure in the air,
Recking naught else but that her graces
[give

Life to the moment,
I would bid them live
As roses might, in magic amber laid.
Red overwrought with orange and all
[made

One substance and one colour
Braving time.

Tell her that goes
With song upon her lips
But sings not out the song, nor knows
The maker of it, some other mouth,
May be as fair as hers,
Might, in new ages, gain her worship-
[pers.
When our two dusts with Waller's shall
[be laid.

Siftings on sittings in oblivion,
Till change hath broken down
All things save Beauty alone.

Figura 91 – Em torno de um poema de Ezra Pound. Artigo e tradução poética de Mário Faustino.

38º número de "Poesia-Experiência", de 09 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Em torno de um poema de Ezra Pound

Na primeira página deste Suplemento, os leitores terão encontrado uma tentativa de tradução da famosa tornada com que Ezra Pound remata a metade inicial de seu primeiro longo poema: “Hugh Selwyn Mauberley (Life and Contacts)”. Para alguns aspectos desse envio e dessa tradução gostaríamos de chamar, aqui, a atenção do leitor menos informado.

“Mauberley” é o primeiro grande preparo de Pound para os “Cantos”, que começou a escrever na mesma época, também marcada pela “Homage to Sextus Propertius” – o segundo grande ensaio. É época em que o “enfant terrible” E. P., auto-exilado, andava jogando pedras nas farisaicas e reacionárias vidraças da literatura londrina... Em “H. S. Mauberley” (a primeira grande “persona” poundiana; não a mesma coisa que heterônimos: mais ou menos isso Pound teve com o seu Alfred Venison, o seu Caid Ali...) E. P. começa a pôr em prática, em vasta escala, suas experiências de montagem ideogramático-cinematográfica, de construção de uma ideologia histórico-estética, de crítica vertical e horizontal dos tempos, de aventura “cultura-morfológica”. Nesse poema, que até um crítico semi-acadêmico como Leavis considera um dos maiores da língua inglesa, encontramos a poesia grega e o romance francês, a gíria americana e a pintura italiana, a paidéia e o ideal de ordem e de exatidão, Homero, Bion, Ovídio, Horácio, Dante, Flaubert, Gautier, Laforgue, Remy de Gourmont, Stuart Merrill, Henry James, Lionel Johnson, acontecimentos mundiais e pessoais do “turn of the century”...

O “Envoi” encerra a primeira parte do poema. É um adeus de Pound a Londres, é uma homenagem sua aos poetas do tempo de Elizabeth e de Jaime I que sabiam compor poesia-canção (os grandes músicos da época sabiam, por sua vez, musicá-las), é uma reverência aos cantores provençais e toscanos que inventaram o belo ritmo longo-breve gerador da “canzone”, gênero tão querido de Pound, e é, também, uma das raras ocasiões em que o irônico e exato Ezra se permitiu certos arroubos líricos.

Para escrever esse “Envoi”, Pound partiu da célebre canção de Edmund Waller, posta em música pelo grande compositor elisabetano Henry Lawes (ao ler a tradução do “envio”, pronunciar à inglesa, “lóss”, pró rima nossa...):

GO, LOVELY ROSE

Go, lovely Rose!
 Tell her that wastes her time and me,
 That now she knows,
 When I resemble her to thee,
 How sweet and fair she seems to be.

Tell her that's young,
 And shuns to have her graces spied,
 That hadst thou sprung
 In deserts where no men abide,
 Thou must have uncommended died.

Small is the worth
 Of beauty from the light retired;
 Bid her come forth,
 Suffer herself to be desired,
 And not blush so to be admired.

Then die! that she
 The common fate of all things rare
 May read in thee;
 How small a part of time they share
 That are so wondrous sweet and fair!

(Tradução literal:

“Vai, rosa adorável, diga a ela que perde o seu tempo e me perde, que pode ver agora como parece bela, quando a comparo a ti. //

Dize a ela que é jovem e evita lhe espiem as graças, que, tivesses brotado nos desertos, onde não moram os homens, e terias morrido sem orações.//

Bem pequena valia, a da beleza que se furta à luz: vai dizer-lhe que surja, consinta que a desejem, e que não core tanto ao ser admirada. //

E morre, então! para que ela possa ler em ti o destino comum das coisas raras: quanto pequeno quinhão do tempo compartilham, tão maravilhosamente doces, belas!).

Compare o leitor os dois poemas (o de Waller: *ca.* 1649; o de EP: 1919) e veja como um, louvando-o, ressuscita o outro, ao mesmo tempo que chama à cena vários séculos de poesia inglesa, com evidentes alusões a Chaucer, Shakespeare, Rossetti, Browning...

Para os interessados, eis o original de Pound:

ENVOI (1919)

Go, dumb-born book,
 Tell her that sang me once that song of Lawes:
 Hadst thou but song
 As thou hast subjects known,
 Then were there cause in thee that should condone
 Even my faults that heavy upon me lie
 And build her glories their longevity.

Tell her that sheds
 Such treasure in the air,
 Recking naught else but that her graces give
 Life to the moment,
 I would bid them live
 As roses might, in magic amber laid,
 Red overwrought with orange and all made
 One substance and one colour
 Braving time.

Tell her that goes
 With song upon her lips
 But sings not out the song, nor knows
 The maker of it, some other mouth,
 May be as fair as hers,
 Might, in new ages, gain her worshippers,
 When our two dusts with Waller's shall be laid,
 Siftings on siftings in oblivion,
 Till change hath broken down
 All things save Beauty alone.

Ficha da publicação

TÍTULO	EM TORNO DE UM POEMA DE EZRA POUND
AUTORES	Edmund Waller, 1606-1687 (Inglaterra) Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Go, lovely Rose”, “Envoi” (Pound, 1919)”
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta literal em prosa
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência” – sem seção
DATA	09 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 038. SD, n. 054. JB, n. 132 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/74835
OBSERVAÇÕES	Nesse ensaio, MF comenta a referência de Waller, por meio da tradução do poema “Go, lovely Rose”, no poema “Envoi” de Pound. Além disso, esse poema do norte-americano é publicado na primeira página do Suplemento Dominical de 09 jun. 1957. Do artigo de Faustino, depreende-se que o poema de Pound pode ser visto também como um processo de tradução da poesia de Edmund Waller.

IX – HEINRICH HEINE

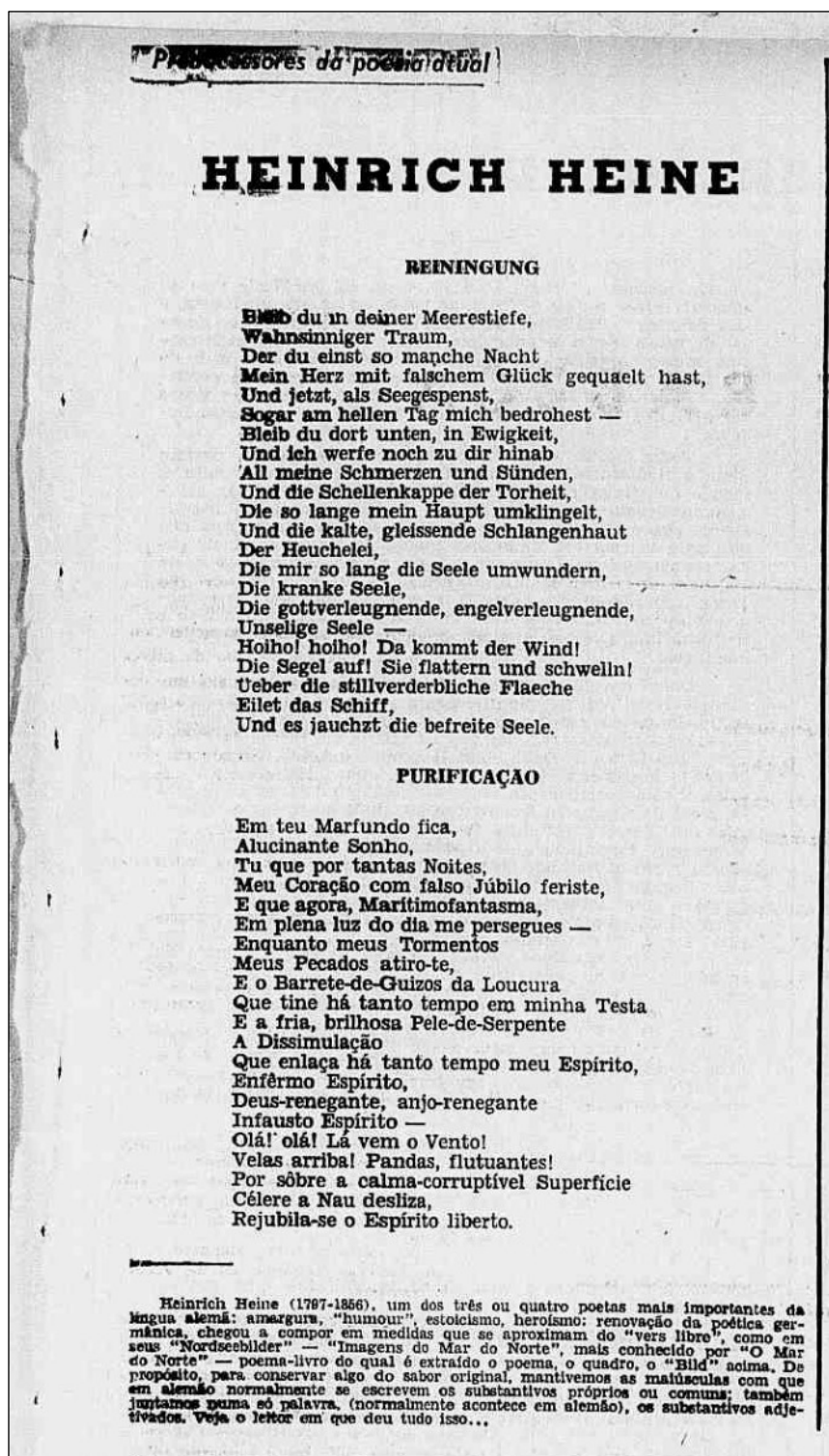


Figura 92 – HEINRICH HEINE. Tradução e nota de Mário Faustino. Primeiro e único número de "Predecessores da poesia atual", de 16 jun. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

[XI] Reinigung

Bleib du in deiner Meerestiefe,
 Wahnsinniger Traum,
 Der du einst so manche Nacht
 Mein Herz mit falschem Glück gequält hast,
 Und jetzt, als Seegespenst,
 Sogar am hellen Tag mich bedrohest -
 Bleib du dort unten, in Ewigkeit,
 Und ich werfe noch zu dir hinab
 All meine Schmerzen und Sünden,
 Und die Schellenkappe der Torheit,
 Die so lange mein Haupt umklingelt,
 Und die kalte, gleißende Schlangenhaut
 Der Heuchelei,
 Die mir so lang die Seele umwunden,
 Die kranke Seele,
 Die gottverleugnende, engelverleugnende,
 Unselige Seele -
 Hoiho! hoiho! Da kommt der Wind!
 Die Segel auf! Sie flattern und schwelln!
 Über die stillverderbliche Fläche
 Eilet das Schiff,
 Und es jauchzt die befreite Seele.

Purificação

Em teu Marfundo fica,
 Alucinante Sonho,
 Tu que por tantas Noites,
 Meu Coração com falso Júbilo feriste,
 E que agora, Marítimofantasma,
 Em plena luz do dia me persegues –
 Enquanto meus Tormentos
 Meus Pecados atiro-te,
 E o Barrete-de-Guizos da Loucura
 Que tine há tanto tempo em minha Testa
 E a fria, brilhosa Pele-de-Serpente
 A Dissimulação
 Que enlaça há tanto tempo meu Espírito,
 Enfermo Espírito,
 Deus-renegante, anjo-renegante
 Infausto Espírito –
 Olá! olá! Lá vem o Vento!
 Velas arriba! Pandas, flutuantes!
 Por sobre a calma-corruptível Superfície
 Célebre a Nau desliza,
 Rejubila-se o Espírito liberto.

Nota:

Heinrich Heine (1797-1866), um dos três ou quatro poetas mais importantes da língua alemã: amargura, “humour”, estoicismo, heroísmo; renovação poética germânica, chegou a compor em medidas que se aproximam do “vers libre”, como em seus “Nordseebilder” – “Imagens do Mar do Norte”, mais conhecido por “O mar do Norte” – poema-livro do qual é extraído o poema, o quadro, o “Bild” acima. De propósito, para conservar algo do sabor original, mantivemos as maiúsculas com que em alemão normalmente se escrevem os substantivos próprios ou comuns; também juntamos numa só palavra, (normalmente acontece em alemão), os substantivos adjetivados. Veja o leitor em que deu tudo isso...

Ficha da publicação

TÍTULO	HEINRICH HEINE
AUTOR	Heinrich Heine, 1797-1856 (Alemanha)
TEXTO ORIGINAL	“Reiningun” (1826)
TEXTO TRADUZIDO	“Purificação”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: alemão-português
IDIOMA	Alemão
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Predecessores da poesia atual”
DATA	16 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 039. SD, n. 055. JB, n. 139 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Predecessores da poesia atual”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	HEINRICH HEINE. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 256-57. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/75115
DESCRIÇÃO	Publicação da seção “Predecessores da poesia atual”, com título do nome do poeta (negrito, caixa alta), poema no original (título em caixa alta e negrito), poema traduzido (título em negrito e caixa alta), e nota no final.
NOTA	“De proposito, para conservar algo do sabor original, mantivemos as maiúsculas com que em alemão normalmente se escrevem os substantivos próprios ou comuns; também juntamos numa só palavra, (normalmente acontece em alemão), os substantivos adjetivados. Veja o leitor em que deu tudo isso...”
OBSERVAÇÕES	Nota explicativa com comentários sobre o processo de tradução.

X – DYLAN THOMAS

NO SUN SHINES

*Light is the sun's own shining
 Where no sun is, the centre of the heart.
 Sheds in black night
 Heat, makes ghosts in the shadows in their heads,
 The things of light
 Shine through the stars and on the dark deck the bones.*

*It is the sun's own shining
 Where no sun is, the centre of the heart.
 Sheds in black night
 Heat, makes ghosts in the shadows in their heads,
 The things of light
 Shine through the stars and on the dark deck the bones.*

*Down breaks behind the eyes;
 From poles of star and for the windy blood.
 Sinks like a sun;
 Not forced, nor staked, the gushers of the air;
 Spout to the void
 Draining in a smile the oil of tears.*

*Night in the sockets rounds,
 Like some pitch moon, the limit of the globe;
 Day lights the bones;
 Where no sun is, the skinning gates unpin
 The winter's robes;
 The film of spring is hanging from the lids.*

*Light breaks on secret lots,
 On lips of thought where thought smelt in the air;
 When logic dies,
 The secret of the soil grows through the eye,
 And blood jumps in the sun;
 Above the waste elements the dawn halts.*

**A LUZ REBENTA ONDE SOL
 NENHUM BRILHA**

*À luz rebenta onde sol nenhum brilha;
 Onde nar nenhum corre, as águas do coração
 Metem suas marés;
 E, fantasmas quebrados, vagalumes nos cérebros,
 Coisas da luz se enfiam
 Pela carne onde a carne os ossos não recama.*

*Entre as coxas um eiró
 Juventude e semente aquece, e queima
 Sementes de velhice;
 Onde semente alguma trema, o fruto
 Do homem se desenruga até os astros,
 Brillante como um figo;
 Onde éra não há, o eiró expõe seus pêlos.*

*Madrugada rebenta atrás dos olhos;
 Dos polos de artelho e crânio, o sangue proceloso
 Escorre como um mar;
 Sem grade ou tórre, poços do céu esguicham,
 Vara, cetro, rebento,
 Num riso adivinhando o petróleo das lágrimas.*

*Noite ronda nas órbitas,
 Como lua de paz, o limite dos glóbulos;
 O dia acende o osso;
 Onde frio não há, escuriando borrasca
 Tira a roupa do inverno;
 Pendure-se da pálpebra a membrana
 Da primavera —*

*À luz rebenta nas gíelas secretas
 Nas pontas do pensamento, lá onde os pensamentos
 Resonam sob a chuva;
 Quando as lógicas morrem,
 Sangue através do olho o mistério do solo,
 Sangue jorra no sol;
 Sobee os lotes inculcos madrugada faz alto.*

A significação fêlica da palavra "none" na série anglo-americana, unificando a dualidade das palavras, norte-sul, constitui o centro metafísico desta poesia de Dylan Thomas, um dos momentos de maior alta voltagem da poesia de nosso século. *Diebhang*, em alemão lembra Pound: poesia e condensação, "literatura e linguagem carregada de sentido". Nessa perspectiva, Thomas (nato em 1894) encontra-se deberto no mais alto estágio da poesia contemporânea, literatura direta que é da espécie "Nótoro-Poeta-Dois-Séculos-Depois". O poema acima é um exemplo-semente onde as grandes dualidades (dia-noite, aquecimento, alto-frio, vida-morte, inverno-primavera, luz-olho, ferir-que não mata, sono de fetiche, divã, "bela", "quadrado", "volatilidade, ritual, escultura, por-ritmo de chuva e de vida).

Figura 93 – DYLAN THOMAS. Tradução e nota de Mário Faustino.
 40º número de "Poesia-Experiência", de 23 jun. 1957.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Light breaks where no sun shines

Light breaks where no sun shines;
Where no sea runs, the waters of the heart
Push in their tides;
And, broken ghosts with glow-worms in their heads,
The things of light
File through the flesh where no flesh decks the bones.

A candle in the thighs
Warms youth and seed and burns the seeds of age;
Where no seed stirs,
The fruit of man unwrinkles in the stars,
Bright as a fig;
Where no wax is, the candle shows its hairs.

Dawn breaks behind the eyes;
From poles of skull and toe the windy blood
Slides like a sea;
Nor fenced, nor staked, the gushers of the sky
Spout to the rod
Divining in a smile the oil of tears.

Night in the sockets rounds,
Like some pitch moon, the limit of the globes;
Day lights the bone;
Where no cold is, the skinning gales unpin
The winter's robes;
The film of spring is hanging from the lids.

Light breaks on secret lots,
On tips of thought where thoughts smell in the rain;
When logics die,
The secret of the soil grows through the eye,
And blood jumps in the sun;
Above the waste allotments the dawn halts

A luz rebenta onde sol nenhum brilha

A luz rebenta onde sol nenhum brilha;
Onde mar nenhum corre, as águas do coração
Metem suas marés;
E, fantasmas quebrados, vagalumes nos cérebros,
Coisas da luz se enfiam
Pela carne onde a carne os ossos não recama.

Entre as coxas um círio
Juventude e semente aquece, e queima
Sementes de velhice;
Onde semente alguma treme, o fruto
Do homem se desenruga até os astros,
Brilhante como um figo;
Onde cera não há, círio expõe seus pelos.

Madrugada rebenta atrás dos olhos;
 Dos polos de artelho e crânio, o sangue proceloso
 Escorre como um mar;
 Sem grade ou torre, poços do céu esguicham,
 Vara, cetro, rebento,
 Num riso adivinhando o petróleo das lágrimas.

Noite ronda nas órbitas,
 Como lua de pez, o limite dos globos;
 O dia acende o osso;
 Onde frio não há escorchante borrasca
 Tira a roupa do inverno;
 Pendura-se da pálpebra a membrana
 Da primavera –

A luz rebenta nas glebas secretas
 Nas pontas do pensamento, lá onde os pensamentos
 Recendem sob a chuva;
 Quando as lógicas morrem,
 Cresce através do olho do mistério do solo,
 Sangue jorra no sol;
 Sobre os lotes incultos madrugada faz alto.

Nota:

A significação fálica da palavra “bone” na gíria anglo-americana unificando o dualismo ósseo-priapo, morte-amor, constitui o centro metafórico deste poema de Dylan Thomas, um dos momentos de mais alta voltagem da poesia de nosso século. *Dichtung*, em alemão (lembra Pound): poesia e condensação. “Literatura é linguagem carregada de sentido”. Nessa perspectiva, Thomas (morto em [19]55) encontra-se decerto no mais alto plano da poesia contemporânea, herdeiro direto que é da estirpe Webster-Tourneur-Donne-Hopkins. O poema acima é um cemitério-sementeira onde as grandes dualidades dia-noite, amor-morte, sístole-diástole, stásis-kinésis, inverno-primavera, lua-sol, fertilidade-esterilidade, etc., recriam (em padrões rítmicos de surpreendente misticismo, em que cada nome se fetichiza, diviniza, retifica), verdadeiro ritual, procriador de chuva e de vida.

Ficha Da Publicação

TÍTULO	DYLAN THOMAS
AUTOR	Dylan Thomas, 1914-1953 (País de Gales, Reino Unido)
TEXTO ORIGINAL	“Light breaks where no sun shines”
TEXTO TRADUZIDO	“A luz rebenta onde sol nenhum brilha”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	23 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 040. SD, n. 056. JB, n. 144 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	DYLAN THOMAS. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia Traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 296-99. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/75351
DESCRIÇÃO	Publicação do poema no original, seguido da sua tradução, e nota no final.
NOTA	Nota explicativa com comentários sobre o poema.

XI – EZRA POUND

O “CANTO I” DE EZRA POUND

Traduzido por Olympio Monat da Fonseca

Embarcamos então,
 A quilha cortando as ondas, rumo ao divino mar,
 Plantando o mastro, navegamos naquela noturna nave,
 Abatemos ovelhas e nossos corpos também
 Laços de pranto, para que os ventos de estibordo
 Pelas túmidas velas, nos levem avante,
 Por artes de Circe, deusa de lindas coifas.
 Então nos quedamos no meio do barco, a trave do leme sus-
 [tendo o rumo,
 E assim de velas pandas, mares à fora sulcamos até o fim
 [do dia.
 Sol para a modorra, ou trevas no oceano,
 Alcançamos os confins das mais soturnas águas,
 Cimérias terras, cidades povoadas
 Por espessas brumas ocultas, nunca dantes desvendadas
 Pelo fulgor do sol
 Nem pela cintilação das estrélas, ou delas sequer se divisar
 [o céu
 E a mais trevosa noite cai sôbre os desgraçados.
 O oceano impelindo aversamente, no sitio de Circe
 Fomos dar.
 Lá celebraram ritos, Perimedes e Euriloco,
 Desembainhando do flanco a minha adaga
 Cavei um fosso
 E fizemos libações a cada um dos mortos.
 Hidromel primeiro e depois vinho doce, água e farinha branca.
 Assim, muito orci pelos funestos despojos.
 Quando tornássemos então, a Itaca, touros dos melhores
 Para o sacrifício, amontoando a pira de oferendas,
 Uma ovelha inteira para Tírsias, negra e mansa.
 O rubro sangue verte.
 E fugitivas almas do Erebo, corpos insepultos de noivas,
 De moços e velhos que tanto padeceram,
 Almas feridas por recente pranto, ternas jovens,
 Guerreiros muitos, esmagados por cinébricas lanças,
 Despojos de batalha, trazendo ainda hórridas armas,
 Acercam-se de mim em turba, aos gritos,
 E lívido fico e brado aos meus por novas bêstas,
 Degeladas as rezas, morta a ovelha pelo bronze,
 Deitamos bálsamos, suplicando aos deuses,
 A Plutão, o forte, e louvamos Proserpina.
 Desembainhada a curta lâmina,
 Busco calar os impetuosos mortos impotentes
 Até que ouça Tírsias.
 Quando surge primeiro Elpenor, nosso amigo Elpenor,
 Insepulto, na terra imensa abandonado,

Formas que olvidamos na mansão de Circe,
 Não pranteadas, do sepulcro despojadas até que alguém delas
 [se lembre
 Misero espectro. Bradei então aflito:
 “Elpenor, como vieste dar nestas soturnas praias,
 A pé, porventura, veloz marinheiro?”
 E êle grave:
 “Fados cruéis e abundante vinho. Sucumbi nas malhas de
 [Circe,
 Quando desarmado desci o profundo abismo,
 Cai, rompendo a nuca, a alma ganhando a Averno,
 Porém, tu, ó Rei, suplico lembrar-te de mim que pranteado
 [não fui, que insepulto fico,
 Junta minhas armas e enterra-me frente ao mar, e grava,
 “Infortunado homem, sem nome ainda”
 “E pouza a meu lado os remos que impeli outrora”.
 Surge então Anticléia, que repeli, por fim o tebanos Tírsias,
 Seu bastão de ouro trazendo, e reconhece-me a fala:
 “Aqui de novo? Por que, ó homem de funestos astros,
 Contemplando pálidos mortos e essas tristes plagas?
 Afasta-te dessa pira e deixa para o futuro
 Minha rubra oferenda”.
 Recuei um passo,
 E êle terrível pelo sangue, brada: “Odisséu
 Voltarás através do rancoroso Netuno, por sombrios mares,
 Perdendo os companheiros”. Então Anticléia surgiu.
 Descança em paz Divus, quero dizer, isto é, Andreas Divus,
 In officina Wecheli, 1538. — não em Homero.
 E assim das Sereias, êle sulcou avante, de Circe
 Fugindo.
 Venerandam,
 Segundo o dizer de Creta, da coroa de ouro Afrodite cingida,
 Cypri munimenta sortita est, resplendente, de oricalco, ouro
 [e colares
 Ornada, ó tu de noturnas pálpebras
 Que levas o cálice de ouro do Argicida. Por isso:

Manda-nos o Sr. Olympio Monat da Fonseca esta competente tradução do Canto I de Ezra Pound, entre nós já traduzido, por outro lado, pela equipe Décio Pignatari-Haroldo d. Campos-Augusto de Campos. Nesta tradução o Sr. O. M. da Fonseca mostra qualidades que gostaríamos de ver confirmadas por sua própria poesia — da qual já ouvimos falar, mas que ainda não conhecemos. Continuem os poetas mais novos a enviar-nos os seus trabalhos: originais ou traduções. Recebemos semanalmente muita coisa, melhorando, cada vez mais, o nível geral. Consideramos esta seção a mais importante da página e gostaríamos de vê-la mais e mais enriquecida.

Figura 94 – O “CANTO I” DE EZRA POUND. Tradução de Olympio Monat da Fonseca.

Nota de Mário Faustino. 30 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

Manda-nos o Sr. Olympio Monat da Fonseca esta competente tradução do “Canto I” do Ezra Pound, entre nós já traduzido, por outro lado, pela equipe Décio Pignatari-Haroldo de Campos-Augusto de Campos. Nesta tradução o Sr. O. M. da Fonseca mostra qualidades que gostaríamos de ver confirmadas por sua própria poesia – da qual já ouvimos falar, mas que ainda não conhecemos. Continuem os poemas mais novos a enviar-nos os seus trabalhos: originais ou traduções. Recebemos semanalmente muita coisa, melhorando, cada vez mais, o nível geral. Consideramos esta seção a mais importante da página e gostaríamos de vê-la mais e mais enriquecida.

Ficha da publicação

TÍTULO	O “CANTO I” DE EZRA POUND
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Canto I”
TEXTO TRADUZIDO	“Canto I”
TRADUTOR	Olympio Monat da Fonseca
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	30 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 041. SD, n. 057. JB, n. 150 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	[?]
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/75627
OBSERVAÇÕES	Publicação do poema de Pound traduzido por Olympio Monat. Nela, destaque para o título em caixa alta e negrito, seguido do nome do tradutor, texto traduzido e nota de Mário Faustino
NOTA	Nota explicativa com comentários sobre o poema traduzido.

XII – WILLIAM CARLOS WILLIAMS:



Figura 95 – WILLIAM CARLOS WILLIAMS: Come on! Deixa disso!
 Tradução de Mário Faustino. 41º número de “Poesia-Experiência”, de 30 jun. 1957.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Come on!
 A different kind of thought
 blander
 and more desperate
 like that of
 Sergeant So-and-So
 at the road
 in Belleau Wood:
 Come on!
 Do you want to live
 forever? –
 That
 is the essence
 of poetry.
 But it does not
 always
 take the same form.
 For the most part
 it consists
 in listening
 to the nightingale
 or fools.

Deixa disso!
 Um pensamento diferente
 mais brando
 e mais desesperado
 igual ao do
 Sargento Fulano
 no meio da estrada
 em Belleau Wood:
 Deixa disso!
 Queres viver
 eternamente? –
 Isso
 é a essência
 da poesia.
 Contudo nem
 sempre:
 assume a mesma forma.
 O mais das vezes
 consiste
 em escutar
 o rouxinol
 ou os tolos.

Ficha da publicação

TÍTULO	WILLIAM CARLOS WILLIAMS
AUTOR	William Carlos Williams, 1921-1963 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Come on!” (<i>Journey to love</i> , 1955)
TEXTO TRADUZIDO	“Deixa disso!”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	30 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 041. SD, n. 057. JB, n. 150 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	WILLIAM CARLOS WILLIAMS. In. FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 282-83. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/75627
DESCRIÇÃO	Título, poema original e tradução (ladeados) – mesma disposição gráfica.

XIII – UMA CANÇÃO DE BEN JONSON

Rio de Janeiro

UMA CANÇÃO DE BEN JONSON

Tradução de MÁRIO FAUSTINO

<p>Song, to Celia</p> <p><i>Drink to me, onely, with thine eyes, And I will pledge with mine; Or leave a kiss but in the cup, And Ile not looke for wine. The thirst, that from the soule doth rise, Doth aske a drinke divine: But might I of IOVE's Nectar sup, I would not change for thine. I sent thee, late, a rose wreath, Not so much honoring thee, As giving it hope, that there It could not withered bee. But thou thereon did'st onely breath, And sent'st it backe to mee: Since when it grows, and smells, I sweare, Not of it selfe, but thee.</i></p>	<p>Canção, para Célia</p> <p>Bebe comigo apenas com teus olhos E de penhor dar-te-ei os meus; Ou deixa apenas na taça um beijo Não há vinho que valha os teus; Sêde da alma não pede, exige Bebida feita para um deus; Mas teu néctar eu não desprezaria Nem que me dessem do de Zeus. Mandei-te um ramalhete há pouco, não Para honrar-te, nem tanto, e sim Para dar-lhe esperança de tornar-se, A teu lado, eterno jasmim. De seu perfume apenas respiraste E o mandaste de volta, assim Que agora só rescende a ti, não mais A si mesmo — pobre de mim.</p>
--	--

Ben Jonson, 1572-1637, uma espécie de "pendant" de Shakespeare: o artista "clássico", perfeccionista, erudito, artezão, equilibrando, na mesma época, o gênio gótico. Suas conversas, nas tabernas de Londres, talvez tenham influído ainda mais que sua poesia. Suas peças, sobretudo "Volpone" fazem dele um Molière de além-Mancha; e suas líricas — epigramas, epitáfios, canções, sátiras — um equivalente, na Inglaterra, digno dos melhores poetas da "antologia grega". A canção acima, a mais célebre das suas, é extraída de "Volpone", tendo sido musicada por Alfonso Ferrabosco em 1609. Note o leitor a riqueza das rimas: o tradutor mal pôde manter a metade.

Figura 96 – BEN JONSON. Tradução e nota de Mário Faustino.
Primeira página do Suplemento Dominical, de 21 jul. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Song, to Celia

Drink to me only with thine eyes,
 And I will pledge with mine;
 Or leave a kiss but in the cup,
 And I'll not look for wine.
 The thirst that from the soul doth rise
 Doth ask a drink divine;
 But might I of Jove's nectar sup,
 I would not change for thine.
 I sent thee late a rosy wreath,
 Not so much honouring thee
 As giving it a hope, that there
 It could not withered be.
 But thou thereon didst only breathe,
 And sent'st it back to me;
 Since when it grows, and smells, I swear,
 Not of itself, but thee.

Canção, para Célia

Bebe comigo apenas com teus olhos
 E de penhor dar-te-ei os meus;
 Ou deixa apenas na taça um beijo
 Não há vinho que valha os teus;
 Sede da alma não pede, exige
 Bebida feita para um deus;
 Mas teu néctar eu não desprezaria
 Nem que me dessem do de Zeus.
 Mandei-te um ramalhete há pouco, não
 Para honrar-te, nem tanto, e sim
 Para dar-lhe esperança de tornar-se,
 A teu lado, eterno jasmim.
 De seu perfume apenas respiraste
 E o mandaste de volta, assim
 Que agora só rescende a ti, não mais
 A si mesmo – pobre de mim.

Nota:

Ben Jonson, 1572-1637, uma espécie de “pendant” de Shakespeare: o artista “clássico”, perfeccionista, erudito, artesão, equilibrado, na mesma época, o gênio gótico. Suas conversas, nas tabernas de Londres, talvez tenham influenciado ainda mais que sua poesia. Suas peças, sobretudo “Volpone” fazem dele um Molière de além-Mancha; e suas líricas – epigramas, epitáfios, canções, sátiras – um equivalente, na Inglaterra, digno dos melhores poetas da “antologia grega”. A canção acima, a mais célebre das suas, é extraída de “Volpone”, tendo sido musicada por Alfonso Ferrabosco em 1609. Note o leitor a riqueza das rimas: o tradutor mal pode manter a metade.

Ficha da publicação

TÍTULO	UMA CANÇÃO DE BEM JONSON
AUTOR	Benjamin Jonson, 1572-1637 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	“Song, to Celia”
TEXTO TRADUZIDO	“Canção, para Célia”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	Primeira página SDJB
DATA	21 jul. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	SD, n. 060. JB, n. 167 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 21 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, p. 1.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	BEN JONSON. In: FAUSTINO, M. <i>Poesia completa. Poesia traduzida</i> . Organização, introdução e notas de Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 244-45. Bilíngue.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/76505
DESCRIÇÃO	Publicação em primeira página do SDJB. Disposição da publicação: Título com nome do autor (caixa alta e negrito), nome do tradutor (negrito e caixa alta), poema no original (itálico) e tradução (ladeados) e nota no final.
NOTA	“Note o leitor a riqueza das rimas: o tradutor mal pode manter a metade”.
OBSERVAÇÕES	Nessa nota, MF faz comentários sobre o autor e sua obra, com referência à sua tradução.

XIV – SAINT JOHN-PERSE

<p>SAINT - JOHN PERSE :</p> <p>DÉDICACE (De "Amers")</p> <p>Midi, ses fauves, ses famines, et l'An de mer à son plus haut sur la table des Eaux...</p> <p>— Quelles filles noires et sanglantes vont sur les sables violents longeant l'effacement des choses?</p> <p>Midi, son peuple, ses lois fortes... L'oiseau plus vaste sur son erre voit l'homme libre de son ombre, à la limite de son bien.</p> <p>Mais notre front n'est point sans or. Et victorieuses encore de la nuit sont nos montures écarlates.</p> <p>Ainsi les Cavaliers en armes, à bout de Continents, font au bord des falaises le tour des péninsules.</p> <p>— Midi, ses forges, son grand ordre... Les promontoires ailés s'ouvrent au loin leur voie d'écume bleuisante.</p> <p>Les temples brillent de tout leur sel. Les dieux s'éveillent dans le quartz.</p> <p>Et l'homme de vigie, là-haut, parmi ses ocres, ses craies fauves, sonne midi le rouge dans sa corne de fer.</p> <p>Midi sa foudre, ses présages; Midi, ses fauves au forum, et son cri de pygargue sur les rades désertes!...</p> <p>— Nous qui mourrons peut-être un jour disons l'homme immortel au foyer de l'instant.</p> <p>L'Usurpateur se lève sur sa chaise d'ivoire. L'amant se lave de ses nuits.</p> <p>Et l'homme au masque d'or se dévêt de son or en l'honneur de la Mer.</p> <p>Assim termina Saint-John Perse seu monumental poema "Amers", por nós comentado neste mesmo número, em "Bibliografia". N.B.: "pigarga" é uma espécie de águia ribalva, lito é, de cauda branca.</p>	<p>DEDICATORIA</p> <p>(Canto final do poema "Amers")</p> <p>Meio-dia, suas bestas, suas faminas, e o Ano marinho em seu zênite sobre a mesa das Aguas...</p> <p>— Que jovens negras e sangrentas seguem pelas areias violentas, ao longo da supressão das coisas?</p> <p>Meio-dia, seu povo, suas leis fortes... O pássaro mais vasto sobre seu próprio rasto vê o homem livre de sua sombra, na fronteira de seu bem.</p> <p>Mas nossa fronte não é despida de ouro. E ainda vitoriosas sobre a noite são as nossas montarias es-carlates.</p> <p>Assim os Cavaleiros armados, ao fim dos Continentes, fazem à beira das falésias o circuito das peninsulas.</p> <p>— Meio-dia, suas forjas, sua grande hierarquia... Ao longe os promontórios alados vão abrindo sua estrada de espuma azuladora.</p> <p>Os templos brilham com todo o seu sal. Os deuses despertam no quartz.</p> <p>E o vigia, lá no alto, entre seus ocres, suas gredas selvagens, dá meio-dia rubro em seu corno de ferro.</p> <p>Meio-dia, seu corisco, seus presságios; Meio-dia, suas bestas no fórum, e seu grito de pigarga sobre as angras desertas!...</p> <p>— Nós que talvez um dia morreremos digamos imortal o homem no lar do instante.</p> <p>O Usurpador se levanta em sua cadeira de marfim. O amante se lava de suas noites.</p> <p>E o homem máscara de ouro se despe de seu ouro para honra do Mar.</p>
---	---

Figura 97 – SAINT-JOHN PERSE. Tradução e nota de Mário Faustino.
47º número de "Poesia-Experiência", de 11 ago. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Midi, ses fauves, ses famines, et l'An de mer à son plus haut sur la table des Eaux ...

– Quelles filles noires et sanglantes vont sur les sables violents longeant l'effacement des choses?

Midi, son peuple, ses lois fortes... L'oiseau plus vaste sur son erre voit l'homme libre de son ombre, à la limite de son bien.

Mais notre front n'est point sans or. Et victorieuses encore de la nuit sont nos montures écarlates.

Ainsi les Cavaliers en armes, à bout de Continents, font au bard des falaises le tour des péninsules.

– Midi, ses forges, son grand ordre... Les promontoires ailés s'ouvrent au loin leur voie d'écume bleuissante. Les temples brillent de tout leur sel. Les dieux s'éveillent dans le quartz.

Et l'homme de vigie, là-haut, parmi ses ocres, ses craies fauves, sonne midi le rouge dans sa carne de fer.

Midi, sa foudre, ses présages; Midi, ses fauves au forum, et son cri de pygargue sur les rades désertes!...

– Nous qui mourrons peut-être un jour disons l'homme immortel au foyer de l'instant.

L'Usurpateur se lève sur sa chaise d'ivoire. L'amant se lave de ses nuits.

Et l'homme au masque d'or se dévêt de son or en L'honneur de la Mer.

Dedicatória

(Canto final do poema "Amers")

Meio-dia, suas bestas, suas famintas, e o Ano marinho em seu zênite sobre a mesa das Águas...

– Que jovens negras e sangrentas seguem pelas areias violentas, ao longo da supressão das coisas?

Meio-dia, seu povo, suas leis fortes... O pássaro mais vasto sobre seu próprio rasto vê o homem livre de sua sombra, na fronteira de seu bem.

Mas nossa fronte não é despida de ouro. E ainda vitoriosas sobre a noite são as nossas montarias es-carlates.

Assim os Cavaleiros armados, ao fim dos Continentes, fazem à beira das falésias o circuito das pensínsulas.

– Meio-dia, suas forjas, sua grande hierarquia... Ao longe os promontórios alados vão abrindo sua estrada de espuma azuladora.

Os templos brilham com todo o seu sal. Os deuses despertam no quartzo.

E o vigia, lá no alto, entre seus ocres, suas gredas selvagens, dá meio-dia rubro em seu corno de ferro.

Meio-dia, seu corisco, seus presságios; Meio-dia, suas bestas
no fórum, e seu grito de pigarga sobre as angras
desertas!...

– Nós que talvez um dia morreremos digamos imortal o
homem no lar do instante.

O Usurpador se levanta em sua cadeira de marfim. O
amante de leva de suas noites.

E o homem máscara de ouro se despe de seu ouro para
honra do Mar.

Nota:

Assim termina Saint-John Perse seu monumental poema “Amers”, por nós neste mesmo número em “Bibliografia”. N. B: (nota bibliográfica). “pigarga” é uma espécie águia ribalta, isto é, de cauda branca.

* Nessa nota, Mário Faustino remete à resenha que faz do livro *Amers* do poeta francês, publicado na mesma edição SDJB, na página “Bibliografia”. Nela ele, destaca:

FAUSTINO, M. *Amers*. In: Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*. 11 ago. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, Bibliografia, p. 2.

Resenha

Amers

SAINT-JOHN PERSE, Gallimard (NRF), 1957, 190 págs.

Talvez o acontecimento marcante da poesia universal em 1957 seja o longo poema com Saint-John Perse encerra um período de quase onze anos sem publicar trabalhos novos em forma de livro. Um segundo período, aliás: “Elopes” e *Anabase*” escritos entre 1909 e 1922, Perse passou vinte anos ausente do movimento editorial, ao qual voltou em 1943 para viver, até 1946, outra fase de grande sucesso internacional, com “Exil”, “Pluies” e “Vents”. Há muitos anos residindo nos Estados Unidos (é atualmente consultor, “leitor” da Biblioteca do Congresso, Washington). Perse volta agora com este “Amers”, após prolongado silêncio editorial, interrompido apenas pelo primeiro volume de suas obras completas, também NRF, em 1953.

Várias partes de “Amers” Já haviam surgido em revistas francesas, e algumas, traduzidas, vieram a lume em publicações inglesas e americanas, espanholas, alemãs, suecas. Já conhecíamos, por exemplo, na versão inglesa de Wallace Fowlie, publicada com o texto francês, os cinco cantos da “Invocation”, saídos na revista “Poetry”, de Chicago, em outubro de 1951. (Lembrete ao leitor: o próprio T. S. Eliot traduziu o “Anabase” por inteiro).

“Amers” é composto de uma “Invocação” (6 cantos), de uma “Estrofe” (9 cantos, cada um com vários poemas e dos quais o último é em si um longo poema, em nove pastes, ou, novamente, cantos: “Étroit sont les vaisseaux...”), de um “Côro” (5 cantos, cada um também com vários poemas) e de uma “Dedicatória”, em um só canto. Em suma, um trabalho de grandes proporções, musical e logicamente estruturado, sem qualquer vestígio de fragmentação, executando segundo um plano eficiente e bastante óbvio.

St.-John Perse – o eterno fiel a si mesmo, a sua solidão, a seu mundo por ele próprio criado, a seu vocabulário incomparavelmente rico, às suas palavras-coisas, às suas encantações. “Amers” – com as transformações decorrentes do amadurecimento do criador e do mundo criado – é o mesmo Perse: o derradeiro, e talvez o mais genuíno, e talvez o maior, simbolista; a poesia criadora de mitos, primitivamente religiosa e paradoxalmente “sofisticada”, à oriental; o vasto espaço verbal onde o presente é apenas pretexto e ponto de partida para a ressurreição de um passado e para a criação de um novo tempo, de uma nova “história”; a palavra-encantamento, revivendo o parto da linguagem e acompanhando seu perpétuo renascimento; a

poesia de louvor, de elogio, de celebração (raramente de lamento, à diferença de Rilke), recriando magicamente o objeto do canto, intimamente identificada com a própria percepção do universo, sem nenhum estancamento no processo perceber o objeto – criar a palavra – nomear o objeto – recriar a palavra – recriar o objeto – criar a palavra-objeto; “prosa” tão poética quanto a melhor poesia, sob qualquer aspecto; particularmente rítmica sempre, muita vez rimada, sempre autoformulada, nunca apenas descrita ou narrativa; (é verdade que Perse usa frequentemente uma espécie de versículo – uma única vez, na “Berceuse” de “La Gloire des Roies”, empregando o verso propriamente dito); poesia humanista, antropocêntrica, apologética do homem e da vida (Perse poderia escrever tragédias: para ele o Homem pode realmente ser coroado...); poesia que perpetuamente se aproxima e se afasta da retórica, que nunca é apenas construção, “dicção”, chegando quase sempre ao máximo possível na direção de criar com o poema um vasto e complexo “objetivo virtual”...

Em “Amers” o mundo de St.-John Perse (que, sobretudo em “Anabase” era mais o mundo da terra, com seus reis e seus príncipes, suas guerras e suas peregrinações) muda de centro; agora é o mar, porém o mar também com seus homens, com seus *Princes, ses Régentes, se Messagers...* O mar com suas terras: suas cidades, seus portos, seu comércio, seus terraços, suas patricias, suas poetisas e suas sacerdotisas, seus deuses, seus ídolos, seus barcos, suas armas, seus amantes...

Principal diferença dos poemas anteriores: maturação, não ainda envelhecimento; menos brilho, mais exatidão, mais consciência, mais planejamento; um pouco menos de eloquência, um pouco mais de silêncio, se nobreza, e hierática nobreza. E certa melancolia, a mesma redobrada em “Exil”, determinada nostalgia que talvez esteja na própria fonte dessa poesia insatisfeita do mundo e criadora de outros.

Difícilmente, na atual situação da poesia mundial, surgirá este ano um livro de poemas, ou um poema, tão importante quanto este. Livro que é exemplo para os nossos próprios poetas mais velhos: deviam, como Perse, esforçar-se por envelhecer apenas física, e não estética e eticamente. Veja o leitor uma pequena amostra de “Amers”, ainda que desfigurada pela tradução, neste mesmo número do “Suplemento Dominical”, em “Poesia-Experiência”. MF

Ficha da publicação

TÍTULO	Saint-John Perse
AUTOR	SAINT-JOHN PERSE, pseudônimo de Alexis Leger, 1887-1975 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Dédicace” (<i>Amers</i> , 1957)
TEXTO TRADUZIDO	“Dedicatória” (Canto final do poema “Amers”)
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01 poema em prosa
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO / PÁGINA	“Poesia-Experiência”
DATA	11 ago. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 047. SD, n. 063. JB, n. 185 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 11 ago. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/77327
DESCRIÇÃO	Publicação bilíngue: francês-português. Título com nome do poeta (caixa alta), poema (título em negrito e caixa alta, poema em negrito) no original e tradução com título em caixa alta e negrito), ladeados, e nota final. Poema em prosa.
NOTA	Nota sobre o poema de Saint-John Perse e uma nota a respeito do vocabulário do poema traduzido.
OBSERVAÇÕES	MF remete, na nota, a resenha do livro do escritor francês, feita no mesmo número do SDJB, na página “Bibliografia”. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/77324 .

XV – PAUL VALÉRY

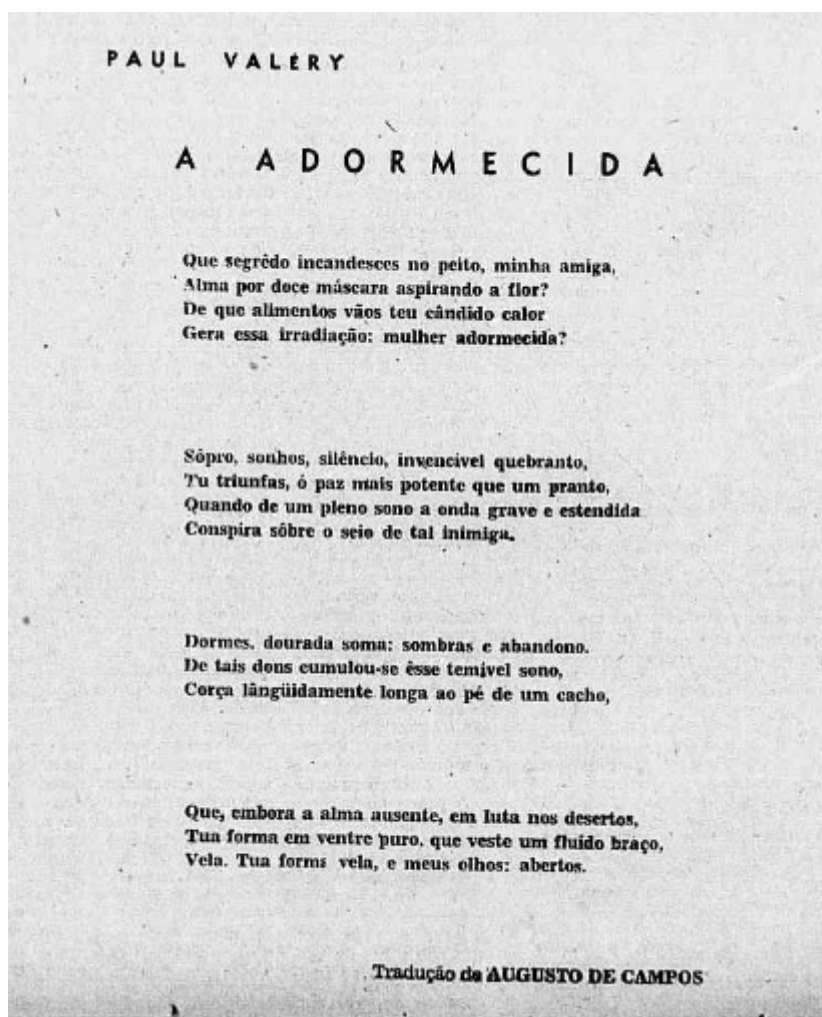


Figura 98 – PAUL VALÉRY. Tradução de Augusto de Campos.
51º número de “Poesia-Experiência”, de 08 set. 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	PAUL VALÉRY
AUTORES	Paul Valéry (1871-1945, França)
TEXTO ORIGINAL	[-]
TEXTO TRADUZIDO	“A adormecida”
TRADUTOR	Augusto de Campos
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em versos.
SEÇÃO	Sem seção / “Poesia-Experiência”
DATA	08 set. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 051. SD, n. 067. JB, n. 209 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 08 set. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	PAUL VALÉRY. <i>In</i> : CAMPOS, Augusto. <i>Linguaviagem</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/78425
DESCRIÇÃO	Augusto de Campos colabora com mais uma tradução. Publicação sem seção.

XVI – IVO BARROSO: TRÊS SONETOS DE SHAKESPEARE

TRADUÇÃO — CRIAÇÃO

Ivo Barroso :
três sonetos de Shakespeare

LXV

*Since brass, nor stone, nor earth, nor boundless sea,
But sad mortality o'er-sways their power,
How with this rage shall beauty hold a plea,
Whose action is no stronger than a flower?
O, how shall summer's honey breath hold out
Against the wrackful siege of batt'ring days,
When rocks impregnable are not so stout,
Nor gates of steel so strong, but Time decays?
O fearful meditation! where, alack,
Shall Time's best jewel from Time's chest lie hid?
Or what strong hand can hold his swift foot back?
Or who his spoil of beauty can forbid?
O, none, unless this miracle have might,
That in black ink my love may still shine bright.*

*Se ao bronze, a pedra, ao solo, ao mar ingente,
Mas sem a morte o seu poder impôr,
Como a beleza the fera frente
Se não possui mais forças que uma flor?
Com um hálito de mel pode o verão
Vencer o assédio pertinaz dos dias,
Quando infensas ao Tempo nem serão
As portas de aço e as inávidas pedras?
Atroz meditação! como esconder
Da arca do Tempo a jóia preferida?
Que mão the pode os ágéis pés deter?
Quem não the sofre o capôlo nests vida?
Nada! a não ser que a graça se constata
De que brilha este amor na negra tinta.*

CXVI

*Let me not to the marriage of true minds
Admit impediments. Love is not love
Which alters when it alteration finds,
Or bends with the remover to remove.
O no, it is an ever-fixed mark
That looks on tempests and is never shaken;
It is the star to every wandering bark,
Whose worth's unknown, although his height be taken.
Love's not Time's fool, though rosy lips and cheeks
Within his bending sickle's compass come;
Love alters not with his brief hours and weeks,
But bears it out even to the edge of doom.
If this be error and upon me proceed,
I never writ, nor no man ever loved.*

*Que eu não veja impeditos na sincera
União de duas almas. Não amor
É o que encontrando alterações se altera
Ou diminui se o atinge o desamor.
Oh, não! o amor é ponto assaz constante
Que iléu os braços temporais defronta.
É a estrela guia do balizal errante,
Que a altera, não seu brilho se the constata.
O Amor não é jogral do Tempo, embora
Em seu declive os lábios nos entortie.
O Amor não muda como o dia e a hora,
Mas persevera ao limiar da Morte.
E se se prova que num erro estou,
Nunca fiz versos nem jamais se amou.*

LXXI

*No longer mourn for me when I am dead
Than you shall hear the surly sullen bell
Give warning to the world that I am fled
From this vile world with vilest worms to dwell.
Nay, if you read this line, remember not
The hand that writ it, for I love you so
That I in your sweet thoughts would be forgot
If thinking on me then should make you weep
When I perhaps compounded am with clay,
Do not so much as my poor name rehearse,
But let your love even with my life decay,
Lest the wise world should look into your moan
And mock you with me after I am gone.*

*Não lamentos por mim, quando eu morrer,
Sendo enquanto o surdo sino diz
Ao mundo sil que o deixo e vou viver
Em meio aos vermes, que inda são mais vil.
Nem te recorde o verso comovido
A mão que o escreveu; pois te amo tanto,
Que antes achares a tua mente olvidado,
Que ser lembrado e te causar o pranto.
Ah! não te que ao leres esta queixa
Quando for minha carne dissolvida,
Não te refiras ao meu nome e deixo
Que morra o teu amor com minha vida.
Não vejas o mundo e sonda desas dor
Por minha causa, quando morto eu for.*

Ivo Barroso é, a nosso ver, um dos melhores tradutores para a língua portuguesa em ação atualmente: os leitores desta página hão de estar lembrados de seu comparecimento à seção "O Poeta Novo", traduzindo um dos "Sonetos a Orfeu" de Rilke ("Ein Gott vermag", novembro, 1956). Volta agora Barroso com três sonetos de Shakespeare, todos surpreendentemente traduzidos, a ponto de superarem, em nossa opinião, as traduções (em alexandrinos), já por nós elogiadas, de algumas semanas em "Poesia em Dia", com uma página de traduções do inglês, do italiano, do alemão, etc..

Figura 99 – Ivo Barroso: três sonetos de Shakespeare.
Tradução de Ivo Barroso. Nota de Mário Faustino.
Primeiro e único número de "Tradução – criação", de 27 out 1957.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Nota:

Ivo Barroso é, a nosso ver, um dos melhores tradutores para a língua portuguesa em ação atualmente: os leitores desta página hão de estar lembrados de seu comparecimento à seção “O Poeta Novo”, traduzindo um dos “Sonetos a Orfeu” de Rilke (“Ein Gott vermags”, novembro, 1956). Volta agora Barroso com três sonetos de Shakespeare, todos surpreendentemente traduzidos, a ponto de superarem, em nossa opinião, as traduções (em alexandrinos), há por nós elogiadas, de Jerônimo de Aguiar (Ed. Melhoramentos). Ivo Barroso estará dentro de algumas semanas em “Poesia em Dia”, com uma página de traduções do inglês, do italiano, do alemão etc.

Ficha da publicação

TÍTULO	IVO BARROSO: TRÊS SONETOS DE SHAKESPEARE
AUTOR	William Shakespeare, 1564-1616 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	“LXV”, “CXVI”, “LXXI”
TEXTO TRADUZIDO	“LXV”, “CXVI”, “LXXI”
TRADUTOR	Ivo Barroso
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 03
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Tradução – Criação”
DATA	27 out. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 056. SD, n. 074. JB, n. 251 – 1957
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 27 out 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Tradução-Criação”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/80323
DESCRIÇÃO	Publicação na seção “Tradução – criação” (caixa alta e itálico), Título com nome do tradutor (itálico e negrito), poemas no original, tradução e nota de Mário Faustino.
NOTA	“Volta agora Barroso com três sonetos de Shakespeare, todos surpreendentemente traduzidos, a ponto de superarem, em nossa opinião, as traduções (em alexandrinos), há por nós elogiadas, de Jerônimo de Aguiar (Ed. Melhoramentos). Ivo Barroso estará dentro de algumas semanas em “Poesia em Dia”, com uma página de traduções do inglês, do italiano, do alemão, etc.”
OBSERVAÇÕES	Faustino comenta e elogia a tradução de Ivo Barroso. “Tradução – criação” é a primeira e única seção publicada em “Poesia-Experiência”, que pelo título sintetiza a ideia a criação via tradução, conforme as ideias de Pound.

Nota:

O poema foi escrito em 1917. Dermée: amigo de Apollinaire, figura do movimento dadaísta, fundador, com Reverdy, de “Nord-Sud”, diretor, com Seuphor, de “L’Esprit Nouveau”. Dos que acreditam no poeta-profeta: cf. sua “Lyromanete”. Poesia de certo modo paralela a algumas fases de Apollinaire: imagens “caleidoscópicas”, correspondências de todos os tipos. Seu livro “Pirales” teve enorme êxito, reclamando ao mesmo tempo pelos futuristas italianos e pelos cubistas. (Poema e elementos para a nota extraídos da antologia [Anthologie] “der Abseitigen”, “Poètes à l’écart”, de C. Giedion-Welecker).

Ficha da publicação

TÍTULO	PAUL DERMÉE
AUTOR	Paul Dermée, 1886-1951 (Bélgica)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	“Norte-Sul”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Francês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO / PÁGINA	“Vanguarda e poesia”
DATA	27 out. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 56. SD, n. 074. JB, n. 251 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 27 out. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Vanguarda e poesia”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/80323
DESCRIÇÃO	Publicação na seção “Vanguarda e poesia” (caixa alta, negrito e itálico), título com nome do poeta (negrito e itálico), tradução e nota no fim.
NOTA	Nota explicativa sobre autor e o poema.
OBSERVAÇÕES	“(Poema e elementos para a nota extraídos da antologia [Anthologie] “der Abseitigen”, “Poètes à l’écart”, de C. Giedion-Welecker)”.

XVIII – HART CRANE

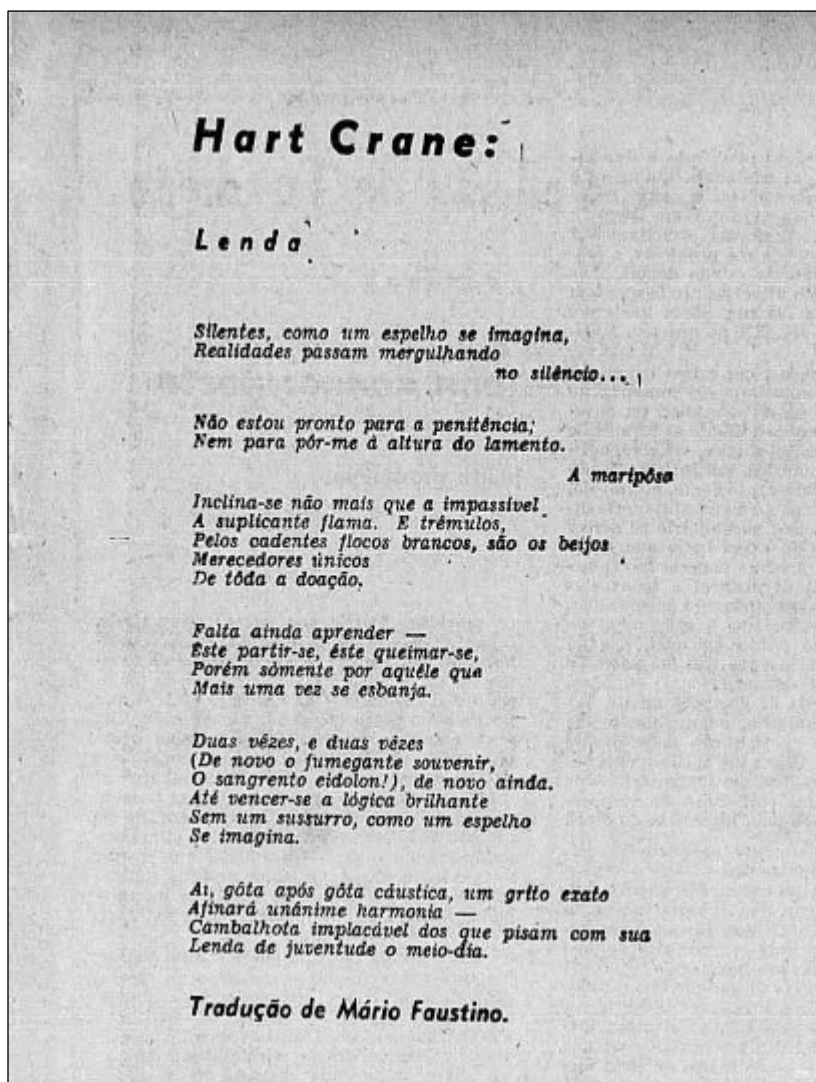


Figura 101: HART CRANE. Tradução de Mário Faustino.
Primeira página do Suplemento Dominical, de 01 jun. 1958.
Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	HART CRANE: LENDA
AUTOR	Hart Crane, 1899-1932 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	“Lenda”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	Primeira página do SDJB
DATA	01 jun. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	SD, n. 105. JB, n. 125 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 01 jun. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, p. 1.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/88277
DESCRIÇÃO	Publicação em primeira página do SDJB, título com nome do poeta (Itálico e negrito), tradução com título em itálico e negrito, nome do tradutor (itálico e negrito) no fim.

XIX – EZRA POUND

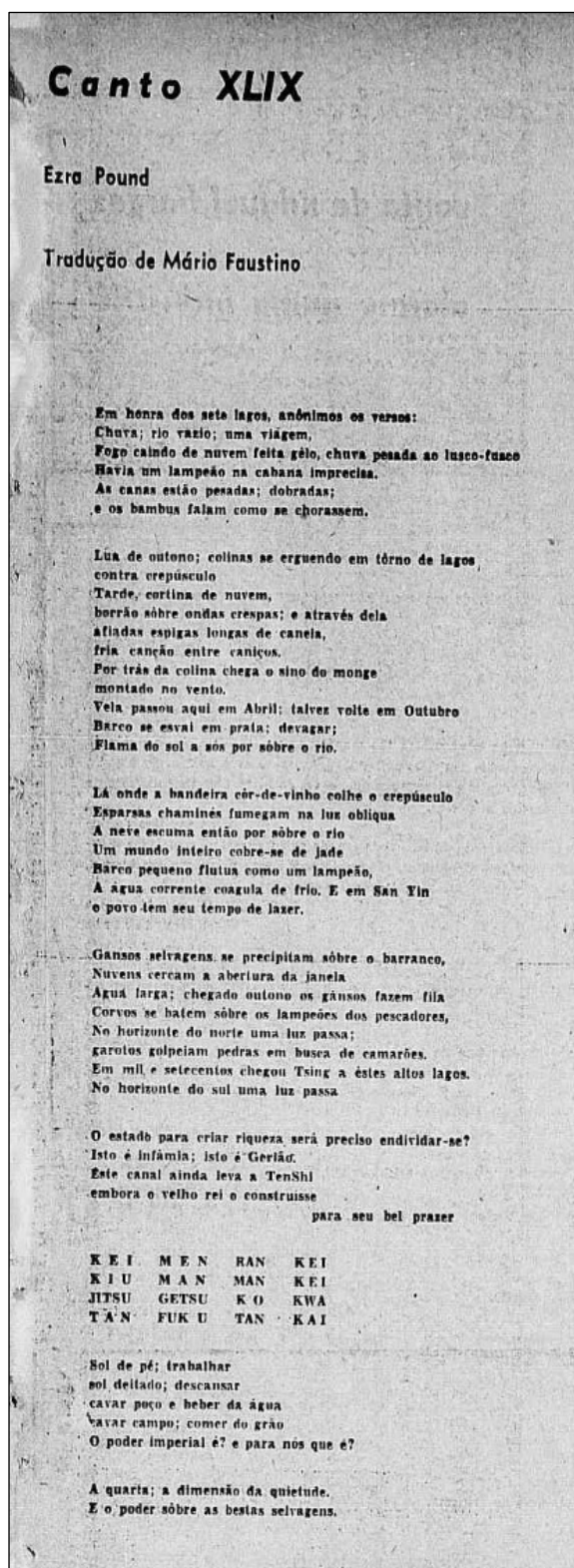


Figura 102 – Canto XLIX – Ezra Pound. Tradução de Mário Faustino.
 Primeira página do Suplemento Dominical, de 31 ago. 1958.
 Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	CANTO XLIX – EZRA POUND
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Canto XLIX”
TEXTO TRADUZIDO	“Canto XLIX”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	Primeira página do SDJB
DATA	31 ago. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	SD, n. 118. JB, n. 203 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 31 ago. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, p. 1.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/92202
DISPOSIÇÃO	Título, nome do tradutor (negrito), texto traduzido.

OBSERVAÇÕES:

Na página “Poesia-Experiência” desse dia, MF, em nota, explica que publicará alguns Cantos de Pound em tradução integral.

Diz a nota:

Hávamos anunciado, em página anterior, uma ‘montagem’ de fragmentos dos “Cantos” de Ezra Pound. Refletindo talvez melhor, preferimos entrar desde logo na análise-amostragem da poesia brasileira, noutra local deste Suplemento, alguns dos ‘Cantos’ em tradução integral (Faustino, 31 ago. 1958, p. 7).

NOTA. In. Faustino, M. Primórdios: I, Anchieta; II, Bento Teixeira. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*. 31 ago. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Evolução da poesia brasileira”, p. 7.

Percebemos que algumas notas dos textos críticos de MF foram suprimidas nas edições em livro desses ensaios. Por exemplo, a nota que citamos não aparece em *De Anchieta aos concretos* (Boaventura, 2003, p. 43-54). Antes, em *Evolução da poesia brasileira* (Fundação Jorge Amado, 1993, p.17-30).

XX – EZRA POUND

Ezra Pound:

Canto XLVII

Tradução de Mário Faustino

*A mente inteira, quem a tem, está que morto?
Este son rio do exato
Palustris primeiro a estrada
rumo do inferno
Ao pechão da filha de Ceres, Proserpina,
Atrocis de iminente recrudão, a ter Tíríbulos,
Sem almas, queria dizer, uma sombra, que está no inferno
Tão cheia de saber que os homens carnalidos
sabeva menos que de
Antes que chegas
no fim da estrada.
Selvadoric, sombra de uma sombra,
Mas tens que navegar em busca dela,
Selvex menos que as bestas
narcotizados.
phleggenethia
thasson
phleggenethia thasson
Os pequenos lampiões derriçam na baía
E eis que a garra do mar os vai justando.
Neptunus bebe depois das águas-mortas.
Tamaa! Tamaa!
A flama rubra seguindo rumo ao mar,
Por este portão serás medido.
Des longos bates passaram luzes dentro d'água,
A garra do mar empurra-as barra afora.
Os cães de Scilla comiam na base do penhasco,
Bentos alvos roncando sob a fraga
Mas não pôde ouvir os lampiões flutuam rumo ao mar
tu Diana
TU DIONA
kai Moira T'Adonin
KAI MOIRA T'ADONIN
O mar está saindo de rubra com Adonis
As luzes vacilam rubras em seus pequenos portões.
Brasos de trigo erguem-se no mar ao pé do altar
e flôr nascida de veloz veneno,
Dais palmos, dois palmos para certos muller,
Dai seu diante ela não crê. Nado tens importância.
A isso ela se inclina, para sua intenção,
A isso é tu chamando, intenção sempre mútua,
Sem pela morte, no pé da curva, seja pela seica o correr
no rebente,
Jamais ocioso, de todo algum, por nunca nenhuma,
intermência
A muller é chamada para além do montanha
O maro carece às expet para cima da espada, naturana
A curruca é chamada, Odysseus,
Por mala tens um pequeno preço,
Por mala te libertas de uma curruca
para poderes voltar a outra
As estrelas são entrem nos casais dela,
Para ela não passas de luzes moventes.
Começa tua obra
Quando os Plíades desceem para sua descansa,
Começa tua obra
Eles ficam 49 dias debaixo do líberal
Assim nos campos ao longo do líberal
E nos rales sepositando rumo ao mar.
Quando os grous tomam alto
nem no arado.*

*Por este portão serás medido
Teu dia jaz entre um e outra porta
Dois bois são encangalados para a laira
Ou até se o campo é montanhoso
Mas a branca sob oliveiras, uma sítua se é para arrear
pedras,
Aqui os malos são julgados de ardência na estrada
montanhosa,
Assim é que era, eventualmente,
E as pequenas estrelas agora correm do ramo de oliveira,
A sombra aforquibada em excava sobre o terreço
Mas negra que andava na flutuação
que pouco se importa com tua presença,
A marca de sua asa é negra sobre as telhas
E a marca taitos quando ela grita.
Tão leve é o péu teu por sobre Tellus
O teu minho não mais profundo
O teu péu menos que o de uma sombra
E assim mesmo roeste teu caminho através da montanha,
e menos afiados são os dentes
alvos de Scilla.
Achaste um ninho mais escuro que o cummas
Ou encontraste melhor descanso
Conseguieste pensar mais fundo, ou teu ano de morte
Traz mais rápidas brutas?
Penetraste mais fundo na montanha?
A luz entrou no grão. Lá! Lá!
A luz desceu ao fundo da caverna,
Esplendor sobre esplendor!
A força de forçada abei caminho através das maras:
Cresça grama em meu corpo,
Ora eu rales conversando pata,
O ar é suco sobre minha folha,
Os ramos aforquibados se balançam no vento.
Seu Zéfiro mais leve sobre a ramo, Apolonia
mais leve no ramo da amendoieira?
Por esta porta penetra no marro.
També,
Adôis també,
O fruto vem depois. As luzinhas derriçam na maré,
garra do mar passas-as barra afora,
Quatro flâmulas para cada flor
A garra do mar arrasta as luzes barra afora,
Pois passas em teu arado
Quando as sete estrelas desceem rumo de seu descanso
Quarenta dias para seu descanso, ao longo do líberal.
E nas telas que serpenteiam rumo ao mar
kai Moira T'Adonin
KAI MOIRA T'ADONIN
Quando o ramo da amendoieira avança a sua flama,
Quando trazes brutas novas para o altar,
tu Diana, kai Moira
TU DIONA, KAI MOIRA
kai Moira T'Adonin
KAI MOIRA T'ADONIN
que tens o dom da cura,
que tens poder sobre as bestas selagens.
M. T. No início do T. P., as estrelas foram "no primeiro ano carterico"
cogitadas e logo em seguida as "montanhas". Para para a com-
preensão desta Canto, a "Oração" e o "Lamento por Adonis" são
Os Cântos que Ovídio vê. Mas, no mar, a terra está
ligada por Cântos para emergir nos estratos da terra.*

Figura 103 – Ezra Pound: “Canto XLVII”.

Tradução e nota de Mário Faustino. Segunda página do
Suplemento Dominical, de 07 set. 1958.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND: CANTO XLVII
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Canto XLVII”
TEXTO TRADUZIDO	“Canto XLVII”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta: em versos
SEÇÃO / PÁGINA	Suplemento Dominical do <i>Jornal do Brasil</i>
DATA	07 set. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	SD, n. 119. JB, n.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. 07 set. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, p. 2.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/92495
DESCRIÇÃO	Título, nome do tradutor (negrito), texto traduzido.
NOTA	Nota do tradutor sobre o poema no original.

Nota do Tradutor:

No inglês do E.P, as citações gregas vão primeiro nos caracteres originais e logo em seguida em transcrição. Base para a compreensão deste Canto: a “Odisséia” e o “Lamento por Adônis. Os Cantos: o que o Odisseu vê: Molü, ou moly, a erva mágica, mas ligada a Odisseu para escapar aos encantos de Ceres.

XXI – EZRA POUND

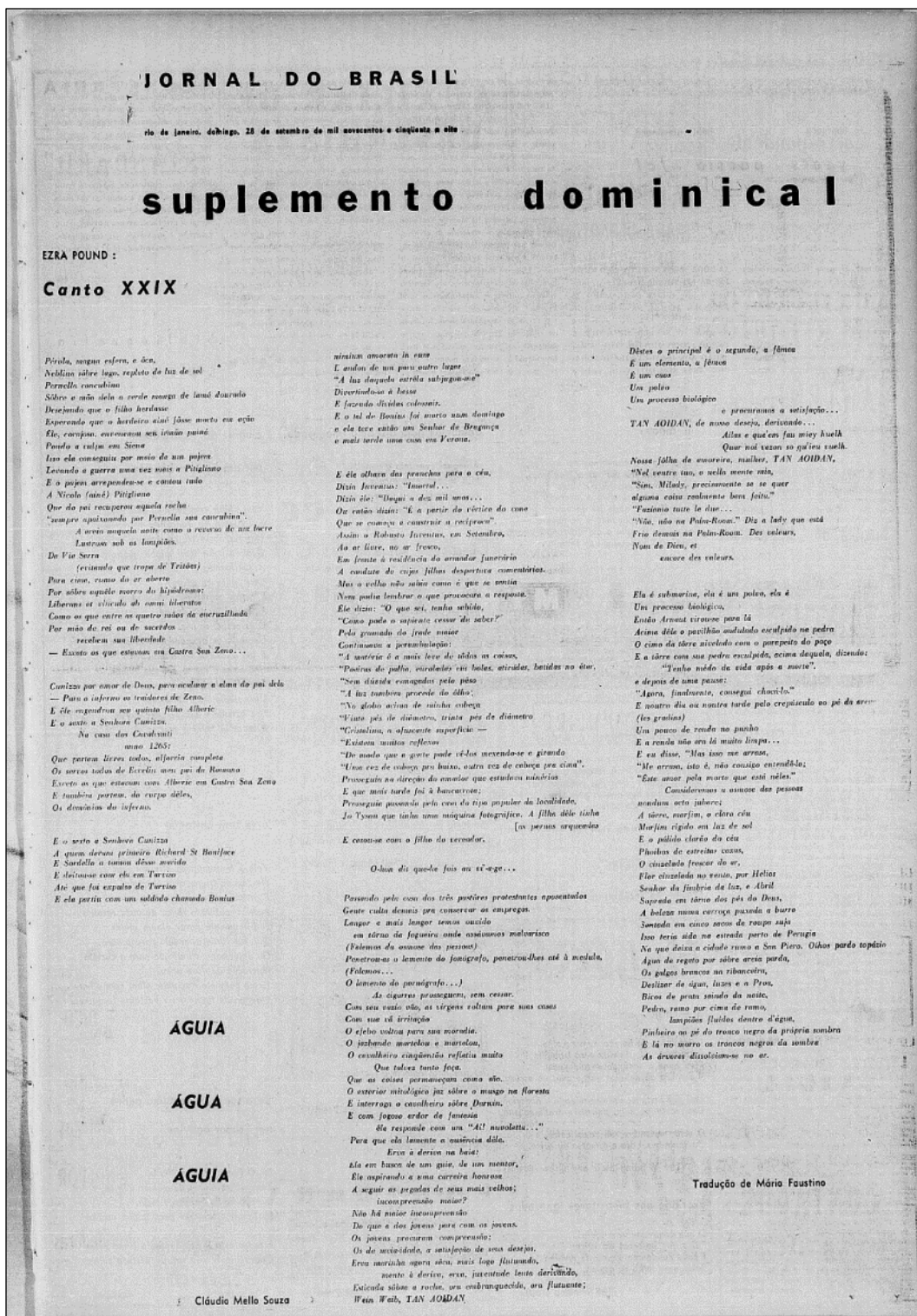


Figura 104 – EZRA POUND: CANTO XXIX. Tradução de Mário Faustino. Página inteira do Suplemento Dominical, de 28 set. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND: CANTO XXIX
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Canto XXIX”
TEXTO TRADUZIDO	“Canto XXIX”
TRADUTOR	Mário Faustino
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
IDIOMA	Inglês
QUANTIDADE	Poemas: 01
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO / PÁGINA	Primeira página do SDJB
DATA	28 set. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	SD, n. 112. JB, n. 227
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 28 set. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, p. 1.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Inédito
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/93356
DISPOSIÇÃO	Cabeçalho do SDJB, Título, Poema traduzido, nome do tradutor (negrito e itálico)
OBSERVAÇÕES	A tradução de Mário Faustino é publicada na primeira página do Suplemento Dominical, tomando toda a página, demonstrando o prestígio de sua atuação no jornal.

ANEXO E - Arquivo 5: “Fontes e correntes da poesia contemporânea”

Fontes e correntes da poesia contemporânea

(Período: 06 jan. 1957 – 04 ago. 1958)

	Idioma	Quantidade		Observações
		Poemas	Fragmentos	
Traduções em versos	Inglês	64	06	Total de traduções em versos: 139
	Francês	62	06	
	Alemão	01	0	
Tradução em prosa	Inglês	17	7	Total de traduções em prosa: 145
	Francês	35	69	
	Alemão	2	01	- Traduções por idioma: Francês: 172 textos traduzidos; Inglês: 94 textos traduzidos; Latim: 08 textos traduzidos. Italiano: 06 textos traduzidos; Alemão: 03 textos traduzidos
	Italiano	3	03	
	Latim	08	0	
	Total	192	92	
		284 textos traduzidos		

Resumo:

A seção tinha o objetivo de investigar a base da poesia contemporânea da metade do Século XX, abordando os principais autores e movimentos da poesia moderna.

- 58 poetas publicados. | 51 artigos publicados.
- 284 textos poéticos traduzidos | 10 textos em prosa traduzidos (excertos de crítica, prefácio, manifestos ou prosa-poética);
- De 51 números publicados, as primeiras 34 edições foram dedicadas à poesia norte-americana, inglesa, francesa e alemã, com destaque para os dois números sobre o poeta Mallarmé.
- A respeito dos movimentos de vanguarda, Mário Faustino escreveu sobre Futurismo (cinco artigos), Cubismo (nove artigos, sendo cinco somente sobre a poesia de Apollinaire), Dadaísmo (cinco artigos). O poeta-tradutor finalizou os estudos da seção com oito artigos sobre o poeta Ezra Pound, dando um panorama da poesia, da crítica e tradução do norte-americano.
- Colaborações de outros tradutores:
 1. José Lino Grünewald: “Igtur” [trecho] de Mallarmé. [1, Francês.] | Stéphane Mallarmé II, PE, 26.5.57.
 2. Ercila de Azeredo : Prefácio de *Un coup des dés*, de Mallarmé. [1, Francês.] | Stéphane Mallarmé II, PE, 26.5.57.
 3. Décio Pignatari: poemas de Francesco Cangiullo [3, Italiano.], Antonio Bruno: fragmento poético [1, Italiano.] e Bendetta Cappa: fragmento poético [1, Italiano.] | Futurismo V, PE, 22.12.57.
 4. Haroldo de Campos: Aldo Palazzeschi [3, Italiano.], Giuseppe Ungaretti [4 fragmentos poéticos, Italiano] (Tradução e nota), Futurismo II – Marinetti e Palazzeschi, PE, 1.12.57.

I - EDGAR ALLAN POE

DOMINGO, 6/1/1957

JORNAL DO BRASIL Suplemento Dominical

2.º CADerno 5.ª PAGINA

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

I - EDGAR ALLAN POE To Helen

Helen, thy beauty is to me Like those first flowers of spring...

Melena, tua beleza é para mim como os antigos harenos de Nísia...

A mim, que costumo errar por mares desapercebidos...

Poeta de regiões que não tem terra, igual a glória que foi criada...

O gráfico do prestígio de Edgar Allan Poe (1809-1849) dá uma idéia da importância de seu nome...

O MELHOR EM PORTUGUES: LUIZ DE CAMOES

II - O Lirico Maior Canção III

Já, a rosa Manhá clara As portas do Oriente vinda abrindo...

A Manhá bela, amena, Seu rosto descoberto, a expozera...

A luz suave e lida, A luz que mostra por quem sou eu...

Que choro ao prazer de meu tormento; Que passamos que cantam...

Assi como acontece, A quem a cruz vida está perdendo...

Que eu não impedi o meu derredor; Porque o vejo, sofria, me a vida...

Podem a Natureza, Que nesta vida para se mantinha...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

Quando de cima, feita em hora extrema, Na dura pedra do céu...

POESIA-EXPERIENCIA MARIO FAUSTINO

POESIA: BRASIL, 1956

NO Ocidente e ano que passou foi relativamente sobre da poesia...

Assim como uma bela entredada no corpo, fazendo muito espasmo...

Assim como uma bola de chumbo mais pesado, no másculo de um homem...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

Assim como uma face interna, o gurno de uma face...

SUBSIDIOS DE CRITICA

A FUNÇÃO ELEMENTAR DO POETA

WILHELM DILTHEY

Existe arte sempre que se apresenta algo, seja com ou sem um material físico...

PEDRAS DE TOQUE

Il descend, révéli, l'autre côté de la vie.

(Ele desc, deserto, do outro lado do sonho)

Victor HUGO

DRUMMOND EM INGLES

JOSE JOSE

What now, Jose? The party is over, the lights are out...

You have no woman, you have no after-dinner speech, you have no career...

You wish, Jose, you wish to open the door, there is key in hand...

You wish, Jose, you wish to die in the sea, the sea has gone dry...

If you would only sleep, if you would only sleep at least I'll care...

Without thoughts, alone in the dark, without thought to lean against...

You carry you off at a gallop, what a beast of the woodwork, where to?

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse, se você gostasse...

Figura 105 - EDGAR ALLAN POE. Artigo e tradução de Mário Faustino.

Primeiro número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 06 jan. 1957.

Acervo CPDocJ; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	I – EDGAR ALLAN POE
AUTOR	Edgar Allan Poe, 1809-1849 (Estados Unidos)
TEXTO DE ORIGEM	“To Helen”
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 1
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	06 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 016. SD, n. 032. JB, n. 005. – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 6 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 73-75. 2. FAUSTINO, M. <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 43-45.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69279 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas dos autores comentados. Publicação bilíngue dos poemas. Disposição: poema no original, seguido de tradução e artigo. “‘To Helen’, que ora publicamos no original e numa versão em prosa”. MF indica aspectos da poesia de Poe, na leitura do poema no original.”
OBSERVAÇÕES	A primeira edição em livro dos textos ensaísticos de Faustino, organizado por Benedito Nunes (1977), tenta reproduzir as peculiaridades e formatações das publicações no <i>Jornal do Brasil</i> , mantendo inclusive os títulos dos artigos. Já a edição da Boaventura renomeia os títulos dos artigos, a partir da avaliação ou comentários de Faustino.

II – THÉOPHILE GAUTIER

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

II – THÉOPHILE GAUTIER

L'ART

<p>Où, l'oture sort plus belle D'une force au travail Rebelle, Vers, marbre, onyx, émail, Point de contraintes fausses! Mais que pour marcher droit Tu chasses, Mus, un cothurne étroit. Fi du rythme commode Comme un souler trop grand, Du mode Que tout pied quitte et prend! Statuaire, reposeuse L'argile que pétrir</p>	<p>Le ponce Quand flotte ailleurs l'esprit; Lutte avec le carrare, Avec le garço dur Et rare, Gardiens du contour pur; Emprunte à Syracuse Son bronze ou fermement S'accroche Le trait fier et charmant; D'une main délicate Poursuis dans un filon D'agate Le profil d'Apollon.</p>	<p>Peintre, suis l'aquarelle, Et fixe la couleur Trop frêle Au jour de l'émailleur. Fais les stèles bleues, Ferdant de cent façons Leurs queues, Les monstres des blasons; Dans son nimbe trilobe La Vierge et son Jésus, Le globe Avec la croix dessus. Tout passe. — L'art robuste Séjil à l'éternité.</p>	<p>Le buste Surtit à la cité. Et la médaille austère Que troupe un laboureur Sur terre Révèle un empereur. Les dieux eux-mêmes meurent Mais les vers superstitius Demeurent Plus forts que les aïrains. Sculpte, lime, cisèle; Que tes vœux flottent De rocaille Dans le bloc résistant</p>
---	--	--	---

A Arte

<p>Sim a obra sai mais bela de uma fórma rebelde ao lavor: verso, mámore, ônix, esmalte. Nada de apertos forçados! Mas se queres marchar ereto, calça. Musa, um coturno estreito. Abaixo o ritmo cómodo, calçado frouxo onde qualquer pé entra e sai! Repele, escultor, a argila que o polegar amassa — enquanto o espírito paira ao longe; Luta com o carrara, com o paros duro e raro, guardiões do puro contorno; Usa de Syracuse o bronze onde se mostra firme o traço altivo, o traço encantador; Com mão delicada pesquisa o perfil de Apolo num filão de agata</p>	<p>Pintor, evita a aquarela, fixa a cor demastado fragil no forno do «mailleur». Pinta de azul as aereias, retorce de mil maneiras as caudas deuses monstros de brasão; Com sua auréola trilobada pinta a Virgem e seu Jesus, a cruz enchendo o globo. Tudo passa. — Só a arte vigorosa é eterna. O busto sobrevive à cidade. E a medalha austera, que o lavrador encontra sob a terra, revela um imperador. Os próprios deuses morrem. Mas os versos soberanos permanecem, mais poderosos que o bronze. Esculpe, alisa, cisela: fixa no bloco resistente teu sonho fugitivo!</p>
---	---

Théophile Gautier (1811-1872) tem influenciado mais de um século de poesia. Foi o rei dos parnasianos; curvando-se constantemente à glória desse Hugo que amava, soube contudo operar repressas à muita vez destruidora torrente romântica; inclinou sobre o próprio Hugo e sobre todos os poetas seus contemporâneos; no célebre prefácio às "Fleurs du Mal", Baudelaire o chamou de *parfait magicien si-cêtres français*; Verlaine, Mallarmé, Laforgue, Valéry, todos fizeram para com ele declarações de divida involvente; mas que significa, para o poeta de hoje, a obra do fabricante dos "Émaux et Camées", livro cujo título bizantino ("Esmaltes e Camaféus") tanto repugna aqueles cujo gosto foi formado mais por um Rimbaud que por um Banville?

Gautier é, antes de tudo, um perfeito verificador, o que se afirma sem sombra de pejoativo; ninguém pode negar a importância do bom fazedor de versos. Renovou e solidificou o verso francês, revolucionou-lhe a rima, emprestou-lhe uma precisão, uma economia, um aspecto concreto, uma leveza desconhecidos desde La Fontaine. Por outro lado desgosta-nos, hoje, seu amor pelos recursos fáceis, pelo pensamento barato, pela "trouaille", pelo hiperbólico, pelo discursivo. Raros são os momentos em que atinge a genuína poesia: não há negar, entretanto, do ponto de vista histórico, a importância de sua contribuição para a volta da poesia, após a divagação romântica, à sua natural condição de arte poética.

Eliot declarou, certa vez, que sua primeira grande dívida para com Pound fora o ter-lhe este aconselhado a leitura de Gautier. E o próprio Pound tem recomendado essa obra, repetidamente, como o remédio indicado para aqueles momentos em que a poesia — ou apenas o verso — entra em decadência formal, tornando-se frouxo, inábil, descurado, fácil: panacéia, enfim, para os males do "vers libre" (Eliot); para o "verdadero poeta, o "vers" nunca é "libre"!).

Entre nós, durante anos, todo mundo imitou os "Émaux et Camées", o "Triomphe de Pétrarque", os "Derniers Sonnets". Nossos parnasianos, contudo, só aprenderam com os franceses o que estes tinham de pior: mas alguns, desfiguraram as idéias dos mestres e não conseguiram passar de românticos bem comportados. E, o que é mais grave, anularam, em seu interregno, o que havia de útil na experiência de seus predecessores.

Para um jovem poeta brasileiro de hoje, Gautier é, sobretudo, um lição de artesanato competente. O poema que ora publicamos, no original e numa tradução em prosa, é, ao mesmo tempo, o mais célebre e o mais revelador dos trabalhos do "cher Théo": todos os defeitos, e todas as qualidades positivas do precursor e patrono de "Hugh Selwyn Mauberley" parecem estar representados nesta pequena arte poética do parnasianismo universal.

Figura 106 – THÉOPHILE GAUTIER. Artigo e tradução de Mário Faustino. Segundo número de "Fontes e Correntes da poesia contemporânea", de 13 jan. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	II – THÉOPHILE GAUTIER
AUTOR	Théophile Gautier, 1811-1849 (França)
TEXTO ORIGINAL	“L’Art”
TEXTO TRADUZIDO	“A Arte”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 1
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	13 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 017. SD, n. 033. JB, n. 011 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 13 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5. Publicação bilíngue: francês-português.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 75-78. 2. FAUSTINO, M. <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 49-54.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69507 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas dos autores comentados. Publicação bilíngue dos poemas. Disposição: poema no original, seguido de tradução e artigo, ao lado.
OBSERVAÇÕES	Tradução em prosa, dividido pela estrutura dos versos originais: tradução literal.

III - WALT WHITMAN

Repetir para aprender, criar para renovar

POESIA-EXPERIENCIA

MÁRIO FAUSTINO

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

III - WALT WHITMAN

Contra todas as teorias de poesia estáta, um Romãno O'Neill provou que é possível fazer tragédia, em e com nossa época. Antes d'ele Walt Whitman já tentara, que o mesmo era possível quanto ao épico. Seu livro, que foi crescendo ao longo de sua vida — o "Leaves of Grass" — não apresenta várias das características do clássico poema épico, porém o "épico" é esta, numa escala desconhecida talvez desde as rapodias gregas. Um poeta, com esse livro, juntou-se aos poetas, pensadores e prosadores — um Lincoln, um Emerson, um Thoreau — que, founding fathers ou pais da pátria, criaram o sonho americano, e o livro que subvertido e em boa mais tarde durante anos apasionou os idealistas de todo o mundo. Walt Whit-

man anuncia uma nova terra, um novo homem, uma nova liberdade, uma nova ordem, um novo amor. E coisas novas deviam ser ditas — em forma nova. O seu verso original, sóbrio, fidedel, capcioso e adaptável como pouco, posteriormente foi designado pelo praticantes inferiores do "verso livre".

Poucos casos se registram de um poeta que se tenha mantido vivo com tanta constância e intensidade, desde a publicação de seus primeiros versos. Combatido por muitos, porém reconhecido desde logo por aqueles que importavam, são as "Leaves of Grass", ainda hoje, vendidas bíblicas para o poeta e o idealista de qualquer idade e formação, constituindo, assim, uma das principais fontes da

poesia de nosso tempo. Desse fonte um: Hart Crane, um Jean Grosjean, um Neruda, até mesmo um Pagu, um Pound, um Williams, extraíram boa parte de sua força criadora. Whitman, sobretudo, isto o que indica Pound em seu famoso "Pacto": derrubou as barreiras, contou a madeira em que os poetas contemporâneos, qualquer que sejam os seus ramos, esculpem e gravam os mais diferentes poemas. Para o continente europeu, talvez esteja em Poe o princípio da nova poesia: para a Inglaterra e notadamente para os Estados Unidos, tal início talvez seja marcado mais por Walt Whitman. Paralelo semelhante poderá ser traçado quanto ao papel exercido na prosa moderna, respectivamente, por um Henry James e um Herman Melville.

Um novo humanismo, uma nova caridade, um novo heroísmo; um verso novo, um discurso novo, uma harmonia nova, e liberdade como arte poética e como sistema de vida — eis a máxima d'ativa de Walt Whitman (1819-1892) ao homem e à poesia de nosso mundo.

As "Leaves of Grass" e de outros poemas extrinsecos a pequena antologia que ora publicamos em tradução praticamente literal, o que mais a angustiada de espaço, nos dispensa da reprodução do texto original. Ao leitor interessado lembramos, também, a prosa whitmaniana, cujo insonso valor intrínseco é acrecido pela contribuição que representa como anexo indissolúvel à compreensão humana e artística de seu criador.

Quem quer seja agora me separe entre as mãos.
Sem uma causa lá fora, os outros serão inúteis.
Autos-te honestamente antes que me empreendas mais ainda.
Não sou o que supões, e sim bem diferente.
Quem é esse que seria meu discípulo?

Quem se alistaria como candidato e minhas ideias?
O caminho é suspeito, o resultado incerto, quão destruidor.
Terias de abandonar tudo, somente eu esperaria ser teu
único padre e castigo.
E mesmo assim, teu noticiado seria longo e fatigante.
Tudo o que te dá a vida e toda a confusão,
e, vistas em torno de ti teriam de ser abandonadas,
Portanto, libertas agora antes que te perturbes mais,
tira a mão de em torno de meus ombros,
Põe-me de lado e segue teu caminho.

Ou então, escondido num bosque, perseguido de justiça,
Ou talvez ao ar livre, por detrás de um rochedo,
(Pois não sei revelar-me em nenhuma casa coberta, nem na
companhia de outros)
E nas bibliotecas fazo como algum mudo, estúpido, ou
inútil, ou morto.

Perém — não mais que possivelmente — contigo namo não morro,
primário espírito para que nenhum incauto, mudo,
em torno, se aproxime.
Ou possivelmente navegando contigo no mar, ou contigo numa
ilha do mar, ou em certa ilha quieta,
Aqui permito que cobres tua cabeça sobre os meus.
Pois sou eu o novo esposo, e sou eu o camarada,
Pois sou eu o novo esposo, e sou eu o camarada.

Ou se quiseses abraçar-me para dentro de tua roupa,
Lá onde se possa ouvir o palpitar de teu coração,
Ou descansar de encontrar a tua cabeça,
Carrega-me quando partiras por terra ou pelo mar;
Pois sou eu o favorito e favorito, e melhor,
E flocando-te assim eu dormiria em silêncio e seria levado
efervescendo.

Meu conhecido estas folhas conhece o périplo,
A princípio te escapará e depois ainda mais, pois eu
deserto te encontro.

Memo quando pensares que sem dúvida me apanhaste, repara!
Como estás sendo já escapar de ti.
Pois não é pelo que sou idêr que acresci este livro
e não te levarei a sério, poderias possivelmente
e nem aquelas que me admiram e que me louvam ostensivamente
são de que melhor me conhecem.

E nem se mostrarão vitórias (e não sei quando muito uns
poetas) em candidatos a meu amor.
E nem os meus poemas farão apenas bem, mas farão pelo menos
feito mal, talvez mal.

Pois tudo é inútil sem aquilo que podes adotar muitas vezes
sem silêncio, aquilo de que te dá uma ideia,
Assim sendo liberta-me, e segue teu caminho.

★

Quem quer que seja, temo caminhos nos caminhos dos sonhos.

★

Quando os lilazes no pátio floriram pela vez derradeira,
E a grande estrela no céu oriental seio pingou na noite,
De lírio chorei e mais chorei a cada primavera que retornar.
Entre as estrelas primárias, uma unidade seria perdida trará,
Lilazes florindo perenes, estrelas gotejando no orizante,
e voltar-me que amo.

★

Vem, disse a Musa,
Canta-me um cântico que poeta algum jamais cantou.
Canta-me o universal.

★

Dê que modo trinaré por esse morto aí, que amor?
De que modo adormecerei meu canto pela ampla, suave alma que perlin?
E qual será meu perfume para o tumulto daquele que amo?
Vento marinho soprado do leste do oeste,
Soprado do mar oriental e soprado do mar ocidental até lá onde
as praias se encontram.
Com essas e com aquelas e com o hálito de meu canto
Perturbaré o tumulto daquele que amo.

★

Vem, trinaré indissolúvel o continente,
Farei a terra mais esplêndida em que jamais se criou,
Farei terras divinas e magnéticas
com o amor dos camaradas,
Com o imortal amor dos camaradas.

★

Alguma coisa existe
(Com meus lábios te aplacando, susurrando, acrescentando,
Tudo a primeira sugestão, o problema, a indagação)
Alguma coisa existe, ainda mesmo mortal do que as estrelas
Alguma coisa dura mais tempo ainda que o lustroso Jupiter.
E tempo do que o sol ou qualquer satélite em revolução,
Ou qualquer das luas latidas as Plêiades.

Figura 107 - WALT WHITMAN. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. Terceiro número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 20 jan. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	III - WALT WHITMAN
AUTOR	Walt Whitman, 1819-1892 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	1. trecho do poema “Whoever You Are Holding Me Now In Hand”, 2. poema: “To You” (<i>Birds of Passage</i>), 3. parte I do poema “Song of the Universal” (<i>Birds of Passage</i>), 4. primeira parte do poema “For You O Democracy” e 5. última estrofe do poema “On The Beach At Night”.
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 0 Fragmentos: 5
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	20 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 018. SD, n. 034. JB, n. 017 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 20 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5. Publicação monolíngue: português.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Walt Whitman”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 78-81 2. FAUSTINO, M. “Epos atual”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 57-62.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69735 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas dos autores comentados. Publicação monolíngue dos poemas. Disposição: introdução crítica, seguido de tradução.
OBSERVAÇÕES	Comentário sobre a tradução: “tradução praticamente literal”.

IV - CHARLES BAUDELAIRE

POESIA-EXPERIÊNCIA

MARIO FAUSTINO

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

IV -- CHARLES BAUDELAIRE

N o ensaio "Situation de Baudelaire", incluído em "Variété II", Paul Valéry fixou o melhor possível a poesia e a contribuição de Charles Baudelaire (1821-1867). De Valéry:

...Com Baudelaire, a poesia francesa sai, enfim, das fronteiras da nação. Faz-se lida no mundo; impõe-se como a própria poesia da modernidade; engendra a imitação, fecunda numerosos espíritos. Homens, como Swinburne, Gabriele d'Annunzio, Stefan George, testemunham de maneira magnífica a influência baudelaireana no exterior. Passa, portanto, dizer que se existem, entre nossos poetas, poetas maiores e mais poderosamente dotados que Baudelaire, não existe nenhum mais importante.

...Baudelaire e Edgar Poe trocaram valores. Cada um dá ao outro o que tem; e recebe o que não tem. Este entrega a aquele todo um sistema de pensamentos novos e profundos. Esclarece-o, fecunda-o, determina as opiniões sobre numerosos assuntos: filosofia da composição, teoria do artificial, compungido e condenação do moderno, importância do excepcional e da certa espécie de constrangimento, atitude aristocrática, misticismo, gosto da elegância e do preciso, mesmo política. Todo Baudelaire ficou com isso impregnado, impregnado aprofundado. Mas, em troca desses bens, Baudelaire dotou o pensamento de Poe de uma extensão infinita. Propõe-o ao futuro. Essa extensão que transfigurou o poeta em si mesmo, no

grande verso de Mallarmé (Tel que lui-même enjin l'éternité le créateur...), é o caso, e a tradução, são os preâmbulos de Baudelaire que a inauguração e que a asseguram à sombra do miserável Poe.

...Se consideramos atualmente o conjunto *Flores do Mal* e se temos o cuidado de comparar esse livro às obras poéticas da mesma época, admirar-nos-emos de encontrar a obra de Baudelaire notavelmente conforme aos projetos de Poe, dando notavelmente diversa das produções românticas. As *Flores do Mal* não contém nem poemas históricos nem lendas; nada que responda a uma narração. Não se encontram tiradas filosóficas, A poética, si não aparece. As descrições são raras, e sempre significativas. Mas tudo isso é encanto, música, sensualidade poderosa e abstrata... Luxo, forma e voluptas.

...A poesia de Baudelaire deve sua permanência e esse império que ainda exerce à plenitude e à nitidez singulares de seu timbre. Vai que, por alguns momentos, cede à eloquência, como acontece demasiadas vezes aos poetas do tempo; mas que guarda e decore-se quase sempre uma linha metódica admiravelmente pura e uma sonoridade perfeitamente sustentada que a distinguem de qualquer prosa.

...Mas a maior glória de Baudelaire... é sem dúvida ter engendrado alguns poetas muito grandes. Nem Verlaine, nem Mallarmé, nem Rimbaud teriam sido o que foram sem a leitura

que fizeram, na idade decisiva, das *Flores do Mal*.

... Quanto à Stéphane Mallarmé, cujos primeiros versos se poderiam confundir com os mais belos e mais densos das *Flores do Mal*, continuou ele, em suas consequências mais altas, as pesquisas formais e técnicas cuja tinham sido ensinadas e comunicadas pelas análises de Edgar Poe e pelas tentativas e comentários de Baudelaire. Enquanto Verlaine e Rimbaud continuaram Baudelaire na ordem do sentimento e da sensação, Mallarmé a prolongou no domínio da perfeição e da pura poética.

Quanto ao Brasil — e é o que nos resta acrescentar — se os parnasianos e os simbolistas nossos, que tanto e tão mal o imitariam, não viram nele outra coisa senão mais um, se bem que um tanto estranho, parnasiano, os poetas mais recentes: a partir de Manuel Bandeira e dos revolucionários de 23 souberam encontrar em Baudelaire a fonte principal daquela seiva que nos levou do prosaísmo e da incompetência, materiais e formais, que debilitaram nossa poesia durante três séculos. Além disso, para nós brasileiros como para todos os poetas contemporâneos do ocidente, a importância de Baudelaire não é apenas histórica; seus poemas, a parte o tributo pago a seu tempo em eloquência e mau gosto, são em si mesmos tão ricos de experiências perceptivas e expressivas quanto quaisquer outros dos poetas que o sucederam. Apresentamos, a seguir, pequena antologia das *Flores do Mal*.

L'ENNEMI

*M*a leçon ne me fut qu'un légitime orgueil.
Traversa ça et là par ses brillants soleil.
Le fougère et le liège ont fait un tel usage.
Qu'il restât en mon jardin bien des fruits surnaturels.

Voulez que j'ai touché l'automne des idées.
Et qu'il leur employa la pelle et les vases.
Pour ressembler à nos terres surnaturelles.
Du feu creuse des trous grands comme des tombeaux.

Et qui suit les fleurs nouvelles que je rêve.
Trouverai dans ce sol terre comme une arche.
Le fougère et le liège ont fait un tel usage.
Qu'il restât en mon jardin bien des fruits surnaturels.

LA MORT DES ARTISTES

*C*ombien faut-il de fois secouer mes orlois
Et laisser ton front bas, mon cher Capitole!
Pour plonger dans le bief de mystique nature.
Combien, ô mon cerveau, peit de festins!

Nous serons notre âme en de subtils complots.
Et nous démolirons mainte lourde armature.
Ayant de contempler la grande Créature.
Dont l'inférieur désir nous remplit de songes!

Il en est qui jamais n'ont connu leur idéal.
Et ces esclaves demandent et murmurent un affront.
Qui vont se martelant la poitrine et le front.

N'ont qu'un espoir, étrange et sombre Capitole!
C'est que le Mal s'éclaircisse comme un soleil nouveau.
Fera s'épanouir les fleurs de leur cerveau.

J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.

(Eu tenho mais lembranças que se tivesse mil anos)

C'est une pyramide, un immense cadavre
Qui contient plus de morts que la fosse commune.

(... meu triste cérebro é uma pirâmide, uma cova imensa, que contém mais cadáveres que a vala comum.)

*R*ev n'épate en longeur les boîtes-journées
Quand sous les jours, flacons des veilles années
L'Enqui, fruit de la merne remariée,
Prend les proportions de l'immortalité.

(Nada pode ser tão longo quanto essas dias mansas, quando, debaixo dos flacos pesados de anos vezeiros, o Belo, fruto da sombra incuriosidade, assume as proporções da imortalidade.)

*P*ur à force d'avoir purgé tous les dégoûts.

(Puro de tanto purgar-se de todos os nojos)

*J*e suis un cimetière abhorré de la lune...

(Eu sou um cemitério odiado pela lua...)

*C*omme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Tête comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

(Iguals a longos ecos que de longe se confundem em tenebrosa e profunda unidade, vasta como a noite e como a claridade, os perfumes, as cores e os sons se correspondem.)

*J*e veux dormir! dormir plutôt que vivre!

(Quero dormir! dormir mais que viver!)

*L*e soleil moribond s'endormit sous une arche,
Et, comme un long linoléum traçant à l'Orient,
Il s'endort, au chère, entendu le doux bruit qui marche.

(Sob um arco adormece o sol adormido e, como um longo linóleo traçando ao Oriente, escuta, amada, escuta a doce voal caminhando.)

Figura 108 - CHARLES BAUDELAIRE. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. Quarto número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 27 jan. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	IV – CHARLES BAUDELAIRE
AUTOR	Charles Baudelaire, 1821-1867 (França)
TEXTO ORIGINAL	“L’ennemi”, “La mort des artistes”
TEXTO TRADUZIDO	“O inimigo”, “A morte dos artistas”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas 2 Fragmentos: 4 outros (fragmentos de crítica) 1
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	27 jan. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 019. SD, n. 035. JB, n. 023 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 27 jan. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5. Publicação bilíngue: francês- português.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Charles Baudelaire”. <i>In: Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 81-85. 2. FAUSTINO, M. “Precursor do moderno”. <i>In: Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 63-69.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/69971 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas do autor comentado. Publicação bilíngue dos poemas. Disposição: introdução crítica, seguido de tradução.
OBSERVAÇÕES	Além de dois poemas completos: “L’ennemi” (poema X da seção “Spleen et Idéal”) e “La mort des artistes” (poema CXXIII da seção “La mort”), publica quatro fragmentos de “Spleen” (LXXVI de “Spleen et Idéal”), o segundo quarteto de “Correspondance” (poema IV de “Spleen et Idéal”), o primeiro verso da terceira estrofe de “Le Léthé” (poema IV de “Pièces condamnées”), e último terceto do “Recueillement”, poema XIII (do Suplemento da terceira edição de <i>Flores do Mal</i> , 1868). MF traduziu também fragmentos do ensaio “Situation de Baudelaire”, do livro <i>Variété II</i> (1930), de Paul Valéry.

Transcrição parcial do artigo:

Nesse artigo, Faustino inclui uma longa citação de Paul Valéry, de “Situation de Baudelaire”, do livro *Varieté II*. No quadro do seu exame-amostragem, Mário Faustino escreve um pequeno parágrafo sobre Baudelaire no Brasil:

Quanto ao Brasil — e é o que nos resta acrescentar — se os parnasianos e os simbolistas nossos, que tanto e tão mal o imitam, não viram nele outra coisa senão mais um, se bem que um tanto estranho, parnasiano, os poetas mais recentes, a partir de Manuel Bandeira e dos revolucionários de 22, souberam encontrar em Baudelaire a fonte principal daquela seiva que nos livrou do prosaísmo e da incompetência, materiais e formais, que debilitaram nossa poesia durante três séculos. Além disso, para nós brasileiros como para todos os poetas contemporâneos do ocidente, a importância de Baudelaire não é apenas histórica: seus poemas, à parte o tributo pago a seu tempo em eloquência e mau gosto, são em si mesmos tão ricos de experiências perceptivas e expressionais quanto quaisquer outros dos poetas que o sucederam. Apresentamos, a seguir, pequena antologia das *Flores do Mal*.

V - EMILY DICKINSON

(Das "Conceitadas Imaginativas") (Made up like cake some times - da primavera, avião v. dir. - de modéstia, fundamentos) (Imagined)

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

V - EMILY DICKINSON

A exceção de quatro pequenos poemas publicados por acaso, Emily Dickinson (1830-1886) nunca viu impresso de seu ou decenas de suas estranhas vida de quase absoluta reclusão e de interesse debruçar-se sobre si mesma e sobre a estreita da limitada escala dos objetos que a rodeavam. Escreveu, todavia, mais de mil e setecentas poemas (dos quais um trezentos ainda hoje inéditos, os que sabemos), que se foram publicados, e em parte, bastante tempo após sua morte. O gênio de Emily Dickinson depôs ainda mais em ser reconhecido. Semente durante os últimos anos da década de vinte, já neste século, sua obra começou a adquirir notoriedade importante, ao entrar entrando a agir como força transformadora da poesia mundial. Hoje a unanimidade da crítica tem-nos considerado como o maior poeta americano de século XIX, ao lado, e completando, e "compensando", Walt Whitman; os franceses René Taupin, por exemplo, numa dessas frases de relativa significação, declarou a superior a Sula, enquanto o inglês Merlin Armstrong, menos entusiástico, diz de sua poesia tratar-se "da mais bela escrita por mulher em língua inglesa".

A glória, no entanto, de Emily Dickinson, não depende de modo algum de sua condição de mulher. Sua poesia ao tem de feminino aquelas qualidades, menos casísticas do que morais, que constituem a grandiosidade de seu sexo: a fidelidade do mistério, a estolice, a capacidade lírica de humanizar a coroa, a exatidão na medida, o hálito de heróico. Essa mulher, que poucos viram e poucos viu na vida, que cobriu, na época deste mundo, uma areia, das mais pequenas "no meu vi e no mar", ostenta uma sabedoria de percepção ontológica e de expressão verbal raríssima em qualquer poeta desde Blake ou Leopard. A resistência constante igualmente a fraz retórica e ao sentimentalismo folhamente ardente, a fidelidade aos elementos verdadeiramente poéticos das palavras e de suas relações, a dignidade do fim, a honestidade dos métodos, o daltio absoluto do resultado: eis a lição inesquecível dessa admirável recriadora da vida e pesquisadora do morte. Continuando a tradição emérita dos Domest. dos Tachos, dos Blake, e constituindo um dos seus metros substituíveis da harmonia na cadeia formada pela poesia de língua inglesa, Emily Dickinson é hoje a principal fonte, próxima das correntes metafísicas e "puras" dessa poesia em nosso tempo. Abaixo, pequena seleção, no original e em tradução não-verificada, dos poemas de Emily Dickinson.

PARTING

*My life should have before its close,
If I rememberd were
A thing exact to me.*

*no tempo, o hospital, a consorte,
As these that have before
Turning it all yet know of heaven,
And all the need of hell.*

'SEPARAÇÃO

Dois véios encostou-se minha vida antes do reconhecimento: não soube se a Divindade me restituirá um terceiro abontamento

Um algarizmo, tão impossível de conceber-se, quanto a ideia que duas véios mudaram. A separação é tudo o que sabemos do céu, e tudo o que necessitamos do inferno.

I HAD BEEN HUNGRY

*I had been hungry all the year;
My noon had come to day;
I trembled, drew the table near,
And touched the crumb of bread.*

*Tudo isto me faltava, I had seen,
When hungry, hungry, long,
I looked in windows, for the wealth
I could not hope to own.*

*I did not know the ample bread:
I was so with the crumb
The birds and I had often shared
In Nature's dining-room.*

*The identity had me, I was so near
I could not see the end;
As berry of a mountain bush
Transplanted in the wood.*

*Not, was I hungry; so I found
That hunger was a way
Of persons outside windows,
The entering takes away.*

TIVERA EU FOME

Tivera eu fome todos aqueles anos; meu meio-dia tivera algarizmo: eu tremorei, aproximei a mesa e experimentei o crumbeozinho

Eis o que me viaz mas nunca quando, vagando a sa, com fome, olhava pelas janelas a esperar que me podias esperar possuir.

Mãe não conheço o "amplo pão" - não soube da existência das montanhas que os pássaros e eu também vimos compartilhar na sala de jantar da natureza.

A identidade me tiera - era tão nova, que eu mesma me sentia doente e estranha, como o fruto silvestre de um arbusto de montanha transplantado para ao pé da estrada.

E não sabia eu fome; e descobri ser a fome um meio-jornal das pessoas de fora das janelas, um meio que os estranhos abandonam.

THE CHARIOT

*Because I could not stop for Death,
He kindly stopped for me;
The carriage held but just ourselves
And Immortality.*

*My slowly drove, he knew no hate,
And I had put away
My labor, and my leisure too,
For his civility.*

*Myself, the school were children play,
Their lessons scarcely done;
We passed the fields of gazing grain,
We passed the setting sun.*

*We passed before a house that seemed
A dwelling on the grave;
The roof was scarcely visible,
The cornice but a mound.*

*Since then 'tis customary to say
That little time we had above,
But that's all part of their deceits,
That little time had passed.*

*As they are gone, the graves are bare,
And only the dead sear in the ground;
But they shall rise, and we will rest,
Where we are now, and have no need to fear.*

Quando eu não pude parar a Morte, sua benévola pazou para mim, a carruagem levava apenas a nós ambos, mais a Imortalidade.

Hodouzo deparar, ele não tinha bronca, e eu, retribuindo a sua polidez, tinha posto de lado meus labores e meus sos.

Passamos pela escola onde crianças brincavam, suas lições ainda por aprender; passamos pelos campos de trigo espalhados, passando pelo sol poente.

Passamos frente a uma casa que parecia uma habitação do terreno; mas no céu não via o telhado, e a cornija não passava de um montão.

Desde então há a tradição: dizem que um dia houve uma festa, que naquele dia, quando pela primeira vez saímos que as cabeças dos anfitriões voltaram ao tempo da eternidade.

SUCCESS IS COUNTED SWEETEST

*Success is counted sweetest
By those who ne'er succeed;
To comprehend a nectar
Requires sorest need.*

*Vol one of all the purple host
Who took the flag today,
Can tell the definition
Of that which he professes.*

*As he defeated, dying,
On whose forehead yet
The distant strains of triumph
Break, agonizing and clear.*

(O SUCESSO É TIDO POR MAI DOCE

O sucesso é tido por mais doce por quantos se não o alcançam. Compreender um nectare requer a mais necessidade.

Não um de todos os anfitriões de hoje, que tomaram a bandeira hoje, poderá fornecer uma definição da clara da vitória.

Como se todes os seus todessem um único anfitrião, e como se o Sr. não passasse de um coque e eu "o nectare" todessem uma-outra-estranha, degraçadamente, solitário, aqui.

SAFE IN THEIR ALABASTER CHAMBERS

*Except the smaller size, no lives are round,
These hurry to be open, and close, and end.
The larger about grow, and later long -
The numbers of Resurrections are long.*

Except os mais pequenos, nenhum ser vive a reclusão dos alabastros, e os maiores, em torno de uma vida, e se prolongam, e se abalam. Os maiores crescem mais devagar; para não mais tarde - os ventos de Resurreições são longos.

Figura 109 - EMILY DICKINSON. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. Quinto número de "Fontes e Correntes da poesia contemporânea", de 03 fev. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	V – EMILY DICKINSON
AUTOR	Emily Dickinson, 1830-1886 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	“Parting” (“1732”), “I had been hungry” (“579”), “The Chariot” (“712”), “Success is counted sweetest” (“67”), “Safe in their Alabaster Chambers” (“216”), “I felt a Funeral, in my Brain” (“280”), (“1067”).
TEXTO TRADUZIDO	“Separação”, “Tivera eu fome”, “A carreta”, “O sucesso é tido por mais doce”, “A salvo em suas Câmaras de Alabastro”, “Senti no cérebro um funeral”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 7
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em texto não-versificado
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	03 fev. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 020. SD, n. 036. JB, n. 029 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 03 fev. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Emily Dickinson”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 85-90. 2. FAUSTINO, M. “Força transformadora”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 70-78.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70211 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas do autor comentado. Publicação bilíngue dos poemas. Disposição: introdução crítica, textos no original e traduções, com diagramação alternada na página.
OBSERVAÇÕES	No texto crítico, Faustino refere-se à sua tradução como “tradução ‘não-versificada’”. Ele também dá títulos aos poemas originais. Em “Emily Dickinson brasileira”, Walter Costa comenta essa intervenção de Mário Faustino.

VI - ARTHUR RIMBAUD

DOMINGO, 17/2/1957 JORNAL DO BRASIL Suplemento Dominical

POESIA EXPERIENCIA MÁRIO FAUSTINO

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

VI - ARTHUR RIMBAUD

"Decadência do Ocidente" + revoluções europeias meados séc. XIX + revolta contra preconceitos burgueses + revolta contra a "clichê" da língua poética francesa + necessidade de transformar todos os mundos — Jean Arthur Rimbaud (1854-1891).

(Rimbaud: verdadeiro Marx da literatura; transformar o mundo, transformar a língua — transformar a arte, *make it new*. Houve Poe, houve Baudelaire; Marx também teve predecessores)

Há o Rimbaud homem, há o Rimbaud poeta; com um e com outro — poucas vezes um foi tão fiel ao outro — podemos aprender:

— a partir do momento em que o poeta constrói uma poesia nova, sua poesia, é melhor calar do que repetir-se ou limitar-se a explorar cambiantes de uma expressão pessoal. Melhor calar do que facilitar-se. Mesmo porque por outro lado, a poesia, em seu processo de auto-purgação do prosaico, tende ao silêncio, à página em branco;

— o pior inimigo do artista é o aburguesamento. Sinais de aburguesamento: repetição dos outros auto-repetição, amor da solução fácil, auto-contentamento, cosmoatização, compromisso, concessões ao "gosto" do público e dos críticos, obras de arte feitas para agradar (naturalmente costumamos falando do artista adulto. No período de formação, o jovem poeta *deve* repetir para aprender; todavia, fique sempre claro tratar-se de aprendizagem, e que se passe logo que possível para o laboratório e, finalmente para a descoberta, a criação e a pregação do novo);

— só interessa o grande e o novo; melhor não ser que ser poeta menor ou poeta maior frustrado; na arte, sobretudo com a inflação atual, existe luta pelo *Lebensraum*; só permanecem os que tem terreno próprio, os que descobriram uma espécie nova, mineral, vegetal ou animal, os que empurram língua e mundo para a frente;

— poesia é instrumento, não é fim; com a poesia *fazem-se* objetos, que se doam aos homens; com a poesia torna-se a língua mais eficiente, mais rica, mais adaptável às necessidades contemporâneas; a poesia é meio de conhecimento do universo e de comunicação com os homens; a poesia é em todos os sentidos, instrumento de revolução.

Poesia rimbaldiana: o Anti-Racine. (Por mais que o próprio Rimbaud admirasse Racine: cf. a *lettre du voyant*). A verdadeira poesia francesa antes de J. A. R. é medieval: Villon, d'Orléans e outros. Muitos, sem esquecer a língua d'oc, que é outra coisa. Classicismo francês e o resto, até o aparecimento de Gautier e sobretudo de Baudelaire; *poésie muette* bem melificada. A exceção encontramos muito menos nos consagrados que em três ou quatro poetas menores, pouco conhecidos; exemplo: Maurice Scève, Rimbaud; ressurge, do Medieval, a alegria de criar, o Poeta-Faber, a capacidade de criar novas formas, novos padrões rítmicos e lógicos. Nasce em França, também o poeta sidente, o profeta, o condutor de povos (predecessores mais na Alemanha e na Inglaterra que na própria França: sem esquecer, de certo modo, Victor Hugo).

Rimbaud: o nojo do pequeno, do fácil, do covarde, do traidor. Rimbaud: a aventura total, a criação total.

Dependência de Rimbaud: todos os que interessam, em França como em toda parte. Clusna: a falacia "purista" de Valéry, a falsa oratória Claudel-Peguy. Ortodoxia: Mallarmé continua Rimbaud na exploração de novas formas, os surrealistas (de Breton a Artaud) mantêm vivo, em logos, o espírito rimbaldiano.

RIMBALDIANA

1) Em verso:

*... seul, et couché sur des pièces de toile
Rue, et pressentant violemment la route!...*

(... só, deitado em peças de pano cru, e violentamente pressentindo a via!...)

*Ôсите finissime
À tout usure,
Par délicatesse
J'ai perdu ma vie.*

(Oeste finíssima, escrava de tudo, por delicadeza perdi minha vida)

*Elle est retrouvée,
Quoi? L'Éternité...
C'est la mer s'élève
Avec le soleil.*

(Ela é redescoberta. O quê? — A eternidade. Oca — que parte juntamente com o sol.)

*L'air est parfois si doux qu'on ferme la paupière!
(O ar é por vezes tão doce que cerramos a pálpebra)*

*Au gibel noir, manchot amant,
D'insouciant, d'excentrique, les paladins,
Les niais, les paladins du diable,
Les squelettes de Saladin.*

(Na forca negra, maneta amavel, dançam, dançam os paladinos, os magros paladinos do diabo, esqueletos de saladinos.)

*(Et j'ai eu quelques fois ce que l'homme a cru voir
(E vi algumas vezes o que o homem pensou ver))*

*Toute lune est atroce et tout soleil amer!
(Toda lua é cruel e todo sol amargo.)*

*Il pleut doucement sur la plaine.
(Efeito sonoro intraduzível; ao pé da letra: "chove mansamente na planície")*

*L'Humanité chassait le vaste enfant Progrès.
(A Humanidade calçava a enorme criança Progresso)*

*3 saisons, ô châteaux!
Quelle aimé suis-je enfant!
O saisons, ô châteaux,
J'ai fait la magique étude
Du bonheur, que nul n'étudie
O site lui, chaque fois
Que chante le coq gaulois.
Mais je n'aurai plus d'encre,
Il s'est chargé de ma vie,
Ce charme il prit avec et corps.
Et dispersa tous efforts.
Que comprendre à son naturel?
Il fait qu'elle fuie et vole!
O saisons, ô châteaux!*

(Oh estações, oh castelos, que alma é sem defeito? Oh estações, oh castelos, eu fiz o mágico estudo da felicidade que ninguém evita. Ora viva ele, toda vez que canta o galo gaulês. Mas não desajarei mais nada, é isto como conta de minha vida. Que encanto! Fez-se de carne e osso e dispersou todos os esforços. Como compreender minha palavra? É preciso que ela fuja e voe! Oh estações, oh castelos!)

2) Em prosa:

O meu Bem! O meu Bem! Fanfarras alor onde não tropeço uma só vez! Cavaleiro feroz! Hurra pela obra insaudível e pelo corpo maravilhosos, pela primeira vez! A coisa começou com o riso das crianças e terminou com esse riso. Este veneno vai permanecer em todas as nossas veias, mesmo quando, mudando a fanfarras, ficarmos entregues à antiga insanidade. O agora, nos faz digno de ser torturado; reunamos com fervor essa promessa sobre-humana feita a nosso corpo e a nossa alma criados; essa promessa, essa demência! A elegância, a ciência, a violência! Prometeram-nos que entrariam na sombra, a árvore do bem e do mal, que depositariam as honestidades tirânicas, a fim de que realizássemos nosso tão puro amor. A coisa começou com alguns nojos e acabou — não podendo agarrar-nos no campo imediato dessa eternidade — a coisa acaba numa debandada de perfumes.

Riso de crianças, discricão de escravos, austeridade de virgens, horror dos rostos e dos objetos daqui, que sejas consagrados pela lembrança desta vigília. A coisa começava com toda a rubra e eis que termina com os anjos de flama e de gelo.

Pequena vigília de embriaguez, sania! ainda que fosse apenas pela máscara que nos doaste. Não te afirmamos, método! Não esquecermos que entem glorificaste cada uma de nossas ideias. Não temas, é no veneno. Nós sabemos dar nossa vida inteira todos os dias.

Este é o tempo dos ASSASSINOS.

E o repouso iluminado, nem febre nem languidez, na cama ou no prado.

E o amargo nem ardente nem fraco. O amargo.

E a amada nem atormentadora nem atormentada.

A amada.

O ar e o mundo que não são buscados. A vida.

— Então era isto?

— E o sonho refresca.

Eu sou o santo, rezando nas areias, — como os anfitriões mansos pastando até a beira do mar da Palestina.

Eu sou o sábio da pedreira escuro. Os galinos e a chuva se atiram de encontro aos caixilhos da biblioteca.

Eu sou o caminhante da estrada real que passa pelos bosques saquitos; o rumor das roupas abafa o de meus passos. Contemplo lentamente a melancólica barreira de ouro do crepúsculo.

Bem poderia ser eu a criança abandonada no dique boiando em alto mar, o pequeno lacaio seguindo a vereda cuja frente toca o céu.

De caminhos são asperos. Os montículos se recobrem de giestas. O ar está parado. Como ficam longe os passares e as fontes. Só pode ser o fim do mundo, se avuçarmos.

Só eu passo a chave desta parada selvagem.

Gracioso filho de Fã! Em torno de tua fronte copulada de filhos e de lagos, tens olhos mecum, belas preciosas. Manchadas de horas paradas, luas faces se encorram. Tuas presas enormes refugem. Tuas peitos lembra uma cítara, acordes e mudanças circulam em teus braços burros. Tuu coração bate nesse ventre onde dorme o duplo sexo. Passa teu corpo, à noite, mexendo suavemente esta coisa, esta segunda coisa e esta perna esquerda.

Estendi cordas de campanário em campanário; gurdandas de janelas em janelas; correntes de ouro de estrela a estrelas, e estou dançando.

Espero por Deus com gula.

Será que conheço a natureza? que me conhece? — Chega de palavras. Encerro os mortos em meu ventre. Gritos, timbre, dança, dança, dança, dança! Não vejo nem mesmo a hora em que, ao desmanchar-me os braços, tombarei no vazio.

Fome, sede, gritos, dança, dança, dança, dança!

Morre de cansaco. E o túmulo, siga rumo dos vermes, horror de horror! Saia, farsista, queres dissolver-me com teus encantos. Reclamo. Reclamo! um golpe de feroz, um golpe de fogo.

Ah! tornar a subir a vida! Lançar o olhar sobre nossas deformidades. E este veneno, este bello mil vezes maldito! Minha fraqueza, a crueldade do mundo! Meu Deus, piedade, escunde-me, e com dificuldade que me tenho de pé! — Estou e não estou escorrido.

E o logo que se levanta com seu condenado.

Eis que me torno uma ópera fabulosa: vi que todos os seres têm uma fatalidade de felicidade: a ação não a vida e sim um modo de estragar toda a força, uma espécie de enfraquecimento, de enervação. A moral é a fraqueza do cérebro.

Grande vantagem é que posso vir agora dos velhos amores falares, e cobrir de vergonha essas coisas mentiosas — eu vi o inferno das mulheres, lá em baixo; — e ser-me-á permitido possuir a verdade numa alma e num corpo.

Pois EU é um outro.

O primeiro estado do homem que quer ser poeta — seu próprio conhecimento, completo; pesquisa sua alma, inspira-a, experimenta-a, aprende-a. A partir do momento em que a conhece, deve cultivá-la!

Digo que é preciso ser sidente, fazer-se sidente.

O Poeta se faz sidente através de um longo, incesso e consciente desagrado de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; pesquisa a si próprio, sagta em si mesmo todos os venenos para conservar ditas apenas a quintessência. Inefável força em que ele tem necessidade de toda a fé, de toda a força sobre-humana, onde se transforma dentro todos no grande doente, no grande criminoso, no grande maldito — e no supremo Sábio! Pois chega ao desconhecido! Pois cultiva sua alma, que já era rica, mais que qualquer outro! Chega ao desconhecido e mesmo quando, enluoquido, terminamos por perder a compreensão de suas visões, já as teria visto!

Portanto o poeta é na verdade ladrão de fogo.

A espera disso, exclamos de poeta o novo — ideias e formas.

Figura 110 - ARTHUR RIMBAUD. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. Sexto número de "Fontes e Correntes da poesia contemporânea", de 17 fev. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	VI – ARTHUR RIMBAUD
AUTOR	Arthur Rimbaud, 1854-1891 (França)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado
TEXTO TRADUZIDO	Sem títulos
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 3 Fragmentos: 16
PUBLICAÇÃO	Bílingue: francês português / monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	17 fev. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 022. SD, n. 038. JB, n. 041 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 17 fev. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, Poesia-Experiência, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Emily Dickinson”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 91-96 2. FAUSTINO, M. “Força transformadora”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 79-88.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70711 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas do autor comentado. Publicação bilíngue dos poemas. Disposição: introdução crítica, traduções divididas em verso e prosa. Em prosa, Faustino não publica os originais.
OBSERVAÇÕES	Nesse artigo, Faustino publica uma mini-antologia de textos poéticos e sobre poesia de Rimbaud: <ol style="list-style-type: none"> 1. Trecho dos últimos dois versos de “Les poètes de sept ans” (Parte dos primeiros poemas do autor); 2. Primeira estrofe de “Chanson de la plus haute tour” (poema de <i>Illuminations</i>). 3. Primeira estrofe de “Éternité” (poema de <i>Illuminations</i>). 4. Segundo verso da segunda estrofe da primeira parte do poema “Roman”. 5. Primeira estrofe do poema “Bal des pendus”. 6. Último verso da oitava estrofe de “Bateau ivre”. 7. Segundo verso de vigésima terceira estrofe de “Bateau ivre”. 8. “Il pleut doucement sur la ville”, verso de Rimbaud, que serve como epígrafe da terceira parte de “Ariettes

oubliées”, de *Romances sans paroles* (1874), de Paul Verlaine.

9. “L’Humanité chaussait le vaste enfant Progrès”, do *Album Zutique*.
10. “Bonheur”, poema de Vers nouveaux et chansons.
11. “Matinée d’ivresse”, poema em prosa.
12. Primeira parte de “Veillées”, poema em prosa.
13. Quinta parte de “Enfance”, poema em prosa.
14. Última frase poética de “Parade”, poema em prosa.
15. “Antique”, poema em prosa.
16. Quinto excerto de “Phrases”, poema em prosa.
17. Primeiro período (do segundo parágrafo) do terceiro excerto de Mauvais sang”, poema em prosa de “Une saison en enfer”
18. Dois últimos parágrafos do quinto excerto de “Mauvais sang”, poema em prosa de “Une saison en enfer”.
19. Três últimos parágrafos de “Nuit de l’enfer”, poema em prosa, de “Une saison en enfer”.
20. Fragmento de “Délires II”, poema em prosa de “Une saison en enfer”.
21. Último parágrafo de “Adieu”, poema em prosa de “Une saison en enfer”.
22. Cinco fragmentos da “Carta do Vidente II” a Paul Demeny, de 1871.

Ficha da publicação

TÍTULO	VII - GERARD MANLEY HOPKINS
AUTOR	Gerard Manley Hopkins, 1844-1889 (Inglaterra)
TEXTO ORIGINAL	“Carrion comfort”, “God’s grandeur”, (That Nature is a Heraclitean Fire and the comfort of the Ressurrection”, versos finais).
TEXTO TRADUZIDO	“Consolo de carniça”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 2 Fragmentos: 1
PUBLICAÇÃO	Bílingue: inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa e verso
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	24 fev. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 023. SD, n. 039. JB, n. 047 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 24 fev. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 3.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Emily Dickinson”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 96-101. 2. FAUSTINO, M. “Química verbal”. In. <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 89-95.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/70959 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas do autor comentado. Publicação bilíngue dos poemas. Disposição: introdução crítica, texto no original e traduções em prosa e verso.
OBSERVAÇÕES	Nesse artigo, Faustino refere-se à sua tradução: “Tradução aproximada e prosaica desse poema intraduzível como todo Hopkins”. Nessa tradução, entre parênteses, Faustino constrói a tradução dentro do comentário sobre a tradução.

Transcrição da publicação (excerto):

(Tradução aproximada e prosaica desse poema intraduzível como todo Hopkins:

“O mundo está carregado da grandeza de Deus. Ela explodirá flamejante, uma folha de amianto sacudida; em círculos concêntricos de glória, pegajosos como óleo que se agita. Por que então não seguem os homens seu bordão? As gerações se arrastam e se arrastam e se arrastam; e tudo é ressequido pela troca; empanado, besuntado pelo trabalho; cobre-se da fumaceira do homem, participa do cheiro do homem: o solo está nu agora, e nem pode senti-lo o pé, que vai calçado. E com tudo isso a natureza não se esgota; permanece no fundo das coisas a mais preciosa frescura; e embora as últimas luzes desapareçam no Ocidente negro, oh, a manhã, lá no limite pardo do Oriente, salta — pois o Espírito Santo se aninha sobre o mundo curvo, para chocá-lo com seu peito quente e com suas ah! brilhantes asas.”

O leitor que lê inglês notará os momentos em que o desasado tradutor foi obrigado a desviar-se da tradução literal. A tradução poética é aqui particularmente impossível. Não há como transpor para outra língua esse complexo alternativo-asonantal, essa recriação contínua de palavras que soam inteiramente novas, recém-nascidas num contexto de absoluta unidade e vivência interior. Procure o leitor ouvir esse poema corretamente declamado e conhecerá uma das razões pelas quais Hopkins é justamente um mestre da melopeia.)

VIII – LAUTRÉAMONT

MÁRIO FAUSTINO

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

VIII-LAUTRÉAMONT

— Boa observação de Philippe Soupault: Lautréamont nunca será um personagem histórico; está fora da história literária e da história dos costumes. Portanto, pouco importa que não se conheça quase nada de sua vida: nasceu em Montevidéu em 1846, morto em 1870 em Paris, nascido durante uma revolução, morto às vésperas de outra e de uma guerra; filho de uma burguesia decadente e falaz, fruto de uma terra reassquida e artificialmente adubada. "Les Chants de Maldoror" publicados pela primeira vez em 1869, merecendo pouca atenção, são hoje reeditados em 1950: grande repercussão. Depois de Rimbaud, durante Rimbaud, outro adolescente de gênio da literatura francesa. Os "Cantos de Maldoror" (Maldoror: doença da aurora? mal dos grandes princípios, das grandes origens?) escritos antes dos vinte anos por um estranho *Lidore Ducaze* (pseudônimo romanesco: Conde de Lautréamont; tirado de um personagem de Eugénio Sue? Ou significará "o outro Amann"?... especulações estéréis da chamada "crítica surrealista": a pior do mundo depois da nossa) de quem não possuímos um retrato e de quem poucoquismo se sabe.

O importante, contudo, é a obra, especialmente no caso do terrível adolescente que, sem conhecer Rimbaud, completou a obra deste de, através da literatura, desmoronar em definitivo um mundo poeire e pretensioso, uma arte poeire e pretensiosa. Assim sendo, que são os "Cantos de Maldoror"? Poesia, mas não verso; poesia em prosa, mas não aquela prosa "poética" que nos serve à saturação os cronistas locais e os "poetas" de toda parte, incapazes de manejar seu instrumento; poesia porque se trata de uma linguagem profunda, intensa, econômica, direta, realista, objetiva, criadora de imagens, de objetos, de palavras-objetos; poesia como a de Saint-John Perse, como a de "Ulysses" e de "Finnegans Wake". É poesia que tem revolucionado e alimentado a da todo o mundo muito mais que noventa por cento dos mais hábeis versos que se têm escrito em todo um século de poetas.

Inatísfeto com o mundo que conhece, Lidore Ducaze rompe com ele e control-se um outro, de palavras-séras vivas. Inatísfeto com a "poesia" que conhece, despressa-se e control-se uma outra, que recita o sem, a imagem, o pensamento poéticos.

Lautréamont o amargo; Lautréamont o ironista; Lautréamont o sadista; Lautréamont "ennui"; Lautréamont desespero; Lautréamont o estilista impecável dentro da tradição formal e Lautréamont o revolucionário criador de imagens; Lautréamont um dos pais do surrealismo, em literatura como (infelizmente) em pintura; Lautréamont e o expressionismo; Lautréamont "roman noir"; Lautréamont predecessor de Genet; Lautréamont o novo Dante (re as ocasionais imitações estruturais da "Commedia"); Lautréamont e o "humour"; Lautréamont "pendant" de Odilon Redon; Lautréamont o matemático; Lautréamont o Prometeu do "Maldoror" e o humaníssimo covarde que se arrepênde, nas "Fósses", do desafio lançado aos deuses; Lautréamont profético, Lautréamont apocalítico; Lautréamont e o mal; Lautréamont e o sonho; Lautréamont e a náusea; Lautréamont e o existencialismo; em suma, Lautréamont, o grande ahunciador do espírito de nossa época, o Batista de um Homem do Século XX que ainda estamos por conhecer.

Melhor é mostrar o objeto que discorrer sobre ele. Adiante encontrão os leitores um pouco de Lautréamont. Muito pouco, e verdade: o mais expressivo de Ducaze não é publicável na imprensa quotidiana. Enviamos ao leitor as numerosas edições das "Obras Completas": "Au Sans Pareil", José Corti — esta com seis ou sete prefácios por diferentes autores, inclusive Soupault, Jaloux e Breton — Agence Centrale de Librairie, G. L. M., etc.

"Velho oceano, de vagas de cristal, tu te assemelhas proporcionalmente a essas manchas amuladas que se vêem sobre o dorso machucado dos grumetes; tu és o imenso azul, aplicado ao corpo da terra; e eu amo essa comparação. Assim, ao teu primeiro aspecto, um prolongado sópro de tristeza, que pensaríamos ser o murmúrio da brisa suave, passa, deixando traços inapagáveis na alma profundamente abalada, e assim recordas à lembrança dos amantes, sem que disso nem sempre nos demos conta, as rudes origens do homem nas quais é a trava conhecimento com a dor, que nunca mais o deixa. Tu te saúdo, velho oceano!

Velho oceano, tua forma harmonicamente esférica, rejubilando o rosto severo da geometria, muito me lembra os pequenos olhos do homem, semelhantes aos do javali por sua pequenez, e aos dos pássaros noturnos pela perfeição circular do contorno. Entretanto, o homem, através dos séculos, se achou belo. Quanto a mim, suponho que o homem só acredita em sua beleza por amor próprio; e que não é realmente belo e que suspeita disso; se assim não fosse, como consideraria com tanto desprezo a figura de seu semelhante? Tu te saúdo, velho oceano!

Velho oceano, tu és o símbolo da identidade: sempre igual à ti mesmo. Não varies de maneira essencial, e se tuas vagas se encontram algures em fúria, mais longe, nalguma outra zona, acham-se na mais completa calma. Não és como o homem que se detém na rua, para olhar dois "bull-dogs" que se atiram ao peçoço, e que não pára quando passa um entéro; e que hoje de manhã está acessível e hoje à tarde de mau humor; que hoje sorri e chora amanhã. Tu te saúdo, velho oceano!"

"O sangue às véses sobe à cabeça quando nos empennamos a tirar do nada um derradeiro cometa junto com uma nova raça do espírito."

E tu, jovem, não desespere; pois tens um amigo no vampiro, por mais que penses o contrário. E contando com o *scorpus sarcopis*, produtor da sarna, contarás com dois amigos.

Mas eu não sei rir. Nunca pude rir embora muitas véses tenha procurado fazê-lo. É muito difícil aprender a rir, ou melhor, acho que um sentimento de repugnância por essa monstruosidade constitui marca essencial de meu caráter.

Ri mas chora, ao mesmo tempo. Se não podes chorar com os olhos, chora com a boca. Se isso for impossível, urina; aviso-te entretanto de que um líquido qualquer é necessário, para alenar a secura que traz nos flancos o riso de traços encolhidos para traz".

Porém, como os cães, experimento a necessidade do infinito... não posso satisfazer essa necessidade.

Nem toda a água do mar seria bastante para lavar uma mancha de sangue intelectual.

Se a terra se cobrisse de piochos, como as margens do mar de grãos de areia, a raça humana se extinguiria, presa de dores terríveis. Que espetáculo! E para contemplá-lo eu, com asas de anjo, imóvel nos ar.

Estou sujo. Os piochos me roem. Os porcos, quando me olham, vomitam.

Propiz-me atacar o homem e aquele que o criou.

Figura 112 – LAUTRÉAMONT. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. Oitavo número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 03 mar. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	VIII – LAUTRÉAMONT
AUTOR	Lautréamont, 1846-1870 (Uruguai, poeta francês)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado [fragmentos de <i>Les chants de Maldoror</i> (cantos: 1, 2, 3, 4)]
TEXTO TRADUZIDO	Sem títulos
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 7
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	03 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 024. SD, n. 040. JB, n. 053 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 03 mar. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 3.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Lautréamont”. <i>In: Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 101-04. 2. FAUSTINO, M. “Mundo das palavras”. <i>In: Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 96-100.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71183 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico com traduções de poemas do autor comentado. Publicação monolíngue dos poemas. Disposição: introdução crítica, acompanhado das traduções em prosa.
OBSERVAÇÕES	Nesse artigo, Faustino lamenta que o mais expressivo do poeta francês não pode ser publicado na imprensa.

Transcrição da publicação (excerto):

Melhor é mostrar o objetivo que discorrer sobre ele. Adiante encontrarão os leitores um pouco de Lautréamont. Muito pouco, é verdade: o mais expressivo de Ducasse não é publicável na imprensa quotidiana. Enviamos o leitor às inúmeras edições das “Obras Completas”; “Au Sans Parell”, José Corti – esta com seis ou sete prefácios por diferentes autores, inclusive Soupault, Jaloux e Breton – Agence Centrale de Librairie, G. L. M., etc.

IX - WILLIAM BUTLER YEATS

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA :

IX -- WILLIAM BUTLER YEATS

William Butler Yeats (1864-1933), como diz G. S. Fraser, já ora "universalmente reconhecido, dez anos antes de sua morte como o maior poeta a escrever em língua neste século", não é verdade pelo menos no sentido do poeta-mestre, daquele que, embora sem grandes renovações, encerra em si mesmo a experiência secular de uma língua e leva a poesia desta ao nível mais alto alcançado em esta época. Na vasta obra de Yeats — o nacionalista irlandês, o diluidor do simbolismo, o criador e renovador de mitos, o mágico, o místico, o inventor de uma nova forma de teatro, o gênio lírico de "The Tower" e dos últimos poemas — temos um concentrado de toda a tradição poética da língua inglesa, dos sapo-cantados aos labellinos, dos românticos aos vitorianos que imediatamente o precederam.

Já o Yeats de antes de Pound e o Yeats depois de Pound Pound, mais jovem, conheceu W. B. em Londres e — como contava o próprio Yeats, — imediatamente transformou-lhe a vida e a poesia. Yeats já era poeta muito mais célebre que Pound — e exortou-o para ensinar a corrigir-lhe os poemas antes de publicá-los em revistas americanas (a mesma coisa fez com Joyce e Eliot). Pound apresentou-lhe ao compositor de Lois Fuller e o teatro japonês. Yeats que já participara do movimento teatral de Dublin, ao lado de Synge, Lady Gregory etc., passou a escre-

ver peças de construção e linguagem simbólica intrinsecamente irlandesas ao ocidente — donde a aplicação de "Resurreição", "Purgatório", "O Poeta do Gavião" ou "Resurreição". Dificilmente se encontrará no teatro contemporâneo, uma direção dramática, um "palho" puramente verbal, comparável aos das peças de Yeats.

O homem Yeats: o nacionalista duríssimo, certas "trações" a sua Irlanda, o falso místico de Madame Blavatsky, o anti-Aristóteles ("Máscara") e o anti-Eliot ("Roma"), etc. O poeta Yeats, o simbolista máximo (Eliot e Mallarmé não cabem na Escala); a grandiosa de Laforgue e de Corbère também escapam a esta); o maior poeta crítico de nossa época depois de Rilke, e sobretudo, o homem que falou aos nossos em linguagem cuja voltagem — somente igualiam, talvez, a de um Hopkins, de um Dylan Thomas ou de um Saint-John Perse.

Indicamos aos leitores as duas coleções Macmillan: a das Poemas Completos (1 vol.) e a das Peças Completas (2 vols.). Críticos mais importantes: Pound, Eliot, MacNeice, Pollock, Meville, Robert Dunsen, etc.: ver também de Auden, o ensaio "The Public versus the late William Butler Yeats" e o poema, paralelo ao ensaio, "In Memory of W. B. Yeats".

Sailing to Byzantium

I
That is no country for old men. The young
In one another's arms, birds in the trees,
— These dying generations — at their song,
The salmon-falls, the mackerel-crowded seas,
Fish, flesh, or fowl, commend all summer long
Whatever is begotten, born, and dies:
Caught in that sensual music all neglect
Monuments of unaging intellect.

II
An aged man is but a sorry thing,
A tattered coat upon a stick, unless
Soul cup his hands and sing, and louder sing
For every tatter in his mortal dress,
Nor is there singing school but studying
Monuments of its own magnificence;
And therefore I have sailed the seas and come
To the holy city of Byzantium.

III
O sages standing in God's holy fire
As in the gold mosaic of a wall,
Come from the holy fire, peruse in a gaze,
And beat the singing masters of my school,
Consume my heart away; sick with desire
And fastened to a dying animal
It knows not what it is; and gather me
Into the artifices of eternity.

IV
Once out of nature I shall never take
My bodily form from any natural thing,
But such a form as Grecian goldsmiths make
Of hammered gold and gold enamelling
To keep a drowsy Emperor awake;
Or set upon a golden bough to sing
To lords and ladies of Byzantium
Of what is past, or passing, or to come.

Two songs from a play

I
I saw a staring virgin stand
Where holy Dionysus died,
And tear the heart out of his side,
And bear that beating heart away;
And then did all the Muses sing
Of Magnus Annus in the spring,
As though God's death were but a play.

Another Troy must rise and set,
Another lineage feed the crew,
Another Argos painted prow
Drive to a flatter bubble yet.
The Roman Empire stood capalled:
It dropped the reins of peace and war
When that fierce wind and star
Out of the fabulous darkness called.

II
In pity for man's darkening thought
He united that room and issued thence
In Galilean turbulence;
The Babylonian starlight brought
A fabulous, formless darkness in,
Colour of blood when Christ was slain
Made all Platonic tolerance vain
And vain all Doric discipline.

Everything that man esteems
Endures a moment or a day,
Leda's pleasure dries his love away,
The painter's brush consumes his dreams;
The herald's cry, the soldier's tread
Exhaust his glory and his might,
Whatever flames upon the night
Man's own restless heart has fed.

Leda and the swan

A sudden blow: the great wings beating still
Above the staggering girl, her thighs caressed
By the dark webs, her nape caught in his bill,
He holds her helpless breast upon his breast.

How can those terrified vague fingers push
The feathered glory from her loosening thighs?
And how can body, laid in that white rush,
But feel the strange heart beating where it lies?

A shudder in the loins engenders there
The broken wall, the burning roof and tower
And Agamemnon dies.
Being so caught up,
So mastered by the brute blood of the air,
Did she put on his knowledge with his power
Before the indifferent beaker could let her drop?

... how love flies
And paced upon the mountains overhead
And hid his face amid a crowd of stars.

I... como o amor fugiu, e foi vagar pelas montanhas lá em cima, e ocultar seu rosto no multidão das estrelas.)

Imagining in excited reveries
That the future years had come,
Dancing to a frenzied drum,
Out of the murderous innocence of the sea.

(Imaginando em excitado devanilo que eram chegados os anos futuros, dançando ao som de um tambor frenético, mergulhando na inocência assassina do mar.)

Navegando rumo a Bizâncio

I
Aquilo não é terra para velhos. Os jovens
Uns nos braços dos outros, pássaros pelas árvores
— Gerações moribundas — ao seu canto
As salmões-freios, os mackerels transbordantes de cavalo,
Peixes, carne ou ave, consagram o verão inteiro
Tudo aquilo que é gerado, nasce e morre.
Apalhados nessa música sensual, todos deixam de lado
Os monumentos do intelecto sempiterno.

II
Um homem velho não passa de coisa esfarrapada,
Casaco esburacado numa vara, a não ser
Que a alma bata palma, e cante, e cante ainda mais alto
Por todos os tatters de suas vestes mortais,
E não se aprende canto a não ser estudando
Os monumentos de sua própria magnificência;
E por isso cruzei os mares e vim chegar
À cidade sagrada de Bizâncio.

III
O sábios de pé no fogo sagrado de Deus
Como no mosaico de ouro da parede,
Saí do fogo sagrado, em espiral de rapina,
E sede os mestres-cantores de minha escola,
Engula-me o coração; doente de desejo
E amarrado a uma besta moribunda
Ele não sabe o que é, e absorve-me
Num artifício de eternidade.

IV
Uma vez fora da natureza, jamais retomarei
Minha forma corpórea de coisa alguma natural,
Mas uma forma igual à que fabricam os joalheiros gregos,
De ouro batido e de esmalte de ouro
Para manter desperto o Imperador dormante,
Ou como as que são postas em árvores de ouro
Para cantar aos príncipes, às damas de Bizâncio,
Do que é passado, ou passa, ou vem ainda.

Duas canções extraídas de uma peça (1)

I
Vi uma virgem de pé, os olhos fixos,
Onde morreu Dionísio sagrado,
Vi-a rasgar-lhe o flanco, arrancar-lhe o coração
E levá-lo consigo, palpitante;
Al lídias as musas em écho celebraram
Magnus Annus na primavera,
Como se a morte de um deus fosse mero brinquedo.

Uma outra Filon tem de nascer e pôr-se,
Uma outra linhagem de alimentará o corvo,
E outra Argos de pros colorida,
Rumará para nova bagatela
Alinda mais resplandecente.
O Império Romano parou espantado:
Deitou tombas as rédeas da paz e da guerra,
Quando a virgem feroz com sua estrela
Chamou da fabulosa escuridão.

II
Por piedade pelo míngante humano pensamento,
Ficou travessou a sala e saiu dela
Em turbulência galante;
A babilônica luz da estrela abriu a porta
À fabulosa, informe escuridão;
O cheiro de sangue, ao ser Cristo massacrado
Tornou vãs a tolerância de Platão
E toda a dórica disciplina.

Tudo aquilo que o homem ama dura
Um momento, ou dura um dia. E se deseja
Do amor foge levando amor consigo.
E o pincel do pintor consome o sonho.
O grito do arauto, o pisar do soldado
Engolem a glória de ambos: Leda a fama
Do reino do coração humano.

(1) "Resurrection".

Leda e o cisne

Um golpe súbito: as grandes asas batendo ainda
Sobre a jovem cambaleante, as coxas acariciadas
Pelas palmas negras, a nuca segura ao bico,
Ele a mantém inerte, a côco contra o colo.

De que modo poderão os vagos dedos temerosos
Repellar, de entre as coxas que lá cedem,
Essa glória empalmada?
E que fazer o corpo, entregue a urgência branca
Senão sentir palpitando de onde jaz
O estranho coração?

Um tremor nos flancos: a engendra
A muralha ruída, tetos em chamas, torre
E Agamemnon cadáver.
Assim possuída,
Capturada pelo bruto sangue aéreo,
Assumida e saber dele como seu poderio
Antes que o bico indiferente a deixasse cair?

★
What shall I do with this absurdity —
O heart, O troubled heart — this caricature,
Interrupt eye that has been tide to me
As to a dog's tail? ...

(Que farei com este absurdo — o coração, ó perturbado coração — com esta caricatura. Estes seus descriptos amarrados a mim, como ao rabo de um cão? ...)

★
O'body swayed to music. O brightening glance,
How can we know the dancer from the dance?

(O corpo oscilante à música, oh resplandecente olhar, como distinguir da dança o dançarino?)

Figura 113 - WILLIAM BUTLER YEATS. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino.

Nono número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 10 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

X, XI, XII – VERLAINE, NOUVEAU, CROSS

Mário Faustino

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

X, XI, XII -- VERLAINE, NOUVEAU, CROS

Paul Verlaine (1844-1896): já foi muito mais importante, chegou a encarnar os ideais do simbolismo ("De la musique avant toute chose"...). "Trends l'éloquence et tords-lui son cou"..., influência enorme na França (Laforque, Valéry, Eluard), no Brasil e em toda a parte. Hoje um tanto posto de lado, diante do prestígio sempre crescente de um Corbière, de um Rimbaud, de um Laforgue. Principal relevância histórica: chamam, mais que nenhum outro em seu tempo, a atenção dos poetas e dos críticos para a importância do elemento musical em poesia e ajudou a acabar com o tiques remanescentes do romantismo e do parnasianismo. Revelou a poesia francesa as possibilidades melódicas do verso lírico e levou, frequentemente, a poesia-cancão a níveis em seu país esquecidos desde Villon e Charles d'Orléans — exceção feita do Hugo das "Chansons des Rues et des Bois", por exemplo, e de alguns raros outros. Terrivelmente influenciado em todos os sentidos por sua ligação apaixonada com Rimbaud, alguns de seus poemas hoje não soam como pastiches do menino-gênio.

No poema a seguir, em nossa opinião o melhor de Verlaine (somos dos que não mais suportam os "sanglots longs des violons"..., os leitores notarão, além das qualidades rítmicas e pictóricas comuns no poeta Lélian, uma verdadeira antevisão da poesia do "stream of consciousness" mais tarde posta em prática com grande sucesso por um Joyce, um Eliot, um Pound.

*Du fond du grabat
As-tu vu l'étoile
Que l'hiver dévoile?
Comme ton cœur bat,
Comme cette idée,
Regret ou désir,
Ravage à plaisir
Ta tête obsédée,
Peuvre tête en feu,
Peuvre cœur sans Dieu!*

*L'ortie et l'herbette
Au bas du rempart
Don't l'après-midi part
D'une aigre trompette,
Le vent du coteau,
Le Meuse, la goutte
Qu'on boit sur la route
A chaque écriteau
Les seules qu'on hume,
Les pipes qu'on fume!*

*Un rêve de froid:
"Que c'est beau la neige
Et tout son cortège
Dans leur cadre étroit!"
Oh! les blancs arcanes,
Nouvelle Archangel,
Mirage éternel
De mes caravanes!
Oh! ton chaste ciel
Nouvelle Archangel!"*

*Cette sille sombre!
Tout est crainte ici...
Le ciel est trépidant
D'éclater tant d'ombre,
— Les pas que tu fais
Parmi ces bruyères
Levent des poussières
Au souffle mauvais...
Voyageur et triste,
Tu suis quelle piste?*

*C'est l'ivresse à mort,
C'est la notre orgie,
C'est l'amer effort
De ton énergie
Vers l'oubli dolent
De la voix intime,
C'est le seuil du crime,
C'est l'essor songnant.
Oh! j'ai la chimère!
Ta mère, ta mère!*

(Do fundo do catre, não viste a estrela despojada pelo inverno de seus véus? Vê como bate teu coração, vê como essa ideia, desgosto ou desejo, assola à vontade teu cérebro possesso, pobre cabeça alogueada, pobre coração sem Deus!

A erva e a relva, lá embaixo da rampa, donde parte o fresco apelo de um clarim, o vento da colina, o Mass, o frago que em caminho bebemos a cada tabuleta que encontramos, as seivas que sorvemos, os cachimbos que fumamos!

Um sonho de frio: como é bela a neve e todo o seu cortejo, dentro da moldura estreita! Ah, teus brancos arcanos, minha nova Arcangel, miragem eterna de

minhas caravanas! Ah teu casto céu, minha nova Arcangel!"

Esta cidade escura! Aqui tudo é temer... O céu treme de frio, de iluminar tanta escuridão! — Os passos que dás por entre essas urras vão erguendo poeiras de mau hábito... Viajor tão triste, que pista acompanhas?

E a negra orgia, é a embriaguez mortal, é o estorço amargo de tua energia rumo ao dolente olvido da voz íntima, é o limiar do crime, é o sangue arrôjo. Ah, evita a quimera! Tua mãe, tua mãe!

★
Germain Nouveau (1882-1920): como Verlaine, fortemente influenciado por Rimbaud, de quem foi um dos mais chegados companheiros. Poemas como "Au Pays", "Ciel", "Mendiant", etc. atestam contra a originalidade de Nouveau. Entretanto, o pagão e o cristão, o estoico e o erótico de outros poemas, em verso e em prosa, e sobretudo o predecessor de toda uma poesia leve, irônica e infantil tão eficiente e tão em voga na França deste pós-guerra, dão-lhe de certo modo direito à importância que alguns críticos, notadamente os surrealistas, lhe têm conferido. Eis Nouveau num de seus melhores poemas, que lembra, ao mesmo tempo, Laforgue e — hélas! — Prévert.

*"Tout fait l'amour". Et moi, j'ajoute,
Lorsque tu dis "tout fait l'amour":
Même le pas avec la rouie,
Le bouquet avec le tambour.*

*Même le doigt avec la bague,
Même la rime et la raison,
Même le vent avec la vague,
Le regard avec l'horizon.*

*Même le rire dans ses mains — sales, sales, sales,
Même l'osier et le couteau,
Même le corps avec la couche,
Et l'enclume sous le marteau.*

*Même le fil avec la loile,
Même la terre avec le ter,
Le bâtiment avec l'étoile,
Et le soleil avec la mer.*

*Comme la fleur et comme l'arbre,
Même le caduc et le s,
Même l'épithète et le marbre,
La mémoire avec le passé.*

*La molécule avec l'atome,
La chaleur et le mouvement,
L'un des deux avec l'autre tome,
Fut-il détruit complètement.*

*Un anneau même avec sa chaîne,
Quand il en serait détaché,
Tout enfin, excepté la Haine,
Et le cœur qu'Elle a débauché.*

*Où, tout fait l'amour sous les ailes
De l'Amour, comme en son Palais,
Même les tours des châtellenies
Avec le grès et le boulet.*

*Même les cordes de la harpe
Avec la phalange du doigt,
Même le bras avec l'écharpe,
Et la colonne avec le toit.*

*Le coup d'ongle ou le coup de griffe,
Tout enfin tout dans l'univers,
Excepté la joue et la griffe
Car... dans ce cas c'est à l'envers.*

("Tudo somado igual amor". E eu acrescento, quando me dizes "igual amor": até mesmo o passo somado à estrada, até a vareta mais o tambor.

Até mesmo o dedo mais o anel, até a rima mais a razão, até o vento mais a vaga, até o olhar mais o horizonte.

Até o fio somado à tela, até a terra somada ao verme, o edifício mais a estrela, até o sol somado ao mar.

Assim como a flor e como a árvore, até a cedilha e o ç, até o epítáfio mais o mármore, e a memória mais o passado.

A molécula mais o átomo, o calor mais o movimento, um volume juntado ao outro, por mais que um deles se destrua.

Até a argola mais a corrente, mesmo que as duas desliguemos: tudo enfim exceto o Ódio e o coração que Ele corrompe.

Sim, tudo somado igual amor, debaixo das asas do próprio Amor, como se fosse no seu Palácio. Até as torres das cidadelas, mais a saraiada de balas.

Até as cordas da harpa mais a falange do dedo. Até o braço mais a atadura e a coluna somada ao teto.

O golpe de unha, ou o golpe de garra, tudo enfim tudo em todo o universo exceto a face mais a bofetada, pois... nesse caso é vice-versa.)

★
Charles Cros (1842-1888): esquecido por três séculos, posto em grande moda pelos surrealistas, Cros é tido hoje em dia por mais importante que os precedentes: "Zutista", como Rimbaud e Verlaine, "In-dropista", etc., foi um verdadeiro vanguardista, estando desesperadamente contra o academismo artístico e o burguesismo social. Suas paródias de parnasianos célebres são ainda melhores que as de Rimbaud. Sua poesia, que muitas vezes nos aparece como uma brincadeira (mas sempre uma brincadeira social e artisticamente perigosa) lembra ora o próprio Rimbaud, ora Nerval e todos os seus descendentes surrealistas, ora as audácias linguísticas de um Lewis Carroll. Seus poemas em prosa são importantes sobretudo pela influência que exerceram sobre Mallarmé. O poema a seguir é típico pelo menos de uma das maneiras de Cros:

*Il était un grand mur blanc — nu, nu, nu,
Contre le mur une échelle — haute, haute, haute,
Et, par terre, un hareng saur — sec, sec, sec,*

*Il vient, le hareng saur — sec, sec, sec,
Un marteau lourd, un grand clou — pointu, pointu pointu,
Un petoton de ficelle — gros, gros, gros,*

*Alors il monte à l'échelle — haute, haute, haute,
Et plante le clou pointu — toc, toc, toc,
Tout en haut du grand mur blanc — nu, nu, nu,*

*Il laisse aller le marteau — qui tombe, qui tombe, qui tombe,
Attache au clou la ficelle — longue, longue, longue,
Et, au bout, le hareng saur — sec, sec, sec,*

*Il redescend de l'échelle — haute, haute, haute,
L'empurt avec le marteau — lourd, lourd, lourd!
Et puis, il s'en va dileurs, — loin, loin, loin,*

*Et, depuis, le hareng saur — sec, sec, sec,
Au bout de cette ficelle — longue, longue, longue
Très lentement se balance — toujours toujours, toujours.*

*J'ai composé cette histoire. — simple, simple, simple,
Pour mettre en fureur les gens — graves, graves, graves,
Et amuser les enfants — petits, petits, petits.*

(Havia uma grande parede branca — nu, nu, nu, De encontro à parede uma escada — alta, alta, alta, E no chão um arenque defumado — seco, seco, seco,

E ele chega trazendo nas mãos — sujas, sujas, sujas, Um martelo pesado, um prego enorme — pontudo, pontudo, pontudo, [pontudo, pontudo, Um novelo de barbante — grosso, grosso, grosso,

Então ele sobe a escada — alta, alta, alta, E prega o prego pontudo — toc, toc, toc, No alto do paredão branco — nu, nu, nu,

Deixa cair o martelo — vai, caindo, vai caindo, vai [caindo, Amarra ao prego o barbante — comprido, comprido, [comprido, E na ponta o arenque defumado — seco, seco, seco,

Torna a descer da escada — alta, alta, alta, Leva-a consigo mais o martelo — pesado, pesado, [pesado; para longe, E depois vai-se embora — para longe, para longe,

E depois o arenque defumado — seco, seco, seco, Na ponta daquele barbante — comprido, comprido, [comprido,

Devagarinho vai balançando — sempre, sempre, [sempre,

Inventei essa história — simples, simples, simples Para dar raiva nas pessoas — sérias, sérias, sérias, E para divertir as crianças — pequeninas, pequeninas, [pequeninas, pequeninas.)

Figura 114 – VERLAINE, NOUVEAU, CROSS. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino.

Décimo número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 14 mar. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	X, XI, XII – VERLAINE, NOUVEAU, CROSS
AUTORES	Paul Verlaine, 1844-1896 (França) Germain Nouveau, 1851-1920 (França) Charles Cros, 1849-1928 (França)
TEXTO ORIGINAL	Não publicado (Poema II, <i>Sagasse</i>) – Verlaine; “Le baiser” (<i>Valentines</i>) – Nouveau; “Le hareng saur” – Cross
TEXTO TRADUZIDO	Sem títulos
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 3
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa (2) e verso (1)
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	17 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 026. SD, n. 042. JB, n. 063 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 17 mar. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Stream of consciousness” (Verlaine, Nouveau, Cross). In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 111-19
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/71585 .
DESCRIÇÃO	Artigo crítico sobre três poetas franceses, acompanhado de textos no original e traduções, em prosa e verso.

XIII, XIV, XV – HARDY, HOUSMAN, KIPLING

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XIII, XIV, XV..

HARDY, HOUSMAN, KIPLING

Hardy, Housman, Kipling: dois antirromânticos, um vitoriano; contra ou a favor do espírito de suas épocas (Victoria Regina, o império em seu zênite e por isso mesmo já na decadência, o *fin-de-siècle*, a tragédia burguesa — tragédia? — a primeira guerra mundial; a revolta do intelectual contra um mundo poire e falso), de qualquer modo os três sobreviveram na poesia de nossa época, tanto política (poesia literária) como esteticamente, tanto por suas atitudes humanas, que serviram a outros poetas de bastião a atacar ou defender, como por sua poesia, cujos padrões lógicos, visuais e musicais, vão alimentando a poética de nossos dias.

Thomas Hardy (1840-1928): como romancista, um dos maiores de todos os tempos, par imitantes dos Henry James dos Joyce, dos Proust, dos Dostoiévsky; o que, aqui, pouco interessa; como poeta (esta ter sido fiel à poesia, sua primeira amada, até o fim) o mais importante da Inglaterra no período entre Browning e Hopkins. Hardy: o realismo em poesia; o evolucionismo em poesia; Darwin em poesia; *pathos*, o sentimento trágico; *Weltschmerz*; o fatalismo; a crueldade da natureza; o "meliorismo"... Hardy o homem: a fortalesa anti-vitoriana. Hardy o poeta: mais da metade de sua poesia publicada em nosso século; experiências com a língua inglesa; ressurreição dos "kennings" anglo-saxões; formação de palavras; utilização de formas arcaicas; enriquecimento da língua em todos os sentidos; força; precisão; choque; alta voltagem. Hardy o trágico-épico: "And there was a great calm"; Hardy o mítico, o orfêico: "In Tenetibus"; "The convergence of the twain"; Hardy o ironista: "Times Laughingstocks"; "Satires of Circumstance"...

Pequena amostra da poesia de Hardy:

*For life I had never cared greatly,
As with a man's whiff;
Peregrinations through
Peregrinations that finished in night,
And kept me from youth and through manhood
Union by its sign.*

*In earliest years — why I know not —
I viewed it as chance;
Conditions of death,
Conditions that looked slowly out,
How happy have bent me to stand and to show not
Much zeal for its denance.*

*With symphonies soft and sweet colour
It courted me then
Till exiles accused wrong,
Till exiles gave in to its song,
And I wistred, with living stoofly loomed dulter
Then life among men.*

O POETA NOVO

Nel Mezzo del Cammin

Ora um menino surge, coroado,
Entre as flores-de-liz da madrugada;
É um velho ressuscitado, aureolado,
Entre as flores da morte superada;
Anle a carne recente e o renovado
Espírito eis que se abre avermelhada
Alma de homem florindo fatigado
Corpo maduro em messe incendiada.
Entretanto esse homem também é
Ao meio-dia mestre de seu coturo;
De seu trono levanta-se e de pé,
Submete o mundo a fértil, fulvo metro:

Alvaro de Castro

*When I found thought to set eyes on,
When, lifting its hand,
It unlooked its hair,
Unlooked it from top-dumps afar,
And showed its beams bearing from pole to horizon
As bright as a brand.*

*And so, the rough highway forgetting,
I pace hill and dale
Regarding the sky,
And thus re-illumed have no rumor for letting
My pilgrimage jolt.*

(Com a vida jamais me importei muito, como coisa que visse a pena humana. Acasos, aventuras não buscadas, conjeturas, aventuras dando em nada, mantiveram-me desde a juventude, e na maturidade, e até recentemente, inconquistado pelo estilo dela.

Nos primeiros anos — não sei por que motivo — olhei de soslaio; condições de dúvida, condições que lentamente se esguetavam, talvez por acaso me tenham forçado a permanecer de pé, sem demonstrar atração por sua dança.

Então, com suaves sinfonias, doces cores, ela me cortejou. Até que as evasões pareceram-me erradas, até que as evasões se deixaram vencer pela coragem dela, e animei-me, até que viver distante pareceu mais insipido que viver entre os homens.

Mais uma vez nada encontrei onde deter o olhar, até que ela, erguendo a mão, despiu uma estrela, despeça de nebulinas remotas e expôs seus raios brilhando do horizonte ao polo, resplandescentes como lochas.

E assim, olvidando a áspera estrada, passeio por colinas e por vales, contemplando o céu, contemplando a visão superior, e assim recebo não tenho coragem de deixar que fracasse minha peregrinação).

A. E. Housman (1859-1936): a publicação de "A Shropshire Lad" (1896) considerada por muitos o "starting point" da poesia contemporânea da Inglaterra. O gosto atual prefere os "Last Poems", embora o "Lad" continue recitado e reeditado, graças à preferência popular (Housman: um dos grandes "promoters" da poesia atual). Pessimismo. Um tipo de estoicismo. A juventude contra o destino e a morte. "A suprema virtude é o máscara orgulho". Housman: um clássico ou ainda um romântico?

O que pensava A. E. H. sobre a poesia: "Penso que a transusão da emoção — não a transmissão do pensamento, porém estabelecer nos sentidos do leitor uma vibração correspondente ao que foi sentido pelo autor — é a função peculiar da poesia".

Housman e a chamada "Poesia Pura". Admiração porém crítica negativa a Pope. Elogio entusiástico de Blake. Luta contra o "pensamento" em poesia. Forma impecável. Espírito "clássico".

Amostras de Housman:

*The night is freezing fast,
Tomorrow comes December;
And winter-falls of old
Are with me from the past,
And chiefly I remember
How Dick would hate the cold.*

*Fell, winter, fall; for he,
Prompt hand and headpiece crier,
Has woven a winter robe,
And has made of earth and sun
His overcoat, for ever,
And wears the gurning globe.*

(Rapidamente a noite se enregelou, amanhã vem dezembro; e rolam sobre mim como cachoeiras, antigas invernações do passado; sobretudo recorde como Dick odiaria o frio. Gal inverno, cat; pois ele, mão hábil, cabeça experta, acaba de tecer uma roupa de inverno; fez do mar e da

terra seu sobretudo eterno e ei-lo vestindo o globo giratório).

TO AN ATHLETE DYING YOUNG

*The time you won your loun the race
We cheered you through the market-place,
Men and boy stood cheering by,
And home we brought you shoulder-high.*

*To-day, the road all runners come,
Shoulder-high we bring you home,
And set you at your threshold down,
Downward of a stiffer loun.*

*Smart lad, to slip betimes away
From fields where glory does not stay
And early though the laurel grows
It withers quicker than the rose.*

*Eyes the shady night has shut
Cannot see the record cut,
And silence sounds no worse than cheer
After earth has stopped the cars:*

*Now you will not swell the rout
Of lads that wore their honours out,
Runners whom renown outran
And the name died before the man,*

*So set, before its echoes fade,
The feet of you on the sill of shade,
And hold to the low lintel up,
And the still-defended challenge cup.*

*And round that early-laureled head
Will flock to gaze the strengthless dead,
And find unsatisfied on its curls
The garland brier that a girl's.*

(Quando por tua cidade a corrida veneste, nos braços te levamos pela praça do mercado; davam-te vivas homens e meninas, e foste para casa em nossos ombros.

Hoje pela estrada por onde vão todos os corredores, vais para casa em nossos ombros, e no teu lintel nos te depomos, cidadãos de uma cidade mais tranquila.

Brihante jovem, que em breve sumiras dos campos onde a glória não demora, por mais depressa que o loureiro cresça, murcha mais rápido que a rosa.

Olhos cerrados pela noite umbrosa não podem ver os anais rasgados, e o silêncio não se pior que os vivos, depois que a terra tapar o ouvido:

Não te acrescentarás à turba de rapazes que egolaram suas glórias, corredores que sobrevivem a seu renome, nomes morrendo antes dos homens.

Assim, coloca, antes que os ecos morram, o lesto pé no lintel da sombra, e ergue até à verga baixa, a taça da vitória, que ninguém te arrebatou.

É para contemplar essa fronte tão cedo coroada, cercar-te-a o rebanho dos deuses mortos, que encontrarão sempre vivos entre seus cachos a grinalda mais breve que a das jovens).

Rudyard Kipling (1865-1936): o poeta do Império. Tão popular, em vida, entre os britânicos de todo o mundo, quanto o fora Victor Hugo entre os franceses. Hoje o "K" ainda anda pelas paredes dos adolescentes, pregado pelos burgueses pais — porém, em compensação, nas antologias, só é encontrado como "comic verse". Vitoriano convicto. O perfeito escritor em prosa e em verso. Vivo íés grande mal a poesia; como tantos em toda parte, ocupou longo tempo um lugar que não lhe pertencia. Hoje sobrevive como o perfeito "verse-maker", no bom sentido. Há contudo, contradição a seu respeito:

Dixit Auden:
"Quando lemos Kipling, dizemos geralmente: 'é exatamente o que sinto'. Naturalmente, não há nada de "errado" nisso, porém, quando lemos um grande poeta, dizemos: nunca me dei conta antes do que sentia. Doravante, graças a este poema, sentirei de maneira diferente."

Dixit Eliot:
"Não me desculpo por ter usado os termos "verso" e "poesia" de maneira

imprecisa; de modo que, enquanto falo da obra de Kipling como verso e não como poesia, continuo capacitado para falar de seus composições individuais como poemas, e também para sustentar que existe "poesia" no "verso". Onde a terminologia é imprecisa, onde não possuímos vocabulário para distinções que sentimos, nossa única saída é encontrar em dar-nos conta da imprecisão de nossos instrumentos, e dos diferentes sentidos em que estamos utilizando nossas palavras. Deveria ficar claro que, quando contraponho "verso" e "poesia" não estou, NESTE CONTEXTO, fazendo um julgamento de valor. Não me refiro, aqui, quando digo verso, a obra de um homem que se pudesse escrever poesia; refiro-me a alguma coisa que faz algo que a "poesia" não pode executar. A diferença que transformaria em poesia o verso de Kipling não representa uma falha ou uma deficiência: ele sabia perfeitamente o que estava fazendo; dentro de seu ponto de vista, mais "poesia" prejudicaria seu objetivo. E retiro o direito para "todos o direito de falar em "GRANDE verso" quando se fala em Kipling".

Talvez os mais importantes poemas de Kipling sejam suas baladas, suas quase-estórias reunidas em "Departmental Ditties and Ballads" e em "Barrack-Room Ballads". Nossa preferência, contudo, volta-se para

EPIGRAMS OF THE WAR, 1914-1918

(Épigramas da guerra de 14-18); das quais algumas estas amostras, com vista aos jovens marxistas que pretendem fazer poesia "engange".

SALONIKAN GRAVE

*I have watched a thousand days
Push out and crawl into night,
Slowly as tortoises.
Now I, too, follow these.
It is fever, and not the light —
Time, not battle, — that slays.*

(TUMULO EM SALONICA:
Mil dias hei contemplado, avançando, arrastando-se para dentro da noite, vagarosos como tartarugas. Agora, eu também os acompanho. É a febre, não a luta — o tempo, não a batalha, que chacina).

A DEAD STATESMAN

*I could not dig; I dared not rob;
Therefore I lied to please the mob,
Now all my lies are proved untrue
And I must face the men I slew.
What else shall serve me here among
Mine angry and defrauded young?*

(ESTADISTA MORTO:
Não sabia cavar; não ousava roubar; assim sendo menti para agradar à turba. Agora minhas mentiras se desmascaram e tenho de enfrentar os homens que matei. A que história recorrerei aqui, no meio de meus rapazes irados e enganados).

COMMON FORM

*If any question why we died,
Tell them, because our fathers lied.*

(VALA COMUM:
Se alguém vos perguntar por que morremos, respondi-lhe que nossos pais mentiram).

THE BEGINNER

*On the first hour of my first day
In the front trench I fell.
(Children in boxes at a play
Stand up to watch it well.)*

(O PRINCIPIANTE:
Na primeira hora de meu primeiro dia tombel na trincheira da vanguarda. (As crianças ficam de pé nos camarotes, para ver melhor a peça...)).

Figura 115 – HARDY, HOUSMAN, KIPLING. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino.

11º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 31 mar. 1957.

Acervo CPDocJ; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XIII, XIV, XV – HARDY, HOUSMAN, KIPLING
AUTOR	Thomas Hardy, 1849-1928 (Inglaterra) Alfred Edward Housman, 1859-1936 (Inglaterra) Joseph Rudyard Kipling, 1865-1936 (Índia Britânica)
TEXTO ORIGINAL	“To an athlete dying young” (Housman); “Salonikan grave”, “A dead statesman”, “Common form”, “The beginner” (de Kipling)
TEXTO TRADUZIDO	“Túmulo em salônica”, “Estadista morto”, “Vala comum”, “O principiante” (de Kipling)
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 7
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	31 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 028. SD, n. 044. JB, n. 075 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 31 mar. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Realismo e poesia”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 120-29.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/72217 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico acompanhado de traduções sobre os poetas analisados. Publicação bilíngue.
OBSERVAÇÕES	Além da poesia traduzida, Faustino traduz vários comentários sobre os poetas: <ol style="list-style-type: none"> 1. Ideia de poesia para Housman (excerto); 2. Excertos sobre Kipling feitos por Auden e Eliot.

XVI - TRISTAN CORBIÈRE

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XVI - TRISTAN CORBIÈRE

POESIA

Se de repente os jovens poetas brasileiros passarem a dedicar a Tristan Corbière, a Jules Laforgue e a Stéphane Mallarmé quase todo o tempo que entre...

Tristan Corbière: poeta maldito, poeta do mar, poeta da morte, poeta dos segredos, Daumier, Rodon, Toulouse-Lautrec, Gauguin... O mais genuíno descendente dos muitos que Villemet teve quando, no século XIX, a poesia francesa livrou-se de seus "clássicos". Suas vivências — não contatando sua poesia — constituem uma das raízes do surrealismo, porém sua principal contribuição a poesia de todo o mundo é uma lição de clareza, de exatidão, de "mot juste".

Rebento de uma linhagem de marinheiros, marinheiro de profissão, viagens e mais viagens, guerra naval, prisioneiro de guerra, complicações políticas, gauguinismo, série de romances em prosa (uma espécie de Conrad menor, made in France — ao que se diz), vida desregada em Paris, feitura física extrema, caricaturesca, doença, revolta, autodestruição...

Situação atual de Corbière: prestígio crescente, colocado ao lado de Mallarmé, Laforgue e Rimbaud na linha de frente da poesia francesa do "fin-de-siècle". A crítica "surrealista" faz muita propaganda de Corbière homem de Corbière "fai-seur de phrases", contribuindo assim para o esquecimento do principal poeta de Corbière, o verso de Corbière, seu talento para a estruturação, para a montagem de "taboos" aparentemente desconexos, sua capacidade de "objetivar" idéias e sentimentos como se fossem coisas ou de seres, rotulados, identificados, se não por um "nome" se pelo menos por uma expressão, uma frase in substitutível e intraduzível. Seus poemas — por mais que tombo, vez por outra, num viciologuismo da moda — são sérios vivos e novos, que jamais se deixam diluir pelas abstrações implícitas no aspecto lógico de cada palavra.

Tristan (psicodivino) Corbière é, sobretudo, o possuído incondividível do "copyright" de coisas como

pas de fond de six pieds, ni sala de cimetière.
En la vent aux raquis: l'âme d'un maletel.
Au lieu de suinter dans vos pommes de terre,
Respire à chaque filat...

O POETA NOVO

naquele estado de nosso reino o mais tranqüilo governado por infantes que fomos e por sábios reis que ser...
naquele estado em plena liberdade mantendo prisioneiros somente da memória que sente ser eterna ante a crista do muro que se avista da lua prisioneiros alegres meus amigos meus amados e minhas adoredas mantendo em leitos de bom lenho uvas de boas vindas frutos de gomas gomos mantendo-as amorosas e amorosas o guarda cêrmos como rosas resuscitadas num verso de velho bardo recantado por um recente infnido orfeu que talvez seja eu quando para além das eras adormecerem todas as feras e ficarem de pé apenas o canito e as cordas serenas)

ou de enumerações — cáoticas ou não — como:

sercier, sage-femme et brigant phosphorique.
Bate-dent-venez, marez gai, lièvre hauchique.
Thrombosité à l'axolotl, coces droit à musique,
Gracie, écho, docteur, almanach, empirique.
Cure valériane, bulstre politique...

Corbière: "En dehors de l'humaine piste", "L'homme est libre et la mer est grande", "Je voudrais être alors chien de l'île publique", "Vivre à coups de fouet", "L'art ne me connaît pas, je ne connais pas l'art"... — um dos maiores poetas e um dos maiores homens da literatura francesa.

Amostras de Corbière:

LE RENEGAT

Ce, c'est un renégat. Contemance partait:
Faut me riser faire, ce fait tout.
Framé de partout et d'allures; crâne et lache.
Framé, amphibie, à la course, à la tâche.
Fodéve, filibuster, nigre blanc, ou soldat;
Bravo! fait tout ce qui concerne tout état;
Singe — de femme... ou même un béotain (femme);
Propheie in' paribus; à tout par kilo (l'âme);
Fendu, bourreau, poison, filatit, mède-
Pendu; ou mendiant, un couleas en (l'âme)...

La mort le connaît bien, mais n'en a plus envie.
Marache par la mort, recraché par la vie.
Ce mange de l'humain, de l'air, de l'ex-
(framé);
Du plomb de l'ambrose... ou rien — ce que (le sent)...

Non non? — Il a changé de peau, comme (chemise)...
Dans toutes langues c'est ignare ou Cy-
(dalze);
'Tout les saints... Mais il ne porte plus (le);
Il a bien effacé son T. F. de forçat!...

— Qui l'a puné?... l'amour? — Il a jeté sa (l'âme);
— La haine? — Non. — Le vol? — Il a refusé (l'âme);
— Coup de barre du vic? — Il n'est pas (l'âme);
Non... dans le ventre il a de la fille-de-
(framé);
C'est un temperamento... un article de (le);
Au diable même il n'a pas fait misérérade;
— Hâte encore! — Il a tout peuri jusqu'à (le);
Il a tout touté béte, acinétié tous les coupé...

Par, à force d'avoir purgé tous les dégoûts,

(O RENEGADO

Isso ai é um renegado. Em tudo contumaz: para nada fazer, tudo faz. Escumado de toda parte e de mais outros lugares; esperto e covarde, escumador, parasita, anfíbio, em viagem, no trabalho; escravo, libustero, negro-branco, soldado, bravo!; faz tudo o que se faz em qualquer estado; palhao, sabujo de mulher; ou mesmo se precise fôr, mulher; profeta in paribus, a tanto por quilo de alma; enforcado, carrasco, veneno, flautista, médico, canico, ou mendigo, de cufeto na mão...

A morte bem o conhece, mas não tem mais vontade... Escarrado pela morte, escarrado pela vida, isso ai come gente, ouro, excremento, chumbo, ambrósia... ou nada... é como isso fode.

Seu nome? — Mudou de pele, como quem muda de camisa... Em todas as linguas é: Inácio, Cidalísio, Todos los santos... Mas não traz mais isso consigo; conseguiu apagar bem o "T. F." dos forçados...

Quem o levou a tanto? O amor? — Expe-liu seus humores! Violou tudo: potência e guarda-de-forçados. — O odio? Não. — O roubo? — Recusou coisas melhores. Uma guiladina do vício? — Não é viciado. — Não... traz na barriga uma meretriz, é um temperamento... um artista de rapina... Ele não teve pena nem do próprio diabo. Foi doenza-do-sol, então. — Ele apodrecu tudo, até o osso. Matou todos os bichos, livrou-se de todos os golpes...

Puro, de tanto purgar-se de todos os nojos.

RONDEL

Il fait noir, enfant, voleur d'éthérée!
Il n'est plus de nuit, il n'est plus de jour;
Dura... en attendant venir toutes éties
Qui disaient: Jamais qui disaient: Tout-jours;
Entends-tu leurs pas? Ils ne sent pas leurs!
Oh! les pieds légers! — l'Amour a des ailes...
Il fait noir, enfant, voleur d'éthérée!
Entends-tu leurs voix?... Les caveaux sont sourds.
Ici: il pise peu, ton fais d'immortelles;
Ils ne tendront pas, tes amis les ours;
Jeter leur peur aux uns demortelles;
... Il fait noir, enfant, voleur d'éthérée!

(RONDEL

Já está escuro, menino, ladrão de centelhas! Não há mais noites, não há mais dias; dorme... esperando a chegada de todas aquelas que distam: Nunca!, que dizem: Sempre!

Escutas-lhes os passos? Não são passos: ah, os passos leves! o amor tem asas... Já está escuro, menino, ladrão de centelhas!

Escutas-lhes as vozes?... Os apulcros são surdos: Dorme: pesa pouco, teu fado de imortal; és não virão, teus amigos ursos, jogar pedras em tuas donzelas: já está escuro, menino, ladrão de centelhas!)

PETIT MORT POUR RIRE

Va vite, léger peigneur de comètes!
Les herbes au vent serent les cheveux;
De ton œil béat jaillissent les feux
Follets, présentement dans les pauvres têtes...
Et les myosotis, ces fleurs d'ambition...
Ne fais pas le lourd; croquille de peites

Para os creques-mortos sent de duplo pes.
Bêtes a vield qui cessent le cre...
De te croient mort — Les bourgeois sont (bêtes) —
Va vite, léger peigneur de comètes!

(MENINO QUE MORREU DE RIR

Vai depressa, leve penteador de cometas!
As crvas ao vento serão teus cabelos;
de teus olhos arregalados brotarão os fogos fátuos, prisioneiros das pobres cabeças...

As flores de tímulo que se chamam "grama de amor" abundarão em teu riso terroso... E os miósótis, essas flores de mamorra... Não te faças pesado: os esmoifros dos poetas.

Para os come-defuntos não passam de uns brinquedos, caixas de violino ressoando vazias... Pensarão que estás morto — os burgueses são tolos — vai depressa, leve penteador de cometas...)

FRAGMENTOS

De "La Rapsodie Foraine et le Pardou de Sainte-Anne".

Bénite est l'infertile plage
Où, comme la mer, tout est nud.
Sainte-Anne, après plus de deux!
He Sainte-Anne-de-la-Faïde... (1)

... El les fidèles, en chemise.
Sainte-Anne, après plus de deux!
Faut trois fois le tour de l'église
En se trainant sur leurs genoux.

El baivent l'eau miraculeuse
Où les Job légers ont lavé
Leur nudité contagieuse...
Aller: la Foi vus a sauvé!

... Sent-ils pas divins sur leurs cistes
Qu'après le sime vermeil
Ces propriétaires de plaies,
Rubs vivants sous le soleil!

Tiens, passant, regarde: tout passe.
L'esil de l'idiot est renté.
Car il est en état de grâce...
— Et la Grèce est l'Eternité!

Parmi les autres, après régré,
Qui sont d'eau bénite arrosés.
Un cadavre, vivant de lépre.
Fleurit, souvenant des croixes...

(Bendita seja a praia estéril, onde, como o mar, tudo é nu. Santa é a capela selvagem de Sant'Ana do Pântano...)

... E os fiéis, em mangas de camisa — Sant'Ana, tende piedade de nós! — dão três vezes a volta à igreja, arrastando-se ajoelhados

e bebem a água miraculosa onde os Józ timidos lavaram suas nudas contagiosas... Ide: pois a Fé vos salvou!

... Não são divinos, apoiados em seus caníços, aureolados por um nimbo escarlata; são proprietários de chagas, rubis vivendo à luz do sol!

... Repara, ao passar; tudo passa. O olho do idiota ficou. Pois está em estado de graça... — E a Graça é a Eternidade!

Entre os demais, após as vésperas, borridos de água benta, um cadáver, vivo do da lepra, floresce, lembrança dos cruzados.

DE "PHARE":

Débat, Priape d'arragan.
En vain le liche
La lame de rat écumant.
— Il fleur se maché...

... Lá, est debout une vestale.
— C'est l'Allemagne.
Vierge et martyre (sexo macho)
— C'est l'étranger.

(DE "FAROL":

De pé, Priapo do furacão, debalde o lambete a vaga do cio espumante: mantem-se na mecha...

... Lá, jaz de pé uma vestal: o acendedor — virgem e mártir (sexo macho) — o apagador.

DE "PARIS":

Bastard de Crôle et Breton.
Il vint assés là — formalière,
Ramez ou rien n'est en pierre,
Où le croient passer de l'air.

— Courage! On fait que... Un planton
Vous passe à la chaîne — derrière! —
— Incendie distat, sans lambeur.
Des sexes passés, vides os non...

... Lá, na pobre Mene puella
Foi la vestale: en demouille.
He demouille: Qu'est-ce que vous vend?

... Rien... Elle restait là, stupide.
N'attendait pas sonner le vide.
El regardait passer le vent...

(Bastardo de Cróula e Bretão, éle também foi lá — formigueiro, bazar onde nada é de pedra, onde o sol não possui colorido.

— Coragem! Estão fazendo fila... Um ordenança nos empurra para a corrente — para trás! — Incêndio extinto, sem luz, os baldes passam, vazios ou não.

Lá, sua pobre Musa donzela caçou homens vestida de demoiselle. Eles dizem: Que diabo é que ela vende?

... Nada. Ela ficava lá, estúpida, sem escutar o som do vazio e espiando passar o vento...

DE "LA FIN":

... Souber — Soudes ou mol, Vies mol est bien (paie)
Pa grand chose à bord, sous la lourde rale...
Pa grand chose devant le grand souper amer.
Des mastels qui baïe — Aïnes dem, de la place —
Vies: c'estéte éventé. la Mort change de face:
La Mer!

(— Sossobrar — sondai esta palavra. Vossa palavra é bem páida, bem pouca coisa a bordo, sob a resaca pesada... pouca coisa diante do grande sorriso amargo do marinheiro em luta — Vamos ali, cá fora, não atrapalha! — velho fantasma batido pelo vento, a Morte muda de figura: o Mar!...)

E, para terminar, uma espécie de epitáfio:

... Son état était dans le dégoût —
Trop au plus se passait souffrir.
L'esprit à sec et le cœur lre
Et mourut en s'attendant vivre
Et vout s'attendant mourir.

(Seu prezar estava na náusea — Ele mesmo demais para poder suportar-se, o espírito em seco e o coração bêbedo, morreu à espera de viver; e viveu à espera de morrer.)

(1) Chamamos a atenção dos leitores para esse quadro, com que Corbière mista sua obra, pois, sua, não combocemos nada melhor em francês.

PEDRAS DE TOQUE

La douce manne tombe
A jamais sur sa tombe.
Et l'humour que produit
En Mai, la nuit.

aloisio de miranda

Figura 116 – TRISTAN CORBIÈRE. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. 12º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 14 abr. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XVI – TRISTAN CORBIÈRE
AUTOR	Tristan Corbière, 1845-1875 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Le renégat”, “Rondel”, “Petit mort pour rire”
TEXTO TRADUZIDO	“O renegado”, “Rondel”, “Menino que morreu de rir”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 2 fragmentos: 5
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	14 abr. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 030. SD, n. 046. JB, n. 087 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 14 mar. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Tristan Corbière”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 110-117. 2. FAUSTINO, M. “Lição e clareza”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 130-141.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/72775 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico acompanhado de traduções em prosa, de poemas e fragmentos do autor analisado.

XVII – STEFAN GEORGE

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XVII – STEFAN GEORGE

Stefan George (1868-1933): introdução geral das grandes correntes da poesia alemã.

A poesia alemã, em que pode servir a um jovem poeta de outra língua? Em primeiro lugar, a possibilidade de "ouvir" e "ver" e "cogitar" a linguagem poética, em si, através de uma língua quase completamente estranha à nossa. Assim é que Pound reconhecia ao jovem poeta, ignorante do alemão, a procurar oecular, no original, as líricas de Goethe e Schiller. Depois, há os Nibelungen — no original teutônico, para quem o conhece, em Heibel para os outros — há os maravilhosos poemas anônimos do século XII, há os Meisteringer e Minneringer (entre os primeiros a distinguir os aspectos formal, topopoiético e místico do poema. (Ton, Wort, Weise), há o divino Walthar von der Vogelweide, há o mundo que é Goethe — dentro e fora da poesia propriamente dita — há algum Schiller, muito Hoelderlin, algum Novalis, um ou outro Kierke. Depois há o enorme Heine, que é preciso conhecer inteiro: vale uma literatura. Alguns Mörkert. Muito Nietzsche, em verso e prosa; muita poesia. Alguns Dehmel, algum Hoyt. E há, para não chegarmos aos mais recentes, Stefan George.

Não começaria a "moderna" poesia alemã. Na Alemanha, entretanto, malgrado escaramuças locais, não houve uma reviravolta, como na França, o fenômeno iniciado com Baudelaire — que George traduziu, como tradução Mallarmé (outro grande tradutor do francês em alemão: Rilke). Malgrado escaramuças locais: toda grande cidade alemã (na Alemanha artística não há uma Paris, uma Londres, uma New York: como na Itália, há vários centros, há Berlin, há Munich, há Stuttgart, há as cidades universitárias como Heidelberg e Tübingen; para não falar em Viena, em Praga, em Berna...) teve sua revolução literária. Mas a grande corrente da poesia alemã permanece, através dos tempos, com as mesmas características — sobretudo essa invejável posse de uma língua que se mantém poética, auto-renovadora, auto-criadora, por mais que a filosofiquem, metafisiquem, "misticliquem", — e com as mesmas subcorrentes: o "Lied", o poema crítico, o poema didático, o poema filosófico... Há a poesia francesa de antes e a de depois de Baudelaire. Mas a poesia alemã não se divide em George. Para não ir muito longe, houve, antes, o próprio Heine, há "moderno", em qualquer sentido, quando a u e a e r outro, houve Mörkert, Keller, Dehmel, sobretudo Arno Holz... Todos são "contemporâneos" quanto ao próprio George. Por quê, então, começar por este? Porque, como dissemos, a vasta obra de George é uma espécie de "turning-point", bruto não, mas suave, da poesia de língua alemã; o homem, mais que ninguém, trouxe Baudelaire e Rimbaud e Verlaine e Mallarmé para a Alemanha; e resulto, em sua própria poesia, o que havia de mais vivo na poesia alemã do passado; e preparou o terreno onde lavras um Morgenstern e deerto um Rilke, um Trakl, um Weinheber e um Jünger plantariam suas árvores.

O primeiro sermão prestado por George à poesia — à literatura? — alemã foi livrá-la do Sturm und Drang, realista — naturalista dos Hart, de Conrad, até mesmo do Holz de Buch der Zeit e dos Lieder eines Modernen, do "socialismo-sexualismo" de um Dehmel, e da contusão estética reinante na Alemanha antes de a obra de George entrar propriamente em ação. Depois, leve para a Alemanha o que havia de bom no Simbolismo: sobretudo a guerra à eloquência, inimiga tanto da poesia alemã, quanto de qualquer outra. Com isso um desestípo; levar o que havia de mau no simbolismo francês, sobretudo o caráter vago, o amor da suazice pela nuance.

Há Georges e Georges, no homem como no poeta. Há o solitário de Bingen. O aristocrata. O misantropo. O asceta. Depois, há o profeta, o pedagogo, o Zarathustra, o líder de iniciados. Há o George satírico. Há, finalmente, o George apurador, o celebrador da Alemanha (sobretudo após a derrota de 18) e dos alemães, o inocente e inocente pretaista — como Nietzsche, aliás.

A poesia de George é antes de tudo, como grande parte da poesia alemã, um instrumento de pesquisa do universo, um meio de cosmocombustimento e de auto-conhecimento. Poesia crítica, poesia-revelação. Em George temos talvez o início da volta da poesia contemporânea ao metafísico. Por outro lado, uma poesia crítica, cristalizadora, tanto do mundo atual, contemporâneo do poeta, como do mundo histórico, anterior a ele. Uma poesia criadora de mitos: re- "Algalim". Uma poesia sublimadora dos "objetos" — por mais

faixa que nos pinta a dualidade sujeito-objeto, a idéia de origem a toda a rica poesia do Dingedicht, cujos começos são fáceis de constatar em George. Uma poesia instrumento de auto-realização, uma poesia Meio a Motivo de Vida. Filosofia de George: "Fazer do corpo um deus e dar a deus um corpo". O George humanista. O George estoico-espiritista. George procura do Herói. George e seu Maximino, o misterioso semi-deus que realmente existiu, mas do qual pouco mais se sabe além das celebrações de George e de seus discípulos, que encontraram, no jovem Maximino, Cristo soado a Apolo, o Calvário-mais-Olimpo de Hoelderlin, o Quinto Evangelho de Nietzsche... (George e seu cenáculo, Maximino ao centro; o leitor é lembrado, imediatamente, das tertúlias gregas descritas por Xenofonte, com a presença de Sócrates e Critias e Alcibiades...) Maximino: o Mestras, o deus da juventude e da beleza, o gladiador, o poeta, o sábio, o herói... a visão do divino no mundo...

Em George: a palavra ao mesmo tempo densa e exata, ressonada, musical. A estrutura do poema prevê Rilke: a descrição do objeto do canto e a revelação, a ligação final do objeto ao sujeito que o canta (ainda o falso dualismo). Mas não há, ainda, como em Rilke, o poema-objeto vivo, cada palavra soando e se apresentando nova, insubstituível, intraduzível; e há, ainda, o "flou" impressionista, o dubio, o ambíguo desnecessário, a obscuridade forçada...

Amotras de George:

TEMLER

Wir uns mit allen nur in goldner laufe
Endenklar lang schied unsre ahar der

[Häufe
Wir Rose: unsre jugendliche brunst
Wir Kreuz: der stolz ertragen: ledern

[Kunst].
Acht unbenamter haben in barger Mille
Drehn wir den speer und dreht die

dunkle spüle.
In jeder zeit schreckt unsrer waffen

[Lohn]
Wir getsehn volk und schlagen leerm

[am thron.
Wir folgen nicht den sinnen und den
Der andren die voll argwohn nach uns

[schleien]
Und grauen: wenn ihr bass nicht

[Gesternant
Was unser wider sturm der liebe bannet.

[Lieder
Was uns als beute fiel son schwert und
Rinst achils aus den haenden der

[ergrüder
Und deren mit verkehrend unel spie
Vor einem kinde sinken sie ins kien.

[Der augen spruehen und die frese locke
Die einst den herrn verriet im

[Dettlerocke
Verschiern wir dem dresten schoern
Der unsre schatten erst mit planz

[verbraemt.
Wie wir gediehn im schoone fremder
Ist unser hachwuchs nie aus unsem

[stamm
Nie allernid nie entkraefet nie versprengt
Da ungeborene glit in ihm sich mengt.

[Und jede eterne lat und noetige uende:
Nur unser-einer ist der sie tollende

[Ihr schaff!
Zu der man uns in arger unratl ruff
Und dann uns steinsigt: fluch dem was

[Und wenn die grosse Nachtert im jorne
Nicht mehr sich miachend neigt am

[untern borne
In enser nettsicht starr und muede

[pocht.
So kann nur einer der sie stets befocht
Und suang und nie verfuhr nach them

[Die hand ihr pressen packen ihre fische
Das sie ihr werk willföhrig wieder

[treibt.
Den leb vergottet und den gott verfocht.

[Christ
Um por todos apenas quando em busca
do ouro, nossa ordem desde sempre
estou as turbas. Nos Rosa: ardor interno
e juvenil, nas Cruz: orgulho de uma arte
de sofrer.

[The tr
Doctor.
No precário repouso de retas individuais,
manejamos a lança e as rocas úrras.

[Do "DAS NEUE RECH"
Du schenkst kund rein wie eine flamme
Du sie der morgen art und licht

[Du bluehend reit vom edlen stamme
Du sie ein quell geheim und schicht

[Registest mich auf sonigen matten
Umchauerst mich im abendtrauch

[Fleischtest meinen weg im schatten
Du hieherst und du heiser hauch

[Du bist mein unruh und mein gedankt
Ich arme dich mit jeder luft

[Ich schuerst dich mit jedem franke
Ich kuesst dich mit jedem duft

[Du bluehend reit vom edlen stamme
Du sie ein quell geheim und schicht

[Du schenkst kund rein wie eine flamme
Du sie der morgen art und licht

[Do "Novo Império"
Tu fino e puro igual a flama
Tu leve e claro igual a aurora

[Tu leve e claro igual a aurora
Tu ramo em flor de galho alvivo
Tu como a fonte simples secreto

[Tu como a fonte simples secreto
Tu fino e puro igual a flama
Tu leve e claro igual a aurora.

[Es me deuse e meu pensamento
Eu te respiro em cada hausto
Te saboreio a cada gole
E beijo-te a cada perfume

[Tu ramo em flor de galho alvivo
Tu como a fonte simples secreto
Tu fino e puro igual a flama
Tu leve e claro igual a aurora.

[Fautus: Was this the face the
And burnt the toples
Sweete Helen, make

[Esse o rosto que fez
Que fez arder de Te
Faze-me, doce Helen

[Christus
The tr
Doctor.

[PEDRAS DE TOQUE
Fautus: Was this the face the
And burnt the toples
Sweete Helen, make

[Esse o rosto que fez
Que fez arder de Te
Faze-me, doce Helen

[Christus
The tr
Doctor.

Ficha da publicação

TÍTULO	XVII - STEFAN GEORGE
AUTOR	Stefan George, 1868-1933 (Alemanha)
TEXTO ORIGINAL	“Templer”, “De ‘Das neue Reich’”
TEXTO TRADUZIDO	“Templários”, “Do ‘Novo império’”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 2
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: alemão-português.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Alemão.
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa e verso.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	05 maio 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 033. SD, n. 049. JB, n. 103 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 05 mai. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Guerra à eloquência”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 142-49.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73513 .
DESCRIÇÃO	Publicação comentário crítico acompanhado de duas traduções.
OBSERVAÇÕES	Na publicação, MF aborda a poesia alemã de forma geral até chegar ao Stefan George, que, segundo ele, começaria a poesia moderna alemã. Trata-se de avaliar as contribuições do poeta, bem como a classificação da sua poesia. No final, compara a Rilke, “descrição do objetivo do canto e revelação da lição final do objeto ao sujeito que o canta (ainda o falso dualismo)”.

XVIII E XIX – ROBSON E FROST

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XVIII e XIX: Robson e Frost

Edgar Allan Poe, Walt Whitman e Emily Dickinson: **professores imediatos** — decerto, sob muitos aspectos, mais "modernos" que muitos de seus sucessores imediatos — de "moderna" poesia norte-americana. Mas os primeiros poetas a inaugurarem, conscientemente, a nova poesia nos Estados Unidos (a partir, por um lado, do respeito à tradição e, por outro, da impetração das novas descobertas poéticas europeias) são os realizadores da chamada "new poetry", escrita no período que vai desde logo antes da I Guerra Mundial até logo antes da crise econômica americana de 1929. Referimo-nos, especialmente, a Robinson, Frost, Vachel Lindsay, Edgar Lee Masters e Carl Sandburg — nenhum deles um verdadeiro revolucionário, como Pound ou mesmo Eliot, porém todos responsáveis pelo trabalho indispensável de levantar uma ponte sólida entre a tradição já existente de poesia — e prosa — americana (Poe, Whitman, Dickinson; Thoreau, Emerson, Melville, Hawthorne, James, etc.) e a revolução, radical, que se processava muito mais do lado de lá do Atlântico, entre os ingleses, os franceses e os grandes aliados, como a dupla Eliot-Pound.

Esses "novos poetas" — Robinson, Frost, Lindsay, Masters, Sandburg — fizeram o público americano tomar conhecimento não só da nova poesia como da própria poesia. Sem propriamente escândalo, — sem, por exemplo, o processo paulandiano de choque, de "irritation" e "instigation" — suas idéias e suas novas atitudes começaram a trabalhar de equipe (havia as contribuições solitárias dos três grandes anteriores: Poe, Whitman, Dickinson) para fazer da poesia nos Estados Unidos um instrumento de justificação do homem, de apologética do artista, de crítica à época e à sociedade — além das funções anteriores, já bem ou mal exploradas, de celebração ou lamentação do mundo natural ou social. Não era, ainda, a criação de padrões novos — como em Pound, em Eliot, em Crane, em Marianne Moore, em Cummings, em Wallace Stevens: mas já era muito.

Edwin Arlington Robinson (1869-1935), por exemplo, foi o criador de uma poesia (populárrima: alguns "best-sellers", mesmo) atualizada, psicológica, dramática dentro do lirismo. Na criação de "personas" precedeu Pound e Eliot: seu Mauberley e seu Frutrock são Richard Cory, Miniver Cheevy, Luke Havergal, Captain Craig, etc.: tipos e caracteres multipersonalizando o poeta e representando, na poesia, os conflitos sociais modernos. Robinson: tradição, caráter, "humour", negativismo, linguagem quotidiana — poesia sem importantes descobertas, mas impressionantemente diversificada, para a época em que foi escrita.

Miniver desprezava o ouro que buscava, porém bem que se aborrecia quando lhe faltava. Miniver pensava, e pensava, e pensava — e pensava a respeito disso.

Miniver, nascido tarde demais, coçava a cabeça e continuava pensando; Miniver tossia, culpava o destino — e continuava a beber.

Robert Frost, nascido em 1874, é uma espécie de gênio da poesia norte-americana. Três vezes Prêmio Pulitzer, foi laureado, há cerca de um mês, tanto pela universidade de Oxford como pela de Cambridge, na Inglaterra — coisa raríssima. Como Robinson, um poeta que todo mundo aceita e que tem, historicamente sobretudo, sua importância. Poeta da natureza e do individualismo — um "pendant" de Thoreau — simples, humano, sutil, humorístico, contemplativo, poesia penetrada de sentimento trágico; poeta regional (Nova Inglaterra), seu humanismo o torna decerto nacional e até certo ponto universal.

Amostras de Frost:

The Master Speed

No speed of wind or water rushing by
But you have speedier greater. You can
Climb
Back up a stream of radiance to the sky,
And back through history up the stream
Of time
And you were given this swiftness, not
For haste
Nor chiefly that you may go where you
(will)
But in the rush of everything to waste,
That you may have power of standing still —
Off any still or moving thing you say,
Two such as you with such a make-
Speed
Cannot be parted nor be swept away
From one another else you are agreed
That life is only life forevermore
Together wing to wing and oar to oar.

(Pressa de vento ou de água aos pés
correndo,
Tua pressa é maior. Podes subir
Radiante, riacho acima, rumo ao céu,
E história acima, rumo ao tempo, atrás.
Devam-te essa leveza por amor.
Da luzirca não, nem para ir
Aonde queiras: sim para que possas
Tudo gastar até seres senhor
De poder de deter-te, quieto, fora
De tudo quanto digas — coisa quieta
Ou movida. Dois iguais a ti.
A mesma rapidez de mestre, quem
Apartar-vos puderá se abelha
Que a vida é vida, apenas, para sempre
Juntos, remo com remo, asa com asa?)

They were welcome to their belief

Grief may have thought it was grief.
Care may have thought it was care.
But neither one was the thief.
The overimportant pair.

No, it took all the snows that clung
To the low roof over his bed,
Beginning when he was young,
To induce the one snow on his head.

But whenever the roof came white
The head in the dark below
Was a shade less the color of night
A shade more the color of snow.

Grief may have thought it was grief.
Care may have thought it was care.
But neither one was the thief
Of his raven color of hair.

(A dor pensou talvez que foi de dor,
E o cuidado talvez que por cuidado,
Nenhum dos dois porém foi o ladrão
Da cor de corvo dos cabelos dele).

Amostras de Robinson:

De "The Mill"

Black water, smooth above the weir
Like starry velvet in the night,
Though ruffled once, would soon appear
The same as ever to the sight.

(De "O Meinho")

Agua negra, macia acima da barragem
Dentro da noite veludo estrelado
Por mais que subito enrugado, logo volta
A vista o mesmo, sempre).

The Dark Hills

Dark hills at evening in the west,
Where sunset hovers like a sound
Of golden horses that sang to rest,
Old bones of warriors under ground,
Far now from all the banners and
Where flash the legions of the sun,
You fade — as if the last of days
Were fading, and all wars were done.

(Montes Escuros)

Tarde, montes escuros no ocidente,
Onde paira o poente como som
De áureos cavalos tocando para o sono
De ossos velhos, guerreiros sob o chão,
De embandeiradas rotas longe agora,
Onde flamejam legiões do sol,
Vós desmais — como se o último dos
(dias,
Acabadas as guerras, desmaiasse).

Miniver Cheevy

Miniver Cheevy, child of scorn,
Grew lean while he assailed the
(seasons);
He wept that he was ever born,
And he had had reasons.

Miniver loved the days of old
When swords were bright and steeds
(were prancing,
Would set him dancing.

Miniver sighed for what was not,
And dreamed, and rested from his
(labors;
He dreamed of Thebes and Camelot,
And Priam's neighbors.

(Miniver Cheevy)

Miniver Cheevy, filho da ironia, ficou
magro de tanto atacar as estações; chora-
va por ter jamais nascido — e tinha
já as suas razões.

Miniver adorava os dias de antanho, as
espadas brilhando, os corcéis empinados.
Pulsava de alegria ao ver um guerreiro
cuidado.

Miniver suspirava pelo que não existia,
e sonhava e disso tudo descansava; son-
hava com Tebas, com Camelot — e com
os vizinhos de Priamo.

Miniver se enlutava pelo meduro renome
que manilha fragrantos tantos nomes;
luto pela Idade Média, que estava pas-
sando já cidade, luto pela Arte — esse
vagabundo.

Miniver adorava os Medici, embora nun-
ca houvesse visto um deles; teria pecado
incessantemente — se tivesse sido um
deles.

Miniver amaldiçoava o lugar-comum e
considerava com desprezo uma roupa
coqui; sentia falta da graça medieval das
roupas de ferro.

PEDRAS DE TOQUE

Tous deux les yeux en bas sur la fosse fichée
De larmoyante humeur et vuides, et séchés,
En estase ravis du regret, qui les mord,
Contemplant leur misère en contemplant le mort

(Ambos, de olhos baixos, cravados na cova, olhos vasos e secos
do humor lacrimejante, em êxtase, arrebatados pela dor que os
rota, ao contemplarem o morto, contemplavam a própria miséria)

Maurice SCÈVE (157?-1564)

Augusto Meyer: Poesias (1922-1955)

Há um bom poema nestas "Poesias"
(Ed. Literaria São José) de poeta e crítico
literário (dos poucos que temos) Augus-
to Meyer. Trata-se de interessante varia-
ção em tema da famosa "Ballade des
dames du temps jadis", de François
Villon:

BALADA-PREFACIO

(Aos "Poemas de Biliu", 1928-1929)

Biliu, tire a lira do prego,
Faça uma balada, no duplo!
Malfidante! em vão esfrega
O epicuriano e as Musas torturo
Sóbrio ou ebrio, puro ou impuro,
Que Rei sou eu, que em vão me afano
A impregnar Biliu e perjurio?
Mas u som as nevas d'antano?

U é Biliu, meu primo amor,
E u é Germana, a Breina,
Fremosa sobre toda flor!
Ay! fuma e ludo, vá sebrina,
Mençonha, folia mullina!

Mal me nembra d'amor e egano
Digo alto e bom som ou em ardina:
Mas u som as nevas d'antano?

Que é daqueles tam valerosos
Amigos do pichel sem fundo?
Vagans, pergrinos sonosos.
Em longe terra ou n'Outro Munao.
U é Liberato, o profundo?
Atmos? Mafje? Theo? Clemenciano?
E Villon u o vngabundo?
Mas u som as nevas d'antano?

Biliu, em vão eu me aproufundo
Em quimeras de gosto e engano:
A todos e a fatulo mundo
Digo: u som as nevas d'antano?

Figura 118 – ROBINSON E FROST. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. 14º número da seção "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 12 mai. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XVIII E XIX: ROBINSON E FROST
AUTOR	Edwin Arlington Robsinson, 1869-1935 (Estados Unidos) Robert Frost, 1875-1963 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	Robson: "The Mill" ("O Moinho"), "The Dark Hills" ("Montes Escuros") e "Miniver Cheevy". Frost: "The Master Speed" e "They were welcome to their belief".
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 5
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos.
SEÇÃO	"Fontes e Correntes da poesia contemporânea"
DATA	12 maio 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 034. SD, n. 050. JB, n. 109 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 12 mai. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, "Poesia-Experiência", Seção "Fontes e Correntes da poesia contemporânea", p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Faustino, M. "New poetry". In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 150-58.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/73769 .
DESCRIÇÃO	Publicação de comentário crítico, acompanhado de poemas traduzidos. Publicação bilíngue.
OBSERVAÇÕES	No artigo, MF traça um panorama da poesia norte-americana, com breves comentário sobre os dois autores.

4. “La chair est triste, hélas! et j’ai lu tous les livres.”, primeiro verso de “Brise marine”.
5. “No loin de trois grands cils d’émeraude, roseaux.”, de “Las de l’amer repos...”.
6. Terceira estrofe de “Cantique de Saint Jean”.
7. “Pour triomphe la faute idéale de roses –” e “O bords siciliens d’un calme marécage”, versos de “L’après-midi d’un Faune”.
8. “Si ce n’est que la gloire ardente du métier,” e os dois últimos versos de “Toast funèbre”.
9. Sexta e sétima estrofes de “Prose pour des Esseintes”.
10. Poema “Salut”, tradução comentada, explicativa.
11. Poema “Au seul souci de voyager”.
12. Última estrofe de “Quand l’ombre menaça...”, de “Plusieurs sonnets”.
13. Primeira estrofe de “Le vierge, le vivace et le bel aujourd’hui”, de “Plusieurs sonnets”.
14. Segunda estrofe do soneto “Pour votre chère morte, son ami”.
15. Poema “Le tombeau d’Edgar Poe”, traduzido em prosa.
16. “Un peu profond ruisseau calomnié la mort”, último verso de “Tombeau”.
17. Última estrofe do soneto “Sugi de la croupe et du bond”, excerto não traduzido.

Transcrição (excerto):

Mário Faustino faz o seguinte comentário: “A tradução e a traição em insuficiente linguagem linear desse poema seria:

“Nada, esta espuma, virgem verso, designando apenas a taça (“coupe” significa aí, simultaneamente, taça, fonte, corte, - corte de verso, também e sobretudo – traçado, esboço, ação de partir as cartas de um baralho etc., uma ambiguidade dessas que servem não para obscurecer, mas para enriquecer e personalizar a palavra); igual como ao longe se afora uma tropa de sereias, muitas delas às avessas, ao contrário. Navegamos, oh meus diversos (outra ambiguidade) amigos e de invernos. Uma bela embriaguez se apossa de mim, que não temo de erguer de pé esta saudação – solidão, recife estreia – ao que quer que tenha valido a branca inquietação da nossa tela.”

Ficha da publicação

TÍTULO	XX – STÉPHANE MALLARMÉ (II)
AUTOR	Stéphane Mallarmé, 1848-1898 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Le Minuit” e Préface de <i>Un coup de dés jamais</i> .
TEXTO TRADUZIDO	“Meia-noite” (<i>Igtur</i>), “Prefácio”.
TRADUTOR	José Lino Grünwald e Ercila de Azeredo
QUANTIDADE	Fragmentos de prosa: 2
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	26 maio 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 036. SD, n. 052. JB, n. 121 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. 26 mai. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Stéphane Mallarmé”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 117-33. 2. FAUSTINO, M. “Poesia não é brincadeira”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 159-183.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/74305 .
DESCRIÇÃO	Continuação do artigo sobre Mallarmé, com colaborações de outros tradutores.
NOTA	No final, há a seguinte nota: “Reprodução tipográfica aproximada de duas páginas (um “ideograma”) do poema “un coup de dés jamais n'abolira le Hasard”, de Mallarmé, tal como aparece as páginas 472-473 das Obras Completas, Pléiade. Tipos diferentes, tamanhos diferentes, espaços em branco: tudo SIGNIFICA e a ajuda a compor, graficamente, a constelação verbi-voco-visual do Poema”.
OBSERVAÇÕES	Nesse artigo, MF comenta sobre “Igtur”, cujo trecho (“Le minuit”) foi traduzido por José Lino Grünwald. Comenta sobre “Un Coup de dés”, cujo prefácio (“Préface”) foi traduzido por Ercila de Azeredo. Faustino reproduziu duas páginas do poema “Um Coup de Dés...”, em francês.

XXI - JULES LAFORGUE

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XXI - JULES LAFORGUE

Jules Laforgue (1860-1887): mais um jovem de gênio (Rimbaud, Corbière...) e expulso na língua francesa para a desmoralização de uma rotina ética e estética...

taiver seja Laforgue o poeta estrangeiro que exerceu maior e mais direta influência: Eliot, Pound (ambos o têm freqüentemente parafusado), Cummings, Williams, Crane...

Murlino, propôs a sua, que não se se repõe Avez qu'un cri suprême ai troué des échos com o Thomas de

Rage, rage, against the dying of the light!

No Brasil, é evidente a influência de Laforgue principalmente no "humour" de Bandeira (sobretudo) e de Drummond, embora aquele deva também muito a Heine, credor, por sua vez, de Eliot e Pound. Laforgue e Corbière: os dois grandes "desiludidos do amor" e de vida na poesia francesa do "fin-de-siècle": pessimismo total, resignação, esteticismo, humor, desespero. Laforgue e o amor: "Essa força eternamente encantadora e estiva e ridícula..."

(A mulher, minha alma: ah, essas apelo! // Paixões mortais, que culpem minhas línias! // Um louco se adianta e dança. // Silêncio... Onde está é? Cucu.)

Que loin l'âme type Qui m'a dit adieu, Force que moi yeux Manquant de principes!

Elle, en ce moment, Elle, si pauvre tendre, OÙ peut-être engendrer Quelque garnement!

Car on l'a unie Avec un monsieur, Ce qu'il y a de mieux, Mais pauvre en génie.

(Como ainda longe a alma típica que me mandou passar porque meu olhar não tinham princípios! // Ela, neste momento, é tão tão tenro, ah, talvez esteja engendrando algum vagabundo. // Pois não é que a casaram com certo senhor, o que há de melhor, mas pobre de espírito.)

Re. Heinrich Heine (1797-1856):

Sie haben mich gequaltet, Georgeth dies und blies, Die einen mit ihrer Liebe, Die andern mit ihrem Hass.

Sie haben das Brot mir vergiftet, Sie essen mir Gift ins Glas, Die einen mit ihrer Liebe, Die andern mit ihrem Hass.

Doch sie, die mich am meisten Gequelt, georgeth, betriegt, Die hat mich nie geliebt, Und hat mich nie getödtet.

(Eles me torturaram, fizeram-me ficar azul e branco de raiva, uns com seu amor, outros com seu ódio. Evidentemente meu pão, puseram veneno em meu copo, uns com seu amor, outros com seu ódio. Mas eis que mais que todos me torturou, me deu raiva, me fez sombrio, essa nunca me odiou nem me amou.)

Ou, melhor ainda:

Der Donherr offtut den Mund weit: Die Liebe sei nicht zu roh, Sie schadet sonst der Gesundheit. Das Fräulein isstet: Wieso?

(O ónego fica boquiaberto: é preciso ter cuidado com o amor, senão faz mal à saúde. A donzela sussura: ué!)

A propósito de Heine-Laforgue, lembrar a epigrafe do primeiro livro deste último, "Le Sanglot de la Terre":

"De la santé et un supplément d'argent. Void, Seigneur, tout ce que je demande

HEINRICH HEINE"

Lembrar também os anos que passou Laforgue na Alemanha, empregado na corte (leitor da imperatriz).

Laforgue já está também em Baudelaire: Ce père nourricier, ennemi des chloroses, Smeille dans les champs les vers comme les roses;

Ou: Veste mélancolique et languoureux vertige!

Já está também em Rimbaud: O mes petites amoureuses, Que je vous hate Plaque de souffles douloureux Vos tétées laides Piétements mes vieilles terrines De sentiment! — Hop donc! soyez-moi ballerines Pour un moment

Corbière é, sem dúvida, seu paralelo. A semelhança às vezes é impressionante: — L'homme est libre et la mer est grande — Le femme: un sillage... Et bon vent!

Poucos poetas de qualquer época se poderiam, por outro lado, gabar de uma descendência rica como a de Laforgue. Na própria França, todo mundo lhe deve, e muito, principalmente Apollinaire, Cendrars, Jarry, L-P Fargue, Prévert...

Na Inglaterra e nos Estados Unidos.

O POETA NOVO

LAVRADOR DE MEMÓRIAS

Jamir Firmino Pinto

Exxada bêssaro rasquinho em seu caderno Era memória de tempo em terremoto: chio crivado, desespero, floresta de projétil nucleares arde meu canto aridez, mais urtiga, suor de grandes fecundando fileres.

Violar: vento da vitória meus esquadrões blindados pulam fronteiras — murais em pontes pérselas enquanto em sua jaqueta leste engolia o odio nariz de fera ulula feroz fero.

Não procurem remorso Mas véias disse ago que vai moldando o fogo: domem antes as réteas do cavalo em labaredas ma explosão de lavas aurcola, scarra.

Enão, se arado, as fontes, outros tantos versículos no vale das colheitas, sob dos bois e sol.

COMPLAINTE DU ROI DE THULE

Il était un roi de Thulé Immaculé.

Qui loim des jupes et des choses, Pleuré sur le "médamespoches Des lés en roses, Et quel palais!

Ses fleurs dormant, il s'en allait, Truquait des clés. Broder aux seuls yeux des étoiles, Sur une tour, un certain Voile. De site voile. Aux nuits de lait!

Quand le voile fut bien ourlé, Les vers furent petits poissons, Dorloter dans ce Saint-Suaire Vofra: ceur bôn en sang, Et les bergains!

"Soleil-crevant, encore un jour, Vous avez tendu notre phare Aux holocaustes vifpères. Du culte qu'ils nomment l'Amour.

"Et comme, devant la nuit fautive, Vous avez tendu notre phare Aux holocaustes vifpères. D'un dernier flot d'un sang marité Vous lavés le seul de l'Alcôbe!

"Soleil! Soleil! moi je descende! Cere vos savants petits poissons, Dorloter dans ce Saint-Suaire Vofra: ceur bôn en sang, Et les bergains!

Il dit, et, le Voile déduit, Tout éperdu, Vers les coraux et les naufrages, Le roi nuillé des doux corsages, Beau comme un Mage Au descendi.

Braves amants! aux nuits de lait, Tournez vos clés! Une ombre, d'amour pur transite, Viendrait vous pétnir cette scie: "Il était un roi de Thulé Immaculé."

(Era uma vez um rei de Tule, immaculado, que longe das salas e das colchas chorava a metamorfose dos lírios em rosas — e que palaco! // Quando suas fileres adormeciam, eis a embora, arrastando as chaves, lecer em certa torre certo véu de tela viva, nas nozes de leite, aos olhares apenas das estrelas! // Quando o véu já estava bem embebiado, longe de Tule, eis muito romo em mores cinzas: rumo do céu agonizante, igreja ferial. E ululava: // "Sol-que-robortas, mais um dia estendendo a luz de teu farol em benefício dos holocaustos vifpères do culto que chamam de Amor. // E agora que te sentes destacoer diante da noite selvagem, lavas o limiar da alcova com uma última colhada de sangue de mártir! // Sol! Sol! vou descendo rumo a teus pungentes palacos poiares, para acartariz e aclearlar, nesse Santo Sudário, teu coração tão ensanguentado! // Assim disse, e estendendo o véu, deceu desvirado rumo dos corais — dos naufrages, esse rei zombado pelos doces corpes de belo como um mago! // Amantes de filera, noites de leite, fechadas a chaves! Senhor alma, transida de amor puro, vira a vós, gemendo, importante-vos com esta canção: "Era uma vez um rei de Tule, immaculado...)

COMPLAINTE-ÉPIITAPHE

La Femme, Mon dme: Ah! quels Appels!

Pastels Martels, Qu'on bidme Mes gambes!

Un fou Silence, Et danse.

Silence... Lui, moi... Coucou.

PEDRAS DE TOQUE

Le Temps qui ne connaît ni son but, ni sa source, Mais rencontrant toujours des soleils dans sa course, Tombe de l'urne bleue intarisablement.

(O Tempo, que não conhece nem seu fim nem sua fonte, porém que encontra sóis para sempre em seu curso, jorra da urna azul inesgotavelmente).

Jules LAFORGUE

Figura 121 - JULES LAFORGUE. Crítica e tradução de Mário Faustino. 17º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 02 jun. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

XXII - SAINT-POL-ROUX

EXPERIMENTAL - MÓDULO 5

FRONTISPIÉIO

de poesia contemporânea

XXII - SAINT - POL - ROUX

Simbolismo. Antes: realismo e parnasianismo. Antes ainda: romantismo. Ao mesmo tempo: pre-rafaelismo. Durante e depois: "vers libre". Depois: "imagisme". Depois: surrealismo. Fora os numerosos movimentos marginais.

Ação e reação. Anarquia e ditadura. Os românticos: nada de regras, laissez faire, laissez passer, free enterprise. Os parnasianos: normas, normas, dicionários de rima, poéticas de bolso, "as melhores palavras na melhor ordem". A palavra exata, "mot juste", Flaubert, Gautier. Realismo, naturalismo. O mito da forma. O falaz dualismo conteúdo-forma. Os simbolistas: pas de couleur, rien que la nuance. Abstração. O vago. O inexacto. Imagérie. Esoterismo. Littérature à clé.

Em nosso roteiro, já vimos o melhor do simbolismo, do pre-simbolismo, do quase-simbolismo, do para-simbolismo. Os predecessores: Poe, Baudelaire. Os grandes, que escapam, para cima, à escola: Mallarmé, Rimbaud, Laforgue, Corbière. Vimos Nouveau e Cros. Vimos Verlain — para muita gente o prototipo simbolista. Vimos Stefan George. Vejamos agora, como sempre apenas por alto, os simbolistas menores, os simbolistas mesmo, os da França e os da Bélgica.

Com e em o a por Saint-Pol-Roux (1861-1940), que nunca fez lá muita escola, mas cuja poesia pode ser tomada, sob muitos aspectos, como típica do simbolismo, por mais que os surrealistas a reclamem. A nós não importa, aqui, o espírito, a experiência de S.P.R. Isso não classifica poeta nenhum. Sua poesia, sua invenção de imagens, seus símbolos de símbolos de símbolos é que o colocam no plano mais definido da gigantesca escola. Suas imagens e metáforas são famosas, às vezes engraçadas. Exemplos:

"A parreira da luz" = o galo.
 "Mama de cristal" = a garrafa.
 "Cemitério com asas" = uma revoadada de corvos
 "Lismousine blasfemadora" = carroça
 "Cognac do pai Adão" = o ar puro
 "Róbas de alface vivas" — as rãs.

Como muitos de seus companheiros de credo poético, S.P.R. fez verso, fez prosa poética, prosa rimada, prosa mesmo. Muita coisa bela, muita coisa ruim. Mas, por toda parte, muita ingenuidade e muita nobreza. Amor à solidão, ao ofício, ao ser humano. O "ideorealismo", termo inventado pelo próprio S.P.R. (famoso pela cunhagem de muitas outras palavras que "pegaram"): viver, de facto, o maravilhoso. O elogio das coisas referindo as palavras. A enumeração, às vezes cansativa: "onde verde, onde premeire, onde candide, onde lys et cygnes, onde sueur de l'ombre, onde baudrier de la prairie", etc., etc. Longo e longo desenvolver de imagens, como se o poeta tentasse recriar a coisa dando-lhe mais e mais nomes, num processo mágico felicitizante.

A vida de Saint-Pol-Roux. Seus primeiros anos entre os simbolistas, Saint-Pol-Roux "le magnifique", seu isolamento posterior, na solidão da Bretanha, sua redescoberta, pelos surrealistas, seu retorno à solidão, sua morte terrível, vítima, com os que amava, da brutalidade nazista.

E sua obra: "Le style c'est la vie"...

Amostra de Saint-Pol-Roux:

MESSAGE AUX POÈTES ADOLESCENTS

Pélerin magnifique en palmes de moine
 (O tes pieds nus sur le blasphème des trouliers!)
 Néglige les crachats épars dans le grollier.
 Injuste des crapauds qui te sont des souliers.

**Entressalant ta rose horloge d'existence,
 Evoque son fantôme à la table des fols
 Et partage son aigle aux ailes de distance
 Afin d'approivoiser la foi des tourmesols.**

De là, méricorde aux bons piis de chau-mière
 Avec un front de treille et la bouche trémère,
 Adopte les vieux loups qui bécot par les champs.
 Et rigénère leur prunelle douloureuse
 Au dâment qui rit dans la houille des temps
 Comme l'agate en fleur d'une chatte amoureuse.

(Tradução aproximada: "Peregrino magnífico em palmas de memória — ah, teus pés nus sobre a blasfêmia dos carroceiros! — despreza os escarros esparsos pelo injunto livro mágico dos sapos que te servem de sapatos. // Amortilhando teu róseo relógio de existência, convoca teu fantasma para a mesa dos parvos e reparte sua águia alada de distância a fim de domesticar a fé dos girassóis. // Da, nigéborria para os recônditos da choupe, com sua frente de latada e sua boca malva-rosa, adota os velhos lobos que balam pelos campos. // E regenera sua pupila dolorosa no diamante que ri na hulla dos tempos, igual à agata em flor de uma gata amorosa").

PARA SER DITO NOS FUNERAIS DOS POETAS

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Trabalhai devagar, pois esse esquife não é como os outros onde se encontra um bloco de argila amortilhado, este encerra entre suas tábuas um tesouro coberto por duas asas muito brancas, como as que se abrem nos ombros frágeis dos anjos.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Trabalhai devagar, pois esse cofre está cheio de uma harmonia feita de coisas que variam até o infinito: cigarros, pedras, guirlandas, abelhas, ninhos, cascos, corações, espigas, frutos, espelhos, garras, serras, balões, quimeras, estínges, dados, espelhos, taças, anéis, áforas, trindades, tirs, arpejos, coque de guiso, pavão, carrilhão, diadema, jeme, cajado, jugo, saco de mendigo, palmatória, gládio, cadeias, flechas, cruces, solares, serpentes, luto, relâmpagos, brigadas, brio, troféus, urnas, tamanhos, cofres, bixas, vagas, arco-íris, loureiros, pássaros, ovalho, sorrisos, lágrimas, raios, beijos, ouro — tudo isso, a um gesto mais rápido, poderia quebrear-se ou desaparecer.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Trabalhai devagar, pois por pequeno que seja, da estatura de um homem, este móvel de silêncio encerra uma multidão inumerável e reúne em seu âmago mais personagens e imagens que um circo, um templo, um palácio, um fórum; não desarmáveis portanto estes símbolos diversos, senão perturbaréis a paz de um universo.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Trabalhai devagar, pois este apóstolo de luz foi o cavaleiro da Beleza a quem serviu galantemente em meio ao sarcasmo de uns e o escarro do outro: se sobre a terra depressandos seu amante com demasiada violência, fareis sofrer no mistério a primeira das mulheres.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Trabalhai devagar, pois se ele teve todas as nossas virtudes, meus irmãos, ele teve também todos os nossos pecados; trabalhai devagar, pois com êle carregais toda a humanidade.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Trabalhai devagar, pois era talvez um deus, este poeta, um deus que rogam os sem adivinhar-lhe o cetro, um deus que nos ofertava a pérola e o hissope do céu quando lhe atravávamos o fel e as migalhas de nossa mesa, um deus cuja partida nos mergulhará deserto na treva temível; é por isso que vossos utensílios de sono produzirão dentro em breve um crepúsculo.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Mas não, pois o que estais fazendo aí não passa de um simulacro, não é? É um montão de rosas que acompanhamos pela hipótese de um cadáver e que fareis descer nesta covra, tesouros de cinzas, e estas enteqilas não seriam erisio mais do que vasta apoteose em que nos acharíamos diante de um miagre. Ah, dize que este herói não cessou de viver, coveiros, que este herói não morreu, pois sua alma vibra ainda em seus livros e encantar-se-á ainda por muito tempo o coração do mundo, apesar dos séculos e dos tímulo!

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

Humilde, éle se quis submeter à regra comum dos seres, exalar o último suspiro e morrer como nós, para, em seguida, orgulhoso por ter o homem a frente de um deus, ressuscitar diante das multidões ajoelhadas. Em verdade vos digo, logo éle renascerá nosso Mestre dentre estes mortos guardados pelo cipreste e pelo sicómoro, e sabe! que ao sairmos deste recinto do tempo, hoje mesmo o encontraremos de pé em todas as memórias, como amanhã, sobre os pedestais dispersos entre a glória, achá-lo-emos escultórico, piedoso robusto dos humanos.

Trabalhai devagar, Senhores Coveiros.

SORRISO NO RIO

UM POETA ITALIANO

Com ilustrações de Milton Dacosta, vai aparecer, em breve, no Rio, o primeiro livro de um jovem poeta italiano: "poesia", de Franco Terranova. Trata-se de poemas de absoluta simplicidade, "puros" quanto possível, de maneira de mentalidade italiana e aproveitamento papel e tipografia de maneira racional, tendo visual quanto ritmicamente. Pequena amostra:

Io sono un poeta
 un poeta
 un poeta
 un poeta
 un poeta

Il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco

Il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco

Il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco
 il mio nome è Franco

Figura 123 – SAINT POL-ROUX. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. 19º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 23 jun. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XXII – SAINT-POL-ROUX
AUTOR	Saint-Pol-Roux, 1861-1949 (França)
TEXTO ORIGINAL	“Message aux poètes adolescentes”
TEXTO TRADUZIDO	“Para ser dito nos funerais dos poetas”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 2
PUBLICAÇÃO	Bilíngue e monolíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	23 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 040. SD, n. 056. JB, n. 144 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 23 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Metáforas engraçadas”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 202-07.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75351 .
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico acompanhado de traduções em prosa de dois poemas do autor.
OBSERVAÇÕES	A série de estudos sai errado nesse número, repetindo 22 do estudo passado, sobre Rubén Dario. Faustino conserta no último ensaio numerado em algarismo romano: sobre Paul Claudel, de 16 set. 57.

XXIII, XXIV, XXV: REGNIER GOURMONT, MOREAS

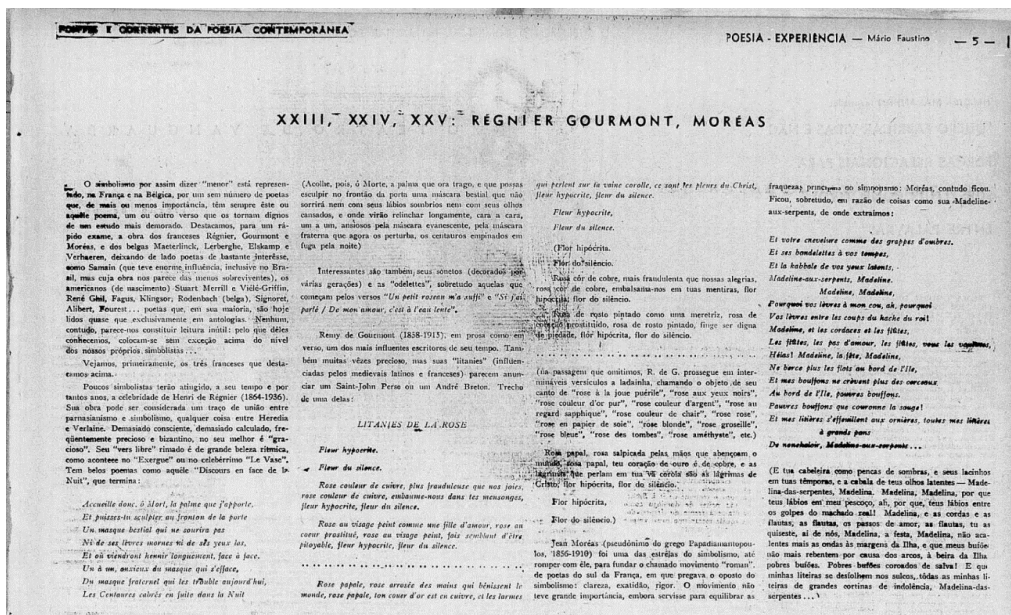


Figura 124 – RÉGNIER GOURMONT, MORÉAS. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. 20º número de “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, de 30 jun. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XXIII, XXIV, XXV: REGNIER, GOURMONT, MOREAS
AUTOR	Henri de Régnier, 1864-1936 (França). Remy de Gourmont, 1858-1915 (França). Jean Moréas, pseudônimo do grego Ioánnis A. Papadiamantópoulos, 1856-1910 (Grécia, cidadania francesa).
TEXTO ORIGINAL	Réginer: “Discourse en face de la nuit”; Gourmont: “Litanies de la rose”; Moréas: Madeline-aux-serpents”.
TEXTO TRADUZIDO	Sem títulos.
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 3 Fragmentos:
PUBLICAÇÃO	Bilíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	30 jun. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 041. SD, n. 057. JB, n. 150 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 jun. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Poetas de Antologia”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 208-12.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75627 .
DESCRIÇÃO	Comentários críticos sobre cada poeta, acompanhado de traduções em prosa. Publicação bilíngue.

XXVI, XXVII, XXVIII E XXIX: MAETERLINCK, LERBERGHE, ELSKAMP, VERHAEREN

POESIA - EXPERIÊNCIA — Mário Faustino — 5 —

Fontes e correntes da poesia contemporânea

XXVI, XXVII, XXVIII e XXIX: MAETERLINCK, LERBERGHE, ELSKAMP, VERHAEREN

Alguns dos melhores poemas do simbolismo — inclusive de Mallarmé e de Verlaine — foram publicados pela primeira vez na Bélgica, numa revista que, durando apenas sete anos, marcou época na literatura mundial: *La Revue*, do crítico Albert Mockel, que concebeu a circular em 1885, sob o nome significativo de *L'Année Littéraire*. Através dessa revista, sobretudo, é que eclodiu o simbolismo belga, o qual, proporcionalmente, nada fica a dever ao francês: basta dizer que entre seus principais nomes encontram-se poetas de nível (e influência) universal, como Maeterlinck, Verhaeren, Van Lerberghe e Elskamp, sobre os quais passaremos adiante a vista, sem fazer em postas de não pequena importância, como Georges Rodenbach, André Fontana, Fernand Saverin, Grégoire Le Roy e o próprio Albert Mockel.

No Brasil, hoje em dia, talvez seja Maurice Maeterlinck (1859-1949) mais conhecido por seu teatro, grande nos dois sentidos (o teatro belga é uma surpresa do pequeno país: Ghelderode e Crommelinck), que por sua poesia. Mas houve época em que sua influência foi relevante entre nós, tal como em qualquer país do ocidente. Maeterlinck é dos mestres e dos mais característicos dentre os simbolistas: até do ponto de vista da "musique" dos sentimentos, o referencial a Verlaine. Suas canções (*Serres Claude*; *Deux Chansons*; *Quatre Chansons*) o fizeram um mestre da poesia cantável, com ritmos bem mais ricos e bem menos óbvios que os do *Pauvre Léon*. Exemplos:

DÉSIRS D'HIVER

*Je pleure les heures lointaines
Où les boîtes ne son pas nés.
Et les désirs abandonnés
Sous les tristesses moissonnées.*

*Toujours la pluie à l'horizon!
Toujours la neige sur les grèves!
Tandis qu'un soleil-clou de mes rêves
Des bords couchés sur le gazon*

*Observant en mon âme l'azur,
Les yeux fermés dans le passé,
Tous le sang autrui'st versé
Des agueurs mourants sur la glace.*

*Seule la lune échoire enjô
De sa tristesse mensongère,
Où gèle l'herbe de l'automne,
Mes désirs malades de faim.*

(Eu choro os lírios murchos onde não nascem os belos e os desejos abandonados sob as tristezas caídas. // Sempre a chuva no horizonte! Sempre a neve sobre os areais! Enquanto, no linear fechado de meus sonhos, lírios desleais sobre a grama // observo em minha alma fatigada — os olhos embaciados no passado — todo o sangue outrora derramado dos carneiros murchados sobre o grão. Solitária a lua ilumina enfim, com sua monotona tristesa, onde se regela a erva do outono, meus desejos enfermos de fome.)

Mestre do verso medido e breve, mais própria do gênero canção, Maeterlinck é também excelente no "verso livre": o é famoso "Cloche à plonger", donde destacamos —

*Attention! l'ombre des grands coqueurs passe
sur les dalles des levées sous-merses;
Et je suis un moment à l'ombre des baloises
qui s'en vont vers le pied!*

(Atenção! a sombra dos grandes velários passa por sobre as dallas das florestas submersas; // e eu sou um momento à sombra das baloises que se vão para o pé!)

Charles van Lerberghe (1861-1907) é outro mestre da poesia-cantável. Certas características do simbolismo, como a "réverie", o amor do lirismo, o "charme", não são mais se acenarem que em Maeterlinck; amostras:

PSYCHÉ

*Ouvre tes yeux comme une flamme,
Mais sans âme, à l'amour d'ort.*
*Viens, Itou-té, Psyké, mon dieu,
Et prends un instant ta lampe d'or.*

*Regarde bien, l'Amour s'écaille,
Vient comme il s'est écumé
En la lumière et la merveille,
Que ton regard pas sur lui.*

*Et maintenant c'est le mystère,
L'abandon et la pureté,
Mais en tes larmes la lumière
Et le songe de sa beauté.*

*Blanche, brève, mais jétée et blanche,
Delle d'être venue naître,
Ta scintille ton front qui penche,
Sous des roses d'ivoire.*

*Aux splendours de l'aube future,
Demain tes lèvres s'apresseront
A n'être qu'un divin murmure
Et mots de résurrection.*

(Abre teu olho como uma chama, mas sem alma, que o Amor dorme. Vem, levanta-te, Psyké, minha alma, e empunha tua lanterna de ouro. Repara, o Amor desperta, vê como

se esvai na luz e na maravilha que teu olhar possa sobre ele. E agora o mistério, o abandono e a pureza; mas em tons lígrios a luz, e o sonho de sua beleza. Amanhã, triste, mas frágil e breve, embelezada pelo seu querido morrer, sentirás espalhar-se sob rosas tua fronte que se curva. Nos esplendores da aurora futura, amanhã teus lábios apressar-se-ão apenas num divino murmúrio de palavras de ressurreição.)

NE SUIS-JE VOUS...

*Ne suis-je vous, n'êtes-vous moi,
O choses que de mes doigts
Je touche, et de la lumière
De mes yeux dilués?
Fleurs où je respire, soleil où je suis,
Ame qui penche,
Qui peut me être où je suis,
Où je commence?*

*Ah! que mon cœur infiniment
Parvint se retrouver! Que votre être
C'est mon sang!
Comme un beau lever,
En toutes choses la même vie coule,
Et nous rêvons le même rêve.*

(Não sou eu vs, não sou vs vs, oh coisas que toco com meus dedos e com a luz de meus olhos deslumbrados? Flores em que respiro, sol em que brilho, alma que penso, quem poderá dizer-me onde termino, onde começo? // Ah, que meu coração infinitamente por toda parte se encontre e se descubra! Como vossa seiva é meu sangue! Como um belo rio, com todas as coisas a mesma vida correndo e não seclando o mesmo sonho.)

O título de um dos principais livros de Max Elskamp (1862-1931) é bem expressivo da maior parte de seus poemas: *Estalmenures*. Sua poesia, sobretudo quando pratica o "impar" *cher* de Verlaine é quase sempre emblemática, interiormente visual, lembrando personagens das tapeçarias de sua Flandres. É interessante notar nela a sintaxe muito vez original, acompanhando mais a ordem rítmica do que a lógica, como em

*Et tout un fond de domaine loie,
On sent celles que l'on aime bien,
Le plus aimé ne pleure, perdus
De mo mort aux amazes coupe...*

(E há no fundo do domínio longe, onde estão aquelas que amamos, a mais amada me chora, perdida, vinda às semanas de minha morte...)

Outro famoso:

TOUR D'IVOIRE

*Mais gent qui pass se rêve aux plaines,
Mont, ces tours somes nos jachères?
Plus de Péques aux lèvres noires
Il me souvient en lains pastoures:*

*Je suis un pauvre oiseau des îles,
Or, d'avoir trop monté les lances
Et d'entre-clé n'être vên,
J'ai été le mal des îglans,
Comme une fièvre au clair de lune,*

*Je suis un pauvre oiseau des îles,
El moins de jolies me font des signes,
Et plus de jours me sont des cages,
Or, j'ai le cœur que de manger;
Dans un pays de trop de espans,*

*Je suis un pauvre oiseau des îles;
Car trop loin mes vites sont mortes,
Et du mal versé qu'elles les turquoises
J'ai senti mes bagnes d'angoisses;
Ma famille n'a plus de portes,*

Je suis un pauvre oiseau des îles.

(Mas gaio que se sonha pavão empalhado, li no alto, essas torres serão meus prazeres? De ilhas de Pácoa de líres negras tendro-me em longos pórticos; Eu sou um pobre pássaro das ilhas. Ora, de tanto subir às gáves, de tanto me vestir de ultracú, peguei a doença dos lígrios, como quem pega febre de luar, eu sou um pobre pássaro das ilhas. Cada vez menos alegrias me acenam, cada vez mais os dias me são gaiolas. Ora, meu coração está grávida de noivas; meu peito com cines densas, eu sou um pobre pássaro das ilhas; pois lá bem longe minhas ilhas são mortas, e da doença verde de que sofrem as turquoises talhei meus anéis de angústia; minha família não tem mais portas; eu sou um pobre pássaro das ilhas.)

Emile Verhaeren (1855-1916), que a certa altura todo mundo citava e imitava no Brasil, mas que hoje anda esquecido entre nós, foi o primeiro poeta "social" do simbolismo; em vez do "abstencionismo" de quase todos os demais, E. V. celebrou o trabalho, as máquinas, o despertar da era industrial em particular da Bélgica.

*Mon cœur, je t'ai rempli du beau tumulte
[Humour]
Tout ce qui les vivants et hâletant sur terre,
Fait onduler, volonte saurir, ardeur enstre
Et la révolte d'acier et l'ordre de deusse.
N'ont point pour les juger retrahés ma pensée,
Sombres charbons, j'ai fait de vous un grand*

*N'exalant que sa flamme et son coeur cancé,
Qui méritent leur splendeur à la vie angostée,
Je vous accablé tous avec tous vos contrastes
Afin que plus plus long, plus complexe et plus*

*Les merveilleux jrisons qui m'a fait trépasser,
Mon cœur à moi ne vi d'émoué que s'il*

*[Effort]
L'humanité table à la base d'un tourment
Qui la travaille avec ferveur, comme un ferroué,
Pour élargir sa vie et soulaver sa force.*

(Meu coração, que enchí com ô belo tumulto humano. Tudo o que foi vivo e agitado na terra, audácia louca, vontade surda, ardor astero e a revolta de ontem e a ordem de amanhã não estranha, para poder julgá-los, meus pensamentos. Carvão escuro, transformo-vos num grande fogo de ouro, exaltando apenas sua chama e seu volante crescimento, que interturbam em esplendor à vida angustiada. Acoblo a todos vs com todos vossos contrastes, para que seja mais longo, mais complexo e mais vasto o maravilhoso frênyo que me fiz estremece. Meu próprio coração só me faz estremece. Meu próprio coração só me faz estremece. Uma humanidade total necessita de um tormento, para ampliar como autor, como um fermento, para ampliar-lhe a vida e levantar-lhe a força.)

Mas esta rancia "cogação" de Verhaeren, embora historicamente interessante, não constitui, como bem se pode ver, o melhor de seus poemas. O verdadeiro Verhaeren está sempre "presente"; se utiliza de uma linguagem mais poética. Como

LES PÂPPIRES

*Il est ainsi de pauvres coeurs
avec en eux, des lacs de fleurs,
qui sont pâles, comme les pierres
d'un cimetiére.*

*Il est ainsi de pauvres vies
plus lourdes de pain et de joudours
que les lots des coqueurs braves,
parmi les dunes.*

*Il est ainsi de pauvres mains,
comme fenilles sur les chemins,
comme fenilles jaunes et moeies,
devant la porte.*

*Il est ainsi de pauvres yeux
humides et bons et soucieux
et plus tristes que ceux des bêtes
sous le temple.*

*Il est ainsi de pauvre gens,
aux gestes las et indoloyés
sur qui s'éclorhe la misère,
ou long des plâtres de la terre.*

(Assim é que há pobres corações que contém lagos de lígrimas, que são pálidos como as pedras de um cemitério. Assim é que há pobres duros mas pesados de dor e de fardos que os tentos dos carcereiros parados, por entre as dunas. Assim é que há pobres mãos como as folhas pelos caminhos, como folhas amareladas e mortas em frente à porta. Assim são lá pobres olhos humildes e bons e preocupados e mais tristes que os dos animais sob a tempestade. Assim é que há gente pobre de gestos lassos e indolentes, sobre a qual se encorcha a miséria, ao longo das plânticas da terra.)

Aqui terminamos nossa rápida *releitura* do simbolismo. Nunca houve mais frênyo escola literária: basta lembrar que, tendo como predecessores um Poe e um Baudelaire, como estrélas Rimbaud, Laforgue, Corbière, Mallarmé, Stefan George, Yeats, etc. fora um sem número de poetas menores em todos os países do ocidente, o simbolismo revolucionou não só as medidas tradicionais do verso, criando o "verso livre", como a própria atitude do poeta diante da poesia e do universo. O simbolismo ainda hoje se encontra na raiz da linguagem de grande número de poetas de todos os origens. Movimentos como o futurismo no mundo anglo-saxão e o surrealismo na França deveriam para outros ritmos a corrente da poesia universal; mas falta ainda surgir uma escola literária capaz de substituir o simbolismo em sua era, sua forma dominadora e revolucionária. Em nosso meio o simbolismo propriamente dito foi das mais fracas: jamais conseguiu atingir a importância seja do parnasianismo que o precedeu aqui do "modernismo" seu sucessor. Nossos atuais simbolistas o mais das vezes se limitaram à imitação dos parnasianos, de Baudelaire, de Verlaine e de certas fases de Mallarmé. Mas a influência do simbolismo europeu está presente em toda a nossa poesia deste século, começando a decrescer somente a partir de João Cabral de Melo Neto e das mais recentes experiências dos concretistas de São Paulo e do Rio, antes e depois de suas atuais experiências.

Figura 125 – XXVI, XXVII, XXVIII e XXIX: MAETERLINCK, LERBERGHE, ELSKAMP, VERHAEREN. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. 21º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 07 jul. 1957. Acervo CPDocJ; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XXVI, XXVII, XXVIII E XXIX: MAETERLINCK, LERBERGHE, ELSKAMP, VERHAEREN.
AUTORES	Maurice Maeterlinck, 1862-1949 (Bélgica). Charles van Lerberghe, 1861-1907 (Bélgica). Max Elskamp, 1862-1931 (Bélgica). Emile Verhaeren, 1855-1916 (Bélgica).
TEXTO ORIGINAL	Maeterlinck: “Désirs d’hiver” e “Choche à plongeur”; Lerberghe: “Psyché” e “Ne suis-vous...”; Elskamp: “De soir” e “Tour d’ivoire”; Verhaeren: “La vie ardente” e “Les pauvres”.
TEXTO TRADUZIDO	Sem títulos
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 5 Fragmentos: 3
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	07 jul. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 042. SD, n. 058. JB, n. 155 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 07 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Poesia-canção”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 213-22.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/75975 .
DESCRIÇÃO	Comentário crítico sobre cada poeta, acompanhado de traduções em prosa.

XXX, XXXI, XXXII: MASTERS, SANDBURG, LINDSAY

POESIA - EXPERIÊNCIA — Mário Faustino

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XXX, XXXI, XXXII: MASTERS, SANDBURG, LINDSAY

A poesia de caráter social, a poesia participante, seja ou não "comprometida", "engajada", constitui um dos terrenos mais férteis da poesia americana (e posteriormente da inglesa: re. Auden, Lewis, MacNeice, Spender...) de nossa época. Partindo sobretudo de Whitman e centralizada no chamado Meio-Oeste dos Estados Unidos, a poesia "social" deste país começa com Edgar Lee Masters, Carl Sandburg e Vachel Lindsay, permanece viva como sempre, em nossos dias, na poesia, por exemplo, de Kenneth Fearing e de Muriel Rukeyser.

Edgar Lee Masters (1869-1950) é o autor da celeberrima *Spoon River Anthology*, um dos livros de poemas mais louvados e mais atacados de todos os tempos. O romance, em verso, de uma pequena cidade do meio-oeste: epigramas, epítafios, elegias, poemas que lembram de certo modo, por incrível que pareça, a "Antologia Grega". Sem grandes descobertas expressivas, trata-se, contudo, de um belo documento social que teve, além disso, a virtude de "promover" a poesia num meio ainda avesso à linguagem poética.

Amostra de Masters:

ANNE RUTLEDGE

Parla de mim, desconhecida,
[indigna,
As vibrações de eterna música;
"Malícia para ninguém, para todos
[caridade".
Parla de mim o perdão de milhões
[a milhões,
A benéfica face de um país
Brilhante de justiça e de verdade.
Eu sou Anne Rutledge que durmo
[entre estas ervas,
Em vida amada por Abraham
[Lincoln,
Com ele casada, não pela união,
Mas pela separação.
Floresce para sempre, oh República,
Da poeta de meu seio!

Carl Sandburg (nascido em 1878), é o poeta dos Grandes Lagos, do Illinois, em particular de Chicago, que celebrou no famoso poema que estampamos adiante. Poeta da cidade moderna, da máquina, do trabalho, um Whitman industrializado. Pouco se interessa pelas investigações "formais". Sua poesia, contudo, mantém viva a grande tradição whitmaniana e sua influência tem sido enorme e evidente. Suas principais "maneiras" podem ser exemplificadas por estes dois poemas:

PERDIDO

Desolado e solitário
Noite inteira no lago
Onde nobreza e corrupção se arrastam
o epítio de um navio
Chama e chora incessante
Criança perdida
Em lágrimas e medo
Buscando o peito do pávio,
Buscando os olhos do pávio.

CHICAGO

Carniceira de Porco do Mundo,
Fazedora de Ferramentas, Armazadora de Trigo,
Jogadora de Ferrovias, Cargueira,
[Mór da Nação,
Tormentosa, grosseira, vociferante,
Cidade de Ombros Largos;

Me disseram que és malhada e acreditado,
porque vi tuas mulheres pintadas
em baixo dos lampiões de gás
conquistando os repazes das fazendas.

E me disseram que és canalha e responsável:
E, sim, eu vi o pistoleiro matar
e continuar livre para matar de novo.

E me disseram que és brutal e minha
resposta é: Nos rostos das mulheres
e das crianças vi as marcas da fome
decaída.

E tendo assim respondido volto-me para
os que zombam de minha cidade e
descofo-lhes a tironia e digo-lhes:

Andem, me mostrem outra cidade de
cabeça erguida e cantando tão orgulhosos
de ser vãos e rudes e fortes e
espertos.

A tirando maldições magnéticas no meio
da taboia de empilhar-emprego sobre
emprego, eis aqui uma valentona
sã e ouzada, em contraste com as
cidadezinhas moles.

Brasão como um cão lambendo os beijos
pronto para a ação, esperta como um
selvagem enrinchestrado contra
o deserto,

Cabeça nua,
Cavando,
Derrubando,
Planejando,
Construindo, rebentando,
[reconstruindo.

Debeiro da fumaceira, poeta na boca,
rindo com os dentes brancos á
mostra,

Debeiro do fardo horrível do destino,
rindo como um homem jovem r,

Rindo mesmo como ri um lutador ignorante
que nunca perdeu uma batalha,

Gabando-se e rindo porque sob seu punho
está o pulso e sob suas costelas
o coração do povo
Rindo!

Rindo o tormentoso, grosseiro, vociferante
riso da juventude, semina, suada,
orgulhosa de ser a Carniceira, a Fazedora
de Ferramentas, a Armazadora de Trigo,
a Jogadora de Ferrovias e a Cargueira-Mór da Nação.

Vachel Lindsay (1879-1931) saía pelas
cidades e campos de Illinois vendendo
seus poemas, que éle mesmo imprimia,
em troca de comida. Daí o título de seu
primeiro livro: "Rhymes to be Traded
for Bread". Seus poemas são inspirados
na vida de heróis abolicionistas, de líderes
profissionais, de imigrantes, de
trabalhadores, na tragédia da raça negra,
etc.. Seus poemas mais famosos, "General
William Booth Enters into Heaven",
"The Gongoo", "The Chinese Nightingale"
são vigorosos, ricos de ritmo e de
rima. Transcrevemos um menos conhecido
e não menos revelador:

THE UNPARDONABLE SIN

This is the sin against the Holy Ghost: --
To speak of bloody power as right divine.
And call on God to guard each vile
[chief's house,
And for such chiefs, turn men to wolves;
[and swine: --
To go forth killing in White Mercy's
[name,
Making the trenches stink with spattered
[brains,
Tearing the nerves and arteries apart,
Sowing with flesh the unrequited golden
[plains.

(Este é o pecado contra o Espírito Santo:
falar do maldito poder sangrento como
de um direito divino, e pedir a Deus que
proteja a casa de todos os chefes vis, e
por amor de tais chefes transformar os
homens em lobos e porcos.

E prosseguir matando em nome da Alva
Misericórdia, fazendo as trincheiras feder
de tanto miolo derramado, estragando
os nervos e as artérias, semeando
de carne as planícies de ouro ainda não
ceifadas.

Em nome seja de que Igreja fór, saquear
as belas cidades, fazer de cada lar um
chiqueiro de gritos, tornar fugitivas as
crianças, fazer suas mãos gritarem
por uma morte breve --

Este é o pecado contra o Espírito Santo:
este é o pecado que faz uma purgação
é capaz de atenuar: enviar a rapina em
nome de Cristo: ativar uma máscara
na cara e transformar o coração numa
pedra.)

Para resumir: poetas que documentam
e celebram uma época, poetas competentes,
poetas que mantêm viva uma
tradição, poetas que "promovem" a poesia,
poetas cujos poemas podem ser lidos,
decorados, declamados ou cantados.

O POETA NOVO

DOIS SONETOS

ROBERTO MENNA BARRETO

I

Há um cavalo vagando pela estrada
sob a noite e o reliento, passo a passo,
o vulto triste, o trote lento e lasso,
a cabeça pendendo, atribulada

e vencida, seus olhos de cavalo,
seu trôpego desânimo, sua sina
de cavalo — garupa, casco, crina —
procurando talvez para montá-lo

uma angústia fantasma que estivesse
no fim da estrada, inválida e esquecida,
talvez morta, talvez sem uma prece

morta, enterizada, lúgubre, sumida,
apenas ainda dona de um cavalo
que a busca em sua ausência ou intervalo.

II

O búzio sobre a areia ensolarada.
Quem me deixa escutá-lo em seu desgosto,
o estôjo duro e cavo, o ovário exposto,
a forma retorcida e caladada?

Essa estética fúnebre que o contém
por líbios entrançados. Eu escuto.
Há inquietações longínquas, éle bruto.
Né assim murmurante. Mas ninguém

poderia dizer esse murmúrio
se era de ecos antigos ou, quem sabe,
de soluços captados, ou também

se a mágoa dele mesmo, frio e espúrio:
a profunda tristeza sufocada
que nele eternamente dura e cabe.

Figura 126 – XXX, XXXI, XXXII: MASTERS, SANDBURG, LINDSAY.

Introdução crítica e tradução de Mário Faustino.

22º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 21 jul. 1957.

Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XXX, XXXI, XXXII: MASTERS, SANDBURG, LINDSAY
AUTOR	Edgar Lee Masters, 1868-1950 (Estados Unidos). Carl Sandburg, 1878-1967 (Estados Unidos). Vachel Lindsay, 1879-1931 (Estados Unidos).
TEXTO ORIGINAL	Masters: “Anne Rutledge”; Sandburg: título não publicados. Lindsay: “The Unapartdonable sin”
TEXTO TRADUZIDO	Masters: sem título; Sandburg: “Perdido”, “Chicago”; Lindsay: sem título.
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 4
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português Bilíngue: inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso e prosa.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	21 jul. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 044. SD, n. 060. JB, n. 167 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 21 jul. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Poesia Social”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 223-28.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/76509 .
DESCRIÇÃO	Comentário crítico acompanhado de traduções de poemas. Sob o aspecto de uma poesia social, Mário Faustino reúne esses três poetas norte-americanos.

XXXIV: PAUL CLAUDEL

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

XXXIV: PAUL CLAUDEL

Claudel. 1888-1955. Em grande parte, a poesia a serviço de. Tão engajado, comprometido, participante quanto. Mas, freqüentemente, poesia. Elemento de equilíbrio na situação política francesa, vis-à-vis a poeie pure e tódes as tentativas de isolar e concentrar o fenómeno poeico significante em praxio do sacrificio inherente à palavra. Freqüentemente. Ingunem poesia mista: por mais que tendente à retórica. Claudel e Saint-John Perse. Claudel, a força da terra — e a força do mar. Claudel, o camponês francês, a Idade Média, a Santa Madre Igreja. A volta à Idade Média. A volta a Aquino. Os arquiólogos da filosofia (dicit Gide): J. Maritain, etc. A morte Berdiaeff. No fundo, tentativa de empregar (como em Mauriac, Green, etc.) as munda burguesas — não ao mundo medieval — uma profundidade, uma densidade por ele não (mais) possuía. Claudel, por mais que se admire, por mais que se cante, o anti-Baudelaire, o anti-Rimbaud, o anti-Verlaine. Claudel, o anti-Mallarmé (por mais que o tenha celebrado — e imitado — num soneto: ... la branche militaire / Dont la feuille à la tempe, heure, Mallarmé...) Claudel, a resaca em todos os sentidos. O passado querendo ser presente, se possível futuro. A interioridade: não si e não gastei: no palco onde se leva uma peça de teatro não se leva peça mínima. Claudel o diplomata. Claudel o acadêmico, conferenciando anos a Académie, finalmente acético.

Mas, muitas vezes, poesia. A poesia para Claudel: meio de conhecimento do mundo et de sei-même. Meio de conhecimento e de co-nascimento (co-nascimento). Nascerem juntos, os homens se conhecem, co-nascem, sabem-se. Doude a arte poética de Claudel ("L'Art Poétique"). A inter-dependência, a simultaneidade universais

...
Ora neste momento, perto de um palácio côm de inquietude, pelas árvores de muitos tetos dando sombra a um livro podre, hábito de um velho império o principal escombros. Longe do mar livre e puro, no mais terra da terra, eis que vivo amarelo. Aqui onde a própria terra e o elemento que se respira, desmesuradamente conspirando o ar, a água. Aqui onde convergem os canais gordurosos e as velhas estradas batidas e as pistas de burros, canoas. Onde o Imperador do sala predial vai traçando seu sulco erguendo as mãos para o céu útil desde lhe vem bem e mau tempo. E assim como nos dias de granizo vê-se ao longo das costas os faróis e as agulhas das rochas envoltas em bruma e espuma feita em pó. Assim no vento venta da terra a Cidade quadrada ergue suas portas e seus valados. Depois suas Portas colossais no vento amarelo, três vezes três portas como tantos elefantes. No vento de cinza e poeira, no grande vento cinza do pó que foi Sodoma, e os impérios do Egito e os Persas, e Paris, e Tadmor, e Babilônia.

Mas que me importam agora vossos impérios, e tudo aquilo que morre, E vos que abandonai, vossos caminhos hedionde la canhoas! Por isso que sou livre! que me importam vossos cruéis arranjos! por isso que eu, ao menos eu, sou livre! por isso que eu chego! por isso que eu, no menos eu, estou de fora! Por isso que mas mais tenho meu lugar entre as coisas criadas, e sim minha parte com aquilo que as cria, o espírito líquido e lascivo! Pois quem é capaz de cavar o mar? de adubá-lo como um canifeiro de crulhas? De escolher a religião de seu planisféio, lizera ou trigo ou cevada ou beterraba rixa ou amarelo? Mas éle e a própria vida sem a qual tudo é morto, ah! eu quero a própria vida sem a qual tudo é morto!

A própria vida, que tudo o mais, o que é mortal, me sacia! Ah, nunca me é bastante! Eu contemplo o mar! Tudo aquilo que tem fim me enche, me sacia! Mas aqui para onde vivo e neste e aqui disto outro lado Há mais e mais ainda e ali também e sempre e a mesma coisa e ainda mais! Sempre, caro coração! Não há perigo de que meus olhos o espiem! Ah, basta, basta de vossas águas polares. Nada quero com vossas águas aromáticas, cobidas pelo sol, passadas pelo filtro e pelo alambique, distribuídas pelas máquinas dos montes. Curtinéis, correntes. Vossas fontes não são fonte alguma. O próprio elemento. A mulhera próspera! E a mãe, eu vos digo, que me falta! Possuamos o mar eterno e salgado, a grande rixa cinza! Erga um braço na direção do paraíso! Avança para o mar de entranhas de uva! Engaje-me para sempre! Sou como o velho marujo que já não conhece a terra a não ser por suas luzes, pelos sistemas de estrélas verdes ou rubras apontadas pelo mapa e pelo portulano. Um momento no caos entre os fardos e os tonéis, no consultado, um aperto de mão do estivador. E então de novo a amarra solta, o toque da sineta das máquinas, o quebrar passado, e sob os pés De novo o dilatar do vagalhão!

Nem O marujo, nem O peixe que outro peixe arrasta Para comer, mas a própria coisa e o tenebre inteiro e a veia viva. E a própria água, o próprio elemento, eu brinco, eu resplandeço! Compartilho da liberdade do mar emprensente.

A água Sempre volta ao encontro da água, Compendo uma péla única. Se eu fosse o mar, crucificado por um milhão de braços em seus dois continentes, Sentindo em pleno ventre o paxio mais do céu circular com o sol inteiro como a mecha iluminada sob a ventosa. Conhecendo minha própria quantidade. Sou eu, eu passo, eu arraste com todas as minhas raízes, o Ganges, o Mississippi, O feixe espesso do Orreococ, o sangue fio do Reno, o Nilo com sua dupla hélice. E é isto nutram bebendo, e os pianos, e os vases subterrâneos e o canhão redondo e cheio dos homens que vão durante seu momento. Não o mar, porém eu sou espírito! e como a água Da água, o espírito distingue o espírito. O espírito, o signo secreto. O espírito cidadão que faz rir, o espírito de vida e o grande hábito pneumática, a emanação do espírito.

Que faz célegas e embriaga e que faz rir! Ah como isso é mais vivo e ágil, sem perigo de ficar seco! Por mais que afunde, não posso vencer a elasticidade do abissano. Como do fundo da água venho ao mesmo tempo uma dúzida de deusas de belos membros. Esverdeadas salindo numa erupção de bolhas de ar. Elas se estretcem no despertar do dia divino na grande renda branca, no fogo amarelo e frio, no mar gossoso e crepitante!

Que Porta me deteria? que muralha? A água Perfuma a água, e eu mesmo sou mais líquido que ela! Assim como ela dissolve a terra e a pedra cimentada assim eu tenho por toda parte inteligências: A água que fez a terra a desliga a terra, o espírito que fez a porta abra a fechadura. E que representa a água inserida diante do espírito, o poder dela Diante da atividade física, a matéria ao preço do vácuo. Eu sinto, eu farejo, eu escucho, eu vejo a pista, eu respiro com um certo sentido A coisa tal como é feita! E também estou repleto de um deus, repleto de ignorância e repleto de gênio: Os fúrgos em ação em torno de mim. Eu sei fazer isso tão bem quanto vos, sou livre, sou vidente, sou livre à vossa maneira, que os profetizares não compreendem. Assim como à árvore na primavera, nova todos os anos Invento, trabalhada por sua alma. O verde, o mesmo que é eterno, criando de nenhuma fábria postergada. Eu, o homem. Eu sei o que faço. De império o diste mesmo poder de nascimento e de criação. Eu utilizo, eu sou mestre. Eu sou no mundo, eu corro por toda parte meu conhecimento. Conheço todas as coisas e todas as coisas se conhecem em mim. Trago a todas as coisas sua libertação. Por mim! Coisa alguma permanece solitária, pois faço que se junte a outra coisa em meu coração.

(Cinq grandes odes: L'esprit et l'eau — fragmento)

Figura 127 – XXXIV: PAUL CLAUDEL. Introdução crítica e tradução de Mário Faustino. 23º número de “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, de 15 set. 1957. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	XXXIV: PAUL CLAUDEL
AUTOR	Paul Claudel, 1868-1955 (França)
TEXTO ORIGINAL	Fragmento de “L’esprit et l’eau”, de <i>Cinq grandes odes</i> .
TEXTO TRADUZIDO	Sem título
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos: 1
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	15 set. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 052. SD, n. 068. JB, n. 215 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 15 set. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Painel de poesia”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 229-35.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/78671 .
DESCRIÇÃO	Comentário crítico de tradução em prosa de um fragmento de Claudel.
OBSERVAÇÕES	Mário Faustino traça os aspectos da produção literária de Claudel. Reprodução de fragmentos de “Coeur perdu”.

FUTURISMO - I

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Futurismo - I

Com o Futurismo iniciamos, em "Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea", uma série de exposições, amostras, da poesia de vanguarda...

Que é vanguarda, em literatura. Que é vanguarda, em estilística. Reconhecimento de terreno, pesquisa científica, colheita de materiais, amostragem, feições, lâminas, experimentação, comparação de resultados, testes, provas, princípios...

Nossa época: economia, política, filosofia, ciência, técnica, arte. Transição do mundo, Rimbaud e Mallarmé. A crise do ocidente, a crise do capitalismo, preparação de uma nova escola. Problemática geral: arte e pessoa humana; o artista e o outro...

Vanguarda em poesia. Formulação de problemas, ênfase a problemas, proposta de soluções. O poeta crítico e crítico a tradição, em última análise salvar a tradição. Abolição de formas, criação de formas...

Poesia e língua italiana. "The glory that was Greece, the grandeur that was Rome". A tradição, os heróis, Virgílio, Ovídio, Lucrécio, Catulo, Tibulo, Propertius, Marcial, Sêneca, os poetas medievais...

Província, França e Toscana prepararam o caminho, criaram e consolidaram as formas, substituindo as gregco-latinas, um dia viram a transformar-se em formas modernas...

Noventa, ainda sob a influência, mais de espírito que de prática, de Caillet e de Pascoli. Não é ainda o novo século, é o fim-do-século, do outro, do Ottocento...

22 de fevereiro de 1909, no "Figaro" de Paris, aparece o primeiro "Manifesto" do Futurismo. "Queremos cantar o amor do perigo"...

1909 foi seguido em 1910 pelo "Manifesto Técnico da Literatura Italiana". E mais tarde, após os acórdãos publicados em "Lacrime"...

O espírito do futurismo: resíduo de d'Annunzio (até mesmo de Whitman, e quanto romantismo), prenúncio de fascismo (depois, fascismo mesmo). Marinetti foi militante e líder deste. Voluntarismo, transcendentalismo. "Síntese futurista da guerra"...

O POETA NOVO

I
Armas, mas apenas.
(Esqueceram os beijos)
Terríveis, meu mecenas,
terríveis, os desejos.

Lutar, lutar por interesses
lodes de um só. Lutar,
lutar, arraz contra os desejos
de ganhar mais ganhar.

II
Nas trementas bipartidas.
(Tôres para alcançar o fundo da terra
gerardim. Inconqueráveis, elas mesmas:
não sabem de Orfeu a invenção?)

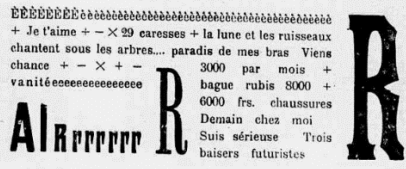
Looucs, mecenas, looucs!
Tão poucos
me entenderiam
tão mecenas.

Se vieres cá, protetor, mecenas,
versis que centas:
ursos vermelhos roubando tripas
e fazendo fogueiras de faqueiras
domestas. Trouxe-te, meu mecenas,
esta pequena
amostra: descansa:
uma criança.

III
Antes eu ouviste a luz,
a visaz. Triste. Muito de não poder:
focidire a mim meu capuz antigo
ex-sarrete frio, que não defendi.
Penas foram subidos que ganhei.
Veio a Musa, ve - a luz!

Tacua di Cadmo e d'Arctus Ovidio.
Fiz todo, meu mecenas, o mais.
Fiz destes rolos inchados
de chacin inspiração e mais
para dar gosto - sei? - nos meus versos.
Fiz poemas necessários
pessimos.

ou looucs
fiz poemas poucos
de tipos diversos.



Numeroarmonios. A r e o s enarmonios.
Poesias meditas prepo do gênio criador.
Tatillismo e tabus látes. Em luas des
novos sentidos. Palavras em liberdade e
síntese teatrais efêmeras. Fera artificial.

Resumo da "poética" futurista: as
palavras em liberdade são "uma avaliação
econômica do universo como se inter-crações
forças em movimento que se inter-crações
e vêm simultaneamente potadas com
todos os meios expressivos que se acham
à o ssa disposição".

Problemática futurista: criação de
uma nova sintaxe, analógico-sintático,
imaginação senza fili, seqüência ininter-
rupta de imagens. Prática: abolição
da pontuação, do adjetivo, do advérbio,
do "como", uso do verbo no infinito,
utilização dos brancos entre as palavras;

MANIFESTO DO FUTURISMO (1909)

- 1. Queremos cantar o amor do pe-
ligo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia, a nobreza
serão elementos essenciais de nossa
poesia.
3. A literatura é e se exaltado, ela
hoje, a inutilidade pensativa, o êxate e
o sono, pois para eles o futuro está im-
pedido.
4. Afirmamos que a magnitude do
mundo se enriqueceu de uma beleza
nova, a beleza da velocidade.

6. E preciso que a poesia se produza,
como ardor, luz e manifestação,
a partir das suas próprias forças e dos
elementos primordiais.

7. Não existe mais beleza a não ser
na luta. Ora nenhuma que não possui
caráter agressivo pode ser obra-prima.
A poesia deve ser concebida como violento
assalto contra as forças desconhecidas,
para vencer a eterna velocidade onipotente.

8. Encontremos-nos sobre o pronon-
tório extremo dos séculos!... Por que te-
remos de alhar para trás se queremos
fazer as misteriosas portas do impos-
sível? O Tempo e o Espaço morreram
ontem. Não já vivemos no absoluto, pois já
criamos a eterna velocidade onipotente.

9. Queremos glorificar a guerra -
única higiene do mundo - e militarismo,
a patriotismo, a festa destruidor dos li-
bertadores, as belas líricas pelas quais se
não sabem de Orfeu a invenção?

10. Queremos destruir os museus, as
bibliotecas, as academias de todos os
tipos, e combater contra o moralismo, o
feminismo e contra toda vilca oportu-
nística ou utilitária.

11. Cantaremos as grandes multidões
agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou
pela revolta; cantaremos as mães mul-
tiplares e polifônicas das revoluções nas
capitais modernas, cantaremos o vibra-
ção fervor inextinguível dos arsenais e dos esla-
beres incendiados por violentas luas cele-
stias, as estações aéreas, devoradoras de
serpentes fumegantes; as fábricas celesti-
culadas nas nuvens pelos fios centofeios
de suas fumaceas, as pontes semelhan-
tes a ginastas gigantes que escalam os rios,
flamejantes ao sol com um lampião de
fáscas, os vapores aventureiros que fare-
jam o horizonte, os locomotivos de peito
amplo, que potucim sobre os trilhos como
enormes caixões de aço embridados pelos
raios, e o não deslizando dos aviões, cuja
hélice cubalva ao vento como uma boa
deira e parece aplaudir como um turba
entusiasta.

12. E da Itália que lançamos ao mundo
estes nossos manifestos de violência atrop-
eladora, com a qual fumamos hoje o "Fu-
turismo", porque queremos libertar esse
país de sua eterna gangorra de profes-
sores, de arqueólogos, de cicerones e de an-
tiquários.

13. Por tempo demais a Itália tem
tido um mercado de usurários. Queremos
novo, queremos novos mestres que re-
cobrem toda de cemitérios inumeráveis,
de Museus, cemitérios... Idênticos, na ver-

POESIA - EXPERIENCIA - Mario Faustino
Journal do Brasil, 1957, 124, Suplemento Literário, p. 5

Figura 128 - FUTURISMO - I. Ensaio e tradução de Mário Faustino.
24º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 24 nov. 1957.
Acervo CPDocJIB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	FUTURISMO – I
AUTORES	Vários
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmentos (prosa): 2
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	?
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em prosa.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	24 nov. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 060. SD, n. 078. JB, n. 273 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 24 nov. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Poéticas”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 253-64.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/81397 .
DESCRIÇÃO	Artigo crítico sobre a vanguarda “Futurismo”.
OBSERVAÇÕES	Aspectos da poesia italiana, com citações de excertos poéticos em italiano: Dante, Cavalcanti, Petrarca. Descrição do conceito de “vanguarda”. Publicação do manifesto Futurista (1909) (trechos). Ilustração de epigrama ou anagrama do futurismo italiano.

Ficha da publicação

TÍTULO	FUTURISMO – II: MARINETTTI E PALAZZESCHI
AUTORES	Fillipo Tommaso Marinetti, 1876-1944 (Egito, nacionalidade Italiana). Aldo Palazzeschi, 1885-1974, Itália. Pseudônimo de Aldo Giurlanni. Giuseppe Ungaretti, 1888-1970 (Egito, nacionalidade Italiana).
TEXTO ORIGINAL	“Bataglia sotto vetro-vento” (Marinetti)
TEXTO TRADUZIDO	“Batalha sob vidro-vento” (Marinetti), “Ana Mara Amara”, “Oro doró odoró dororo” e “E deixem que eu me divirta!” (Palazzeschi) e “Perfeições do negro” (Ungaretti).
TRADUTORES	Mário Faustino, Haroldo de Campos
QUANTIDADE	Poemas: 6
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Italiano
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	01 dez. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 061. SD, n. 079. JB, n. 279 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 01 dez. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Exercícios de linguagem”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 265-88.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/81669 .
DESCRIÇÃO	Comentário crítico sobre Marinetti e Pazzeschi.
NOTA	Comentário entre parênteses de Mário Faustino e Haroldo de Campos: “Mais poemas de Palazzeschi na seleção enviada por Haroldo de Campos. Na próxima semana, amostras de Soffici, Govoni e outros, mais Marinetti e Palazzeschi”.
OBSERVAÇÕES	No artigo, Haroldo de Campos colabora com notas e traduções sobre Palazzeschi e Ungaretti, três poemas do primeiro e um do segundo.

Ficha da publicação

TÍTULO	FUTURISMO – III: AINDA MARINETTI
AUTOR	Fillipo Tommaso Marinetti, 1876-1944 (Egito, nacionalidade Italiana).
TEXTO ORIGINAL	Não publicado.
TEXTO TRADUZIDO	<i>Manifesto técnico da literatura futurista</i> (11 maio 1912) e “Batalha”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas 01 Fragmento (manifesto) 01
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Italiano
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	08 dez. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 062. SD, n. 080. JB, n. 285 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 08 dez. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Faustino, M. “Exercícios de linguagem”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 265-88.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/81941
NOTA	Nota sobre a reprodução do manifesto de Apollinaire.
OBSERVAÇÕES	Terceiro artigo sobre o movimento futurista, com tradução de trechos do manifesto escrito por Marinetti (11 maio 1912). Reprodução de duas páginas do “manifesto-síntese” escrito por Apollinaire, traduzido para o italiano.

FUTURISMO – IV: MARINETTI E SOFFICI

POESIA - EXPERIENCIA - Mario Faustino
Jornal do Brasil, 1957.12.13, Suplemento Doméstico, p. 5

FONTES E CORRENTES DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Futurismo, IV: Marinetti e Soffici

Continuando a série de "amostras" da experiência futurista, vejamos um exemplo da "avropoesia" de Marinetti:

O AEROPOEMA DE CIARAVOLO E BORSINI

Tudo "mas" (1) tem sua largalenga longa longa
couda de avroloho

Redondas redondas doidas e haques e tampejos
pelo fasto do grande boile alegratros dos exploitivos

Agua debaixo d'agua e sobre o doreo das ondas
cruases perpassas encruases as gurgelgontas maritres
da agua fundada fecundada

Embora embora embora mais depressa sem
pensar demais na opolencia espumosa que nos perage
e gassamento frita frita um expulador de
são e pecca elicos de são

Porém não esqueça que aquela simonismo
recordação de vis oh "mas" encocrieta lá embaixo
o secretopendente inimigo

Nrromo de precipitando sua velocidade semha
destruir por inveja são e blasfêmia vnosas longas
pensas de avestras e jóias marinhãs

Catalunado ferrelunhando no céu entre letos
de tempestuos lampadários nos quais urge dardeja
um frager de matadouro

Saltam avrer saltam resaltam correr correaço
correram ainda até o delírio de cada formoso ex-
cunando e devroendo eucema

Disois contum e falas tádas as rádios do mundo
que os dois torpedos da "mas" 38 encanaram a
molocida estrelada numa carvoeira inglesa e saca
almo de fulgido eucema diomonstradamente a Via

Léica marchetada vitiosa entre pudumtum um co-
nhonho que derroba necromo a nós na escuridade
respingantes pévas lunanons devomos defende-mos
das galvoas nos o refrigerio da avroa saborena
ríosa mazzalunhada de setras e mexilhões na bica

Chamo-me Vincenzo Chiaravolo marinheiro de
Torre del Greco disse ao comandante do contrator-
pedeiro "Nullo" tornando-me o ordonava cheta de
são sal pimenta vermelho em sopa-de-peixe quando
esperávamos no ancoradouro

Dada a pressa da Morie pama pama com
finsidioso de grandes inglesas dypara que dypara
dypara dypara o "Nullo" fica estripado
na gargalhar vulgar dos coos a prumo de uma liba
de Mar Vermelho brocho chinelo de ouro velho
sobre o gorduroso cetim esmeraldino

Toda a equipagem em rebolço a puxar amarras
bitéis e os torpedos cintilam e parecem delitas são
talves os fulberes de lódes os mastrolojos

Anotece sobre o contratopredreiro inchar-
num tremendo gargalhar gagajar fúncure a água
no gurgeljo das escudilhas e nos redemoinhos das
escadas

Declaro do alto aguilote trinoiro inimigo range
e repolho sem prazer de ser menos formigar de luzes
vólvras no lombadilha

Assas e bicos abertos de passadas nocodem e
reiois aspero salgado de stachos de Borsini de pe-
cuma e megafone na bica mazzalunhada depressa lírica
sem remos mazzalunhada que me navio afundou e o
sardoreiro vos curvas

Ronar efficacioso de ondas aos herbotes que
lutam com os salva-vidas encorados dos marinheiros
hambolistas na inclinação da prancheta

As megafone de Borsini respondem apenas as
burilmentas ríndas hubosas do ar aguado

Não houve um esturmo silêncio líquido entre
fantas, hochalhas trépidas e ao comandante falta
alguma do mar nas ondas malignas de vingança
cabegada

Comandante comandante comandante
são o ordonava Chiaravolo eu também vou
de Borsini nadar afortunadamente abracar as pernas
vólvras

Assim rompenho tradições e regulamentos ma-
rinheiros o comandante seto pensativa numa impre-
visível piadice mazzalunhada sacado perpendicularmente
o chapéu desapparecer mergulhando-se punhal
duplo de quatro braços abertos novo modo indo

Cantar cantando e cantar narrando pois os
"mas" são os mais graciosos em arrastar pelo de
escuma a procura dos dois sublinhos heróis Borsini
e Chiaravolo porém não os escudinos são os encen-
tram não os encenatras numa mas continuam a
procurar entre os lídros e hochalhas (2) taga-
relares de gás

Seu mistér é jogar-se bailando e disparando a
inimigo e não entrar mais que divertit alegrando
alegrando com luzes branco aquiles que a Amor da
Pátria abomou na mais delicada e consoladora fe-
ricia do mar

Comandante comandante comandante
são o ordonava Chiaravolo eu também vou
de Borsini nadar afortunadamente abracar as pernas
vólvras

Assim rompenho tradições e regulamentos ma-
rinheiros o comandante seto pensativa numa impre-
visível piadice mazzalunhada sacado perpendicularmente
o chapéu desapparecer mergulhando-se punhal
duplo de quatro braços abertos novo modo indo

Cantar cantando e cantar narrando pois os
"mas" são os mais graciosos em arrastar pelo de
escuma a procura dos dois sublinhos heróis Borsini
e Chiaravolo porém não os escudinos são os encen-
tram não os encenatras numa mas continuam a
procurar entre os lídros e hochalhas (2) taga-
relares de gás

Seu mistér é jogar-se bailando e disparando a
inimigo e não entrar mais que divertit alegrando
alegrando com luzes branco aquiles que a Amor da
Pátria abomou na mais delicada e consoladora fe-
ricia do mar

Contemporâneo heróico relante de um carro avro-
"lético" mazzalunhada noite e pama tranc' a grunada de Pama
e enfaçada e pde em profos limpos os condutores em
pões convulsas evrados

Morte regulada há tempo naquela encruzilhada en-
quanto os longinquo artilheiros retomam e sono
mochando tendo borceas seus braços

Assim por uma ordem já esquecida sobrenatural-
mente e vendida abstinência na mostanha dormente de
vez em quando pama

Longa pausa de negro mistério
Responder em tempo o atirador italiano tapatapata

Uma pausa igual de inquietude ocorre entre estas
palavras longinquoas vintinas
— Diga-me você ainda me ama
— Sim
— Mas você me trai
— Não distrai-me algumas vezes agora já não

A BANDEIRA TRICOLOR TREMULA SOBRE O
AMBAR ALAGI DE TOSELLI (Extrato)

Queise materialidade de uma noite fria
sobre o cansaço físico dos
VENCEDORES DO CHIRE

sapiões boca aberta
ainda um sorro de luz estelar

3 estrelinhas
do céu baixa um escupatório
de raios de ouro

é tão doce este ornejo de anno que chora
a nuvem de veludo com ventos
negros abri-se sobre a flexuosidade
nívra de uma espúria

Vegetar ou petrificar-se pré-histórico como úes

"Simultaneidades" extraiadas do
"O poema africano de Dario

Marinetti poeta prorador, poeta e prorsador. Entre
a poesia e a prosa, servindo à prosa e à prosa.
Principal obra em prosa: o romance "Maitarka, il
futurista".

Décio Pignatari nos envia um exemplo da prosa de
Marinetti, extraiado do romance futurista "Il club
dei simpatici" (1913), no qual Marinetti prevendo,
segundo o prefácio,

1. Uma anatomia da moral com um acurado
diacernmento das bordas vivas e elásticas do mal.

2. Uma eletrologica do Amor observado em
muitos pares de pilhas elétricas humanas.

3. Uma psicologia dos aeroplanos e um pri-
meiro emprágo do Dicionário Advro Marinetti-Asari
para elogiar a aviação.

Décio manda lembrar, também, os pontos de con-
tato entre este trecho e a "Antropologia" de Oswald
de Andrade.

RUMO A UMA NOVA MORAL CARNIAL

Já há vários dias havia Parana adofado a
nuve folhada e penada que constitua o hábito
carnial de gala. Assim vestido, preferia, para seus
passos mazzalunhada, a grande Via dos Dreyfus. In-
sistentemente dirigiu seus passos para um lugar
muito erigido, húmedo e mazzalunhado que quadi-
dura o único desembarcadouro da lília, redonda
e que turquesa com veias verdes e violáceas como
a qual possui o hidroavio.

Parana experientou e desejo de visitar a nada
as jantares flutuantes e o coço que respira e bebe
reflexos. Então já de posto-cabeça com duas bra-
çadas e duas paladas toca e acaricia os fundos cân-
didos e carnosos de fôrca sua sob vidu líquido. Um
leve movimento da superfície chamalesta e undan-
te corpo de Parana despojado pré-históricamen-
te com a arde. Como se insistissem banhas leucopé-
picas ali nadassem com convidativo candor ha-
mônico.

Energias e gotejante penetrou na mata, deca-
do atrás de si o ancoradouro felís de berrar um hi-
droplano de asas de branco acampamento africano.

Espectra vultos e círcos de seus passos flutuantes
quando irromper em suas cercas uma tumultu-
de horda galopante gargalhante numa grande flaque-
de água fentida e espumosa. Voltou-se de
um salto. Logo tornou a reinar o silêncio. Mas agul-
hando pelo mesmo ramus de máximas de escrever,
Parana correu ao desembarcadouro. O hidroavio
lá estava, mas tremia e saltava. Inevitavelmente
na água imóvel.

— Malditas dentaduras! Gritos.

As de crocodilo do carnal Curruco surgiram
primeiro, torcendo monstruosamente a água, ven-
de Gergoljavia.

Estavam calcendado às máximas europeias
a noos moral antropofágica. Ferrari os dentes, de-
pós das asas, no carburador que, esperto, transmu-
tara sua capacidade vora no seu estímore im-
perfeito.

Tokkamatak trabalhando com os dentes na cati-
linga, gritando.

— Que acha, sapientíssimo Parana, da minha
idéia de cozer o estímore para equilibrar meu
corpo que oscila demais quando bebo sangue fer-
mentado?

Das poetas Italianas que eventualmente aderi-
ram ao Futurismo, talvez seja Ardengo SOFFICI
(também pintor, os elementos pictóricos podiam

em toda a sua poesia) o que trouxe contribuição
mais interessante ao movimento, servindo, ao mes-
mo tempo, de importante ligação entre este e o
cubismo. Colaborador de "La Voce", co-fundador
(tem Pagnoli) de "Lacerata", nunca se identificou
inteiramente com a aventura mazzalunhada, quer
sabe devido a suas constantes ligações com os van-
quiquilistas parisienses; há quem o considere o Apol-
linaire italiano e não há dúvida ser fácil encontrar
semelhanças entre as experiências dos dois poetas,
particularmente quanto aos caligramas, se bem que
isto não exclua a influência de outros poetas,
particularmente quanto aos caligramas, se bem que
que em Soffici. O futurismo deste encontra-se en-
tendido em suas "simultaneidades", de que ofere-
mos um exemplo:

ARCO-IRIS

Ensoja 7 piceias em teu coração de 26 anos com-
pletados ontem 7 de abril
Reclama o rosto desfeito das antigas estações
Te reconheci a vista como as serenas nuquedadas
das carroças de ferro

Quando
Dunas cidades à outra de filosofia em delírio
De amar em patido de realismo em mazzalunhada
Não há igreja cinema redação ou botecoim que não
começas

Le dormiste na cama de todas as famílias
sérias fácei fazer seu carnalio

Com todas as dores
Descapitando os reflejos das lanternas multicores
Desaparecidos no meio da fumaça com os lenços su-
dos

Países horas [sleeping-cars ramo-norte ramo-sul
lá voces que seguem por toda parte como a lua e

Mas até mesmo o riso de uma serena [os céus
que remeço os combustos da manhã

Não se esquece nem o perfume de certas noites
[Esquecidas nas cristas de topónio

Estes frios quiquinhos que guardo sobre a mesa ao
[Ipê da tália

Estavam pintadas nas paredes do quarto n.º 19 de
[Hotel des Anglais em Rouen

Um comboio passava ao casti noturno
Debaixo de nuva fentida [Inesquecíveis

Descapitando os reflejos das lanternas multicores
Entre as pilpas de vinho da Sicília

A o Sema era um jardim de bandeiras flamejantes
[Inesquecíveis

O espaço
F. Aventura crepuscular que se encolhe numa póla
de fôrca

Cada coisa é presente
Como era 1907 saída em Paris num século
Coberto por 35 centímetros quadrados de céu
[Inesquecíveis

Dois minutos de silêncio
O remolhe de Ilot da Square de Chany
De Boulevard Saint Germain capotando de bonitas
[Inesquecíveis

Chega é molinha a estes campos a soc bôbeda de
[Inesquecíveis

Da rue de la Harpe
"Particípios" "L'Intransigence" "La Presse"
A loje de Chaussures Raoul faz sempre concorrência
[Inesquecíveis

E ajogo-me as mãos embebidas nas lódes do
[terrapicudo

Como quando pensei em suicídio ao pé da casa de
[Inesquecíveis

Sim meu caro
O homem mais folia é aquele que sabe viver no
[contingência como as flores

Olha o castelinho que nasce
A história é fugitiva como um adeus à estação
E escreve o cigarro orgulhoso de sua força viril
Recuperada nas queras páginas dos jornais

Do equivo dobedado de conduturas galopante no fudido
[de coesura

Levando entre os dentes um ramo de mirra
A eternidade explende num rolo de móbos
A história é fugitiva como um adeus à estação
E escreve o cigarro orgulhoso de sua força viril

Recordo todos os climas que roçaram minha pele
[de amor

Todos os países e civilizações
Radiantes ao meu desejo
Naves
Mares amarelos

O carmin de Bombay e o ouro queimado do Irã
Com hidroplano na sua negra
Alma giraxoi o fenómeno converge neste centro
Alma giraxoi o fenómeno converge neste centro

Meu o canto mais belo ainda é o dos sentidos nos
Silêncio mazzalunhada meridiana
Aqui e no mundo posso circular
O hoje se casa com o sempre
No idioma da íria que se ergue
Senão-me dá minha mesa e fumo e contemplo
Es uma jóia jozem que tremula na varanda

As brancas pombas repulstissimas paio ar como cartas
[de amor jogadas pela janelo

Conheço o simbolo a cifra o lume
Elétrico
A simpatia das coisas longinquoas
Para estender o fozido mazzalunhada do verde
E não há mais palaveres
Para a ponte de jojo e de gama

Juventude passará como fudo acaba no teatro
Tint pa Mirodo fazer então um século fábulo de
[Inesquecíveis

Essa "simultaneidade" de Soffici (escrita por volta
de 1910) não passa de uma peça de "vers libre",
sem pontuação, utilizando algo dos métodos futu-
ristas, bem longe, como se vê, das "simultaneida-
des" de Marinetti. Tanto o futurismo como o cubismo
de Soffici podem ser melhor observados em seus
"Quimimmi Lirici" (quimimmi líricos) da mesma
época, recheados de lirismos gráficos e de
pseudocaligramas. Vejamos um deles:

NÚMEROS

3 27 90

Números parados nas portas
Conspirações mazzalunhada

extrema degeneração de uma cachoeira de pilagras
estelares no coração escuro das famílias. Este
jasmim do Peru florescia no amarelo de um an-
tigo 2 cime surpreendido pelas histórias hostis
das câmbias em marcha é todo o céu e o mistério
que nos resta galanteio de uma vida sem acnos na
mesa de um halo cru de acetileno

O negro dos 4 dos 1 dos 7 heróis e bi-
luminos mazzalunhada no quadro pobre de um hori-
zonte abstrato. Místicas deturadas junto com o ras-
teirado na noite que oprime lá da estrada os
sonos dos írmãos

936058

Números. Paisagens símbolos reducidos a uma
líria de porcelana laque de existências cizumatas por
traiz de uma parede impreconalidade atraiada da
eterna ditusa das patétes e dos mundos

Oh todo e nosso destino ainda está nosos ángulos
e cítreos que prechem a alquimia das avroas
dos tempos cristalizados em horájos de anjos
diapargados em castelões

Ess duas páginas significativas das tentativas ide-
ogramáticas da tipografia sofficianca:

IRIDE
VIOLETTA ROSSO ARANCIONE SULLA
VIOLETTA INDACO AZZURRO INTRO

orienti in fiore le sire carovane d'amarillo del
ricordi verso la mecca delle gioventù di popo-
li Siamo sulla terra Rotazione di primi
nella serenità dell'acqua

Sciaguratto di fetich mascherata degli es-
seri degli elementi delle stagioni delle civiltà
VIOLETTA come in cuori profondi
di assanti dormire dormire dalle passioni
col vino le glorie vomitate sullo strascico po-
stumo delle stelle

Castiglia bebé solferino verde mon-
tano velo d'arabes brezza sullo scarlatto cru-
delti delle calze

Il giallo-limone di un divano A
fetta nel cubo di nero della stanza

Alma In canfi ale oblique del bordello
al mondo aperto e fresco ventaglio di sole e
verdure intorno

E già nella spuma de' terri bollire endore pre-
chiouli e mazzalunhada la vendetta chiusa del pasto

Figura 129 – Futurismo – IV: Marinetti e Soffici. Crítica de Mário Faustino. Tradução de Mário Faustino e Décio Pignatari. 27º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 15 dez. 1957. Acervo CPDocJ; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	FUTURISMO – IV: MARINETTI E SOFFICI
AUTOR	Fillipo Tommaso Marinetti, 1876-1944 (Egito, nacionalidade Italiana). Ardengo Soffici, 1879-1964 (Itália).
TEXTO ORIGINAL	“Simultaneidades”
TEXTO TRADUZIDO	“Aeropoema de Ciaràvolo e Borsini”, “Simultaneidade de um diálogo sobre Amba Tzelleré”, “A bandeira tricolor tremula sobre âmbar Alagi de Toselli” (extrato), “Rumo a uma Nova Moral Canibal” (Marinetti), “Arco-íris” (“Simultaneidade de Soffici”).
TRADUTOR	Mário Faustino e Décio Pignatari
QUANTIDADE	Fragmentos: 04
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Italiano
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	15 dez. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 063. SD, n. 081. JB, n. 291 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 15 dez. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	Faustino, M. “Aeropoesia e simultaneidades”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 289-302.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/82219
DESCRIÇÃO	Publicação monolíngue. Traduções de Mário Faustino do poema “O aeropoema de Ciaràvolo e Borsini” de Marinetti e traduções de Décio Pignatari dos seguintes poemas: “Simultaneidades” e do fragmento de prosa “Rumo a uma Nova Moral Canibal”. MF traduziu também o “Arco-Íris de Soffici.
OBSERVAÇÕES	A quarta série de artigos sobre o Futurismo. Comentário crítico e traduções sobre Marinetti e Soffici, Colaboração de Décio Pignatari nas traduções da poesia de Marinetti. Reprodução de trechos dos poemas “Bicchier d’acqua” e “Via nuova” (Soffici).

Ficha da publicação

TÍTULO	FUTURISMO – V: CANGIULLO, ANTONIO BRUNO, BENEDETTA. Francesco Cangiullo, 1884-1977 (Itália).
AUTOR	Antonio Bruno, 1891-1932 (Itália). Benedetta Cappa, 1897-1977 (Itália).
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Décio Pignatari (poemas) e Mário Faustino (fragmento crítico)
QUANTIDADE	Fragmentos: 04
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Italiano
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso e um fragmento em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	22 dez. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 064. SD, n. 082. JB, n. 297 – 1957.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 22 dez. 1957. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Poesia e música”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 303-312.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/82465
DESCRIÇÃO	Comentário sobre os poetas futuristas, com tradução de um trecho de “La poésie pentagrammée”, de Marinetti, por Mário Faustino. Ao final da publicação, MF fez um balanço-resumo do futurismo, apontando a contribuição do movimento, bem com os problemas. O artigo contou com a colaboração de Décio Pignatari na tradução de poemas dos autores.
OBSERVAÇÕES	Traduções de fragmentos. Reprodução da poesia pentagramada, com tradução de trechos de Mário Faustino.

ALFRED JARRY

POESIA - EXPERIÊNCIA - Maria Faustino
Jornal do Brasil, 1908-1918. Suplemento literário. N. 3

FONTES E CORRENTE DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Alfred Jarry

Alfred Jarry (1873-1907) — traço de união entre o simbolismo, de um lado, e do outro, o dadaísmo e o surrealismo. Jarry: a poesia como atividade, como abdicação da personalidade, como mecanismo de transferência e sublimação, como humor, ordem de ser, a poesia-máscara e, ao mesmo tempo, instrumento de combate, de subversão, o humor, negro, o humor-destruidor, a antiburguesia. Para conhecer a poesia de Jarry é preciso conhecer Jarry. Poesia de Jarry = Jarry, ou, melhor, = Pál-Ubu, no qual Jarry acabou por transmudar-se em definitivo. Há as outras pessoas, as outras máscaras, ao mesmo tempo de Jarry e de Ubu: o doutor Faustroll — (pataphisicamente, segundo Jarry, não um grande recorde de ciclistas e de erotismo). A poesia de Jarry: entre Babelelli, Nerval, Baudelaire, Mallarmé, de um lado, Rimbaud, Lautréamont, Cross, Mallarmé, Gustave Kahn, de outra parte, e, da outra, dadaístas, surrealistas, até mesmo os futuristas e, hoje, os remanescentes de Genet. Jarry, repetimos, o traço de união. O homem Jarry, o anti-humano, o portador, o destino, a máscara e o revólver inseparáveis (definição de Breton: Jarry é a única coisa que o poeta não resolve), os versos, as ideias, os apontamentos "reduzidos", praticamente sem movimentos, dominados por enorme fúria de ideias (segundo Jarry, não uma moldagem, mas uma redução). Jarry anodino, os poemas mais ou menos, as respostas célebres, o comprometimento, de Bichon, de entrincheirado de Mallarmé...

"Ubu-Roi", a explosão, no teatro, no son do palacete enterrado pelo "et" com que se traqueia os dentes, da pólvora preparada, como que clandestinamente, pelos próceres, acima apontados. Ubu-Roi: o superburgues, o rei dos burgueses, o profeta, o abastado do ideal, a expressão da vida. Mal-dor: a sublimação. Pál-Ubu (que aparece também nos poemas e poemas e nos outros distícos, exemplo: o Roberto Pedro Ubu, da Companhia de Jesus...) o desmascaramento. Desmascaramento, como Jarry, serve também de máscara, atribuída pelo próprio Jarry, o qual ora, com esse e outros personagens, o seu próprio mundo "pataphisico".

A obra de Jarry: a vida, principalmente os documentos, as cartas, o teatro "Ubu-Roi" (em crítica, no teatro de L'Œuvre, provocou uma segunda batalha do Herano), "Ubu-Enchaîne", as óperas-fúrias "Le Monteur de Papier" e "Pantagruel" o romance: "Messaline", "La Surmale", "Le Papeur Jeanne", "Gestes et opinions du Docteur Faustroll", poemas em verso e em prosa...

Amostra de Alfred Jarry: DA ILHA DE PITYX

A ilha de Pityx é de um só bloco de pedra do mesmo nome, a qual é imatável, pois nunca foi feita a não ser nessa ilha que dela é indissolúvel composta. Possui a translucescência serena da sílex linceu, e a única pedra cuja cor não seja frígida, e sim cujo fogo penetra e se espalha, igual à diferença do vidro. As outras pedras são frías como o gelo das frentadas: esta possui o calor precipitado da superfície dos límbos. Foi-nos feita abor-de-la, por ser falhada em forma de machado e insinuar-nos para não ser purgado das partes opacas ou demasiado espeluzantes de sua superfície, como se fossem lâmpadas ardentes. Ai não mais se percebem os acidentes das costas, e sim a substância do universo e as partes não nos inquietamos por saber a superfície irrepresentável era de um líquido englobado segundo leis eternas e que não poderiam penetrar a não ser à luz contida a primo.

O senhor da ilha veio ramos a não nam barcos e chapéus arredondados circuda cruzes por trás de sua cabeça, amparando-lhe a fúria do cachibim e empurrando-o no céu. E os seus olhos alternam sua cabeça de equilíbrio secular-lhe os gestos de boca vivida.

Trovo de sob a mania excessiva quatro anos de casca pinhada, entregando-o, após beber, ao doutor Faustroll. A chama de novo negro e eclético dos germes opacos floresce a orla de Ubu, duas colunas distantes, isolamento de duas trincheiras prismáticas de cascadas de Pál, descolorem as línguas de suas cornijas de punho quadrado de quadras de soneto: e sono "et" (1) embudo sua rede no reflexo re-encarnado do arco de triunfo. Dispersando a curiosidade sobre os ramos e o encarnado das névoas descorridas (3) pela melancolia escuro, o claro barco mecânico tomou para o horizonte da ilha seu hábito estudado e a cabeça balanceando dentro adeus (3).

(De "Gestes et opinions du Dr. Faustroll, pataphysicien")

LA REGULARITÉ DE LA CHASSE

Chasse claire où s'endorment un amour chaste et cher, Le métrier en son ombre intime et charnante, Sur le sol des tombes où la terre est la chair... Mais sur ton corps frêle tu ramènes la maudite Béat! réce et repose! Koote, brutal herceur, Vozte vers le ciel sous tes yeux que des serpentes Elles vont point filer le lincol de leur seour...

Créaste, ô dropts de fim et démasné des chéges Main maigre et mondille où menace la mort! O temp! o temp! pleuche plus farne des charnelles En goultes borées... Hore de la flamme qui mord Naix une nef noyée en des maits noires, naïves;

Puis les piliers polis poussent comme des pins, Et les torchères sont des pinges de parricides. Et la flamme peinte occide aux névés points Qui lancent à la nuit leurs larmes transaliques...

L'orgue soupire et gronde en sa trompe d'airain Des sons sinistres et sourds, des sons comme celles Des morts roulés sans trêve au courant souterrain... Des sylphes font chanter les chairs violoncelles...

C'est le bal de l'abbé au l'enfour est sans fin; Et la devise sous note en sa housse d'écluse. La bouche de la tombe encor ouverte a fait, Mais sa main mance mord la mer de morte maudite...

Puis l'empourrasement délégué des soirs Vient passer sur nos yeux ces bras froids et

Les lentils nous sur les murs lourds des songs volées

Seules les lampes d'or ouvrent leurs yeux qui

11 dans l'oeu calmé de granit gris nous respoms sur la lagune dolente Notre compoite et ses feux d'or dort.

Dans un ciel de cratéris, au fond de nos idées, oit cont se perdant los les morges borges w'obscurets priés, mêmes jumeus, nos chéges.

Ref dont l'autant tombe à pic et bref, aote les máis, les soles, novez l'ensez; odise sur les flots marcescens, zont rames.

Puis dans l'air froide come un fond de puits l'orgue nous berçent eate su fécrite. Le viraill nous montre, cuccson.

Chac un nel d'écrit. Clair dans l'air, corps aérés transparents, blancs linges, inquiétants regards dardés

12

Et l'erblant d'un jeu de pelot, fin laques, l'elles au fol ora des límbos moines et des souvenirs jeus, ziens nimbes...

La goulote spectre que hoire le surt sous les pous de marre en sillonnant son bord brode rive.

Mis tout droits dans le foud, endormis nous ferons nos geaz morts une achitaveu, d'où les cloches nous ventent leurs piers graves.

Tradução em prosa. (símples refer, tentativa, para ajudar o leitor inaudiente em francês). "Claro relicário onde adormece meu amor casto e caro, abrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os pilares pelidos brotam como pil-nobres, e as toleiras são punhos dos parricidas. Silfos fazem cantar os claros violoncelos. E o baile do último amor é amor é sem fim: e a dança no longo se sombria lalada, não obscuria má negra, arrigo-me à tua sombra infantil e encaustada, sobre o chão dos sepulcros cuja carne é a terra... Porém punas a mania sobre teu corpo frágil, Gonhal' souba e repousa! Escuta, ruid acalendado, vão voar rumo no céu as vozes vagas das virgens. Elas não faram a mortilha da irada... Crecei, ó dotos de cera e 'palidescência' dos cílios, mel engraçada e maldita, donde ampara a morte! Oh tempo! não mais derrames a urna das campalinas em gotas pesadas... Da chama que fálce nasce sua nave afogada em noites negras, mais depois os

Ficha da publicação

TÍTULO	ALFREDY JARRY
AUTOR	Alfred Jarry, 1873-190 (França).
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 02 Fragmentos: 02
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português; monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	19 jan. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 068. SD, n. 086. JB, n. 016 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 19 jan. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 5.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “O humor negro”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 236-248.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/83409
DESCRIÇÃO	Artigo crítico sobre a poesia de Jarry, com traduções de ficção e poesia do autor. Na página dedica ao autor, MF traduziu um excerto poético de AJ para “Pedras de Toque”. Tradução de uma carta de AJ.
NOTA	Notas sobre os textos traduzidos, com comentários explicativos sobre a obra do poeta.
OBSERVAÇÕES	Traduções de fragmentos poesia e de prosa. Sobre as traduções, MF assinala: “Tradução em prosa (simples roteiro, tentativo, para ajudar o leitor insuficiente em francês)”, em outro momento: “Tentativa de tradução em prosa, auxílio ao leitor sem francês etc. etc. etc. (em português não conseguimos reter os <i>doublesens</i>).

FICHA DA PUBLICAÇÃO

TÍTULO	CUBISMO: APOLLINAIRE – I
AUTOR	Guillaume Apollinaire, 1880-1918. Nascido na Itália, considerado poeta francês.
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 01 Fragmentos: 02
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso (1) e prosa (2)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	26 jan. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 069. SD, n. 087. JB, n. 021 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 26 jan. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Eterno pesquisador”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 315-354.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/83643
DESCRIÇÃO	Crítica e tradução. Publicação monolíngue. Tradução direta: prosa e verso. Traduziu excerto de Maurice Raynal, de <i>Quelques intentions du cubisme</i> (1919). De Apollinaire traduziu: Parte V de “Sur la peinture” de <i>Méditations esthétiques</i> : “Les peintres cubistes”; “Zona”.
NOTA	“No original francês, o poema é, como uma ou outra exceção, rimado em paradas de versos livres. Considerando a importância do poema na obra de Apollinaire, a impossibilidade de publicá-lo na íntegra, no original e com a tradução em prosa, bem como as dificuldades de tentar manter o sistema de rimas, preferimos publicá-los assim, em versos brancos, acompanhando o mais perto possível o sentido original.”
OBSERVAÇÕES	Tradução de trecho de <i>Quelques intentions du cubisme</i> , Paris, L’Effort Moderne, 1919. Tradução de quinta parte de “Sur la peinture” de <i>Méditations esthétiques: Les peintres cubistes</i> . Cf. <i>Œuvres en prose complètes</i> , Paris, Gallimard, 1991, p. 12-13. [tradução em verso e prosa].

CUBISMO: APOLLINAIRE - II

FONTES

E

CORRENTES

DA

POESIA

CONTEMPORANEA

LA CHENILLE

Le travail mérité à la richesse.
Peux-tu, pauvre, travailler!
La chenille se peignait sans cesse
Devient le riche papillon.

(A LAGARTA)

O lagarta leva à rapace.
Aiá, trabalha, sem pecha porta!
A lagarta se arreia até à beleza,
Virando a sua barbatana.

IRIS

Oui, j'étais dans l'ombre terrassée.
O mort certain, ainsi soit-il!
L'affin mortel, parole affreuse
Ihã, c'est un des bords du Nil.

IRIS

Sim, eu segui-te riuho a temara terrassá.
Ôh morte certa, eu também...
Mortelzinho, palavra afreuzada,
Ihã, ave do Nilo, amém!

Como se vê, uma quase poesia-canta que tem seus muitos antecedentes sobretudo na idade-média francesa mas que é sem dúvida, por sua vez, predecessora dos "collages" de mais tarde. Voltando, entretanto, aos "Alcools", Resse li-vro que tanto lembra o nosso próprio modernismo (o não especialmente nacio-nalista), ou melhor, foi lembrado por nome próprio modernismo, "Ho chris de cos "alcoólicos" — o primeiro título imaginado para a obra ora Eu de sie, aguardante, cachaca — temos ali alguns dos mais significativos poemas de Apollinaire, tanto em verso regular como em verso livre. Já vimos, com Zola, um exemplo diste último. Vejamos uma das mais belas canções de Apollinaire:

LE POET MIRABEAU

Sous le pont Mirabeau coule le Seine
Et ses amours
Faut-il qu'il n'en soussienne
La joie venait toujours après la peine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les mains dans les mains restera face
[à face]
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les amours s'en vont comme cette eau
[coulante]
Et comme l'Espérance est violente

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Passent les jours et passent les semaines
Ni temps passé
Ni les amours reviennent
Sous le pont Mirabeau coule le Seine

LA TORTUE

De Thore vague, ô delire!
Mes doigts sûrs font sonner le lys.
Les amoureux passent aux yeux
De ma tortue, de mes chapareux.

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

(A PONTE MIRABEAU)

Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina
Com seus amores
Oh amante serena
Alegria que vem depois da pena

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Mãos nas mãos que fiquem face à face
Esquadrado sob
A ponte de nossos braços passe
Eterna e lasca a correnteza vá-se

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

O amor se vai como a água corrente
O amor se vai
Ah como a vida é lenta
Como a Esperança é violenta

LE PAYSAN

que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Passam-se os dias serenos amados
Tempo passado
Também se amara passava-se a pena,
Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina.

Constante da poesia em verso, ideológica, de Apollinaire: pôs pelas transições violentas, pelas surpresas (comparar com o nome CDA); monologos cinematográficos, contrastes entre simplicidade e perlocução, neologismos e arcaísmos, tradicionalismo e revolução, "humour" e sentimentalismo, poesia de amante realismo e poesia de "pietoso", vocabulário modigliano, bustinas geográficas, alegorias, alusões bíblicas e bíblicas, "a poesia está em toda parte", exclamações, etc. Apollinaire a grande poeta: Rimbaud, Villon, Rimbaud, Verlaine, Moréas, Régner, Maeterlinck, Lautréamont, Rimbaud, Hone, Laforgue e sobretudo Jarry, de um lado e, do outro, futurismo, dadaísmo, surrealismo. Toda a poesia contemporânea da França e de outros. Tradicionalista convicto, revolucionário convicto:

"Tenho vontade de ser um poeta novo tanto na forma como no fundo, mas um contrário de alguns modernos não fundamentados em sua arte (tenho o gosto profundo das grandes épocas, quando dizem que honro infinitamente o Grande Século e particularmente napoleões que com modo se chamam clássicos. E diversos de Racine, de La Fontaine, de Molière, de Malherbe e por Maynard a admiração que convenci por essas maravilhosas verificações."

Em "Alcools" — sem dúvida o livro mais rico de Apollinaire, ao lado de "Calligrammes" — encontramos o famoso "Les Colchiques", o máximo produto acabado de seu autor e um dos mais altos momentos da língua poética francesa:

LES COLCHIKES

Le pré est vénérable mais joli en automne
Les caresses y passent
Lentement s'empoisonnent
Le colchique couleur de cerise et de lilas
Y fleurit ses yeux sont comme cette
[fleur]
Violette comme leur cerise et comme cet
[automne]
Et moi vie pour les yeux lentement
[s'empoisonnent]

Les enfants de l'école viennent avec
[franc]
Vêtus de haupelans et jouant de
[l'harmonica]
Ils cueillent les colchiques qui sent cosmé
[mie des meris]
Filles de fleurs lilas et sont couleur de
[l'oeil]
Qui battent comme les fleurs battent au
[vent] dément

Le gardien du troupeau chante tout
[s'éprouvant]
Tandis que les vaches et les vaches
[s'abandonnent]
Four toujours se grand par mal flusier par
[l'automne]

LA MATA-CÃO

O grão é venenoso mas é lindu no outono
As vres pastam lá
E lêdas se arrastam
O mata-cão fureta ali côco-litu
E de corne e de olhos e tem olhos de moço
São como die violantes como o cerne e o
[l'automne]
E ainda vida que tem olhos carencias
[l'automne]

Os memos fureta realjo
Chegan para cêlher as vres — mata-cão —
Vres filhas das vres vres máis
Vres ôs deusa pilhas um repêto atjo
De fio batendo em fio ô vres máis

hata-se nos para girar em sublechar
[s'abandonnent]
Hata teos as vres
Para saber se o dono é fitevado se não
Oh grão que contêjo
Hata-se cor e sem dos passos ôtes
Para poder apêto para sempre a direçã
[que tomaram]

Jastan-me todos fure para dar-me o direto
De recolher os vres
Um ôis em separar por mim mesmo
Hata-me Guilhermo é tempo de chegar
Com passos lilas aquêto que amo avançã
[vire] a como
E não me contêto entre fio
Os zigantes cobertos de alga passavam pelas
[côco-litadas]

Éram ilhas as suas tôres finas
E fure mar com se claridade de seu leito
Cvria sempre de máis vres e fure palmar
[l'automne]

Depois em terra chegavam mil trilhões brandas
Cada homem tratava uma rosa na mão
E a língua que inventavam a corinha da
[l'automne]

Apollinaire: "Ho que concerne à penultima, só a suprimi porque me parece inútil e é com efeito, pois o próprio ritmo e o corte das frases já a verdadeira penultima, não havendo necessidade de uma outra. Mas veros foram quase todos publicados tal como existiam do bôris. Componho geralmente caminhando e cantando a partir de duas ou três frases que me chegam naturalmente e que um de meus amigos canta. A pontuação corrente não se aplica a tais canções". Observar, também, que muitos dos melhores efeitos da técnica de Apollinaire se devem à falta de pontuação e à sintaxe "simultânea" que daí às vezes resulta. O ideal de simultaneidade, presente em Apollinaire (e que, por outro lado, viria, entre outras coisas, a dar lugar aos calligramas) é também, como já vimos, característica central do dinamismo futurista.

Voltando um pouco atrás: antes de "Alcools", Apollinaire publicara, 1911, um gravura de Dufy, o seu "Bâtard", cu "Cortejo de Orfeu", onde já se nota o slogan de "a poesia está em toda parte". Apollinaire recusa sêr-se a temáticas tradicional e celebra a farturaga, a cabra do Tibé, o drumôdário, o rato, a lagarta, a pulga, o caranguejo, a coruja, etc., em pequenas quadras rimadas, -heias do surpresa. Exemplos:

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

(O CAMELO)

Com seus quatro camélos
O Fido d'Alfonsober
Sob o pé mudo sem câra não heira,
Tudo se mata pelo
Camélio, se tivesse camélio!

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

LA CHENILLE

Le travail mérité à la richesse.
Peux-tu, pauvre, travailler!
La chenille se peignait sans cesse
Devient le riche papillon.

(A LAGARTA)

O lagarta leva à rapace.
Aiá, trabalha, sem pecha porta!
A lagarta se arreia até à beleza,
Virando a sua barbatana.

IRIS

Oui, j'étais dans l'ombre terrassée.
O mort certain, ainsi soit-il!
L'affin mortel, parole affreuse
Ihã, c'est un des bords du Nil.

IRIS

Sim, eu segui-te riuho a temara terrassá.
Ôh morte certa, eu também...
Mortelzinho, palavra afreuzada,
Ihã, ave do Nilo, amém!

Como se vê, uma quase poesia-canta que tem seus muitos antecedentes sobretudo na idade-média francesa mas que é sem dúvida, por sua vez, predecessora dos "collages" de mais tarde. Voltando, entretanto, aos "Alcools", Resse li-vro que tanto lembra o nosso próprio modernismo (o não especialmente nacio-nalista), ou melhor, foi lembrado por nome próprio modernismo, "Ho chris de cos "alcoólicos" — o primeiro título imaginado para a obra ora Eu de sie, aguardante, cachaca — temos ali alguns dos mais significativos poemas de Apollinaire, tanto em verso regular como em verso livre. Já vimos, com Zola, um exemplo diste último. Vejamos uma das mais belas canções de Apollinaire:

LE POET MIRABEAU

Sous le pont Mirabeau coule le Seine
Et ses amours
Faut-il qu'il n'en soussienne
La joie venait toujours après la peine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les mains dans les mains restera face
[à face]
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les amours s'en vont comme cette eau
[coulante]
Et comme l'Espérance est violente

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Passent les jours et passent les semaines
Ni temps passé
Ni les amours reviennent
Sous le pont Mirabeau coule le Seine

LA TORTUE

De Thore vague, ô delire!
Mes doigts sûrs font sonner le lys.
Les amoureux passent aux yeux
De ma tortue, de mes chapareux.

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

(A PONTE MIRABEAU)

Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina
Com seus amores
Oh amante serena
Alegria que vem depois da pena

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Mãos nas mãos que fiquem face à face
Esquadrado sob
A ponte de nossos braços passe
Eterna e lasca a correnteza vá-se

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

O amor se vai como a água corrente
O amor se vai
Ah como a vida é lenta
Como a Esperança é violenta

LE PAYSAN

que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Passam-se os dias serenos amados
Tempo passado
Também se amara passava-se a pena,
Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina.

Constante da poesia em verso, ideológica, de Apollinaire: pôs pelas transições violentas, pelas surpresas (comparar com o nome CDA); monologos cinematográficos, contrastes entre simplicidade e perlocução, neologismos e arcaísmos, tradicionalismo e revolução, "humour" e sentimentalismo, poesia de amante realismo e poesia de "pietoso", vocabulário modigliano, bustinas geográficas, alegorias, alusões bíblicas e bíblicas, "a poesia está em toda parte", exclamações, etc. Apollinaire a grande poeta: Rimbaud, Villon, Rimbaud, Verlaine, Moréas, Régner, Maeterlinck, Lautréamont, Rimbaud, Hone, Laforgue e sobretudo Jarry, de um lado e, do outro, futurismo, dadaísmo, surrealismo. Toda a poesia contemporânea da França e de outros. Tradicionalista convicto, revolucionário convicto:

"Tenho vontade de ser um poeta novo tanto na forma como no fundo, mas um contrário de alguns modernos não fundamentados em sua arte (tenho o gosto profundo das grandes épocas, quando dizem que honro infinitamente o Grande Século e particularmente napoleões que com modo se chamam clássicos. E diversos de Racine, de La Fontaine, de Molière, de Malherbe e por Maynard a admiração que convenci por essas maravilhosas verificações."

Em "Alcools" — sem dúvida o livro mais rico de Apollinaire, ao lado de "Calligrammes" — encontramos o famoso "Les Colchiques", o máximo produto acabado de seu autor e um dos mais altos momentos da língua poética francesa:

LES COLCHIKES

Le pré est vénérable mais joli en automne
Les caresses y passent
Lentement s'empoisonnent
Le colchique couleur de cerise et de lilas
Y fleurit ses yeux sont comme cette
[fleur]
Violette comme leur cerise et comme cet
[automne]
Et moi vie pour les yeux lentement
[s'empoisonnent]

Les enfants de l'école viennent avec
[franc]
Vêtus de haupelans et jouant de
[l'harmonica]
Ils cueillent les colchiques qui sent cosmé
[mie des meris]
Filles de fleurs lilas et sont couleur de
[l'oeil]
Qui battent comme les fleurs battent au
[vent] dément

Le gardien du troupeau chante tout
[s'éprouvant]
Tandis que les vaches et les vaches
[s'abandonnent]
Four toujours se grand par mal flusier par
[l'automne]

LA MATA-CÃO

O grão é venenoso mas é lindu no outono
As vres pastam lá
E lêdas se arrastam
O mata-cão fureta ali côco-litu
E de corne e de olhos e tem olhos de moço
São como die violantes como o cerne e o
[l'automne]
E ainda vida que tem olhos carencias
[l'automne]

Os memos fureta realjo
Chegan para cêlher as vres — mata-cão —
Vres filhas das vres vres máis
Vres ôs deusa pilhas um repêto atjo
De fio batendo em fio ô vres máis

hata-se nos para girar em sublechar
[s'abandonnent]
Hata teos as vres
Para saber se o dono é fitevado se não
Oh grão que contêjo
Hata-se cor e sem dos passos ôtes
Para poder apêto para sempre a direçã
[que tomaram]

Jastan-me todos fure para dar-me o direto
De recolher os vres
Um ôis em separar por mim mesmo
Hata-me Guilhermo é tempo de chegar
Com passos lilas aquêto que amo avançã
[vire] a como
E não me contêto entre fio
Os zigantes cobertos de alga passavam pelas
[côco-litadas]

Éram ilhas as suas tôres finas
E fure mar com se claridade de seu leito
Cvria sempre de máis vres e fure palmar
[l'automne]

Depois em terra chegavam mil trilhões brandas
Cada homem tratava uma rosa na mão
E a língua que inventavam a corinha da
[l'automne]

Apollinaire: "Ho que concerne à penultima, só a suprimi porque me parece inútil e é com efeito, pois o próprio ritmo e o corte das frases já a verdadeira penultima, não havendo necessidade de uma outra. Mas veros foram quase todos publicados tal como existiam do bôris. Componho geralmente caminhando e cantando a partir de duas ou três frases que me chegam naturalmente e que um de meus amigos canta. A pontuação corrente não se aplica a tais canções". Observar, também, que muitos dos melhores efeitos da técnica de Apollinaire se devem à falta de pontuação e à sintaxe "simultânea" que daí às vezes resulta. O ideal de simultaneidade, presente em Apollinaire (e que, por outro lado, viria, entre outras coisas, a dar lugar aos calligramas) é também, como já vimos, característica central do dinamismo futurista.

Voltando um pouco atrás: antes de "Alcools", Apollinaire publicara, 1911, um gravura de Dufy, o seu "Bâtard", cu "Cortejo de Orfeu", onde já se nota o slogan de "a poesia está em toda parte". Apollinaire recusa sêr-se a temáticas tradicional e celebra a farturaga, a cabra do Tibé, o drumôdário, o rato, a lagarta, a pulga, o caranguejo, a coruja, etc., em pequenas quadras rimadas, -heias do surpresa. Exemplos:

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

(O CAMELO)

Com seus quatro camélos
O Fido d'Alfonsober
Sob o pé mudo sem câra não heira,
Tudo se mata pelo
Camélio, se tivesse camélio!

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

LA CHENILLE

Le travail mérité à la richesse.
Peux-tu, pauvre, travailler!
La chenille se peignait sans cesse
Devient le riche papillon.

(A LAGARTA)

O lagarta leva à rapace.
Aiá, trabalha, sem pecha porta!
A lagarta se arreia até à beleza,
Virando a sua barbatana.

IRIS

Oui, j'étais dans l'ombre terrassée.
O mort certain, ainsi soit-il!
L'affin mortel, parole affreuse
Ihã, c'est un des bords du Nil.

IRIS

Sim, eu segui-te riuho a temara terrassá.
Ôh morte certa, eu também...
Mortelzinho, palavra afreuzada,
Ihã, ave do Nilo, amém!

Como se vê, uma quase poesia-canta que tem seus muitos antecedentes sobretudo na idade-média francesa mas que é sem dúvida, por sua vez, predecessora dos "collages" de mais tarde. Voltando, entretanto, aos "Alcools", Resse li-vro que tanto lembra o nosso próprio modernismo (o não especialmente nacio-nalista), ou melhor, foi lembrado por nome próprio modernismo, "Ho chris de cos "alcoólicos" — o primeiro título imaginado para a obra ora Eu de sie, aguardante, cachaca — temos ali alguns dos mais significativos poemas de Apollinaire, tanto em verso regular como em verso livre. Já vimos, com Zola, um exemplo diste último. Vejamos uma das mais belas canções de Apollinaire:

LE POET MIRABEAU

Sous le pont Mirabeau coule le Seine
Et ses amours
Faut-il qu'il n'en soussienne
La joie venait toujours après la peine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les mains dans les mains restera face
[à face]
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les amours s'en vont comme cette eau
[coulante]
Et comme l'Espérance est violente

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Passent les jours et passent les semaines
Ni temps passé
Ni les amours reviennent
Sous le pont Mirabeau coule le Seine

LA TORTUE

De Thore vague, ô delire!
Mes doigts sûrs font sonner le lys.
Les amoureux passent aux yeux
De ma tortue, de mes chapareux.

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

(A PONTE MIRABEAU)

Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina
Com seus amores
Oh amante serena
Alegria que vem depois da pena

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Mãos nas mãos que fiquem face à face
Esquadrado sob
A ponte de nossos braços passe
Eterna e lasca a correnteza vá-se

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

O amor se vai como a água corrente
O amor se vai
Ah como a vida é lenta
Como a Esperança é violenta

LE PAYSAN

que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Passam-se os dias serenos amados
Tempo passado
Também se amara passava-se a pena,
Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina.

Constante da poesia em verso, ideológica, de Apollinaire: pôs pelas transições violentas, pelas surpresas (comparar com o nome CDA); monologos cinematográficos, contrastes entre simplicidade e perlocução, neologismos e arcaísmos, tradicionalismo e revolução, "humour" e sentimentalismo, poesia de amante realismo e poesia de "pietoso", vocabulário modigliano, bustinas geográficas, alegorias, alusões bíblicas e bíblicas, "a poesia está em toda parte", exclamações, etc. Apollinaire a grande poeta: Rimbaud, Villon, Rimbaud, Verlaine, Moréas, Régner, Maeterlinck, Lautréamont, Rimbaud, Hone, Laforgue e sobretudo Jarry, de um lado e, do outro, futurismo, dadaísmo, surrealismo. Toda a poesia contemporânea da França e de outros. Tradicionalista convicto, revolucionário convicto:

"Tenho vontade de ser um poeta novo tanto na forma como no fundo, mas um contrário de alguns modernos não fundamentados em sua arte (tenho o gosto profundo das grandes épocas, quando dizem que honro infinitamente o Grande Século e particularmente napoleões que com modo se chamam clássicos. E diversos de Racine, de La Fontaine, de Molière, de Malherbe e por Maynard a admiração que convenci por essas maravilhosas verificações."

Em "Alcools" — sem dúvida o livro mais rico de Apollinaire, ao lado de "Calligrammes" — encontramos o famoso "Les Colchiques", o máximo produto acabado de seu autor e um dos mais altos momentos da língua poética francesa:

LES COLCHIKES

Le pré est vénérable mais joli en automne
Les caresses y passent
Lentement s'empoisonnent
Le colchique couleur de cerise et de lilas
Y fleurit ses yeux sont comme cette
[fleur]
Violette comme leur cerise et comme cet
[automne]
Et moi vie pour les yeux lentement
[s'empoisonnent]

Les enfants de l'école viennent avec
[franc]
Vêtus de haupelans et jouant de
[l'harmonica]
Ils cueillent les colchiques qui sent cosmé
[mie des meris]
Filles de fleurs lilas et sont couleur de
[l'oeil]
Qui battent comme les fleurs battent au
[vent] dément

Le gardien du troupeau chante tout
[s'éprouvant]
Tandis que les vaches et les vaches
[s'abandonnent]
Four toujours se grand par mal flusier par
[l'automne]

LA MATA-CÃO

O grão é venenoso mas é lindu no outono
As vres pastam lá
E lêdas se arrastam
O mata-cão fureta ali côco-litu
E de corne e de olhos e tem olhos de moço
São como die violantes como o cerne e o
[l'automne]
E ainda vida que tem olhos carencias
[l'automne]

Os memos fureta realjo
Chegan para cêlher as vres — mata-cão —
Vres filhas das vres vres máis
Vres ôs deusa pilhas um repêto atjo
De fio batendo em fio ô vres máis

hata-se nos para girar em sublechar
[s'abandonnent]
Hata teos as vres
Para saber se o dono é fitevado se não
Oh grão que contêjo
Hata-se cor e sem dos passos ôtes
Para poder apêto para sempre a direçã
[que tomaram]

Jastan-me todos fure para dar-me o direto
De recolher os vres
Um ôis em separar por mim mesmo
Hata-me Guilhermo é tempo de chegar
Com passos lilas aquêto que amo avançã
[vire] a como
E não me contêto entre fio
Os zigantes cobertos de alga passavam pelas
[côco-litadas]

Éram ilhas as suas tôres finas
E fure mar com se claridade de seu leito
Cvria sempre de máis vres e fure palmar
[l'automne]

Depois em terra chegavam mil trilhões brandas
Cada homem tratava uma rosa na mão
E a língua que inventavam a corinha da
[l'automne]

Apollinaire: "Ho que concerne à penultima, só a suprimi porque me parece inútil e é com efeito, pois o próprio ritmo e o corte das frases já a verdadeira penultima, não havendo necessidade de uma outra. Mas veros foram quase todos publicados tal como existiam do bôris. Componho geralmente caminhando e cantando a partir de duas ou três frases que me chegam naturalmente e que um de meus amigos canta. A pontuação corrente não se aplica a tais canções". Observar, também, que muitos dos melhores efeitos da técnica de Apollinaire se devem à falta de pontuação e à sintaxe "simultânea" que daí às vezes resulta. O ideal de simultaneidade, presente em Apollinaire (e que, por outro lado, viria, entre outras coisas, a dar lugar aos calligramas) é também, como já vimos, característica central do dinamismo futurista.

Voltando um pouco atrás: antes de "Alcools", Apollinaire publicara, 1911, um gravura de Dufy, o seu "Bâtard", cu "Cortejo de Orfeu", onde já se nota o slogan de "a poesia está em toda parte". Apollinaire recusa sêr-se a temáticas tradicional e celebra a farturaga, a cabra do Tibé, o drumôdário, o rato, a lagarta, a pulga, o caranguejo, a coruja, etc., em pequenas quadras rimadas, -heias do surpresa. Exemplos:

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

(O CAMELO)

Com seus quatro camélos
O Fido d'Alfonsober
Sob o pé mudo sem câra não heira,
Tudo se mata pelo
Camélio, se tivesse camélio!

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

LA CHENILLE

Le travail mérité à la richesse.
Peux-tu, pauvre, travailler!
La chenille se peignait sans cesse
Devient le riche papillon.

(A LAGARTA)

O lagarta leva à rapace.
Aiá, trabalha, sem pecha porta!
A lagarta se arreia até à beleza,
Virando a sua barbatana.

IRIS

Oui, j'étais dans l'ombre terrassée.
O mort certain, ainsi soit-il!
L'affin mortel, parole affreuse
Ihã, c'est un des bords du Nil.

IRIS

Sim, eu segui-te riuho a temara terrassá.
Ôh morte certa, eu também...
Mortelzinho, palavra afreuzada,
Ihã, ave do Nilo, amém!

Como se vê, uma quase poesia-canta que tem seus muitos antecedentes sobretudo na idade-média francesa mas que é sem dúvida, por sua vez, predecessora dos "collages" de mais tarde. Voltando, entretanto, aos "Alcools", Resse li-vro que tanto lembra o nosso próprio modernismo (o não especialmente nacio-nalista), ou melhor, foi lembrado por nome próprio modernismo, "Ho chris de cos "alcoólicos" — o primeiro título imaginado para a obra ora Eu de sie, aguardante, cachaca — temos ali alguns dos mais significativos poemas de Apollinaire, tanto em verso regular como em verso livre. Já vimos, com Zola, um exemplo diste último. Vejamos uma das mais belas canções de Apollinaire:

LE POET MIRABEAU

Sous le pont Mirabeau coule le Seine
Et ses amours
Faut-il qu'il n'en soussienne
La joie venait toujours après la peine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les mains dans les mains restera face
[à face]
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les amours s'en vont comme cette eau
[coulante]
Et comme l'Espérance est violente

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Passent les jours et passent les semaines
Ni temps passé
Ni les amours reviennent
Sous le pont Mirabeau coule le Seine

LA TORTUE

De Thore vague, ô delire!
Mes doigts sûrs font sonner le lys.
Les amoureux passent aux yeux
De ma tortue, de mes chapareux.

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

(A PONTE MIRABEAU)

Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina
Com seus amores
Oh amante serena
Alegria que vem depois da pena

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Mãos nas mãos que fiquem face à face
Esquadrado sob
A ponte de nossos braços passe
Eterna e lasca a correnteza vá-se

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

O amor se vai como a água corrente
O amor se vai
Ah como a vida é lenta
Como a Esperança é violenta

LE PAYSAN

que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Passam-se os dias serenos amados
Tempo passado
Também se amara passava-se a pena,
Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina.

Constante da poesia em verso, ideológica, de Apollinaire: pôs pelas transições violentas, pelas surpresas (comparar com o nome CDA); monologos cinematográficos, contrastes entre simplicidade e perlocução, neologismos e arcaísmos, tradicionalismo e revolução, "humour" e sentimentalismo, poesia de amante realismo e poesia de "pietoso", vocabulário modigliano, bustinas geográficas, alegorias, alusões bíblicas e bíblicas, "a poesia está em toda parte", exclamações, etc. Apollinaire a grande poeta: Rimbaud, Villon, Rimbaud, Verlaine, Moréas, Régner, Maeterlinck, Lautréamont, Rimbaud, Hone, Laforgue e sobretudo Jarry, de um lado e, do outro, futurismo, dadaísmo, surrealismo. Toda a poesia contemporânea da França e de outros. Tradicionalista convicto, revolucionário convicto:

"Tenho vontade de ser um poeta novo tanto na forma como no fundo, mas um contrário de alguns modernos não fundamentados em sua arte (tenho o gosto profundo das grandes épocas, quando dizem que honro infinitamente o Grande Século e particularmente napoleões que com modo se chamam clássicos. E diversos de Racine, de La Fontaine, de Molière, de Malherbe e por Maynard a admiração que convenci por essas maravilhosas verificações."

Em "Alcools" — sem dúvida o livro mais rico de Apollinaire, ao lado de "Calligrammes" — encontramos o famoso "Les Colchiques", o máximo produto acabado de seu autor e um dos mais altos momentos da língua poética francesa:

LES COLCHIKES

Le pré est vénérable mais joli en automne
Les caresses y passent
Lentement s'empoisonnent
Le colchique couleur de cerise et de lilas
Y fleurit ses yeux sont comme cette
[fleur]
Violette comme leur cerise et comme cet
[automne]
Et moi vie pour les yeux lentement
[s'empoisonnent]

Les enfants de l'école viennent avec
[franc]
Vêtus de haupelans et jouant de
[l'harmonica]
Ils cueillent les colchiques qui sent cosmé
[mie des meris]
Filles de fleurs lilas et sont couleur de
[l'oeil]
Qui battent comme les fleurs battent au
[vent] dément

Le gardien du troupeau chante tout
[s'éprouvant]
Tandis que les vaches et les vaches
[s'abandonnent]
Four toujours se grand par mal flusier par
[l'automne]

LA MATA-CÃO

O grão é venenoso mas é lindu no outono
As vres pastam lá
E lêdas se arrastam
O mata-cão fureta ali côco-litu
E de corne e de olhos e tem olhos de moço
São como die violantes como o cerne e o
[l'automne]
E ainda vida que tem olhos carencias
[l'automne]

Os memos fureta realjo
Chegan para cêlher as vres — mata-cão —
Vres filhas das vres vres máis
Vres ôs deusa pilhas um repêto atjo
De fio batendo em fio ô vres máis

hata-se nos para girar em sublechar
[s'abandonnent]
Hata teos as vres
Para saber se o dono é fitevado se não
Oh grão que contêjo
Hata-se cor e sem dos passos ôtes
Para poder apêto para sempre a direçã
[que tomaram]

Jastan-me todos fure para dar-me o direto
De recolher os vres
Um ôis em separar por mim mesmo
Hata-me Guilhermo é tempo de chegar
Com passos lilas aquêto que amo avançã
[vire] a como
E não me contêto entre fio
Os zigantes cobertos de alga passavam pelas
[côco-litadas]

Éram ilhas as suas tôres finas
E fure mar com se claridade de seu leito
Cvria sempre de máis vres e fure palmar
[l'automne]

Depois em terra chegavam mil trilhões brandas
Cada homem tratava uma rosa na mão
E a língua que inventavam a corinha da
[l'automne]

Apollinaire: "Ho que concerne à penultima, só a suprimi porque me parece inútil e é com efeito, pois o próprio ritmo e o corte das frases já a verdadeira penultima, não havendo necessidade de uma outra. Mas veros foram quase todos publicados tal como existiam do bôris. Componho geralmente caminhando e cantando a partir de duas ou três frases que me chegam naturalmente e que um de meus amigos canta. A pontuação corrente não se aplica a tais canções". Observar, também, que muitos dos melhores efeitos da técnica de Apollinaire se devem à falta de pontuação e à sintaxe "simultânea" que daí às vezes resulta. O ideal de simultaneidade, presente em Apollinaire (e que, por outro lado, viria, entre outras coisas, a dar lugar aos calligramas) é também, como já vimos, característica central do dinamismo futurista.

Voltando um pouco atrás: antes de "Alcools", Apollinaire publicara, 1911, um gravura de Dufy, o seu "Bâtard", cu "Cortejo de Orfeu", onde já se nota o slogan de "a poesia está em toda parte". Apollinaire recusa sêr-se a temáticas tradicional e celebra a farturaga, a cabra do Tibé, o drumôdário, o rato, a lagarta, a pulga, o caranguejo, a coruja, etc., em pequenas quadras rimadas, -heias do surpresa. Exemplos:

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

(O CAMELO)

Com seus quatro camélos
O Fido d'Alfonsober
Sob o pé mudo sem câra não heira,
Tudo se mata pelo
Camélio, se tivesse camélio!

(A TARTARUGA)

Magis de un Trié, delin
En sonne dalle ogares a B.
Des animalis são nome e animalis:
Ee, minha tartaruga, meo cantis!

LA CHENILLE

Le travail mérité à la richesse.
Peux-tu, pauvre, travailler!
La chenille se peignait sans cesse
Devient le riche papillon.

(A LAGARTA)

O lagarta leva à rapace.
Aiá, trabalha, sem pecha porta!
A lagarta se arreia até à beleza,
Virando a sua barbatana.

IRIS

Oui, j'étais dans l'ombre terrassée.
O mort certain, ainsi soit-il!
L'affin mortel, parole affreuse
Ihã, c'est un des bords du Nil.

IRIS

Sim, eu segui-te riuho a temara terrassá.
Ôh morte certa, eu também...
Mortelzinho, palavra afreuzada,
Ihã, ave do Nilo, amém!

Como se vê, uma quase poesia-canta que tem seus muitos antecedentes sobretudo na idade-média francesa mas que é sem dúvida, por sua vez, predecessora dos "collages" de mais tarde. Voltando, entretanto, aos "Alcools", Resse li-vro que tanto lembra o nosso próprio modernismo (o não especialmente nacio-nalista), ou melhor, foi lembrado por nome próprio modernismo, "Ho chris de cos "alcoólicos" — o primeiro título imaginado para a obra ora Eu de sie, aguardante, cachaca — temos ali alguns dos mais significativos poemas de Apollinaire, tanto em verso regular como em verso livre. Já vimos, com Zola, um exemplo diste último. Vejamos uma das mais belas canções de Apollinaire:

LE POET MIRABEAU

Sous le pont Mirabeau coule le Seine
Et ses amours
Faut-il qu'il n'en soussienne
La joie venait toujours après la peine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les mains dans les mains restera face
[à face]
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les amours s'en vont comme cette eau
[coulante]
Et comme l'Espérance est violente

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Passent les jours et passent les semaines
Ni temps passé
Ni les amours reviennent
Sous le pont Mirabeau coule le Seine

LA TORTUE

De Thore vague, ô delire!
Mes doigts sûrs font sonner le lys.
Les amoureux passent aux yeux
De ma tortue, de mes chapareux.

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

(A PONTE MIRABEAU)

Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina
Com seus amores
Oh amante serena
Alegria que vem depois da pena

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Mãos nas mãos que fiquem face à face
Esquadrado sob
A ponte de nossos braços passe
Eterna e lasca a correnteza vá-se

Que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

O amor se vai como a água corrente
O amor se vai
Ah como a vida é lenta
Como a Esperança é violenta

LE PAYSAN

que venha a noite que não a hura
De dias vácuo ou fito asura

Passam-se os dias serenos amados
Tempo passado
Também se amara passava-se a pena,
Sob a ponte Mirabeau escorre o Seina.

Constante da poesia em verso, ideológica, de Apollinaire: pôs pelas transições violentas, pelas surpresas (comparar com o nome CDA); monologos cinematográficos, contrastes entre simplicidade e perlocução, neologismos e arcaísmos, tradicionalismo e revolução, "humour" e sentimentalismo, poesia de amante realismo e poesia de "pietoso", vocabulário modigliano, bustinas geográficas, alegorias, alusões bíblicas e bíblicas, "a poesia está em toda parte", exclamações, etc. Apollinaire a grande poeta: Rimbaud, Villon, Rimbaud, Verlaine, Moréas, Régner, Maeterlinck, Lautréamont, Rimbaud, Hone, Laforgue e sobretudo Jarry, de um lado e, do outro, futurismo, dadaísmo, surrealismo. Toda a poesia contemporânea da França e de outros. Tradicionalista convicto, revolucionário convicto:

"Tenho vontade de ser um poeta novo tanto na forma como no fundo, mas um contrário de alguns modernos não fundamentados em sua arte (tenho o gosto profundo das grandes épocas, quando dizem que honro infinitamente o Grande Século e particularmente napoleões que com modo se chamam clássicos. E diversos de Racine, de La Fontaine, de Molière, de Malherbe e por Maynard a admiração que convenci por essas maravilhosas verificações."

Em "Alcools" — sem dúvida o livro mais rico de Apollinaire, ao lado de "Calligrammes" — encontramos o famoso "Les Colchiques", o máximo produto acabado de seu autor e um dos mais altos momentos da língua poética francesa:

LES COLCHIKES

Le pré est vénérable mais joli en automne
Les caresses y

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: APOLLINAIRE – II
AUTOR	Guillaume Apollinaire, 1880-1918. Nascido na Itália, considerado poeta francês.
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 07
PUBLICAÇÃO	Monolíngue e Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso (5) e prosa (2)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	02 fev. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 070. SD, n. 088. JB, n. 027 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 02 fev. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p.7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Eterno pesquisador”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 315-354.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/83899
DESCRIÇÃO	Segundo artigo sobre a poesia de Apollinaire, com traduções de vários poemas, incluindo um excerto de carta e outro depoimento do autor.
OBSERVAÇÕES	Em <i>Artesanatos de poesia</i> (2004) foi suprimido a parte inicial do artigo, bem como seus 5 poemas curtos traduzidos por Mário Faustino.

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: APOLLINAIRE – III
AUTOR	Guillaume Apollinaire, 1880-1918. Nascido na Itália, considerado poeta francês.
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 03
PUBLICAÇÃO	Monolíngue e Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso (2) e prosa (1)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	09 fev. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 071. SD, n. 089. JB, n. 033 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 fev. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p.7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Eterno pesquisador”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 315-354.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/84163
DESCRIÇÃO	Crítica e tradução. Publicação monolíngue e bilíngue. Tradução direta, em verso e prosa. “Toujours” (“Sempre”), “A Linda ruiva” (“A tradução conserva poucas rimas do original”), “Ville presque morte, ô cité” (trad. prosa).
OBSERVAÇÕES	Ao lado dessa publicação, MF publica a tradução de “O novo espírito e os poetas” de Apollinaire, na seção de textos críticos “Textos-pretexos para discussão”.

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: APOLLINAIRE – IV
AUTOR	Guillaume Apollinaire, 1880-1918. Nascido na Itália, considerado poeta francês.
TEXTO ORIGINAL	Caligramas: “Paysage” e “Il Pleut”.
TEXTO TRADUZIDO	“Chove”.
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 02
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: francês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução em verso
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	16 fev. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 072. SD, n. 090. JB, n. 039 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 fev. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p.7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Eterno pesquisador”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 315-354.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/84359
DESCRIÇÃO	Comentário e tradução. Quarto artigo sobre a poesia de Apollinaire. Reproduz dois caligramas, os quais MF reproduziu os versos em sentido linear, no texto de origem e em tradução.
OBSERVAÇÕES	Nesse texto, Mário Faustino reproduz alguns caligramas e os traduz. Ao lado da seção “Fontes”, Faustino publica a continuação da tradução do texto crítico de Apollinaire.

CUBISMO: APOLLINAIRE - V

Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea

CUBISMO: Apollinaire, V

Impos-se não discutir densidade de poesia "cubista" em obras de Apollinaire...

Intepretação clássica de uma "mensagem" "cubista" descrevendo o lugar de análise-discursiva...

Apelo de Campos em "Pantoflas" para uma "mensagem" "cubista" descrevendo o lugar de análise-discursiva...

Essa previsão em Zanz, que a poeta escreve para o mesmo episódio que se situa em sua memória...

Repetição de palavras repetidas em Apollinaire não significa uma repetição de palavras...

Uma linguagem construída de Apollinaire a vantagem de permitir o uso de palavras...

Os que falam a Apollinaire, incluindo em sua linguagem de obra, a sua voz ou a sua, uma poesia identificável...

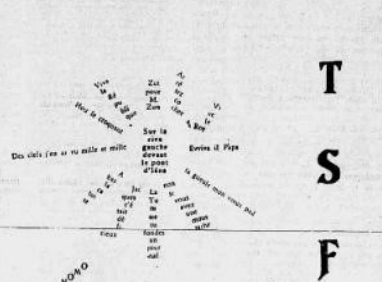
Um novo da poesia "cubista" de Apollinaire, no sentido de uma poesia identificável...

Uma linguagem construída de Apollinaire a vantagem de permitir o uso de palavras...

LETTRE-OCEAN

J'étais au bord du Rhin quand tu partis pour le Mexique Ta voix me parvient malgré l'énorme distance Gens de mauvaise mine sur la quai à la Vera Cruz

Les voyageurs de l'Espagne devant faire le voyage de Coateacoalcos pour s'embarquer je t'envoie cette carte aujourd'hui au lieu



BONJOUR MON FRÈRE ALBERT à Mexico

Je souviens-tu du tremblement de terre entre 1885 et 1890 on coucha plus d'un mois sous la tente

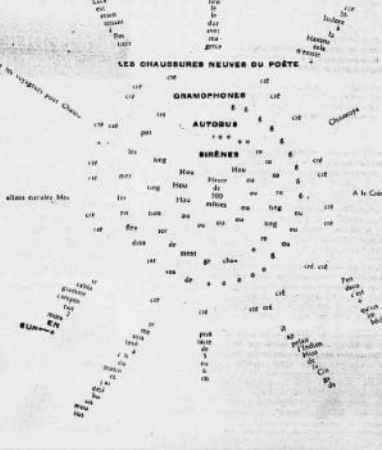


Figura 135 - CUBISMO: APOLLINAIRE - V. Crítica e tradução de Mário Faustino. 35º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 02 mar. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

FICHA DA PUBLICAÇÃO

TÍTULO	CUBISMO: APOLLINAIRE – V
AUTOR	Guillaume Apollinaire, 1880-1918. Nascido na Itália, considerado poeta francês.
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Fragmento (crítica): 01
PUBLICAÇÃO	Monolíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução de prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	02 mar. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 073. SD, n. 092. JB, n. 049 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 02 mar. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p.7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Eterno pesquisador”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 315-354.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/84805
DESCRIÇÃO	Quinto artigo sobre a poesia de Apollinaire, com tradução e citações de trechos da crítica. Citação de um trecho de Augusto de Campos sobre o poeta, em “Pontos-Periferia-Poesia Concreta” (SDJB, 11/11/56).
OBSERVAÇÕES	Tradução de trechos de “Poète de l’invention”, em Guillaume Apollinaire, <i>Textes inédits</i> , Genebra, Droz, 1952, p. 127-8, 131. MF reproduz o caligrama “Lettre-Océan”, com a seguinte observação: “Eis a famosa ‘Lettre-Océan’, de Apollinaire: aspectos “essenciais” de uma carta, montados numa ordem mais ‘projetada’ que impressa, tentativa de simultaneidade comunicativa. Pouco sucesso: a sensação comunicada não é de totalidade e sim de desordem. Faltam a este poema os elos analógicos capazes de conferir-lhe ordem própria. Não funciona como os quadros cubistas cujo processo sintético abstracionista procura limitar”.

CUBISMO: BLAISE CENDRAS

Journal de Brasil, 1958, 1.1. Supplemento Cultural, p. 9

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Estudioso português de Blaise Cendrars... Fontes e correntes da poesia contemporânea... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra...

Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra...

Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra...

Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra...

Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra... Na Sibéria travessia e canção, era a guerra...

Figura 136 – CUBISMO: BLAISE CENDRAS. Crítica e tradução de Mário Faustino. 37º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 09 mar. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: BLAISE CENDRAS
AUTOR	Blaise Cendrars, 1887-1961 (Suíça).
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 03 Fragmentos: 02
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português e francês.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta, em versos e prosa.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	09 mar. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 074. SD, n. 093. JB, n. 055 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 09 mar. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p.7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Pitoresco e divagação”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 355-369.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/85081
DESCRIÇÃO	Publicação de artigo crítico acompanhado de traduções poéticas, em verso e prosa. Tradução direta. Monolíngue.
OBSERVAÇÕES	Tradução de fragmentos (2) de Blaise, dedicada aos músicos, em versos. Poemas: “Naturezas-Mortas”, “Pedro Álvares Cabral”, “Borboleta”, “Ilhas”, “São Paulo”, “Cabo Frio”, “Minha dança”, Moravagine (trecho), e fragmento de Michel Manol sobre Blaise. Reprodução de poemas em francês: “poética” e “Acaémie Mêdrano”.

CUBISMO: JACOB E FARGUE

Poesia - Experiência - Mário Faustino

FONTES E CORRENTES DA

POESIA CONTEMPORÂNEA

Cubismo: JACOB E FARGUE

Max Jacob (1878-1954) e Léon-Paul Fargue (1894-1971), mais conhecidos como "Jacob" e "Fargue", são dois dos principais nomes da poesia cubista francesa...

que lêem poesia / pela frente e por detrás / A poesia se vive / sobretudo quando há / A vida e a vida se vive / E a vida se vive / E a vida se vive...

POUR LES KIFFANTS ET POUR LES RAFFINES

A Paris / Sur un cheval noir / A bicyclette / Sur un cheval noir / A bicyclette / Sur un cheval noir / A bicyclette...

ANNÉE DU MAIN

Les nuages décapotent / Manges adagiers, où... et j'ai écrit / Manges adagiers, où... et j'ai écrit / Manges adagiers, où... et j'ai écrit...

VARIATION D'UNE FORMULE

La bicyclette est / La bicyclette est / La bicyclette est / La bicyclette est / La bicyclette est / La bicyclette est...

SEUL EN AIR CUBAIN

Le soleil / Seul en air cubain / Seul en air cubain / Seul en air cubain / Seul en air cubain / Seul en air cubain...

Max Jacob é um autor de rara "bravura" cubista. Sua poesia "cubista" tende para o surrealismo, com uma linguagem que se liberta das regras da gramática e da sintaxe...

Não todo o cubista, nem todo o surrealista, tem a mesma atitude. Há aqueles que se limitam a imitar a linguagem cubista, sem compreender a sua essência...

Um poema de Jacob que nos dá de perceber: "Manges adagiers" é uma composição em verso, que começa —

— Chega das longas cartelas, das longas e curvas. / A vida se vive / E a vida se vive / E a vida se vive / E a vida se vive...

MADRIGÁIS

Que trata a madrugada a verde / Que trata a madrugada a verde / Que trata a madrugada a verde / Que trata a madrugada a verde / Que trata a madrugada a verde...

BISSAGE

O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido...

Journal de

Cria medos, mas a voz / (Que instruído, entristecido) / Através de andares abastados de luz / Como um cilindro lúcido e claro...

ENCONTRO ENTRE PAPÉIS DE FAMILIA

Tanto sonho, tanta sonho que não sou mais / Tanto sonho, tanta sonho que não sou mais / Tanto sonho, tanta sonho que não sou mais / Tanto sonho, tanta sonho que não sou mais...

GABRIEL

O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido / O meu vale sempre entristecido...

Pedras de Toque

Le lierre crépitait ainsi / qu'un choc de bigones / montaient comme des râles / Les a i e e des pignons / montaient comme des râles...

Figura 137 – CUBISMO: JACOB E FARGUE. Crítica e tradução de Mário Faustino. 38º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 16 mar. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: JACOB E FARGUE
AUTOR	Max Jacob, 1876-1944 (França). León-Paul Fargue, 1876-1947 (França).
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 01 Prosa-poética: 01
PUBLICAÇÃO	Monolíngue (port e francês) e bilíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês.
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta, em versos e prosa.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	16 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 075. SD, n. 094. JB, n. 061 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 16 mar. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Poetas objetivistas”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 370-83.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/85357
DESCRIÇÃO	Max Jacob (bilíngue e transcrição): “Pour les enfants et pour raffinés » (« Para as crianças e os refinados »), « La cuisinière royale ». Reproduções : « Avenue du maine », « Variation d’une formule », « Le marchand de Gand » (trechos finais), « Sur un air connu », « Etablissement d’une communauté au Brésil » (dois versos). Dois poemas traduzidos. Fargue (monolíngue): « Madrugadas », « Kioske », « Encontrado entre papéis da família”, “Gaiolas” (Poesia em prosa). Comentário sobre tradução: “Veja-se, por exemplo, o intraduzível “Avenue du Maine”, em que MJ joga com as palavras ménage, ménager, déménager, manège, âge, méner, Maine etc.” 2 poemas e 1 poema em prosa.
OBSERVAÇÕES	Comentário crítico e tradução de poemas. Série de artigos sobre a poesia cubista.

CUBISMO: REVERDY

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Cubismo: Reverdy

"O documental é o contrário da arte".
Assim, em seus poemas, há uma transformação fundamental de arte. Em lugar de uma expressão de sentimentos...

uma deplorável dificuldade de leitura, vive de muitas partes suas disposições, cuja razão de ser puramente literária...

no que silêncios, aboliu, vivia, desilpi- na, rigor, em suas à falta muita vez dispersa (mas sempre criadora) que co- ntribuiu a poesia francesa abstrata...

Para a crítica depois de criada e aban- dona a sua própria lei. Cada poema tem também razões, vivendo à custa de suas próprias razões, nos mesmos de- sejos, uma construção. Que não nos enganemos com as abstrações, os cadafalsos, os monumentos monumentali- zados de Reverdy. Em sua linguagem, ab- solutamente, no mesmo poema, oradi- ta e esquisita, pessoal e impossível...

"A língua de seus poemas de arte é um estranho. No momento em que não encontra o equilíbrio e pára de pé, é que é lírica".
"O que a público não quer é não perceber, é que há quinzenas, movem algo diferente da que são poetas".
"Quando a alma não compreende, pára e culpa ao livro, ou ao poeta, ou a crítica? Por que é que a público não tem a culpa de não compreender?"

Tratamos de um cuidado de tal modo especial e de tamanha rigidez na disposição tipográfica, que em breve se poderia dizer a transformação da litera- tura em simples apresentação tipó- grafica".

Pierre Reverdy (nascido em 1899)

SÉCULO

São os que estão numa porta de quem são O repulhas que me carregou é horizontal O mundo embaixo de minha cabeça aliado. São

Do todos sobre a costa No malgali a sua cabeça O vento Mar largo Os furadouros Tudo está lá expaçados

Trabalho em lá Mais longe lá: por cima do espírito O mundo desconhecido e os caminhos desconhecidos

Ninguém pensa nisso E quanto passar mais Je que tudo me arrasta

Falamos lá do que já conhecemos do que sabemos

Não temos de pedras em que brincamos Era muito pequena para poder contar-lhe E agora ser-nos-se necessário à prova ínfima para partir

Os ações Os pólicas A terra A terra Todos os indolências O certo e sua planície

F fogir Estão sentindo uma sombra que se estende sobre a região lárea As coisas chegam até a consciência das coisas

Bandejas de tempjes coloridas Papas brancas O mundo se abria

O bráveio das moças das felicitas Os sorrisos O mundo se abria

O mundo está a campo que se deita de uma vez E não A terra

A representação nunca é do espírito O mundo se abria O mundo se abria

Cráteres Conhecidos de milhares de mundos do mundo Que tudo são Pelo esforço de um A parte da espécie e do animal

Fogir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir Fugir

ESPAÇO

A estrita em fuga O espaço faz na mudança

A rede avança a nada por um fio

O céu faz deitar suas expansões

Gotas de sangue batendo no meu E a vent de tarde vindo de um jeito

MILAGRE

Colores recuadas Profanas avulsadas Bico made As distâncias de repente inventadas

Do tudo um tanto Que se fez de algar A porta se fez aberta E eu não souava entrar Tudo a que se passa por lá

Um mundo inteiro em lágo nesse quarto m do lado

PORTA FALSA OU RETRATO

No lugar que sobre si Não há quatro linhas Era quando mede o mundo se abria A não que estilha a vez quatro

A língua ressequida

A porta e o preço Rêta e dilata O claro tempo erguido se veio a um só e quieto que entendi

Não há mais porta de clava Não há mais porta de clava Não há mais porta de clava

Natureza morta-retrato

O não o cotidiano e a burocracia de labaco

Na leste Meu retrato Meu coração bola E é o péndulo

Perspectiva

O mundo está fora que me dá

Meu mundo

Eu sou a primeira

Quando o mundo se abria

O céu está fora

Figura 138 – CUBISMO: REVERDY. Crítica e tradução de Mário Faustino. 39º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 30 mar. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: REVERDY
AUTOR	Pierre Reverdy, 1889-1960 (França).
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 06 Fragmentos (prosa) 01
PUBLICAÇÃO	Monolíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta.
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	30 mar. 1957
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 077. SD, n. 096. JB, n. 073 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 30 mar. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Disciplina e rigor”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 384-93.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/85899
DESCRIÇÃO	Trechos de <i>Le gant de crin</i> , notes (1927). Poemas (monolíngue) : « Século », « Espaço », « Milagre », “Porta falsa ou retrato”, “A língua ressequida”, “Natureza Morta-retrato”, “Perspectiva”. Comentário sobre tradução: “Exemplo de Reverdy (procuramos manter o máximo possível as rimas sempre casuais, nunca sistemáticas, do original).”
OBSERVAÇÕES	Comentário crítico sobre a poética do cubista. O poeta foi publicado também na seção “Pedras de toque”.

CUBISMO: SALMON

Poesia — Experiência — Mário Faustino

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Cubismo: Salmon

Dois principais tendências (há os franco-atiradores) da poesia francesa em nosso século: o surrealismo e aquilo que se poderia chamar, talvez que por simples associação de idéias e de acontecimentos, de cubismo, isto é: consciência do espaço, aliás a virtude, em que ocorre e poema; necessidade de organizar ática através de uma estrutura própria, de uma sintaxe analógica em vários níveis, de uma "montagem" de takes, de ênfases — abelhonhas, o mais possível, e sintaxe tradicional, linear, descritiva, narrativa, expressiva. Criar, utilizando materiais previamente selecionados; compor, fazer. Deser abelha, ou tentativa de abelha, do sintaxe tradicional decorre diretamente (havendo embora outras fontes, como veremos mais tarde) a outra tendência principal da poesia francesa de nosso século: o surrealismo, onde a colagem, predominantemente analógica nos "colistas", passa a ser predominantemente sintática, automática. O cubismo — o modernismo francês — é responsável pela introdução, no político, no "sagrado", do quotidiano. O surrealismo, pela incursão automática no subconsciente, particularmente no crítico. Culturas: mas justas, claras, colocalismo. Surrealismo: a ordem da desordem. A vetra dualidade: força criadora versus disciplina criadora.

Conforme já foi visto, há alguns poetas em cuja evolução pessoal nota-se já a passagem de linha entre as duas tendências. Entre essas "poetas de ligação" podemos incluir André Salmon (nascido em 1881), um dos colaboradores de Apollinaire e dos pintores coevos da "maçã de Paris". Sua pequena epopéia — *Préface* — inspirada na revolução russa, é de composição evidentemente cubista (no sentido em que temos empregado a palavra neste artigo) e chama para si a atenção graças à primeira parte de sua obra, que, com exceção de alguns poemas do nível de *Le Cahnet*, não tem grande importância. A poesia de Salmon é predominantemente impressa, objetiva. Não a poeta se trata para mostrar (o chamado neorealismo) os objetos, fatos ou metafísicos, de sua percepção. Poesia que, nas palavras do próprio Salmon, "rejeita, deliberadamente, toda intenção de observar, glorificar, contentar: medição do fato no plano do maravilhoso". No processo de composição de Salmon — ainda a montagem por analogia — mais que em qualquer outro "cubista" já se nota uma espécie de automatismo que o aproxima, tom mais que os outros, dos surrealistas. Aliás, essa aproximação ainda mais se acentua quando consideramos a desbordada composição de Salmon nos dois poemas: o do mar e o do hotel, o do mar e o do quotidiano. A vasta obra de Salmon é, também, uma decorrência lógica da tradição poética francesa, de Villon e Rabelais, sobretudo, até seus próprios contemporâneos "fascistas" — Desnos, Tasset, Follin, Allard.

Antologia de Salmon:

Fragmento de *PREKAZ* (o original) é conscientemente rimado:

Inocência da manhã
Quando a árvore de ciência com sua
E árvore de mal
A árvore da Liberdade
Involuntária
Plantada
Diante da catástrofe vasta de cantores
Quando de nudes de Eva só repleta
Quando Adão admitiu ja vendes suas
Para ser Adão
Ou então vestiu com eles o deserto
Tal como vemos o amo vestir sua servidor,
Quando a lisa é grande dama

(PERDIDO, PERDIDAS, PERDIDOS —
A vara quebrando o festim se funde
numa galáxia quando o alma do lustre
se manda embora encontra no hor-
ror de manhã seu confidente de trage-
dia; um clarão, este acetado, devesa o
lindo que sustenta a ceca perdida de Ni-
non; então, o céu, empurrando a porta,
vem estragar a natureza morta, lamben-
do a sepa de cebolas.)

LE MUTIN DE LA MÈRE MORTE
J'ai fait le tour du monde
A fond de cale, aux fers;
Mais et la Terre est ronde,

Dependa por soldados bêbedos, registra-
(Se-se a fama
No mais forte do drama.
Inocência da manhã
Quando a maçã redonda
Crepita
Mellinã, chedita, dinamite, iperite,
Quando a serpente de cabeça chata
Colando suas escamas negras no fuste da
(há árvore espartilhe,
Aos olhos do mais pobre de espírito não
[pau:
De uma placa de farmacêutico
Um então o grave signo nos botões de uni-
[forma
Dois médicos militares com lavas de her-
[fracha
Arastando pelos salões um cheiro de
[hidroformo
Quando se faz amor a pretexto de chá
Com a limpa leiga esgotada de bondade
De Jesus e de João.
Inocência do mundo
Na claridade desamada
Das flamas que aliamos
O helmo e o suor do mestre de Amster-
[dam
O Ermitage sob um céu, o Muzou
[Alexandre
Aquece seu luto nas próprias cinzas.
[dama
De coquetite verde com turbante azul,
Ao mesmo tempo solada, jaiz, charri e
[carrasco
De língua ardente oferece ainda a liva-
[ria de Diderot,
O chumbo das tipografias escreve cenas
[um ris
Para fundir o alibaba das novas huma-
[nidades
E em certas águas-farofadas do balne-
[Kameny
Um pai moribundo abraça dois netos.
As sombras do que morre compõem nos
[muros incandescentes uma rosá
Uma rosá de nascimentos,
Inocência do mundo,
Inocência! Inocência!

PERDU, PERDUES, PERDUS
La verge cassée le festin
Se fuit dans une galaxie
Quand l'âme du lustre s'éteint
Sous un japon. Apostrophe!
Rit ou retour incertain?
La grâce que l'on compédie
Trouve dans l'effroi du matin
Son confident, de trapédie,
Un cigare, brulant mugnon,
Désore le lin qui supporte
Le souper perdu de Nimon;
Ahoz, le chien posant la porte
Vient gâter la nature morte
En lapant la soupe à l'oignon.

COMMENT SONT LES ENFERS?
C'est dans la nuit profonde
Que, les yeux gros ouverts,
J'ai vu par la bonde
Les vils rares offerts
A ma soif quand le heros
L'angle du fact inermes,
Angle de tout coosé,
Rhyne de la rose
Médette au Nombra d'or
Que j'injuri suppose.

(O MOTIM DO MAR MORTO — Fz a
volta ao mundo no fundo dos porões, a
feroz; mas se a Terra é redonda, como
serão os Infernos? Foi na noite profun-
da que, os olhos bem abertos, saquei pela
comporta os raros vinhos oferecidos à
minha sede quando a embalara a garra
da meda inermes, ângulo da tábua concor-
dância, espinho da rosa redonda ao
Número de ouro implícito no infinito.)

DE UMA AGULHA DE OURO
Fôlvia é bonita
Espinho desvendado
de Marco desvendado
Dizem
Ao mesmo tempo Hecelidade e Sabové
Ambas por esta subreptuadas
Para a secundária Clodius
O qual
Nos ilos de Nado
Tanto fêz
Que chegaram a suspetar da vanidade de
[Omar,
Dizem para Clodius
Como dança para Marco seu último ac-
[pico
Como dançará
Para Lucius seu irmão
Quando a invenção contra Augustus
Enguanto Marco sumando as condições de
[Egito
Mas neste momento em que Marco é ten-
[tado contente
E se decide, Fôlvia, uma subca feroza
Fz-la
Recem-coriada
A do Pal da Pátria
Profetizamente
Com três aplicações
Com uma longa agulha de ouro
Tu te feres a Eugus
Fôlvia
E se falou mal de teu homem,
Sem contar todo o mal que disse de
[Clodius,
(Comparar dois poemas, escrito
em 1941, com o "light verse" de
Pound, circa 1910)

AINSI...
Ainsi que la harpe se brise
Tout chant se meurt
Fuite de souffie en de souffier
Mais nul pouvoir sur les vagues de
[grise
Nulain equite
Qui portes les secrets du monde en ses
[superte
Universes essence et dont os ruzados
Notre fait de vagues et son sape de dou-
[leur
Odeur de Poésie
(Assim como a harpa se quebra / Todo
canto morre e falta de sopro ou de so-
prador / mas poder algum contra ti há
de ter por onde apañar-te / hábito deli-
cado / que levras os segredos do mundo
em seus vapores, universal condência on-
de se sacam / nossos ilos de reinar e
nossas nédes de dequia / odor de Poesia.)

COPLAS
Les étoiles, l'encre, les roses,
Les étoiles sur le rosier.
Les étoiles, l'encre, les roses,
Les étoiles sur le popier.
Les étoiles, l'encre, les roses,
Les étoiles dans l'encre.
(Os estrelas, a tinta, os rosas, / As estrel-
las na rosaria. // As estrelas, a tinta, as
rosas, / As estrelas no papel, / As estrel-
las a tinta, as rosas, / As estrelas no
lútero.)

O poeta novo
Carlos Fernando
Fortes de Almeida

PO
As formigas
afundadas em fôlv
sobem
o metro agrário.
Um milhão de pólvora
concomido-se para o alvo.
CLARIDADE
Anjos de basileiro
luzes de pia
fria
mãos lavadas
mas emulso
talão.
FERCA
Certo, de seu azul
escondido, em amplo espaço
abriu porta de lere
coceada nas penhas.
Pois de rito mais longe
na luma das grades
lançada pelo vento
mar abrigado de basileiro.
Mas basta a fôrca de sel
estabelecendo as condições
para empagar poen amei
ramos de tanta água.
FONDA
No alto
de mundo claro,
a ponte branca,
o albedo.
No chão lúmpo,
a albedo
sobre pelo lido.
GATO
O gato lúmpo
no alto
do mundo
com o mar
que é o mundo.
INSANTA
Involuntária
o tremore brando
de fôrca lúmpo
repara na cética
de casa
avente.
Entre os poetas que também pôde-
riamos incluir entre os cubistas, estão
Raymond Radiguel, Pierre Albert-Birel
e Paul Dermée (do qual já publicamos
um poema, nesta página), destaca-se
Jean Cocteau, cuja poesia tem sua im-
portância, pelo menos igual a qualquer
outro dos múltiplos aspectos de sua obra,
de sua vida, de sua personalidade. Quan-
do não fosse por outras coisas, por sua
mundial influência, no Brasil inclusive
(geração de 45). Foi, por exemplo,
em correspondência, 1930, de Paris para
"Poetry", em Chicago, distingue Cocteau
entre os poetas jovens da época na
França. Cocteau: eterna luta pela cla-
rora, numa época de desordens dadas
e surrealistas. Obscuridade apenas apre-
reple, falso hermetismo: no fundo, uma
busca pessoal da verdade, poética ou
não. Experiência tipográfica interesan-
te em "Cop de Bonne Suprême" — es-
pécie de poema épico em que resurgem
algumas tentativas de aproveitamento,
em poesia, do espaço musicalmente con-
siderado.
A seguir em "Fontes e Correntes da
Poesia Contemporânea" dedicamos van-
guardistas almeidas, e surrealismo.

Figura 139 – CUBISMO: SALMON. Crítica e tradução de Mário Faustino. 40º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 06 de abr. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	CUBISMO: SALMON
AUTOR	André Salmon, 1881-1969 (França).
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 06
PUBLICAÇÃO	Monolíngue e bilíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa (2) e verso (4)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	06 abr. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 078. SD, n. 097. JB, n. 078 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 06 abr. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Sintaxe analógica”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 394-401.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/86097
DESCRIÇÃO	Tradução: “Fragmento de Prikas (o original é constantemente rimado)” (trad. verso), “Perdu, perdues, perdus” (trad. prosa), « Le mutin de la mer morte » (trad. prosa), « De uma ahulha de ouro” (trad. verso, monolíngue), “Ainsi” (trad. verso), “Colpas” (trad. verso).
NOTA	“Comparar esse poema (“De agulha de ouro”), escrito em 1941, com o <i>light verse</i> de Pound, circa 1910” (MF).
OBSERVAÇÕES	Comentário crítico sobre a poética de Salmon, acompanhado de exemplos de sua poesia (tradução).

DADÁ - I

Fontes e Correntes

DA POESIA CONTEMPORÂNEA

PROGRAMA DA BA

Fontes e Correntes

DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Poesia - Experiência

Mário Faustino

DADÁ, I

Fontes e Correntes

DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Fontes e Correntes

DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Dadaísmo e a poesia lírica que foram, uma vez mais, a expressão de uma nova atitude estética. Dadaísmo: a expressão estética que surge a partir da ruptura internacional das separações estabelecidas entre arte e vida. Dadaísmo: a expressão estética que surge a partir da ruptura internacional das separações estabelecidas entre arte e vida. Dadaísmo: a expressão estética que surge a partir da ruptura internacional das separações estabelecidas entre arte e vida.

Fontes e Correntes

DA POESIA CONTEMPORÂNEA

PROGRAMA DA BA

Fontes e Correntes

DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Figura 140 - DADÁ - I. Crítica e tradução de Mário Faustino. 41º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 27 abr. 1958. Acervo CPDocJ3; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

	<p>7. Fragmento de Georges Ribemont-Dessaignes ;</p> <p>8. Fragmento de uma carta de Jacques Vaché (Revista Littérature, n. 6, ago. 1919);</p> <p>9. Poema “Flamme” (“Chama”), de Phillippe Soupault (trad. verso) ;</p> <p>10. « Kikakoku » de Paul Scheerbarth (Do livro Ich liebe dich, 1897, reprodução) ;</p> <p>11. Poema sonoro de Hugo Ball (reprodução).</p>
OBSERVAÇÕES	<p>Crítica e tradução. Primeira de uma série de artigos sobre o movimento “Dadaísmo”. MF faz uma série de traduções dos depoimentos de autores sobre o dadaísmo, além descrever as características do movimento.</p>

Ficha da publicação

TÍTULO	DADÁ, II: TRISTAN TZARA
AUTOR	Tristan Tzara, 1896-1963 (Romênia)
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 13
PUBLICAÇÃO	Monolíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	?
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em prosa e verso
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	04 maio 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 082. SD, n. 101. JB, n. 101 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 04 maio 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “O promotor do movimento”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 417-432.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/87165
DESCRIÇÃO	Tradução em verso e prosa. Língua francesa. 1. “Dada contre l’art” (trecho). 2. “Maison Flake” (trad. verso, monolíngue). 3. “Chanson Nada” (trad. verso, bilíngue). 4. Fragmentos: “canudos canudos arrumai-vos” (“Moi touche-moi touche-moi seulement”). Monolíngue. Trad. verso. 5. Outro fragmento: “O sal e o vinho os lamentos e os grandes rugidos” (“Le sel et le vin” – 1º estrofe) – trad. verso, monolíngue. 6. “Olho” (trad. prosa, mono). 7. Fragmento de “L’Indicateur des Chemins de Fer” (trad. verso, mono). 8. “Uma grande auréola” (trad. verso, mono, de “La première aventure céleste” de M. Antipyrine). 9. Trechos de Cinéma calendrier du coeur abstrait. (trad. verso, mono). 10. “Para fazer um poema dadaísta” (trad. verso, mono). 11. “Pelamida” (trad. verso, mono). 12. “De como me tornei encantador delicioso e simpático”, manifesto dadaísta. (trad. prosa, manifesto).

	13. “Silogismo colonial”. (trad. verso).
NOTA	Nota sobre a publicação de outro colaborador: Ruy Costa Duarte, que na mesma edição de SJB, estudava a obra de Arp.
OBSERVAÇÕES	Crítica e tradução. Aspectos da poesia de Tzara. Tradução de vários poemas e manifestos escrito por Tzara.

Ficha da publicação

TÍTULO	DADÁ – III: SHWITTERS
AUTOR	Kurt Schwitters, 1887-1948 (Alemanha).
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 04 Fragmentos: 02
PUBLICAÇÃO	Monolíngue e bilíngue.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês, alemão (?)
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta/indireta (?)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	11 maio 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 083. SD, n. 102. JB, n. 107 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 11 maio 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Sons-poemas”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 433-44.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/87435
DESCRIÇÃO	Tradução e reprodução de poemas, em verso. Tradução de textos em prosa. 1. “Sonate” (reprodução do poema junto com uma imagem) – Esse poema não foi publicado na edição do livro de 2004. 2. Trecho de <i>Der Ararat</i> (1920), de Schwitters. (Traduzido para o inglês por Robert Motherwell, <i>The Dada Painters And Poets</i> , Nova York, Wittenborn, 1951, pp. 55-65. E para o francês por Marc Dachy, <i>Merz, écrits</i> , Paris, Lebovivi, 1990, pp. 53-62 [nota de Boaventura, 2004]). 3. Trecho de <i>Vision In Motion</i> , de Moholy-Nagy. Chicago, Paul Theobald and Company, 1947. 4. Da versão francesa de Arp: “Outono” (monolíngue). 5. Do original alemão: “A Franz Marc”, “Nós”, “Poema desnaturado” (monolíngues). 6. “Fisches Nachtgesang” (Canto noturno dos paixes) (reprodução, autor já citado pelos concretistas) – poema gráfico do autor. 7. “tisc” (reprodução do poema gráfico). 8. “Soonate in uurlauten” (de Scherzo) – reprodução do poema. 9. “Trio” (Reprodução, “Para ser recitado com particular lentidão”) – observa MF.
NOTA	No artigo, há várias notas sobre outros trabalhos sobre Schwitters publicados no SDJB: tradução de Ruy Costa Duarte

no mesmo suplemento, dos poemas “Anna Blume” (o Merz-poema n. 1) e um conto de Schwitters: “A loteria do jardim zoológico”; “Kurt Schwitters: o júblio do objeto”, de Haroldo de Campos (Livro de Ensaio, 4/5/58).

OBSERVAÇÕES

O poema “Sonate” não foi reproduzido na edição em livro.

DADÁ – IV: ARP E PICABIA

Jornal de Brasil, 1958, 1.ª S., Suplemento Doméstico, p. 1

Mário Faustino

Poesia Experiência

Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea

DADÁ, IV:

Arp e Picabia

Sobre a obra em geral do poeta-artista visual Jean, ou Hans, Arp (também bilíngue francês-alemão; n. em 1886), ver o artigo de Ruy Costa Duarte publicado três domingos atrás neste mesmo Suplemento. Arp e Dadá: participação direta no movimento, desde seu início, mas prefere a independência do sócio; palavras e criações, também desde o início. Para Arp mais que para qualquer outro, Dadá não foi apenas uma atitude, e muito menos uma farsa. Diz ele mesmo:

Leitura e assimilação eram responsáveis quando Dadá no ano de 1916 ergueu-se das profundezas praxerdistas em Zurich.

As pessoas que não se haviam envolvido na monstruosa loucura comportavam-se como se não compreendessem o que se passava em lázaro. Como cidadãos perdidos olhavam para o mundo exterior com olhos vidrados. Dadá pretendia amolecer a humanidade para fora de sua lamentável impotência.

Dadá abominava a resignação. Falar apenas da contínua irrealidade de Dadá e falhar em penetrar sua transcendente realidade e apresentar apenas um fragmento laudatório de Dadá, Dadá não foi uma farsa.

Para Arp, segundo ele mesmo diz em artigo cujo conteúdo traduzimos acima, Dadá não era exaltante ou apenas a arte que o resumiram parcialmente em Paris, depois de Zurich.

Para Arp como também, para Emmy Hennings, Hugo Ball e Raoul Hausman, segundo testemunho do próprio Arp.

Dadá não era "Dadá é pela natureza e contra a arte". Tal frase exposta, entretanto, toda a arte do próprio Arp.

Arte natural, orgânica, sem imitação superficial da natureza, mas com a reprodução, em profundidade, dos processos desta. Arte que se desenvolve a partir de um núcleo original, que cresce e se transforma segundo suas próprias leis, na medida de seu próprio, misterioso método. Arte que não revela a natureza, mas que é a natureza, ainda que num nível secundário: criação de criação, reprodução de reprodução. Arp em poesia como Arp em escultura: metamorfose de temas, palavras que se ligam a outras palavras para formar e transformar núcleos e híbridos de sentido.

Esse é Arp íntimo, o Arp de sempre. Arp dadaísta: Arp humorista. As coisas e suas qualidades são poeticamente intercambiáveis, dando seu humor poético, que é continuamente de lógica tradicional e imediatamente rotular. No universo tudo se aproxima, no dicionário tudo pode ser aproximado e se a aproximação provoca o riso, tanto melhor numa época em que era (e é) preciso rir para não chorar, gargarizar para irritar e desmascarar.

Dadá em Teatr, em Breton, em Aragon, em Soupault, teria ferocemente de conduzir ao surrealismo. Non Schwitters e nam. Arp leva seguramente à arte abstrata (e à poesia organizada e objetiva que corresponde à arte abstrata, geométrica ou não) de que ambos são mestres.

Amostras da poesia Dadá de Arp:

CHEIRO DE OPOSIÇÃO

se bem que a lua como espelho em frente
penda do-me na vista o anjo.

sobre as nuvens nam as sementes
alvejar-se

balas nas plântulas então saltam suas
[fóres em frente]

lões finalizam-se de fronte às
[aulas]

com regadores cheios de diamantes
[entre as garras]

os condalores trazem avencias de
[suadeiro]

pássaros caçam madeira, passa-
[ros caão cheios]

de oposição, necessantes lhes ralam
[oves dos pequenos]

corações, sua rica trax o divinos-
[tro], suas solas

então sobre caminhantes fiamos, ras-
[ga-se a cascina]

de nave chamam então o senhor
[dent, afunda o círculo]

ostele então de-estronham suas
[gejaras em cântico]

escuras.

PROTEGIDOS PELA IMPRECAÇÃO

Vinham os três encetar florestas
pássaros bebbedos e monolam
protegidos pela imprecação férreas
bengalas termas a dentro,
animais nascentes dançam
em vidrados coluninos.
os luncos medem seus pássaros
os pássaros desferiam-se nas colu-
[ninas do pálio].

(Poemas do momento dadaísta de Zurich, 1911-1913; ver também, da mesma época, o célebre e intraduzível "Ich bin der graese der die das")

Trecho de "Notas de um Diário Dadá",
monsieur duval

o homem é um belo sonho, o homem
vive na terra de saga da utopia onde
a coisa-em-el sapata com o impera-
tório categorico, o homem representa-
tivo de hoje é apenas minúsculo belão
em gigantesca máquina sem sentido,
mas no homem ainda é subaerual
e perdo-então-ferre substitui a noite de
malu, guão doce e lamentoso canta o
rouxinol há longe enquanto o homem
estuda o mercado de valores, que em-
bragador perfume o líris espalha lá
horas, e coberto e a razão do homem
estão estradas, e semente são treina-
das em certa tipo de trapajo, o alvo do
homem é o dinheiro e o homem está
de acéda com todos os meios de obter-
dinheiro, os homens se retaham uns
nos outros como galos de briga sem
uma só vez contemplar o albatroz sus-
tando no qual uma dia se contraindo
juntamente com todo o seu malbitio
calete, corerz mais depressa dar um
passo mais largo pular mais alto bater
com mais força eis as coisas pelas
quais o homem paga o mal alto pre-
ço, a pequena canção popular do tem-
po e da epaço foi apagada pela epaço-
cerebral, terá havido jamais um
porco piaz que o homem que inventou
a expressão tempo é diábleto, tempo
e epaço não mais existem para o ho-
mem moderno, com uma lista de gi-
gantes por dentro dos fundilhos o ho-
mem esse cada vez mais depressa con-
torna da terra de tal modo que em
breve estará de volta antes de sair,
entem monsieur duval viuho às três
horas de parte para berlim e estava
de volta de três e meia, amanhã mon-
sieur duval sumirá às três de parte
para berlim e estará de volta às três
lta é no mesmo instante em que sair
e depois de amanhã monsieur duval
estará de volta antes de partir, nada
parece mais ridículo ao homem de
hoje que o ampie e chevo viver.

Francis Picabia: nascido em Paris,
em 1879. Dadá em Nova Iorque. Com
Duchamp e San Hay. O movimento
ready-made. Com Dadá na Suíça e
com Dadá em Paris. Em St. Raphael,
na Riviera francesa, em 1922, edita a
famosa revista "La Pensée de Paris",
da qual só saiu um número, hoje in-
existente. Conhecemos em Henemir:
discreção gráfica, abolição da organi-
sacção gráfica linear, jogo cênico de

lipo, arranjo "caligramático" A Apo-
linaire. Fragmentos significativos:

— Nossa cabeça é rotunda para permi-
tirmo ao pensamento mudar de direção

— Bem dia Pound

— Número único I franco

— Cêntem uma Jovera, que conceia
todas as favores a não memorado ex-
ceto o de tirar o chapéu porque lhe as-
sentava bem

— Os cabistas que querem por força
probragar o cubano parecem com Sa-
rah Bernhardt

— A morte não existe há apenas dis-
solução

— O belo é relativo ao estado de inte-
resse que cria

Elc. Fragmentos do "Unique Kuru-
que", o mais célebre poema dadaísta
de Picabia:

Paris, Nova Iorque
São cidades beliss
Flutuamdo e estado em ministhos em
[rima das baralhas]

As vótes num soltar no maio do dito
Desbrochadas de dessejas com doles

As sildras são eoa rmitasas
Das beijas das grandes cidades

Beijos dados para evocar lembranças
Do silêncio

Como a honra

A honra é uma comédia
Vostor cérebros gesticulam

Idéias e murélias

Jacques Henri Georges Paul Marce
[Lrin]

Feliza todos o hebreu do indalado
Debitos das fitas vermelhas e violetas

Do dico de fugido de boalhau
Margem esquerda

Margem direita

Peço-vos permissão
De continuar sugubundo

Meu amigo doctor cubano
Me disse que sua vidente predize

O meu belo futuro
Lendo nas costas da mdo

Mas neste recente
As enações loucuras

São horrendas acasas
Nos mordendo os dedos...

... ..

É preciso epaço-se nos cemitério
Nossa redenção é um caminho

Assim homem siguroso eha
Mas olha mesmo tres formas antigas

Tu cantas a liberdade
De mãos dadas

Com o rouxinol da penas azuis

Ai de nós nada existe a não ser em
[tuas angustias]

Sentineladas pela unidade que te co-
[torco]

As flores primavera são roupas pobres
Comparadas com o milagre dantes

A morte de jode
Numa taça de ouro

Os globos elétricos são interiores
Como prisioneiros feitos por embos-
[questram]

Não existem simuladores edstrigentes

A memória tem fome

Poesia de diachuro

Fome de curas

Fome seja lá do que for

Fome de violéias como quietes...

... ..

Figura 143 – DADÁ – III: ARP E PICABIA. Crítica e tradução de Mário Faustino. 44º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea, de 18 maio 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	DADÁ, IV: ARP E PICABIA
AUTOR	Jean Arp ou Hans Arp (Hasn Peter Wilhem Arp, 1886-1966, Alsácia-Lorena). Francis Picabia, 1879-1953 (França)
TEXTO ORIGINAL	-
TEXTO TRADUZIDO	-
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 04 Fragmentos (prosa) 02
PUBLICAÇÃO	Monolíngue
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês (?)
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta (?)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	18 maio 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 084. SD, n. 103. JB, n. 113 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 18 maio 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Irritar e desmascarar”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 445-51.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/87711
DESCRIÇÃO	De Hans Arp: 1. Trecho de Hans sobre o Dadaísmo. 2. “Cheio de oposição” (trad. verso/ monolíngue). 3. “Protegidos pela imprecação” (trad. verso / monolíngue). Obs.: (Poemas do momento dadaísta de Zürich, 1911-1915; ver também , da mesma época, o célebre e intraduzível “Ich bin der grosse der die das”). 4. Trecho de “notas de um diário dadá”: “Monsieur Duval” (trad. prosa). De Frans Picabia: 5. Fragmento significativo (trad. versos/ monolíngue, com travessões). 6. Fragmento do poema “Unique eunuque” (trad. verso / monolíngue).
OBSERVAÇÕES	Comentário crítico sobre a poesia de Hans Arp e Francis Picabia, com traduções de excertos em prosa e versos.

DADÁ – V: CRAVAN, BALL, RIBEMONT – DESSAIGNES, HUELSENBECK

Poesia-Experiência
Mário Faustino

Hugo Ball (1886-1972). Fundador do "Cabaret Voltaire" em Zurich, onde nasceu o movimento Dadá, que se propôs a lutar, através de um número anterior destas mesmas letras, o "Marxismo" (pau! bert! bimba, etc.), um dos primeiros sonetos, escrito em 1918. Autor dramático, investigador cultural, autor do famoso "Diário dadáista" incluído na coleção de escritos seus, "Die Fluxus aus der Zeit". Ball tem poemas espalhados em revistas e antologias. Destacamos "Der Literat", escrito em pleno furor dadáista em Zurich, 1918, e lembrando, de certo modo, o "Ich bin der grüne der die" de Arp.

O LITERATO

Fu sou o grande magico Vasvert,
Vou entrando por m'abrantes à direita,
Ajeitô-me ante os mais velhos, ere-
(noos),
Minha roupa é enfeitada de astros vazos:
De minha boca sai tempo e mais tempo.
Alcanço os homens com meus olhos e
(suados).

Fu sou o falso profeta do abismo
que fica por trás das rodas do sol.
Dos mares abjurados por trombeiras es-
(curas)

Vão nos vapores da mentecapçada,
Fu bato o timpão com estardalhaço,
acordo os coveiros na catranta.

Fu sou o secreto herage sorridente,
Rei de letras, fagorela becharal.
Jé caniet "Histeria Clemens", jé caniet
O cheiro de fôdas as Gestalt.
Sou um gesto, um poeta, um literato,
derramo e faço semente das palavras.
(O original alemão é rimado em par-
mas)

Emmy Hennings, 1885-1948, mulher de Hugo Ball, e também poeta importante ("Die letzte Freude", "Hells Nacht", "Hugo Balls Leben in Berlin und Ge-
dichten", "Blume und Flamme", "Der
flüchtigen Spiel", "Der Klang der
participou intensamente do movimento Dadá em Zurich, junto com Janco, Tzara, Ball, Huelssenbeck. Nos poemas suas que conhecemos de antologia há entretanto, poucos vestígios de uma participação estética no movimento.

Georges Ribemont-Dessaignes, nascido em 1884. Principal (ou único?) livro de poemas: "Ecos Héro". Tomou parte nas primeiras experiências dadá em Paris no "Café Certa", com Tzara, Picabia, Tristan, Soupault, Aragon, Eluard, Salié, Milhaud, etc. Também um importante prosador "Igelion" e dramaturgo intermédio: "Moyse de Chanaan". Como a maioria dos dadáistas franceses, foi algum tempo, mais tarde, influenciado por dois poemas dadáistas, o "Parovoz" de Clancier e o "Interité", que traduzimos:

INTERESSES

O rato berrando que e pensa tem no
[crebre e o crebro do estômago
As estrelas do Zambes e o péssimo do
idôus
A virtude americana
O diabol de pele e o pé do alho
A riqueza do rico e o frio do inverno
O riso amarelo e a alga do urino
A água dos joelhos frates
Os ossitos cartilago
E os dentes dos castiços do sangue
Tantô de memórias e bombas do eo-
[raço]

Da "Antologia del Surrealismo", de Carlo Bo:

O

Ele pô o chapéu no chão e encheu de
[terra
Semou uma lágrima com o dedo
Um grande perônio creceu tão grande
[indefinido de aboboras-manuais
Abrir e boca de dentes coroados de ouro
[le disse
Ipsilon
Secureu os olhos de velupero da habi-
[lôis que rejeitou e ar
E a mulher grande através da pele de
[seu ventre
Mostrou d' criança e cresceu de uma
[na natação
Ele pô na cabeça o chapéu importado
[de Alemanha
A mulher abertou de Moner
E quando passou num automóvel bin-
[dado
Um Arpista
E no lado do céu das pombas
Terrou pombas mezinhas comiam con-
[táridas.

Richard Huelsenbeck. Com Ball, Tzara, Arp, Janco, um dos fundadores de Dadá, no Cabaret Voltaire, em Zurich. Já vivo, em péssimo estado, o que ficou de Dadá, do qual escreveu a história, "En attendant de uma história de Dadáismo", em 1920. Huelsenbeck levou Dadá de Zurich para Berlim, em 1917, e lá, com Hausmann, manteve-se o movimento até 1921. Ele é famoso "Fin

Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea

DADÁ, V: Cravan, Ball, Ribemont - Dessaignes, Huelsenbeck, Van Doesburg, Hausmann

Van Doesburg, Hausmann

Os professores de zoologia reunem-se nos
[lado com suas terras
Dadá propriamente dito:
o grande magico arruma os tomates no
[teia
Meia vez ou tu caféio maltaoso
[quando com suas terras
O cabrito monta a tábua o parentão dá
[um pulo
(E é assim que é o mundo eis tudo o que
[sem depois de nos)
Theo van Doesburg (1882-1931), uma das grandes figuras do movimento Dadá, participou de fôdas as vanguardas europeias, inclusive do dadáismo. Em 1923 levou Dadá para a Holanda. Já antigo, em sua revista "De Stijl" para a Holanda, participou ao que ocorreu em Zurich, em 1918, em Alemanha e em Paris. Ele como Schwitters descreve a maneira de como ele e Doesburg largaram Dadá na Holanda:

"Como eu não sabia uma palavra de holandês, acreditamos que eu demonstraria o dadáismo logo que ele tentasse um gole de água" (durante a conferência de Doesburg sobre Dadá). "Van Doesburg bebeu e eu, sentindo no meio da plateia, que me desconheciam, de repente comecei a latir furiosamente. Os latidos nos galvanizaram uma segunda vez em Haarlem, na verdade, vendemos todos os assentos, pois todos estavam curiosos de ver Van Doesburg fazer um gole d'água e de ouvir-me latir e inesperadamente latir. Por sugestão de Van Doesburg, deixei de latir nesse estado. O que nos galvanizou mais um sorriso em Amsterdam, dessa vez a plateia foi hierarquicamente arrastada do auditório, uma mulher ficou tão convulsionada pelo riso que durante quinze minutos manteve a atenção do público, e um cavalheiro fanático, num canto traseiro em casa, urrou persistentemente o epíteto "relata" a multidão."

De leituras de interesse: Supplemento já conhecido, através de citação de Haroldo de Campos, o conomopolítico "Voortrekkinge Trep"; poema com que Van Doesburg, em holandês, procura imitar a marcha de uma tropa equipada. O poema é retranscrito de 1918. Vejam os "Weltmond", de 1911, verdadeiro predecessor imediato das experiências Dadá.

LUA CHEIA

Puja da cidade,
Núcio a serela.
Procura os curatinhos campestres.
Procura a luz
Tracurou a um mesmo.
Talvez me encontre.
É o céu que é o mundo eis tudo o que
[sem depois de nos)
Lá pelo equino.
Lá o cavaleiro.
Lá com minha alma
Lá com minha alma
que corre sob o sol da lua.
E sua cura?
Evo amie sua
apaga, carbinulo
é uma granja?
Agora é claro e escuro
Berá por arazo Feno?
Será por arazo Feno?
Feno foi pelo manhô,
apaga equilibra a terra
em curso suo
e o feno é enpréstimo.
Evo agria a água?
Evo agria a água
Agora é madrepôdo.
Agora é um herô?
Foi um herô,
apaga equilibra um escuro péssimo
pele metade fora agria.
Tô é curia, né?
Foi uma mãe
Agora é uma estranha
Pleiteo branco.

II

A lua está no ar!
A auriferãta luz.
Um copo e o universo
cheio de um líquido profendo.
Minha boca é d' margem.
Bebo. Bebo luz
O er é luz
Respiro luz.
Lá háis espiante
sobre minha cabeça bendousssem
Quem antes do curir
e sido do ter nasce?
Qual fogo da luz
nédo tudo o que rememônto?
Luz nasce em minhalata
Mei curia ainda o puto,
sou grossilar no charco.
Nédo sabe não queis nem onde se era.
Meu seio lento e rápido se abris
Enfio morri, mas logo outros pez titô.

Paul Hausmann: depois de Huelsenbeck o principal figura de Dadá em Berlim, ao lado de Grosz, Heartfield, Raeder. Em seu Sound-Pol, que reproduziu nesta página, em fac-símil, foi que Schwitters, conforme este nunca deixou de confessar, lançou sua "Gramática". Predecessor imediato dos sons-poemas de Hausmann, Ball e Schwitters. Paul Scherbert (cujo hukaka/hukarokapa já publicamos).

Outros poetas dadáistas de menor importância que os já citados: Rigault, Higniet, Paul Dermée, o amigo de Apollinaire de qual já tratamos um poema nesta página, também participou do movimento dadáista em Paris. Tendo em mão dois de seus poemas, de nitida influência dadá: "Cow-boy" e "Dans les cartes".

Breton, Aragon, Eluard, Soupault — importantes poetas dadáistas. Como, entretanto principal de sua obra já pertencem inquestionavelmente ao domínio surrealista, serão abordados numa das próximas séries.

1) Veremos, posteriormente, tratar Cravan, poemas escritos a três vezes a três vezes.
2) A retórica, escrita a última, que se trata.

Figura 144 – DADÁ, V: CRAVAN, BALL, RIBEMONT – DESSAIGNES, HUELSENBECK, VAN DOESBURG, HAUSMANN. 45º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 25 maio 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	DADÁ – V: CRAVAN, BALL, RIBEMONT–DESSAIGNES, HUELSENBECK, VAN DOESBURG, HAUSMANN.
AUTORES	Arthur Cravan (Fabian Lloyd, 1887-1918, Suíça) Hugo Ball (1886-1927, Alemanha). Georges Ribemont-Dessaignes, 1884-1974 (França) Richard Huelsenbeck, 1892-1974 (Alemanha). Theo van Doesburg, 1883-1931 (Holanda). Raoul Hausmann, 1886-1971 (Áustria).
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas 9 (poemas em verso e um em prosa)
PUBLICAÇÃO	Monlíngue
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Francês, alemão, espanhol (?)
TIPO DE TRADUÇÃO	Direta, indireta (?)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	25 maio 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 085. SD, n. 104. JB, n. B118 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 25 mai. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	FAUSTINO, M. “Outros dadaístas”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 452-62.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/87995
DESCRIÇÃO	1. De Cravan: “Arthur” (Exercice poétique) – nota: “‘Voyou’: vagabundo, desocupado, crápula. Cravan pretendia lançar a arte voyou, a poesia voyou” (MF); “Exercício n. 4”. [2 poemas, trad. verso / monolíngue] 2. De Hugo Ball: “O literato” (O original alemão é rimado em parhas). [trad. verso / monolíngue] 3. Ribemont-Dessaignes: “Interesses” [“Interets”] – trad. verso / monolíngue ; « O » da Antologia del Surrealismo – trad. verso / monolíngue. [2 poemas] 4. Huelsenbeck: “Fim do mundo” (1916). – trad. verso / monolíngue. 5. Shcwitters: fragmento em prosa sobre o Dadaísmo na Holanda. 6. Doesburg: “Vollmond” (1913), traduzido como “Lua cheia” – rad. verso / monolíngue.
NOTA	Nota sobe a tradução de Cravan.

OBSERVAÇÕES

Comentário crítico sobre os poetas dadaísta. Sobre a poeta Hennings, MF comenta a sua intensa participação, mas não publicou nenhum de seus poemas, porque havia, segundo ele, “poucos vestígios de uma participação estética no movimento”. Também não traduziu nenhum poema de Raoul Hausmann, poeta austríaco.

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – I
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Cino”
TEXTO TRADUZIDO	“Cino”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 01
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	01 jun. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 086. SD, n. 105. JB, n. 125 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 01 jun. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. <i>Antologia poética de Ezra Pound</i> . Seleção e Prefácio de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisséia, 1968. [-] 2. FAUSTINO, M. “Cino”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 144-45. 3. FAUSTINO, M. “Cino”. In: <i>Ezra Pound: poesia</i> . Organização, Introdução e Notas de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1983, p. 47.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	4. FAUSTINO, M. “Cino”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 471-73. http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/88283
OBSERVAÇÕES	Ezra Pound, 1885-1972 (EUA). Primeira série de 8 artigos dedicados a Pound. Aqui, MF faz um balanço da seção “Fontes”, em que interrompe o “exame-amostragem” dos principais movimentos modernos para tratar de figuras, “à parte seus eventuais compromissos com este ou aquele movimento”, figuras cuja contribuição como antes da Primeira Guerra Mundial. No artigo, apresentou brevemente a recepção de Pound no Brasil, sobretudo através de sua página e da contribuição dos irmãos Campos e JLG. Apresentou a poesia e a crítica de Pound, de forma geral, contextualizando as suas contribuições com a época do autor. Depois de enumerar vários feitos do poeta-crítico, mostra em

quatro níveis o trabalho de absorção, seleção e transmissão de Pound: “Persuasão direta”, “Crítica”, “Traduções” e os “Poemas”.

Ao lado da seção, publicou a tradução de “Cino”, com nota explicativa abaixo do poema.

Cita também dois comentários de T. S. Eliot sobre Pound.

Primeiro sobre o poeta. Segundo, sobre o crítico.

NOTA

Nota explicativa sobre o poema traduzido: “Cino”.

EZRA POUND – II

Sestina: Altaforte

Leitura: In Betrains de Born
Dante Alighieri põe este homem no Inferno por tratar-se de um provocador de desordens.

Poesia Experiência Mário Faustino

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Ezra Pound, II

Diferenças locais, fontes locais. De distribuição os poemas antes de que criam poemas e os que se exprimem através de poemas. Os poemas de Ezra Pound...

verso marcado dentro de "outra liberdade". Não sempre e não repetido quanto qualquer verso pseudo-sonoroso...

Journal de Brazil, 1988, 8, Suplemento Doméstico, p. V

1
Todo pré diabo! Todo este Sul já feito a paz.
Quando a tormenta mastiga, Papiol! A mística!

11
Se é verão quente, encho-me de júbilo
Quando a tormenta mata a herança paz.

111
Praza nos diáblo de novo que ressoam!
E os corcós na batalha relinchando de júbilo,

IV
E adoro ver o sol subir sangue-e-carmin.
E contemplo-as lanças que no escuro ressoam.

V
Esse que teme a guerra e se ancora opondo...
Se no que digo, não tem sangue carmin.

VI
Papiol! Papiol! Múica, múica!
Não há com os espadas as espadas se opondo.

VII
Que a múica da espada cubra de carmin!
Praza no diábo, de novo, espadas que ressoam!

ALGUNS HAOS

Uma "Imagem" é aquilo que apresenta um conteúdo intelectual e emocional, num instante de tempo. Isto o termo "complexo" mais no sentido técnico empregado pela psicologia mais recente...

LINGUAGEM

Não use palavras algumas superfluas, nenhuma adjectivo que não revele alguma coisa. Não use expressões do tipo "vários tipos de poe"...

RITMO E RIMA

Que o conteúdo encha o espaço com as mais finas consoantes que possa absorver. De preferência, use a rima interna. Quando o ritmo é o vocabulário, naturalmente, terá de ser produzido em seu ritmo natural...

Não seja colérico; deixe isso para os咖啡 de alguma estomatologia filosófica. Não seja desconfiado; lembre-se de que o príncipe pode descer a qualquer momento...

ALGUNS HAOS

Uma "Imagem" é aquilo que apresenta um conteúdo intelectual e emocional, num instante de tempo. Isto o termo "complexo" mais no sentido técnico empregado pela psicologia mais recente...

LINGUAGEM

Não use palavras algumas superfluas, nenhuma adjectivo que não revele alguma coisa. Não use expressões do tipo "vários tipos de poe"...

RITMO E RIMA

Que o conteúdo encha o espaço com as mais finas consoantes que possa absorver. De preferência, use a rima interna. Quando o ritmo é o vocabulário, naturalmente, terá de ser produzido em seu ritmo natural...

E. P., falando através da máscara (persona, por uma: e sons alçados) do senhor e trevadão meruvia Betrains de Born. Tudo. Não apenas a metáfora do sentido poético tradicional, não o similar, não as relações de semelhança entre as palavras...

1. Tratamento direto do "colô", seja subjeção, seja objeção.
2. Não use absolutamente palavra alguma que não contribua para a expressão.
3. Quanto ao ritmo, considere as seguintes regras musicais, e não as seqüências de um metrômetro.

(1) Prática descrita no caso de tradução para o português.
(2) Não esquecer que Pound trata do idioma e não do poema, e que a tradução de certa importância, sua obra "lírica" do Brasil com o nome de "Lírica Brasileira"...

Figura 146 – EZRA POUND –II. Crítica e tradução de Mário Faustino. 47º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 08 jun. 1958. Acervo CPDocJIB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – II
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Sestina: Altaforte”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 01 Fragmentos (crítica): “A Retrospect”
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso e prosa
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	08 jun. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 087. SD, n. 106. JB, n. 131 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 8 jun. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. <i>Antologia poética de Ezra Pound</i> . Seleção e Prefácio de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisséia, 1968. [-] 2. FAUSTINO, M. “Sestina: Altaforte”. In. <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 152-53. 3. FAUSTINO, M. “Sestina: Alforte”. In. <i>Ezra Pound: poesia</i> . Organização, Introdução e Notas de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Faustino. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1983, p. 53-4.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/88553
DESCRIÇÃO	Crítica e tradução. Tradução direta do inglês. Trechos de “A Retrospect” (trad. prosa / monolíngue).de Pound. Tradução do poema “Sestina: Altaforte” (trad. verso / monolíngue). A tradução do poema foi publicada ao lado do artigo sobre Pound.
NOTA	Duas notas sobre a tradução de “A Retrospect”.
OBSERVAÇÕES	Segundo artigo sobre Pound. Continua a investigação sobre os aspectos do autor quanto poeta, poiêtes (do grego) “um criador de poemas, de organismos verbais”. Descreve a passagem de Pound por Londres, do movimento “Imagismo”, da contribuição para revista Poetry e para a formação de vários outros poetas, através de movimentos, cartas, crítica etc. Traduziu parte de “A Retrospect” de Pound.

EZRA POUND – III

Poesia Experiência

Mário Faustino

Imagem. Há o de Pound — podemos utilizar o termo para descrever toda a obra de E. P., preocupada com a exata percepção e comunicação da imagem, em toda a sua poesia. Há o imaginário realista — o competente (H. D.) e o incompetente, o fácil (amygdala); Amy Lowell, diz, por exemplo, "Fulano acotovelou Beltrano na Rua do Formigueiro" em vez de "A rua estava cheia de gente"; há o imaginário incipiente, que não chegou a desenvolver-se, dos primeiros companheiros de E. P.; e há o imaginário daqueles que, sem serem propriamente da "escola", aprenderam a lição imaginária, desenvolvendo a sua maneira: William Carlos Williams, talvez o próprio Stevens, Eliot, Marianne Moore. Pound abre o caminho: "os diácticos tomaram o significado mais à mão e mais fácil e pensaram somente na imagem estacionária". O imaginário de E. P. não apenas a imagem parada, mas também a imagem em movimento. Para ele, imaginário é fanfania: apresentação da imagem tal como ela se apresenta no "óculo mental", em movimento, a própria captação desse movimento através da palavra. Desde a eterna preocupação de Pound pela relação música-poema e pela palavra justa. Desde toda a obra crítica e poética de Pound. A palavra justa. Os critérios científicos de adequação. Os chineses. Ching Ming-chuanar as coisas pelas names certos, encontrar as palavras exatas para "os

lons inarticulados do coração". Na exatidão verbal está a própria ordem do estado. Confúcio. Pound e o artista sério: o artista se incumbiu de manter a saúde mental do estado. Exatidão, clareza, harmonia. As partes componentes, exatas, formando o todo, exato. Nada de wobbling: não deixar o objeto tremer, escoregar, escapar. Reclamar e compor. O papel da fenomenologia e da semiótica contemporânea. O capitalismo — e usura — fazendo as palavras perderem seu significado; demagogia, propaganda. As conversações vazias. Eliot. O absurdo verbal. Ironicos. O noivado. Pound: respeito pelo substantivo e pelo verbo, pelo objeto captado em sua essência e em seu movimento. Usar o adjetivo para determinar e qualificar, não para enfeitar. A obra de Pound completando a de Mallarmé: Donner un sens plus pur aux mots de la tribu, to purify the dialect of the tribe — na sempre magistral tradução poundiana. E. P., uma vez que seja, falando pela boca de Mallarmé. Não a falacia da poesia pura, nada de Albrecht Bröndel, nada da diluição valeryana. Volta a Flaubert (e a Stendhal). Boudard e Pécuchet alimentando Pound e Joyce.

O imaginário de Pound: relação direta com o próprio processo de conhecimento, com a percepção verbal do universo. Poética e não apenas retórica. O poema é antes de tudo algo que se faz, não apenas algo que se diz. Não o poeta dizendo por meio do poema; mas o poeta fazendo o poema que, por sua vez, fala — naturalmente em nome do poeta (indireta e fatalmente expressando o poeta), mas com sua própria voz de ser criado. Daí a importância da técnica, do modus faciendi. O poema, para ser, precisa ser feito, estruturado, composto, harmônico. Para ser — e ser usado, comunicado, moeda corrente e durável. Daí a confusão que leva a acusar Pound — logo quem! — de formalismo. Só quem distingue forma de conteúdo é quem, ao mesmo tempo, nem sabe fazer, nem tem realmente o que dizer; quem, quando diz algo, diz-o mal, esquecendo-se de que só o bem falado é bem ouvido e lembrado. Al menos, em rumo didático (desconhecida a presença), o imaginário de Pound, as relações diretas do imaginário de E. P. em sua visão do ideograma serão mais convenientemente estudadas como abordagem aos Castles — embora desde o início, desde Cathay, Pound se tenha preocupado com o processo oral e caligráfico (caligrafia: disciplina poética e retórica em todos os planos; escrever certo e claro é escrever belo; ortografia e caligrafia) dos chineses. Por enquanto, completaremos a noção através do estudo da origem da evolução da poesia menor de Pound, fase por fase, máscara por máscara. Ver, por hoje, as traduções, nesta mesma página, dos poemas A Volta, Phanopoeia e Alba.

ALBA

When the nightingale to his mate
Sings day-long and night late
My love and I keep state
In love,
In love,
Till the watchman on the tower
Cry:
"Up! Thou roostest, Rise,
I see the white
Light
And the night
Flies!"

ALBA

Enquanto o rouxinol à sua amante
Gargalha a noite inteira e o dia entrante
Com meu amor observo a fante
Cada flor,
Cada odor,
Até que o vigilante lá da torre
Grite:
"Lavanata, patife, sus!
Vé, já refuls
A luz
Depressa, corre,
Que a noite morre..."

ON HIS OWN FACE IN A GLASS

O strange face there in the glass!
O ribald company, o scintily host
O scorn-sneer! my look!
What answer? O ye myriad
That strive and play and pass,
Jest, challenge, counterjest!
If I? If?

(SOBRE SUA PRÓPRIA FACE NUM ESPELHO)

Oh face estranha ai no espelho!
Companheiro libertino, agrado anfitrião,
Oh meu bando variado pelo dor,
Que responder? Oh vós miríade
Que labutais, brincais, passais,
Zombais, desafiáis, vos contrapondeis!
Eu? Eu? Eu?

A poesia menor de Pound. O primeiro volume importante dessa poesia foi publicado sob o título Personae. Quando E. P. reuniu num só volume todos os seus poemas exceto os Cantos (que ele hoje prefere chamar cantares), deu-lhe também o nome de Personae. Personae: máscaras, sons através de. Para fazer um poema-máscara, uma persona, o trabalho é tanto de crítico como de poeta, a pensar, um ator, um ser vivo, um roteiro, pelo poeta, de coisas e de pessoas que este considera relevantes; donde um trabalho de escolha, um trabalho de crítica, de seleção, do pensamento e do pensamento, de coisas e pessoas a serem postas em ação através da máscara; donde, mais uma vez, a unidade da obra de Pound como crítico, como poeta e como tradutor. A poesia de Pound é uma tradução e uma crítica "realista" a tradi-

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Ezra Pound, III

por sua vez, é para Pound, uma crítica. um dos cinco métodos de crítica, por ele mesmo delimitados, a não de tratar-se por excelência, de traduções poéticas, recriadas; e a crítica de Pound esteve sempre engrenada nos problemas de criação e de tradução poéticas. Num plano mais alto, a vida e a obra de poeta, tradutor e crítico de Pound constituem uma interpretação e uma recriação: crítica de nossa cultura decorrida e corrente. As primeiras pessoas de Pound, as máscaras dos provençais, dos toscanos e de Villon, coincidem com o primeiro objeto geral de seu interesse crítico: a tradição literária das línguas neolatinas (incluindo do português; em 1906 traduzimos, para este Suplemento, seu penetrante ensaio sobre Camões). No primeiro período da obra poética de Pound encontram-se vários poemas pertencentes à própria tradição da língua inglesa; tradução que, no caso de Pound, refere-se, mais que qualquer outra, à linhagem que, nascendo nos poetas saxões e em Chaucer (old English and middle English), passa pelos isabelinos (sobretudo os poetas menores e os tradutores), por Donne, Herrick, Rochester, Samuel Butler, Pope, Crabbe, Landor e, finalmente, por Browning e Whitman. Todos esses poetas, com exceção do último (que Pound admira mais como altitude que como poeta), ver o célebre Pacto proposto em verso por E. P. e W. W. W.) têm muito de

comum: a preservação das características essenciais da língua inglesa ameaçadas pelos inúteis latinismos à la Milton; o humor; a palavra exata; a importância da música com fonte, disciplina e (já na poesia. Entre os primeiros poemas de Pound, pertencentes a essa linhagem (a qual, aqui e ali, se mistura a outras fontes poundianas, como os poetas gregos e latinos, os toscanos e os provençais), ver The Tree, Memorium, De Agrippa, And thus in Niniveh, Paracelsus in Ecclesia, Francesco, Sicut (o único soneto publicado por Pound), The Tomb of Air Queer, etc. Notas, neste contexto, a importância da tradição poundiana do Seafarer saxão. Talvez o melhor dos poemas representativos dessa faceta de E. P. seja a Ballad of the Goodly Fere, Balada do Bom Companheiro, na qual simula Zezote, em linguagem coloquial meio medieval, fala sobre a crucificação. Todavia, entre os poemas dessa primeira fase (mais ou menos 1900-1916) avultam a máscara Provença-Toscana e a de Villon. De E. P. falando como poeta provençal-toscano já traduzimos Omo e Sest: na: Aliaforte. Apresentamos hoje uma tentativa de tradução da célebre Alba cujo original também estampamos. Vejam também La Frause, Na Auditor, Poise of Yoel, For E. McC. In Durance, Marrol, Oudo insites you this, Piere Vidal Old, Provincia Deserta, Near Perigord, Plank for the Young English King (pa-

lavração do Si fuit il dot est gior est marimen, de Bertrams de Born), a tradução de Dompius pois de me nois col, também de Bertrams, e a montagem Languis d'Or, em que Pound, usando como epigrafe a Alba que sal nesta página, parafraseia poemas de Giraut de Bornell e de Guillaume de Poliers, ajuntando uma variação sua sobre um tema de Cercamon e mista um poema seu, Yergier. E ver as maravilhosas traduções de toda a obra de Guido Cavalcanti (particularmente as duas versões diferentes da canzone Doune mi priegha; Pound resuscitou Cavalcanti para os Italianos, reditando-lhe a obra após cuidadosas pesquisas) e de grande parte da de Arnaut Daniel, respectivamente do italiano e do provençal. Ler os ensaios de Pound sobre Dante, Cavalcanti e sobre os trovadores provençais. Da máscara Villon (notável o ensaio Montiercher alias Villon, in The Spirit of Romance), ver Villonard for this Yule, balada em que E. P. glora à sua maneira o Noel, morte saízes, do Grand Testament, o A Villonard: Ballad of the Gibelet. Tudo isso cai sob os rótulos da melopoeia e da phanopoeia: a música e a imagem em poesia. Quanto à logopéia, particularmente o humor poundiano, apresentamos em seguida as máscaras, frequentemente simultâneas, do epigramatista grego-latino, de Einae, de Lafozua, de Corbière e dos próprios humoristas ingleses.

PHANOPOEIA

ROSA BRANCA, AMARELA, PRATEADA

Remoinho de luz me segue através da praça,
A fumaça de incenso
Sobe dos quatro chifres dos pilares de meu leito,
O jato d'água da luz dourada nos ergue através dos
[etc.]
Lambido pela flama cor de ouro desço através do
[etc.]
A bola de prata formosa em minha mão,
Tomba e rola a seus pés.

II

SALTUS

A esfera em remoinho entrelaçava-se
e fuste arrebataada aos céus,
Foste englobada em minha safira. [etc.]
Tu percheaste as lâminas da flama
Bruzuleio de alpacas pontesagudas. [etc.]
O esplendor que se lambe e se desdobra
Deteve-se no ar diante de ti.
Tu percheaste as folhas da flama.

III

CÓNCAVA VALLIS

As faixas alambreadas de cor involutada
apreem-se de meus dedos;
Eu enrolei o vento em tirão de teu ombro
E o metal derretido de teu ombro
ante o giro do vento se rekurva,

AOI!

Luminesco tecido em turbilhão
Sob máscara de crítico;
A máscara safira A... e marecursa claridade,
sua no mesmo teu: o oceano e pedras.

"Alba: melopoeia. "Persuadir as correlações emocionais através do som e do ritmo do discurso", Phanopoeia e A Volta: Phanopoeia. A imagem parada e em movimento. "Alta: o objeto (isto é, em movimento) de encontro à imaginação visual".

A VOLTA

Ah, olhos que retornam: repara os hesitantes
Movimentos, os vagarosos pés,
Perruções nos passos, inerguza
Oscilações!
Ah, olhos que retornam, um por um,
Tímidos, como se mal desperto,
Como se indecisa a nave,
Murmurase no vento e quase
enxudasse caminho:
Essas fotos
de "Al... os de Horror"
de "Alvein."
Deuses de alpacas alada!
Cum eles os mastas de prata,
fiscando o rastro de ar!
Ica! Ica!
Essas fotos as colares na pista;
Os de faro afiado; estes
Essas almas de sangue.
Vagarosos os altopis,
apujadores pãiduel

Figura 147 – EZRA POUND – III. Crítica e tradução de Mário Faustino. 48º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 15 jun. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND, III
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	“Alba”, “On his own face in a glass”, “Phanopoeia”
TEXTO TRADUZIDO	“Alba”, “Sôbre sua próoria face num espelho”, “Phanopoeia”, “A volta”
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 04
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português; monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	15 jun. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 088. SD, n. 107. JB, n. 137 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 15 jun. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. <i>Antologia poética de Ezra Pound</i> . Seleção e Prefácio de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisséia, 1968. [-] 2. FAUSTINO, M. “Ezra Pound III”. In. <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 154-60. 3. FAUSTINO, M. “Sobre sua própria face no espelho”, “A volta”, “Phanopoeia”, “Alba”. In. <i>Ezra Pound: poesia</i> . Organização, Introdução e Notas de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1983, p. 58; 67;100-01; 102.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	“Phanopoeia”, “Sobre sua própria face num espelho” In. <i>Melhores poemas de Mário Faustino</i> . Seleção de Benedito Nunes. 1ª ed., São Paulo: Global, 1985, p. 94-96. 4. FAUSTINO, M. “Ezra Pound III”. In. <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 484-493. http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/88937
DESCRIÇÃO	Terceiro artigo sobre Pound. Trata-se dos aspectos do “Imagismo” e da poesia “menor” de Pound. A partir do livro <i>Personae</i> fala das máscaras. Daí, descreve a relação da crítica e tradução na obra do autor. Enfim, trata da primeira fase da escrita poética de Pound, entre 1909-16.

OBSERVAÇÕES

Traduziu um excerto de Pound (depoimento / citação) e quatro poemas.

Tradução direta, em versos. Inglês.

1. “On his own face in a glass” (“Sobre sua própria face num espelho”) – trad. Verso (bilíngue).
2. “Alba” (“tentativa de tradução) – trad. verso / bilíngue.
3. “Phanopoeia” (trad. verso / monolíngue) – poema de três partes.
4. “A volta” (trad. verso / monolíngue).

EZRA POUND – IV

Jornal do Brasil, 1958, 22 de Junho, Suplemento Literário, p. 5

Poeta, Experiência

Mário Faustino

O humor poundiano. O humor característico do espírito anglo-americano — principalmente em casos isolados, objetos de especial admiração de Pound, como o *Huller de Madryd* — não deixa de contribuir para a formação da peculiar e veia humorística (frequentemente trágica, muitas vezes júbilosas, vez por outra um tanto amarga, sobretudo mais recentemente, nos *Pisan Canções*) do Ezra Pound, manifestada em todos os seus livros de poemas, à exceção de *Catrag*, que não deixa de ser um volume de paráfrases, ao lado de traduções. Todavia, as principais fontes desse humor encontram-se nos poemas gregos e latinos, sobretudo os epigramatistas da

Antologia, mais Marcial, mais Propertius, na *Joie de vivre* toscana e provençal; em Heine, do qual E. P. deu aos ingleses e americanos algumas admiráveis traduções; e em Laforgue e Corvèdie, que Pound promoveu, em memorável ensaio, junto ao público de língua inglesa que, na época, não dava suficiente atenção à simbolística francesa. Outros que Rimbaud, Verlaine, Mallarmé.

Apresentamos, nesta página, alguns exemplos do humor poundiano, poemas compostos entre 1912 e 1915. Intencionalmente não é possível mostrar aqui alguns dos melhores, uma por limitações para a imprensa diária, outros por praticamente impossíveis de traduzir, como *Amor Music*, a *Chère période* de uma canção sandálica. Comparar estes poemas com os de Eliot da mesma veia, da mesma época e de praticamente as mesmas fontes, sobretudo Heine e Laforgue. Comparar, também, com o humor dos nossos Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, evidentes influências, também, aqui de ambos, até talvez apenas de Laforgue.

As abordamos, mais tarde, o *Hugh Selwyn Mauberley*, a homenagem a Propertius e próprios *Canções*, notaremos a evolução do humor poundiano para além desta primeira fase.

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Ezra Pound, IV

Ancora

Man Deul! Ela dizem que sou rígid,
ou canzonetti!
Mas que saímos pelas quatro horas da manhã élate mundo
Compendo nossas almas,
Mas que acordamos mesmo orvalho com os coelhos,
Mas que vimos a própria Arleina amarrando as sandálias,
Já se ouvia esta canção?
Oh moentadas da Itália!
Arre!-re! de mim, oh Maria!
Mas que saímos a bordo de granito do Hércules
Envolvido em andálicas luz-de-sol,
Oh Manus de delicias líricas,
Muses de rólicas delicias,
Quando nos sapeçávamos, nos nos ouros
Com o delado borfio de Casalla,
Quem diria que não atrásem tal apelo!

Sandálicas negras: Bellotti

A minha delicia da boca
Desolada e pequenitas sandálicas de sol,
Os pés molhados em melas brancas
Cuidadosamente preservadas do chão por um guardanapo,
Ela palerita.
"Comidinho" nos palerito.

A gargalhada análoga italiana do outro lado de restaurantes
Relevo um tanto ávida,
Mas se estivo pacientemente,
A ver de que maneira Celestino reatrat em suas sandálicas,
Aquele reatrat deatrat com um grunhido.

Society

A posição de família estranha em quarto-cinqüenta,
E por isso mesmo a presença Arleina,
Que detra gargalhadas em delicias verbes,
Agora suporia o roulete entorpecido da Philippias.

Gato manso

"E repentinamente arde o tinteiro molhado
Por que sempre mandei sobre tal canção?
Repito:
E repentinamente palerita com molhada molhada
Alada que se fale apenas contrastada,
O rousoar das antenas involuntária
E ao mesmo tempo estimulada e deliciosa."

Nossos contemporâneos

Quando a primeira italiana
Ouvia dizer que o rapaz se decidia,
Cercava para o meio do ar e atra-se coqueiro deatrat.
Porém ela volta para esta ilha
E escreve novamente sandálicas.

NOTE. — Il ragù d'un jeans molle, qui a mis le cuir de Giuseppe (l'opéra) Tullio
mère (et qui est encore), était fort bel homme, quand la princesse haute entendit
qu'il venait lui annoncer ses premiers vers finis sur le sujet de la page dont nous
venons de parler. Subitement ses joues se rougirent et elle s'écria que de ses propres
sandálicas, après l'italienne de la Giuseppe Anagnino.

Antigo sandálica, um tanto cósmica

Se-ábe sandálica,
E tempo sandálica que era um passado, uma Arleina, e uma borboleta,
Pouco com seus bolhas para que preparar sentir-se como qualquer outra coisa,
Daf sua sandálica.

Soirée

As ser informado de que a mãe escrevia versos,
E de que a pai escrevia versos,
E de que o filho, mais novo, trabalhava numa edição,
E que o amigo de cima, segundo estava escrevendo um romance,
O jovem português americana
Respondeu:
"Ela, pouco de gente sandálica!"

En. A "sandálica" de Manrico Segura. Poeta colombiano que se tornou
embaixador em 1937. Quando chegou ao Brasil, em 1938, escreveu versos
tanto de humor como de tragédia, do S. P.

Tenzone

Será que se acastelará?
O, e, estas sandálicas?
Como ilhada fêmea perseguida por casamentos
(ou por sandálicas).
Mas já se viu fugido, terrado de terror.
Ficará comovido pelas verossimilhanças?
E sua sandálica é virgem, é virginal.
Eu vos imploro, meus amigos sandálicos,
Não saiais por aí procurando-me um público.
Deixo-me com quem a lida no cima dos penhascos
e os mesmos casamentos.
Já tem ouvido o eco de meus casamentos,
na fresta de las
e na sandálica.

A condolência

A mia sandálica SOP,
De mia sandálica sergio,
Porque por andar comovido
Me deixei pela sandálica.
Lopo De Vega.

Oh, meus companheiros de apurimento, casais de minha sandálica
Um bando de barto não é deus, barto não é deus,
Nó, nó, nó, nó, nó, nó, nó, nó, nó, nó, nó, nó,
Percebeis a epita, meus companheiros de apurimento —
Nossa sandálica não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não,
Quem diria!

Oh, meus companheiros de apurimento, no pensamento por entre os dentes,
Nada nos entendeu tanto quanto a minha sandálica.
Delicados por aí, casados sandálicos, não,
Nossa sandálica delatando em sandálica.
E não nos irritamos com os sandálicos,
por aí, fêmeas não, não, não,
E agora conta o que dizem de nós:
Comparando-nos a esse tipo de pessoa
Que así para nos amovendo e próprio arca
Como se tivesse sandálica de sandálica.
Delicados não de deus, não, não, não,
e sandálica ao que não nos interessa.

A água-furtada

Vamos, lamentemos os que estão em melhor
situação que a nossa.
Vamos, meus amigos, e lembre-se
e os ricos têm mordomas e não têm amigos,
E não temos amigos e não temos mordomas.
Vamos, lamentemos os casados e os casados.
Agora conta com o que aconteceu
Parlava sandálica,
E estou perto de meu deus.
E a vida não tem nada de melhor
Que esta hora de clara fresta,
a hora de andar juntos.

Saudação

Oh geração dos afetados consumados
e consumadamente delatados.
Tudo isto acontece em sandálica an-sol,
Tudo isto visto, com suas famílias mal-amadas,
Tudo isto visto, com seus casamentos sandálicos de deus
e sandálica seus rios desorganizados.
E não nos mais feliz que vos,
E não exam mais feliz do que eu,
E de peitos nadam no lago
e não possuem nem o que vestir.

Saudação segunda

Fogosa louçada, meus livros,
Porque em acabada de chegar do interior:
Enquanto atrádo visto novo
e por isso encontrastes um público preparado.
Não vos renego,
Não renego a vossa grunhido.
Aplicação eles sem refinados artífices,
Aplicação eles sem nada de areal.
Observa a sandálica para
"Então é isto", dizem eles, "o contra-senso
que esperamos dos poetas?"
"Onde está o Platonismo?"
"Onde a verdade da emoção?"
"Não é primeiro livro de arte de reatrat?"
"Porque Catálica" perde suas sandálicas.

Figura 148 – EZRA POUND – IV. Crítica e tradução de Mário Faustino. 49º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 22 jun. 1958. Acervo CPDocJ; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – IV
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 16
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	22 jun. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 089. SD, n. 108. JB, n. 143 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 22 jun. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. <i>Antologia poética de Ezra Pound</i> . Seleção e Prefácio de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisséia, 1968. [-] 2. FAUSTINO, M. “Ezra Pound IV”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 161-67. 3. FAUSTINO, M. In: <i>Ezra Pound: poesia</i> . Organização, Introdução e Notas de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1983.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	“Água furada”. In: <i>Melhores poemas de Mário Faustino</i> . Seleção de Benedito Nunes. 1ª ed., São Paulo: Global, 1985, p. 97. 4. FAUSTINO, M. “Ezra Pound IV”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 493-503. http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/89218
DESCRIÇÃO	Tradução direta, em versos. Inglês. 1. “Tenzzone” (trad. verso / monolíngue). 2. “A condolência” (trad. verso / monolíngue). 3. “A água-furtada” (trad. verso / monolíngue). 4. “Saudação” (trad. verso / monolíngue). 5. “Saudação segunda” (trad. verso / monolíngue). 6. “Alabastro” (trad. verso / monolíngue).

	<p>7. “Les Millwyn” (trad. verso / monolíngue). 8. “Canções do ‘Exército da Salvação’” (trad. verso / monolíngue) – poema em três partes. 9. “O olho que tudo vê” (trad. verso / monolíngue). 10. “Âncora” (trad. verso / monolíngue). 11. “Sandálias negras: Belloti” (trad. verso / monolíngue). 12. “Society” (trad. verso / monolíngue). 13. “Gato manso” (trad. verso / monolíngue). 14. “Nossos contemporâneos” (trad. verso / monolíngue). 15. “Antiga sabedoria, um tanto cósmica” (trad. verso / monolíngue). 16. “Soirée” (trad. verso / monolíngue).</p>
NOTA	<p>Nota: “Em “A condolência” e “Saudação segunda”, Pound volta-se contra os críticos que lhe haviam elogiado o primeiro livro. Especial atenção merece o poema “Les Millwin”, exemplo notável tanto do humor como do imagismo de EP.”</p>
OBSERVAÇÕES	<p>Quarto artigo sobre Pound. Trata dos aspectos do “humor” na poética de Pound, por meio de breves comentários e traduções poéticas para exemplificar a seleção de MF. São poemas escritos entre 1912-1915.</p>

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – V
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 09 Fragmentos (prosa): 01
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em versos
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	06 jul. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 091. SD, n. 110. JB, n. 155 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 06 jul. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	<p>1. <i>Antologia poética de Ezra Pound</i>. Seleção e Prefácio de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisséia, 1968. [-]</p> <p>2. FAUSTINO, M. “Ezra Pound V”. In. <i>Poesia-Experiência</i>. Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 167-74.</p> <p>3. FAUSTINO, M. “Canção dos arqueiros de Shu”; “A mulher do mercador do Rio: uma carta”; “O agravo da escadaria cravejada”, “Quatro poemas de separação”; “A cidade de Choan”. In. <i>Ezra Pound: poesia</i>. Organização, Introdução e Notas de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Mário Faustino. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1983, p. 71; 72-3; 74; 76-77; 78.</p> <p>“A mulher do mercador do rio: uma carta”. In. <i>Melhores poemas de Mário Faustino</i>. Seleção de Benedito Nunes. 1ª ed., São Paulo: Global, 1985, p. 98-99.</p>
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/89772
DESCRIÇÃO	1. Trechos da crítica de Hsieh sobre a tradução de Pound, incluindo a tradução do poema “A cidade de Choan”.

	<p>2. “Quatro poemas de separação: “A chuva leve sobre a poeira leve”, II (Separação no Rio Kiang), III (Despedindo-se de um amigo), IV (Despedindo-se perto de Shoku). [poemas de Riaku, trad. por Pound).</p> <p>3. “Canção dos Arqueiro de Shu” (De Brunno, ao que se diz de 11100 A.C)</p> <p>4. “A mulher do mercador do rio: uma carta” [Rihaku].</p> <p>5. “A cidade de Choan” (Pound não indica o autor deste).</p> <p>6. “O agravo da escadaria cravejada”.</p> <p>Poemas traduzidos por Pound, que Mário Faustino os traduziu do inglês.</p>
NOTA	Nota de EP sobre esse poema (6).
OBSERVAÇÕES	<p>Quinto artigo sobre Pound. Trata-se do Pound tradutor. Primeiro, Faustino contextualiza o ambiente cultural anglo-americano antes do trabalho do autor. Em Segunda, enumera as várias traduções realizadas por Pound. Depois, explicita o que significava a tradução na obra dele. Cita, em tradução, trecho do estudo de Kenner (1951), comentando os pontos altos da atividade de tradução de Pound. Por conseguinte, MF traduz (do inglês) a comparação que Hsieh faz da versão de “Cidade de Choan” com as traduções “convencionais” de Witter Bynner e Kiang Kan-Hu, para demonstrar que a tradução de Pound era melhor.</p>

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – VI
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas: 13
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português; bilíngue: latim-português; inglês-português
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês [9], latim [4]
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta e indireta em prosa e verso
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	10 ago. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 093. SD, n. 115. JB, n. 185 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 10 ago. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. <i>Antologia poética de Ezra Pound</i> . Seleção e Prefácio de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Faustino. Lisboa: Ulisséia, 1968. [-] 2. FAUSTINO, M. “Ezra Pound VII [VI]”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 181-194. 3. FAUSTINO, M. “Da homenagem a Sextus Propertius” n. <i>Ezra Pound: poesia</i> . Organização, Introdução e Notas de Augusto de Campos. Traduções de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Faustino. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB, 1983, p. 107-113.
	“Da homenagem a Sextus Propertius”. In: <i>Melhores poemas de Mário Faustino</i> . Seleção de Benedito Nunes. 1ª ed., São Paulo: Global, 1985, p. 81-93.
	4. FAUSTINO, M. “Ezra Pound VII [VI]”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 525-544.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/91206
DESCRIÇÃO	Sexto artigo sobre Pound (o artigo saiu com número VII em vez de VI). Nesse artigo, Mário Faustino aprofunda a sua análise sobre o Pound Tradutor, zendo o que se chama de tradução comentada e comparada, ao analisar a tradução de Propércio, com base no estudo de Kenner.

	No final, MF explica os poemas que compõem a Homenagem a Sextus Propertius” (1917), formado por 12 poemas e um “Cantus planus”.
NOTA	Sobre sore o texto traduzido.
OBSERVAÇÕES	O artigo “Ezra Pound VI” está invertido nas edições em livro: 1977 e 2004, em vez de VI está como VII. Isso se dá, talvez, porque na publicação em jornal saiu como sétima parte do estudo sobre Pound, em vez de ser a sexta.

EZRA POUND – VII

Journal do Brasil, 1948-11-4. Suplemento Dominical, p. 7

Ezra Pound, VII

Dados importantes: Eliot entregou a Pound a "Waste Land", ainda informe, em 1922. O "High Heaven Mauberley: Life and Omphale" surgiu pronto para publicação em 1920, 1915-1922: início da carreira de E.P.; Era máximo da intensidade de seu poder de criação (e destruição), de entusiasmo e tensão; período no qual produziu o "Proterian", o "Mauberley" e os primeiros "Cantos"; anos em que Pound, poeta, estava sendo colocado no limite extremo, no cumprimento de comunicação, auto-tenção e renovação, passado e futuro, atingia a medida de suas capacidades de inventar e inventar-se, reaperceber inoperante dos seus superegovalos de um intenso trabalho e de proporcionar - distorção) nos eficientes - do futuro, quando que este venha a ser ou esteja começando a ser para a poesia.

"Mauberley", a zona mais segura do período de Pound, a sua inclinação; Ezra Mauberley é o limite crítico, incluindo até os mais acadêmicos, como Lewis (para quem o Mauberley é uma obra-prima), que já possui alguma resistência à grandeza do poema - e mesmo em sua crítica se podem matar resíduos de mal contida admiração. Considera-se poeta de língua inglesa que o precede imediatamente (poeta, exceto Browning e Yeats, de ritmos e imagens e finalidades em todas as vocábulas), "Mauberley" é um "mauberley", comparado com a poesia francesa de Gautier até os últimos simbolistas (poesia que lhe dá origem), é um desafio de duplo sentido favorável e mestras expansões; Pound abstrai, superando-as, todas as suas influências; Ezra Mauberley, Henry Costello, não faz parte dos poemas que se compõem a este poema em "poesia de arte" e de conceito, a esta produção precipitada de imagens, sem o ímpeto produtivo nos quartetos mais variados e imprevistos de que se tem notícia na história da poesia europeia.

"Mauberley" é uma espécie de pausa-paralelepípedo de seu autor, antes de começar a grande aventura: a criação dos "Cantos". Alcança de máscara de H. S. M. Pound considera esse período - o próximo do homem e o ritmo de poeta; a autobiografia e a história, geral e histórica, são contemporâneas; sua poesia lida, para atingir idéias novas, suas técnicas e suas virtudes. O poema começa com uma "Ode pour l'élection de son député" em que Pound, lembrando dos lugares-comuns da época, se revela, narrando seu caráter e sua carreira. Alca, em seguida, se move de guerra e do pós-guerra, a tração do artista no mundo exterior da linguagem contemporânea, a degradação de todas as artes através do comercialismo. O movimento verso sobre o desperdício da juventude ideológica na primeira grande guerra. Analisa os temas: ensaio dos valores estéticos por parte dos perreuilistas; a mural vitriana e positivadora. Depois, vários "ideogramas" - os "contatos" de Mauberley - nos quais Pound retrata "tipos" contemporâneos: o judeu Brouhauss, delgado de lado e tráfego em benefício de um conformismo "elegante"; o artista oportunista (Mr. Nixon) perseguindo o sucesso fácil de best-seller; o estilista da sôze de marfim; a dama educada e interessada nas artes, etc. E finalmente a primeira parte do poema, o "Envoi", clima de esperança, em que Pound manifesta sua confiança na vitória final das artes - particularmente da poesia e da música, unidas pela última vez na era helênica de Henry James e Edmund Waller. Na segunda parte, a máscara de Hugh Selwyn Mauberley se individualiza. Cada poema desta parte faz contraponto aos o correspondente da parte anterior, em oposição temática. Manifestam-se as influências de Mauberley: como artista, sua insuportabilidade de conformar-se com o espírito da época, sua morte e, finalmente, o único poema deixado por ele, o "Medalhão" indiano e que se reduz ao "Envoi" de primeira parte.

Tecnicamente, o principal objetivo de Pound escrevendo o "Mauberley" será não enriquecer a métrica inglesa, pauperizada na época, em comparação com a renovação da poesia francesa, de Gautier aos versibilistas. Ao mesmo tempo, reação ao verso livre, ornamentalizado, que já nasce no momento em que

va o que devia permanecer artístico na poesia de língua inglesa. O "Mauberley" (foi de fato para os ingleses e americanos o que a geração de 1940, entre nós, pretende fazer. Neste poema, Pound, sempre trágico, faz um nível de metalinguagem e que o "Proterian" fixa na linguagem: importa para o inglês os ritmos mais aproveitáveis que o sentimento oferecia, de Blon a Vilton a Gautier. A linguagem conclui, por sua vez, a ser reapropria e Pound coloca em verso as qualidades mais peculiares do inglês (a dança do lapete entre as palavras) de Henry James e Remy de Gourmont. Alguns exemplos de como Pound traduz a metalinguagem (compara outras línguas, mostra linguagens, dentro dos ritmos de seu modelo "Mauberley" (metalinguagem):

Fragmento do "Lamento por Adonis", de Blon (terceiro ou segundo século antes de Cristo):
Oho mes ethos,
ou d'esi tozon eblon,
ou de pherion,
ou de pherion.
Chu mes ethos pedion Adonides
ou de pherion.
Chryso pherionem adon,
ou de pherion legon.
ou d'epithon pherionem anepychon ton Adon.

(Blon escreve como os Amôres prestam, lamentando-o, sua homenagem a Adonis de fato: "Um rufaca suas línguas sobre o leito fúnebre, um seu arno, outro uma pluma de seu seu, outro que carca. Bate de lado a sandália de Adôn, ouca carrega água num vaso de ouro; um lem se abana e outro, de pé atrás de Adôn, abana-o bom sua asa".) Comparar estes ritmos fúnebres, de versos breves e longos, com a linguagem de Pound (poeta jovem morto da primeira guerra mundial, a trecho de "Mauberley" a que nos referimos vai lido nesta página, em português):

Some quiet to arm,
some for admittance,
some from fear of weakness,
some from fear of censure,
some for love of slaughter, in imagination,
learning later...
some in fear, learning love of slaughter;
Died some, pro patria,
non "dulce" non "et decor".

Gautier em "L'Art":
Ouf, l'œuvre sort plus belle
D'une forme ex trémité
Rebelle,
Vers, mesure, sang, email.
Point de contraintes, j'existait
Mais que pour marquer droit
Tu chassais,
Mise, un costume étroit.

(Swi, a obra sai mais bela de uma forma rebelde ao trabalho, verso, mármore, óleo, soneto). Mede de tais contradições!

Mas que, para andares bem, calas, Mas, Mas, um olhar estreito.)

Ou, em "Carmen":
Carmen est malgre, — un trait de bièvre
Cerne son oril de plume.
Ses cheveux ont d'un noir ambré,
Sa peau, le diable le ferme.

(Carmen é magra: um traço de honte cerebra de olho de cigano. Seus cabelos são de um negro âmbar, sua pele foi o diabo quem corria)

Comparez estes ritmos com os de "Mauberley" em fragmento como:

The age demands an impact
Of its accelerated prime,
Something for the modern stage,
Not, at any rate, an Attic grace.

Not, not certainly, the obscure varieties
Of the inward gaze;
Better intellectual
Than the classic in paraphrase!

The "age demands" chiefy a mould in
plaster,
Made with no loss of time,
A prose rhythm, not, not assuredly, abster
Or the "sculpture" of rhyme.

(A época exige uma imagem de sua espécie acabada, algo para o palco moderno, e não, a qualquer preço, uma graça lírica, não, claro que não, os obscuros devaneios da contemplação interior; melhores falantes que os clássicos em paráfrase: A "época exige" principalmente uma forma de gesso, feita sem perda de tempo, um ritmo em prosa, não em verso, o abastar não a "sculptura" da rima.)

E assim por diante. Lembrar que Pound escrevia no verso poema "er" em voz lírica poética - sobretudo os mais modernos - de uma língua que não sondeja ou que encerra mal o bastante para permitir diretamente os ritmos sem pertencentes com o significado das palavras. Tudo nos leva a crer que em "Mauberley" Pound compõe dentro de metros já experimentados por outros poetas em outras épocas, metros que encerra tendo em vista seus propósitos; aliás, em E. P. o tipo de metro é sempre perfeitamente apropriado ao tom, a mensagem do discurso.

No "Mauberley" a linguagem tem um nível diferenciado superior de musicalidade (ver o "Envoi") e de concentração - de "Dichtung", a palavra que em alemão - é próprio Inglês - significa ao mesmo tempo condensação e poesia. Silbe lsoe basta um exemplo:

His free Pentode was Flaubert,
He fisher by obtinate alive;
Observed the elegance of Cicero's Ase
Baker than the moles on non-dit.

Uma verdadeira Pentode era Flaubert. Ele pescava entre línguas obtinadas; observava a elegância do cabelo de Cícero mais que os moluscos que religio de-se. Nesse quatro versos está exposta e implícita toda uma atividade literária, lírica e crítica, de Pound procurando extrair algo do mito literário, o clássico e conservador das "línguas" Britânicas, seu respeito pela cultura clássica representada pela obra de colza elegante, sua viagem por via de mão esquerda, etc.

Nesta página, algumas amostras de "Hugh Selwyn Mauberley: Life and Contacts":
argur, exane dos "Cantos".

Dois fragmentos de

Hugh Selwyn Mauberley

(vida e contactos)

IV

Estes lutaram fôse como fôse,
E alguns acreditavam,
pro domo, fôse como fôse...

Alguns com pressa de armar-se,
alguns por aventura,
alguns por temor de fraqueza,
alguns por temor de censura,
alguns por amor da chacinha, chacinha de
[imaginação],
e depois aprendendo...
alguns com medo, aprendendo a amar a
[chacinha].

Alguns morreram, pro patria,
non "dulce" non "et decor"...
caminharam
atolados no inferno até os olhos
acreditando nas mentiras dos mais velhos.
[Ibsen, depois descreditando
voltaram para casa, para casa de uma
[mentira],
para casa de muito engodo,
casa de mentiras velhas e renovada in-
[fâmia];
usura velha de muitos anos, grossa de
[muitos anos],
e mentirosos nos legados públicos.

Audácia como nunca antes, desperdício
Como nunca antes.
De Waller, dela e meu depositar-se.

Fontes e correntes da poesia contemporânea

Sangue novo e sangue afeto,
rostos formosos, corpos bem feitos;
fortaleza como nunca antes

Fraquezas como nunca antes,
destinações como nunca se civis ditam nos
[dias de outono],
bilidias, confissões de triacheira,
rinda vinda de berrigo morto.

Y
Ai morreram miriades,
E dos melhores entre todos,
Por uma cadeia velha, uma meretriz ban-
[gueta].

Uma civilização frustrada,
O fascínio, sorrindo na boca perfeita,
Olhos vividos apagados

sub a palpebra do chá,
Por duas grossas de estátuas partidas,
E uns milhares de livros carcomidos.

Re. o Pro domo sua, de Cicero e o Dulce
et decorum est pro patria mori, de Horá-
cio. Uaura... grossa de muitos anos; ex-
plico Pound, em carta a seu tradutor o
uso de "thick", grossa, aqui e nos "Can-
tos". "Com Uaura a linha torna-se grossa
- quer dizer, a linha, na pintura e no
desenho. Os pintores do quatrocento
numa era moralmente ainda limpa quan-
do a usura e sodomia eram consideradas
no mesmo nível".
Meretriz banqueta: a melhor tradução
que pudemos achar para o violento an
old bitch gone in the teeth, de Pound.

ENVOI (1919)

Val, livro natimorto,
Dize a ela que me cantava outrora
Essa canção de Lawer:
Homenagem em tua voz
Meus assuntos e mais canção, serias
Desculpa suficiente para quanto
Defeito pesa em mim
Que torno semprevia tua glória.

Dize a ela que espalha
Tais tesouros no ar,
Cuidando só que suas graças dêem
Vida ao momento,
Que lhes ordemo vivam
Como rezas fazendo em Âmbar mágico,
Rubras talhadas em laranja; tudo
Desafiando o tempo.

Dize a ela que segue
Uma canção possada entre seus lábios
Mas não a canta inteira, sem conhecer
Quem a criou - que talvez outra boca,
Tão bela quanto a sua,
Possa outras idades conquistar-lhe
Adoradora, quando o conum p
De Waller, dela e meu depositar-se.

Refinado e refinado pelo olvido,
Até Transformação ter destruído
Todas as coisas, salvo a Helena, so.

Este "Envoi" é baseado no célebre "Go-
lovely Rose", de Edmund Waller, imita-
do por Henry James (pronúncia: "Go-
rimando com voz, em nossa tradução");
poema de ca. 1640. Note-se no poema as
breves "homenagens" de Pound a toda
uma linguagem de poetas ingleses, de
Chatter e Shakespeare a Lander a Broom-
ing. O canto, a música, a poesia, erguen-
do-se contra a decadência e a destruição.

MAUBERLEY

1920

"Vamoo exercet ara moora".

I

Voltando-se da "mau-ferle
Par Jaquemart"
Para a cabeça estrita
de Messalina.

"Sua verdadeira Pentode
Era Flaubert";
E sua ferramenta,
A do gravador.

Firmao,
Não o plomo sorriso,
Sua arte, simpia arte
De perfil;

Desencolrido
Fier Francesca,
Finnello incapaz
De forjar Acas.

Primeiro poema da segunda parte do
"Mauberley". A epigrafe é uma transcri-
ção propositalmente errada do Vamoo
exercet in ara motus, de ovidio, transcri-
ção que Pound traduz mais adiante:
"mouths billing empty air"; bocas mor-
dendo o ar vazio. Eau-forte par Jaque-
mart: na folha de rosto da edição de
1984 dos Enaux et Camées, de Théophile
Gautier lia-se: "avec une eau-forte par
Jaquemart". A coleção de Messalina tem
alido vista por Pound num medalhão pla-
mano. Pisanello por sua vez é o famoso
gravador de medalhas de Verona que
aparece em vários "Cantos". Alisibi:
também às figuras "frias e impessoais", de
Piero della Francesca. Mauberley é aqui
caracterizado como um poeta menor, im-
locado em sua época, "incapaz de forjar
Acada", isto é, de criar sua própria tra-
dição.

Hane d'été apunhado: "Ezra Pound's
Mauberley, a study in composition".
John J. Espey, Faber and Faber.

Figura 151 – EZRA POUND – VII. Crítica e tradução de Mário Faustino. 52º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 17 ago. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – VII
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (Estados Unidos)
TEXTO ORIGINAL	Vários
TEXTO TRADUZIDO	Vários
TRADUTOR	Mário Faustino
QUANTIDADE	Poemas : 03 Fragmentos: 05
PUBLICAÇÃO	Bilíngue: inglês-português; monolíngue: português.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta em verso (03) e prosa (05)
SEÇÃO	“Fontes e correntes da poesia contemporânea”
DATA	17 ago. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 094. SD, n. 116. JB, n. 191 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 17 ago. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Ezra Pound VI [VII]”. In: <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 174-181. 2. FAUSTINO, M. “Ezra Pound VI [VII]”. In: <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 514-525.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	http://memoria.bn.br/docreader/030015_07/91502
DESCRIÇÃO	Sétimo artigo sobre Pound. Trata-se da análise da fase em que produziu o <i>Hugh Selwyn Mauberley: Life And Contacts</i> (1915-22). Trata-se mais uma vez de traduções. Aqui, também, MF faz todo um comentário de tradução.
OBSERVAÇÕES	O artigo “Ezra Pound VI” está invertido nas edições em livro: 1977 e 2004, em vez de VI está como VII. Isso se dá, talvez, porque na publicação em jornal saiu como sétima parte do estudo sobre Pound, em vez de ser a sexta.

EZRA POUND - VIII

Journal de Brasil, 1984-86, Suplemento Doméstico, p. V

Fontes e Correntes de Poesia Contemporânea

Ezra Pound, VIII

Ínter a fim da primeira guerra mundial... Ezra Pound elaborando em versos "Cantos" que agora chamamos de "Cantos"...

...mas não são impede de serem tratados... os que fazem sentido em nossos dias...

1. An ter os "Cantos" lembrar sempre... o primeiro de "Cantos" em "The Waste Land"...

2. Não é necessário convencer com... para escrever e para escrever com...

3. Não há de se falar em "Cantos" e... em "Cantos" e "The Waste Land"...

4. Outras abelhas a dilo plano geral... Pound apresenta e justifica o exato...

5. Língua: línguas. Pound como... Pound apresenta e justifica o exato...

6. Outros metáforas de Pound, a... Pound apresenta e justifica o exato...

...na história da China Imperial... Pound apresenta e justifica o exato...

7. Rebôdo de rebôdo dos Cantos... Pound apresenta e justifica o exato...

8. Cantos IV e XII: Mitologia... Pound apresenta e justifica o exato...

9. Cantos XIII: Eufemismo... Pound apresenta e justifica o exato...

10. Cantos XIV e XVI: um "interior... Pound apresenta e justifica o exato...

11. Cantos XVII e XXX: O mundo... Pound apresenta e justifica o exato...

12. Cantos XXI-XXII: Ezra Pound... Pound apresenta e justifica o exato...

13. Cantos XXIII-XXIV: Ezra Pound... Pound apresenta e justifica o exato...

...na história da China Imperial... Pound apresenta e justifica o exato...

7. Rebôdo de rebôdo dos Cantos... Pound apresenta e justifica o exato...

8. Cantos IV e XII: Mitologia... Pound apresenta e justifica o exato...

9. Cantos XIII: Eufemismo... Pound apresenta e justifica o exato...

10. Cantos XIV e XVI: um "interior... Pound apresenta e justifica o exato...

11. Cantos XVII e XXX: O mundo... Pound apresenta e justifica o exato...

12. Cantos XXI-XXII: Ezra Pound... Pound apresenta e justifica o exato...

13. Cantos XXIII-XXIV: Ezra Pound... Pound apresenta e justifica o exato...

Poesia - Experiência

Mário Faustino

Ínter a fim da primeira guerra mundial... Pound apresenta e justifica o exato...

...na história da China Imperial... Pound apresenta e justifica o exato...

7. Rebôdo de rebôdo dos Cantos... Pound apresenta e justifica o exato...

8. Cantos IV e XII: Mitologia... Pound apresenta e justifica o exato...

9. Cantos XIII: Eufemismo... Pound apresenta e justifica o exato...

10. Cantos XIV e XVI: um "interior... Pound apresenta e justifica o exato...

11. Cantos XVII e XXX: O mundo... Pound apresenta e justifica o exato...

12. Cantos XXI-XXII: Ezra Pound... Pound apresenta e justifica o exato...

13. Cantos XXIII-XXIV: Ezra Pound... Pound apresenta e justifica o exato...

Figura 152 - EZRA POUND - VIII. Crítica e tradução de Mário Faustino. 53º número de "Fontes e correntes da poesia contemporânea", de 24 ago. 1958. Acervo CPDocJB; Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital).

Ficha da publicação

TÍTULO	EZRA POUND – VIII
AUTOR	Ezra Pound, 1885-1972 (EUA)
TEXTO ORIGINAL	[-]
TEXTO TRADUZIDO	[-]
TRADUTOR	Mário Fautino
QUANTIDADE	Fragmentos (prosa) 02
PUBLICAÇÃO	Monolíngue: português.
TIPO DE PUBLICAÇÃO	Artigo crítico
IDIOMA	Inglês
TIPO DE TRADUÇÃO	Tradução direta e indireta.
SEÇÃO	“Fontes e Correntes da poesia contemporânea”
DATA	24 ago. 1958
EDIÇÕES DO JORNAL	PE, n. 095. SD, n. 117. JB, n. 197 – 1958.
PUBLICAÇÃO (JORNAL)	Rio de Janeiro: <i>Jornal do Brasil</i> . 24 ago. 1958. 2º Caderno. Suplemento Dominical, “Poesia-Experiência”, Seção “Fontes e Correntes da poesia contemporânea”, p. 7.
PUBLICAÇÃO (LIVRO)	1. FAUSTINO, M. “Ezra Pound VIII”. In. <i>Poesia-Experiência</i> . Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 194-206. 4. FAUSTINO, M. “Ezra Pound VIII”. In. <i>Artesanatos de Poesia: Fontes e correntes da poesia ocidental</i> . Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 544-559.
PUBLICAÇÃO (DIGITAL)	Hemeroteca – Biblioteca Nacional
DESCRIÇÃO	8º artigo sobre Pound. Aqui, MF dedicou à análise de explicação dos Cantares ou os Cantos do autor, baseado em autores como: Carruth e Kenner. Enumera a explicação do texto em 10 pontos, sendo a última um roteiro sobre os Cantos. Ao final, mencionou uma Biblioteca mínima sobre o autor, contendo as principais obras e os principais estudos.
OBSERVAÇÕES	Traduções: 1. Trecho do Prefácio de Chu Hsi ao livro de Confúcio (trad. prosa / monolíngue) – apud Hugh Kenner – trad. do inglês. 2. Trecho do texto de Yeats (“A Packet For Ezra Pound”) – trad. prosa / monolíngue – inglês.